UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Letras

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários

Gabriel Portella Carneiro

EDUCAÇÃO E RELIGIOSIDADE EM *EXEMPLA* DA IDADE MÉDIA

Belo Horizonte

2025

Gabriel Portella Carneiro

EDUCAÇÃO E RELIGIOSIDADE EM *EXEMPLA* DA IDADE MÉDIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Heloísa Maria Moraes Moreira Penna

Belo Horizonte

2025

Carneiro, Gabriel Portella.

C289e Educação e religiosidade em *Exempla* da Idade Média [manuscrito] / Gabriel Portella Carneiro. 3 2025.

1 recurso online (450 f. : il., tabs., p&b.) : pdf.

Orientadora: Heloísa Maria Moraes Moreira Penna.

Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) 3 Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 448-451.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Literatura cristã latina (Medieval e moderna) 3 História e crítica 3 Teses. 2. Literatura didática latina (Medieval e moderna) 3 História e crítica 3 Teses. 3. Literatura cristã latina (Medieval e moderna) 3 Traduções para o português 3 Teses. 4. Literatura didática latina (Medieval e moderna) 3 Traduções para o português 3 Teses. 5. Disciplina Clericalis 3 Teses. 6. Gesta Romanorum 3 Teses. 7. Exemplos 3 Obras anteriores a 1800 3 Teses. 8. Lendas medievais 3 Teses. I. Penna, Heloísa Maria Moraes Moreira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 870.9

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Israel José da Silva 3 CRB/6-2128 Biblioteca Professor Rubens Costa Romanelli - FALE/UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada *EDUCAÇÃO E RELIGIOSIDADE EM EXEMPLA DA IDADE MÉDIA*, de autoria do Mestrando GABRIEL PORTELLA CARNEIRO, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Literaturas Clássicas e Medievais/Mestrado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Heloísa Maria Moraes Moreira Penna - POSLIT/FALE/UFMG - Orientadora

Prof. Dr. Matheus Trevizam - POSLIT/FALE/UFMG

Profa. Dra. Júlia Batista Castilho de Avellar - UFU

Belo Horizonte, 28 de março de 2025.

Documento assinado eletronicamente por **Heloisa Maria Moraes Moreira Penna**, **Professora do Magistério Superior**, em 28/03/2025, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Júlia Batista Castilho de Avellar**, **Usuário Externo**, em 28/03/2025, às 18:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Matheus Trevizam**, **Professor do Magistério Superior**, em 29/03/2025, às 11:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4056500** e o código CRC **CD8222F4**.

Às minhas avós.

AGRADECIMENTOS

As Professoras Sandra Bianchet e Heloísa Penna agradeço pela orientação e pela contribuição ao longo das pesquisas e das traduções. Agradeço também aos professores da Faculdade de Letras da UFMG, principalmente os latinistas e helenistas, que tanto me fizeram crescer e aprender.

Agradeço a CAPES pela concessão da bolsa que permitiu minha dedicação integral aos estudos e à pesquisa.

Aos colegas de pós-graduação agradeço pelo companheirismo vivenciado ao longo do processo de pesquisa, principalmente a Isabelle Scalambrini, Sara Anjos, Geovanna Vitorino e Sofia Coelho, para citar alguns.

Agradeço especialmente à minha família pelo apoio e compreensão.

“Nem todo aquele dito sábio é sábio de fato; sábio é quem aprende e preserva a sabedoria.” (Pedro Alfonso, *Disciplina Clericalis*)

RESUMO

O *exemplum* é um gênero literário que, desde a Antiguidade até o Medievo, foi utilizado para ilustrar argumentos de discursos persuasivos. O objetivo principal deste trabalho é contextualizar e analisar o gênero *exemplum*, no recorte dos séculos XII e XIV, referentes à publicação de duas compilações famosas de *exempla* na Idade Média, o *Disciplina Clericalis* e o *Gesta Romanorum*. A partir das obras citadas, esta pesquisa também tem como objetivo mapear algumas das estratégias pedagógicas adotadas pela Igreja Medieval, compreendendo o período entre os séculos XII-XIV, para destacar a importância do *exemplum* dentro do ambiente de pregação religiosa. Considerando o *Disciplina Clericalis* e o *Gesta Romanorum* como fontes importantes de transmissão de histórias, também compete a este trabalho uma análise comparativa entre ambos os textos, além de apresentar suas respectivas traduções, inéditas em língua portuguesa, sendo a tradução na íntegra do *Disciplina Clericalis* e a tradução parcial (60 *exempla*) do *Gesta Romanorum*.

Palavras-chave: *exemplum*; *Disciplina Clericalis*; *Gesta Romanorum*; literatura cristã medieval.

ABSTRACT

The *exemplum* is a literary genre that, from antiquity to the Middle Ages, was used to illustrate arguments in persuasive speeches. The main objective of this work is to contextualize and analyse the *exemplum* genre in the 12th and 14th centuries, with reference to the publication of two famous compilations of *exempla* in the Middle Ages, the *Disciplina Clericalis* and the *Gesta Romanorum*. Based on these works, this research also aims to map some of the pedagogical strategies adopted by the Medieval Church, covering the period between the 12th and 14th centuries, in order to highlight the importance of the *exemplum* within the religious preaching environment. Considering the *Disciplina Clericalis* and the *Gesta Romanorum* as important sources for the transmission of stories, this work also undertakes a comparative analysis of both texts, as well as presenting their respective translations, unpublished in Portuguese, being the full translation of the *Disciplina Clericalis* and the partial translation (60 *exempla*) of the *Gesta Romanorum.*

Keywords: *exemplum*; *Disciplina Clericalis*; *Gesta Romanorum*; medieval christian literature.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação numérica entre os vocábulos que caracterizam o "cristianismo do medo" no *Disciplina Clericalis* e nos 60 primeiros *exempla* do *Gesta Romanorum*..... 32
Tabela 2 - Contagem das figuras históricas mencionadas nos *exempla* do *Disciplina Clericalis* 42
Tabela 3 - Contagem das figuras históricas mencionadas nos 60 primeiros *exempla* do *Gesta Romanorum*..... 62
Tabela 4 - Comparação entre latim clássico e o latim medival do *Gesta Romanorum* 68

LISTA DE *EXEMPLA* TRADUZIDOS (LATIM E PORTUGUÊS)

DISCIPLINA CLERICALIS / A DISCIPLINA DO SÁBIO

Prologus / Prólogo 86
De timore Dei / A respeito do temor a Deus 90
De ypocrisi / A respeito da hipocrisia 92
De formica. De gallo. De cane / A respeito da formiga, do galo, e do cão 94
I. *Exemplum de dimidio amico* / I: O meio-amigo. 96
II. *Exemplum de integro amico* / II: O amigo inteiro. 99
De consilio / A respeito do aconselhar 104
De leccatore / A respeito da pessoa puxa-saco 106
De sapientia / A respeito da sabedoria 108
De silentio / A respeito do silêncio 110
III. *Exemplum de tribus versificatoribus* / III: Os três poetas 112
IV. *Exemplum De mulo et vulpe* / IV: A Mula e a Raposa 115
De vera nobilitate / A respeito da verdadeira honra 117
De septem artibus, probitatibus, industriis / A respeito das sete artes, das sete virtudes e dos sete cuidados 119
De mendacio / A respeito da mentira 121
V. *Exemplum de homine et serpente* / V: O Homem e a Serpente 123
VI. *Exemplum de versificatore et gibboso*./ VI: O poeta e o corcunda 125
VII. *Exemplum de clerico domum potatorum intrante* / VII: O sábio que entrou na taberna 127
VIII. *Exemplum de voce bubonis* / VIII: A voz da coruja 129
IX. *Exemplum de vindemiatore* / IX: O colhedor de uvas 133
X. *Exemplum de lintheo* / X: O lençol. 135
XI. *Exemplum de gladio* / XI: A espada 137
XII. a). *Exemplum de rege et fabulatore suo* / XII (Parte I): O rei e seu contador de histórias. 140
b). *De rustico* / XII (Parte II): O camponês 142
XIII. *Exemplum de canicula lacrimante* / XIII: A cachorrinha que chorava 144
XIV. *Exemplum de puteo* / XIV: O poço. 149
XV. *Exemplum de decem cofris* / XV: Os dez cofres 154
XVI. *Exemplum de tonellis olei* / XVI: Os tonéis de azeite 159
XVII. *Exemplum de aureo serpente* / XVII: A serpente de ouro 164
De societate ignota / A respeito da amizade com o desconhecido 168
De sequendis magnis viis / A respeito de seguir bons caminhos 170
XVIII. a) *Exemplum de semita* / XVIII (Parte I): O atalho 172
b) *Exemplum de vado* / XVIII (Parte II): O vau. 174
XIX. *Exemplum de duobus burgensibus et rustico* / XIX: Os dois burgueses e o camponês. 176
XX. *Exemplum de regii incisoris discipulo Nedui nomine* / XX: O alfaiate do rei e Nedui, o seu aprendiz 179
XXI. *Exemplum de duobus ioculatoribus* / XXI: Os dois bufões 183
De largo, avaro, prodigo / A respeito de ser generoso, avaro ou pródigo 185
De divitiis / A respeito da riqueza 187
XXII. *Exemplum de rustico et avicula* / XXII: O camponês e o passarinho 189
De libris non credendis / A respeito de não confiar nos livros 192
XXIII. *Exemplum de aratore et lupo iudicioque vulpis* / XXIII: O fazendeiro, o lobo e o julgamento da raposa 194
De consilio accipiendo et probando / A respeito de seguir conselhos propícios 197
XXIV. *Exemplum de latrone et radio lunae* / XXIV: O ladrão e o luar 199

De consilio / A respeito de aconselhar 202
De benefacto / A respeito de benefícios 204
De rege bono et malo / A respeito de o que é ser um bom e um mau rei 206
XXV. *Exemplum de Mariano* / XXV: Mariano. 208
XXVI. *Exemplum de duobus fratribus et regis dispensa* / XXVI: Os dois irmãos e a despesa do rei 211
De familiaritate regis / A respeito de ter intimidade com o rei 214
De modo comedendi / A respeito de como se portar à mesa 216
XXVII. *Exemplum de Maimundo servo* / XXVII: O servo Maimundo 220
De saecularium instabilitate / A respeito da instabilidade do mundo 225
XXVIII. *Exemplum de Socrate (Diogene) et rege* / XXVIII: Sócrates (Diógenes) e o rei 227
De vitae termino / A respeito do fim da vida 230
XXIX. *Exemplum de prudenti consiliarii regis filio* / XXIX: O prudente filho do conselheiro real 232
XXX. *Exemplum de latrone qui nimia eligere studuit* / O ladrão que escolheu demais 236
XXXI. *Exemplum de opilione et mangone* / XXXI: O pastor e o traficante 238
De morte / A respeito da morte 240
XXXII. *Exemplum de philosopho per cimiterium transeunte* / XXXII: O filósofo que caminhava pelo cemitério 242
XXXIII. *Exemplum de aurea Alexandri sepultura* / XXXIII: A sepultura de ouro de Alexandre 244
XXXIV. *Exemplum de heremita suam corrigente animam* / XXXIV: O eremita que corrigiu o seu espírito 246
De aliis heremitarum dictis / Outros dizeres de eremitas 248
De timore Dei / A respeito do temor a Deus 250
Epilogus / Epílogo 252

GESTA ROMANORUM / OS FEITOS DOS ROMANOS

CAP. 1: *De dilectione* / Da estima 256
CAP. 2: *De misericordia et de cognatis subveniendis* / Da misericórdia e da assistência aos familiares 262
CAP. 3: *Justum judicium* / Do justo juízo 264
CAP. 4: *De justitia judicantium* / Da justiça dos julgamentos 266
CAP. 5: *De sectanda fidelitate* / Da busca pela fidelidade 268
CAP.6: *De sequenda ratione* / Da lógica a ser seguida 272
CAP. 7: *De invidia malorum adversum bonos* / Da inveja dos maus contra os bons 276
CAP. 8: *De vana gloria* / Da glória vã 279
CAP. 9: *De naturali malitia per mansuetudinem superanda* / Sobre a superação da malícia natural pela mansidão.. 283
CAP. 10: *De oblivione* / Do esquecimento 289
CAP. 11: *De veneno peccati, quo quotidie nutrimur* / Do veneno do pecado, que nutrimos a cada dia 291
CAP. 12: *De luxuria* / Da luxúria 293
CAP. 13: *De amore inordinato*./ Do amor desordenado 297
CAP. 14: *De honorandis parentibus* / De como honrar os pais 301
CAP. 15: *De vita sancti Allexii filii Euphemiani imperatoris* / Sobre a vida de Santo Aleixo, filho de Eufêmio, o imperador 305
CAP. 16: *De vita exemplari* / Da vida exemplar 312
CAP. 17: *De perfectione vite* / Sobre evitar a perfeição 316
CAP. 18: *Quod omne peccatum, quamvis predestinatorie gravissimum, nisi desperationis baratro subjaceat, sit remissibile* / De como todo pecado, por mais predestinadamente grave que seja, é perdoável, a menos que esteja sob a barreira do desespero 322

CAP. 19: *De peccato superbie* / Sobre o pecado da soberba 326
CAP. 20*: De miseria et tribulacione* / Da miséria e da aflição 330
CAP. 21: *De dolo et conspiracione et cautela ipsis contraria* / Da trapaça, da conspiração e da cautela contra elas 334
CAP. 22: *De timore mundano* / Do medo mundano 338
CAP. 23: *De spirituali medicina* / Da medicina espiritual 340
CAP. 24: *De suggestione diaboli per temporalia* / Da sugestão do diabo 342
CAP. 25: *De beneficiorum oblivione et ingratitudine* / Do esquecimento e da ingratidão aos benefícios 344
CAP. 26: *De humilitate* / Da humildade 346
CAP. 27: *De justa remuneracione* / Da justa remuneração 349
CAP. 28: *De inexecrabili dolo vetularum* / Do indesculpável truque das velhas 353
CAP. 29: *Notabile de judicibus malis* / De ser notável por maus julgamentos 357
CAP. 30: *De peccato et judicio* / Do pecado e do juízo 359
CAP. 31: *De rigore mortis* / Do rigor da morte 361
CAP. 32: *De inspiratione bona* / Da boa inspiração 363
CAP. 33: *De jactantia* / Da jactância 365
CAP. 34: *De ponderacione vite* / Da ponderação da vida 367
CAP. 35: *De pacis reformatione et vindicta eam dissipantium* / Da reforma da paz e da vingança daqueles que a destroem 369
CAP. 36: *De cursu vite hominis* / Do curso da vida humana 371
CAP. 37*: De mentis in celum erectione* / Da elevação da mente aos céus 376
CAP. 38: *De cautela delendi peccata* / Da precaução em destruir os pecados 378
CAP. 39: *De reconciliatione dei et hominis* / Da reconciliação de Deus e do Homem 380
CAP. 40*: De modo temptationis et peritia* / Das formas de tentação e a perícia 382
CAP. 41: *De victoria Christi et caritate ejus nimia* / Da vitória de Cristo e de sua imensa caridade 384
CAP. 42: *De defectu caritatis* / Da falta de caridade 386
CAP. 43: *Quod Christus clausit infernum sua passione et voluntaria morte* / De como Cristo trancou o inferno com sua paixão e sua morte voluntária 388
CAP. 44: *De invidia* / Da inveja 390
CAP. 45: *Quod solum boni intrabunt regnum celorum* / De como só os bons entram no reino dos céus 392
CAP. 46: *De septem peccatis mortalibus* / Dos sete pecados mortais 396
CAP. 47: *De tribus regibus* / Dos três reis 398
CAP. 48: *De justa sequela malorum* / Da justa consequência dos pecadores 402
CAP. 49: *De subtili diaboli illusione* / Da sutil ilusão do diabo 404
CAP. 50: *De laude recte judicantium* / De louvar um julgamento justo 406
CAP. 51: *De injustis exactoribus* / Dos injustos cobradores de impostos 408
CAP. 52: *De fidelitate* / Da fidelidade 410
CAP. 53: *De bonis rectoribus non mutandis* / De como bons líderes não devem ser trocados 412
CAP. 54: *De regno celesti* / Do reino celestial 414
CAP. 55: *De revocatione peccatricis anime in exilium satisfactionis misse* / Da revogação da alma pecadora enviada ao exílio para satisfação 416
CAP. 56: *De memoria mortis* / Da memória da morte 420
CAP. 57: *De perfectione vite* / De como evitar a perfeição 424
CAP. 58: *De confessione* / Da confissão 430
CAP. 59: De superbia nimia, et quomodo superbi ad humilitatem maximam sepe perveniunt; *satis notabile* / Do

orgulho excessivo, e de como os orgulhosos alcançam a maior barreira da humildade, bastante notável....432
CAP. 60: *De avaritia et ejus subtili conamine* / Da avareza e sua sutil tentação 443

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 17

1: DO GÊNERO *EXEMPLUM* 22

1.1 Contexto dos *exempla* 22

1.2 O *exemplum* 24

1.2.1 *Exemplum* no sermão de Vieira 27

1.3 Temas abordados e personagens no *exemplum* medieval 28

1.4 Características/estrutura do gênero: 30

1.5 O "Cristianismo do medo" no *Disciplina Clericalis* e no *Gesta Romanorum* 31

1.6 Tipos de *exempla* 33

1.6.1 *Exemplum* homilético 33

1.6.2 Narrativas maravilhosas, *mirabilia* 35

2: SOBRE O *DISCIPLINA CLERICALIS* DE PEDRO ALFONSO 37

2.1 A obra 37

2.2. O autor 39

2.3 As autoridades das narrativas exemplares 41

2.3.1 O Salomão dos *exempla* 44

2.3.2 O Alexandre dos *exempla* 48

2.3.3 O Sócrates dos *exempla* 50

3: GESTA ROMANORUM 55

3.1 A obra 55

3.2 A estrutura 57

3.3 As autoridades nas narrativas exemplares do *Gesta Romanorum* 59

3.3.1 *Valério Máximo* 63

3.3.2 *Alexandre* 65

3.3.3 *Agostinho* 66

3.4 O *Gesta Romanorum* como fonte do latim medieval 68

4: *DISCIPLINA CLERICALIS* E *GESTA ROMANORUM:* EVOLUÇÃO DE UM GÊNERO 75

4.1 A história da cadelinha que chorava 75

4.2 A história da sepultura de Alexandre 79

CONSIDERAÇÕES FINAIS 84

***DISCIPLINA CLERICALIS* / A DISCIPLINA DO SÁBIO** 86

***GESTA ROMANORUM* / OS FEITOS DOS ROMANOS** 254

REFERÊNCIAS 448

INTRODUÇÃO

Ao se deparar com título deste trabalho, *Educação e religiosidade em exempla da Idade Média*, o leitor poderá supor uma gama de abordagens históricas e culturais acerca de organizações sociais da Europa medieval, representadas principalmente pelas escolas e pela igreja romana. Educação e religiosidade, afinal, são temas contemporâneos a qualquer civilização, pilares responsáveis pela manutenção de uma ordem e solidificação de uma tradição, processo natural para o ser humano. A cumplicidade entre ambos os pilares é atestada vastamente ao longo da literatura universal, como nas épicas *Ilíada* e *Odisseia*, para citar os dois cânones ocidentais, a partir dos quais os princípios tradicionais da cultura helênica foram construídos. Ambos os poemas se assemelham por apontar "os conceitos éticos" e "as normas de convívio social" (Pereira, 1980, p. 85.)

Tomando como exemplo as duas epopeias supracitadas, o divino e o humano estão em diálogo a todo momento, cujas interações atenderam às inquietudes existenciais e à organização social de povos helênicos por vários séculos, por uma herança cultural em comum. A identidade helênica, construída por meio de vasta literatura oral, não dependeu, é claro, apenas das epopeias de Homero[1], porquanto são muitas as narrativas mitológicas registradas durante a história da atual Grécia. Além da *Ilíada* e da *Odisseia* (cerca do séc VIII a.C.), temos acesso integral, por exemplo, à *Argonáutica*, de Apolônio de Rodes (III a.C.), e, conhecidos em fragmentos, podemos citar autores como Nono de Panópolis, ou Quinto de Esmirna.

Evidentemente, existe uma lista considerável de autores helênicos conhecidos na atualidade, sejam de epopeias, tragédias, poesia, enfim, que registraram usos, costumes, gostos e gestos culturais dos povos helênicos e transmitiram os valores de sua civilização. Minha intenção não é listá-los. A relevância de Homero não está colocada, por mim, em detrimento à de Hesíodo, à de Sófocles ou à de Safo, só para citar alguns dos poetas representantes dos gêneros didático, trágico e lírico, mas existe, aqui, uma intenção primordial: a de evidenciar a relação entre a instrução de um povo e a sua fundação. Nesse sentido, Homero é considerado o "educador da Grécia" e seus poemas foram de tal maneira valorizados que "não se pode compreender a cultura grega quem deles não tenha algum conhecimento" (PEREIRA, 1980, p. 118). Na verdade, o meônio era um contador de histórias, e "a primeira maneira pela qual os seres humanos pensam

[1] Tomo aqui o lado dos defensores da autoria unitária, sem ignorar o debate entre analíticos e unitários da questão homérica.

a realidade, é contanto histórias. (...) O homem é um animal narrativo."[2] A literatura, de início manifestação oral e depois escrita, foi uma solução prática e natural para a organização desses registros que giram em torno de crenças, valores, costumes, visões de mundo. Dos poemas homéricos ao *exemplum* medieval podemos traçar um breve percurso de transmissão de textos em que Educação e Religiosidade representam os eixos fundamentais das composições literárias. Os textos que compõem os *exempla,* em sua finalidade didática, mítica e literária, seguem, de certa forma, os domínios abrangidos pelos poemas homéricos ao também delimitar estratégias de solidificação de uma tradição. A relevância das obras de Homero para a estruturação dos mitos e da religião helênica, é conhecida desde a Antiguidade[3]. A biografia imprecisa do autor, não nos cabe analisar aqui, mas sim reconhecer que Homero está relacionado, principalmente, a uma mitologia primordial. Aristóteles corrobora a fama de Homero: "Não podemos falar de um poema de tal tipo de nenhum "poeta> dos anteriores a Homero, mas é verossímil muitos existirem, mas nos é possível "falar> tendo começado a partir de Homero (...)."[4] O estagirita aqui explicita que o poema "de tal tipo", ou seja, o que diz respeito a assuntos elevados (épicos), começaram, no Ocidente, com Homero, considerados os limites do conhecimento acerca de poetas precedentes. Muito além da simples reputação de ter sido o primeiro, porém, o que Aristóteles sugere é que, a partir de Homero, existe o começo do registro de sua cultura, de sua tradição e de sua ética. A autoria, afinal, não estava atrelada a uma questão capitalista de posse. A fama de Homero se dá por seu registro, uma verdadeira compilação de narrativas em torno de um tema comum, qual seja, a guerra de Troia, e não pela criação dos mitos, que há muito circulavam pela Hélade oralmente.

Não evidenciamos a mitologia cosmogônica dos povos helênicos (para isso, a obra de Hesíodo, por exemplo, seria mais certeira.) Atemo-nos às instruções comportamentais que as obras homéricas fornecem, e a formação de uma identidade cultural. Consideremos, primeiramente, a pluralidade cultural na região da atual Grécia, uma vez que povos como os Aqueus, Argivos ou Helênicos reconheciam a si mesmos dentro dos limites geográficos de suas respectivas

---

[2] (Informação verbal): Fala do prof. Bernardo Brandão na disciplina de Fundamentos de Literatura Grega I, UFMG, em março de 2020.

[3] [3] Para além disso, Platão o declara educador da Grécia; Aristóteles vê nos poemas épicos o embrião das tragédias e no *Margites*, o da comédia; Estrabão o reverencia como mestre da geografia; Pausânias como autoridade em tudo; para os sofistas os poemas épicos eram uma enciclopédia; e alguns filósofos os tinham como manual de filosofia. (Pereira, 1980, pp.120-1)

[4] Poet., IV, 1448b 28-30. Do original: *τῦν μsν ουν πρὸ Ὁμ°ρον οὐδενὸς ἔχομεν εἰπεῖν τοιοῦτον ποίημα, εἰhὸς δs εἰναι ποββοὴς, ἀπὸ δs Ὁμ°ρον ἀρÀαμένοις ἔστιν* (...). Trad. Antônio Mattoso e Antônio Queirós Campos, Editora Autêntica, 2018, p. 39.

regiões. A guerra de Troia, assunto principal da *Ilíada*, teria sido um momento de união desses vários povos para enfrentar um inimigo em comum, os Troianos, momento esse em que se promove o encontro do tempo mítico com o tempo histórico, dentro da perspectiva helênica. Da mesma forma, o divino e o humano se unem, na *Ilíada*, de forma a contrapor essas duas características o tempo todo, enaltecendo, é claro, a superioridade divina e formulando uma conduta ideal a ser seguida pelo ser humano, segundo as diretrizes daquela sociedade. Pereira (1980, p. 93) diz que os deuses, na *Ilíada*, "misturam-se com os homens" e "algumas vezes aparecem-lhes disfarçados, mas são reconhecidos".

O herói épico é, pois, a mistura entre o divino e o humano, por sua genealogia nobre e divina, como Aquiles; ou apenas nobre, mas digno da atenção dos deuses como Ájax ou Odisseu. Homero, em vista disso, exalta a figura do herói na medida em que também a critica. Por um lado, o herói seria este "semideus" ou um humano dotado de habilidade excepcional que está destinado a viver aventuras que dependem de sua coragem, resiliência e aptidão frente aos obstáculos, à morte e à fragilidade humana. Por outro lado, eles são "grandes demais", criam muitos problemas, podem fazer coisas terríveis ao se excederem. Aquiles é um exemplo de força e de coragem frente à sorte, mas ao mesmo tempo um exemplo do que não se deve fazer, pelo *ego*, pela ambição e pela ira. Entretanto, Homero, ao que parece, junto ao elogio do ideal heroico de Aquiles, criticava-lhe a falta de moderação, e a *Ilíada*, por sua vez, se comportaria, de certa forma, como um manual para aquela sociedade, um exemplo de como agir. A influência dos textos homéricos sobre toda a cultura grega é de tal amplitude que "servia até para apoiar reinvindicações territoriais, como no caso da pretensão de Atenas sobre a ilha de Salamina, no séc. VI a.C." (Pereira, 1980, p. 121).

Não calharia esmiuçar, neste trabalho, as ocorrências de moderação ou de excesso nesses horóis antigos, mas, com esse exemplo, creio podermos cotejar, mesmo que superficialmente, o contexto do mundo helênico com o do mundo cristão-medieval. O sentido dessa comparação tem a literatura como mote, afinal, esta manifestação artística e cultural é a responsável pela preservação da identidade de vários povos ao imortalizar seus feitos, seus costumes e tradições.

A expressão de religiosidade de ambas as culturas evidenciadas, podem ser aproximadas por construções narrativas cujas estratégias são semelhantes. A criação de uma mitologia que se funde com a história é um *modus operandi* comum aos povos que parece garantir um senso de pertencimento e coletividade, acarretando uma responsabilidade social e uma experiência humana inerente à cultura. Goular, em seu artigo *Ilíada, um poema de formação* (2002) fornece

uma comparação pertinente ao propósito deste tópico:

> "É assim que Deus se faz presente no mundo, na forma de seu filho Jesus Cristo. E é assim que o Deus grego se faz presente, através de Zeus e seus pares. Quer dizer, da mesma forma que Cristo, Zeus é uma manifestação da divindade no nível de compreensão do ser humano." (GOULART, 2002, p. 62.)

Entendo pela citação acima que o ser humano está naturalmente inclinado a manifestar a compreensão de si mesmo e do mundo à sua volta por meio de suas crenças e mitologias. A helênica está relacionada intimamente aos escritos de Homero; a cristã aos textos bíblicos. A função dessa literatura histórico-mitológica, na Grécia, era evidente, e outras sociedades, como a romana, sentiram a necessidade de resgatar, também, uma tradição heroica que fosse ao encontro da história de seu povo. A *Eneida*, em vista disso, foi composta por Virgílio de forma a criar e, primordialmente, registrar, uma identidade eminentemente romana, e um fundamento mais nobre, com traços divinos, para as suas origens.

A queda do Império Romano do Ocidente ocasionou uma fragmentação previsível no lado ocidental do império e os reinos cristãos que emergiram durante todo o medievo precisavam de algum elo que os unisse, tornando-os fortes o suficiente para garantir a vitória sobre as culturas pagãs com as quais disputavam terras, como a dos mouros. Tal união dos reinos se deu, principalmente, pela religião cristã, já bastante consolidada no início da Idade Média. "O livro dos livros", a Bíblia sagrada, norteava, então, a instrução no campo filosófico, literário e educacional. Aos poucos, substituiu as crenças nos deuses antigos provenientes da mitologia greco-romana:

> (...) ao contrário da literatura grega e latina, a Bíblia foi considerada durante muitos séculos, por cristãos e judeus, como fonte primordial e única da verdade divina revelada. Essa crença ainda tem influência profunda, tanto naqueles que a refutam quanto naqueles que a perpetuam. (ALTER, 2007, p. 34.)

Uma vez que os reinos cristãos da Europa Ocidental, como abordaremos nos capítulos seguintes, utilizaram o texto bíblico como modelo e fonte primordial de grande parte de suas expressões artísticas, interessa-nos neste trabalho analisar a dependência dos autores da época à Bíblia para a produção da sua literatura. Qual a relação entre os leitores da baixa Idade Média (séc. XII e XIV) e a literatura de cunho cristão, mormente a das *narrativas exemplares*, que produziam? Com qual finalidade tal tipo era produzida? Estas são algumas das perguntas que serão respondidas ao longo deste trabalho.

É importante enfatizar, portanto, que o decorrer deste estudo não será pautado por uma perspectiva histórica, pedagógica ou teológica da sociedade europeia, e sim pelo viés da literatura dos *exempla* que constituíam, segundo Le Goff (*apud* Beaulioz, 2016, p.45), "um observatório eficaz da sociedade medieval", por seu caráter mais íntimo e revelador e, por vezes, surpreendente.

Nesse material em que se sobressai o imaginário medieval percebe-se a herança da retórica ciceroniana, presente também na *Epistula ad Pisones* (333) de Horácio com o duplo objetivo dos poetas, *prodesse* e *placere*, seguida por Santo Agostinho, que se assenta sobre três ações, quais sejam, a de ensinar, a de deleitar e a de comover: *docere, delectare* e *flectare*. O entretenimento é uma ferramenta poderosa, e a literatura, como imitação do espírito humano, pode revelar detalhes históricos, pedagógicos, teológicos, enfim, de uma cultura, por consequência dessa intimidade. A perspectiva literária, sendo assim, será a via principal pela qual seguiremos e outros campos de estudo, por mais imprescindíveis que sejam para estudo de uma era, serão secundários na nossa análise. O *exemplum*, gênero literário sobre o qual nos debruçaremos pelos motivos supracitados, recorrente na Idade Média ocidental, faz parte de uma tradição discursiva em que a narrativa oral e a da escritura se fundem para expressar a história e a cultura dessa época. Para tal estudo do gênero, considerei suficiente apresentar, em tradução, os trinta e quatro *exempla* componentes da obra *Disciplina Clericalis*, e os primeiros sessenta *exempla* da obra *Gesta Romanorum*, para, a partir desses textos, colher material para análise interna 4 de forma e de conteúdo dos *exempla.*

Não compete a este estudo esgotar todos os aspectos relativos à tradição discursiva judaico-cristã da narrativa dos *exempla* no medievo, mas abordá-los segundo a perspectiva cristã medieval, de forma a justificar e contextualizar a disseminação dos *exempla* na Idade Média, principalmente no que concerne à sua utilidade.

Para a tradução e análise do *Disciplina Clericalis*, recorremos à edição de Alfons Hilka e Werner Söderhjelm (1911), que apresentam a obra na íntegra, em latim. Já o texto adotado para a tradução e análise do *Gesta Romanorum* trata-se da edição de Hermann Oesterley (1872), que apresenta o texto completo, em latim, compilado a partir de 138 códices, totalizando uma coleção de 181 *exempla*.

1: DO GÊNERO *EXEMPLUM*

1.1 Contexto dos *exempla*

A fim de elucidarmos as especificidades dos objetos de estudo deste trabalho, consideramos alguns aspectos do contexto histórico medieval como grande valia para os estudos acerca do gênero *exemplum*.

É provável que temas como caça às bruxas e peste bubônica sejam alguns dos estereótipos mais típicos aos quais o imaginário popular do século XXI recorre, em sua vaga reconstrução da Idade Média. Não raro, nomenclaturas datadas, como "Idade das Trevas", também podem ser mantidas nas referências vocabulares de uma sociedade, possivelmente por analogia aos estereótipos que ela preserva acerca daquele tempo.

Medeiros (2017), em sua tarefa de elucidar alguns estereótipos associados à Idade Média, esclarece que o termo "Idade das Trevas" é atribuído ao escritor italiano Petrarca (Séc. XIV), que, por sua vez, designava o termo ao milênio entre o século V e XIV no território europeu. Segundo Medeiros (2017, p. 125): "Este termo em sua origem faz alusão à suposta decadência moral e intelectual que sucederam a dominação romana sobre a cristandade nos quatro primeiros séculos da Era cristã." Já sob o ponto de vista de Cesar Baronius (Sécs. XV e XVI)[5], apenas o século X teria sido "um século de trevas, de chumbo e de ferro". Tal variação de pensamento está explicitada no excerto abaixo:

> Entre Petrarca e Baronius, distantes mais de um século um do outro, existe uma importante inflexão para a presente análise: enquanto para Petrarca, todo o período delimitado entre a queda do império romano até seu presente seria descrito a partir de uma ótica pessimista, para Baronius, apenas o século X apresentaria a mesma atribuição. Para estes pensadores, o otimismo estava associado à ordem e a estrutura do Império Romano, enquanto as trevas estavam relacionadas às invasões bárbaras do século IV para Petrarca, e com a queda do Império Carolíngio no século IX para Baronius. (Medeiros, 2017, p. 125).

A explicação de Medeiros (2017) sobre a origem do termo "Idade das Trevas" nos é útil para a análise do gênero *exemplum* pela seguinte questão: nos séculos XII e XIV, períodos do contexto das obras *Disciplina Clericalis* e *Gesta Romanorum*, a estabilidade da igreja enquanto instituição dependia da estabilidade política das regiões sobre as quais ainda exercia influência e poderio. "Isto pode ser percebido pelas disputas políticas que refletiram pelos partidos que disputaram o poder no papado pelo controle de uma igreja combalida a partir do século IX."

[5] Gonzales (2004, p. 137, *apud* Medeiros).

(MEDEIROS, 2017, p. 125). “Trevas”, portanto, sob esta análise de Medeiros, seria um termo intimamente relacionado a períodos de crises e de desordem, primordialmente política e, consequentemente, eclesiástica.

São muitos e complexos os pormenores dessas instabilidades que acometeram os reinos cristãos durante a baixa Idade Média. Tal detalhamento, no entanto, foge ao escopo deste trabalho, que lançará mão de parte do contexto da baixa Idade Média, em suas linhas gerais, o que certamente será suficiente para facilitar a compreensão da popularidade do *exemplum* no medievo. As consequências das guerras ideológicas entre religião e poder político, constantes nos períodos mencionados no parágrafo acima, fizeram emergir, segundo Medeiros (2017), “um florescer intelectual [que] acompanhou a estruturação do império carolíngio durante os séculos VIII e IX seguidos por um novo turbilhão político após a ruína desta dinastia...”

Ao nos aproximarmos do século XII, encontramos uma Igreja Católica preocupada com o desenvolvimento intelectual da sociedade da Europa Ocidental em função da manutenção e do fortalecimento do Cristianismo romano, e, portanto, da memória cultural daquela região. Historiadores como Gonzales (2004) e Bolton (1983) reconhecem essa era como sendo uma reviravolta no pensamento medieval, definindo o século XII e XIII como Renascença Medieval (GONZALES, 2004) ou como Reforma da Idade Média (BOLTON, 1983). Afinal, “os séculos que precederam Lutero e a Reforma Protestante gestaram o pensamento crítico e possibilitaram o desenvolvimento racional associado à espiritualidade citadina.” (MEDEIROS, 2017, p. 125).

O *Disciplina Clericalis* (séc. XII), por exemplo, foi composto em uma época de reorganização política, econômica e social, na qual as cidades cresciam exponencialmente, o que “mudou o centro da atividade teológica dos monastérios para escolas catedrais urbanas, assim antecipando o que seriam as grandes universidades do século XIII” (GONZALES, 2004, p. 151). Em vista disso, as instituições passavam por um período de fusão, e a religião encontrou- se com a educação formal de maneira a estabelecer uma relação mais abrangente entre os conhecimentos exclusivos da Igreja e o daquela sociedade.

A Idade Média, em sua longa duração, portanto, é um período de transição entre o politeísmo do mundo greco-romano e o monoteísmo cristão medieval. Correio e Correio (2018) são criteriosos ao afirmar que o aparecimento de uma nova classe de clérigos e de filósofos foi uma consequência do desenvolvimento dos monastérios e das universidades, o que possibilitou a condução de assuntos religiosos e míticos a um “patamar filosófico-teológico”. A linguagem utilizada para fins religiosos evidenciou modelos de conduta a serem seguidos, justificando,

assim, as posições morais e éticas daquela sociedade (CORREIO e CORREIO, 2018, p. 43).

1.2 O *exemplum*

Enquanto gênero literário, o *exemplum* é uma narrativa breve, destinada, em geral, a ser inserido em um sermão, posto que no final do século XII inaugura-se uma grande época de nova predicação, ajustando-se à ideia reformista de uma Renascença Medieval. Pela Retórica Clássica, o "exemplo" foi, primeiro, (ao lado do "entimema") um dos tipos de prova lógica; em seguida, sobretudo na tratadística romana, ele foi uma espécie de figura de linguagem, citada com outras na parte da *elocutio* da teoria.

Berlioz e Beaulieu (2016, p. 47) apresentam, em seu artigo *Jacques Le Goff e as narrativas exemplares medievais*, as anotações de um curso ministrado pelo professor Jacques Le Goff, a 5 de março de 1974, da qual Berlioz foi ouvinte, a respeito do gênero *exemplum*. Segundo estas notas:

> *Exemplum* " Uma historieta [palavra riscada, substituída por narrativa] destinada a ser inserida em um discurso, em geral um sermão, para convencer um público por meio de uma anedota dada como realmente acontecida, de uma verdade religiosa, útil à sua salvação. O sermão, por sua vez, não é apenas narração escrita, mas se insere na oralidade, pois envolve o falar e o ouvir. (Le Goff *apud* Berlioz e Beaulieu, 2016, p. 47).

O atributo principal dessa breve narrativa era a persuasão de uma verdade religiosa e moral, a fim de inspirar atitudes comportamentais consoantes a essa verdade. À maneira de um painel narrativo a que se recorre na composição de um discurso religioso mais amplo, o *exemplum* tem a função retórica de "convencer um público por uma lição salutar." (Le Goff *apud* Berlioz e Beaulieu, 2016, p. 60). Segundo o próprio Le Goff, em seu artigo *O imaginário Medieval* (1994):

> O *exemplum*, vindo da Antiguidade greco-romana, é uma historieta de caráter histórico apresentada como argumento num discurso persuasório. Era na Antiguidade uma das armas do orador judiciário ou político e transformou-se, ao serviço do moralista cristão, num instrumento de edificação. Mas, entre os primeiros séculos do cristianismo e o coração da Idade Média, o *exemplum* mudou de natureza e função. Deixou de centrar-se na imitação de uma pessoa (o Cristo era o *exemplum* por excelência) e passou a consistir numa narrativa, numa história que se devia tomar seu todo como um objeto, um instrumento de ensino e/ou de edificação. (Le Goff, 1994, p. 123).

Sabe-se, portanto, que, em sua evolução, o gênero medieval do *exemplum* afastou-se definitivamente do *exemplum* antigo (séc. I d.C.), o qual apresentava uma personagem como modelo para fazer da própria narrativa e de sua moral um exemplo de conduta a ser meditado pelo público. Os *Facta et Dicta Memorabilia*, por exemplo, escrito por Valério Máximo por volta do ano 31 d.C., é uma coleção de mais de mil *exempla*:

> (...) é a peça mais significativa da literatura antiga que testemunha a variedade de material exemplar circulado dessa forma. As categorias nas quais este autor [Valerius Maximus] organiza seu material exemplar abrangem a experiência humana, desde justiça e lealdade, coragem e resistência, disciplina militar e civil, amizade, generosidade, humanidade, misericórdia e gratidão, *pietas*, afeto familiar, virtude sexual, autocontrole, inteligência, prudência e astúcia. (Langlans, 2018, p. 16).

A obra de Valério bem ilustra como os antigos romanos também inseriram pequenos *exempla*, breves anedotas sobre personagens históricos, nos discursos que compuseram. Tradições medievais, afinal, como os *exempla* ilustram, comumente estavam enraizadas às culturas antigas da Europa. A continuidade dos *exempla* ao longo do tempo, como estratégia persuasória, explica a efetividade do gênero.

Por um lado, as personagens do *Disciplina Clericalis* e as do *Gesta Romanorum* mantêm, em geral, as mesmas temáticas do *Facta et Dicta Memorabilia;* A moralização evidenciada, porém, cumpria, nas duas primeiras, uma função moralizante eminentemente cristã. O século XIII foi um século de renovação da retórica, daquilo que Paul Zumthor chama "o triunfo do discurso". Um discurso que parece, com predileção, ser o da narrativa, o da narração, e mais particularmente das formas narrativas breves, o *exemplum*, o *fabliau,*[6] o 'dito'", como apontam Berlioz e Beaulieu (2016, p. 54).

Os sermões e os *exempla* medievais*,* portanto, estão conectados intimamente. Ainda sobre a definição do gênero no Medievo, Le Goff explicita que, por ser uma forma narrativa, uma "historieta", o *exemplum* abrange também o campo da cultura, da produção literária. Sua existência, porém, mantém-se, unicamente, por sua função eminentemente pedagógica e intrínseca ao sermão, sendo o *exemplum*, em vista disso, um "gênero dentro de um outro gênero, colagem dentro de um outro gênero literário" (*apud* Berlioz e Beaulieu, 2016, p. 47), ou "um

[6] Segundo Morais (2022, p.140), "Essas curtas narrativas são provenientes das mudanças na ordem social a partir do século XII e produzidas entre jocosos, satíricos e provocadores, um quadro rico e bem acerca das práticas sociais de campesinos, prelados e das camadas mercantis urbanas ascendentes na Idade Média Central (séculos XI-XIII)".

instrumento de ensino e/ou de edificação" (Le Goff, 1994, p. 126).

O sermão, por sua vez, (e o *exemplum*, portanto) envolve tanto o falar quanto o ouvir, reportado à predicação. O *exemplum* fez-se necessário dentro do sermão pelo seu poder de prender a atenção do ouvinte e de convencimento. Sua função compete à retórica, à persuasão, garantindo-lhe a utilidade:

> Cezário de Heisterbach conta que um abade cisterciense, Gerardo, pregava a irmãos que dormitavam. Ele pára e depois começa: "Era uma vez um rei que se chamava Arthur...". Todos despertam. E Gerardo observa: "Quando eu falava de Deus vocês dormiam e, para escutar fábulas, vocês despertam". (Berlioz e Beaulieu, 2016, p. 47).

O público dos *exempla*, era variado e seu conteúdo transmitido indistintamente aos interessados em ler e escutar as admiráveis estórias. Quando inserido na prática dos prelados, o *exemplum* também atinge grande público, pois todos os cristãos são chamados a ouvir sermões. Assim, com a produção constante, os interessados por escutar as narrativas se expandiram e aumentaram, e deu-se ocasião para o aparecimento de estudos a respeito dessa composição narrativa. Os primeiros críticos se situam entre os ouvintes eclesiásticos e monásticos, e contam-se, entre os dominicanos, os grandes narradores de *exempla*.

As narrativas exemplares eram apresentadas como fatos acontecidos, como fatos históricos. Nas narrativas, existia verossimilhança interna, ou seja, mantinha-se a ligação entre os fatos, ainda que os elementos imaginários ou fantásticos fossem, por vezes, determinantes no texto. Desse ponto de vista, o teor místico e espiritual assegurava a inexplicabilidade dos fatos narrados, pois seu verdadeiro sentido era buscado na instância divina, distante, portanto, daquela da compreensão humana. De fato, essa "verdade histórica" soava como ensinamento religioso e, como tal, funcionava como um argumento válido de persuasão. O caráter histórico, portanto, devia ser utilizado sempre para "inculcar uma verdade religiosa", "insistir no aspecto da verdade [e das] relações entre a verdade de um acontecimento e as verdades eternas", o que mostra, também, a função pedagógica do gênero.

A religião, por esta estratégia, garantia uma maior influência na vida cotidiana europeia, sempre empregando o termo "moral". Os *exempla*, isto posto, serviram como uma "Bíblia da vida quotidiana", com a "tendência à moralização." (Berlioz e Beaulieu, 2016, p. 47). Além disso, eram escritos na "língua da verdade", o latim, "única língua 'internacional' que assegura a transmissão de um saber mensurável, impossível de se pôr em dúvida" (Berthelot e Cornilliat, 1988, p. 14).

A tradição dos *exempla* inseridos nos sermões pelos grandes oradores religiosos da história da Igreja perdurou pelos séculos seguintes. Assim, à guisa de ilustração, apresento uma amostra dessa utilização em um sermão de Padre Antônio Vieira.

1.2.1 *Exemplum* no sermão de Vieira

Prosador, orador, humanista, diplomata, estadista, missionário, filósofo e professor são as competências e áreas em que o jesuíta Antônio Vieira (1608-1697) atuou em sua longa vida passada entre a Europa e o Brasil. Optamos por recorrer a Vieira nesta sessão por suas manifestações e definições do gênero *exemplum*. Mesmo que posteriores aos objetos de estudo deste trabalho, acreditamos que as manifestações do gênero em Vieira contribuem para uma análise mais abrangente do *exemplum* medieval.

No prefácio ao livro *Aspectos do Padre Antônio Vieira*, de Ivan Lins (1962, p.9), M. Paulo Filho põe em destaque a carreira de literato desse admirável clérigo: "Quinze volumes de Sermões, três de cartas e sete de trabalhos diversos dão ao escritor e estilista um lugar de honra nas letras luso-brasileiras". Tratou de diversos assuntos de interesse do povo, dos políticos e dos letrados. Podemos encontrar em seus textos a metalinguagem da retórica e da oratória e, de forma didática, as instruções da construção de um texto exemplar. É o que se constata ao ler o famoso *Sermão da Sexagésima*, pronunciado na Capela Real de Lisboa, em 1655, todo ele dedicado ao semeador de palavras, ou seja, ao orador dos púlpitos cristãos. Nessa peça de oratória religiosa o jesuíta expôs "os cânones fundamentais por que deve pautar-se, para não aberrar de sua nobre missão, a eloquência do púlpito" (Augusto Magne *apud* Vieira, 1943, p. XIV). Na verdade, a importância desse sermão se agiganta por ser ele o sermão escolhido pelo próprio autor para abrir a coleção, sendo, portanto, um texto programático, um verdadeiro prefácio para os sermões que se seguiram. No entendimento de Lins (1962, p.251), nesse texto "não só compendiou Vieira os preceitos de completa e admirável retórica sagrada, como ainda nos deu acabado modelo do que deva ser a oratória religiosa". No excerto abaixo do referido sermão, vê-se o anúncio de sua concepção da oratória religiosa:

> Há de tomar o pregador uma só matéria; há de defini-la para que se conheça; há de dividi-la para que se distinga; há de prová-la com a Escritura; há de declará-la com a razão; há de confirmá-la com o **exemplo**; há de amplificá- la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências, que se hão de seguir; com os inconvenientes que se devem evitar há de responder as dúvidas, há de se satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários e, depois disso, há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. (Texto transcrito com atualização da grafia e da pontuação extraído da Reprodução fac-similada da edição de 1679, parágrafo VI, 1943, p.47-8).

Grifamos o vocábulo “exemplo” para destacá-lo como um recurso retórico na composição do sermão, segundo o ensinamento do mestre Padre Antônio Vieira. E para melhor ilustrar tal recurso, vejamos um *exemplum*, enxertado por Vieira no *Sermão do Bom Ladrão perante D. João e sua corte,* que evoca as narrativas do *Disciplina Clericalis* e do *Gesta Romanorum*, pelo personagem da historieta em si, Alexandre, pela peripécia e pela referência ao filósofo Sêneca, uma das fontes intelectuais do orador:

> Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim.
>
> — Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? — Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome:
>
> *Eodem loco pone latronem et piratam, quo regem animum latronis et piratae habentem*. Se o Rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata, o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.
>
> (*Sermão do Bom Ladrão perante D. João e sua corte*. Capítulo IV, disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000025pdf.pdf. consultado em 17/02/2024).

1.3 Temas abordados e personagens no *exemplum* medieval

De volta aos *exempla* medievais, cumpre destacar os principais elementos dessas narrativas: os personagens e os temas abordados.

Os personagens usuais dos *exempla* são figuras públicas do medievo cuja moral seja pouco ou nada discutível, que transitam no ambiente palaciano e têm íntima relação com o governante. Comumente, as narrativas são iniciadas pela menção a um rei, a um filósofo, a um conselheiro ou a um mestre. Essa evocação à figura de autoridade também ocorre amiúde tanto no *Disciplina Clericalis* quanto no *Gesta Romanorum*. A presença do rei se justifica por sua posição política hierárquica no sistema medieval; a do filósofo pelo despertar à filosofia, no início do século XIII em que abundam as traduções de Aristóteles, “transmitidas por intermédio dos árabes” (Berthelot e Cornilliat, 1988, p. 37) e a do conselheiro bem como a do mestre, pela valorização do conhecimento das artes liberais, principalmente com a criação das Universidades. Vejamos o modo como alguns deles aparecem no início dos *exempla*:

“Um certo **rei** tinha um conselheiro sábio e amigo, que, por fim, seguindo as leis naturais,

deixou um pequeno herdeiro bem disciplinado e familiarizado com a corte...” (*Disciplina Clericalis*, “O filho prudente do conselheiro Real” Grifo nosso);

“Havia um certo **rei** que sancionou uma lei na qual o vencedor que retornasse da guerra receberia três honrarias e três mazelas...” (*Gesta Romanorum, “*Do pecado e do juízo.” Grifo nosso).

“A respeito da mentira, um certo **filósofo** repreendeu o seu filho: ‘Toma cuidado com a mentira, pois ela é doce feito a canção dos pássaros.’” (*Disciplina Clericalis*, “A respeito da mentira.” Grifo nosso).

“Acerca da morte de Alexandre, lê-se que **muitos filósofos**, certa vez, reuniram-se diante de sua sepultura.” (*Gesta Romanorum,* “Do rigor da morte.” Grifo nosso).

Um eremita perguntou ao **mestre**: ‘O que farei neste mundo que me possa servir no outro?’ O mestre respondeu: ‘Faz o que é bom para a tua natureza.’ (*Disciplina Clericalis,* “Outros dizeres de eremitas.” Grifo nosso).

Alexandre, que governou muito poderoso, tinha Aristóteles como seu professor e **mestre**, que o instruía em todos os assuntos... (*Gesta Romanorum*, “Do veneno do pecado que nutrimos a cada dia.” Grifo nosso).

É pertinente apontar, em vista disso, que Jacques Le Goff, mencionado por Berlioz e Beaulieu (2016), bem delimita a relevância de uma moralização que seja proferida, por exemplo, por um rei:

> “Ele é justiceiro, o rei exercendo ele mesmo, pelo discurso, o dever real, fazer justiça, ou delegando-o a representantes bem formados e monitorados. Ele é também sendo a paz, junto com a justiça, o outro grande ideal real tranquilizante, exprimindo-se nas arbitragens feitas pelo rei. Ele é moderado, como é normal para um rei tomado pela medida, que queria substituir o ideal de desmedida dos valentes pelo de moderação do sábio. Mas ele é também repressão do discurso mau, do xingador, do blasfemo. O discurso real, no estado direto, exerce-se essencialmente no interior de um pequeno grupo de familiares, de interlocutores habituais do rei, convidados pelo rei a lhe responder, mas no qual o rei tem a iniciativa da palavra.” (Le Goff *apud* Berlioz e Beaulieu, 2016, p. 61)

Em suma, a moral cristã é o principal tema dos *exempla*. Sua função primordialmente pedagógica visa a sistematizar as ações humanas que sejam mal vistas e condenáveis, e instruir o público a agir de uma forma solene e respeitosa consigo mesmo e com a família, compreender os limites da vida e agir, de todas as formas possíveis, para que o indivíduo seja merecedor do “reino dos céus” (*Regnus Celestis*). Passando por temas como adultério, amizade, morte, ou

quaisquer fragilidades do ser humano, sempre há, nos *exempla* do medievo, uma função cristã, pois "uma das grandes tarefas da moral medieval foi separar o bem e o mal, o puro e o impuro no comportamento dos heróis medievais." (Le Goff, 2009, p. 128-9).

1.4 Características/estrutura do gênero:

Um *exemplum*, como foi comentado acima, é um gênero dentro de outro gênero, que busca a verossimilhança como estratégia de persuasão. Deve-se reiterar, portanto, a relação entre o *exemplum* e um sistema ético-religioso baseado na retórica, na repetição, e na elaboração de uma "narrativa eficaz" na óptica clerical: "a autenticidade, a verossimilhança, a brevidade (ligada à univocidade), o prazer e a facilidade de memorizar." **(**Berlioz e Beaulieu, 2016, p. 49). Um dos recursos literários mais utilizados na técnica de composição das narrativas, no século XII, é a alegoria, cuja característica mais evidente "é a personificação: noções abstratas, sentimentos, qualidades são representados como personagens independentes" (Berthelot e Cornilliat, 1988, p. 25), o que é possível confirmar por diversas passagens do *Gesta Romanorum*, vide a passagem a seguir. Trata-se de uma história cujos personagens são uma senhora, um tirano e um peregrino, este que, por sua vez, leva consigo uma bolsa e um cajado:

> Caríssimos, essa senhora é a alma humana, o tirano é o diabo, que por muito tempo a privou da herança do reino dos céus, por ter-lhe prejudicado muito. Não é de se admirar, pois ela foi mantida no inferno por muito tempo, até que veio um peregrino, ou seja, Cristo, que desceu do céu em peregrinação neste mundo. A bolsa é sua carne imaculada, onde foi ferido, na qual escondeu a divindade. O cajado é a madeira da cruz, na qual foi pendurado por nós, pecadores. (*De beneficiorum oblivione et ingratitudine*, *Gesta Romanorum,* cap. 25).[7]

Esse tipo de texto recorre a modelos negativos, com a função, exposta acima, de "retirar o cristão do pecado" e garantir-lhe o reino dos céus, pois "sobre o imaginário medieval pairam definitivamente o signo da morte, mas também o do renascimento e os laços e metamorfoses entre o mundo sobrenatural e o humano" (Le Goff, 2009, p. 238):

> (...) Se oferecermos estas três coisas com um coração puro e uma caridade perfeita, obteremos sem dúvida as coisas que dizem respeito ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Ao Pai, o tesouro da virtude, pela qual podemos reger a alma com o corpo contra o diabo, o mundo e a carne, e, consequentemente, obter o reino dos céus. (*De tribus regibus*, *Gesta Romanorum*)[8]

---

[7] Do original: *Carissimi, domina ista est anima humana, tyrannus est diabolus, qui eam privavit hereditate regni celestis per multa tempora, unde ipsa multum dolebat. Nec mirum, quia in inferno diu posita erat, donec peregrinus venerat, scilicet Christus, qui de celo descendit in peregrinacionem istius mundi. Pera ejus caro mundissima, in qua latuit divinitas, in qua recepit vulnera. Baculus est lignum crucis, in quo pependit pro nobis peccatoribus.* (Tradução minha)

[8] Do original: *Si illa tria puro corde et caritate perfecta offerimus, sine dubio ista, que sequuntur, a patre et filio*

O *exemplum*, também aponta Le Goff, serve à "retórica do medo, da identificação interior, do amuleto narrativo, da santidade, da pequena história", o que garantiu uma evolução em direção a um "catecismo sistemático do medo", baseado em castigos de pecadores inveterados entregues aos demônios, sendo que estes são mais frequentemente mencionados durante as narrativas do que os heróis **(**Le Goff *apud* Berlioz e Beaulieu, 2016, p. 50).

1.5 O "Cristianismo do medo" no *Disciplina Clericalis* e no *Gesta Romanorum*

O medo do diabo, das tentações e enganações são os principais recursos utilizados pelo que Jean Delumeau definiu como o "Cristianismo do medo", no qual a salvação só pode existir pelo desprezo dos prazeres mundanos, pela oração e pela penitência. O medo do inferno, portanto, e um caminho único para a salvação da alma, serviram, e ainda servem, como forma de manutenção da fé e dos fiéis.

Jacques Le Goff, em 1978, apresentou em colóquio a "Lexicografia do latim medieval e suas relações com as pesquisas atuais sobre a civilização da Idade Média". Para tanto, o pesquisador apresentou 550 rubricas alfabéticas do *Alphabetum narrationum,* do autor medieval Arnaldo de Liége (início do século XV). Dessa forma, foi possível perceber o sistema espiritual daquela sociedade e mapear as palavras que caracterizam a escolha vocabular utilizada em função do "cristianismo do medo" .

Baseando-me no método de Le Goff, da análise pelo levantamento de palavras-rubricas, julgo relevante que nos atemos às mesmas palavras que Le Goff esquematizou, para verificar, tanto no *Disciplina Clericalis*, quanto no *Gesta Romanorum*, as diretrizes desse catecismo sistemático do medo. Não vou me ater a uma longa listagem de 550 verbetes, e sim elucidar os 10 mais frequentes do *Alphabetum narrationum* para, então, compará-las aos meus objetos de estudo. Na pesquisa de Le Goff, as 10 palavras mais ocorrentes nos *exempla* do *Alphabetum Narrationum* são as seguintes: *Demon* (77), *Mulier* (64), *Mors* (49), *Temptatio* (41), *Deceptio* (38), *Timor* (35), *Prelatus-Prelatio* (34), *Contemptus* (33), *Oratio* (33) e *Penitencia* (33). Para a minha análise, foram consideradas essas mesmas 10 palavras levantadas por Le Goff, além de outras três, as quais julguei pertinentes para ilustrar o propósito fortemente cristão dos textos por mim analisados. São elas: *Christus*, *Deus* e *Peccatum*.

---

et spiritu sancto obtinebimus. A patre thesaurum virtutum, per quas poterimus animam regere cum corpore contra diabolum, mundum et carnem et per consequens regnum celeste obtinere. (Tradução minha)

É importante esclarecer que o levantamento ilustrado pela tabela abaixo considera todas as declinações das palavras escolhidas, tanto no *Disciplina Clericalis*, quanto nos 60 primeiros *exempla* do *Gesta Romanorum*. Além disso, considerei alguns sinônimos relevantes para a contagem, ao passo que "Demon", por exemplo, aparece consideravelmente menos do que "Diabolus", e "Mulier" menos que "Puella", palavras estas que, da mesma forma, contribuem para ilustrar o Cristianismo do medo em ambas as obras.

Tabela 1 - Relação numérica entre os vocábulos que caracterizam o "cristianismo do medo" no *Disciplina Clericalis* e nos 60 primeiros *exempla* do *Gesta Romanorum*.

Vocábulo	*Disciplina Clericalis*	*Gesta Romanorum*
Demon/Diabolus	2	63
Mulier/Puella	48	52
Mors	6	3
Temptatio	1	13
Deceptio	4	7
Timor	6	9
Prelatus/Prelatio	0	8
Contemptus	2	4
Oratio	2	9
Penitentia	0	18
Christus	2	101

Deus	44	124
Peccatum	10	121

A ordem da tabela segue a mesma das palavras levantadas por Le Goff, no *Alphabetum Narrationum,* com exceção das três últimas, *Christus*, *Deus* e *Peccatum*, que incluí no final, em ordem alfabética.

No *Alphabetum Narrationum,* a palavra *Demon* é a de maior ocorrência (77), ao passo que, no recorte do *Gesta Romanorum*, temos 63 (5 *demon* + 58 *diabolus*). O *Disciplina Clericalis*, curiosamente, apresenta apenas duas ocorrências, o que já infere uma adoção maior do Cristianismo do medo na coletânea anônima do que em Pedro Alfonso. Seguindo a mesma análise, palavras como *Penitentia* e *Temptatio* estão quase ausentes no *Disciplina Clericalis* (0 e 2), enquanto mantêm um número considerável no *Gesta Romanorum* (18 e 9). Detenhamo-nos, porém, ao número exorbitante dos vocábulos adicionados (o motivo da minha escolha pela inserção deles), os quais indicam 101 menções a *Christus*, 124 a *Deus* e 121 a *Peccatum*, no *Gesta Romanorum*, contrapostos a 2, 44 e 10, respectivamente, no *Disciplina Clericalis*. Vale reiterar o recorte dos 60 primeiros *exempla* no *Gesta Romanorum*, ou seja, um terço da obra, além de situá-la, novamente, no século XIV, depois do renascimento da retórica, comentado em tópicos anteriores. Com o uso constante de *Christus*, *Deus* e *Peccatum* na obra*,* principalmente quando comparado ao *Disciplina*, podemos nos aproximar à ideia do Cristianismo do medo. *Deus* e *Peccatum* funcionam, de certa forma, como uma antítese, e sua contagem é quase idêntica (124 e 121, respectivamente). Em ambos os textos, a figura da mulher também se mostra relevante, como mostram as 48 ocorrências do *Disciplina Clericalis* (44 Mulier + 4 Puella) e as 52 do *Gesta Romanorum* (20 Mulier + 32 Puella).

Além dos vocábulos escolhidos, também há outros relevantes como *Misericordia* (1 ocorrência no *Disciplina* e 37 no *Gesta*), *Rex* (59 no *Disciplina* e 66 no *Gesta*) e *Sanctus* (6 no *Disciplina* e 27 no *Gesta*). Em geral, a persuasão por meio do medo parece ter sido um artifício mais eficaz no contexto do século XIV do que no século XII, em razão da alta frequência no uso dos vocábulos, ora mencionados.

1.6 Tipos de *exempla*

1.6.1 *Exemplum* homilético

Considerando as características e estruturas do gênero, o *exemplum* se divide em dois contextos principais, segundo aponta Le Goff (*Apud* Berlioz e Beaulieu, 2016). Primeiramente, o *exemplum* se consolida por meio da homilética, ou seja, pela arte da pregação, ancorada à retórica, para fins didáticos cristãos. Durante o século XIII, há um florescimento de coletâneas de *exempla*, principalmente àquelas que recorrem a discursos teológicos, morais ou pastorais, enquanto retomam a retórica aristotélica (*ethos, pathos, logos*). (Berlioz e Beaulieu, 2016, p. 50). Nesse contexto, distingue-se o supracitado catecismo sistemático do medo.

O *exemplum* em contexto homilético cumpria com a função de "dar conta de sua natureza de narrativa, de sua brevidade, de seu paradoxo de história frequentemente fictícia, mas verossímil e dada como 'autêntica'". De certo modo, algumas narrativas do *Gesta Romanorum* ainda guardam um caráter intimamente homilético, por seus personagens genéricos e a ausência de um clímax moderno, tendo como função primordial a mensagem a ser transmitida:

> A rainha de um certo nobre concebeu o filho de um servo rústico. O filho se tornou vicioso e ruim para o conceito de príncipe do seu suposto pai. O príncipe perguntou, cuidadosamente, à rainha, se realmente era seu filho. Descobrindo, finalmente, pela confissão da rainha, que não era filho dele, mas sem querer, entretanto, por causa disso, se privar do reino, o príncipe se apropriou do seu reino, mas ordenou o seguinte: que sua vestimenta fosse feita com diferentes materiais e cores, metade de tecido barato e a outra metade de tecido precioso, para que, quando observasse o barato, ele se afastasse da soberba e de todos os vícios, sempre que possível, e quando observasse o tecido nobre, ele não o descartasse de forma alguma, para que não se apresentasse de maneira demasiado humilde. (*Da humilitate*, *Gesta Romanorum,* cap. 26)[9]

O *exemplum* homilético, portanto, ilustra as preocupações, da instituição eclesiástica, acerca da manutenção da fé cristã, que, pela primeira vez, fora colocada em discussão, diante de um embrião de globalização que juntava diversas culturas em uma mesma região. Além dos mouros, que conquistaram a Península Ibérica durante grande parte do medievo, uma gama de ideais pagãos resistia à pregação tradicional que lhes era imposta. A necessidade de recorrer ao *delectare* romano foi uma forma que os clérigos encontraram para entreter o público, ao passo que garantiam a manutenção das tradições cristãs, cujas histórias manifestavam-se, principalmente, pela tradição oral. Com a falta de interesse crescente pela típica pregação, uma vez que a linguagem solene parecia afastar o público da verdade religiosa, a ficção foi um recurso

[9] Do original: *Regina quedam nobilis de servo rustico concepit filium. Filius post hoc viciose et male se habuit in conspectu principis patris sai putativi. Princeps vero a regina diligenter quesivit, an filius suus esset. Qui tandem per confessionem regine inveniens, non esse filium suum, nolens tamen propter hoc eum privare regno, regnum suam dedit sibi, sed sic ordinavit, quod vestimenta sua diversi generis et coloris faceret, medietatem de vili panno et aliam de precioso panno, ut quando vilem respiceret, a superbia et omni vicio quocumque retraberetur, quando vero nobilem pannum, ne omnino dejiceretur, nec nimis humilem se exhiberet.* (Tradução minha)

utilizado para contribuir com os propósitos da Igreja. “Ademais, com o avanço das publicações, compreende-se que é a lição do *exemplum* que deve ser posta como verdadeira, mas não necessariamente a narrativa” (Berlioz e Beaulieu, 2016, p. 52). O que nos leva ao seguinte tópico:

1.6.2 Narrativas maravilhosas, mirabilia.

As *mirabilia* foram estratégias para prender a atenção do ouvinte, justamente por meio do fantástico, o que Le Goff chama de “maravilhoso científico”. Tratam-se de “realidades surpreendentes, escondidas da maioria dos homens, mas conformes à natureza, colocadas por Deus na natureza.” Ao se referir a um maravilhoso “científico”, Le Goff pretende evidenciar o caráter mais propriamente geográfico, “terras impressionantes, monstros assustadores, curiosidades ‘naturais’: rochas, fontes, frutas, *etc*., deslumbrantes por seu tamanho ou suas propriedades.” (Le Goff *apud* Berlioz e Beaulieu, 2016, p. 52). A questão “maravilhosa”, por sua vez, levou em conta as tradições greco-romanas, judaicas e celtas da “viagem no além”, um certo esoterismo que alcançou grande popularidade no fim da Antiguidade e na Idade Média. Essa estratégia caiu no gosto popular e foi de grande valia para as intenções da Igreja. A ficcionalização das narrativas exemplares também foi do agrado de nobres e letrados, a saber: Henrique II, Rainha Alienor da Aquitânia e seu filho Henrique, o Jovem Rei, Ricardo Coração de Leão e João Sem Terra, como afirmam Berlioz e Beaulieu (2016, p. 53).

Essa ficção fantástica, além de enaltecer explicitamente a tradição cristã, é uma rica fonte de conhecimento acerca da cristianização de tradições pagãs e, apesar de o século XIII ser a era de reflorescimento da retórica aristotélica, é possível percebermos, já em Pedro Alfonso, no século XII, narrativas que em muito se assemelham às fábulas de Esopo, como no excerto abaixo:

> Caminhando pela selva, um homem encontrou uma serpente que tinha sido esticada e amarrada a um tronco pelos pastores. O homem, depois de tê-la soltado, procurou aquecê-la. A serpente, resgatada, começou a deslizar lentamente em volta do homem para se manter aquecida, e finalmente enroscada, apertou forte. Então o homem exclamou:
>
> “O que fazes?! Por que retribuis o bem com o mal?”
>
> “É da minha natureza” disse a serpente. E o homem respondeu:
>
> “Fiz o bem para ti, e com o mal me desestabilizas?”
>
> Com essa briga entre os dois, foi requisitado o julgamento de uma raposa que passava por eles, à qual contaram tudo o que tinha ocorrido, na ordem dos acontecimentos. Então a raposa opinou:
> “Ignoro como julgar esta causa por ouvi-la, a não ser que eu tivesse visto qual entre

> vós começou a briga (...)"[10](*Exemplum de homine et serpente*. *Disciplina Clericalis,* cap. 5).

A nova forma de contar histórias, que já vinha se desenvolvendo desde o século XII, garantiu uma interseção aprazível entre erudição, história, fábulas e literatura oral que "parecem ter feito renascer por um tempo a feliz época da Antiguidade grega, quando, de Heródoto a Pausânias, história e etnografia não se distinguiam." (Berlioz e Beaulieu, 2016, p. 52) Isto posto, os *exempla* maravilhosos concretizam-se como uma forte união entre as tradições eruditas e populares do medievo, unindo, pela literatura, os interesses da sociedade e sua memória cultural.

[10] Do original: *Transiens quidam per silvam invenit serpentem a pastoribus extentum et stipitibus alligatum. Quem mox solutum calefacere curavit. Calefactus serpens circa foventem serpere coepit et tandem ligatum grave strinxit. Tunc homo: Quid, inquit, facis? Cur malum pro bono reddis? Naturam meam, dixit serpens, facio. Bonum, ait ille, tibi feci, et illud malo mihi solvis? Illis sic contendentibus vocata est inter eos ad iudicium vulpis. Cui totum ut evenerat est monstratum ex ordine. Tunc vulpis: De hac causa iudicare per auditum ignoro, nisi qualiter inter vos primum fuerit ad oculum videro.* (Tradução minha)

CAPÍTULO 2: SOBRE O *DISCIPLINA CLERICALIS* DE PEDRO ALFONSO

2.1 A obra

A primeira fonte de *exempla* que destacaremos neste trabalho é a coletânea *Disciplina Clericalis*, escrita por Pedro Alfonso, no século XII, por sua grande reputação na época e por sua clara intertextualidade com o *Gesta Romanorum*, a ser descrita no capítulo seguinte.

Por consequência das expansões islâmicas no sudoeste da Europa, a obra *Disciplina Clericalis* foi concebida na região de Al-Andaluz, antigo topônimo árabe para uma Península Ibérica em desenvolvimento. O polímata Pedro Alfonso se destaca como um bom exemplo da variedade cultural na qual vivia, como bem atesta o seu *Disciplina Clericalis.*

Alfonso está inserido nesse período histórico multifacetado, que influencia a sua biografia tanto em nível social quanto pessoal, o que resulta em uma produção literária que promove a união entre a cultura árabe e os reinos cristãos emergentes. Percebe-se assim, em razão dessa multiplicidade de experiências, o emprego de argumentos de autoridade multicultural e religiosa na obra *Disciplina Clericalis* — considerando aqui a importante ressalva de não ser uma obra exclusiva à educação do Clero, como a palavra *Clericalis,* do título, pode sugerir, pois, na verdade, o texto foi oficialmente apropriado pelo Clero somente no século seguinte à sua escrita.

Os direcionamentos da instrução para a erudição se constroem, na obra, por meio de valores religiosos, culturais e de cidadania, ilustrados por referências diversas, inclusive pagãs — como a dos árabes, posto que, para os cristãos do século XII, os que professavam a religião muçulmana, eram considerados pagãos. Os valores manifestados à guisa de uma tradicional "moral da história", porém, apesar de correspondentes aos valores cristãos atuais, não devem ser interpretados sob um ponto de vista meramente moralizante, mas de alcance cultural e filosófico, porquanto Pedro Alfonso era um intelectual partidário do diálogo entre diferentes culturas, tradições e valores e ciente das artes produzidas no mundo.

O posicionamento de Pedro Alfonso, no prólogo da obra, nos revela seu apego à religião cristã e a seu fundador Jesus Cristo (*servus Christi Ihesu*) para quem tudo converge. Embora a fé (*Sanctus Spiritus*) mova o escritor, ele afirma o poder elucidativo da razão (*ratio*) e do discernimento (*sapientia*) para a compreensão dos mistérios da vida e da morte:

> Disse Pedro Alfonso, **servo de Jesus Cristo**, compositor deste livro: "Dou graças a Deus, Ele que é o primeiro sem um começo, **por meio d'O qual existe o começo de todos os seres bons, o fim eterno e o complemento de toda a bondade**; o sábio cujo

> **discernimento** proveu **razão** para os Homens, Quem nos inspirou com Sua sabedoria, nos **elucidou** com o admirável brilho da Sua razão e nos **enriqueceu** com a Graça multiforme do Seu Santo Espírito..[11] (*Prologus. Disciplina Clericalis*, grifos nossos)

A intensa subserviência a Jesus Cristo está clara no prólogo, o que bem atesta a fé do autor, e isso justifica sua inspiração literária pela religião: à maneira dos poetas da Antiguidade Clássica que iniciavam um texto a partir da tradição homérica de invocação às musas, Pedro Alfonso invoca o Espírito Santo que é próprio Deus (*eodem spiritu instigante*) para inspirá-lo e motivá-lo na empreitada (*hic liber*). O prólogo também antecipa a finalidade instrutiva, já definida no título (*Disciplina*), "à composição do livro e o público a que se destina, qual seja, para a **utilidade** das muitas pessoas (*ad multorum utilitatem hunc librum componere*)":

> Pois, afinal, mesmo eu sendo um pecador, **Deus dignou-se em revestir-se com Sua múltipla e variada sabedoria**, para que não escondesse sob um protegido alqueire **a luz confiada a mim, instigado, pelo mesmo Espírito, à composição deste livro,** e o público a que se destina, qual seja, para a **utilidade** de muitas pessoas, as mesmas que me suplicam que este meu livrinho acolha no começo, e que eu assim acrescente um bom final, para que o que for dito aqui não desagrade a Sua vontade. Amém.[12] (*Prologus*, *Disciplina Clericalis*, grifos nossos).

Como deixa claro o autor da obra, ele escreve para a leitura de muitos e não apenas para a dos clérigos religiosos, como o título, *Disciplina Clericalis*, possa, à primeira vista, sugerir. Assim, faz-se necessário reforçar que o adjetivo *Clericalis*, como aponta Rubén Maillo Pozo, não se refere exclusivamente a esse grupo religioso, mas tem um alcance maior, também ao dos leigos letrados:

> "A figura social do clérigo passa ao primeiro plano da reflexão, mesmo que neste caso **não apareça associada ao clérigo religioso**, ao homem da igreja, e sim ao clérigo laico, ao homem das letras. **No texto, há uma correspondência direta entre os sábios e os clérigo**s... (Pozo, 2011, p. 211. Grifos nossos)[13]

Podemos, ainda, reiterar o posicionamento de Pozo a partir do *Webster's new international*

---

[11] Do original: *Dixit Petrus Alfunsus, servus Christi Ihesu, compositor huius libri: Gratias ago Deo, qui primus est sine principio, a quo bonorum omnium est principium, finis sine fine, totius boni complementum, sapiens qui sapientiam et rationem præbet homini, qui nos sua aspiravit sapientia et suae rationis admirabili illustravit claritate et multiformi sancti spiritus sui ditavit gratia.* (Tradução minha).

[12] Do original: *Quia igitur me licet peccatorem Deus multimoda vestire dignatus est sapientia, ne lucerna mihi credita sub modio tecta lateat, eodem spiritu instigante ad multorum utilitatem hunc librum componere admonitus sum, ipsum obsecrans ut huic mei libelli principio bonum finem adiungat meque custodiat, ne quid in eo dicatur quod suae displiceat voluntati. Amen.* (Tradução minha)

[13] Do original: *La figura social del clérigo pasa al primer plano de la reflexión, aunque en este caso no aparece asociada al clérigo religioso, al hombre de iglesia, sino al clérigo laico, al hombre de letras. En el texto hay una correspondencia directa entre los sabios y los clérigos...* (Tradução minha)

dictionary[14]*,* quando define a palavra "clerk", inglesa, proveniente de *Clericus*, como, além de "clérigo", também alguém que saiba ler, ou ler e escrever; um acadêmico; uma pessoa letrada; um homem das letras, qualquer pessoa douta, enfim. Lisboa (2019) também faz uma análise do termo e contextualiza sua aplicação no medievo:

> Jacques Verger (...) escreve que *vir litteratus*, *clericus*, *magister, philosophus*, ou então diplomados/graduados, são termos existentes no medievo, mas que são limitados ou restritos. Por conta disso, Verger prefere "gentes de saber" (...) Independente disso, segundo Le Goff, no pioneiro *Os intelectuais da Idade Média* (1957), percebemos a importância do desenvolvimento urbano e da evolução das escolas para o desabrochar deste grupo. Prontamente pode-se pensar no "renascimento carolíngio" de centúrias antes, com suas escolas do palácio, no entanto, desde a reforma de Bento de Aniana, no ano de 817, a cristandade ocidental assistiu os centros de estudos monásticos fecharem-se à comunidade externa e concentrarem-se na *lectio divina*. Foi somente no século XII, com crescimento demográfico, de renovações na agricultura, explosão das feiras, burgos, guildas, sistema bancário, *etc*., que as escolas catedrais, laicas e universidades ascendem (...) Neste momento, uma nova categoria emerge entre os que rezam, os que protegem e os que trabalham: aqueles que profissionalmente escrevem e/ou ensinam... (Lisboa, 2019, p. 691-692.)

Considerando, portanto, a interseção entre fé, literatura (popular e erudita) e instrução, características fundamentais dos *exempla* enquanto gênero literário, e tendo traçado de forma sucinta o perfil de um público-alvo douto, analisemos o contexto de produção da obra, o seu autor e a utilização de argumentos de autoridade para construir a credibilidade e o sucesso alcançado pelo *Disciplina Clericalis* em seu tempo.

2.2. O autor

Nascido na cidade de Huesca, em Aragão, Pedro Alfonso, nome de batismo Moshé Sefardí, por sua origem judaica, viveu no ambiente multicultural e linguístico da península ibérica, então denominada Al-Andaluz. Wacks (2012) especula que Alfonso tenha sido influente na comunidade judaica da época, em sua cidade natal, por seus conhecimentos vastos em diferentes áreas do conhecimento, tanto no que diz respeito às referências literárias, filosóficas e científicas dos árabes, quanto nas tradições judaicas e seus textos clássicos.

De início, professava a religião judaica, até se converter ao cristianismo em 1106. O nome Pedro foi escolhido por ter sido batizado no dia de São Pedro, e Alfonso em homenagem a seu padrinho de batismo, o rei Alfonso I, o batalhador. Tal ato de conversão facilitou sua inserção na alta hierarquia social cristã. Em contrapartida, porém, era de se esperar que a sua reputação, uma vez aplaudida pelos cristãos, fosse repudiada pelos judeus de Al-Andaluz. Nesse sentido é que se

[14] Disponível em http://www.websters1913.com/words/Clerk. Último acesso em 14/02/2025.

nota, em algumas de suas obras, como *Diálogos contra os Judeus* (*Dialogi contra Iudaeos*), o tom inflamado do novo cristão, convicto da doutrina recém-abraçada. De fato, como atesta a história, entre judeus e cristãos há cláusulas religiosas irreconciliáveis: "Não há lugar para judeus no Cristianismo, e essa rejeição é internalizada por Pedro Alfonso, que encontra dificuldades na memória de seu eu judeu andaluz."[15] (WACKS, 2012, p. 3.)

Tolan (1993, p. 12) afirma que os *Dialogi* são únicos por apresentarem um ponto de vista tão múltiplo e adverso quanto o de Alfonso sobre aquela sociedade. Sua posição social era curiosa; a reputação de sua inteligência e desenvoltura parece ter conquistado a elite cristã e dirimido a discriminada condição de homem *converso* que Alfonso carregava — vale elucidar que os reinados não foram extintos pelos califados, e mesmo com o domínio político dos árabes os reinos cristãos resistiam. Para além do polêmico *Dialogi contra Iudaeos,* Alfonso era conhecido, também, por seu posicionamento favorável, de certa forma, à cultura árabe, ou, pelo menos, reconhecia as contribuições científicas de outras culturas. Em sua *Epistola ad peripateticos,* Alfonso critica os franceses por preferirem textos astronômicos latinos a textos árabes melhor desenvolvidos no assunto (TOLAN, 1993, p. 66.)

Sua intimidade com o pensamento árabe valeu-lhe a inserção, no *Disciplina Clericalis*, de personagens sarracenos que, ora protagonizam, ora participam, como secundários, nas narrativas, sempre em diálogo com outros personagens de culturas diversas, majoritariamente cristãos. Tolan (1993) inicia o seu livro *Petrus Alfonsi and his medieval readers* contextualizando a ascensão e a propagação dos textos árabes na Europa, os quais, por sua vez, eram traduzidos para o latim. Esse autor logo aponta que Pedro Alfonso foi um dos intelectuais que contribuiu com a tradução de alguns textos, e o *Disciplina Clericalis*, obra priorizada neste capítulo, seria o produto do trabalho de tradução e de adaptação ao contexto ibérico desses textos, por Pedro Alfonso.

Com a função social que cumpriu, a de elucidar os maus comportamentos impulsionados pela ignorância a respeito de relações sociais conflituosas, o *Disciplina Clericalis* não poderia ter atingido a sociedade latina da Europa sem que os textos comunicassem ao público algo que ultrapassasse as fronteiras políticas e os preconceitos com relação a outras culturas. Em vista disso, podemos supor, e concluir pela confirmação de Tolen (1993), que para além de serem simplesmente traduzidos, os textos que compõem o *Disciplina Clericalis* foram adaptados e,

[15] Do original: *There is no place for Jews in Christianity, and this rejection is internalized by Petrus Alfonsi, who struggles with the memory of his Andalusī Jewish self.* (WACKS, 2012, p. 3, Tradução minha).

porque não dizer, naturalizados para atingir o leitor, a partir de histórias que Alfonso provavelmente lera ou ouvira. As narrativas exemplares foram compostas de tal forma que não é possível, para os estudiosos atuais, a identificação exata das correspondências de todas as suas inspirações e referências, posto que Alfonso adaptou a tradição árabe em um texto próprio, produzido em latim.

2.3 As autoridades das narrativas exemplares

Para o leitor do século XII, a abordagem de Alfonso poderia trazer instruções comportamentais, abstratas ou práticas, com um certo caráter exótico que caracteriza a visão daquela sociedade sobre o estrangeiro.

A estrutura do livro é composta por um prólogo, um epílogo e 34 *exempla* entremeados por 27 pequenos diálogos: esse entremeio de fala instrutiva e histórias lembra a poesia didática antiga, em que a voz do *magister* era intercalada com painéis mítico-narrativos (TOOHEY, 1996, p. 4 *et seq*.) Os diálogos são construídos, geralmente, com um locutor no papel de mestre e um receptor no de discípulo, sendo que os *exempla* são, na maioria dos casos, respostas para as inquietações existenciais ou sociais do discípulo. Existem, também, diálogos entre pais e filhos, o que, de certa forma, repete a estrutura dialógica de mestre e discípulo. Presentes em ambos os tipos de diálogos, estão personas típicas do contexto social de Alfonso, como "o filósofo", "o poeta" ou "o árabe" que se expressam em contraponto ou em concordância com os interlocutores presentes na narrativa e, muitas vezes, têm também a função do pai ou do filho.

Para exemplificar a dinâmica presente nos diálogos que introduzem os *exempla*, tomemos o primeiro deles em *De timore Dei*:

> A respeito do temor a Deus, **o filósofo *Enoque***, **que foi reconhecido como *Idris* em língua árabe**, disse **a seu filho**: "Que o temor ao Senhor seja a tua moeda de troca, e o lucro chegará para ti sem dificuldades."
>
> **Outro filósofo** disse: "Aquele que teme a Deus, todas as coisas o temem; já aquele que, na verdade, não teme a Deus, teme todas as coisas."
>
> **Outro filósofo** disse: "Aquele que teme a Deus, acolhe Deus; Aquele que acolhe Deus, obedece a Deus."
>
> Por sua vez, **um árabe**: "Desobediente és tu para com Deus, e finges, contudo, que O amas, é inacreditável! Se de fato amasses verdadeiramente, obedecerias a Ele. Aquele que ama, afinal, obedece."[16] *(De timore Dei. Disciplina Clericalis)*

[16] Do original: *De timore Dei. Enoch philosophus, qui lingua arabica cognominatur Edric, dixit filio suo: Timor Domini sit negotiatio tua, et veniet tibi lucrum sine labore. Dixit alius philosophus: Qui timet Deum, omnia timent eum; qui vero non timet Deum, timet omnia. Dixit alius philosophus: Qui timet Deum, diligit Deum; qui diligit Deum, obedit Deo. Dixit Arabs in versu suo: Inobediens es Deo: simulas tamen te eum amare, et incredibile est;*

Como é possível perceber por esse trecho, Alfonso não prioriza a identidade do filósofo, ou do árabe, evidenciando, em vez disso, os dizeres de cada personagem, que, apesar de independentes, se complementam. Aqui se percebe mais de uma voz de sabedoria (diferente da poesia didática, "monopolizada" pela voz do *magister* instrutivo.) É possível perceber, ainda, que Alfonso evidencia um personagem como um argumento de autoridade, o filósofo Enoque que, por ser um patriarca bíblico, é conhecido e respeitado pelo povo. O fato de o autor registrar o codinome árabe de Enoque, Idris, um importante profeta do Islão, com presença no Alcorão, nos indica que, nessa narrativa, Pedro Alfonso faz questão de identificar os liames entre a religião cristã e a árabe. Essa abertura para dar a conhecer algo em comum entre ambas as religiões parece ser parte dos objetivos do autor, qual seja, o de promover a união das culturas e o de reconhecer valor e autenticidade aos ensinamentos estrangeiros. É interessante perceber, em vista disso, que, no diálogo, o uso e o significado da palavra Deus não estão subordinados à cultura ou origem de quem O invoca, seja proferida por um filósofo de primeira grandeza, como Enoque, por um "simples filósofo" ou por "um árabe". Pedro Alfonso, como artifício persuasivo, utiliza de diversos personagens históricos (grandes generais, reis notáveis, filósofos consagrados, patriarcas e profetas) como argumentos de autoridade, por meio dos quais garantia credibilidade a seus ensinamentos.

Na tabela abaixo, apresento a relação dessas importantes figuras, evocadas como sujeitos dos diálogos alfonsinos:

Tabela 2: Contagem das figuras históricas mencionadas nos *exempla* do *Disciplina Clericalis.*

Figura histórica mencionada	**Número de *exempla* com menções**	***Exempla* correspondente**
Salomão	5	*Exemplum de voce bubonis (2 vezes); Exemplum de puteo; Exemplum de aureo serpente* e *De timore Dei II.*

si enim vere amares, obedires ei. Nam qui amat, obedit. (Tradução minha).

Alexandre	3	*De vera nobilitate; De rege bono et malo; Exemplum de aurea Alexandri sepultura.*
Sócrates	3	*De ypocrisi; De mendacio; Exemplum de Socrate et rege.*
Aristóteles	2	*De vera nobilitate; De rege bono et malo.*
Abraão	1	*De modo comendi.*
Balaão/Luqman	1	*rmica. De gallo. De cane.*
Enoque/Idris	1	*De timore Dei.*
Jó	1	*plum de Maimundo servo.*
Moisés	1	*Exemplum de regii incisoris discipulo Nedui nomine.*
Platão	1	*Exemplum de Mariano.*

Para compreender a utilização de argumentos de autoridade, é necessário elucidar que, apesar de Alfonso nomear personagens históricos para dar voz aos interlocutores de seu discurso, tais situações dialógicas são criações literárias, que cumpriam um papel didático nas narrativas exemplares. A presença de Alexandre, por exemplo, está sempre relacionada, nos diálogos da obra, às cartas de Aristóteles, o que garante a verossimilhança da obra, mas as epístolas mencionadas não necessariamente existiram de fato:

> (...) E o pai disse: "**Segundo lembrou Aristóteles em sua carta para o rei**
>
> **Alexandre**: quando este perguntou ao primeiro quem dentre os homens ele deveria eleger como seu conselheiro, Aristóteles respondeu na carta: **Aceita aquele que seja instruído nas sete artes liberais, instruído nos sete cuidados e também conhecedor das sete virtudes. Eu, de minha parte, tenho para mim que essa honradez é perfeita."** *(De vera nobilitate, Disciplina Clericalis)*[17]

Certamente que, nesse *exemplum*, Alfonso queria reforçar a importância que ele próprio dava às "sete artes liberais" (*septem liberalibus artibus*), "sete cuidados" *(industriis septem*) e "sete virtudes" (*septem probitatibus*) considerando-os como primordiais na formação educacional do homem honrado. Isso é um dos modelos ao qual podemos recorrer, no *Disciplina Clericalis*, para reforçar a intencionalidade da obra, tanto a da instrução pessoal quanto a da social em prol de uma competência ideal. Aristóteles, tomado como modelo de sabedoria e prudência, angaria para a passagem do texto a *auctoritas* necessária, visto que o ateniense era um filósofo conhecido e prestigiado também na era medieval. É de se esperar, portanto, que os argumentos de autoridade tenham corroborado a função didática da obra e atingido um interesse por parte do leitor, que, por ser douto, conhecia a tradição helênica. Nesse sentido, o mesmo leitor, portanto, reconheceria os *exempla* que seguem o modelo das fábulas de Esopo, onde ganham voz os animais, os camponeses ingênuos e as raposas astutas, como em *Exemplum De mulo et vulpe* ou em *Exemplum de homine et serpente.*

2.3.1 O Salomão dos *exempla*

A autoridade mais citada nos *exempla* de Alfonso (cinco menções) é o Rei Salomão, intimamente relacionado à tradição bíblica. Sua presença nas narrativas que analisaremos a seguir está diretamente relacionada às passagens bíblicas, sendo a presença do Salomão alfonsiano, contudo, meramente referência direta ao texto sagrado, e não um personagem que exerce influência direta na história em questão.

Os livros aos quais Salomão é relacionado são o *Livro da Sabedoria* (ou *Livro de Provérbios*), como, por vezes, é referenciado na tradição latina, e o *Eclesiastes*, atribuído ao rei. Por essas citações e pela presença constante do rei de Jerusalém nos *exempla* do *Disciplina Clericalis*, faz-se relevante apontar que a tradição acerca desse primeiro Livro já estava consolidada no

---

[17] Do original: *Et pater: Ut, inquit, Aristotiles in epistola sua quam Alexandro regi composuit, meminit: qui cum ab eo quaereret quem sibi ex hominibus consilarum faceret, taliter per epistolam respondit: Accipe, ait, talem qui septem liberalibus artibus sit instructus, industriis septem eruditus, septem etiam probitatibus edoctus, et ego hanc aestimo perfectam esse nobilitatem.* (Tradução minha).

século XII e, supomos, por essa ocorrência significativa de Salomão, que era um texto reconhecível e de ampla popularidade. O *Livro da Sabedoria* foi, afinal, desde o século II, utilizado pelos Padres, mesmo que alguns, como Jerônimo, defendessem certas oposições quanto à sua adoção (VIDIGAL*, Bíblia de Jerusalém*, 2022, p. 1103).

Entre os temas abordados nos livros bíblicos supracitados, Alfonso escolheu representar a sabedoria de Salomão por dois temas principais: as mulheres e o temor a Deus, sendo que quatro das cinco menções ao rei são direcionadas aos ensinamentos sobre as mulheres, enquanto uma única ao temor. O trecho a seguir compete ao primeiro dos *exempla* nos quais Salomão é citado, *De voce bubonis* ("Da voz da coruja"). A narrativa conta uma história simples. Trata-se de dois discípulos que, saindo dos limites da cidade, ouvem uma voz de mulher cantando docemente, pela qual seriam seduzidos, não fosse um dos protagonistas insistir para que saíssem dali e não seguissem a voz. Eles passam, então, a discutir sobre o perigo do canto doce, que é um presságio de morte, qual o canto de uma coruja. Em resposta à história, outro mestre e seu discípulo têm o seguinte diálogo:

> (...) Um discípulo disse a seu mestre: "Li nos livros dos filósofos, que eles instruem os homens a se protegerem da índole das mulheres perversas. **E Salomão, em seus provérbios, aconselha a mesma coisa**. Então se tu, mestre, sabes de cor algum caso, seja em fábulas ou em provérbios, sobre essa índole perversa, eu gostaria que me ensinasses por uma história."
>
> O mestre respondeu: "Contarei com prazer. Mas se os leitores de espírito ingênuo não virem que os nossos versos, os que escrevemos sobre as artimanhas das mulheres, são para a censura delas e a instrução de todos, temo que eles acreditem que a má índole em nós se manifesta a partir das mulheres; temo que acreditem que algumas delas, obviamente as com maridos desinformados, tragam seus amantes e que, abraçando-os, se beijem apaixonadamente, e satisfaçam o que a própria luxúria quer deles."
>
> Ouvindo isso, o discípulo disse: "**Não temas isso, mestre, pois Salomão, no livro dos provérbios, e muitos outros sábios, escreveram sobre as tais índoles perversas das mulheres para corrigi-las, por isso mereceram, não culpa, mas elogios.** Tu, escrevendo sobre elas, e para a nossa utilidade, serás da mesma forma merecedor, não de censura, mas de uma coroa. E por isso, conta tu, sem hesitar, o que pedimos." (*De Voce Bubonis Disciplina Clericalis*).[18]

Nesse *exemplum* temos duas menções a Salomão, ambas feitas pelo discípulo a seu mestre, o

[18] Do original: *Dixit quidam discipulus magistro suo: Legi in libris philosophorum quibus praecipiunt ut ab ingenio feminae perversae custodiat se homo. Et Salomon in proverbiis hoc idem admonet. Sed tu si super ingenio illius sive de fabulis sive de proverbiis aliquid memoriter tenes, vellem renarrando me instrueres. Magister: Faciam, inquit, tui causa libenter. Sed vereor ne si qui nostra simplici animo legentes carmina quae de mulierum artibus ad earum correptionem et tuam et aliorum instructionem scribimus viderint, videlicet quomodo quaedam earum nescientibus viris suos advocent amasios et complectentes deosculentur advocatos et quae illarum expetat lascivia in ipsis expleant, earum nequitiam in nos redundare credant. Discipulus: Ne timeas hoc, magister, quia Salomon in libro proverbiorum et multi sapientes pravos earum corrigendo mores talia scripserunt nec culpam sed laudem inde promeruerunt. Tu similiter de illis scribens ad nostram utilitatem non vituperium, sed coronam promereberis. Et ob hoc rogata sine cunctatione demonstra.* (Tradução minha)

que pode indicar certa relevância dos textos de Salomão na educação cristã medieval, posto que o subordinado o evoca. O rei de Jerusalém, entretanto, é singularizado duas vezes pelo discípulo, comprovando a importância de seus ensinamentos que se destacam dentre os dos "livros dos filósofos" e dentre os de "muitos outros sábios".

O tema principal a ser abordado nesta narrativa é a índole perversa das mulheres, o que, para além de uma questão de gênero, diz respeito, principalmente, à libertinagem e a suposta "fraqueza" dos homens no trato com as mulheres. Escrever sobre elas, como o fez Salomão, é uma atitude louvável, segundo esse *exemplum*, principalmente para fins de divulgação. A conduta cristã daquela sociedade é o que está evidenciado pelas citações a Salomão, tomando-o como referência, possivelmente, por sua fama de ter tido 1000 mulheres (I, *Reis* 11:3). O contexto de escrita do livro de Salomão está, de certa forma, espelhado nos *exempla*, pelo fato de seus textos serem destinados ao seu filho (Vidigal *in* Bíblia de Jerusalém, 2022, p. 1020), enquanto o *exemplum* apresenta um diálogo entre mestre e discípulo, que, como comentamos nos capítulos anteriores, são personagens análogas a pais e filhos. O discípulo, em *De voce bubonis*, utiliza Salomão como um modelo, não apenas de sábio, mas de escritor, por seu registro da condição humana (das mulheres) como forma de instruir uma sociedade. Ele insiste ao mestre que narre histórias sobre os perigos da tentação sexual, o que, de certa forma, garante um jogo de escrita feito pelo próprio Alfonso, uma vez que ele esteja, justamente, registrando histórias para o mesmo fim.

A inquietação demonstrada pelo discípulo nesse *exemplum* inicia uma sequência de histórias focadas nas artimanhas atribuídas ao sexo feminino, sendo elas: *De voce bubonis, De vindemiatore, De lintheo, De gladio, De canicula lacrimante* e *De puteo.* As menções a Salomão são feitas no primeiro deles, *De voce bubonis*, e nos dois últimos, *De canicula lacrimante* (*exemplum* central de capítulos posteriores deste trabalho) e *De puteo*. Neste último, uma mulher é trancada fora de casa pelo marido, após ela se encontrar com um amante. Como o cônjuge não permitisse a entrada da esposa, ela simulou um suicídio ao lançar uma pedra em um poço, cujo estrondo fez o marido sair de casa para socorrê-la, ao passo que ela se esgueirava para dentro de casa e o trancava do lado de fora.

A menção a Salomão, como no *exemplum De uoce bubonis*, não faz parte da narrativa, sendo o rei evocado no diálogo entre mestre e discípulo que segue a história:

> O discípulo disse: "Não há ninguém que pode se proteger da índole das mulheres, a não ser que esteja abençoado por Deus, e essa história é uma grande exemplo para que eu não me case."

> O mestre respondeu: "Mas não deves crer que todas as mulheres são como essas, pois há inúmeras mulheres que guardam uma grande castidade e extrema bondade; saibas que em uma boa mulher podes descobrir uma ótima companhia, e uma boa mulher é uma fiel guardiã da casa. **Salomão, no final do seu livro de provérbios[19], compôs vinte e dois versos sobre o valor e a bondade das boas mulheres.**"
>
> O discípulo: "Como me confortaste bem! Mas já ouviste falar de alguma mulher que usou das suas artimanhas para fazer o bem?" O mestre disse que sim. "Conta-me essa história! Me parece que é extraordinária!" Pediu o discípulo; e o mestre contou (...)[20] (*De puteo. Disciplina Clericalis*)

Salomão, novamente, é citado como referência no assunto das mulheres, desta vez mencionado pelo mestre. Com o intuito de acalmar o discípulo, seu mestre se utiliza de Salomão para argumentar que até o rei, que registrou para a posteridade as características de uma mulher má, também reconhecia que a bondade estava presente no gênero. As "artimanhas", portanto, pendem tanto para o bem quanto para o mal, segundo Salomão, o que confere certa sagacidade por parte do sexo feminino.

No próximo *exemplum, De aureo serpente*, Um homem rico perde um saco de moedas de ouro e promete uma recompensa a quem encontrá-lo. Um homem pobre, por sua vez, encontra o saco, e insiste em devolvê-lo, ao passo que sua esposa insiste no contrário. O pobre, ignorando a sugestão da mulher, retorna o saco de moedas ao dono, mas este, para não fornecer a recompensa que prometera, alega que seu tesouro não está completo, e que o pobre teria roubado uma serpente de ouro que estava junto das moedas. Ambos os homens são levados ao julgamento do rei. Um filósofo, entretanto, se compadece do pobre e o salva da punição, sendo este *exemplum*, portanto, acerca do poder da filosofia, e não das mulheres. Apesar disso, o discípulo, no fim da história, comenta: "Este parece ser o poder da filosofia, e por este exemplo, não é de se admirar o que **Salomão** concluiu sobre as duas mulheres."[21] (*De aureo serpente. Disciplina Clericalis.*)

Esta menção a Salomão cumpre um papel de concluir a sequência proposta à temática das mulheres, mesmo que o assunto deste *exemplum* tenha divergido do assunto principal. Nesta narrativa, como mencionado, a mulher aparece apenas em segundo plano. O discípulo, por sua vez, enaltece a filosofia evocando novamente Salomão acerca de *exempla* precedentes, por isso

---

[19] Bíblia de Jerusalém (31, 10-31).

[20] Do original: *Discipulus: Nemo est qui se a mulieris ingenio custodire possit, nisi quem Deus custodierit, et haec talis narratio, ne ducam uxorem, est magna dehortatio. Magister: Non debes credere omnes mulieres esse tales, quoniam magna castitas atque magna bonitas in multis reperitur mulieribus, et scias in bona muliere bonam societatem reperiri posse, bonaque mulier fidelis custos est et bona domus. Salomon in fine libri proverbiorum suorum composuit viginti duos versus de laude atque bonitate mulieris bonae. Discipulus ad haec: Bene me confortasti! Sed audisti tamen aliquam mulierem quae sui sensus ingenium niteretur mittere in bonum? Magister ait: Audivi. Discipulus: Refer mihi de illa, quia videtur mihi res nova! Magister…* (Tradução minha).

[21] Do original: *Discipulus: Apparet hoc esse ingenium philosophiae, et hoc exemplo non est mirum quod de duabus mulieribus Salomon iudicavit.* (Tradução minha).

a conclusão e a menção a "duas mulheres". Salomão, portanto, foi escolhido por Pedro Alfonso para esse longo seguimento temático, e não torna a citá-lo até o último *exemplum* da coletânea, *De timore Dei II*:

> A respeito do temor a Deus, outro eremita dizia: "Temei a Deus, pois o temor ao Senhor é a chave de tudo o que é bom, e é o que conduz à cobiçada glória. **Salomão, em *Eclesiastes*, falou sobre isso**. Escutemos todos juntos o fim desses dizeres: Teme a Deus e observa o que ele manda: isto vale para cada uma das pessoas. Quando todas elas tiverem feito isso, Deus levará a julgamento os erros de cada uma, seja boa ou má."[22] (*Disciplina Clericalis, De timore Dei II*).

Novamente, Salomão não é personagem do texto, mas cumpre com sua função dentro da obra *Disciplina Clericalis,* a de ser uma *auctoritas* que garante credibilidade ao tema em questão. Por ser o último *exemplum* antes do epílogo, é significativo que Salomão tenha sido escolhido para reforçar o argumento acerca do temor a Deus. Isso sugere uma conclusão para os argumentos de autoridade, não deste *exemplum* apenas, mas do livro como um todo. A presença de Salmão, portanto, se estende desde o começo até o final da obra, o que fortalece a ideia de que era conhecido e amplamente divulgado no contexto de Pedro Alfonso.

2.3.2 O Alexandre dos *exempla*

Outro rei citado nos *exempla* de Pedro Alfonso (três menções), é o rei Alexandre. Dissociado da tradição cristã, o rei é mencionado, no *Disciplina Clericalis*, associado a Aristóteles, na maioria das ocorrências. Tal associação evidencia o conhecimento que se tinha no Medievo da história dessas duas figuras verídicas que mantinham uma relação de mestre e discípulo. Como Salomão, a presença de Alexandre faz-se de maneira indireta, por meio de menções, dentro de diálogos entre pai e filho. Novamente, um diálogo situado no Medievo lança mão de uma figura histórica relevante, o rei da Macedônia Alexandre, de cuja proveniência do mundo pagão a Europa medieval cristã se valeu para consolidar seus próprios valores e fortalecer uma identidade cultural, acima de tudo, europeia.

As cartas mencionadas por Pedro Alfonso entre Aristóteles e Alexandre eram ficcionais, mas verossímeis, uma vez que era do conhecimento do público letrado no Medievo existir tais correspondências. Assim, Pedro Alfonso as refere em suas narrativas:

---

[22] Do original: *De timore Dei. Alius: Timete Deum, quia timor Domini clavis est ad omne bonum et ad percipiendam gloriam conductum. De quo Salomon in Ecclesiaste ait: Finem loquendi omnes pariter audiamus: Deum time et mandata eius observa; hoc est enim omnis homo. Et cuncta quae fiunt, adducet Deus in iudicium pro omni errato, sive bonum sive malum sit.* (Tradução minha)

> O filho: "Explica para mim, meu querido pai, a verdadeira definição de honra."
>
> E o pai: "Segundo lembrou Aristóteles em sua carta para o rei Alexandre, quando este perguntou ao primeiro quem dentre os homens ele deveria eleger como seu conselheiro, Aristóteles respondeu na carta: Aceita aquele que seja instruído nas sete artes liberais, instruído nos sete cuidados e também conhecedor das sete virtudes. Eu, de minha parte, tenho para mim que essa honradez é perfeita."
>
> O filho disse: "Eu tenho para mim que essa honradez não cabe na nossa era, vejo na verdade que a honra existe toda em função do ouro e da prata[23] (...) (*Disciplina Clericalis*, *De vera nobilitate*)

Como comentamos em capítulos precedentes, a definição de honra (*nobilitas*) para Pedro Alfonso está intrínseca à sua realidade cristã medieval. Ao delegar a Aristóteles e a Alexandre a discussão acerca dos valores estimados pela honradez do homem, Alfonso procura garantir, acima de tudo, a verossimilhança, para que o leitor douto relacionasse esses personagens da cultura europeia antiga à sua própria. O mesmo acontece no trecho a seguir, *De rege bono et malo*:

> **A respeito de o que é ser um bom e um mau rei**, outro filósofo disse: "Toma cuidado com o rei que é feroz feito um leão, mas de espírito leve feito um menino."
>
> Outro filósofo: "Aquele que maldiz o rei, será morto antes do seu tempo."
>
> Outro filósofo: "Deus tolera por muito tempo o reinado de um rei que peca na intimidade, mas é bondoso e gentil com o povo, do que o de um rei que é justo consigo mesmo, mas é mau e cruel com o povo."
>
> Outro: **Aristóteles, em sua carta, ensinou ao rei Alexandre o seguinte**: "É melhor reinar com poucas pessoas e em paz do que juntar um grande exército com muitas pessoas." Disse ainda: "Sejas justo e correto entre os homens, e eles te amarão; não te apresses em retribuir um bem ou um mal, pois assim, o amigo te esperará por muito tempo, e o inimigo te temerá por muito tempo."[24] (*De rege bono et malo. Disciplina Clericalis*)

Como o título explicita, o filósofo aconselha o rei a não ser demasiado ambicioso, a ser justo e correto e ter parcimônia, características de um bom rei. Aristóteles e Alexandre cumprem um papel importante para a mensagem que Pedro Alfonso quer transmitir. Afinal, Alexandre está

---

[23] Do original: *Ad quod filius: Edissere mihi, pater karissime, veram nobilitatis deffinitionem. Et pater: Ut, inquit, Aristotiles in epistola sua quam Alexandro regi composuit, meminit: qui cum ab eo quaereret quem sibi ex hominibus consilarum faceret, taliter per epistolam respondit: Accipe, ait, talem qui septem liberalibus artibus sit instructus, industriis septem eruditus, septem etiam probitatibus edoctus, et ego hanc aestimo perfectam esse nobilitatem. – Et filius: Haec nobilitas in tempore meo non contingit, immo auri et argenti tota est quam video nobilitas (...)* (Tradução minha).

[24] Do original: *De rege bono et malo. Alius philosophus ait: Custodi te a rege qui ferus est ut leo, et cui levis est animus ut puero. Alius: Qui malum dicit de rege, ante tempus suum morietur. Alius: Diutius patitur Deus regnum regis in sua persona peccantis, si bonus sit gentibus et mitis, quam faceret in sua persona iusto regi, si malus esset gentibus et crudelis. – Aristotiles in epistola sua castigavit regem Alexandrum ita dicens: Melius est cum paucis pace tuos regere quam magnam militiam tenere. – Item: Tene rectam iustitiam inter homines, et diligent te; nec properes ulli reddere mutuum boni vel mali, quia diutius expectabit te amicus et diutius timebit te inimicus.* (Tradução minha)

colocado, também, como um exemplo de discípulo, enquanto Aristóteles cumpre o papel de seu mestre. A relação entre ambos, portanto, é incentivada, como uma analogia à Educação do homem, ou seja, mesmo um rei que apresenta atributos louváveis, como coragem, força e poder político, depende de um ensinamento de um mestre. A filosofia, portanto, está aqui colocada como arte fundamental para a boa conduta. A última referência a Alexandre está no *exemplum De aureo sepultura Alexandri.* A discussão central do trecho está na morte e sua soberania sobre o ser humano, mesmo que este seja um poderoso, como Alexandre, ou qualquer outro rei. A lembrança da condição humana é reforçada a todo momento. As riquezas de Alexandre e todas as suas conquistas parecem ser deixadas no túmulo, e um grupo de 32 filósofos proferem passagens acerca da dualidade vida e morte, sobre a figura do finado rei.

> Dizem que a sepultura de Alexandre foi feita em ouro e depositada em um cômodo para o acesso de todos. Muitos filósofos se reuniram lá, e um deles disse:
>
> "Alexandre fez do ouro um tesouro. Agora, pelo contrário, o ouro fez dele um tesouro."
>
> Outro filósofo: "Ontem, todo o mundo não era suficiente para ele. Hoje, quatro palmos de um chão vazio são suficientes para ele.
>
> (...)
>
> Mas relembrar as coisas que trinta e dois filósofos disseram sobre o poderosíssimo rei Alexandre, seria muito para a memória. [25](*De aureo Alexandri sepultura. Disciplina Clericalis*)

Para completar essa breve análise acerca das personalidades escolhidas por Pedro Alfonso para transmitir seus ensinamentos, vejamos, a seguir, como Sócrates é apresentado no *Disciplina Clericalis*.

2.3.3 O Sócrates dos *exempla*

Da mesma forma que Aristóteles aparece, em alguns *exempla*, outro filósofo de prestígio é evocado por Pedro Alfonso. Trata-se de Sócrates, cujo *ethos* de pensador em busca da verdade lhe garante, na obra, um *status* intelectual análogo à condição do sábio medieval. Tal reputação serviu, então, a Pedro Alfonso, para argumentar em favor das ideologias cristãs, as quais, por meio da literatura, da fé e da instrução, haveriam de ser constantemente reiteradas. Em vista disso, o público ao qual a obra foi destinada já reconhecia, em Sócrates, uma voz dotada de

---

[25] Do original: *Item dictum est de Alexandro quod sepultura eius foret aurea et in pervio omnibus atrio posita. Ad quam plurimi convenerunt philosophi, de quibus unus ait: Alexander ex auro fecit thesaurum: nunc e converso aurum de eo facit thesaurum. Alius: Heri totus non sufficiebat ei mundus: hodie quatuor solae sufficiunt ei ulnae. (...) Sed de triginta duobus philosophis circumstantibus quid quisque de potentissimo rege dixerit, memoriae longum est reducere.* (Tradução minha)

razão, um respeito inerente à propagação da tradição filosófica ateniense.

Essa estratégia de unir razão e fé, na figura de homens respeitáveis, com bagagem cultural proveniente da cultura greco-romana, parece seguir a onda do movimento da harmonística medieval, em que tradição e novidade devem se completar, não se rechaçar. No caso do Sócrates da narrativa exemplar de Pedro Alfonso, ele continua sendo o personagem referido por Platão, mas sua adaptação ao modelo da narrativa exemplar coloca-o como mestre ateniense, utilizando-se não do método tradicional da maiêutica clássica, mas de um método de questionamentos e de reflexões diluído no diálogo entre mestre e discípulo. Apesar de não haver uma única ocorrência de perguntas ou questionamentos diretos, por parte do mestre, os discípulos o fazem diante da complexidade das proposições apresentadas. Vejamos, primeiramente, a seguinte passagem, o pequeno diálogo *De hypocrisi.*

> **A respeito da hipocrisia**, Sócrates disse para seus discípulos: "Atentai-vos para que não sejais igualmente obedientes e desobedientes para com Deus."
>
> Eles disseram: "Explica-nos o que dizes."
>
> O primeiro replicou: "Abandonai a hipocrisia! Pois hipocrisia é alguém fingir obedecer a Deus para os olhos da sociedade, quando em verdade oculta ser desobediente."
>
> Disse-lhe um de seus discípulos: "E não há outro tipo de hipocrisia que deva ser evitada pelo ser humano?"
>
> Sócrates respondeu: "Existe o ser humano que, seja em público ou no privado, ostenta a sua obediência a Deus, com a intenção de que seja tido como santo pelas pessoas, e que, por esse motivo, seja o mais honrado entre elas. Existe outro tipo de ser humano mais sutil nisso, que descarta essa hipocrisia para se submeter a uma maior: Jejua, dá esmolas, e quando é perguntado se de fato continuará a fazê-lo, responde: 'Deus sabe!', ou até mesmo: 'Não', para ser tido em maior reverência, reconhecido por não ser hipócrita, já que ele supostamente não quer que o seu feito seja divulgado entre as pessoas. Estou convencido de haver poucos que não participem de alguma maneira desse tipo de hipocrisia.[26] (...) (*De hypocrisi. Disciplina Clericalis*)

É recorrente o uso do vocábulo "Deus", com letra maiúscula, além de práticas da doutrina cristã que eram incentivadas (jejuar, dar esmolas). A própria retórica utilizada pelo Sócrates do *Disciplina Clericalis* alude ao leitor o discurso solene de uma pregação religiosa, em termos como "Deus sabe!" (*Deus scit*), os quais, mesmo no século XXI, ainda estão presentes nas

---

[26] Do original: *De ypocrisi. Dixit Socrates discipulis suis: Videte ne sitis Deo obedientes et inobedientes in eodem. Dicunt ei: Enuclea nobis quod dicis. Qui ait: Dimittite ypocrisim! Est enim ypocrisis coram hominibus simulare se obedire Deo, in occulto vero inobedientem esse. Dicit ei unus ex discipulis: Estne aliud genus ypocrisis, unde homini cavendum sit? Dicit Socrates: Est homo qui in aperto et in occulto obedire se Deo ostendit, ut sanctus ab hominibus habeatur [p. 3] et ab eis ideo plus honoretur. Est alius isto subtilior, qui hanc relinquit ypocrisim, ut maiori deserviat: Cum enim ieiunat vel elemosinam facit et ab eo quaeritur si fecerit, respondet: Deus scit! vel: non, ut in maiori reverentia habeatur et dicatur quia ypocrita non est qui hominibus factum suum nolit propalari. Credo etiam paucos esse qui aliquo huius ypocrisis genere non participent.* (Tradução minha)

culturas judaico-cristãs, por vezes até mesmo esvaziadas de conteúdo religioso, como um vício de linguagem ou expressão corriqueira.

A hipocrisia, porém, é um tema que não foge à tradição acerca da vida de Sócrates em Platão. Em diálogos como *Críton*, por exemplo, esse tema está presente de maneira a ilustrar uma suposta "doutrina" socrática em Atenas, a qual, segundo o exemplo do Sócrates platônico, se afastava da hipocrisia. Em *Críton*, o personagem homônimo incentiva Sócrates a escapar da prisão[27], e o filósofo aponta que o temor à morte seria uma hipocrisia, pois o temor inferiria conhecer aquilo a que se teme, e o ser humano não conhece a morte o suficiente para temê-la.[28] Apesar da temática estar presente em Platão, o Sócrates do *Disciplina Clericalis*, porém, parece ter sido adaptado à realidade cristã do século XII, posto que, como dissemos anteriormente, ele era um referencial de sábio, e os assuntos por ele tratados eram credibilizados por estarem relacionados à sua fala. O mesmo acontece no seguinte diálogo, *De mendacio*:

> **(...) Sócrates disse: "Assim como o homem mentiroso não é bem-vindo na comitiva de um nobre, ele também será privado do reino dos céus."**
>
> Um filósofo disse a seu filho: "Tenha como mentiroso aquele que diz vingar o mal com o mal, pois assim como fogo não destrói fogo, o mal não cede ao mal. Mas feito a água que extingue o fogo, o bem destrói qualquer mal."
>
> (...) Um árabe disse a seu filho: "Se veres qualquer um que esteja oprimido pelos seus malfeitos, não te intrometas, pois quem desata alguém que foi amarrado, será acometido pela ruína."[29] (*De mendacio. Disciplina Clericalis*)

Em Platão, n'*A República,* o tema da mentira também é abordado, e de maneira complexa. Segundo Sócrates, nesse diálogo, a mentira tem variadas formas, conteúdos e efeitos, sendo que o filósofo diferencia a falsidade da mentira e singulariza, em cada uma delas, diversas especificidades, como sua proveniência da razão ou do discurso, sua ontologia real ou imitativa, sua forma de crença ou mentira, e seus efeitos, nem sempre negativos ou nocivos. O Sócrates do *Disciplina Clericalis*, porém, é certeiro com relação à mentira, seguindo um direcionamento cristão que a condena sempre, apresentando, como consequência da mentira, o impedimento da entrada no "reino dos céus". Alfonso, novamente, utilizou da reputação do filósofo ateniense para

---

[27] (44b3c).
[28] (52c, 37b3c, 40b341c, 42).

[29] Do original: *Socrates: Sicut homo mendax in principis comitatu non convenit, sic a regno caelorum excludendus erit. Quidam philosophus dixit filio suo: Dic esse mentitum, qui malum dicit malo vincendum, quia sicut ignem ignis non perimit, sic malum malo non cedit. Ut igitur ignem aqua extinguit, sic bono malum quilibet destruit. (...) Dixit Arabicus filio suo: Si quemlibet videris malis operibus praegravari, ne te intromittas, quia qui pendulum solverit, super illum ruina erit.* (Tradução minha)

instruir o seu público a seguir os preceitos cristãos, sem se atentar à verossimilhança, pois o que está evidenciado no *Disciplina* é a condição de sábio de Sócrates, mais que uma intenção biográfica. A tradição acerca da figura de um sábio também é ilustrada na narrativa a seguir:

> As tradições confirmam, sim, que Sócrates, evitando os conflitos do mundo e querendo levar uma vida selvagem, foi criar raízes em uma floresta. A habitação escolhida foi a metade de um barril, cuja base era colocada contra o vento na tempestade, e exposta ante as alegrias do sol.
>
> Os caçadores do rei passavam por ali e o viram catando piolhos, então começaram a encará-lo e ridicularizá-lo, virando o seu barril contra os agradáveis raios de sol. Com o semblante tranquilo, ele lhes disse:
>
> "Aquilo que não me destes, não podereis tomar de mim."
>
> Os caçadores se irritaram tanto com ele, que queriam expulsá-lo do seu lar e tirá-lo do caminho, para que pessoa tão desagradável não ofendesse os olhos do rei, que estava prestes a passar por ali. Eles não conseguiram, e então ameaçaram-no, dizendo:
>
> "Vai-te embora antes que eu te faça provar da tua insolência! O nosso rei e senhor passará por aqui com seus familiares, são pessoas importantes!"
>
> Encarando aqueles homens que latiam para ele, o filósofo respondeu:
>
> "O seu senhor não é o meu senhor, e sim o servo do meu servo (...)[30] " (*Exemplum de Socrate (" Diogene) et rege. Disciplina Clericalis)*.

A história narrada trata de uma fábula comum a diversos filósofos, não sendo exclusiva de Sócrates. Alguns manuscritos do *Disciplina Clericalis*, inclusive a edição consultada para a nossa tradução e análise, trazem no título do conto o nome de Diógenes, o Cínico, junto do de Sócrates, apontando a imprecisão das tradições que envolvem o arquétipo de um sábio/filósofo.

A presença, nesse *exemplum*, de um rei, e o fato de o monarca ter se impressionado com os argumentos de Sócrates, garantiram ao sábio mais credibilidade para o público-alvo, por aproximar a figura do rei e do sábio, equiparando-os a nível intelectual.

A afirmação final também contribui para a construção cristã daquele Sócrates: "Ele é um servo de Deus!" (*Servus Dei est!*). Esta passagem parece legitimar a filosofia quando em diálogo com a religião, a partir da qual é possível traçar um ideal de sábio na Idade Média como aquele que

[30] Do original: *Proverbialiter enim Socratem dicunt saeculares tumultus devitantem et agrestem vitam cupientem nemus incoluisse et tugurii loco dimidium inhabitasse dolium, cuius fundum vento opponebat et ymbri et quod erat apertum iocundo soli. Quem venatores regis inventum dum intuerentur et illuderent quoniam pediculos suffocantem, coeperunt avertere radiorum solis amenitatem. Quibus ille placido vultu ait: Quod mihi non datis, auferre mihi non praesumatis. Talibus irati eum de lare quo degebat expellere voluerunt et in devia abducere, ne praetereuntis oculos domini tam vilis persona offenderet. Quod non valentes minati sunt ei dicentes: Vade ne quid mali ex protervitatis studio tibi contingat, quia rex noster et dominus cum familiaribus suis et primatibus est hac parte transiturus. Illos autem in se latrantes philosophus intuens: Non est, inquit, vester dominus meus dominus, sed potius mei est servi servus.* (Tradução minha).

reflete acerca das condições humanas sempre em função do divino.

É possível apontarmos algumas características presentes na representação de Sócrates no *Disciplina Clericalis*: é um pensador certeiro e afirmativo, que não lança mão do método tradicional socrático da maiêutica, em que as perguntas ou os questionamentos são o elemento principal do texto. No entanto, o esclarecimento da verdade cristã se dá também por meio do diálogo e da conclusão racional. É evidente, além disso, que esse Sócrates carrega consigo um monoteísmo cristão latente e inerente à ideia do sábio medieval, o que nos mostra que sua presença na obra cumpre a função de legitimar os ensinamentos que Pedro Alfonso quisesse destacar. Pode-se dizer que a obra, *Disciplina Clericalis*, colaborou fortemente para a construção de uma identidade cristã e europeia, ancorada, por vezes, às suas raízes pagãs.

Vejamos, a seguir, como se deu a transmissão de narrativas no medievo a partir do *Gesta Romanorum* (Século XIV), para, em seguida, comparar as duas obras aqui singularizadas.

CAPÍTULO 3: *GESTA ROMANORUM*

3.1 A obra

Compilada no século XIV, o *Gesta Romanorum* é uma obra extensa e uma das mais lidas na baixa Idade Média, motivo pelo qual há diversos manuscritos do livro disponíveis hoje, sejam em inglês, alemão ou latim. (CRANE, 1911, p. 233).

Composta, tradicionalmente, por 181 *exempla*, seus temas e fontes são variados a ponto de dificultar uma origem certeira para todas as narrativas que ela apresenta. Não há, porém, essa necessidade. A obra se destaca justamente por sua vasta gama de tradições, o que, é claro, como foi exposto em capítulos anteriores, não dirime a função primordialmente cristã que ela ostentava. Trata-se, afinal, de uma coletânea de *exempla,* entre muitas, produzidas ao longo do medievo e utilizadas em benefício da verdade cristã que os sermões pregavam.

Quanto à compilação da obra, T. F. Crane (1911) afirma que "No geral, as evidências disponíveis (...) apontam para a conclusão de que o *Gesta* foi originalmente formado na Alemanha no início do século XIV." (CRANE, 1911, p. 233). As narrativas apresentadas pelo *Gesta Romanorum* são de uma riqueza temática bastante ampla, atendo-se, evidentemente, às problemáticas que competem à vida humana, tanto a nível social quanto pessoal, dentro do *ethos* cristão medieval. Comparado-as às do *Disciplina Clericalis*, o pensar filosófico parece ser, no *Gesta Romanorum*, menos subjetivo do que em Alfonso, e de uma clareza que fez-se necessária para firmar o interesse da sociedade pela tradição eclesiástica. Não afirmo se tratar de uma sociedade desinteressada, mas a multiplicidade cultural presente na baixa Idade Média parecia gerar a curiosidade da população pelo que lhe era novo.

Os *exempla* do *Gesta Romanorum,* na medida em que ecoam valores do mundo pré cristão, utilizam-se largamente de figuras de linguagem, como metáforas e analogias, para melhor ilustrar a mensagem a ser transmitida ao público católico, engendrando, na literatura, um ponto de encontro entre os interesses do público e os da Igreja. “O pensamento mítico popular ainda se fazia presente em cultos cristianizados e neles eram ecoados valores longínquos do mundo pré-cristão.” (CORREIO e CORREIO, 2018, p. 43). Esta era, portanto, a necessidade da atualização de narrativas latinas antigas dentro da moral cristã medieval. “Assim, as narrativas de grandes personalidades do antigo mundo pagão clássico, como Alexandre ou César, poderiam ser facilmente assimiladas e tomadas como exemplos morais pelo público cristão.” (CORREIO e CORREIO, 2018, p. 43). Como apontam Correio e Correio (2018), as personalidades do mundo antigo eram os personagens mais evidenciados nos *exempla* do *Gesta*

Romanorum, o que justifica o seu título, "Os feitos dos Romanos". Não é preciso, porém, uma leitura muito atenta da obra para percebermos rapidamente que a antiguidade lança mão de tais personalidades para simples contextualização, sendo que o romano evidenciado em cada uma das narrativas não contribui para o desenvolvimento da história em questão, como atesta o primeiro *exemplum* da coletânea, "Da estima" (*De dilectione*):

> Reinou Pompeu, muito rico e poderoso. Tinha uma única filha, lindíssima, a quem tão carinhosamente estimava que designou cinco soldados à sua custódia, para que a protegessem contra todos os perigos, sob pena severa. Armados, os soldados a protegiam por dias e noites, e colocavam uma lamparina ardente diante da porta do quarto para que ninguém se aproximasse da menina durante a noite, caso estivessem sonolentos ou distraídos. Também tinham um cãozinho bastante barulhento, cujos latidos pudessem mantê-los acordados...[31] (*De Dilectione, Gesta Romanorum*).

Não há, no decorrer deste *exemplum*, qualquer outra menção a Pompeu ou razão evidente para a sua presença. Sua função é genérica, nada bibliográfica, sendo que, se o autor escolhesse colocar "certo rei", como por vezes acontece em alguns *exempla* do *Gesta*, não haveria prejuízo para a narrativa, mas sim para a sua recepção. Citar Pompeu levava o ouvinte para um tempo-espaço distante, incitando-lhe a curiosidade e a imaginação.

Marchalonis (1974) confirma que, das 181 narrativas do *Gesta Romanorum*, 118 delas se iniciam com uma evocação à autoridade, seja ela um rei, imperador, ou figura histórica de renome. Embora essa autoridade possa ou não ser um personagem ativo do *exemplum*, há uma consistência no tocante à sua presença: o fato de ser um governante. "Se os contos são alegoria, e uma alegoria que pode ser descoberta por seus leitores ou ouvintes, é lógico esperar um significado consistente neste conjunto muito importante de símbolos" (Marchalonis, 1974, p. 312).

Esta estratégia retórica, que se encontrava com a função didática, levava o leitor a convencer-se dos valores que a narrativa se propunha a divulgar (NAUROSKI,, 2017). Os valores, porém, no *Gesta Romanorum*, se passíveis de interpretação do ouvinte, são destrinchados na sessão de *Moralizacio*(*-tio*), posposta a cada um dos respectivos *exempla*. Para o trecho comentado acima, por exemplo, *De dilectione*, temos a seguinte *moralizatio*:

---

[31] Do original: *Pompejus regnavit, dives valde et potens, qui filiam unicam palcherrimam habebat, quam ita tenerrime diligebat, quod pro ejus custodia quinque milites ei assignavit, ut contra omne periculum sub pena gravi eam custodirent. Milites vero diebus ac noctibus armati eam custodiebant, et ante ostium camere lampadem ardentem ordinabant, ne aliquis de nocte ad eam accederet ipsis dormientibus vel eis ignorantibus. Et quendam caniculum bene latrantem habebant, per cujus latratum excitari possent.* (Tradução minha)

> Moralização: Caríssimos, este imperador é o Pai celestial, que nos chamou da garganta do diabo por meio da paixão de Seu filho. Ele é o rei dos reis e o senhor dos senhores. Segundo Deuteronômio xxxii: "Ele não é, afinal, o teu Pai, que a ti possuiu, a ti fez e a ti criou?" A única filha é a alma racional, cuja custódia foi confiada a cinco soldados, isto é, os cinco sentidos, que estão armados pelas virtudes que o homem recebeu no batismo. Estes sentidos são a visão, a audição, *etc*., que existem para protegê-la contra o diabo, o mundo e a carne...[32]

Dentro de cada *moralizacio*, portanto, um narrador responsável por ministrar o sermão elucida a interpretação mais certeira da história que a antecede. Marchalonis (1974) faz um levantamento que indica a relação entre a presença de um governante nos *exempla* do *Gesta* e a analogia pela qual ele é descrito. Em 82 aplicações, o governante representa Deus, ou Cristo; em uma, ele é análogo à "alma humana" (X); em sete ele é "qualquer bom cristão" (XI, XVI, XLVII, LVI, LXV, CIII, CLXXVII); em quatro ele é "qualquer prelado cristão" (XVIII, CXXII, CXLVI, CLXXIV); em dois ele é um "homem de orgulho ou vaidade" (XLIV, LIX), e em cinco ele é identificado como o diabo (VI, XLIX, LXXXII, XCI). Evidentemente, a ligação entre um governante e o diabo cumpre a função de exemplificar um modo de vida, ou atitudes, condenáveis à moral cristã, comumente a soberba, a cobiça e o desejo carnal, contrastando com as "virtudes da compaixão e piedade, valores que marcam o pensamento cristão medieval" (NAUROSKI, 2017). Em concordância à razão das analogias, Kahrl (1965) também nota que os personagens genéricos *Gesta Romanorum* "fornecem exatamente o grau apropriado de abstração para uma alegorização bem-sucedida." (KAHRL, 1965, p. 109). Um excesso na descrição dos personagens, seria, de fato, contraproducente, tendo em vista a prioridade da Igreja medieval em sintetizar uma moral em uma anedota.

Era este um dos principais papeis da *moralizacio:* Deixar claro qual interpretação deveria ser seguida para aquela história. A curiosidade e imaginação incitadas ao público deveriam ser suficientemente regrada, por isso a necessidade de um "mediador", representado pela *moralizacio*: "(...) a necessidade de instruir levou um pequeno grupo, que estava consciente das possibilidades de alegoria e interpretação simbólica [do *Gesta Romanorum*], a usar histórias populares para seus próprios fins didáticos." (Marchalonis, 1974, p. 313).

3.2 A estrutura

[32] Do original: *[Moralisatio.] Carissimi, imperator iste est pater celestis, qui vocavit nos per passionem filii sui de fauce diaboli. Ipse est rex regum et dominus dominantium. Deuter. XXXII: Nunquid non ipse est pater tuus, qui possedit, fecit et creavit te? Filia unica est anima rationalis, que traditur quinque militibus i. e. quinque sensibus ad custodiendum, qui sunt armati per virtutes, quas homo in baptismo recepit. Isti sensus sunt visus, auditas etc., qui habent contra disbolum, mundum et carnem eam custodire.* (Tradução minha)

As narrativas exemplares do *Gesta Romanorum* são bastante simples, sem apresentar complexidade no tocante à narrativa. Considerando sua função dentro dos sermões, transmitidos oralmente, essa coleção de *exempla* não parece se ater a uma preocupação estética com a escrita, o que a literatura greco-romana tinha como fundamental. No entanto, "poder-se- ia argumentar que as anedotas seguem um modelo similar ao do gênero fábula, embora não utilize de animais com características humanas entre suas personagens." (OESTERLEY, 1872, p. 278).[33] Mesmo que haja, na obra, um enaltecimento da Razão por meio de argumentos e diálogos, a complexidade do *Gesta Romanorum* se detém à moralização, por vezes longa, maior que o próprio *exemplum*.

Quanto à extensão das narrativas, é variada. *Exempla* mais longos cumpriam com a função da verossimilhança preterida, uma estratégia que fez rebuscar, não na linguagem, mas nos detalhes da narração, a estrutura de uma contação de história, aproximando-se da noção moderna de "história":

> Sugiro mais uma vez que os *exempla* tradicionais, que existiam dentro de uma tradição literária, eram considerados verdadeiros. Daí surgiu um movimento em direção a um realismo cada vez maior dentro dessa forma. Por outro lado, os contos do *Gesta Romanorum* (...) não se conformam ao padrão tradicional. Os contos são consideravelmente mais longos, tratam de um grupo de personagens bastante diferente e dependem de seus enredos em motivos de contos folclóricos (...) As histórias avançam para uma conclusão adequada, mas não uma notável por seu impacto. Este tipo de conclusão é mais familiar em sua forma moderna: "e viveram felizes para sempre." (Kahrl, 1965 p. 109)

Por mais genéricos que possam ser as descrições dos personagens, é comum que eles tenham motivações grandiosas, como sugere Kahrl no trecho acima, ou, se não isso, mais chances de praticar ações, dialogar, movimentarem-se pelo espaço, como no trecho a seguir, do *exemplum "*Da avareza e sua sutil tentação" *(De avaritia et ejus subtili conamine).* Nele, há uma abundância de verbos de ação e de cenários:

> Ele guardou as três coisas no bolso, foi ao palácio e bateu à porta. Um zelador atende e pergunta o motivo das batidas. Abibas diz: "Estou preparado para correr com a menina". Ouvindo isso, a menina apareceu em uma janela; quando viu o homem, sentiu desprezo em seu coração e disse: "Olha que miserável o homem com quem devo correr!" Ela, porém, não podia recusar, e se preparou para a corrida. Os dois corriam lado a lado, até que a menina rapidamente correu uma grande distância na frente dele. Vendo isso, Abibas lançou a coroa de rosas diante dela. Quando a menina percebeu a coroa, ela se inclinou, pegou-a e colocou na cabeça. Ela tinha sido tão distraída pela coroa, que, quando percebeu, Abibas correu à sua frente..[34] (*De avaritia et ejus subtili*

[33] In: Correio e Correio, 2018, p. 49.

[34] Do original: *Hec tria ipse in sinu suo posuit, ad palacium perrexit, et pulsavit. Adest janitor et causam*

conamine. Gesta Romanorum).

Por mais que, quando comparado a outros textos do gênero, as narrativas do *Gesta Romanorum* sejam "consideravelmente mais longas", a extensão de seus *exempla* não é, porém, uma estrutura única dentro da obra. Também há ocorrências de narrativas bastante curtas, sem qualquer desenvolvimento de personagens (ou sequer personagens), como a seguinte história, reproduzida, a seguir, na íntegra, o *exemplum "*Da boa inspiração" (*De inspiratione bona)*: "Sêneca considera que, em corpos envenenados, devido à malícia e frigidez excessiva do veneno, nenhum verme será engendrado, mas se for fulminado por um raio, os vermes se proliferarão em poucos dias." [35]É possível perceber, portanto, diferentes estratégias de narração, utilizadas em contextos e fins distintos.

3.3 As autoridades nas narrativas exemplares do *Gesta Romanorum*

A verossimilhança, vale reiterar, era uma das principais estratégias para uma contação de história bem-sucedida, além de ser fundamental para a construção das analogias dentro da narrativa. Para a construção de um valor de verdade sólido dentro do imaginário cristão medieval, a utilização de autoridades típicas do contexto romano antigo era fundamental para unir os interesses do público e os da Igreja. Como citamos anteriormente, entretanto, os personagens históricos evocados são, na maioria das vezes, dispensáveis, a nível narrativo, sendo que sua presença é apenas contextualizadora, sem relevância para o desenvolvimento da narrativa, como é possível perceber pelo seguinte par de *exempla*:

> César governava. Ele estabeleceu uma lei na qual, se uma mulher fosse raptada e abusada por um homem, ele seria submetido a um julgamento da mulher, no qual ele devesse, ou morrer, ou conduzi-la em matrimônio sem dote. Aconteceu um caso em que uma certa pessoa raptou, em uma mesma noite, duas mulheres...[36] (*De justitia Judicantium, Gesta Romanorum*).

> Um certo imperador governava. Ele sancionou uma lei segundo a qual, se uma mulher

pulsacionis petebat. Qui ait: Paratus sum cum puella currere. Illa cam hoc audisset quandam fenestram aperuit, et cum eum vidisset in corde suo despexit et ait: Ecce quam reprobus est cum quo currere debeo! Tamen non poterat contradicere, ad currendum se preparavit. Ambo adinvicem currebant, cito puella ad magnam partem ante eum cucurrit. Abibas cum hoc vidisset, sertum rosarum ante eam projecit; viso serto puella inclinavit se et sertum levavit, et in capite posuit. Tantum in serto delectabatur et exspectabat, quod Abibas ante eam cucurrit. (Tradução minha)

[35] Do original: *Refert Seneca, quod in corporibus venenosis propter maliciam veneni et nimiam frigiditatem nullus vermis nascitur, sed si percussa fuerint fulmine, post paucos dies vermes producunt.* (Tradução minha)

[36] Do original: *Cesar regnavit, qui statuit pro lege, quod si quis mulierem raperet et vi eam opprimeret, in electione mulieris esset, utrum vir mori deberet vel eam sine dote in uxorem duceret. Accidit casus, quod quidam rapuit nocte una simul duas mulieres…* (Tradução minha)

> fosse adúltera a um homem, seria lançada do alto de uma montanha sem misericórdia. Aconteceu um caso em que uma certa mulher era adúltera ao seu homem e, imediatamente, segundo a lei, foi lançada do alto da montanha[37] (*Justo Judicium, Gesta Romanorum*)

Como os trechos acima indicam, a menção a um imperador (*Cesar*), contraposta a simplesmente "um certo imperador", não é de grande relevância para o desenrolar da história. Por mais que a narrativa se inicie com a presença de um governante, ele logo passa para um plano secundário, dando espaço para os acontecimentos da história em si, iniciados pela estrutura "Aconteceu um caso em que..." (*Accidit casus, quod…*).

Os sujeitos dos *exempla* do *Gesta Romanorum* são variados e abarcam diferentes eras da história de Roma, além de citar outros personagens relevantes para a cultura medieval. Em geral, esses sujeitos são representantes de culturas antigas, mas acontece algumas menções mais próximas ao medievo.

> "É verdade que no século XIV, se o *exemplum* ainda é muito vivo, os heróis e os personagens históricos novos são raramente incorporados. Do mesmo modo, os outros soberanos que aparecem nos *exempla*, se colocarmos à parte os soberanos antigos e os carolíngios, são os reis da Inglaterra Henrique II, Ricardo coração de Leão, Henrique III e Eduardo I, os imperadores Frederico Barba Roxa e Frederico II, mais discretamente Felipe de Souabe e Oto IV de Brusnwick." (Le Goff *apud.* Berlioz e Beaulieu, 2016, p. 60).

Para ilustrar a relação dessas importantes figuras, apresento, na tabela abaixo, aquelas que são evocadas como sujeitos dos 60 primeiros *exempla* do *Gesta Romanorum*:

Tabela 3: Contagem das figuras históricas mencionadas nos 60 primeiros *exempla* do *Gesta Romanorum.*

Figura histórica mencionada	**Número de *exempla* com menções**	***Exempla* correspondente**

[377] Do original: *Quidam imperator regnavit, qui statuit pro lege, quod si mulier sub viro adulterata esset, sine misericordia de alto monte precipitaretur. Accidit casus, quod quedam mulier sub viro suo erat adulterata, statim secundum legem de alto monte fuit precipitata…* (Tradução minha)

Valério Máximo	5	*De jactantia;* *De defectu caritatis*; *De laude recte judicantium;* *De fidelitate;* *De bonis rectoribus non mutandis*;
Alexandre	4	*De veneno peccati, quo quotidie nutrimur.* *De rigore mortis.* *De cursu vite hominis. De ponderacione vite*
Agostinho	3	*De timore mundano.* *De spirituali medicina.* *De avaritia et ejus subtili conamine.*
Julio César	2	*De reconciliatione dei et hominis.* *De septem peccatis mortalibus.*
Tito Lívio	2	*De misericordia et de cognatis subveniendis*.

Aristóteles	2	*De veneno peccati, quo quotidie nutrimur.*
Pompeu	2	*De dilectione*
Tibério	2	*De injustis exactoribus.* *De invidia.*
Conan	1	*De subtili diaboli illusione*.
Frederico II	1	*De regno celesti.*
Cosdras	1	*De victoria Christi et caritate ejus nimia.*
Diocleciano	1	*De invidia malorum adversum bonos.*
Dionísio	1	*De justa sequela malorum.*
Doroteu	1	*De honorandis parentibus.*
Fábio	1	*De fidelitate.*
Henrique II	1	*De cautela delendi peccata.*
Leão	1	*De vana gloria.*
Macróbio	1	*De modo temptationis et peritia.*
Plínio	1	*De mentis in celum erectione.*

Rosamunda	1	*De avaritia et ejus subtili conamine.*
Justino	1	*De dolo et conspiracione et cautela ipsis contraria.*
Sêneca	1	*De inspiratione bona.*
Vespasiano	1	*De oblivione.*

Abaixo, e a título de ilustração, apresento algumas informações sobre as três personalidades mais citadas nas narrativas do *Gesta Romanorum.*

3.3.1 *Valério Máximo*

A personalidade mais evocada ao longo do recorte proposto para o *Gesta Romanorum* é Valério Máximo (cinco menções), escritor romano que viveu entre os séculos I a.C. e I d.C., notável pela sua coleção de *exempla Factorum et dictorum memorabilium libri IX.*

Na maioria dos casos, sua função na história é a mesma de César e de Pompeu, nos *exempla* analisados anteriormente, ou seja, uma função introdutória e contextualizadora. Em todas as narrativas nas quais ele é mencionado, seu nome está ligado ao verbo "contar" (*Refert*), garantindo a verossimilhança das histórias de fato. Nesta primeira, a narrativa diz respeito aos lamentos de "um certo homem chamado Peratino":

> Valério conta que um certo homem chamado Peratino disse ao seu filho e a todos os seus vizinhos, chorando: "Ai! Ai de mim! Tenho em meu jardim uma árvore maldita, onde a minha primeira esposa se enforcou, e o mesmo aconteceu à segunda e também à terceira, e por isso sofro essa dor miserável." Um homem chamado Arrio disse: "Admira-me derramares lágrimas diante de tamanho sucesso. Dá-me, peço-te, três mudas dessa árvore, intento dividi-las entre os vizinhos, para que cada um tenha uma árvore onde suas esposas se enforquem." E assim foi feito. (*De jactancia, Gesta Romanorum*)[38]

A segunda aparição de Valério é a única, das cinco, em que o imperador tem uma voz ativa na história. Suas falas têm um caráter profético e sábio, que dizem respeito à história de Roma:

> Valério conta que viu, em Roma, quatro letras em uma coluna, cada uma escrita três

[38] Do original: *Refert Valerius, quod homo quidam nomine Peratinus flens dixit filio suo et omnibus vicinis suis: Hen, heu michi! habeo in orto meo arborem infelicem, qua uxor mea prima se suspendit, postmodum secunda, mode tercia, et ideo dolor est michi miserabilis. Ait unus, cui nomen Arrius: Miror, te in tantis successibus lacrimas emisisse. Da michi, rogo te, tres surculos illius arboris, quia intendo inter vicinos dividere, ut quilibet arborem habeat ad uxorem suam suspendendam. Et sic factum est.* (Tradução minha)

> vezes: três P P P, três S S S, três R R R e três F F F. Ao ver as letras, ele disse: "Ora, ora! Vejo confusão na cidade." Os governadores das províncias, ouvindo isso, disseram: "Mestre, diga-nos a sua concepção." E ele respondeu: "Tal é a disposição das letras: O Pai foi Perdido pela Pátria; a Sapiência é Sustida consigo; o Reinado de Roma está Ruído; Ferro, fogo e fome." E assim aconteceu.[39] (*De defectu caritatis*. *Gesta Romanorum*)

As três narrativas seguintes têm Valério como uma fonte para informações relacionadas a outros governantes, garantindo-lhe, de certa forma, uma posição de historiador, no sentido antigo da palavra. Quanto a esses outros governantes, contudo, o do primeiro trecho não apresenta, tampouco, relação com a narrativa em si:

> Valério conta que o cônsul Zelogus sancionou uma lei segundo a qual se alguém violasse uma virgem, teria ambos os olhos arrancados. Aconteceu que o filho do cônsul violou a única filha de uma certa viúva. Quando soube disso, a mãe, apresentando-se diante do cônsul, disse: "Ó senhor, quanto à lei que sancionastes, façais o implemento. Eis que o vosso único filho raptou e violou à força minha única filha." O rei, ouvindo isso, sentiu todas as suas vísceras remoídas, e concordou que os dois olhos do seu filho fossem arrancados..[40] (*De laude recte judicantium. Gesta Romanorum*).

Neste próximo trecho, o governante mencionado por Valério, Fábio, é o personagem da história:

> Valério conta que Fabius Maximus redimira os prisioneiros dos romanos por meio de uma proposta em dinheiro, e como o senado não quisesse concedê- lo, ele próprio vendeu o único terreno que possuía e quitou a quantia prometida, preferindo, por sua vez, privar-se do patrimônio a ter a própria honestidade destituída[41] (*De fidelitate. Gesta Romanorum*)

No último trecho, a história também diz respeito a outro governante, Dionísio, rei da Sicília, que, diferentemente do excerto acima, apresenta um papel mais ativo na anedota, dialogando com a personagem da velha:

> Valerio Maximus conta que, como todos os cidadãos de Siracusa quisessem a morte de

[39] Do original: *Refert enim Valerius, quod in Roma vidit in una columpna quatuor litteras, quarum quelibet ter scribebatur, tres P P P, tres SSS, tres R R R, tres F F F. Visis litteris dixit: Heu, heu! confusionem video civitati. Isti satrape hoc audientes dixerunt: Magister, dic conceptum tuum. At ille: Talis est exposicio litterarum: pater patrie perditur, sapiencia secum sustollitur, ruunt regna Rome ferro, flamma, fame. Et sic factum est.* (Tradução minha).

[40] Do original: *Refert Valerius, quod Zelongus consul edidit pro lege, quod, si quis virginem defloraret, utrumque oculum amitteret. Accidit, quod filius ejus filiam unicam cujusdam vidue defloravit. Mater hec audiens imperatori occurrens ait: O domine, legem quam fecistis, impleri faciatis. Ecce unicus filius vester unicam filiam meam rapuit et vi oppressit. Rex hoc audiens commota sunt omnia viscera ejus et precepit, ut duo oculi filii sui eruerentur. Dixerunt satrape domino: Tantum unicum filium habes, qui est heres tuus. Toto imperio esset dampnum, si filius tuus oculos amittat.* (Tradução minha)

[41] Do original: *Refert Valerius, quod Fabius redemerat captivos Romanorum promissa pecunia, quam cum senatus dare nollet, ipse fundum unicum habens vendidit et promissum premium solvit, volens se pocius patrimonio privare, quam propria fide inopem esse.* (Tradução minha).

> Dionísio, rei da Sicília, uma certa mulher envelhecida orou, sozinha, aos deuses, na última hora da manhã, para que o rei sobrevivesse para além da vida dela própria. Dionísio ficou admirado com as orações da mulher e a questionou sobre isso. Ela respondeu o seguinte: "Quando eu era menina, havendo um duro tirano, orei copiosamente e ele foi trocado por um segundo, que novamente era bruto, então orei copiosamente e ele foi trocado por um terceiro. Temendo que sejas sucedido por um pior ainda, rogo todos os dias por tua vida."[42] (*De bonis rectoribus non mutandis*. *Gesta Romanorum*)

Percebemos, por essas narrativas, que a evocação a Valério Máximo não passa de mera contextualização, e sua função está mais relacionada ao contexto de pregação, à incitação da imaginação do ouvinte de um sermão, do que, propriamente, o conteúdo da história exemplar evidenciada.

3.3.2 *Alexandre*

Assim como no *Disciplina Clericalis*, Alexandre é uma das personalidades mais evocadas ao longo do *Gesta Romanorum* (4 menções). Alexandre, como mencionado acima, foi o líder do Império Macedônico entre 336 a.C. e 323 a.C., conhecido também na era medieval.

Como era de se esperar, segundo a imagem medieval acerca do rei da macedônia, Alexandre assume o papel de discípulo, enquanto Aristóteles cumpre a função de mestre. Diferentemente do que ocorre com Valério, Alexandre (ou sua figura) costuma ser um personagem ativo em todas as histórias que aparece, mesmo que elas aconteçam em função dos ensinamentos de Aristóteles.

> Alexandre, que governou muito poderoso, tinha Aristóteles como seu professor e mestre, que o instruía em todos os assuntos. Ouvindo isso, a rainha do norte nutriu a sua filha com veneno desde o momento do seu nascimento, e quando tinha atingido a maioridade, era tão bonita e atraente aos olhos dos homens, que muitos ficavam apaixonados ao vê-la. A rainha a enviou a Alexandre para que fosse a sua concubina. A moça, tendo-o visto, foi capturada pelo amor, e queria dormir com Alexandre. Percebendo isso, Aristóteles disse a ele: "Não tentes tais coisas. Porque se o fizeres, morrerás no continente, pois ela foi nutrida com veneno por todo o seu tempo de vida. Provarei que isso é verdade imediatamente. Eis aqui um malfeitor, que, pela lei, deve morrer. Que ele durma com ela, e então verás que é verdade." E assim foi feito. O malfeitor a beijou na frente de todos. Ele imediatamente caiu e morreu. Alexandre, percebendo isso, elogiou o modo admirável de agir do professor, que o livrou da morte. A moça foi enviada de volta à mãe[43] (*De veneno peccati, quo quotidie nutrimur.*

[42] Do original: *Valerius Maximus refert, quod cum omnes Syracusani mortem Dyonisii optarent regis Sicilie, quedam femina senectutis ultime sola matutinis horis deos oravit, ut sibi rex superstes fieret in hanc vitam, enjus oracionis causam Dyonisius admirans ab ea quesivit. Que respondit: Cum essem puella, gravem tyrannum habens eo cupiens secundum recepi, quo iterum carere cupiens tercium recepi; timens ergo deteriorem tibi succedere; ideo pro vita tua omni die rogo. Dyonisius hec audiens amplius molestiam non fecit.* (Tradução minha)

[43] Do original: *Alexander regnavit potens valde, qui magistrum Aristotelem in suum doctorem habebat, qui eum in omni scientia instruebat. Hoc audiens regina aquilonis filiam suam a tempore suae nativitatis veneno nutrivit, et cum pervenisset ad legitimam aetatem, erat tam pulchra et oculis hominum gratiosa, quod multi per adspectum*

Gesta Romanorum)

No trecho acima, a narrativa se desenvolve de forma a compor, de fato, uma história que se assemelha à estrutura do começo-meio-fim, e a fala do mestre é uma consequência do desenvolvimento da narrativa, enquanto no trecho abaixo, o ensinamento de Aristóteles é a própria narrativa exemplar.

> Lê-se que o rei Alexandre teve Aristóteles como professor, em cujos ensinamentos ele fez grande progresso e aprendeu com ele muitas virtudes. Entre outras coisas, ele pediu ao seu professor que lhe dissesse algo proveitoso para ele e para os outros. O mestre disse: "Meu filho, ouça com atenção, e se você mantiver meus ensinamentos, alcançará grande honra. São sete, que vou te ensinar. O primeiro é: não exagere. Em segundo lugar, não atiçar o fogo com a espada. Terceiro, não tome a coroa. Em quarto lugar, não coma coração de ave. Quinto, quando você partir, não retorne. Sexto, não ande na via pública. Sétimo, você não deve permitir que uma andorinha tagarela more na casa." O rei refletia nesses sete ensinamentos de maneira admirada e, assim, prosperou enquanto viveu.[44] (*De ponderacione vite. Gesta Romanorum*)

Quanto ao último *exemplum* em que Alexandre é mencionado, trata-se de uma reunião de filósofos que discutem sobre a morte do rei: "Acerca da morte de Alexandre, lê-se que muitos filósofos, certa vez, reuniram-se diante de sua sepultura, um dos quais disse: "Alexandre fez do ouro um tesouro. Agora, pelo contrário, o ouro fez dele um tesouro..."[45] Por sua evidente semelhança entre si e o exemplum *De aurea sepultura* do *Disciplina Clericalis*, essa história será comentada em detalhes no capítulo seguinte, dedicado à comparação entre as duas obras.

3.3.3 *Agostinho*

Para concluir esta breve análise das personalidades mais evocadas no *Gesta Romanorum*, temos as menções (três) a Agostinho de Hipona, o santo da Igreja Católica conhecido por suas

---

ejus infatasti sunt. Regina eam ad Alexandrum misit, ut ejus concubina fieret. Visa puella statim captus est in amorem ejus, et dormire cam es volebat. Hoc percipiens Aristoteles dixit ei: Nolite talia attemptare. Quae si feceritis, in continenti moriemini, eo quod ipsa sit toto tem- pore vitae suae veneno nutrita. Quod autem verum sit probabo statim. Hic est quidam malefactor, qui per legem debet mori. Cum ea dormiat, et tune si verum est videbitis. Et sic factum est. Malefactor osculatus est eam coram omnibus. Statim cecidit et mortuus est. Alexander hoc percipiens magistrum miro modo laudavit, qui eum a morte liberavit. Puellam matri remisit. (Tradução minha).

[44] Do original: *Legitur de rege Alexandro, qui habebat Aristotelem magistrum, de cujus doctrina multum profecit et multas virtutes ab eo didicit. Inter cetera a magistro suo quesivit aliqua sibi et aliis proficua dici. Ait magister: Fili, ausculta diligenter, et si meam doctrinam tenueris, ad magnum honorem pervenies. Septem sunt, que te docebo. Primum est, stateram ne transilias. Secundum, ignem cum gladio ne foveas. Tercium, coronam ne carpias. Quartum, cor avicule ne comedas. Quintum, cum profectus fueris, non redeas. Sextum, per viam publicam ne ambules. Septimum, irundinem garrulantem in domo habitare non permittas. Rex in istis septem miro modo studebat et sic profecit quamdiu vixit.* (Tradução minha)

[45] Do original: *Legitur de morte Alexandri quod antea plurimi philosophi ad eum convenerunt, de quibus unus dixit: Alexander ex auro fecit thesaurum, et nunc e converso aurum ex eo fecit thesaurum…* (Tradução minha).

contribuições à literatura cristã, por livros como *Confessiones* e *De civitate Dei.*

Sua presença, no *Gesta*, está sempre ligada a verbos relativos ao falar (*Refert, narrat, dicit*), sendo ele uma fonte para a história em questão, como é possível ver no excerto a seguir:

> Agostinho conta que, quando, certa vez, os egípcios quiseram divinizar Ísis e Serápis, procederam deste modo: Fizeram duas estátuas. Primeiro, sancionaram uma lei, na qual qualquer alguém que dissesse que eram seres humanos, ou contasse histórias sobre a sua genealogia, teria a cabeça cortada. Segundo, que a lei prevista não passasse despercebida por ninguém, e que em todos os templos onde as imagens eram cultuadas fosse colocado um pequeno ídolo junto a elas, tendo um dedo posto sobre os lábios, para fazerem um sinal de silêncio aos frequentadores do templo, e assim a verdade seria mantida em segredo por todos[46] (*De timore mundano. Gesta Romanorum*)

A presença de Agostinho na história se faz de maneira direta, mas não é um personagem ativo para o desenvolvimento dela. O segundo *exemplum* também mostra como Agostinho era tido como uma fonte de informação, o que garantia às suas falas um argumento de autoridade.

> Santo Agostinho relata que havia uma antiga conduta segundo a qual os corpos dos imperadores, após a morte, eram cremados, e suas cinzas depositadas em local de destaque. Aconteceu, porém, a morte de um certo imperador cujo coração não foi consumido pelo fogo, e muitos ficaram espantados com isso. Todos os oradores e sábios foram convocados àquela província, e a eles foi questionada a causa. Responderam, enfim, que o imperador foi intoxicado, e, devido ao veneno latente, o seu coração não pôde ser incendiado. Depois disso, eles retiraram o coração do fogo e aplicaram-no um antídoto, de forma que expeliram o veneno. O coração, assim, foi depositado novamente no fogo, e logo foi reduzido a cinzas[47] (*De spiritual medicina. Gesta Romanorum)*

Na última menção a Agostinho, ele aparece em forma de citação direta, como argumento para a *moralizacio*, ao invés de aparecer no *exemplum* em si. Isso indica que, tanto a nível histórico-literário, quanto a nível ético-filosófico, Agostinho era tido, na Idade Média, como uma referência de sábio.

> (...) Esta coroa é a soberba, pois não se coloca uma coroa em outro lugar a não ser na

[46] Do original: *Narrat Augustinus, quod, quando Egypcii olim volebant deificare Isidem et Serapem, isto modo processerunt: Statuerunt duas imagines et primo legem statuerunt, quod quicumque eos diceret esse homines, vel aliquid de eorum genealogia narraret, capite plecteretur. Secundo, ut lex predicta nullum lateret, in omni templo, ubi eorum imagines colebantur, et juxta eos ponebatur unum parvum idolum habens digitam suum labiis applicatum, ut per hoc faceret signum silencii ingredientibus ista templa, et sic veritas ab omnibus taceretur.* (Tradução minha).

[47] Do original: *Beatus Augustinus refert, quod mos antiquus erat, quod corpora imperatorum post mortem eorum comburerentur et cineres in eminenciori loco collocarentur. Contigit autem, quod quidam moriebatur, cujus cor non poterat comburi; multis autem super hoc mirantibus, omnes rhetores et sapientes illius provincie citaverunt, et ab eis causam inquirentibus tandem dixerunt, quod imperator fuit intoxicatus, et propter latens venenum accendi non poterat cor ejus. Tunc illi extrahentes cor de igne, apposuerunt tiriacam, sicque venenum fugaverunt; et cum iterum cor in ignem poneretur, mox in cineres est redactum.* (Tradução minha).

> cabeça, para que seja vista pelas pessoas; assim o soberbo sempre quer ser visto, como diz Agostinho: "Quando ver a soberba, não duvide se tratar de um filho do diabo." Quando um homem, portanto, é coroado pela soberba, imediatamente o diabo passa adiante dele...[48] (*De avaritia et ejus subtili contamine*. *Gesta Romanorum)*

3.4 O *Gesta Romanorum* como fonte do latim medieval

Considerando os conhecimentos acerca da evolução das línguas, seja por manifestações sintáticas, morfológicas ou fonéticas, é natural recorrer a diversas variações de latim durante o medievo para analisar a passagem de uma língua para a outra. A escrita de livros como o *Disciplina Clericalis* (Séc. XII) e o *Gesta Romanorum* (Séc. XIV), por exemplo, existiu concomitantemente ao desenvolvimento e adoção de línguas neolatinas em territórios da Europa Ocidental, como a publicação da Notícia do Torto (cc. 1214), um dos primeiros registros da língua portuguesa, e a Divina Comédia (1351), escrita em dialeto fiorentino, que deu origem à língua italiana.

Esse período de transição de línguas pode ser estudado sob diversos pontos de vista. O objetivo deste tópico é comparar algumas palavras do *Gesta Romanorum* com as mesmas palavras em grafia clássica (tendo como referência, mormente, o autor augustano Virgílio)[49], por essa obra apresentar muitas ocorrências desse tipo de transição. O *Disciplina Clericalis* não apresenta mudanças significativas o suficiente para dedicar-lhe um tópico, possivelmente por sua função explícita de ser lido, e não tanto escutado, como o *Gesta*. Além disso, sua escrita foi anterior à oficialização das línguas neolatinas, o que não significa que não eram faladas, mas indica a escolha política de manter o latim como língua de ciência, cultura e religião. Consideremos, em vista do comentário introdutório acima, a seguinte tabela para uma breve análise do latim medieval na obra:

Tabela 4: Comparação entre latim clássico e o latim medival do *Gesta Romanorum*

Grafia em latim clássico	**Referência clássica**	**Grafia em latim medieval**	***Gesta Romanorum***

[48] Do original: *Sertum istud est superbia, quia sicut sertum non ponitur nisi super caput, ut ab hominibus videatur; sic superbus semper videri vult, et ideo dicit Augustinus: Cum superbum videris, filium diaboli esse non dubites. Cum igitur homo utitur serto superbie, statim currit diabolus ante eum.* (Tradução minha).

[49] Fez-se necessário recorrer, também, às Epístolas de Horácio (para a palavra *Damnum*) e o *Naturalis Historias* de Plínio, o Velho (para *Therica*).

Catenis	**"***Tum stridor ferri, tractaeque* ***catenae***." Virg. *En*. 6, 557-558.	***Cathenis***	"*Canis vero tribus* ***cathenis*** *erat ligatus*" Cap. 27.
Damnum	**"***...offensus* ***damnis*** *media de nocte caballum*". Hor. *Ep*. 1, 7, 88.	***Dampnum***	"*Toto imperio esset* ***dampnum****, si filius tuus oculos amittat*." Cap. 50.
Aeris	"*Fluit* ***aes*** *riuis aurique metallum...*" Virg. *En*. 8, 445.	***Eris***	"*Refert Dyonisius, quod cum Perillus* ***eris*** *artifex Falaridi regi tyranno crudeli...*" Cap. 48.
Iudices	"*Nec vero hae sine sorte datae, sine* ***iudice****, sedes...*" Virg. *En*. 6, 431.	***Judices***	**"***Sedebis super pellem patris tui, ut* ***judices*** *populum meum*." Cap. 29.
Mihi	**"***Musa,* ***mihi*** *causas memora, quo numine laeso*." Virg. *En*. 1, 8.	***Michi***	"*Quod uni ex minimis meis fecistis,* ***michi*** *fecistis*." Cap. 14.

Iniurias	**"...***manet alta mente repostum iudicium Paridis spretaeque* ***iniuria*** *formae*". Virg. *En*. 1, 25-26.	***Injurias***	"*Quedam domina nobilis paciebatur multas* ***injurias*** *a quodam tyranno...*" Cap. 25.
Praecepit	"*...sternit sata laeta boumque labores*, ***praecipitisque*** *trahit silvas*" Virg. *En*. 2, 306-307.	***Precepit***	"*...quia* ***precepit*** *apostolus dicens: Sine intermissione orate*." Cap. 10
Ratio	**"***Arma amens capio; nec sat* ***rationis*** *in armis…*" Virg. *En*. 2, 314.	***Racio***	"*...nulla enim equior* ***racio*** *est, quam necis artificis arte perire sua*." Cap. 48.
Theriaca	"*...apud eosdem vitis* ***theriaca*** *vocatur, cuius et vinum et uva contra serpentium ictus medetur*" Plin. *Nat*. 14.42.	***Tiriacam***	"*Tunc illi extrahentes cor de igne, apposuerunt* ***tiriacam****, sicque venenum fugaverunt*." Cap. 23.

Vita	*superis concessit ab oris adflictus* ***uitam*** *in tenebris luctuque trahebam*“ Virg. *En*. 2, 91-92.	***Vita***	*...acuti visus homo intelligitur, cujus* ***vita*** *et desiderium a terrenis debet elevari...*” Cap. 37.

Os exemplos acima são apenas alguns, dos vários, que compõem o *Gesta Romanorum.* A seleção para a análise a seguir não segue um critério específico, a intenção é abranger uma quantidade considerável, mas não exaustiva, de fenômenos linguísticos identificados no decorrer das traduções. Os comentários relativos à fonética, são, é claro, suposições baseadas no estudo da filologia românica, posto que o latim falado é (i) impreciso, quanto ao latim clássico, e (ii) fortemente influenciado pelas línguas neolatinas, quanto ao latim medieval dos séculos XII-XIV. A intenção deste tópico é evidenciar algumas mudanças na escrita e especular, com o auxílio das terminologias fonéticas modernas[50], razões plausíveis para o surgimento da necessidade de alteração na grafia das palavras, do latim para as línguas românicas, mormente para o português. Tais diferenças ortográficas que eram frequentemente devidas a mudanças na pronúncia ou na morfologia, que os autores refletiam nos seus escritos, originaram as críticas a respeito do declínio linguístico do latim e a constatação de que falantes de países diferentes não conseguiam compreender a forma de latim que cada um falava. Ressalto que as análises a seguir são apenas uma listagem ocorrências percebidas ao longo das traduções, posto que os fenômenos linguísticos nelas identificados são objetos de estudo de inúmeros filólogos. Estudos mais aprofundados acerca das mudanças linguísticas do latim podem ser encontrados, por exemplo, em: Mário Viaro, *Manual de Filologia Românica* (2001)*;* Bruno Bassetto, *Elementos de Filologia Românica* (2001); Edwin Williams, *Do Latim ao Português* (1961). Só para citar alguns.

Catenis > Cathenis

O vocábulo “Cathenis” com o grupo consonantal -th pode indicar apenas uma mudança ortográfica, no sentido de um ‘enriquecimento erudito’ do vocábulo ou, foneticamente, uma aspiração da oclusiva [t] intervocálica no decorrer do medievo, o que explica a adição da letra “h” entre as vogais. Esta grafia não é identificada, porém, unicamente em contexto intervocálico,

[50] CRISTÓFARO SILVA, 2013.

pois o mesmo ocorre, no *Gesta Romanorum*, com a palavra *Thalarem* (*Talarem*), por exemplo. Palavras de origem grega, por outro lado, mantiveram esse encontro consonantal, como em *Thesaurum* ou *Atheniensis*, na maioria das vezes.

Damnum > Dampnum

"Dampnum" apresenta a inclusão da consoante "p" entre o encontro consonantal -mn-. Em tal combinação de consoantes há, comumente, na Idade Média, a inserção de uma consoante oclusiva, nesse caso o -p-. É possível que a característica bilabial do "m" tenha induzido a inserção de outra consoante bilabial para ("p") para suavizar a passagem do "m" para o "n". O mesmo fenômeno pode ser observado, no *Gesta Romanorum*, na palavra *Contempnas* (*Contemnas*), por exemplo.

Aeris > Eris

O encontro vocálico -ae- está bastante presente no latim clássico, principalmente na formação de declinações, como nos casos nominativo e vocativo plural das palavras da primeira declinação, ou genitivo e dativo singular do mesmo tema. No *Gesta Romanorum*, porém, esse encontro vocálico só aparece sete vezes ao longo dos 60 primeiros capítulos, sendo que há uma única ocorrência no capítulo cinco e capítulo 37, e as outras cinco vezes estão concentradas no capítulo 11. Entre essas ocorrências, a maioria são pronomes (quatro ocorrências), e os substantivos são três. Na passagem de "Aeris" para "Eris", temos um exemplo de redução do ditongo inicial -Ae- para -E-, fenômeno já observado no latim vulgar e que permaneceu no medievo. No entanto, curiosamente, tal mudança parece não estar solidificada e/ou padronizada no texto de nosso autor, posto que ainda há dois vocábulos, no texto, que mantêm a grafia clássica: "Aetatem" e "Aer".

Iudices > Judices

A transformação do "i" consonantal em "j" é um processo característico do medievo denominado consonantização, em que ocorre a transformação de um som vocálico num consonantal. No século XVI, o humanista francês Pierre de la Ramée, propôs a mudança oficial desse fenômeno, pelo que o 'J' ficou conhecido como uma letra ramista. No *Gesta Romanorum*, há diversas ocorrências dessa mudança, como em "jacet", "juventute", "juxta", enfim. Nomes próprios como "Julius" e "Job" também passaram por essa adaptação, e é válido destacar, contudo, que

“Ihesus Christus” não sofreu alteração alguma, mantendo a grafia tradicional com Ih- inicial. O “h” intervocálico em “Ihesus” pode ser a razão pela não substituição da vogal “i” por “j”, a partir da qual podemos supor que a supressão do “h” tenha ocorrido simultaneamente à consonantização dessa vogal.

Mihi > Michi

O vocábulo “michi” aparece com frequência no *Gesta Romanorum*, com a inclusão da letra “h” após a vogal “i”, comparado ao latim clássico. O mesmo acontece, também com frequência, com a palavra “nichil”, por exemplo, ao longo de todo o texto. Pode-se perceber que *michi* e *nichil* são simplesmente grafias alternativas de *mihi* e *nihil*, refletindo, ao que parece, a pronúncia medieval/eclesiástica dessas palavras específicas com um som "K" no meio. A palavra “mihi”, entretanto, com a grafia clássica, ocorre, sim, durante os 60 primeiros *exempla*, mas em um contexto singular: durante a moralização de *exempla* específicos, sendo quatro ocorrências no capítulo 1 e uma ocorrência no capítulo 8. Vale ressaltar, porém, que o capítulo 1, o com mais ocorrências da grafia clássica “mihi”, não mantém a grafia clássica em “thalarem”, “Pompejus”, “jam” ou “questio”, o que pode sugerir uma separação entre os momentos de escrita da parte narrativa e da parte moralizante dos *exempla* do *Gesta Romanorum,* além de copistas diferentes ou mesmo uma autoria alternada, a depender das instruções e preferências do indivíduo a cargo de registrar as moralizações.

Iniurias > Injurias

A transformação do “i” consonantal em “j” também está presente no meio de palavras, como neste exemplo. A justificativa, contudo, é a mesma do exemplo referente ao “i" no começo de palavras, afinal se trata de um “i” consonantal, como em, “hujus” e “ejus”.

Praecepit > Precepit

A monotongação do ditongo -ae- em -e- também ocorre na obra, no meio de palavras. Como no exemplo acima de redução desse ditongo em início de palavra, essa mudança pode sugerir uma adaptação natural na comunicação, ao aglutinar duas vogais em um só fonema, refletido, consequentemente, na escrita. Podemos, com esse fenômeno, aproximar línguas neolatinas do medievo às atuais, como ao português, cujo vocábulo “preceito”, por exemplo, mostra-se como uma versão posterior do “precepit” medieval (e do “praecepit” clássico, portanto.)

Ratio > Racio

É comum a passagem do "t" para o "c", quando antes da vogal "i", no latim medieval. Trata-se do fenômeno da palatização em que há a transformação de um ou mais fonemas numa palatal (sonorização articulada na região do palato). Após a palatalização, ocorre ainda o fenômeno da sibilação. Estas mudanças também podem ser exemplificadas, no texto, por diversas palavras, como "graciosam", "proclamacionem" ou "habitacio". Também podemos aproximar, com isso, a grafia do latim medieval à do português, vide as palavras "graciosa", "proclamação" ou "habitação". Esse fenômeno, por sua constância ao longo do *Gesta Romanorum*, parece já estar solidificado no século XIV, se tomarmos esse recorte como fundamento, embora a própria "moralizacio", por vezes apareça com a grafia clássica "moralizatio" em três dos 60 *exempla* (III, VII e VIII).

Theriaca > Tiriacam

Diferentemente de *Catenis* > *Cathenis*, parece ocorrer na passagem *Theriaca* > *Tiriacam* a omissão da aspiração inicial, representada pela ausência da letra "h", além da substituição da vogal. Ao contrário de *Thesaurum* ou *Atheniensis*, porém, *Theriaca*, que também tem origem grega, não manteve o Th- inicial das palavras helênicas, padrão que aparece ao longo da obra.

Uita > Vita

O "u" consonantal é comumente adaptado para "v" em diversos contextos da transição da língua latina para as românicas. Trata-se do fenômeno de consonantização, como mencionado acima. O 'v' é também chamado de uma letra ramista, pela proposta oficial de alteração do humanista francês Pierre de la Ramée, no século XVI. Em *Gesta Romanorum* não é diferente: a letra "v" é amplamente utilizada nesses contextos e nunca apresenta variações, dentro dos 60 capítulos propostos.

CAPÍTULO 4: DISCIPLINA CLERICALIS E GESTA ROMANORUM: EVOLUÇÃO DE UM GÊNERO

Tanto o *Disciplina Clericalis* quanto o *Gesta Romanorum* apresentam, como atestamos nos capítulos anteriores, semelhanças em conteúdo e estrutura, indissociáveis ao gênero *exemplum*. Mais ainda, sua forma e linguagem não são reduzidas a coincidências, servindo como uma rica fonte de transmissão de histórias ao longo dos séculos, além de reforçar narrativas que interessavam à moral adotada pela tradição cristã do medievo, em diferentes séculos. Veremos a seguir, porém, uma mudança entre os *exempla* do século XII *(Disciplina Clericalis)* e os do século XIV (*Gesta Romanorum*). A partir desta comparação, podemos perceber as prioridades de cada uma das eras, seja no tocante à intenção dos textos, seja na forma de expressão dos seus preceitos didáticos ou moralizantes.

Para tanto, selecionei dois pares de *exempla* extraídos de um e outro livro cujas narrativas apresentam estreita semelhança em tema, vocabulário e estrutura:

(i) *Exemplum de canicula lacrimante* (*Disciplina Clericalis*) e *De inexecrabili dolo vetularum*. (*Gesta Romanorum*)

(ii) *Exemplum de aurea Alexandri sepultura* (*Disciplina Clericalis*) e *De rigore mortis*. (*Gesta Romanorum*)

4.1 A história da cadelinha que chorava

A semelhança entre a narrativa *Exemplum de canicula lacrimante* (*Disciplina Clericalis*) e a *De inexecrabili dolo vetularum (Gesta Romanorum*), pode ser atestada prontamente, embora tenham títulos diferentes. O primeiro deles, o "Exemplo da cadelinha que chorava", evidencia o animal e lança mão do fato de ela chorar para, aparentemente, capturar o interesse do leitor, enquanto no segundo, "Da inexorável sina das velhas", o foco é dado à velha da história, que cumpre uma função análoga, na narrativa, ao diabo. Ambas apresentam histórias bastante similares, tanto em conteúdo quanto em vocabulário.

Em ambos os textos, a velha, que tinha um cachorro, fê-lo jejuar por dias e alimentou-o, em seguida, com mostarda, para que mantivesse os olhos lacrimejantes. Além disso, o plano da velha ao fazer isso coincide em ambas as versões. Determinada a conquistar uma moça casta para o jovem protagonista da narrativa (ou seja, desvirtuá-la), a velha vai de encontro à moça, com o cão, e conta-lhe a suposta história de como sua filha foi transformada em cachorro por Deus, como punição pelo sofrimento que a jovem gerara a um rapaz que a amava e não tinha seu amor correspondido.

O *Disciplina Clericalis* (Séc. XII), como visto anteriormente, possui autoria conhecida, a de Pedro Alfonso, cuja biografia, acessível o suficiente, parece nos indicar a preocupação do autor em instruir por meio de textos mais próximos da narrativa oral. O *Gesta Romanorum*, por sua vez, não possui uma autoria conhecida, sendo uma coletânea de narrativas de mesma identidade temática e formal, provenientes "de uma coletividade de vozes de distintas culturas e tradições tanto orientais quanto ocidentais, e de distintas épocas" (HADLEY, 2010, p.208). No *Exemplum de canicula lacrimante*, o leitor/ouvinte é introduzido a uma narrativa, de certa forma, menos informativa, quando comparada ao início da *De inexecrabili dolo vetularum*. A presença de uma menção direta à tradição cristã da peregrinação logo no início desse texto, nos sugere que o *Gesta Romanorum* tinha uma preocupação em especificar tradições religiosas de sucesso.

> Dizem que havia um homem de linhagem nobre que tinha uma esposa casta e bastante formosa. Certa vez, teve o desejo de ir a Roma para o estudo da oratória, mas não quis depositar a custódia da sua esposa em outra pessoa a não ser ela mesma, confiando o suficiente nela pelos seus virtuosos costumes e por seus valores de honestidade. [51](*Exemplum de canicula lacrimante, Disciplina Clericalis*).

> Havia uma imperatriz, em cujo império havia um cavaleiro que tinha uma esposa nobre, casta e decorosa. Aconteceu que o cavaleiro partiu em uma peregrinação, mas antes disse à esposa: Não deixo nenhum guardião para você, pois acredito que você não precise[52] (*De inexecrabili dolo vetularum. Gesta Romanorum*)

Enquanto no primeiro trecho a história se inicia de forma mais direta usando a forma verbal do "conta-se" (*dictum est*); no segundo, existe a preocupação de contextualizar a narrativa para, só depois, introduzir o personagem: "Existia uma imperatriz em cujo império havia um cavaleiro..." (*Imperatrix quedam erat, in cujus imperio erat quidam miles...*)

No *Disciplina Clericalis*, o homem nobre parte para Roma com a finalidade de estudar oratória, enquanto no *Gesta Romanorum*, ele parte em uma peregrinação.

Ambos os textos apresentam um fundamento moralizante cristão, qual seja, o do respeito ao sacramento do matrimônio que preconiza a fidelidade conjugal, principalmente por parte da mulher, mesmo na ausência do marido. A esposa é casta (*castam*) em ambos os textos, e possui atributo semelhante "formosa" (*formosam*), e elegante (*decoram*), embora o adjetivo *decorus* possa indicar decoro moral.

---

[51] Do original: *Dictum est quod quidam nobilis progenie haberet uxorem castam nimium et formosam. Contigit forte quod orationis studio Romam vellet adire, sed alium custodem uxori suae nisi semetipsam noluit deputare, illius castis moribus satis confisus et probitatis honore.* (Tradução minha).

[52] Do original: *Imperatrix quedam erat, in cujus imperio erat quidam miles, qui nobilem uxorem et castam atque ecoram habebat. Contingit, quod miles ad peregrinandum perrexit, sed prius uxori dixerat: Nullum custodem ultra tibi dimitto, quia satis credo, quod non indiges.* (Tradução minha).

O decorrer das narrativas é próximo o suficiente para sugerirmos que o *Disciplina Clericalis* foi uma referência de coleta para o *Gesta Romanorum*. Essa impressão se fortalece ao cotejarmos seus itens lexicais: ambos empregam pronomes indefinidos do tipo *quidam*; repetem substantivos como *uxor*; *custos*; adjetivos como *nobilis* e *castus;* verbo seguido de conjunção integrante *contigere quod* e advérbio, como *satis.* É notável, ainda, a substituição de palavras ou orações por seus sinônimos: *formosa* por *decora*; *alium custodem uxori suae noluit deputare,* por *Nullum custodem ultra tibi dimitto*; *satis confisus* por *satis credo.*

Em ambas as histórias, a mulher casta recusa o amor de um jovem, este que, por sua vez, é incitado por uma velha a deixá-la ajudá-lo.

> Apesar disso, ia regularmente na casa da senhora que ele tinha visto sair, desejando encontrá-la; mas não pôde, de forma alguma, concretizar o desejo. Porque ele estava chorando de angústia, uma velha matrona pôs-se em seu caminho, ornada por uma vestimenta religiosa, perguntando qual seria o motivo de juntar tanto sofrimento assim. Mas o jovem não queria expor nada sobre as questões que se embaralhavam na sua consciência. Até que a matrona disse: "O quanto evitares revelar tua enfermidade ao médico, é o tanto que estarás desgastado pelo agravamento da doença." Tendo ouvido isso, ele contou a ela exatamente todas as coisas que tinham acontecido, e revelou o seu segredo. A matrona, por sua vez, disse:"Pelo que me disseste agora, com o auxílio de Deus, encontrarei um remédio." [53](*Exemplum de canicula lacrimante, Disciplina Clericalis*)

> Aconteceu que, certo dia, voltando da igreja, triste e aflito, ele encontrou uma certa velha vestindo trajes próprios de sua santa reputação. Quando ela viu o jovem triste, perguntou-lhe a causa de tanta tristeza. Ele respondeu: "De que me adianta te contar?" Ela disse: "Ó caríssimo, enquanto o enfermo esconder sua enfermidade do médico, não poderá ser curado. Portanto, mostre-me a causa de tanta dor! Com a ajuda de Deus, eu te curarei."[54] (*De inexecrabili dolo vetularum, Gesta Romanorum*)

O primeiro trecho não especifica por onde o jovem apaixonado perambulava, enquanto no segundo, ele vinha da igreja (*ecclesiam*), o que novamente atesta certa prioridade religiosa do *Gesta Romanorum*.

A velha que lhe oferece ajuda, no primeiro trecho, é descrita trajando uma indumentária religiosa (*religionis habitu*), ao passo que sua caracterização como 'santa' (*sanctam)* é

---

[53] Do original: *Saepius tamen illuc ibat quo dominam egressam viderat, desiderans eam convenire; sed nequaquam praevaluit efficere. Cui pae dolore lacrimanti fit obvia anus religionis habitu decorata, quaerens quaenam esset causa quae eum sic dolere compelleret. Sed iuvenis quae in sua versabantur conscientia minime detegere volebat. Ad quem anus: Quanto quis infirmitatem suam medico revelare distulerit, tanto graviori morbo attritus fuerit. Quo audito narravit ei ex ordine quae sibi acciderant et suum propalavit secretum. Cui anus: De his quae iam dixisti Dei auxilio remedium inveniam.* (Tradução minha)

[54] Do original: *Accidit quodam die, quod versus ecclesiam perrexit dolens ac tristis, et obviam habuit quandam vetulam in proposito sanctam reputatam. Que cum juvenem tristem vidisset, causam tante tristicie ab eo quesivit. At ille: Quid prodest michi tibi narrare? At illa: O carissime, quamdiu infirmus abscondit a medico suam infirmitatem, non poterit eufrari. Ideo ostende michi causam tanti doloris! Cum dei adjutorio te curabo.* (Tradução minha)

mencionada apenas no segundo trecho. Nesse caso, tem-se o adjetivo antecipando a verdadeira identidade da velha mulher, associada à figura do diabo, na moralização. De fato, sabe-se que em tradições cristãs esses seres tiveram uma reputação santa em princípio.

Vejamos como o plano da velha é idêntico em ambos os trechos a seguir:

> Cara amiga, não perguntes, o que quer que seja; a dor é tão grande que eu não sou capaz de dizer." E a mulher insistia muito mesmo para que dissesse. Então a velha revelou: "Esta cachorrinha que vês era a minha filha, uma moça bastante casta e com muito decoro. Um jovem se apaixonou por ela, mas ela era tão casta que o desprezava completamente, e rejeitava o seu amor. Ele estava sofrendo tanto que aconteceu de ser tomado por uma grande enfermidade: por causa da culpa, essa minha filha foi tristemente transformada em uma cachorrinha. [55](*Exemplum de canicula lacrimante, Disciplina Clericalis*)

> A velha disse: "Ó, querida amiga, não lhe pergunte o motivo das lágrimas, pois ela está com tanta dor que dificilmente consegue relatar para você." Mas a mulher insistia cada vez mais para que ela lhe contasse. E então a velha: "Esta cachorrinha era minha filha, muito casta e decorosa, por quem um certo jovem se apaixonou fortemente, mas ela era tão casta que rejeitou completamente o seu amor, de modo que o jovem morreu tamanha a dor, culpa pela qual Deus transformou minha filha em um cachorro, como você vê."[56] (*De inexecrabili dolo vetularum, Gesta Romanorum*)

A resposta oferecida ao jovem pela velha é a mesma, com poucas alterações de substituição ou aumento no vocabulário: (i) *Quanto quis infirmitatem suam medico* ***revelare distulerit****, tanto graviori morbo attritus fuerit* (...) ***Dei auxilio remedium inveniam***. (*Disciplina Clericalis*); (ii) *O carissime, quamdiu infirmus* ***abscondit*** *a medico suam infirmitatem, non poterit eufrari.* (...) *Cum* ***dei adjutorio te curabo***. (*Gesta Romanorum*).

Estas frases, apresentando vocabulário comum ou afim e estrutura gramatical semelhante, corroboram a hipótese de que o *Disciplina Clericalis* foi uma referência explícita para o *Gesta Romanorum*. O próprio prosseguimento da história também reitera essa ideia: a moça foi compelida pela velha e cometeu adultério.

Ambos os textos são concluídos de maneira a fomentar uma meditação sobre a história precedente. O *Disciplina Clericalis,* porém, se utiliza da estratégia literária do diálogo, no qual discípulo e mestre traçam seus comentários. Já no *Gesta Romanorum,* é apresentada a

---

[55] Do original: *Cara amica, ne quaeras quid sit, quia adeo magnus dolor est quod nequeo dicere. Mulier vero magis instigabat ut diceret. Cui anus: Haec quam conspicis canicula mea erat filia, casta nimis ac decora. Quam iuvenis adamavit quidam; sed adeo casta erat ut eum omnino sperneret et eius amorem respueret. Unde dolens adeo efficitur ut magna aegritudine stringeretur: pro qua culpa miserabiliter haec supradicta nata mea in caniculam mutata est.* (Tradução minha)

[56] Do original: *Ait vetula: O carissima amica, noli querere, quare lacrimatur, quia tantum dolorem habet, quod vix poterit tibi intimari. Domina vero magis ac magis instigabat, ut diceret. Cai vetula: Hec canicula erat filia mea casta nimis et decora, quam juvenis quidam vehementer adamavit, sed adeo casta erat, ut omnino sperneret ejus amorem, unde juvenis tantum dolens pre dolore mortuus est, pro qua culpa deus convertit filiam meam in caniculam, sicut tu vides.* (Tradução minha)

moralização típica desse texto, as interpretações de um clérigo para seus ouvintes:

> O discípulo disse para o mestre: "Nunca ouvi história tão impressionante, e penso que isso foi feito por artimanha do diabo."
> O mestre: "Não duvides!"
> O discípulo: "Espero que o homem que tenha a prudência de sempre se preocupar em temer as artimanhas das mulheres, consiga, quem sabe, se proteger da índole daquelas."
> E o mestre respondeu: "Conheço a história de um homem que trabalhava muito para sustentar a sua esposa, mas nada adiantou." "
> O discípulo: "Diga-me, mestre, o que aconteceu! É melhor que eu saiba, para que, se eu me casar, eu possa sustentar a minha esposa."[57] (*Exemplum de canicula lacrimante, Disciplina Clericalis*).

> Caríssimos, este soldado é Cristo, a esposa casta e decorosa é a alma lavada pelo batismo, a quem Deus deu o livre arbítrio e entregou à sua própria vontade, quando ascendeu deste mundo para o Pai. Esta mulher, isto é, a alma, é convidada para a festa, sempre que é atraída pela concupiscência carnal. Pois a festa do homem carnal é viver sempre nos prazeres. Imediatamente, o jovem, isto é, a vaidade do mundo, atrai a jovem o quanto pode, para que ela se una a ele. Como ela, de fato, não consente, ali está a velha, ou seja, o diabo...[58] (*De inexecrabili dolo vetularum, Gesta Romanorum*)

4.2 A história da sepultura de Alexandre

Atestamos, em seguida, a semelhança, também evidente, entre a narrativa *Exemplum de aurea Alexandri sepultura* (*Disciplina Clericalis*) e o *De rigore mortis (Gesta Romanorum)*, que, como no primeiro par de *exempla* analisados neste capítulo, apresentam títulos diferentes, mas histórias semelhantes o suficiente para concluirmos uma transmissão de histórias entre os séculos correspondentes. O primeiro deles, o "Exemplo da dourada sepultura de Alexandre", evidencia o ouro (*aurea*) como característica principal da sepultura do rei, relacionando a sua posição social à riqueza, enquanto no segundo texto, "Do rigor da morte", o título parece preparar o leitor para uma discussão filosófica acerca da finitude, evidenciando o lado humano (e mortal) do rei.

Os dois textos apresentam a mesma história: um grupo de filósofos se reúne na sepultura de Alexandre e discute a mortalidade como sendo maior que o ser humano, mais poderosa que o

---

[57] Do original: *Discipulus ait magistro: Nunquam audivi tam mirabile quid, et hoc puto fieri arte diaboli. Magister: Ne dubites! Discipulus: Spero quod si quis homo tam sapiens erit ut semper timeat se posse decipi arte mulieris, forsitan se ab illius ingenio custodire valebit. Magister: Audivi de quodam homine qui multum laboravit ut suam custodiret uxorem, sed nihil profuit. Discipulus: Magister, dic mihi, quid fecit, ut melius sciam si quam duxero illam custodire.* (Tradução minha).

[58] *Do original: [Moralizacio.] Carissimi, iste miles est Christus, uxor casta et decora anima per baptismum lota, cui dedit deus liberum arbitrium et sue voluntati tradidit, quando de hoc mundo ad patrem ascendit. Mulier ista scilicet anima invitatur ad convivium, quociens inelinatur ad carnalem concupiscenciam. Quia convivium hominis carnalis est semper in deliciis vivere. Statim juvenis id est mundi vanitas eam inquantum potest allicit, ut ei adhereat. Si vero non consenserit, adest vetula scilicet diabolus...* (Tradução minha).

próprio rei.

A estrutura dos *exempla* em questão são as mesmas, e sua semelhança, latente:

> Conta-se que a sepultura de Alexandre foi feita em ouro e depositada em um cômodo para o acesso de todos. Muitos filósofos se reuniram lá, e um deles disse:
>
> "Alexandre fez do ouro um tesouro. Agora, pelo contrário, o ouro fez dele um tesouro."
>
> Outro filósofo: "Ontem, todo o mundo não era suficiente para ele. Hoje, quatro palmos de um chão vazio são suficientes para ele."
>
> (...) Mas relembrar as coisas que trinta e dois filósofos disseram sobre o poderosíssimo rei Alexandre, seria muito para a memória.[59] (*Exemplum de aurea Alexandri sepultura, Disciplina Clericalis).*

> Acerca da morte de Alexandre, lê-se que muitos filósofos, certa vez, reuniram- se diante de sua sepultura, um dos quais disse: "Alexandre fez do ouro um tesouro. Agora, pelo contrário, o ouro fez dele um tesouro." Outro disse:
> "Ontem, todo o mundo não era suficiente para Alexandre. Hoje, são suficientes para ele três ou quatro palmos de terra como mortalha[60] (...)" (*De rigore mortis, Gesta Romanorum*)

No primeiro trecho, a história se inicia da mesma forma direta que em *De canicula lacrimante*, com a forma verbal do "conta-se" (*dictum est*), mostrando, em Alfonso, um padrão narrativo. Já no *Gesta Romanorum*, foi utilizada a forma "lê-se" (*Legitur*), apontando que sua referência acerca da história era um registro escrito precedente, que aqui concluímos se tratar do relato do *Disciplina Clericalis*, o que também confirma a transmissão direta dessa narrativa.

Estes *exempla* são quase idênticos e, para nosso propósito de análise de precedência, de estrutura e de evolução do gênero, faz-se pertinente comparar frase por frase de cada um. O primeiro par de frases são completamente iguais, aludindo aos méritos do rei e reconhecendo a falta de importância do dinheiro após a morte. Nota-se, como regra mnemônica, a repetição das palavras 'ouro' (*aurum*) e 'tesouro' (*thesaurum*), configuradas etimologicamente e ecoando a rima interna e ambas em distribuição paralela nas orações:

a) "Alexandre fez do ouro um tesouro. Agora, pelo contrário, o ouro fez dele um tesouro." *Alexander ex auro fecit thesaurum: nunc e converso aurum de eo facit thesaurum.*

[59] Do original: *Item dictum est de Alexandro quod sepultura eius foret aurea et in pervio omnibus atrio posita. Ad quam plurimi convenerunt philosophi, de quibus unus ait: Alexander ex auro fecit thesaurum: nunc e converso aurum de eo facit thesaurum. Alius: Heri totus non sufficiebat ei mundus: hodie quatuor solae sufficiunt ei ulnae. (...) Sed de triginta duobus philosophis circumstantibus quid quisque de potentissimo rege dixerit, memoriae longum est reducere.* (Tradução minha)

[60] Do original: *Legitur de morte Alexandri quod antea plurimi philosophi ad eum convenerunt, de quibus unus dixit: Alexander ex auro fecit thesaurum, et nunc e converso aurum ex eo fecit thesaurum. Alius dixit: Heri non sufficiebat Alexandro totus mundus, hodie sufficiant ei tres vel quatuor ulne panni.* (Tradução minha)

(*Disciplina Clericalis*)

b) "Alexandre fez do ouro um tesouro. Agora, pelo contrário, o ouro fez dele um tesouro." (*Alexander ex auro fecit thesaurum, et nunc e converso aurum ex eo fecit thesaurum.*) (*Gesta Romanorum*)

Nas seguintes frases, a ordem das palavras é alterada, mas não a ideia principal, a de ressaltar a insignificância do corpo ao compará-lo com "todo o mundo" (*totus mundus*). A antítese do 'ontem' (*heri*) e do 'hoje' (*hodie*) em posição topicalizada e indicando a passagem do tempo que nada perdoa; o contraste entre a ideia do ilimitado pronome 'todo' (*totus*) e a dos limitados números 'três' (*tres*) e 'quatro' (*quatuor*) seguindo o passado (*Heri totus)* e o presente (*hodie quatuor)* reforçam_o conceito da mortalidade e evocam os antigos temas da 'roda da fortuna' e da 'brevidade da vida'.

a) "Ontem, todo o mundo não era suficiente para ele. Hoje, quatro palmos de um chão vazio são suficientes para ele." *Heri totus non sufficiebat ei mundus: hodie quatuor solae sufficiunt ei ulnae* (*Disciplina Clericalis*)

b) "Ontem, todo o mundo não era suficiente para ele. Hoje, são suficientes para ele três ou quatro palmos de terra como mortalha." *Heri non sufficiebat Alexandro totus mundus, hodie sufficiant ei tres vel quatuor ulne panni.* (*Gesta Romanorum*)

A soberania da morte é novamente atestada nos pares a seguir cuja figura de linguagem central é a mencionada antítese: *Heri/ hodie; multos/ipse; potuit liberare/ non potuit vitare*. Essa passagem lembra aquela bíblica, de Lucas (23, 39), em que um dos ladrões, o malfeitor, se dirige a Jesus na cruz com palavras tentadoras a respeito de seu poder de se salvar. No entanto, em direto contraste com a moral do *exemplum* de Alexandre, Jesus não o faz porque não o deseja, pois ao contrário do imperador macedônico ele tem poder sobre a morte, como o diz para o bom ladrão: "Hoje estarás comigo no Paraíso" (*Hodie mecum eris in paradiso* Lucas, 23,43).

a) "Ontem, ele pôde livrar muitas pessoas da morte. Hoje, ele não consegue livrar a si mesmo das artimanhas da morte." *Heri multos potuit a morte liberare: hodie nec eius iacula valuit devitare.* (*Disciplina Clericalis*)

b) "Ontem, ele pôde livrar muitas pessoas da morte. Hoje, ele não consegue se livrar das artimanhas da morte." *Heri Alexander potuit a morte multos liberare, hodie ipse jacula mortis non potuit vitare.* (*Gesta Romanorum*)

Sobre a construção frasal de um e outro passagem acima, vê-se uma mais óbvia organização gramatical no *Gesta Romanorum* no sentido de maior clareza no texto: inserção do sujeito nominalizado, *Alexander*; a retomada do sujeito, pelo pronome de identidade *ipse*; a opção pela repetição do substantivo *mortis* e do verbo *potuit*.

a) "Ontem, ele conquistava a terra. Hoje, é conquistado por ela." *Heri terram premebat:hodie eadem premitur ipse.* (*Disciplina Clericalis*)

b) Outro: "Ontem, ele conquistava a terra. Hoje, é conquistado por ela." *Heri terram premebat, hodie ab ea premitur.* (*Gesta Romanorum*)

Nota-se, na última oração acima, do trecho do *Gesta Romanorum*, o correto emprego do ablativo de origem seguido da preposição, como complemento do verbo na voz passiva: *ab ea premitur.*

Na passagem abaixo, continua a série de constatações filosóficas sobre o passamento de um rei que afinal de contas pode ser estendida para todos os mortais. Aqui o respeito, advindo do temor do governante, dá lugar ao desrespeito à memória dele. A estrutura antitética se repete:

a) "Ontem, todos temiam Alexandre. Hoje, todos o menosprezam." *Heri gentes eum timebant:hodie vilem eum deputant* (*Disciplina Clericalis*)

b) "Ontem, as pessoas o temiam. Hoje, elas o menosprezam." *Heri Alexandrum omnes timebant, hodie eum vilem omnes reputant.* (*Gesta Romanorum*)

Nas passagens acima, há modificações nas orações de uma e outra passagem que parecem indicar uma opcional e leve dissemelhança do segundo texto em relação ao seu antecessor. O autor do *Gesta Romanorum* troca o pronome (*eum*) pelo nome referente (*Alexandrum*); o substantivo (*gentes*) pelo pronome indefinido (*omnes*); substitui um verbo (*deputant*) por seu sinônimo (*reputant*) e preenche o lugar do sujeito (*omnes reputant*) evitando sua ocultação (*deputant*).

a) "Ontem, ele tinha amigos e inimigos. Hoje, todos são iguais para ele." *Heri amicos habuit et inimicos: hodie habet omnes aequales.* (*Disciplina Clericalis*)

b) "Ontem Alexandre tinha muitos amigos, hoje não há nenhum." *Heri Alexander multos amicos habuit, hodie nullum.* (*Gesta Romanorum*)

No excerto acima, o autor do *Gesta Romanorum* novamente escolhe dar ênfase ao nome de Alexandre, valendo-se de "*Alexander*" em vez de simplesmente colocar o verbo "*habuit"* na terceira pessoa do singular, como Pedro Alfonso o faz. O *Gesta*, isto posto, parece dar mais

valor à antítese *multos-nullum* do que evidenciar, mesmo que brevemente, algo acerca da biografia do rei. Pedro Alfonso cita "amigos e inimigos", e conclui o pensamento de uma maneira mais passível de reflexão do que no *Gesta Romanorum*.

a) "Ontem ele conduzia o exército, hoje é conduzido por ele à sepultura. *Heri ducebat exercitus: hodie ab illis ducitur sepulturae.* (*Disciplina Clericalis*)

b) "Ontem, Alexandre conduziu exércitos. Hoje, eles o conduzem à sepultura." *Heri Alexander duxit exercitum, hodie ab illis ducitur sepulture* (*Gesta Romanorum*)

Nesta última comparação, os textos são bastante similares, apresentando duas diferenças. Novamente, o *Gesta Romanorum* evidencia o nome de Alexandre, enquanto para Alfonso a conjugação do verbo *ducebat* em terceira pessoa é o suficiente para indicar de quem se trata. No *Disciplina*, além disso, o verbo está no pretérito imperfeito do indicativo, "conduzia", ao passo que o autor do *Gesta* põe o mesmo verbo no tempo perfeito, "conduziu", o que dá foco à antítese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideradas as análises feitas neste trabalho, é possível refletir sobre alguns pontos a respeito das funções pedagógicas e religiosas do *exemplum* enquanto gênero, e, especificamente, das narrativas breves contidas nas obras do *Disciplina Clericalis* e do *Gesta Romanorum*. A especificidade no contexto de aplicação do gênero, faz do *exemplum* uma estratégia retórica utilizada em situações eclesiásticas, onde havia a necessidade de transmitir valores cristãos, até então ancorados a uma transmissão tradicional, o sermão. O desenvolvimento de culturas diversas no contexto medieval, como a árabe, ou mesmo as de reinos cristãos emergentes (o que a oficialização das línguas neolatinas atesta) criou ~~uma~~a necessidade de resgatar uma cultura anterior, a romana, enquanto reforçava as virtudes que compunham o *ethos* cristão medieval: a compaixão e a piedade.

A baixa Idade Média, afinal, foi um período que engendrou uma ideia renascentista de resgate à antiguidade, o que, para além dos fins estéticos, também representavam uma busca pela identidade. Esta, não somente a nível individual, mas também de sociedade. O Cristianismo, que vinha sendo desenvolvido desde o apogeu do Império Romano (considerando-se a data de seu início com o primeiro imperador, Augusto, séc. I a.C. e sua finalização com sua queda, em 476 d.C., com o último imperador Rômulo Augusto), serviu como elo entre o povo, a sua política e as suas instituições. Quando os doutores da Igreja perceberam tamanha complexidade cultural em seu entorno, a mistura entre a cultura greco-romana e o cristianismo realizou-se nas narrativas exemplares, seja direta ou indiretamente.

No *Disciplina Clericalis*, por exemplo, é possível percebermos ecos de Esopo, Aristóteles, ou mesmo da tradição estoica divulgada, em Roma, por Sêneca, a qual apresenta virtudes semelhantes às do Cristianismo e vícios análogos aos pecados da mesma doutrina. O caráter disciplinar, na obra de Pedro Alfonso, contudo, não poderia ser destituído do entretenimento, sendo que o deleitar e o instruir são postos em mesmo nível de intenção pelo autor no prólogo da obra: "A intenção é que este livro divirta aqueles que o estejam lendo ou escutando, e seja uma oportunidade para aprender; e que os sábios, pelo que está contido aqui, se lembrem do que se esqueceram"[61]

Os *exempla* do *Disciplina Clericalis*, quando comparados aos do *Gesta Romanorum*, apresentam uma sequência mais organizada, que abrange, dentro do possível, todas as

[61] *Modum tamen consideravi, ne si plura necessariis scripserim, scripta oneri potius sint lectori quam subsidia, ut legentibus et audientibus sint desiderium et occasio ediscendi. Scientes vero per ea quae hic continentur, oblitorum reminiscantur.*

inquietações existenciais e sociais dos indivíduos daquela sociedade do século XII. Seu texto foi escrito para ser, primordialmente, lido, e as construções narrativas mostram isso. A questão moralizante do *Disciplina* não é, propriamente, a *moralizacio* do *Gesta*, pois as discussões ético-filosóficas ficam a cargo dos próprios personagens da narrativa alfonsiana. Por vezes, uma sequência de cinco *exempla* são comentados pelos mesmos mestre e discípulo, o que garante uma unidade à obra como um todo. Por isso, o leitor moderno pode ser levado a se lembrar da estrutura de um conto, em sua caracterização de uma narrativa curta, com início, meio e fim, que se concentra em um único conflito. Nesse sentido, o *Disciplina Clericalis* nos apresenta temática variada à maneira da dos contos, quais sejam, os de fantasia surreal, os de fada, os de terror, os de aventura e os de amor.

O *Gesta Romanorum*, por sua vez, apresenta um caráter fundamentalmente oral, pois seus *exempla* se relacionam com os sermões de maneira íntima. Pela falta de autoria definida, a qualidade que mais fica evidenciada na obra é a sua função muito bem executada, a de alegorizar uma ficcionalização com personagens de sua História. Além disso, a interpretação cristã medieval está evidentemente apontada na sessão *moralizacio*, onde as intenções e os detalhes acerca da função do *Gesta Romanorum* podem ser melhor identificados.

A analogia foi um recurso imprescindível para a transmissão dos valores e tradições cristãos, e o caráter sucinto, mas potente, das narrativas, justifica a sua popularidade ao longo do século XIV e seguintes. É uma obra bastante extensa e foi compilada ao longo do tempo, apresentando algumas versões diversas, mas acreditamos que o recorte e a tradução de 60 dos 181 *exempla* tenham sido suficientes para a análise introdutória acerca do gênero e da obra.

Quando comparado ao *Disciplina Clericalis*, evidencia-se a diversidade temática da qual o autor do *Gesta Romanorum* se utiliza para reafirmar as mesmas virtudes cristãs, além de ambas serem uma referência de transmissão de histórias no medievo, apresentando *exempla* bastante similares, com estruturas sintáticas e vocabulários, por vezes, idênticos. Há, portanto, na obra de Alfonso, uma maior oportunidade para interpretações, o que o *Gesta Romanorum* procura diminuir com a inserção da *moralizacio*.

Em suma, o medo do diabo e o amor a Deus são os principais pontos abordados pelas obras selecionadas para este trabalho. Os *exempla*, em vista disso, confirmam-se como uma união de sucesso entre a educação de um povo e a sua religiosidade, o que além de demonstrar as estratégias da Igreja, ilustra o poder de persuasão e imaginação que a literatura pode alcançar.

DISCIPLINA CLERICALIS

Prologus.

Dixit Petrus Alfunsus, servus Christi Ihesu, compositor huius libri: Gratias ago Deo, qui primus est sine principio, a quo bonorum omnium est principium, finis sine fine, totius boni complementum, sapiens qui sapientiam et rationem præbet homini, qui nos sua aspiravit sapientia et suae rationis admirabili illustravit claritate et multiformi sancti spiritus sui ditavit gratia. Quia igitur me licet peccatorem Deus multimoda vestire dignatus est sapientia, ne lucerna mihi credita sub modio tecta lateat, eodem spiritu instigante ad multorum utilitatem hunc librum componere admonitus sum, ipsum obsecrans ut huic mei libelli principio bonum finem adiungat meque custodiat, ne quid in eo dicatur quod suae displiceat voluntati. Amen.

Deus igitur in hoc opusculo mihi sit in auxilium, qui me librum hunc componere et in latinum transferre compulit. Cum enim apud me saepius retractando humanae causas creationis omnimodo scire laborarem, humanum quidem ingenium inveni ex praecepto conditoris ad hoc esse deputatum, ut quamdiu est in saeculo in sanctae studeat exercitatione philosophiae, qua de creatore suo meliorem et maiorem habeat notitiam, et moderata vivere studeat continentia et ab imminentibus sciat sibi praecavere adversitatibus eoque tramite gradiatur in saeculo, qui eum ducat ad regna caelorum. Quodsi in praefata sanctae disciplinae norma vixerit, hoc quidem pro quo creatus est complevit debetque perfectus appellari. Fragilem etiam hominis esse consideravi complexionem: quae ne taedium incurrat, quasi provehendo paucis et paucis instruenda est; duritiae quoque eius recordatus, ut facilius retineat, quodammodo necessario mollienda et dulcificanda est; quia et obliviosa est, multis indiget quae oblitorum faciant recordari. Propterea ergo libellum compegi, partim ex proverbiis philosophorum et suis castigationibus, partim ex proverbiis et castigationibus Arabicis et fabulis et versibus, partim ex animalium et volucrum similitudinibus. Modum tamen consideravi, ne si plura necessariis scripserim, scripta oneri potius sint lectori quam subsidia, ut legentibus et audientibus sint desiderium et occasio ediscendi. Scientes vero per ea quae hic continentur, oblitorum reminiscantur. Huic libello nomen iniungens et est nomen ex re: id est Clericalis Disciplina; reddit enim clericum disciplinatum. Vitandum tamen decrevi pro possibilitate sensus mei, ne quid in nostro tractatu inveniatur quod nostrae credulitati sit contrarium vel a nostra fide diversum. Ad quod adiuvet me omnipotens Deus cui supernitor. Amen.

Si quis tamen hoc opusculum humano et exteriori oculo percurrerit et quid in eo quod humana

parum cavit natura viderit, subtiliori oculo iterum et iterum relegere moneo et demum ipsi et omnibus catholicae fidei perfectis corrigendum appono. Nihil enim in humanis inventionibus perfectum putat philosophus.

A DISCIPLINA DO SÁBIO

Prólogo

Assim disse Pedro Alfonso, servo de Jesus Cristo, compositor destes livros: “Dou graças a Deus, Ele que é o primeiro sem um começo, por meio d’O qual existe o começo de todos os seres bons, o fim eterno e o complemento de toda a bondade; o sábio cujo discernimento proveu razão para o Ser Humano, Quem nos inspirou com Sua sabedoria, nos elucidou com o admirável brilho da Sua razão e nos enriqueceu com a Graça multiforme do Seu Santo Espírito. Pois, afinal, mesmo eu sendo um pecador, Deus dignou-se em revestir-se com Sua múltipla e variada sabedoria, para que não escondesse sob um protegido alqueire a iluminação emprestada a mim, instigado, pelo mesmo Espírito, a compor este livro, para a utilidade das muitas pessoas que são aconselhadas, as mesmas que me suplicam que este meu livrinho acolha no começo, e que eu assim acrescente um bom final, para que o que for dito aqui não desagrade a Sua vontade. Amém.

“Portanto, que Deus esteja comigo em auxílio neste opúsculo, Quem me compeliu a compor este livro e a adaptá-lo para o latim. Com efeito, na época em que eu refletia comigo mesmo sem cessar, eu trabalhava de todas as maneiras para saber as causas da criação do ser humano, descobri que o espírito humano, por ordem do Criador, está fadado, enquanto estiver neste mundo, a se dedicar ao exercício da santa filosofia, para conhecer mais e melhor o seu criador; e se dedicar também em viver com autocontrole, para que saiba se precaver dos iminentes infortúnios, e seguir, neste mundo, o caminho que leva ao Reino dos Céus. E se ele viveu em acordo com esta santa disciplina, cumpriu com o fim para o qual foi criado, e deve se chamar de perfeito. Percebi também como é frágil o dilema do ser humano: para não cair na tristeza, ele foi construído como se a carregasse de pouco em pouco; também me lembrei da sua rigidez: para que retenha algo facilmente, é necessário ser tratado de maneira suavizada e adocicada; e por ser esquecidiço, são necessárias muitas formas de recordar o que foi esquecido.

“É por isso que montei este livrinho, algumas partes feitas com provérbios de filósofos e seus ensinamentos, parte com provérbios, fábulas e versos árabes, e parte com comparações a animais e pássaros. Mas de forma que considerei escrever não mais que o necessário, pois se o fizesse, os escritos seriam um empecilho para o leitor, ao invés de uma ajuda. A intenção é que este livro divirta aqueles que o estejam lendo ou escutando, e seja uma oportunidade para aprender; e que os sábios, pelo que está contido aqui, se lembrem do que se esqueceram.

“O título colocado neste livro vem do seu conteúdo, isto é, a disciplina dos sábios, para devolver a sabedoria às pessoas disciplinadas. Mas decidi que, na medida do possível à minha capacidade, nada devesse ser encontrado em nosso tratado que seja contrário às nossas crenças ou oposto à nossa fé. Para isso, ajuda-me Deus onipotente, de Quem dependo. Amém.”

Mas se alguém, com um olhar humano e externo, leu este livrinho e percebeu nele alguma falha que a minha natureza humana cometeu, recomendo reler de novo com um olhar mais sutil, e submeto o livro à sua correção e à de todos os que carregam a fé católica. O filósofo sabe que não há nada de perfeito nos feitos humanos.

De timore Dei

Enoch philosophus, qui lingua arabica cognominatur Edric, dixit filio suo: Timor Domini sit negotiatio tua, et veniet tibi lucrum sine labore.

Dixit alius philosophus: Qui timet Deum, omnia timent eum; qui vero non timet Deum, timet omnia.

Dixit alius philosophus: Qui timet Deum, diligit Deum; qui diligit Deum, obedit Deo.
Dixit Arabs in versu suo: Inobediens es Deo: simulas tamen te eum amare, et incredibile est; si enim vere amares, obedires ei. Nam qui amat, obedit.

A respeito do temor a Deus

O filósofo Enoque, que foi reconhecido como Idris em língua árabe, disse a seu filho o seguinte:

“Que o temor ao Senhor seja a tua moeda de troca, e o lucro chegará para ti sem dificuldades.”

Um outro filósofo disse: “Aquele que teme Deus, todas as coisas o temem; já aquele que, na verdade, não teme Deus, ele teme todas as coisas.”

Outro filósofo: “Aquele que teme Deus, acolhe Deus; Aquele que acolhe Deus, obedece a Deus.”

Por sua vez, um árabe concluiu: “Desobediente és tu para com Deus, e ainda iludes a ti mesmo ao amá-Lo, é inacreditável! Se de fato amasses verdadeiramente, obedecerias a Ele. Aquele que ama, afinal, obedece.”

De ypocrisi

Dixit Socrates discipulis suis: Videte ne sitis Deo obedientes et inobedientes in eodem. Dicunt ei: Enuclea nobis quod dicis. Qui ait: Dimittite ypocrisim! Est enim ypocrisis coram hominibus simulare se obedire Deo, in occulto vero inobedientem esse. Dicit ei unus ex discipulis: Estne aliud genus ypocrisis, unde homini cavendum sit? Dicit Socrates: Est homo qui in aperto et in occulto obedire se Deo ostendit, ut sanctus ab hominibus habeatur [p. 3] et ab eis ideo plus honoretur. Est alius isto subtilior, qui hanc relinquit ypocrisim, ut maiori deserviat: Cum enim ieiunat vel elemosinam facit et ab eo quaeritur si fecerit, respondet: Deus scit! vel: non, ut in maiori reverentia habeatur et dicatur quia ypocrita non est qui hominibus factum suum nolit propalari. Credo etiam paucos esse qui aliquo huius ypocrisis genere non participent. Videte igitur ne hac seducti laboris vestri praemio privemini! Quod ne contingat, omnia facite munda intentione; ne inde gloriam habere quaeratis!

Dicit alius philosophus: Si Deo firmiter inniteris, omnia erunt prospera quocumque ieris.

A respeito da hipocrisia

Sócrates disse para seus discípulos: “Atentai-vos para que não sejais igualmente obedientes e desobedientes para com Deus.”

Eles disseram: “Explica-nos o que dizes.”

O primeiro replicou: “Abandonai a hipocrisia! Pois hipocrisia é alguém fingir obedecer a Deus para os olhos da sociedade, quando em verdade oculta ser desobediente.”

Disse-lhe um de seus discípulos: “E não há outro tipo de hipocrisia que deva ser evitada pelo ser humano?”

Sócrates respondeu: “Existe o ser humano que, seja em público ou no privado, ostenta a sua obediência Deus, com a intenção de que seja tido como santo pelas pessoas, e que, por esse motivo, seja o mais honrado entre elas. Existe outro tipo de ser humano mais sutil nisso, que descarta essa hipocrisia para se submeter a uma maior: Jejua, dá esmolas, e quando é perguntado se de fato continuará a fazê-lo, responde: ‘Deus está de prova!’, ou até mesmo: ‘Não’, para ser tido em maior reverência, reconhecido por não ser hipócrita, já que ele supostamente não quer que o seu feito seja divulgado entre as pessoas. Estou convencido de haver poucos que não participem de alguma maneira desse tipo de hipocrisia. Portanto, cuidai, discípulos, para que não sejais privados da recompensa do vosso trabalho, desviados pela hipocrisia! A fim de evitar isso, fazei todas as coisas com a intenção pura; não busqueis obter a glória por meio da hipocrisia!”

Um outro filósofo afirmou: “Se te apoias firmemente em Deus, tudo será próspero, em qualquer lugar que fores.”

De formica. De gallo. De cane

Balaam, qui lingua arabica vocatur Lucaman, dixit filio suo: Fili, ne sit formica sapientior te, quae congregat in aestate unde vivat in hyeme. – Fili, ne sit gallus vigilantior te, qui in matutinis vigilat, et tu dormis. – Fili, ne sit gallus fortior te, qui iustificat decem uxores suas, tu solam castigare non potes. – Fili, ne sit canis corde nobilior te, qui benefactorum suorum non obliviscitur, tu autem benefactorum tuorum oblivisceris. – Fili, ne videatur tibi parum unum habere inimicum vel nimium mille habere amicos. Dico tibi:

A respeito da formiga, do galo, e do cão

Balaão, que é conhecido por Luqman em língua árabe, disse a seu filho:

“Filho, que a formiga não seja mais sábia que ti, pois ela armazena comida no verão para que sobreviva no inverno; e filho, que o galo não seja mais atento que ti, pois ele acorda na madrugada, enquanto tu dormes; filho, que o cão não tenha mais nobreza no coração que ti, pois ele não se esquece dos seus benfeitores, enquanto tu te esqueces dos teus. Filho, que tu não consideres pouco teres um único inimigo, ou ainda excessivo teres mil amigos. Ouve esta história:

I. Exemplum de dimidio amico.

Arabs moriturus vocato filio suo dixit: Dic, fili, quot tibi, dum vixi, adquisieris amicos! Respondens filius dixit: Centum, ut arbitror, mihi adquisivi amicos. Dixit pater: Philosophus dicit: Ne laudes amicum, donec probaveris eum! Ego quidem prior natus sum et unius dimidietatem vix mihi adquisivi. Tu ergo centum quomodo tibi adquisisti? Vade igitur probare omnes, ut cognoscas si quis omnium tibi perfectus erit amicus! Dixit filius: Quomodo probare consulis? Dixit pater: Vitulum interfectum et frustatim comminutum in sacco repone, ita ut saccus forinsecus sanguine infectus sit. Et cum ad amicum veneris, dic ei: Hominem, care mi, forte interfeci; rogo te, ut eum secreto sepelias; nemo enim te suspectum habebit, sicque me salvare poteris. Fecit filius sicut pater imperavit. Primus autem amicus ad quem venit dixit ei: Fer tecum mortuum super collum tuum! Sicut fecisti malum, patere satisfactionem! In domum meam non introibis. Cum autem per singulos sic fecisset, eodem responso ei omnes responderunt. Ad patrem ergo rediens nuntiavit quae fecerat. Dixit pater: Contigit tibi quod dixit philosophus: Multi sunt dum numerantur amici, sed in necessitate pauci. Vade ad dimidium amicum meum quem habeo et vide, quid dicat tibi! Venit et sicut aliis dixerat huic ait. Qui dixit: Intra domum! Non est hoc secretum quod vicinis debeat propalari. Emissa ergo uxore cum omni familia sua sepulturam fodit. Cum autem ille omnia parata videret, rem prout erat disseruit gratias agens. Deinde patri retulit quae fecerat. Pater vero ait: Pro tali amico dicit philosophus: Hic est vere amicus qui te adiuvat, cum saeculum tibi deficit. Dixit filius ad patrem: Vidisti hominem qui integrum sibi amicum lucratus fuerit? Tunc pater: Non vidi quidem, sed audivi. Tunc filius: Renuntia mihi de eo, si forte talem mihi adquisiero! At pater:

I: O meio-amigo.

Um árabe moribundo, chamando por seu filho, falou: “Diga, filho, quantos amigos terás adquirido no meu tempo de vida!”

“Acredito que eu já juntei uns cem amigos.” Disse o filho.

E o pai: “Já dizia o filósofo: Não glorifiqueis um amigo antes de colocá-lo à prova! Decerto, eu mesmo nasci primeiro e adquiri, com dificuldades, a metade de um amigo. Como é que tu adquiriste uma centena, então? Pois vai colocar cada um deles à prova, para que saibas quem dentre todos será o amigo perfeito!”

“De que modo aconselhas pôr um amigo à prova?” Disse o filho.

E o pai respondeu: “Coloca um cordeiro morto e dilacerado em um saco, de forma que o fardo esteja tingido de sangue por fora. Quando vieres a encontrar um amigo, diga-lhe: ‘Meu caro, matei um homem por acidente; suplico-te que o escondas em segredo, porque ninguém te terá como suspeito, e assim tu poderás me salvar.’”

O filho fez exatamente como o pai ordenou, mas o primeiro amigo a quem recorreu disse:
“Leva esse fardo morto contigo sobre as tuas costas! Como fizeste o mal, sofre as consequências! Na minha casa não entrarás!”

Depois de ter falado dessa forma com cada amigo, todos eles lhe responderam com a mesma opinião. Então, regressando ao pai, contou o que tinha feito.

“A fala do filósofo vem a calhar para ti.” disse o pai “Amigos são muitos quando enumerados, mas são poucos na necessidade. Vai até aquele meu meio-amigo que tenho, e vê o que ele te dirá!”

Foi o que o filho fez: da mesma forma como tinha falado aos outros, foi ter com o meio-amigo do pai, que respondeu:

“Entra na casa! Isso não é segredo que os vizinhos devam fofocar!”

Logo a sua esposa foi enviada para fora com toda a família para cavar uma sepultura, e o filho ficou muito agradecido quando percebeu que tudo estava acontecendo como o esperado. Então ele relatou ao pai o que tinha feito.

“É por causa de amigos como esse que o filósofo disse: É verdadeiro o amigo que te ajuda quando o mundo te decepciona.” Respondeu o pai.

E o filho replicou: “Já viste um homem que tenha conseguido um amigo inteiro para si?”

Então o pai: “Não o vi, mas ouvi falar.”

“Explica isso para mim, que assim talvez eu consiga ter um amigo como tal!” Pediu o filho. Ao que o pai contou a seguinte história:

II. Exemplum de integro amico.

Relatum est mihi de duobus negotiatoribus, quorum unus erat in Aegypto, alter Baldach, seque solo auditu cognoverant et per internuntios pro sibi necessariis mittebant. Contigit autem ut qui erat Baldach, in negotiationem iret in Aegyptum. Aegyptiacus audito eius adventu occurrit ei et suscepit eum gaudens in domum suam et in omnibus ei servivit sicut mos est amicorum per octo dies et ostendit ei omnes manerias cantus quas habebat in domo sua. Finitis octo diebus infirmatus est. Quod valde graviter dominus de amico suo ferens ascivit omnes medicos Aegyptiacos, ut amicum hospitem viderent. Medici vero palpato pulsu, iterum et iterum urina respecta, nullam in eo agnoverunt infirmitatem. Et quia per hoc nullam corporalem agnovere infirmitatem, amoris sciunt esse passionem. Hoc agnito dominus venit ad eum et quaesivit si qua esset mulier in domo sua quam diligeret. Ad haec aeger: Ostende mihi omnes domus tuae mulieres, et si forte inter eas hanc videro, tibi ostendam. Quo audito ostendit ei cantatrices et pedissequas: quarum nulla ei complacuit. Post haec ostendit ei omnes filias: has quoque sicut et priores omnino reppulit atque neglexit. Habebat autem dominus quandam nobilem puellam in domo sua, quam iam diu educaverat, ut eam acciperet in uxorem; quam et ostendit ei. Aeger vero aspecta hac ait: Ex hac est mihi mors et in hac est mihi vita! Quo audito dedit ei puellam nobilem in uxorem cum omnibus quae erat cum ea accepturus. Et preterea dedit ei ea quae erat daturus puellae, si eam acciperet in uxorem. His completis, accepta uxore cum his quae cum uxore acceperat et negotiatione facta rediit in patriam. – Contigit autem post haec ut Aegyptiacus omnia sua multis modis amitteret, et pauper effectus cogitavit apud se quod iret Baldach ad amicum quem ibi habebat, ut sui misereretur. Iter ergo nudus et famelicus arripuit atque Baldach intempestae noctis silentio pervenit. Pudor autem ei obstabat ne domum amici adiret, ne forte incognitus tali tempore domo expelleretur. Templum ergo quoddam antiquum intravit ut ibidem pernoctaret. Sed cum ibi anxius multa secum diu volveret, occurrerunt sibi duo viri prope templum in civitate, quorum unus alium interfecit clamque aufugit. Multi ergo cives pro strepitu decurrentes interfectum repperierunt, et quaerentes quisnam homicidium perpetrasset, intraverunt templum sperantes homicidam ibidem reperire. Aegyptiacum vero illic reperierunt et sciscitantes ab eo quisnam virum interfecisset, audierunt ab ipso quia ego illum interfeci. Paupertatem enim suam morte saltem finire vehementer cupiebat. Captus itaque et incarceratus est. Mane autem facto producitur ante iudices et morte condempnatus ducitur ad crucem. Multi vero de more accurrerunt, quorum unus fuit amicus eius cuius causa Baldach adierat. Qui acutius eum intuens deprehendit esse amicum quem in Aegypto reliquerat.

Reminiscens itaque bonorum quae sibi in Aegypto fecerat, cogitans etiam quia post mortem

retribuere illi non poterat, mortem pro ipso subire se decrevit. Voce igitur magna exclamavit:

Quid innocentem condempnatis quove eum ducitis? Non mortem meruit, ego virum interfeci. At illi iniecerunt manus in eum atque ligatum secum ad crucem traxerunt aliumque a poena mortis absolverunt. Homicida vero in eodem agmine haec intuens gradiebatur atque secum ait: Hunc interfeci et iste dampnatur! Hic innocens supplicio deputatur, ego nocens libertate fruor! Quaenam causa est huius iniusticiae? Nescio nisi sola sit Dei patientia. Verum Deus, iudex iustus, impunitum scelus nullum dimittit. Ne igitur posterius in me durius vindicet, huius me prodam criminis esse reum; sicque eos a morte absolvendo [p. 6] quod commisi luam peccatum. Obiecit se ergo periculo dicens: Me me qui feci; istum dimittite innoxium! Iudices autem non parum admirantes hunc alio a morte absoluto ligaverunt. Iamque de iudicio dubitantes hunc cum reliquis prius liberatis ante regem duxerunt eique omnia ex ordine referentes ipsum etiam haesitare compulerunt. Communi itaque consilio rex eis omne crimen quod sibi imposuerant condonavit, eo tamen pacto ut criminis sibi impositi causas patefacerent. At illi rei veritatem ei exposuerunt. Communi autem consensu omnibus absolutis indigena qui pro amico suo mori decreverat ipsum in domum suam introduxit eique omni honore pro ritu facto inquit: Si mecum manere adquiescis, omnia nobis prout decet erunt communia; si vero repatriare volueris, quae mea sunt aequa lance partiamur. At ille natalis soli dulcedine irretitus partem totius substantiae quam ei obtulerat recepit sicque repatriavit. – His itaque sic relatis inquit filius ad patrem: Vix poterit talis reperiri amicus.

II: O amigo inteiro

Contaram-me o relato de dois comerciantes, dos quais um era do Egito e o outro de Bagdá, que se conheciam somente de ouvir falar, e que trocavam mensagens entre si quando necessário. Até que aconteceu de o bagdali ser surpreendido com uma viagem de negócios para o Egito.

O comerciante egípcio soube de sua vinda, correu ao seu encontro e o recebeu prontamente em sua casa por oito dias. Adulou-o com tudo possível, assim como manda a ética das amizades, e os encantos que havia em sua casa revelaram-se ao bagdali. Este, ao fim dos oito dias, ficou doente. Porque a doença estava intensamente mais grave, o anfitrião, preocupando-se com o seu amigo, trouxe todos os médicos egípcios para que eles vissem o hóspede. De fato, os médicos, depois de terem checado o pulso de novo e de novo, e analisada a urina, não encontraram no homem doença alguma. E por não encontrarem enfermidade corporal, eles perceberam se tratar de um sofrimento de amor. O anfitrião soube disso, foi até o hóspede e perguntou se por acaso havia alguma mulher em sua casa que ele estimasse, e o enfermo disse:

“Mostra-me todas as mulheres da tua casa, e se por acaso eu encontrá-la entre elas, eu te direi.”

Tendo escutado isso, o anfitrião mostrou a ele as cantoras e as serventes, nenhuma das quais o agradou. Depois disso, mostrou todas as filhas, que ele rejeitou completamente cada uma delas, assim como as anteriores, e ainda as desprezou. Mas o egípcio também tinha uma moça honrada em sua casa, que tinha sido trazida já há um tempo, para que fosse desposada por ele próprio; mostrou-a ao enfermo, este que, tendo-a observado de fato, concluiu:

“É dela que vem a minha morte, e é nela em que está a minha vida!”

O egípcio, escutando isso, deu a nobre moça ao bagdali como esposa, com tudo o que estava prestes a herdar dela. E depois ainda lhe presenteou com as coisas que estava a ponto de dar para a garota, se ele a tivesse desposado. Isso foi concluído, a esposa foi aceita com os presentes que tinha recebido por ela e, terminada a viagem de negócios, o bagdali regressou à sua pátria.

Um tempo depois, aconteceu de o egípcio perder todos os seus meios de subsistência, e agora, completamente pobre, pensou consigo mesmo em recorrer ao amigo de Bagdá que recebera em casa, para que ele se solidarizasse com a sua situação. Desnudo e faminto, ele tomou o seu caminho, e Bagdá se aproximou no silêncio da escuridão noturna. Mas a vergonha impedia que o egípcio fosse à casa do amigo; talvez, não sido reconhecido, fosse expulso da casa àquela hora da noite. Então ele entrou em um templo antigo qualquer, para que lá pudesse pernoitar.

Enquanto a forte e constante ansiedade o revolvia, dois homens vieram para a cidade, próximos

ao templo: um deles assassinou o outro e fugiu à surdina. Muitos civis vieram correndo por causa do barulho e perceberam o morto. Perguntavam-se quem tinha executado o homicídio e adentraram o templo, esperando encontrar lá o assassino. Na verdade, ali estava o egípcio; decepcionaram-se novamente e, perguntando para ele quem tinha matado o homem, ouviram a resposta:

“Pois eu o matei.” Disse o egípcio, porque ele realmente desejava muito, a qualquer custo, dar fim à sua pobreza por meio da morte.

O egípcio, então, foi capturado e preso. Pela manhã, foi levado diante dos juízes e, condenado à morte, foi conduzido até a cruz. Como de costume, muitas pessoas correram para assistir, uma delas foi aquele seu amigo, ele que era o motivo de o egípcio ter ido a Bagdá. O mesmo que, observando o condenado, percebeu ser aquele o amigo que tinha ficado no Egito. E assim, relembrando os favores que o outro lhe fizera, e pensando também que não poderia retribuí-lo depois de morto, decidiu se submeter à morte no lugar dele. Por isso, com a voz potente, exclamou:

“Por que condenais um inocente? Para onde o levais? Ele não merece a morte, eu que matei aquele homem!”

Então puseram as mãos nele, arrastaram-no, todo amarrado, à cruz, e absolveram o outro da pena de morte. Mas o verdadeiro homicida andava por aquela mesma multidão observando tudo, e então pensou consigo mesmo:

“Eu matei um homem, e este outro é o prejudicado! Este inocente é castigado, enquanto eu, nocivo, aproveito a liberdade! Qual é o motivo dessa injustiça? Não percebo um único, a não ser que seja uma tolerância de Deus. Mas com certeza Deus, juiz justo, não perdoa um crime impune. Então, para que Ele depois não me castigue com uma pena mais dura, eu me apresentarei como sendo o culpado deste crime; e assim, livrando-os da morte, pagarei o pecado que cometi.”

Dessa forma, ele enfrentou o perigo, declarando: “Fui eu, eu que matei o homem! Livrai este indefeso!”

Os juízes, e não pouco surpresos, amarraram-no para a morte; o outro foi absolvido. E então, incertos com o próprio julgamento, levaram o culpado, com aqueles dois absolvidos libertos antes, para diante do rei.

Com todos reportando ao rei a ordem dos acontecimentos, compeliram o próprio monarca a

também hesitar; e assim, de acordo com o julgamento, o rei os perdoou por cada veredito, por eles terem incriminado a si mesmos, mas com o acordo de que revelassem as causas da autoacusação estabelecida.

Eles expuseram ao rei a verdade da situação. Então, por decisão geral, todos foram absolvidos, e o bagdali, que tinha decidido morrer pelo seu amigo, levou-o a sua casa, a quem, tendo feito todas as honras para a cerimônia de boas-vindas, disse:

“Se te agradas permanecer comigo, todas as coisas serão divididas entre nós, assim como deve ser; mas se desejares, na verdade, regressar à sua pátria, dividamos as minhas coisas em porções iguais.”

O outro, então, envolvido pelo doce encanto da terra natal, recebeu uma parte de todos os bens que o bagdali tinha oferecido a ele, e assim regressou à pátria.

O filho disse ao pai: “Que difícil é encontrar um amigo como esse!”

De consilio

Dixit alius philosophus propter amicos non probatos: Provide tibi semel de inimicis et milies de amicis, quia forsitan quandoque amicus fiet inimicus et sic levius poterit perquirere dampnum tuum.

Item alius philosophus: Cave tibi de consilio illius a quo petis consilium, nisi tibi sit fidelis comprobatus.

Item alius philosophus: Consule amico tuo in bonum quantum poteris, etsi tibi credere noluerit. Iustum est enim ut sibi bene consulas, licet rectum ut insulsus tuum non sequatur consilium.

Alius: Noli consilium tuum omni revelare homini. Qui enim consilium suum in corde suo retinet, sui iuris est melius eligere.

Alius: Consilium absconditum quasi in carcere tuo est reclusum, revelatum vero te in carcere suo tenet ligatum.

Alius: Ne te associaveris inimicis tuis, cum alios possis reperire socios. Quae enim male egeris, notabunt; quae vero bona fuerint, devitabunt.

Dixit quidam versificator: Est una de huius saeculi adversitatibus gravioribus libero homini quod necessitate cogitur ut sibi subveniat requirere inimicum. Quaesivit quidam a quodam Arabe: Quae maior adversitas contigit tibi in hoc saeculo? Arabs: Necessitas compulit me convenire inimicum, ut quae volebam mihi concederet.

A respeito do aconselhar

Outro filósofo, quanto àqueles amigos que ainda não foram postos à prova, disse: “Atenção aos inimigos uma vez, e mil vezes aos amigos, pois, mais cedo ou mais tarde, talvez o amigo possa se tornar um inimigo, e assim ele poderá facilmente buscar o teu prejuízo.”

Outro filósofo disse: “Cuidado com o conselho daqueles a quem pedes conselho, se não foi comprovado que a pessoa é fiel a ti.”

Outro filósofo: “Aconselha o teu amigo da melhor forma possível, mesmo que ele não queira acreditar em ti. É justo, sim, que cuides bem dele, mas é possível que o necessitado não siga o teu conselho.”

Outro: “Recusa a dar conselhos a todo mundo. Para aquele que de fato tem uma decisão presa no coração, o próprio julgamento é a melhor escolha.”

Outro: “Um conselho mantido escondido, é como se estivesse encarcerado em teu corpo; já quando o conselho é revelado, ele é que te mantém preso.”

Outro: “Não te associes com os teus inimigos, uma vez que tu possas encontrar outros aliados. Os inimigos, de fato, sempre se lembrarão de um mal que tu possas ter feito; e as tuas boas-ações serão, verdadeiramente, ignoradas.”

Um poeta disse: “Esta é uma das mais graves adversidades do século, um homem livre que é coagido pela necessidade a se submeter a um inimigo. Há o caso de um homem que certa vez perguntou para um árabe: Qual a maior adversidade que te aconteceu nesta vida? E o árabe respondeu: A necessidade me obrigou a procurar um inimigo, para que ele me concedesse as coisas que eu precisava.”

De leccatore

Alius: Ne te associaveris leccatori, cuius societas est tibi dedecus.

Alius: Ne glorieris in laude leccatoris, cuius laus est tibi vituperium et vituperium laus. – Quidam philosophus transiens per viam alium repperit philosophum cum quodam leccatore iocantem atque ait: Simile sibi simile attrahere adamantis est. At ille inquit: Nunquam me sibi adiunxi. Ad haec transiens: Cur ergo ei applaudebas? At ille: Non, sed magna necessitate cogitur etiam honestus homo latrinam adire.

A respeito da pessoa puxa-saco

Outro filósofo disse: “Não te associes a um puxa-saco, cuja amizade é uma vergonha para ti.”

Um outro completou: “Não te orgulhes com a admiração de um puxa-saco, pois o elogio dele é uma censura, e a censura, um elogio. Havia um certo filósofo que, andando pela rua, encontrou um outro filósofo se entretendo com uma pessoa puxa-saco, e lhe disse depois: Juntar duas metades é coisa própria dos amantes. Defendendo-se, ele respondeu: O que queres dizer? Nunca me juntei àquele homem. E o primeiro filósofo perguntou: Então por que o aplaudias? A justificativa: Não é isso. A questão é que até mesmo uma pessoa honesta, quando ela é coagida por uma necessidade extrema, precisa usar a latrina.”

De sapientia

Alius philosophus: Fili, grave est arduas ascendere mansiones, et ab eisdem descendere facile est.

Alius philosophus: Melior est inimicitia sapientis quam amicitia insipientis.

Alius philosophus: Non habeas pro magno amicitiam stulti, quia non est permanens.

Alius philosophus: Melior est societas simplicis inter sapientes nutriti quam prudentis cum leccatoribus educati.

Alius philosophus: Dulcior est sapienti aspera vita inter sapientes quam dulcis vita inter insipientes.

Alius philosophus: Sapientiae duae sunt species: una naturalis, alia artificialis; quarum una non potest manere sine alia.

Alius: Ne committas stultis sapientiam quia eis esset iniuriosum; neque sapientibus eam deneges, quia quod suum est eis auferres.

Alius: Huius mundi dona diversa sunt: quibusdam enim datur rerum possessio, quibusdam sapientia. Quidam loquens filio inquit: Quid malles tibi dari, an censum an sapientiam? Cui filius: Horum quodlibet alio indiget. – Fuit quidam versificator egregius, sed egenus et mendicus, semper de paupertate sua amicis conquerens, de qua etiam versus composuit talem sensum exprimentes: Tu qui partiris partes monstra mea cur mihi desit! Culpandus non es, sed dic mihi: quem culpabo? Nam si constellatio mea est mihi dura, a te quoque id factum esse indubitabile est. Sed inter me et ipsam tu orator et iudex es. Tu dedisti mihi sapientiam sine substantia. Dic ergo mihi: quid faciet sapientia sine substantia? Accipe partem sapientiae et da mihi partem pecuniae! Ne patiaris me illo indigere cuius damnum erit mihi pudori!

Dixit quidam philosophus: Tribus modis indiget unus alio: Cuicumque benefeceris, in eo maior eo eris; quo non indigueris, par ipsius eris; quo vero indigueris, minor eo eris.

Alius: Claritas anime sapientia est, census vero claritas corporis est.

Alius: Sapientia corpora mortua sua claritate vivificat, velut terra arida humiditate pluviae virescit.

A respeito da sabedoria

Outro filósofo disse para o seu filho: “Filho, é trabalhoso superar os árduos estágios da vida, e é fácil se frustrar com eles.”

Outro filósofo: “É melhor a inimizade de um sábio do que a amizade de um idiota.” Outro: “Não tenhas em alta conta a amizade de um idiota, pois ela não é permanente.”

Outro: “Melhor é uma relação modesta com pessoas sábias do que uma relação com uma pessoa decente que foi educada por puxa-sacos.”

Outro: “É mais doce para um sábio uma vida amarga entre sábios do que uma vida doce entre idiotas.”

Outro: “Existem duas espécies da sabedoria: uma natural, e outra artificial, das quais uma não pode existir sem a outra.”

Outro: “Não confies a sabedoria aos idiotas, pois seria ofensivo para eles; nem tampouco negue-a aos sábios, pois estarias privando-os do que é próprio de um sábio.”

Outro: “Os dons deste mundo são diversos: para alguns, é dado a posse das coisas, e para outros, a sabedoria das coisas. Isso me lembrou de um homem que, conversando com seu filho, perguntou: O que preferirias ganhar, riqueza ou sabedoria? Ao que o filho respondeu: Qualquer uma delas precisa da outra. Também me lembrei de mais um caso: Existiu um certo poeta ilustre, mas um pobre indigente, que sempre estava reclamando da sua pobreza para os amigos, sobre a qual também escreveu versos exprimindo o seguinte ponto de vista: Tu, que repartes as partes, mostra o motivo de a minha omitires! Se em ti não há culpa, então fala-me: em quem? Pois a sina prescrita, tu com certeza é quem fê-la tão dura. Mas a ela e a mim, tu atacas, defendes. Tu que de sábio fizeste-me, um sem qualquer substância, porém. Diz o que faz o saber sem a noz? Toma! Troca o que eu sei, tudo prefiro trocar por moedas! Supra essa falta que a mim traz vergonha!”

Outro: “Existem três situações em que uma pessoa precisa da outra: sempre que fizeres o bem, estarás em posição de superioridade com relação à segunda; quando não há necessidade de ajuda, os dois estarão quites; quando a necessidade é real, estarás em posição de inferioridade.”

Outro: “A sabedoria é a honra do espírito; enquanto a riqueza é a honra do corpo.”

Outro: “Com a sua luz, a sabedoria revigora os corpos esgotados, assim como a umidade da chuva faz florescer a terra árida.”

De silentio

Discipulus magistro: Quomodo habendo me inter sapientes discipulos computabor? Magister: Serva silentium, donec sit tibi loqui necessarium. Ait enim philosophus: Silentium est signum sapientiae, et loquacitas est signum stultitiae. – Alius: Ne festines respondere donec fuerit finis interrogationis, nec quaestionem in conventu factam solvere temptes, cum sapientiorem te ibi esse prospexeris, nec quaestioni alii cuiquam factae respondeas, nec laudem appetas pro re tibi incognita. Philosophus enim dicit: Qui de re sibi ignota laudem appetit, illum mendacem probatio reddit. – Alius: Adquiesce veritati sive a te prolatae sive tibi obiectae. – Alius: Ne glorieris in sapientibus verbis tuis, quia prout philosophus testatur: Qui in suis verbis sapientibus gloriatur, stultus esse comprobatur. – Haec omnia faciens connumeraberis inter discipulos sapienciae atque prudentiae.

Philosophus dicit: Qui prudenter inquirere voluerit solutionem prudenter intelliget.

Alius: Quicumque erubuerit sapientiam ab aliis investigare, magis erubescet eandem a semetipso inquiri.

Alius: Qui brevi tempore pro pudore disciplinam non patitur, omni tempore in pudore insipientiae permanebit.

Alius: Non omnis qui sapiens dicitur sapiens est, sed qui discit et retinet sapientiam.

Alius: Qui in doctrina defecerit, parum generositas sua ei proderit. Dogmate indiget nobilitas, sapientia vero experientia.

Alius: In quo sua desinit nobilitas, avorum nobilitatem haut congrue reservat.

Alius: Nobilitas a me procedens est mihi cordi plus quam quae patrum procedit nobilitate.

A respeito do silêncio

Um discípulo perguntou ao mestre: “De que forma eu posso ser levado em consideração pelos discípulos mais sábios?”

O mestre: “Mantém-te em silêncio até que seja necessário que tu fales. Eu soube de certos filósofos que concluíram algumas coisas sobre isso: O silêncio é um sinal de inteligência, e a falação é um sinal de idiotice, disse um deles; outro disse: Não te antecedas em responder a uma pergunta que não tenha sido terminada, nem tentes solucionar um problema trazido em uma reunião quando tiveres percebido que alguém lá é mais capacitado para isso; nem respondas a uma pergunta que alguém fez para outra pessoa, nem esperes um elogio por algo que tu desconheças. Faço minhas as palavras do filósofo: Aquele que espera um elogio por algo que não sabe fazer, quando posto à prova, se torna um mentiroso; um terceiro filósofo também entrou na discussão: Ou aceitas a verdade proposta por ti, ou aquela que te foi oferecida; e um quarto: Não te glorifiques da tua inteligência, como esta frase bem atesta: Aquele que se vangloria da sabedoria de suas palavras, é comprovadamente um idiota.” Então o mestre concluiu: “Seguindo esses conselhos, serás levado em conta pelos discípulos sábios e prudentes.”

Um filósofo disse: “Aquele que pergunta sabiamente, desejará compreender uma resposta sabiamente.”

Outro: “Qualquer um que se envergonhe de prestar atenção na inteligência alheia, terá mais vergonha de prestar atenção na própria inteligência.”

Outro: “Quem, por vergonha, não aceita uma lição curta, permanecerá com a vergonha da ignorância por um longo tempo.”

Outro: “Nem todo aquele dito sábio é sábio de fato; sábio é quem aprende e preserva a sabedoria.”

Outro: “Quem se afasta de um ensinamento, fará pouco uso da sua generosidade. A nobreza requer uma doutrina, e a sabedoria, por sua vez, experiência.”

Outro: “Aquele que desiste da sua nobreza, dificilmente é capaz de preservar a nobreza dos seus antepassados.”

Outro: “A nobreza que vem de mim me é mais cara do que a nobreza que vem dos meus antepassados.”

III. Exemplum de tribus versificatoribus.

Arabs: Quidam versificator prudens et facetus, sed ignobilis cuidam regi versus suos obtulit. Cuius notata prudentia rex eum honorifice suscepit. Huic igitur invidebant alii versificatores sua superbi generositate regemque convenientes inquiunt: Domine rex, cur hunc tam vili ortum prosapia adeo magnificas? Ad haec rex: Quem vituperare putastis, magis laudastis. Ipse vero qui vituperabatur, haec adiunxit: Rosa ex spinis orta nequaquam blasphematur. Rex autem maximis honoratum muneribus eum dimisit.

Contigit ut quidam versificator nobili ortus prosapia, parum autem disciplinatus regi cuidam versus suos offerret. Quos acceptos rex male quippe compositos sprevit nihilque sibi dedit. Inquit igitur versificator regi: Si non pro versibus, saltem pro generositate aliquid mihi tribuas. Rex ergo: Quis est pater tuus? At ille sibi indicavit. Ait rex: Semen in te degeneravit. Cui versificator: Saepe, rex, exfrumento oritur siligo. Ad haec rex: Te minorem quam patrem tuum probasti. Illumque immunem sic dimisit.

III: Os três poetas

O árabe disse: Havia um certo poeta que era prudente e cordial, mas de origem humilde, que apresentou seus versos a um rei. Percebida a prudência do poeta, o rei o recebeu respeitosamente. Mas outros poetas, arrogantes por serem de descendência nobre, invejavam o primeiro, e se juntaram para questionar o rei:

"Senhor rei, por que exaltas tanto este homem nascido de linhagem tão baixa?" E o rei lhes respondeu:

"Este que considerastes censurar, é o que mais deveis elogiar." O próprio poeta censurado disse aos outros o seguinte:
"A rosa nascida com espinhos não pode, de forma alguma, ser contrariada." Então o rei o dispensou com presentes das maiores honrarias.

Aconteceu depois, que, um certo poeta, este nascido de linhagem nobre, mas que não foi disciplinado, apresentasse os seus versos ao rei. Lendo-os, o rei os rejeitou por serem versos mal compostos, e nada deu de presente ao poeta, o qual, por sua vez, lhe perguntou:

"Se não pelos meus versos, ao menos me retribui um pouco pela minha nobreza?"

"Quem é o teu pai?" Replicou o rei. O outro o lhe apontou o pai. Então o monarca disse:

"A semente da tua linhagem não germinou em ti."

"Frequentemente, senhor rei, o trigo é oriundo de uma semente." Respondeu o poeta.

"Provaste que és menos digno que o teu pai." Retrucou o rei, e o dispensou sem lhe dar presentes.

Um terceiro poeta, homem sem compostura, veio da mesma forma até o rei; seu pai era de origem humilde, mas sua mãe era nobre. Ela tinha um irmão famoso pelo conhecimento de literatura e pelo carisma. O poeta apresentou ao rei uns versos realmente mal compostos; o monarca o recebeu sem qualquer honraria e ainda lhe perguntou de quem ele era filho. O poeta apresentou ao rei aquele seu tio materno, e por isso, o rei se revirou em um riso excessivo. Os familiares perguntaram desentendidos:

"De onde veio toda essa risada?"

"Acontece que vejo aqui, com meus próprios olhos, uma certa fábula que eu tinha lido em um livro." Respondeu o rei.

Os familiares quiseram saber do que se tratava, e o rei disse:

“É a história da mula e da raposa.”

O rei, então, depois de narrar a fábula, voltando a atenção ao poeta, disse:

“Agora eu quero que tu me diz quem é o teu pai, não o teu tio materno.”

O poeta apontou o pai ao rei. Quando o monarca percebeu que o pai dele era pobre e sem instrução, chamou os seus servos e disse:

“Cedamos também a ele alguma coisa de nós, pois este aqui não corrompeu a sua linhagem.”

IV. Exemplum De mulo et vulpe.

Alius versificator item venit ad regem, patre ignobili, sed matre generosa. Incompositus quidem incompositos obtulit versus. Cuius mater fratrem habebat litteratura et facetia splendidum. Rex autem nequaquam eum honorifice suscepit. Quaesivit tamen ab eo, cuius filius erat. At ille praetendit ei avunculum suum; unde rex in nimium risum se convertit. Aiunt ei sui familiares: Unde iste tantus risus procedit? Ait rex: Fabulam quandam in libro quodam legeram, quam hic oculis conspicio. At illi: Quae est illa? Ait rex: Mulum noviter natum vulpis in pascuis invenit atque admirans ait: Quis es tu? Mulus dicit se Dei creaturam esse. Cui vulpis: Habesne patrem aut matrem? Mulus ait: Avunculus meus est equus generosus. – Sicut ergo mulus non recognovit asinum patrem suum, eo quod pigrum et deforme animal est, sic iste patrem suum confiteri erubescebat pro inertia sua incognitum. Rex tunc convertens se ad versificatorem ait: Volo ut indices mihi patrem tuum. At ille sibi indicavit. Cognovit ergo rex quia pater eius vilis et indisciplinatus erat, et ait servis suis:

Demus huic de rebus nostris, quia non degenerat.

IV: A Mula e a Raposa

A raposa encontrou uma mula recém-nascida em uma pastagem, e disse, admirando-a:

“Quem és tu?” A mula respondeu que era uma criatura de Deus. Intrigada, a raposa perguntou:

“Não tens pai ou mãe?” E a mula disse:

“Meu tio materno é um cavalo de raça nobre.”

A mula, portanto, não quis reconhecer o burro como o seu pai porque ele é um animal preguiçoso e disforme, assim como fez um certo poeta que se envergonhava do seu pai com velada ignorância.

De vera nobilitate

Arabs ait patri: Miror me legisse in temporibus praeteritis nobiles, facetos, sapientes honorari, modo vero soli venerantur leccatores. Ad quod pater: Ne mireris, fili, quia clerici clericos, generosi generosos, faceti facetos honorant, leccatores a leccatoribus venerantur. Filius: Vidi et aliud: quod clerici pro sapientia sua non sunt honorati; unde facti sunt leccatores et ad magnum venere honorem. Tunc pater ait illi: Hoc quidem ex inertia temporis contigit. Ad quod filius: Edissere mihi, pater karissime, veram nobilitatis deffinitionem. Et pater: Ut, inquit, Aristotiles in epistola sua quam Alexandro regi composuit, meminit: qui cum ab eo quaereret quem sibi ex hominibus consilarum faceret, taliter per epistolam respondit: Accipe, ait, talem qui septem liberalibus artibus sit instructus, industriis septem eruditus, septem etiam probitatibus edoctus, et ego hanc aestimo perfectam esse nobilitatem. – Et filius: Haec nobilitas in tempore meo non contingit, immo auri et argenti tota est quam video nobilitas, ut ait versificator:

Glorificant gazae privatos nobilitate Paupertasque domum premit altam nobilitate.

Versificator quidam de adversitatibus saeculi quae super nobiles veniunt, versus fecit istos sub persona nobilium: Dic, inquit, illis qui pro adversitatibus quae nobis accidunt nos contempnunt quod saeculum nulli fecit Deus contrarium nisi nobilibus tantum. Nonne vides quod mare devehit stercora et paleas, et pretiosi lapides in fundum vadunt? Et nonne vides quod in caelo sunt stellae e quibus nescimus numerum? At insuper nulla quidem patitur eclipsim praeter solem et lunam. Et pater: Ex temporis inertia accidit quia homines in divitiis solum iudicant gloriandum.

A respeito da verdadeira honra

Um árabe, surpreso, disse a seu pai:

“Eu li que em tempos passados os homens honrados, os educados e os sábios, eram respeitados; mas a verdade é que, hoje, só os puxa-sacos são venerados.”

O pai, em resposta: “Não te assustes, filho, porque os eruditos respeitam os eruditos, as pessoas dignas às pessoas dignas, os educados aos educados, e os puxa-sacos veneram os puxa-sacos.”

O filho: “Mas percebi outra coisa: os eruditos não são respeitados por sua sabedoria, eles foram se tornando puxa-sacos, e assim eles alcançaram um respeito considerável.” Respondeu-lhe o pai: “A verdade é que isso chegou com a estupidez desta era.”

O filho: “Explica para mim, meu querido pai, a verdadeira definição de honra.”

E o pai: “Segundo lembrou Aristóteles em sua carta para o rei Alexandre, quando este perguntou ao primeiro quem dentre os homens ele deveria eleger como seu conselheiro, Aristóteles respondeu na carta: Aceita aquele que seja instruído nas sete artes liberais, instruído nos sete cuidados e também conhecedor das sete virtudes. Eu, de minha parte, tenho para mim que essa honradez é perfeita.”

O filho disse: “Eu tenho para mim que essa honradez não cabe na nossa era, vejo na verdade que a honra existe toda em função do ouro e da prata. Já dizia o poeta:

As riquezas dignificam com honra quem não as tem. A pobreza resiste com honra àqueles que vivem bem.

“Um outro poeta escreveu algumas palavras sobre as adversidades do século que ameaçam as pessoas honradas, e o fez sob a perspectiva dessas pessoas: Deus, diga àqueles que nos diminuem, em favor das adversidades que nos consomem, que este século fez ninguém retroceder, exceto as pessoas honradas. Não percebes que o mar transporta estercos e palhas, enquanto as pedras preciosas afundam? Não percebes que há estrelas no céu, e desconhecemos quantas? E ainda assim nenhuma delas sofre um eclipse, a não ser o sol e a lua.”

O pai disse: “Nesta era, a estupidez acontece porque os homens julgam que só as riquezas são dignas de serem glorificadas.”

De septem artibus, probitatibus, industriis

Unus ex discipulis interrogavit magistrum suum et dixit: Cum septem sint artes et septem probitates et septem industriae, vellem ut haec mihi sicut se habent enumerares. Magister: Enumerabo. Hae sunt artes: Dialectica, arithmetica, geometria, phisica, musica, astronomia. De septima vero diversae plurimorum sunt sententiae quaenam sit. Philosophi qui prophetias non sectantur, aiunt nigromantiam esse septimam. Aliqui ex illis videlicet qui prophetiis non credunt, philosophiam volunt esse septimam, quae res naturales vel elementa mundana praecellit. Quidam qui philosophiae non student, grammaticam esse affirmant.

Probitates vero hae sunt: Equitare, natare, sagittare, cestibus certare, aucupare, scaccis ludere, versificari.

Industriae hae sunt: Ne sit vorax, potator, luxuriosus, violentus, mendax, avarus et de mala conversatione. Discipulus: Hoc tempore puto neminem huiusmodi esse.

A respeito das sete artes, as sete virtudes e os sete cuidados

Um discípulo perguntou ao seu mestre:

"Como existem sete artes, sete virtudes e sete cuidados, eu gostaria que tu os enumerasses para mim, como também que dissesses quais as suas especificidades."

O mestre respondeu: "Vou enumerá-los. Estas são as artes: Dialética, aritmética, geometria, física, música, astronomia. Quanto à sétima, a verdade é que existem opiniões muito diversas a respeito de qual ela possa ser. Os filósofos que não aceitam as profecias, dizem ser necromancia, a sétima arte. Alguns outros filósofos, os que definitivamente não acreditam em profecias, querem que filosofia seja a sétima arte, ela que supera as questões pessoais e ainda os princípios básicos do mundo. E aqueles que não têm a filosofia como ofício, afirmam ser a gramática. Já as sete virtudes são estas: Montar a cavalo, nadar, atirar flechas, lutar boxe, caçar aves, jogar xadrez, fazer versos. Os cuidados são estes: Que não seja guloso, bêbado, luxurioso, violento, mentiroso, avaro ou de mau comportamento."

O discípulo respondeu: "Suponho não haver ninguém desse jeito nos dias de hoje."

De mendacio

Correxit quidam philosophus filium suum: Cave mendacium, quia dulcius est carmine volucrum.

Alius: Cum leve sit mendacium proferre, quare videtur grave veritatem dicere?

Alius philosophus: Si dicere metuas unde paeniteas, melius est dicere: non! quam: sic!

Alius: Verecundia negandi cave ne inferat tibi necessitatem mentiendi, quia honestius est rem negare quam longos terminos dare.

Alius: Terminum termino addere roganti est hoc tempore calliditas negandi.

Alius: Si mendacio quilibet salvatur, multo magis veritate salvatur. – Accusatus quidam ductus est ante regem iudicem negansque crimen impositum tandem convincitur. Cui rex: Duppliciter punieris: semel pro crimine commisso, secundo pro commisso negato.

Alter quidam consimiliter accusatus quod commiserat non negavit. Dixeruntque qui regi astiterunt: De crimine confesso iudicium sumet. Non ita, rex inquit, quia philosophus dicit: Confitenti peccatum ratio est relaxare iudicium. Sicque liber factus a rege discessit.

Socrates: Sicut homo mendax in principis comitatu non convenit, sic a regno caelorum excludendus erit.

Quidam philosophus dixit filio suo: Dic esse mentitum, qui malum dicit malo vincendum, quia sicut ignem ignis non perimit, sic malum malo non cedit. Ut igitur ignem aqua extinguit, sic bono malum quilibet destruit.

Alius: Ne reddas malum ne similis sis malo, sed redde bonum ut melior sis malo.

Alius: Ne confidas in malo si periculum evaseris, ut aliud ineas, quia illud non faciet ut simile pertranseas.

Dixit Arabicus filio suo: Si quemlibet videris malis operibus praegravari, ne te intromittas, quia qui pendulum solverit, super illum ruina erit.

A respeito da mentira

Um certo filósofo repreendeu o seu filho:

“Toma cuidado com a mentira, pois ela é doce feito a canção dos pássaros.”

Outro filósofo: “Considerando que seja fácil contar uma mentira, como dizer a verdade pode ser visto como grave?”

Outro filósofo: “Se temes dizer algo que te arrependas, é melhor dizer ‘não!’ do que confirmar.”

Outro: “Toma cuidado com a vergonha em negar, para que ela não inflija em ti a necessidade da mentira, pois negar as coisas é mais honesto que oferecer longas desculpas.”

Outro: “Acumular desculpas em desculpas para quem está te requisitando, nos dias de hoje, é astúcia de quem nega.”

Outro: “Se qualquer pessoa pode ser salva pela mentira, pode ser muito mais salva pela verdade. Um homem culpado foi levado para o tribunal do rei e, negando o crime, foi ameaçado e, finalmente, coagido a revelar a verdade. Então o rei decretou: Serás duplamente punido: uma vez pelo crime cometido, e a segunda vez pelo crime negado.

“Um outro homem foi igualmente acusado, mas ele não negou o que tinha feito. E os que assistiam ao julgamento disseram ao rei: O veredito punirá o crime confessado? O rei respondeu: Não é assim, pois como disse o filósofo: É razoável suavizar o julgamento de um pecado confessado. De forma que, liberto pelo rei, o homem se retirou.”

Sócrates disse: “Assim como o homem mentiroso não é bem-vindo na comitiva de um nobre, ele também será privado do reino dos céus.”

Um filósofo disse a seu filho: “Diga que é um mentiroso aquele que diz vingar o mal com o mal, pois assim como fogo não destrói fogo, o mal não cede ao mal. Mas feito a água que extingue o fogo, o bem destrói qualquer mal.”

Outro filósofo: “Não te rendas ao mal, para que não sejas semelhante ao mal, mas te entregues ao bem, para que sejas melhor que o mal.”

Outro: “Não confies no mal se escapas de um perigo, ele te leva a outro; pois isso fará com que tu não passes por algo semelhante.”

Um árabe disse a seu filho: “Se veres qualquer um que esteja oprimido pelos seus malfeitos, não te intrometas, pois quem desamarra alguém que foi pendurado, será acometido pela ruína.”

V. Exemplum de homine et serpente.

Transiens quidam per silvam invenit serpentem a pastoribus extentum et stipitibus alligatum. Quem mox solutum calefacere curavit. Calefactus serpens circa foventem serpere coepit et tandem ligatum grave strinxit. Tunc homo: Quid, inquit, facis? Cur malum pro bono reddis? Naturam meam, dixit serpens, facio. Bonum, ait ille, tibi feci, et illud malo mihi solvis? Illis sic contendentibus vocata est inter eos ad iudicium vulpis. Cui totum ut evenerat est monstratum ex ordine. Tunc vulpis: De hac causa iudicare per auditum ignoro, nisi qualiter inter vos primum fuerit ad oculum videro. Religatur iterum serpens ut prius. Modo, inquit vulpis, o serpens, si potes evadere, discede! Et tu, o homo, de solvendo serpente noli laborare! Nonne legisti quod qui pendulum solverit, super illum ruina erit?

Dixit Arabs quidam filio suo: Si gravatus fueris aliquo modo et facile possis liberari, non expectes, quia dum expectabis liberari facilius, gravaberis amplius. Et ne tibi contingat quod contigit gibboso de versificatore. Et quomodo? filius inquit. Pater:

V: O Homem e a Serpente

Caminhando pela selva, um homem encontrou uma serpente que tinha sido esticada e amarrada a um tronco pelos pastores. O homem, depois de tê-la soltado, procurou aquecê-la. A serpente, resgatada, começou a deslisar lentamente em volta do homem para se manter aquecida, e finalmente enroscada, apertou forte. Então o homem exclamou:

"O que fazes?! Por que retribuis o bem com o mal?"

"É da minha natureza" disse a serpente. E o homem respondeu:

"Fiz o bem para ti, e com o mal me desestabilizas?"

Com essa briga dos dois, foi requisitado o julgamento de uma raposa que passava por eles, à qual contaram tudo o que tinha ocorrido, na ordem dos acontecimentos. Então a raposa opinou:

"Ignoro como julgar esta causa por ouvi-la, a não ser que eu tivesse visto qual entre vós começou a briga."

A serpente, então, foi atada ao tronco mais uma vez, como antes. A raposa disse:

"Assim, ó serpente, se consegues escapar, escapa! E tu, ó homem, não se dê ao trabalho de desamarrá-la! Nunca leste o ditado: Quem desamarra alguém que foi pendurado, será acometido pela ruína?"

Um árabe disse ao seu filho: "Se fores reprimido de qualquer forma, e puderes tranquilamente se libertar, não esperes ajuda, pois enquanto esperas por um jeito mais fácil, serás mais reprimido. Não permitas que te aconteça o que se passou com o poeta e o corcunda."

O filho perguntou: "Mas o que aconteceu?" E o pai contou-lhe a história:

VI. Exemplum de versificatore et gibboso.

Quidam versificator versus faciens regi praesentavit, et laudavit rex ingenium illius iussitque ut pro facto donum exposceret. Qui donum tale expostulat ut se ianitorem suae civitatis per rnensem faceret, et ab omni gibboso denarium et a scabioso denarium et de monoculo denarium et de impetiginoso denarium et de hernioso haberet denarium. Quod rex concessit et sigillo corroboravit. Qui ministerio suscepto portae assedit et ministerium suum egit. Quadam die gibbosus quidam bene cappatus cum baculo portam intravit. Cui versificator obvius denarium postulat. Qui denegat dare. Vim inferente versificatore, dum caputium de capite levat, gibbosum deprehendit monoculum esse: duos ergo denarios postulat, a quo prius unum expetiit. Noluit dare, retentus est. Non habens auxilium fugere voluit, sed per caputium retractus capite nudato apparuit scabiosus. Interrogat protinus ille tres denarios. Videns gibbosus neque fuga neque auxilio se posse defendi coepit resistere defendensque se nudatis brachiis apparuit habens in his impetiginem: quartum ergo denarium postulat. Cui defendenti cappam abstulit, et cadente illo in terram herniosum comperit: quintum ergo denarium ab eo extorsit. Sic contigit ut qui unum ultro dare noluit, quinque invitus dedit.

Dixit philosophus quidam filio suo: Fili, vide ne transeas per aedem gentis iniquae! Transitus namque causa fit status, et status occasio sessionis, et sessio causa mortis.

VI: O poeta e o corcunda

Havia um poeta que apresentou ao rei os versos que tinha feito. O monarca elogiou o seu talento e autorizou que ele pedisse um presente em troca dos versos. O outro implorou de presente que ele fosse porteiro da sua cidade por um mês, e que recebesse um denário por cada pessoa corcunda, sarnenta, caolha, ulcerosa ou com hérnia que passasse. O rei permitiu e oficializou o pedido com o símbolo real. O poeta, tendo assumido o serviço, sentou-se na porta da cidade e fez o seu trabalho.

Certo dia, um corcunda bem encapuzado entrou na porta da cidade segurando um cajado. O poeta porteiro cobrou-lhe um denário, mas o corcunda se recusou a dar. O primeiro recorre à força, então levantou o capuz da cabeça do corcunda e percebeu que ele era caolho. Cobrou-lhe, portanto, dois denários pelo que antes tinha pedido um, mas o corcunda não quis dar: foi imobilizado. Sem ninguém para ajudá-lo, ele quis fugir, mas o capuz caiu, e a cabeça apareceu exposta, com sarnas. O poeta imediatamente pediu por três denários. O corcunda, percebendo não poder se defender por fuga ou por ajuda, começou a resistir e, debatendo-se, revelou os braços desnudos, nos quais havia úlceras: o poeta cobrou, então, quatro denários, e arrancou a capa do homem, que estava se debatendo. Quando ela caiu no chão, o poeta percebeu que o corcunda tinha hérnia: extorquiu-lhe, portanto, o quinto denário.

Foi assim que chegou ao ponto de aquele que não quis dar um denário por boa vontade, ser obrigado a dar cinco contra a vontade.

Um filósofo disse para o seu filho: “Filho, cuida para que não passes pela propriedade de pessoas desajustadas! Como uma passagem causa a frequência, a frequência ocasiona uma discussão, e discussão é causa de morte.”

VII. Exemplum de clerico domum potatorum intrante.

Dictum enim est duos clericos de civitate quadam vespere ut exspatiarentur exisse. Venerunt ergo in locum ubi potatores convenerant. Dixit alter socio suo: Divertamus alia via, quia philosophus dicit: Non est transeundum per sedem gentis iniquae. Respondit socius: Transitus non nocebit, si aliud non affuerit. Et transeuntes audierunt in domo cantilenam. Substitit alter retentus dulcedine cantus. Monuit socius ire: noluit. Recedente socio remansit solus illectusque cantu domum intravit. Undique vocatus sedit sedensque cum aliis potavit. Et ecce praeco exploratorem civitatis fugientem sequens post illum in domum potantium intravit. Invento exploratore in illa domo ipse et omnes capti sunt. Hic, inquit, hospitium huius exploratoris fuit: hinc exiit, huc rediit; omnes conscii et socii huius fuistis. Ducti sunt omnes ad patibulum, et clericus inter illos magna voce praedicabat omnibus: Quisquis iniquae gentis consortio fruitur, procul dubio mortis immeritae poenas lucratur.

VII: O sábio que entrou na taberna

Sabe-se que, certa tarde, dois sábios saíram da cidade para que caminhassem. Chegaram, então, ao lugar onde os bêbados costumavam frequentar. Um dos sábios disse a seu amigo:

“Atravessemos para outra rua, pois já dizia o filósofo: Não passes pela propriedade de pessoas desajustadas!”

O amigo respondeu:

“Uma passada não fará mal, se não há outro caminho disponível.”

Então, passando por lá, ouviram uma cantiga vinda da taberna. Um dos sábios parou, capturado pela doçura do canto. O outro recomentou ir embora, mas o amigo não quis. Abandonado, o amigo foi deixado para trás sozinho, e, seduzido pelo canto, ele entrou na taberna.

Requisitado por todos os bêbados, sentou-se junto deles e, uma vez acomodado, pôs-se a beber. Mas eis que um arauto, perseguindo um espião fugitivo da cidade, entrou na taberna para procurar o tal. Tendo encontrado lá o espião, capturou-o e a cada um dos que estavam na propriedade. Disse:

“Este lugar foi o refúgio desse espião: daqui saiu, para aqui voltou. Fostes todos cúmplices e aliados dele.”

Então, todos foram levados à forca, e aquele sábio que estava entre eles declarava em alta voz:

“Qualquer um que aproveita a companhia de pessoas desajustadas, sem dúvidas não merece se salvar da pena de morte.”

VIII. Exemplum de voce bubonis.

Fertur de duobus discipulis quod exeuntes de quadam civitate venerunt in locum ubi vox cuiusdam feminae valde sonora audiebatur, verbaque cantus bene composita erant et cantus ipse musice constructus valde delectabilis et amatorius insonuit. Substitit alter cantilena retentus. Cui socius: Divertamus hinc! – Et diverterunt inde – quia intantum volucris cantu decipitur quod ad mortem perducitur. Item unus: Ista vox dulcior est illa quam ego et magister meus iam pridem audieramus. Et qualis erat illa, inquit alter, et quomodo illam audistis? Evenit, dixit socius, quod a civitate exieramus, et sic vox una asperrima audiebatur et cantus incompositus verbaque inordinate sonabant; quique cantaverat, saepius per idem repetebat et suo licet aspero cantu quasi delectabili detinebatur. Tunc mihi magister: Si verum est quod homines dicunt vocem bubonis hominis mortem portendere, tunc ista sine dubio vox bubonis mortem annunciat. Cui ego: Miror, cum cantus sit tam horridus, cur iste tantum in illo delectatur. Et ille mihi: Non recordaris illius philosophi qui dicit: In tribus delectatur homo, et si bona non sint: in sua voce, in suo carmine et in suo filio? – Ut istud de se et de suo magistro narraverat, digressi sunt inde ambo.

Dixit quidam philosophus filio suo: Sequere scorpionem, leonem et draconem, sed malam feminam non sequaris!

Alius philosophus: Ora deum ut te liberet ab ingenio nequam feminarum, et tu ipse ne decipiaris provide tibi. – Dictum namque est de quodam philosopho quod transiens iuxta locum quo auceps rete tetenderat avibus decipiendis vidit mulierculam cum eo lascivientem. Cui dixit: Qui aves decipere conaris, vide ne avicula factus huius visco tenearis.

Dixit quidam discipulus magistro suo: Legi in libris philosophorum quibus praecipiunt ut ab ingenio feminae perversae custodiat se homo. Et Salomon in proverbiis hoc idem admonet. Sed tu si super ingenio illius sive de fabulis sive de proverbiis aliquid memoriter tenes, vellem renarrando me instrueres. Magister: Faciam, inquit, tui causa libenter. Sed vereor ne si qui nostra simplici animo legentes carmina quae de mulierum artibus ad earum correptionem et tuam et aliorum instructionem scribimus viderint, videlicet quomodo quaedam earum nescientibus viris suos advocent amasios et complectentes deosculentur advocatos et quae illarum expetat lascivia in ipsis expleant, earum nequitiam in nos redundare credant. Discipulus: Ne timeas hoc, magister, quia Salomon in libro proverbiorum et multi sapientes pravos earum corrigendo mores talia scripserunt nec culpam sed laudem inde promeruerunt. Tu similiter de illis scribens ad nostram utilitatem non vituperium, sed coronam promereberis. Et ob hoc rogata

sine cunctatione demonstra. Tunc magister:

VIII: A voz da coruja

É dito que dois discípulos, saindo da cidade, chegaram a um lugar onde era ouvida uma voz de mulher ressonando intensamente; as palavras do canto eram bem compostas, e o próprio cantar soou apaixonado, concebido de maneira muito agradável. Um dos discípulos parou, retido pela cantiga, mas o outro discípulo recomendou:

"Saiamos daqui! Pois pelo canto de um pássaro alguém pode ser enganado e conduzido até a morte."

Eles saíram de lá, até que o primeiro discípulo, por sua vez, disse:

"Essa voz é mais doce do que aquela que eu e meu mestre tínhamos ouvido, já há muito tempo."

"E como era ela? Como a ouvistes?" Respondeu o segundo. E o outro disse:

"Aconteceu quando tínhamos saído da cidade, e assim foi ouvida aquela voz sofridíssima, o canto desafinado, e as palavras eram recitadas desordenadamente; seja lá quem estivesse cantado, recomeçava a mesma música de novo com o seu áspero canto, e valorizava-se como se estivesse em êxtase. Ouvindo-a, meu mestre disse para mim: Se é verdade o que dizem as pessoas, que a voz da coruja é presságio de morte do ser humano, então esta voz, de coruja sem dúvidas, vem anunciar uma morte. E disse-lhe eu: Me admira um canto que seja tão medonho ser tão deleitável para quem o está cantando. O meu mestre respondeu: Não te recordas do que disse o filósofo? O homem é agradado por três coisas, mesmo que não sejam boas: sua voz, seus versos e seu filho."

Quando o discípulo terminou de narrar esta história com o seu mestre, ele e o outro discípulo partiram de lá.

Um filósofo disse a seu filho: "Podes perseguir um escorpião, um leão ou até um dragão, mas não persigas uma mulher má!"

Outro filósofo: "Reza a Deus para que Ele te liberte da tentação das mulheres más, e cuida para que tu próprio não sejas enganado por elas. Pois é dito que um certo filósofo, passando perto do lugar onde um caçador tinha colocado uma armadilha para capturar pássaros, viu uma moça flertando com ele. O filósofo disse ao caçador: Tu, que tentas enganar as aves, cuida para que não sejas tido por pássaro e preso na armadilha desta mulher."

Um discípulo disse a seu mestre: "Li nos livros dos filósofos, que eles instruem os homens a se protegerem da índole das mulheres perversas. E Salomão, em seus provérbios, aconselha a

mesma coisa. Então se tu, mestre, sabes de cor algum caso, seja em fábulas ou em provérbios, sobre essa índole perversa, eu gostaria que me ensinasses por uma história."

O mestre respondeu: "Contarei com prazer. Mas se os leitores de espírito ingênuo não verem que os nossos versos, os que escrevemos sobre as artimanhas das mulheres, são para a censura delas e a instrução de todos, temo que eles acreditem que a má índole em nós se manifesta a partir das mulheres; temo que acreditem que algumas delas, obviamente as com maridos desinformados, tragam seus amantes e que, abraçando-os, se beijam apaixonadamente, e satisfaçam o que a própria luxúria quer deles."

Ouvindo isso, o discípulo disse: "Não temas isso, mestre, pois Salomão, no livro dos provérbios, e muitos outros sábios, escreveram sobre as tais índoles perversas das mulheres para corrigi-las, por isso mereceram, não culpa, mas elogios. Tu, escrevendo sobre elas, e para a nossa utilidade, serás da mesma forma merecedor, não de censura, mas de uma coroa.

E por isso, conta tu, sem hesitar, o que pedimos." E o mestre contou a história:

IX. Exemplum de vindemiatore.

Perrexit quidam ut vindemiaret vineam. Quod uxor illius videns intellexit illum circa vineam diutius moraturum et misso nuntio convocat amicum conviviumque parat. Accidit autem ut dominus ramo vineae in oculo percussus domum cito rediret nihil de oculo percusso videns; veniensque ad portam suae domus hostium pulsavit. Quod uxor intelligens nimium turbata convocatum amicum abscondit seorsum et domino suo hostium postea aperire cucurrit. Qui intrans et graviter pro oculo tristis et dolens iussit cameram parari et lectum sterni, ut posset quiescere. Timuit uxor ne intrans cameram amicum latitantem videret. Dixit ei: Quid tantum properas ad lectum? Dic mihi quid tibi sit prius! Narravitque ei totum ut acciderat. Permitte, inquit illa, karissime domine, ut oculum sanum medicinali arte confirmem et carmine, ne ita eveniat de sano ut mihi evenit de iam percusso, quia dampnum tuum commune est nobis. Apponensque os suum ad oculum sanum tantum fovit quousque amicus a loco ubi absconditus erat viro nesciente discessit. Tandemque se erigens: Modo, inquit, karissime vir, sum secura ne simile de hoc oculo eveniat, quale de altero evenit. Iam potes, si placet, ad lectum descendere. – Tunc discipulus ait magistro: Bene me instruxisti, et quod de illarum artibus retulisti siticuloso et desideranti animo commendavi; nec quod inde scio pro divitiis Arabum commutare volo. Sed si placet progredere, et quod transferre in actum publicae administrationis futurorum valeamus edissere! – Faciam, inquit magister:

IX: O colhedor de uvas

Um homem saiu de casa para coletar uvas. Vendo isso, a sua esposa concluiu que ele demoraria muito, então chamou o amante, por meio de um mensageiro com o recado, e preparou o evento. Acontece, porém, que o marido foi furado no olho por um ramo de vinha, e rapidamente regressou à casa sem enxergar nada com o olho furado.

Aproximando-se da porta fechada de sua casa, começou a bater. A esposa, percebendo o marido à porta, ficou muito conturbada, escondeu o requisitado amante em outro lugar, e depois se apressou em abrir a porta para o seu marido. Adentrando, triste pelo olho que doía intensamente, ele ordenou que o quarto fosse preparado e a cama feita, para que pudesse repousar. A esposa ficou com medo que ele visse, ao entrar, o amante que se escondia lá, e disse para o marido:

"Por que tanta pressa em ir para a cama? Antes, me diz o que aconteceu!" E o marido contou-lhe todo o ocorrido. "Permita, meu queridíssimo marido, que eu fortifique o olho saudável com um ritual de cura, para que assim não aconteça com ele o que já aconteceu com o outro, porque o teu prejuízo é o meu também; é nosso." E colocando a sua boca sobre o olho saudável do marido, acariciou-o tempo o suficiente para o amante sair do lugar onde estava escondido e fugir daquele marido ignorante. Ela, então, se recompôs e disse: "Meu marido queridíssimo, agora estou segura de que não acontecerá a este olho o que aconteceu ao outro. Já podes, se te agradas, repousar na cama."

Então o discípulo disse para o mestre: "Me instruíste bem, e ensinaste para a minha alma seca e carente tudo o que aprendi sobre as artimanhas das mulheres. Eu não trocaria o que sei nem pelas riquezas dos árabes. Agora, se te interessas contar mais alguma história, relata-nos algo que possamos adaptar para as administrações públicas vindouras!"

E o mestre contou-lhes a história:

X. Exemplum de lintheo.

Dictum est de quodam qui peregre proficiscens commisit uxorem suam suae socrui. Uxor autem sua alium quendam adamavit et matri hoc indicavit. Quae commota pro filia favit amori et convocans procum eundem coepit cum illo et filia epulari. Epulantibus illis supervenit maritus et hostium pulsavit. Et consurgens mulier procum abscondit et hostium postea domino aperuit. Qui postquam intravit, ut lectus sibi pararetur praecepit; nam quiescere volebat quia lassus erat. Turbata mulier dubitavit quid faceret. Quod videns mater: Ne festines, inquit, filia, lectum parare, donec monstremus marito tuo lintheum quod fecimus. Et extrahens lintheum vetula quantum potuit unum cornu illius sustulit et alterum filiae sublevandum dedit. Sicque lintheo extenso delusus est maritus, quousque qui latuerat egrederetur amicus. Tunc ait mulier filiae suae: Extende lintheum super lectum mariti tui, quia manibus tuis et meis est contextum. Cui maritus: Et tu, domina, scis tale lintheum parare? Et illa: O fili, multa huiusmodi paravi. – Ad haec discipulus: Mirabile quid audivi; sed vellem ut amplius me instrueres, quia quanto plus ingenium illarum attendo, tanto magis ad mei custodiam exacuor. Respondit magister: Adhuc tertium tibi dicam, et sic tibi ad instructionem exempla nostra sufficient. Discipulus: Ut placet.

X: O lençol

Contam sobre um certo homem que, partindo para o estrangeiro, pediu à sua sogra que ela fizesse companhia para a sua esposa, mas a mulher se apaixonou por outro homem e confidenciou isso à mãe. A confidente foi movida por amor à filha e decidiu chamar o outro pretendente para jantar com elas. Enquanto comiam, o marido voltou e bateu à porta.

Erguendo-se, a mulher escondeu o pretendente e depois abriu a porta para o marido, ele que, depois de entrar, ordenou que a cama fosse preparada para si, pois queria descansar; estava exausto. Desesperada, a mulher não sabia o que faria, e, vendo isso, a mãe disse:

"Não te apresses em preparar a cama, filha; não até que mostremos para o teu marido o lençol que fizemos."

Revelando o lençol, a velha o esticou por uma ponta o máximo possível, e deu a outra ponta para a filha segurar, de forma que o marido foi distraído pelo lençol esticado na sua frente, por tempo o suficiente para que o amante, que a mulher tinha escondido, fugisse. Então a velha disse para sua filha:

"Estende o lençol sobre a cama do teu marido, pois ele foi tecido pelas tuas mãos e pelas minhas."

"Mas tu, senhora, sabes tecer lençóis como este?" Perguntou-lhe o genro. E a sogra respondeu:

"Ó, meu filho, já teci muitos como este."

O discípulo disse: "O que ouvi é impressionante! Mas eu gostaria que me instruísses mais, pois quanto mais eu souber sobre a índole delas, mais minha cautela é apurada."

O mestre disse: "Então contarei uma terceira história, e, assim, estes nossos exemplos serão suficientes para a tua instrução." E o discípulo: "Como queiras."

XI. Exemplum de gladio.

Relatum est, inquit, iterum quod quidam proficiscens peregre commisit coniugem suam socrui suae servandam. Uxor autem clam iuvenem quendam amavit, quod suae matri protinus indicavit. Illa vero amori consensit paratoque convivio ascivit iuvenem. Quibus epulantibus dominus veniens ianuam pulsavit. Surrexit itaque uxor et dimisit maritum intrare. Sed mater cum amasio filiae remanens, quia locus ubi absconderetur non erat, quid faceret prius dubitavit. Sed dum filia sua hostium aperiret marito, arripuit vetula nudum gladium et commisit amasio iussitque ut ante hostium in introitu mariti filiae suae stricto gladio staret, et si aliquid ei maritus loqueretur, nihil responderet. Fecit ut iusserat. Hostioque aperto ut illum maritus sic stare vidit, substitit et: Quis, inquit, tu es? Quo non respondente, cum primum obstupuisset, tunc magis extimuit. Respondit intus vetula: Care gener, tace, ne aliquis te audiat! Ad haec ille magis mirans: Quid hoc est, inquit, cara domina? Tunc mulier: Bone fili, venerant huc tres persequentes istum, et nos aperto hostio hunc cum suo gladio intrare permisimus, donec discederent qui illum interficere volebant. Qui nunc timens te aliquem ex illis esse stupefactus nihil tibi respondit. Et ait maritus: Bene habeas, domina, quae hoc modo hunc liberasti a morte. Et introiens advocavit amasium uxoris suae et secum sedere fecit. Sicque dulcibus alloquiis delinitum circa noctem exire dimisit. – Discipulus: Miranda dixisti; sed nunc magis illarum praesumptuosam admiror audaciam. Volo tamen ut adhuc mihi de earum ingeniis si non fuerit grave dicas. Quanto enim magis dixeris, tanto maiora promereberis. Ad quem magister: Nonne tibi sufficiunt ista? Tria tibi narravi, et tu nondum desinis instigare? Discipulus: Tria dicendo nimium auges recitando numerum, sed pauca sonuerunt verba. Dic ergo unum quod longa verbositate meas repleat aures, et sic mihi sufficiet. Magister: Cave ne contingat inter nos quod inter regem et suum accidit fabulatorem.

Discipulus: Quid, care magister, quid tandem accidit? Magister:

XI: A espada

Contam sobre um certo homem que, viajando novamente para o exterior, pediu à sua sogra que ela fizesse companhia para a sua esposa. Mas a esposa amava, em segredo, um jovem rapaz, o que contou prontamente para sua mãe. Ela concordou, realmente, por amor à filha, e, preparado o jantar, recebeu o jovem. Enquanto comiam, o marido voltou e bateu à porta.

A esposa se ergueu para impedir o marido de entrar, enquanto a mãe, que permanecia junto do amante da filha, pensou no que poderia fazer, primeiramente, já que não havia lugar onde o jovem pudesse se esconder. Enquanto a sua filha abria a porta para o marido, a velha sacou uma espada desnuda, deu-a para o amante e ordenou que ele ficasse diante da porta com a espada empunhada quando o marido da sua filha estivesse entrando, e que se o marido falasse com ele, não respondesse nada.

O amante fez o que ordenara a sogra. Porta aberta, o marido o viu parado assim, então se deteve e disse:

"Tu! Quem és?!" O outro não falou, então o marido ficou, primeiro, estupefato, e depois muito assustado. A velha, intrometendo-se, respondeu:

"Cala-te, meu caro genro, para que ninguém te ouça!" Com grande surpresa, ele disse a ela:

"Mas quem é este, cara senhora?" Então a sogra respondeu:

"Meu bom filho, vieram três homens aqui perseguindo este moço, então abrimos a porta para ele e permitimos que entrasse com a sua espada, enquanto aqueles que queriam matá-lo partiam. Este moço, temendo que tu fosses um deles, ficou paralisado e não te respondeu nada."

"Sinta-se bem, senhora, pois livraste este homem da morte." Respondeu o marido. Adentrando a casa, ele chamou o amante da sua esposa e o fez se sentar à mesa consigo. Então, cativado por doces anedotas, se despediram perto do anoitecer.

O discípulo comentou: "Contaste maravilhosamente, e agora estou muito mais surpreso diante da suntuosa audácia daquelas mulheres. Mas ainda quero que me contes sobre a índole delas, se não for te incomodar. A verdade é que quanto mais disseres, mais serás prestigiado."

O mestre, então, respondeu: "Essas histórias não bastam para ti? Contei-te três delas, e ainda não cansaste de refletir?"

O discípulo: "Com três histórias contadas, aumentaste muito o número de exemplos, mas eles foram narrados em poucas palavras. Conta, portanto, uma história que encha os meus ouvidos

com longas palavras, e assim me darei por satisfeito.”

O mestre: “Tomemos cuidado para que não nos aconteça o que se sucedeu entre o rei e o seu contador de histórias.”

O discípulo: “Meu caro mestre, o que aconteceu, então?” E o mestre contou:

XII. a). Exemplum de rege et fabulatore suo.

Rex quidam suum habuit fabulatorem, qui singulis noctibus quinque sibi narrare fabulas consueverat. Contigit tandem quod rex curis quibusdam sollicitus minime posset dormire pluresque solito quaesivit audire fabulas. Ille autem tres super hoc enarravit, sed parvas. Quaesivit rex etiam plures. Ille vero nullatenus voluit; dixerat enim sicut iam visum fuerat sibi, multas. Ad haec rex: Plurimas iam narrasti, sed brevissimas. Vellem vero aliquam te narrare quae multis producatur verbis, et sic te dormire permittam. Concessit fabulator et sic incepit:

XII (Parte I): O rei e seu contador de histórias

O rei tinha um contador de histórias que costumava narrar cinco fábulas para ele todas as noites. Eventualmente, aconteceu de o rei, agitado por alguma ansiedade, não conseguir dormir, e pediu para ouvir mais histórias do que as de costume. Então o narrador contou três casos curtos, mas o rei pediu por mais. O narrado realmente não quis, de forma alguma; afinal, na sua opinião, já tinha contado muitas. O rei, então, disse:

"Já narraste muitas, mas foram brevíssimas. Eu gostaria muito mesmo que tu trouxesses uma história com muitas palavras, e assim permitirei que durmas." O contador de histórias concordou e assim começou a narrar:

b). De rustico.

Erat quidam rusticus qui mille solidos habuit. Hic autem in negotiationem proficiscens comparavit bis mille oves, singulas senis denariis. Accidit eo redeunte quod magna inundatio aquarum succresceret. Qui cum neque per pontem neque per vadum transire posset, abiit sollicitus quaerens quo cum ovibus suis transvehi posset. Invenit tandem exiguam naviculam quae nisi duas oves una cum rustico ferre non valebat. Sed tandem necessitate coactus duas oves imponens aquam transiit. – His dictis fabulator obdormivit. Rex siquidem illum excitans ut fabulam quam inceperat finiret commonuit. Fabulator ad haec: Fluctus ille magnus est, navicula autem minima et grex ovium innumerabilis: permitte ergo supradictum rusticum suas transferre oves, et quam incepi fabulam ad finem perducam. – Fabulator etenim hoc modo regem longas audire fabulas gestientem pacificavit. Quodsi amplius me praedictis etiam subtexere alia compuleris, iam dicti praesidio exempli me deliberare conabor. Discipulus: Dictum est in antiquis proverbiis quod non eadem compunctione dolet qui pro muneribus lacrimatur et qui sui dolore corporis gravatur. Neque regem adeo dilexit fabulator, sicut et tu me diligis. Voluit enim fabulis suis eum aliquantum seducere, tu vero me discipulum minime. Unde precor ne iam promotam narrationem modo velis subducere; sed praelibata mulierum ingenia diligenter pande. Magister:

XII (Parte II): O camponês

Havia um camponês que possuía mil soldos. Partindo para uma viagem de negócios, ele comprou dois mil carneirinhos, cada um por seis denários. Quando retornava, aconteceu que o volume das águas cresceu com uma grande inundação. Como não podia atravessar por uma ponte, ou pela massa d'água, ele saiu aflito procurando por alguém que pudesse atravessar com seus carneirinhos. Finalmente, ele encontrou um pequeno barquinho, o qual conseguia suportar, pra além do camponês, nada mais que dois animais. Coagido pela necessidade, ele, então, escolhendo dois carneirinhos, atravessou a água...

Neste ponto, o contar de histórias dormiu. O rei, acordando-o, pressionou-o a terminar a história que tinha começado. O narrador disse-lhe, então:

"Aquela enchente era imensa, mas o barquinho era mínimo, e o rebando de carneirinhos, infinito: portanto, contemos os carneirinhos, e deixa que o camponês atravesse primeiro com cada animal do rebanho. Quando ele tiver terminado, dou continuidade à fábula que comecei."

O mestre disse: "Desta forma, o narrador acalmou o rei que ansiava por ouvir histórias longas. Mas se mesmo assim insistes que eu agregue mais outra história sobre as mulheres, tentarei cogitar isso com a ajuda deste exemplo."

O discípulo, por sua vez: "Dizem nos antigos provérbios que a dor não atinge da mesma forma quem chora por remorso e quem é oprimido pela fadiga do seu ofício. O contador de histórias não estimou o rei como tu me estimas. Ele quis seduzi-lo, de certa forma, com suas fábulas, e tu não farias isso comigo, teu discípulo. Por isso peço que não adies a narração, como se quisesses guardá-la, mas que narres cuidadosamente sobre as artimanhas das mulheres, que tu começaste a contar antes." Então o mestre narrou mais uma história:

XIII. Exemplum de canicula lacrimante.

Dictum est quod quidam nobilis progenie haberet uxorem castam nimium et formosam. Contigit forte quod orationis studio Romam vellet adire, sed alium custodem uxori suae nisi semetipsam noluit deputare, illius castis moribus satis confisus et probitatis honore. Hic autem parato comitatu abiit. Uxor vero caste vivendo et in omnibus prudenter agens remansit. Accidit tandem quod necessitate compulsa a domo sua propria suam conventura vicinam egrederetur. Quae peracto negotio ad propria remeavit. Quam iuvenis aspectam ardenti amore diligere coepit et plurimos ad eam direxit nuntios, cupiens ab illa qua tantum ardebat amari. Quibus contemptis eum penitus sprevit. Iuvenis cum se sic contemptum sentiret, dolens adeo efficitur ut nimio infirmitatis onere gravaretur. Saepius tamen illuc ibat quo dominam egressam viderat, desiderans eam convenire; sed nequaquam praevaluit efficere. Cui prae dolore lacrimanti fit obvia anus religionis habitu decorata, quaerens quaenam esset causa quae eum sic dolere compelleret. Sed iuvenis quae in sua versabantur conscientia minime detegere volebat. Ad quem anus: Quanto quis infirmitatem suam medico revelare distulerit, tanto graviori morbo attritus fuerit. Quo audito narravit ei ex ordine quae sibi acciderant et suum propalavit secretum. Cui anus: De his quae iam dixisti Dei auxilio remedium inveniam. Et eo relicto ad propria remeavit. Et caniculam quam apud se habebat duobus diebus ieiunare coegit et die tertio panem sinapi confectum ieiunanti largita est. Quae dum gustaret, prae amaritudine oculi eius lacrimari coeperunt. Post haec vero anus illa ad domum pudicae feminae perrexit quam iuvenis praedictus adeo adamavit. Quae honorifice pro magna religionis specie ab eo suscepta est. Hanc autem sua sequebatur canicula. Cumque vidisset mulier illa caniculam lacrimantem, quaesivit quid haberet et quare lacrimaretur. Anus ad haec: Cara amica, ne quaeras quid sit, quia adeo magnus dolor est quod nequeo dicere. Mulier vero magis instigabat ut diceret. Cui anus: Haec quam conspicis canicula mea erat filia, casta nimis ac decora. Quam iuvenis adamavit quidam; sed adeo casta erat ut eum omnino sperneret et eius amorem respueret. Unde dolens adeo efficitur ut magna aegritudine stringeretur: pro qua culpa miserabiliter haec supradicta nata mea in caniculam mutata est. His dictis prae nimio dolore erupit in lacrimas anus illa. Ad haec femina: Quid ego, cara domina, similis peccati conscia, quid, inquam, factura sum? Me etenim dilexit iuvenis quidam, sed castitatis amore eum contempsi, et simili modo ei contigit. Cui anus: Laudo tibi, cara amica, ut quam citius poteris huius miserearis et quod quaerit facias, ne et tu simili modo in canem muteris. Si enim scirem inter iuvenem praedictum et filiam meam amorem, nunquam mea mutaretur filia. Cui ait mulier casta: Obsecro ut consilium huius rei utile dicas, ne propria forma privata efficiar canicula. Anus: Libenter pro Dei amore et animae remedio meae et quia miseret me tui, hunc supradictum iuvenem quaeram, et si quo inveniri poterit, ad te reducam. Cui

gratias egit mulier. Et sic anus artificiosa dictis fidem praebuit, et quem promisit reduxit iuvenem et sic eos associavit. – Discipulus ait magistro: Nunquam audivi tam mirabile quid, et hoc puto fieri arte diaboli. Magister: Ne dubites! Discipulus: Spero quod si quis homo tam sapiens erit ut semper timeat se posse decipi arte mulieris, forsitan se ab illius ingenio custodire valebit. Magister: Audivi de quodam homine qui multum laboravit ut suam custodiret uxorem, sed nihil profuit. Discipulus: Magister, dic mihi, quid fecit, ut melius sciam si quam duxero illam custodire. Magister:

XIII: A cachorrinha que chorava

Dizem que havia um homem de linhagem nobre que tinha uma esposa casta e bastante formosa. Certa vez, teve o desejo de ir a Roma para o estudo da oratória, mas não quis depositar a custódia da sua esposa em outra pessoa a não ser ela mesma, confiando o suficiente nela pelos seus virtuosos costumes e por seus valores de honestidade. Ele, portando, saiu de casa com a guarda providenciada.

A esposa, que ficou para trás, de fato estava vivendo de forma casta e agindo prudentemente em tudo, até o dia em que foi compelida pela necessidade a sair da própria casa para encontrar com sua vizinha. Elas resolveram a questão e a esposa retornou à casa, mas um jovem rapaz a viu e começou a amá-la com uma paixão ardente.

Distribuiu a ela muitas declarações, desejando ser amado da forma como que ele tanto ansiava, as quais ela recusou com profundo desprezo. O jovem, assim, sentiu-se menosprezado, sofrendo tanto que foi assolado por uma enfermidade das grandes, oprimido por esse fardo. Apesar disso, ia regularmente na casa da senhora que ele tinha visto sair, desejando encontrá- la; mas não pôde, de forma alguma, concretizar o desejo.

Porque ele estava chorando de angústia, uma velha matrona pôs-se em seu caminho, ornada por uma vestimenta religiosa, perguntando qual seria o motivo de juntar tanto sofrimento assim. Mas o jovem não queria expor nada sobre as questões que se embaralhavam na sua consciência. Até que a matrona disse:

“O quanto evitares revelar tua enfermidade ao médico, é o tanto que estarás desgastado pelo agravamento da doença.”

Tendo ouvido isso, ele contou a ela exatamente todas as coisas que tinham acontecido, e revelou o seu segredo. A matrona, por sua vez, disse:

“Pelo que me disseste agora, com o auxílio de Deus, encontrarei um remédio.”

Então ela o deixou, e regressou à própria casa, onde havia uma cachorrinha que morava com ela, a qual fez jejuar por dois dias, quando, no terceiro, um pão com mostarda foi preparado para o jejum ser concluído. Quando o comeu, os olhos da cachorrinha começaram a lacrimejar por causa da acidez da mostarda. Depois disso, a matrona prosseguiu até a casa da moça casta, pela qual o jovem rapaz tinha dito que se apaixonou.

Foi recebida por ela com honra, pela grande reputação daquela religião. A matrona também estava acompanhada de sua cachorrinha. Quando a mulher percebeu que o animal estava

chorando, perguntou o que ela tinha e o motivo das lágrimas. A velha respondeu:

“Cara amiga, não perguntes, o que quer que seja; a dor é tão grande que eu não sou capaz de dizer.” E a mulher insistia muito mesmo para que dissesse. Então a velha revelou: “Esta cachorrinha que vês era a minha filha, uma moça bastante casta e com muito decoro. Um jovem se apaixonou por ela, mas ela era tão casta que o desprezava completamente, e rejeitava o seu amor. Ele estava sofrendo tanto que aconteceu de ser tomado por uma grande enfermidade: por causa da culpa, essa minha filha foi tristemente transformada em uma cachorrinha.”

Assim foi dito, e então a velha, com muita tristeza, explodiu em lágrimas. A moça se preocupou:

“Cara senhora, tenho um pecado parecido na consciência, o que eu devo fazer? Um certo rapaz se apaixonou por mim, mas desprezei o seu amor pela minha moral, e fiz a ele o que sua filha fez.” A velha matrona respondeu:

“Aconselho a ti, minha cara amiga, que tenhas misericórdia dele o quando antes e faças o que ele pediu, para que tu não te transformes em cão também. Se eu soubesse antes do amor entre o rapaz e a minha filha, ela nunca teria se transformado.” Então, a moça disse:

“Imploro que me dês um conselho útil sobre essa questão, para que eu não seja privada do meu próprio corpo e vire uma cachorra.” E a velha:

“Com muito prazer, graças ao amor de Deus e pela cura da minha alma, e porque sinto pena de ti; vou procurar o jovem rapaz que disseste, e, se eu conseguir encontrá-lo, o trarei aqui.”

A moça ficou muito agradecida. E assim, a velha ardilosa provou a fidelidade da sua palavra e fez o que prometeu: trouxe o jovem para a casa da moça e os uniu.

O discípulo disse para o mestre: “Nunca ouvi uma história tão impressionante, e penso que isso foi feito por artimanha do diabo.”

O mestre: “Não duvides!”

O discípulo: “Espero que o homem que tenha a prudência de sempre se preocupar em temer as artimanhas das mulheres, consiga, quem sabe, se proteger da índole daquelas.”

E o mestre respondeu: “Conheço a história de um homem que trabalhava muito para sustentar a sua esposa, mas nada adiantou.”

O discípulo: “Diga-me, mestre, o que aconteceu! É melhor que eu saiba, para que, se eu me casar, eu possa sustentar a minha esposa.”

E o mestre contou a próxima história:

XIV. Exemplum de puteo.

Quidam iuvenis fuit, qui totam intentionem suam et totum sensum suum et adhuc totum tempus suum ad hoc misit ut sciret omnimodam artem mulieris, et hoc facto voluit ducere uxorem. Sed primitus perrexit quaerere consilium et sapientiorem illius regionis adiit hominem et qualiter custodire posset quam ducere volebat quaesivit uxorem. Sapiens vero hoc audiens dedit sibi consilium quod construeret domum altis parietibus lapideis poneretque intus mulierem daretque sibi satis ad comedendum et non superflua indumenta faceretque ita domum quod non esset in ea nisi solum hostium solaque fenestra per quam videret, et tali altitudine et tali compositione per quam nemo posset intrare vel exire. Iuvenis vero audito consilio sapientis, sicuti ei iusserat egit. Mane vero quando iuvenis de domo exibat, hostium domus firmabat, et similiter quando intrabat; quando autem dormiebat, sub capite suo claves domus abscondebat. Hoc autem longo tempore egit. Quadam vero die dum iuvenis ad forum iret, mulier sua, ut erat solita facere, ascendit fenestram et euntes et regredientes intente aspexit. Haec una die cum ad fenestram staret, vidit quendam iuvenem formosum corpore atque facie. Quo viso statim illius amore succensa fuit. Mulier haec amore iuvenis succensa et ut supradictum est custodita coepit cogitare quo modo et qua arte posset loqui cum adamato iuvene. At ipsa plena ingenio ac dolositatis arte cogitavit quod claves domini sui furaretur dum dormiret. Et ita egit. Haec vero assueta erat dominum suum unaquaque nocte vino inebriare, ut securius ad amicum suum posset exire et suam voluntatem explere. Dominus vero illius philosophicis iam edoctus monitis sine dolo nullos esse muliebres actus coepit excogitare quid sua coniunx strueret frequenti et cotidiana potatione. Quod ut sub oculo poneret, se finxit ebrium esse. Cuius rei mulier inscia de lecto nocte consurgens perrexit ad hostium domus et aperto hostio exivit ad amicum. Vir autem suus in silentio noctis suaviter consurgens venit ad hostium et apertum clausit et firmavit et fenestram ascendit stetitque ibi donec in camisia sua mulierem suam nudam revertentem vidit. Quae domum rediens hostium clausum invenit; unde animo multum condeluit et tandem hostium pulsavit. Vir mulierem suam audiens et videns ac si nesciret interrogavit quis esset. At ipsa culpae veniam petens et nunquam amplius se hoc facturam promittens nihil profecit. Sed vir iratus ait quod eam intrare non permitteret, sed esse suum suis parentibus ostenderet. At ipsa magis ac magis clamans dixit quod nisi hostium domus recluderet, in puteum qui iuxta domum erat saliret et ita vitam finiret, sicque de morte sua amicis et propinquis rationem reddere deberet. Spretis minis dominus suae mulieris intrare non permisit. Mulier vero plena arte et calliditate sumpsit lapidem, quem proiecit in puteum hac intentione ut vir suus audito sonitu lapidis in puteum ruentis putaret sese in puteum cecidisse. Et hoc peracto mulier post puteum se abscondit. Vir simplex atque insipiens audito sonitu

lapidis in puteum ruentis mox et absque mora de domo egrediens celeri cursu ad puteum venit, putans verum esse quod mulierem audisset cecidisse. Mulier vero videns hostium domus apertum et non oblita suae artis domum intravit firmatoque hostio ascendit fenestram. Ille autem videns se esse deceptum inquit: O mulier fallax et plena arte diaboli, permitte me intrare et quicquid mihi forisfecisti me condonaturum tibi crede! At illa eum increpans introitumque domus omnimodo facto atque sacramento denegans ait: O seductor, tuum esse atque tuum facinus parentibus tuis ostendam, quia unaquaque nocte es solitus ita furtim a me exire et meretrices adire. Et ita egit. Parentes vero haec audientes atque verum esse existimantes increpaverunt eum. Et ita mulier illa liberata arte sua flagitium quod meruerat in virum retrusit. Cui nihil profuit, immo obfuit mulierem custodisse: nam iste etiam accidit cumulus miseriae quod existimatione plurimorum quod patiebatur meruisse crederetur. Unde quidem bonis compluribus pulsus, dignitatibus exutus, existimatione foedatus ob uxoris maliloquium incestitatis tulit supplicium.

Discipulus: Nemo est qui se a mulieris ingenio custodire possit, nisi quem Deus custodierit, et haec talis narratio, ne ducam uxorem, est magna dehortatio. Magister: Non debes credere omnes mulieres esse tales, quoniam magna castitas atque magna bonitas in multis reperitur mulieribus, et scias in bona muliere bonam societatem reperiri posse, bonaque mulier fidelis custos est et bona domus. Salomon in fine libri proverbiorum suorum composuit viginti duos versus de laude atque bonitate mulieris bonae. Discipulus ad haec: Bene me confortasti! Sed audisti tamen aliquam mulierem quae sui sensus ingenium niteretur mittere in bonum?

Magister ait: Audivi. Discipulus: Refer mihi de illa, quia videtur mihi res nova! Magister:

XIV: O poço

Havia um jovem que dedicou todo o seu esforço, todo o seu sentimento e todo o seu tempo para aprender, de todas as formas, sobre as artimanhas das mulheres, e, feito isto, quis se casar. Mas antes disso, foi pedir um conselho ao homem mais sábio daquela região, e perguntou como poderia cuidar da esposa com a qual queria se casar.

O sábio, ouvindo isso, deu a ele um conselho: instruiu que ele construísse uma casa com altas paredes de pedra e pusesse a mulher lá dentro, dando-a de comer o suficiente e sem roupas supérfluas. Também disse que fizesse essa casa com nada a não ser uma porta, somente, e uma janela para que a esposa veja a vista. A altura da construção deveria ser alta o suficiente para que ninguém pudesse entrar ou sair.

Escutando o conselho, o jovem agiu como o sábio tinha instruído. Em sua rotina de casado, o jovem, quando saía de casa pela manhã, trancava a porta; quando entrava, fazia o mesmo; quando dormia, escondia as chaves de casa sob o travesseiro. Foi assim por muito tempo, até que, certo dia, o jovem marido foi ao fórum, e sua mulher, como de costume, pôs-se à janela para observar, atenta, as pessoas que iam e vinham.

Neste dia, permaneceu parada à janela até que viu um outro jovem, formoso de corpo e de rosto. Notando-o, foi imediatamente incendiada pelo amor. Esta mulher se apaixonou pelo jovem e, já que estava enclausurada, começou a pensar em como, e com qual artimanha, poderia falar com o seu amado. Com a mente decidida pela arte do engano, planejou furtar as chaves do marido enquanto ele dormia: assim fez.

Ela se habituou a embebedar o seu marido com vinho todas as noites, para que pudesse sair para encontrar o amante com mais segurança e satisfazer a sua vontade. Mas o marido, já advertido, pelos ensinamentos dos filósofos, que não há nenhuma artimanha sem malícia por parte das mulheres, começou a imaginar o que sua esposa estava planejando com aquela exagerada e cotidiana bebedeira. Para que pudesse descobrir, se fingiu de bêbado.

A mulher, certa noite, desconhecendo as intenções do marido, levantou-se da cama e foi em direção à porta de casa; aberta a porta, saiu para encontrar o amante. O seu marido, porém, no silêncio da noite, se levantou cuidadosamente, foi até a porta aberta, a fechou e trancou. Ele se direcionou à janela e permaneceu parado ali, até que viu a sua esposa de camisola, praticamente nua, retornando.

Chegando em casa, ela percebeu a porta trancada; seu espírito se angustiou muito, mas

finalmente bateu à porta. O marido, ouvindo e vendo a sua mulher, fingiu que não sabia que se tratava dela e perguntou quem era. Ela implorou por perdão, prometendo que nunca mais faria nada daquilo, mas o homem, irado, disse que não permitiria a entrada e que revelaria tudo para os pais dela. A mulher começou a gritar mais e mais, e disse que, se ele não destrancasse a porta de casa, pularia no poço que havia ali em frente, acabando com a sua vida, e assim ele teria de explicar a razão da morte para os seus amigos e conhecidos.

O marido rejeitou a esposa e não permitiu a sua entrada. Ela, cheia de astúcia e habilidade, pegou uma pedra e a lançou no poço com a intenção de que o seu marido ouvisse o barulho da pedra caindo no fundo e pensasse que ela tinha se jogado. Feito isso, a mulher se escondeu atrás do poço.

O homem, bobo e ingênuo, tendo ouvido o barulho da pedra caindo no fundo, saiu logo de casa, na mesma hora, e rapidamente foi em direção ao poço, julgando ser verdade que a mulher tinha caído, como pôde escutar. Mas a mulher, sem se esquecer de sua astúcia, vendo a porta da casa aberta, entrou, trancou a porta e foi para a janela. O marido, percebendo que foi enganado, disse:

"Ó, mulher mentirosa e diabólica, deixa-me entrar e perdoarei o que quer que fizeste fora de casa!"

Ela o insultou e negou a entrada, de todas as formas, até sob juramento; disse-lhe:

"Ó, manipulador! Contarei a teus pais quem tu és e o que o fazes! Todas as noites tens o hábito de sair escondido de mim e procurar as prostitutas!" E assim ela fez.

Os pais dele, ouvindo isto, de fato deram valor à palavra da moça, e castigaram o filho.

E foi assim que a mulher, livre por suas artimanhas, se vingou do castigo que tinha merecido. Para o marido, cuidar da mulher não serviu de nada, até saiu prejudicado: afinal, ele acumulou muitas desgraças, pois com aquela reputação, muitos acreditavam que estava sofrendo o que merecia. Por isso, ele foi expulso da alta-roda, perdeu a dignidade, teve a reputação destruída e, por causa das maledicências da esposa, sofreu o castigo dos adúlteros.

O discípulo disse: "Não há ninguém que pode se proteger da índole das mulheres, a não ser que esteja abençoado por Deus, e essa história é um grande exemplo para que eu não me case."

O mestre respondeu: "Mas não deves crer que todas as mulheres são como essas, pois há inúmeras mulheres que guardam uma grande castidade e extrema bondade; saibas que em uma boa mulher podes descobrir uma ótima companhia, e uma boa mulher é uma fiel guardiã da

casa. Salomão, no final do seu livro de provérbios, compôs vinte e dois versos sobre o valor e a bondade das boas mulheres.”

O discípulo: “Como me confortaste bem! Mas já ouviste falar de alguma mulher que usou das suas artimanhas para fazer o bem?” O mestre disse que sim. “Conta-me essa história!

Parece-me ser extraordinária!” Pediu o discípulo. O mestre contou:

XV. Exemplum de decem cofris.

Dictum fuit mihi quod quidam Hyspanus perrexit Mech, et dum ibat pervenit in Aegyptum. Qui deserta terrae intrare volens et transire cogitavit quod pecuniam suam in Aegypto dimitteret. Et antequam dimittere voluisset, interrogavit si aliquis fidelis homo esset in illa regione cui posset pecuniam suam committere. Et ostenderunt ei antiquum hominem nominatum probitate fidelitatis. Cui de suo mille talenta commisit. Deinde perrexit factoque itinere ad illum rediit cui pecuniam commisit, et quod commiserat ab eo quaesivit. At ille plenus nequitia illum nunquam antea se vidisse dicebat. Ille vero sic deceptus perrexit ad probos homines regionis illius, et quomodo tractavisset eum homo ille cui pecuniam commiserat, eis retulit. Vicini vero illius de eo talia audientes credere noluerunt, sed nihil hoc esse dixerunt. Sed qui pecuniam perdiderat unaquaque die ad domum illius qui retinebat iniuste pecuniam, ibat blandisque precibus eum deprecabatur ut pecuniam redderet. Quod deceptor audiens increpavit eum dicens ne amplius tale quid de eo diceret vel ad eum veniret; quod si faceret, poenas ex merito subiret. Auditis minis illius qui eum deceperat tristis coepit redire. Et in redeundo obviavit cuidam vetulae pannis heremitalibus indutae. Haec autem baculo suo fragiles artus sustentabat et per viam lapides laudando Deum ne transeuntium pedes laederetur locabat. Quae videns hominem flentem – cognovit enim eum esse extraneum – commota pietate in angiportum vocavit et quid ei accidisset interrogavit. At ille ordine narravit. Femina vero auditis verbis illius hominis inquit: Amice, si vera sunt quae retulisti, feram tibi inde auxilium. Et ille: Quomodo potes hoc facere, ancilla Dei? At illa inquit: Adduc mihi hominem de terra tua, cuius factis et dictis fidem habere possis. At ille adduxit. Deinde decepti socio praecepit decem cofros exterius pretiosis depictos coloribus atque ferro deargentato ligatos cum bonis serraturis emere et ad domum sui hospitis afferre lapidibusque comminutis implere. At ipse ita egit. Mulier vero ut vidit omnia illa quae praeceperat esse parata ait: Nunc decem homines perquire, qui euntes ad domum illius qui te decepit mecum et cum socio tuo deferant cofros, unus post alium venientes ordine longo; et quam cito primus venerit ad domum illius hominis qui te decepit et requiescet ibi, veni et interroga pecuniam tuam! Et ego tantum confido in Deum quod reddita tibi tua pecunia erit. At ipse sicut vetula iusserat egit. Quae non oblita incepti quod praedixerat iter incepit. Et venit cum socio decepti ad domum deceptoris et inquit: Quidam homo de Hyspania mecum hospitatus fuit et vult Mech adire; quaeritque antea pecuniam suam quae est in decem cofris servandam alicui bono homini donec revertatur commendare. Precor itaque ut mei causa in aede tua illam custodias; et quia audivi et scio te bonum hominem esse et fidelem, nolo aliquem alium praeter te solum huius pecuniae commendationi adesse. Et dum ita loqueretur, venit primus deferens cofrum, aliis a longe iam apparentibus. Interim deceptus praeceptorum vetulae non oblitus post

primum cofrum sicut ei praeceptum fuerat venit. Ille vero qui pecuniam celaverat, plenus nequitia ac mala arte, ut vidit hominem venientem cui pecuniam celaverat, timens ne, si pecuniam requireret, alius qui adducebat suam pecuniam non committeret, contra eum ita dicendo perrexit: O amice, ubi fuisti et ubi tantum diutinasti? Veni et accipe pecuniam tuam meae fidei iam diu commendatam, quoniam inveni et amodo taedet me custodire illam! At ille laetus atque gaudens recepit pecuniam gratias agens. Vetula autem ut vidit hominem pecuniam habentem, surrexit atque inquit: Ibimus ego et socius meus contra cofros nostros et festinare praecipiemus. Tu vero expecta donec redeamus et bene serva quod iam adduximus! Ille autem laetus animo quod acceperat servavit adventumque eorum – quod adhuc potest – expectavit. Et ita bono ingenio vetulae reddita fuit viro summa pecuniae.

Discipulus: Istud mirum fuit ingenium atque utile, nec puto quod aliquis philosophus subtilius cogitaret per quod levius vir pecuniam suarum recuperaret. Magister: Bene posset philosophus suo facere naturali ingenio et artificiali, secreta etiam naturae rimando, quod mulier solo fecit naturali ingenio. Discipulus: Hoc bene credo. Sed si aliquid philosophorum huiusmodi reposuisti in cordis armariolo, largire mihi discipulo, et ego fideli memoriae commendabo, ut quandoque condiscipulis lacte philosophico educatis delicatissimum largiri possum alimentum. Magister:

XV: Os dez cofres

Disseram-me que um homem da Hispânia peregrinou até Meca, e enquanto ia, chegou ao Egito. Querendo entrar na terra deserta e atravessá-la, pensou em guardar o seu dinheiro no Egito, não antes de procurar saber se havia algum homem fiel naquela região em quem pudesse confiar suas moedas. Indicaram a ele um homem idoso conhecido pela honestidade da sua palavra, a quem confiou mil talentos de ouro, e então continuou a sua peregrinação.

Quando retornou da jornada, foi ao encontro do velho, e pediu pelo dinheiro que tinha confiado a ele. O velho, entretanto, cheio de malícia, dizia que eles nunca tinham se visto antes. Enganado dessa maneira, o hispânico foi ao encontro de homens honrados daquela região e começou a relatar-lhes sobre como ele tinha sido enganado pelo homem em quem confiara o dinheiro, mas os vizinhos do enganador não quiseram acreditar no que ouviam, disseram que não ocorreu nada daquilo. Mas todos os dias o homem que perdera o dinheiro ia até a casa do velho que, injustamente, mantinha as moedas. Com insistentes pedidos, implorava para que ele desse o dinheiro de volta. O enganador, ouvindo isso, o xingou, exigindo que não falasse mais sobre ele e nem viesse encontrá-lo, pois se o fizesse sofreria um castigo à altura. Ouvindo as ameaças do velho, o homem, triste, tomou o seu caminho de volta, onde encontrou uma velha senhora trajando uma vestimenta religiosa.

Com o seu cajado, sustentava as frágeis juntas, e seguia pela rua das lápides pedindo a Deus para que não ultrajasse o caminho dos que vieram antes. Ela, percebendo o homem que chorava, comovida pela piedade , soube tratar-se de um estrangeiro ; o levou a um beco e perguntou o que lhe tinha acontecido. O hispânico contou tudo a ela. A mulher, tendo escutado bem as palavras daquele homem, disse:

“Amigo, se as coisas que me relataste são verdadeiras, oferecerei ajuda a ti.”

“Como podes fazer isso, escrava de Deus?” Respondeu ele.

“Traz-me um homem da tua terra, em quem possas ter confiança no que ele diz e faz.”

O hispânico apresentou-lhe um amigo confiável. Então ela ordenou a esse amigo do homem enganado comprar dez cofres, cujos exteriores estivessem pintados de cores pomposas, e ainda com ligas de ferro e prata, e boas trancas. Depois instruiu-lhe a levá-los à casa do seu hóspede e a enchê-los com cascalhos. Assim foi feito. A mulher, quando viu que já estava preparado tudo aquilo que ordenou, disse ao hispânico:

“Agora procura dez homens; eles virão comigo e com seu amigo à casa daquele que te enganou e

trarão os cofres ordenadamente, enfileirados um após o outro; logo que o primeiro chegue à casa do enganador e pare lá, vem e pergunta por seu dinheiro! Confio muito que Deus fará com que seja devolvido a ti."

O homem enganado agiu como a velha mandou; ela não se esqueceu do combinado e seguiu o caminho que tinha prometido. A velha e o conterrâneo do enganado chegaram à casa do velho enganador, e ela lhe disse:

"Estou com um homem da Hispânia como hóspede na minha casa, e ele quer ir a Meca; mas antes, ele pediu por algum homem de bem que guardasse as suas moedas, divididas em dez cofres, para confiar enquanto não volta. Assim, peço a ti que guardes o dinheiro na tua casa, por mim, pois ouvi e sei que és um homem bom e fiel. Não quero nenhum outro, a não ser tu, somente, pela tua estima, para confiar este dinheiro."

Então, depois de ter falado assim, o primeiro homem carregando um cofre se aproximou, com os demais enfileirados atrás, longe dele. Enquanto isso, o hispânico enganado não se esqueceu dos comandos da velha, e se posicionou logo atrás do primeiro cofre, como tinha sido instruído a ele.

O velho enganador, cheio de astúcia e más intenções, como viu chegar aquele homem que tinha roubado, temia que, se ele reclamasse o dinheiro, o outro homem que vinha com a velha não confiaria seus cofres a ele. O velho, então, se animou em recebê-lo, dizendo:

"Ó, amigo! Onde estivestes e por que demoraste tanto? Vem e aceita o teu dinheiro que me foi confiado já há muito, e perceba como me envergonha eu tê-lo guardado por tanto tempo!"

Diante disso, o hispânico pegou o seu dinheiro de volta com todo prazer, alegre, agradecendo. A velha, por conseguinte, quando viu que o seu amigo tinha recuperado o dinheiro, deu continuidade ao plano e disse:

"Eu e meu hóspede vamos dar ordens aos escravos com os nossos cofres para eles se apressarem. Tu, espera até que voltemos, e guarda bem o que já trouxemos!"

O enganador, então, enganado e com espírito feliz, guardou o cofre com cascalhos e esperou até a volta dos visitantes, se é que ainda não está esperando.

Foi assim que a boa índole da velha mulher fez com que o homem resgatasse um dinheiro imprescindível.

O discípulo disse: "Esta foi uma atitude admirável e ainda útil, não creio que algum filósofo

possa pensar em artimanha mais certeira para esse homem leviano recuperar seu dinheiro.”

O mestre: “Um filósofo poderia, muito bem, fazer com a sua habilidade natural e artificial, por explorar os segredos da natureza, o que a mulher fez somente com a habilidade natural.”

O discípulo: “Acredito que sim. Mas se de alguma forma guardaste, trancado no coração, algo a respeito destes filósofos, compartilha comigo, teu discípulo, e eu confiarei à minha fiel memória para que eu possa compartilhar com os meus colegas, nutridos pelo leite da filosofia, este alimento preciosíssimo.” E o mestre contou a próxima história:

XVI. Exemplum de tonellis olei

Contigit quod quidam homo habuit filium, cui post mortem suam nihil praeter domum dimisit. Iste cum magno labore corpori suo vix etiam quae natura exigit suppeditabat, et tamen domum suam licet magna coactus inedia vendere nolebat. Habebat autem puer iste quendam vicinum valde divitem, qui domum pueri emere cupiebat ut suam largiorem faceret. Puer autem nec prece nec pretio vendere volebat. Quod postquam dives ille comperit, quibus ingeniis et quibus artibus puero subtraheret domum cogitavit. At iuvenis secundum posse suum familiaritatem eius devitavit. Denique contristatus dives ille causa domus et quod non posset puerum decipere, quadam die venit ad puerum et inquit ei: O puer, accommoda mihi parvam tuae partem curiae pretio, quoniam in ea sub terra decem tonellos cum oleo custodire volo; et nihil tibi nocebunt, et habebis inde aliquod sustentamentum vitae. Puer autem coactus necessitate concessit et dedit illi claves domus. Iuvenis vero interim more solito liberis liberaliter serviens victum perquisivit. At dives homo acceptis clavibus curiam iuvenis suffodiens quinque tonellos plenos oleo ibi recondidit et quinque dimidios. Et hoc facto iuvenem advocavit clavesque domus illi tribuens ait: O iuvenis, oleum meum tibi committo atque in tua custodia trado. Iuvenis simplex putans omnes tonellos esse plenos in custodia recepit. At post longum tempus contigit quod in terra illa oleum carum fuit. Dives hoc videns puero inquit: O amice, veni et iuva me oleum meum effodere quod tuae iam dudum mandavi custodiae, et laboris praemium accipies et tutelae. Iuvenis audita prece cum pretio diviti concessit, ut secundum posse suum cum iuvaret. Dives vero non oblitus fraudis suae nequissimae adduxit homines, ut oleum emerent. Quibus adductis terram aperuerunt et quinque plenos tonellos et quinque dimidios invenerunt. Perceptis talibus advocavit puerum ita dicendo: Amice, causa tuae custodiae amisi oleum: insuper quod tibi commisi, fraudulenter abstulisti. Quapropter volo ut mea mihi restituas. His dictis eum accepit et vellet nollet ad iustitiam deduxit. Iusticia eum videns accusavit, sed iuvenis quid contra diceret nescivit. Sed tamen indutias unius diei quaesivit. Quod iusticia, quia iustum erat, concessit. In civitate autem illa morabatur quidam philosophus, qui cognominabatur Auxilium Egentium, bonus homo atque religiosus. Iuvenis autem audito bonitatis illius praeconio perrexit ad eum quaesivitque ab eo consilium dicens: Si vera sunt quae multis referentibus de te mihi dicta sunt, more domestico fer mihi auxilium, etenim iniuste accusor. Philosophus audita prece iuvenis interrogavit si iuste vel iniuste accusarent eum. Iuvenis vero quod iniuste accusaretur, firmavit sacramento. Audita rei sinceritate philosophus pietate commotus ait: Auxiliante Deo feram tibi auxilium; sed sicut a iustitia respectum usque in crastinam diem accepisti, quin eas ad placita dimittere noli, et ero ibi paratus succurrere tuae veritati atque eorum nocere falsitati. Iuvenis autem quod philosophus ei iusserat egit. Mane autem facto venit philosophus ad

iustitiam. Quem postquam vidit iustitia, ut sapientem et philosophum vocavit vocatumque iuxta se sedere fecit. Inde iustitia vocavit accusantes et accusatum et praecepit quod suorum recordarentur placitorum; et ita fecerunt. Illis vero sic coram astantibus iustitia ait philosopho quod causas eorum audiret et inde iudicium faceret. Inde philosophus: Praecipe nunc, iustitia, clarum oleum de quinque tonellis plenis mensurari, et scias quantum sit ibi clari olei; et similiter de quinque dimidiis, et scias quantum clari olei ibi fuerit. Deinde spissum oleum de quinque plenis tonellis sit mensuratum, et scias quantum spissi olei fuerit ibi; et similiter de dimidiis quinque facias mensurari, et scias quantum spissi olei in eis sit. Et si tantum spissi olei inveneris in dimidiis tonellis quantum et in plenis, scias oleum fuisse furatum. Et si in dimidiis tonellis inveneris talem partem spissitudinis qualem oleum clarum ibi existens exigit, quod quidem et in plenis tonellis invenire poteris, scias oleum non fuisse furatum. Iustitia haec audiens confirmavit iudicium, factumque est ita. Et hoc modo iuvenis evasit sensu philosophi. Finitis placitis iuvenis philosopho grates reddidit. Tunc philosophus ait illi: Nunquamne illud philosophi audisti: Non emas domum, antequam cognoscas vicinum? Ad haec iuvenis: Primum habuimus domum, antequam iuxta nos hospitaretur. Cui philosophus: Primum vendas domum quam maneas iuxta malum vicinum. – Discipulus: Tale iudicium apparet esse philosophi, et hoc est gratia Dei et merito vocatus est hoc nomine Auxilium Miserorum. – Tum discipulus: Etsi iam audita mente sedeant, ad audiendum plura animum incitant. Magister inquit: Libenter tibi dicam, et sic incipit:

XVI: Os tonéis de azeite

Havia um homem que, depois de sua morte, não deixou nada para o seu único filho, a não ser pela casa. O filho se sustentava com um grande esforço do trabalho braçal, além da dificuldade que a natureza exige, e apesar de a manutenção da casa estar lhe ocasionando uma intensa situação de fome, não queria vendê-la.

Esse menino tinha um vizinho bastante rico que ansiava por comprar a casa, para aumentar a sua própria, mas o menino não queria vendê-la por prece ou preço algum. Depois de o rico descobrir que ele não venderia o imóvel, ponderou sobre qual plano e qual artimanha usar para surrupiar a casa do menino, mas o jovem, por sua vez, evitou, como pôde, dar-lhe intimidade. Finalmente o rico, entristecido por causa da casa, e por não poder enganar o menino, um dia foi ao seu encontro e disse:

"Ó, garoto, dá-me um preço para alugar um pedacinho da tua casa. Veja bem, quero guardar sob a casa dez tonéis de azeite; não te atrapalharão em nada, e terás ainda algum meio de subsistência."

O jovem, impelido pela necessidade, concordou com a proposta do rico e deu-lhe as chaves da casa. Enquanto isso, servindo à sua natureza jovem, como de costume, ele procurou viver sua vida despreocupadamente.

O homem rico, que foi creditado com as chaves, cavou o porão do jovem, escondeu lá dentro cinco tonéis cheios de azeite e cinco pela metade. Feito isso, chamou o menino e, devolvendo-lhe as chaves da casa, disse:

"Garoto, estou confiando o meu azeite a ti, e ainda deixo sob tua custódia."

O jovem, ingênuo, pensando que todos os tonéis estivessem cheios, aceitou a guarda.

Depois de um longo tempo, o rico soube que o preço do azeite subiu naquela região, e diante disso foi falar ao menino:

"Amigo, vem e me ajuda a escavar o meu óleo que confiei há pouco tempo aos teus cuidados, e receberás uma recompensa pelo trabalho e pela guarda."

O jovem, escutando essa prece com preço, concedeu ajuda ao homem rico, agradando-o como pôde. O rico, que não tinha se esquecido da sua nociva fraude, trouxe consigo algumas pessoas, para comprarem azeite. Retirada a terra, revelaram e perceberam cinco tonéis cheios e cinco pela metade. Quando os compradores reagiram, o homem rico chamou o jovem, dizendo-lhe

assim:

“Amigo, por causa da tua custódia, perdi azeite: de maneira fraudulenta surrupiaste uma parte da quantidade que confiei a ti. Por isso, quero que me devolvas o que é meu!”

Dito isso, prendeu e levou o jovem, querendo ou não, à justiça. Ele foi acusado, mas não soube o que dizer para contra-argumentar: Pediu, no entanto, por uma trégua de um dia, que a justiça concedeu, porque era justa.

Naquela cidade morava um certo filósofo que se chamava Salvador dos Pobres, um homem bom e religioso. O jovem, que já tinha ouvido sobre a sua bondade, foi se aconselhar com ele e pediu por auxílio dizendo:

“Se são verdade as muitas coisas me foram ditas sobre ti, venha em meu auxílio com sua sabedoria familiar, pois sou acusado injustamente.”

O filósofo, ouvindo essa prece, perguntou ao jovem se de fato o acusaram justa ou injustamente. O jovem garantiu que a acusação era injusta, fez um juramento. Tendo percebido a honestidade do réu, o filósofo foi movido pela piedade e disse:

“Com a ajuda de Deus, trarei ajuda a ti; mas como recebeste da justiça uma oportunidade até o dia de amanhã, não se contente com a desistência! Estarei lá preparado para socorrer a tua verdade e acabar com a falsidade deles.”

O jovem fez como ordenara o sábio. Pela manhã, o filósofo de fato foi ao julgamento. Quando o juiz o viu, chamou-o, na condição de sábio e filósofo, e pediu para se sentar perto dele. O julgamento começou, o juiz chamou os acusadores e o acusado, e ordenou que eles relembrassem as suas reclamações. Assim fizeram. O juiz falou para o filósofo ouvir as causas e fazer, pessoalmente, o julgamento daquelas pessoas que ali estavam. Então disse o filósofo:

“Dê ordens agora, pela justiça, para que se meça a quantidade de azeite claro nos cinco tonéis cheios, e se saiba a quantidade de azeite claro que há neles; faça o mesmo com os cinco tonéis pela metade, saiba quanto azeite claro foi depositado lá. Que seja, então, mensurado o azeite grosso dos cinco tonéis cheios, para saber a quantidade de azeite grosso neles, e o mesmo com os cinco meio cheios. Desta forma, se descobrires que o azeite grosso está tanto nos tonéis pela metade, quanto nos cheios, saberás se foi furtado azeite. E se no tonel pela metade descobrires que há uma parte de azeite grosso igual à de azeite claro, o que também poderás descobrir no tonel cheio, saberás que o azeite não foi furtado.”

O juiz, ouvindo isso, concordou com a ideia, e assim foi feito. Deste modo, o jovem foi

absolvido da acusação pela sabedoria do filósofo, a quem, depois de comemorar, agradeceu. Em resposta, o sábio disse:

“Nunca escutaste o que já dizia o filósofo? Não compres uma casa antes que conheças o vizinho.”

“Tivemos a casa primeiro, antes que ele viesse morar perto de nós.” Respondeu o jovem.

“Antes vender a casa do que lidar com um mau vizinho por perto.” Disse o filósofo.

O discípulo: “Tal raciocínio parece ser mesmo o de um filósofo, e foi pela graça de Deus, e por sua reputação, que ele era conhecido pelo nome de Salvador dos Pobres. Mas mesmo depois de essa história ter acalmado a minha mente, o desejo de ouvir mais histórias provoca o meu espírito.”

O mestre: “Contarei com prazer.”

E assim começou a próxima história:

XVII. Exemplum de aureo serpente.

Dictum fuit de quodam divite in civitatem eunte quod sacculum mille talentis plenum deferret secum et insuper aureum serpentem oculos habentem iacinctinos in sacculo eodem. Quod totum simul amisit. Quidam vero pauper iter faciens illud invenit deditque uxori et quomodo invenisset retulit ei. Mulier hoc audiens ait: Quod deus dedit, custodiamus! Alia die praeco per viam ita clamando perrexit: Qui talem censum invenit, reddat et absque aliquo forisfacto centum talenta inde habeat! Hoc audiens inventor census dixit uxori: Reddamus censum, et absque aliquo peccato centum talenta inde habebimus! Ad haec mulier: Si Deus voluisset eum censum habere, non amisisset. Quod Deus donavit, custodiamus! Inventor census quod redderetur laboravit, at ipsa omnimodo denegavit. Et tamen vellet nollet mulier, dominus reddidit et quod praeco promiserat expetiit. Dives autem plenus nequitiae ait: Adhuc alium serpentem mihi deesse sciatis. Hoc prava intentione dicebat, ut pauperi homini talenta non redderet promissa. Pauper vero se nihil amplius invenisse dicebat. At homines civitatis illius diviti faventes, pauperi derogantes et inexorabile contra fortunam pauperis odium gerentes illum ad iustitiam detraxerunt. Pauper autem clamando, ut supra-[p. 25]dictum est, se nihil amplius invenisse iuravit. Sed dum sermo huiuscemodi pauperum divitumque per ora discurreret, ministris referentibus tandem percussit aures regis. Quod simul audivit, divitem et pauperem et pecuniam sibi praesentari praecepit. Adductis omnibus rex philosophum qui vocabatur Auxilium Miserorum cum aliis sapientibus ad se vocavit eisque accusatoris vocem et accusati audire et enodare praecepit. Philosophus hoc audiens commotus pietate pauperem ad se vocavit et ait ei secrete: Dic mihi, frater, si huius hominis pecuniam habueris; quodsi non habueris, auxiliante Deo te liberare conabor. Ad haec pauper: Scit Deus quod reddidi quantum inveni! Inde philosophus ad regem: Si rectum inde iudicium vobis audire placuerit, dicam. Rex hoc audiens ut indicaret rogavit. Tunc philosophus regi: Iste homo dives bonus multum est et credibilis et veritatis magnum habet testimonium, et non est credibile eum aliquid interrogare quod non amisisset. Et ex alia parte credibile quidem mihi videtur quod iste pauper homo nihil amplius invenit quam quod reddidit, quia malus homo si esset, non quod reddidit redderet, immo totum celaret. Inde rex: Quid autem iudicas inde, philosophe? Philosophus: O rex, sume censum et da ex eo pauperi centum talenta, et quod remanserit serva donec veniat qui censum interroget, quia non est hic, cuius iste census sit; et iste dives homo eat ad praeconem et faciat interrogare sacculum cum duobus serpentibus. Regi autem placuit hoc iudicium atque omnibus ibi circumstantibus. Dives vero qui sacculum perdiderat, hoc audiens inquit: Bone rex, dico tibi in veritate censum istum fuisse meum, sed quia volebam pauperi homini quod praeco promiserat auferre, dixi adhuc mihi alium serpentem deesse. Sed modo, rex, mei miserere et quod praeco

promisit reddam pauperi. Rex inde suum tradidit censum diviti, dives autem pauperi, et ita philosophus sensu atque ingenio pauperem liberavit.

Discipulus: Apparet hoc esse ingenium philosophiae, et hoc exemplo non est mirum quod de duabus mulieribus Salomon iudicavit.

XVII: A serpente de ouro

Contam o caso de um homem rico que estava indo para a cidade, levando consigo um saquinho onde havia mil talentos, e além disso, no mesmo saco, uma serpente de ouro com olhinhos de safira. Ele perdeu, ao mesmo tempo, tudo o que tinha.

Um outro homem, este bastante pobre, seguia com sua vida até que encontrou aquele saco. Mostrou-o à sua esposa e explicou que, da mesma forma como o tinha encontrado, o devolveria. Ouvindo isso, a mulher disse:

“Não! O que Deus nos deu, guardemos!”

No dia seguinte, um arauto saiu às ruas reclamando o seguinte:

“Aquele que encontrou tal riqueza, devolve, e, sem qualquer exposição, ainda leva cem talentos.”

O homem que encontrou o saco, quando ouviu isso, disse para a esposa:

“Devolvamos o dinheiro e teremos cem talentos dele, sem pecado algum!”

“Se fosse da vontade de Deus que o homem tivesse dinheiro, ele não o teria perdido. O que Deus nos deu, guardemos!” Respondeu ela.

O homem se preocupava com a devolução do dinheiro, mas sua esposa discordava de todas as formas, e apesar de querer o que a mulher se recusava a fazer, ele resolveu devolver o dinheiro ao dono e pedir ao arauto a recompensa que prometera. O rico, porém, cheio de maldade, disse ao pobre:

“Sabei que ainda falta algo: a minha serpente de ouro.” Disse ele com má intenção, para não retribuir o outro com os talentos prometidos.

O pobre jurava que não tinha encontrado nada mais que aquilo no saco, mas os homens da cidade, cheios de ódio, eram favoráveis ao rico e desfavoráveis ao outro, e, inflexivelmente, contra a sorte do pobre, o levaram à justiça. Gritando, ele jurou que não tinha encontrado nada mais que aquilo, como foi dito antes. Enquanto a discussão se alastrava de tal maneira pela fronteira dos pobres e dos ricos, ela finalmente chegou aos ouvidos do rei, pelos serventes que a reportaram. Quando ouviu isso, o rei ordenou que o rico, o pobre e o dinheiro se apresentassem.

Com todos lá, o rei convocou um filósofo chamado Salvador dos Miseráveis, além de outros sábios, para ouvir o que tinham a dizer o acusador e o acusado, e elucidar a situação. O filósofo,

ouvindo isso, foi comovido pela piedade, chamou o pobre para perto dele, e sussurrou-lhe:

“Diga-me, irmão, se guardas alguma riqueza deste homem; se não guardas, tentarei te salvar com o auxílio de Deus.”

“Deus sabe que devolvi o que encontrei!” Respondeu o pobre. Então o filósofo disse para o rei:

“Se vos agrada ouvir um julgamento justo, falarei.” Escutando-o, o rei pediu que prosseguisse. O filósofo continuou: “Esse homem rico é muito bom, e tem muitas provas de sua credibilidade e sua verdade; não é crível brigar com alguém por algo que não tivesse perdido. Por outro lado, de fato acredito ser possível que esse homem pobre não tenha encontrado nada além do que devolveu, pois se fosse um homem de mau caráter, não teria devolvido o que devolveu, e sim ficado com tudo.”

“Mas o que julgas disso, filósofo?” Perguntou o rei. O sábio outro respondeu:

“Ó, majestade, pega o dinheiro e dá cem talentos dele ao pobre, e o que restar, guarda até que venha alguém que o procure, pois não é deste homem que está com a riqueza; O rico que vá até o arauto e peça por um saquinho com duas serpentes.”

Esta opinião agradou ao rei e a todos os que estavam em volta, a não ser pelo homem rico que tinha perdido o caso, ele que, ouvindo o veredito, disse:

“Meu bom rei, digo a ti a verdade, esse dinheiro era meu, mas como eu queria privar ao homem pobre o que lhe prometera o arauto, eu disse que ainda faltava outra serpente. Assim, ó rei, tem piedade de mim, e darei ao pobre a quantia prometida.”

Então o rei entregou seu dinheiro ao rico; o rico, por sua vez, entregou o dinheiro ao pobre, e assim o filósofo, com sua capacidade e sua índole, salvou o miserável.

O discípulo disse: “Este parece ser o poder da filosofia, e por este exemplo, não é de se admirar o que Salomão concluiu sobre as duas mulheres.”

De societate ignota

Philosophus ait: Ne aggrediaris viam cum aliquo, nisi eum prius agnoveris! Si quisquam tibi ignotus se in via associaverit iterque tuum investigaverit, dic te longius velle ire quam disposueris; et si detulerit lanceam, vade ad dexteram; si ensem, vade ad sinistram.

A respeito da amizade com o desconhecido

O filósofo disse: “Não cruzes o caminho de um desconhecido, a não ser que o conheças primeiro! Se alguém que tu não conheces acompanha a ti no teu caminho e investiga para onde vais, diga que seguirás para bem mais longe do que estás disposto a ir; e se ele carrega uma lança, segue pelo seu lado direito; se ele leva uma espada, segue pelo seu lado esquerdo.”

De sequendis magnis viis

Arabs filium suum castigavit dicens: Sequere calles, quamvis sint semitis longiores. Et item: Accipe puellam in uxorem, quamvis sit vetula. Et item: Fer merces tuas ad magnas civitates, quamvis ibi vilius vendere putes. Ad haec filius: Verum est quod dixisti de magnis viis.

A respeito de seguir grandes caminhos

O árabe disciplinou o seu filho, dizendo: “Segue os caminhos de pedra, mesmo que sejam caminhos mais longos. Aceita uma menina por esposa, mesmo que ela seja velha em idade. Leva tuas mercadorias às grandes cidades, mesmo que penses que lá vais vender por mais barato.

O filho respondeu: “É bem verdade o que disseste sobre seguir bons caminhos. Escuta essa história que aconteceu comigo:”

XVIII. a) Exemplum de semita.

Nam quadam die cum ego et socii mei perrexissemus ad urbem sole ad occasum appropinquante et adhuc longe essemus a civitate, vidimus semitam quae secundum visum ad civitatem ituris promittebat compendium. Invenimus senem a quo requisivimus consilium de itinere illius semitae. At senex ait: Propius semita ducit ad civitatem quam magna via, et tamen citius per magnam viam ad civitatem venietis quam per semitam. Hoc audientes illum pro stulto habuimus et magnam viam pretermittentes semitae declinavimus. Quam insistentes ad dexteram et ad sinistram, quanta fuit nox, deerravimus nec ad civitatem pervenimus. Ac si per callem pergentes fuissemus, procul dubio moenia civitatis subintrassemus.

XVIII (Parte I): O atalho

Eu e meus amigos, certo dia, tínhamos tomado o rumo da cidade pela via principal; com o sol se aproximando do horizonte, e como ainda estávamos longe do destino, vimos um atalho que, à primeira vista, prometia encurtar o trajeto até a cidade. Então encontramos um velho, a quem pedimos uma sugestão de trajeto para seguir. O velho disse:

"Este atalho é mais certeiro para ir à cidade do que a via principal, mas apesar disso, chegareis mais rápido à cidade pela via principal do que por este atalho."

Ouvindo isso, pensamos que o velho fosse um tanto estúpido, e, negligenciando a via principal, nos direcionamos para o atalho. Seguindo pela direita e pela esquerda, quando caiu a noite, nos perdemos e não chegamos ao destino. Se tivéssemos seguido pela via, sem dúvidas teríamos adentrado os muros da cidade.

Ouvindo esta anedota, o pai respondeu:

b) Exemplum de vado.

Pater ad haec: Hoc alia vice nobis evenit, cum pergeremus ad civitatem per magnam viam: praeerat nobis fluvius, quem quoquo modo transituri eramus, antequam civitatem intraremus. Sicque nobisiter agentibus in duas partes secta est via: quarum una ad civitatem per vadum, alia per pontem ducebat. Deinde quendam senem vidimus, quem de duabus viis quae propius duceret ad civitatem interrogavimus. Et senex ait quod brevior erat via per vadum ad civitatem duobus miliaribus quam via per pontem. Sed tamen citius, inquit, ad civitatem venire potestis per pontem. Et quidam ex nostris illum senem sicut vos vestrum antea deriserunt et per vadum iter aggressi sunt. Sed eorum alii socios submersos dimiserunt, alii equos et sarcinas perdiderunt, quidam vero pannos madefactos, alii omnino amissos defleverunt. Sed nos et senex noster qui per pontem transivimus, sine impedimento et absque omni incommodo processimus et eos super ripam fluminis adhuc iacturam deflentes repperimus. Quibus flentibus et yma fluvii cum rastris et sagena perscrutantibus senex ait: Si nobiscum per pontem perrexissetis, hoc impedimentum non haberetis. At illi dixerunt: Hoc fecimus, quia viam tardare nolebamus. Ad haec senex: Nunc magis tardati estis! Et illis relictis laeti subintravimus portas urbis. – Tale est proverbium quod audivi: Magis valet longa via ad paradysum quam brevis ad infernum.

Arabs castigavit filium suum: Fili, si fueris in via cum aliquo socio, dilige eum sicut te ipsum et non mediteris aliquem decipere, ne et tu decipiaris, veluti duobus contigit burgensibus et rustico. Filius: Pater, refer mihi, ut aliquid utilitatis inde capiant posteri. Pater:

XVIII (Parte II): O vau

Isso também aconteceu comigo e meus amigos, certa vez, quando seguimos para a cidade pela via principal. Havia um rio diante de nós, que tínhamos de, inevitavelmente, atravessar, para que chegássemos à cidade, até que a estrada pela qual seguíamos foi bifurcada em dois caminhos: Um deles conduzia até a cidade através um vau, e o outro, por meio de uma ponte. Então avistamos um velho, a quem perguntamos qual dos dois caminhos era o melhor para chegar à cidade. Ele disse que pelo vau o caminho era dois mil passos mais curto do que pela ponte, mas, mesmo assim, disse que chegaríamos mais rápido à cidade pela ponte. Alguns de nós ridicularizaram aquele velho, assim como fizestes na história de antes, e avançaram pelo caminho do vau.

Alguns deles perderam amigos afogados, outros perderam seus pertences e cavalos; alguns ficaram com as roupas encharcadas, outros ficaram com os olhos encharcados por todos os amigos perdidos.

Já o restante de nós, e o nosso velho, que atravessamos pela ponte, prosseguimos sem impedimento e livres de qualquer incômodo; encontramos os outros na margem do rio, ainda lamentando a perda. Enquanto eles choravam examinando as profundezas do rio com redes e varas, o velho disse:

“Se tivésseis atravessado pela ponte conosco, não teríeis este empecilho.”

“Fizemos isso porque não queríamos o caminho da demora.” Disseram em resposta.

“Agora é que estais muito atrasados!” Respondeu o velho.

Então os deixamos para trás e adentramos, alegremente, as portas da cidade.

Escuta este provérbio que ouvi: Mais vale um longo caminho ao paraíso, do que um curto ao inferno.

Um árabe disciplinou o seu filho, dizendo: “Filho, se estiveres na estrada com algum amigo, ama-o como a ti mesmo, e não penses em enganá-lo, para que tu não sejas enganado como na história dos dois burgueses e o camponês.”

O filho: “Pai, conta-me a história, para que, com ela, os nossos descendentes possam aprender algo de útil.”

O pai contou:

XIX. Exemplum de duobus burgensibus et rustico.

Dictum fuit de duobus burgensibus et rustico causa orationis Mech adeuntibus quod essent socii victus, donec venirent prope Mech, et tunc defecit illis cibus ita quod non remansit eis quicquam nisi tantum farinae qua solum panem et parvum facerent. Burgenses vero hoc videntes dixerunt ad invicem: Parum panis habemus, et noster multum comedit socius. Quapropter oportet nos habere consilium, quomodo sibi partem panis auferre possimus et quod nobiscum debet, soli comedamus. Deinde acceperunt consilium huiuscemodi quod facerent panem et coquerent et dum coqueretur dormirent, et quisquis eorum mirabiliora sompniando videret, solus panem comederet. Hoc artificiose dicebant, quia rusticum simplicem ad huiusmodi ficticia deputabant. Et fecerunt panem miseruntque in ignem, deinde iacuerunt ut dormirent. At rusticus percepta eorum astutia dormientibus sociis de igne extraxit panem semicoctum et comedit et iterum iacuit. Sed unus de burgensibus sicut sompno perterritus esset evigilavit sociumque vocavit. Cui alter de burgensibus ait: Quid habes? At ille inquit: Mirabile sompnium vidi: nam mihi visum erat quod duo angeli aperiebant portas caeli et me sumentes ante Deum ducebant. Cui socius: Mirabile est hoc sompnium quod vidisti. At ego sompniavi quod ego duobus angelis ducentibus et terram findentibus ducerer in infernum. Rusticus vero hoc totum audiebat et tamen se dormire fingebat. Sed burgenses decepti et decipere volentes ut evigilaret rusticum vocaverunt. Rusticus vero callide et sicut territus esset, respondit: Qui sunt qui me vocant? At illi: Socii tui sumus. Quibus rusticus: Rediistis iam? At ipsi contra: Quo perreximus, unde redire debeamus? Ad haec rusticus: Nunc visum erat mihi quod duo angeli unum ex vobis accipiebant et aperiebant portas caeli ducebantque ante Deum; deinde alium accipiebant duo alii angeli et aperta terra ducebant in infernum. Et his visis putavi neminem vestrum iam amplius rediturum et surrexi et panem comedi. – Et pater: O fili, sic evenit eis qui socium decipere voluerunt, quia suo ingenio decepti fuerunt. Tunc filius: Ita evenit eis, sicut in proverbio dictum est: Qui totum voluit, totum perdidit. Haec autem natura est canis, cui faverunt illi: quorum unus alii cibum auferre cupit. Sed si naturam cameli sequerentur, mitiorem naturam imitarentur. Nam talis est natura cameli, quando insimul datur praebenda multis, quod nullus eorum comedet, donec omnes insimul edant; et si unus ita infirmatur quod nequeat comedere, donec removeatur alii ieiunabunt. Et isti burgenses postquam volebant animalis naturam sibi assumere, mitissimi animalis naturam sibi debuissent vendicare; et merito cibum amiserunt. Quin etiam hoc eis evenisse voluissem, quod magistro meo narrante iam dudum audivi evenisse incisori regis pro discipulo suo Nedui, videlicet quod fustibus caederentur. Pater ad haec: Dic mihi, fili, quid audisti? Quomodo contigit discipulo, quoniam talis narratio animi erit recreatio? Filius:

XIX: Os dois burgueses e o camponês

Ouvi uma história de dois burgueses e um camponês que estavam indo a Meca para ouvir um sermão, dividindo igualmente os suprimentos para a viagem. Eles chegaram perto do destino, até que faltou comida; não sobrou nada a não ser um bocado de farinha com a qual poderiam fazer um pouco de pão, somente. Percebendo essa situação, os burgueses disseram um ao outro:

"Temos pouco pão, e nosso companheiro comeu muito. Por isso, é necessário que tenhamos um plano, alguma maneira de surrupiar a porção de pão dele; comeremos sozinhos a parte que ele deve dividir conosco."

Dessa forma, decidiram o plano: fariam o pão, o cozinhariam e, enquanto cozia, dormiriam, e aquele que tivesse o sonho mais impressionante entre eles, comeria o pão sozinho. Isto que planejaram era malicioso, pois supunham que o camponês, simplório, criaria ficções também simplórias. Fizeram, então, o pão, colocaram no fogo, e se deitaram para dormir.

O camponês, tendo percebido a artimanha dos burgueses, retirou do fogo um pedaço de pão meio cozido, enquanto os companheiros dormiam, o comeu e se deitou novamente.

Um dos burgueses, como se assustado por um sonho, despertou e chamou o seu amigo. O outro burguês perguntou, então:

"O que fazes?"

"Tive um sonho impressionante!" Respondeu o primeiro. "Apareceram dois anjos para mim, eles abriam as portas do céu e me conduziam para diante de Deus."

"Esse teu sonho é mesmo impressionante. "Disse o companheiro" Já eu, sonhei que dois anjos me levavam e rachavam a terra para eu ser conduzido até inferno."

O camponês ouvia tudo isso enquanto fingia dormir. Os burgueses, enganados e querendo enganar, chamaram-no para que acordasse. O camponês, astutamente, como se tivesse se assustado, respondeu:

"Quem são essas vozes que me chamam?"

"Somos nós, teus companheiros." Responderam-lhe

"Já voltaram?" Disse o camponês. Desentendidos, eles rebateram:

"Aonde fomos, para que devêssemos voltar?"

"Eu estava agora mesmo sonhando que dois anjos apareceram para um de vós, abriram as portas

do céu, e o conduziram para diante de Deus; e além disso, dois anjos apareceram para o outro e, pela terra rachada, o conduziam ao inferno. E quando vi isso, pensei que nenhum de vós voltaria mais, por isso levantei e comi o pão."

O pai disse: "Filho, foi assim que aconteceu com aqueles que quiseram enganar o companheiro. Foram enganados pela própria armadilha."

O filho: "Aconteceu a eles o que é dito no provérbio: Quem tudo quer, tudo perde. Esta natureza é própria dos cães, a que eles adotaram: um quer roubar a comida do outro. Se a natureza do camelo fosse seguida, eles adotariam uma natureza melhor, porque na do camelo, quando o alimento é dado a muitos deles ao mesmo tempo, nenhum deles come até que todos estejam comendo juntos; e se um deles adoecer e não conseguir comer, os outros jejuarão até ele ser curado. Já que esses dois burgueses queriam assumir a natureza de um animal, eles deviam ter reivindicado a natureza dos gentis camelos. Perderam a comida com razão. E digo mais: eu gostaria que acontecesse a eles o mesmo que na história que ouvi o meu mestre contar há pouco tempo, que aconteceu com o alfaiate do rei e com o seu aprendiz, Nedui; foram, é claro, espancados a pauladas."

O pai quis saber: "Diga-me, filho, que história é essa que ouviste? O que aconteceu com o aprendiz? Essa história poderá entreter os ânimos, afinal."

O filho começou a contar:

XX. Exemplum de regii incisoris discipulo Nedui nomine.

Narravit mihi magister meus quendam regem habuisse unum incisorem qui diversos diversis aptos temporibus ei incidebat pannos. At ille discipulos sutores habebat, quorum quisquis artificiose suebat quod magister incisor regis artificiose scindebat. Inter quos discipulos unus erat nomine Nedui, qui socios arte sutoria superabat. Sed die festo veniente rex suorum ad se incisorem pannorum vocavit et pro tempore pretiosas vestes sibi et suis familiaribus parari praecepit. Quod ut citius et sine impedimento fieret, unum de camerariis suis eunuchum, cuius illud erat officium, sutoribus custodem addidit et ut eorum curvos ungues observaret et eis ad sufficientiam necessaria ministraret, rogavit. Sed in una dierum ministri calidum panem et mel cum aliis ferculis incisori et consociis comedendum dederunt. Et qui aderant, comedere coeperunt. Quibus epulantibus ait eunuchus: Magister, quare Nedui absente comeditis nec illum expectatis? Magister inquit: Quia mel non comederet, etiamsi adesset. Et comederunt. Deinde venit Nedui et ait: Quare me absente comedistis nec partem meam mihi reservastis? Cui eunuchus: Magister tuus dixit quod mel non comederes, etiamsi adesses. At ille tacuit et quomodo illud magistro suo recompensare posset, cogitavit. Et hoc facto magistro absente secreto dixit eunucho: Domine, magister meus quandoque frenesim patiens sensum perdit et indiscrete circumstantes verberat atque interimit. Cui eunuchus: Si scirem horam, quando ei hoc contingit, ne quid inconsulte ageret, ligarem et loris corrigerem. At Nedui ait: Cum videris illum huc et illuc aspicientem terramque manibus verberantem atque sua sede surgentem et scamnum super quod sedet manibus rapientem, tunc eum scias insanum esse, et nisi tibi et tuis provideris, capud fuste dolabit. Ad hoc eunuchus: Tu benedicaris, quia amodo mihi et meis providebo. Talibus dictis Nedui sequenti die magistri sui forfices secreto abscondit. At incisor quaerens forfices et non inveniens coepit manibus terram percutere et huc et illuc aspicere suaque sede surgere et scamnum super quod sedebat manu demovere. Hoc videns eunuchus statim suos vocavit clientes et praecepit incisorem ligari et ne aliquos verberaret, graviter verberari. Sed incisor clamabat ita dicendo: Quid forisfeci? Ut quid talibus me afficitis verberibus? At illi acrius verberando tacebant. Quando autem lassi fuerunt verberando et ipse vapulando, exosum vitae solverunt. Qui respirans, sed longo temporis intervallo quaesivit ab eunucho, quid forisfecisset. Cui eunuchus: Dixit mihi Nedui discipulus tuus quod quandoque insanires nec nisi vinculis et verberibus correptus cessares; et ideo te ligavi et verberavi. Hoc audito incisor Nedui discipulum suum vocavit et ait: Amice, quando novisti me esse insanum? Ad haec discipulus: Quando me mel non comedere scivisti? Eunuchus et alii hoc audientes riserunt et utrumque merito poenas suscepisse iudicaverunt.

Ad haec pater: Merito hoc illi accidit, quia si custodisset quod Moyses praecepit, ut diligeret fratrem suum sicut se ipsum, hoc ei non evenisset.

Castigavit sapiens filium suum: Vide ne imponas aliquod crimen socio tuo, serio vel ludo, ne ita tibi contingat, sicut duobus ioculatoribus contigit ante regem. Ad haec filius: Narra mihi, pater, obsecro. Pater: Fiat.

XX: O alfaiate do rei e Nedui, o seu aprendiz

O meu mestre me contou esta história sobre um certo rei e o seu alfaiate pessoal, que fazia diversas roupas, adequadas para diversas ocasiões. O alfaiate tinha aprendizes remendeiros, os quais costuravam com destreza tudo o que o mestre alfaiate, também com destreza, cortava. Entre os aprendizes havia um chamado Nedui, cuja habilidade de costura superava a dos outros. Chegando um dia de festa, o rei convocou a presença do seu alfaiate e ordenou que preparasse, para a ocasião, vestes luxuosas para ele e toda a família real. A fim de que cumprisse a ordem rapidamente e sem empecilhos, um dos camareiros do rei, um eunuco, cuja função era esta, assumiu a vigia dos costureiros, para que supervisionasse as suas unhas curvadas, e o rei também pediu que o eunuco administrasse os suprimentos necessários para os costureiros.

Certo dia, foi servido de comer, ao alfaiate e seus ajudantes, pão recém-saído do fogo, com mel, além de outras guarnições. Quem estava lá começou a comer e, enquanto se banqueteavam, o eunuco disse:

“Mestre alfaiate, por que todos comem enquanto Nedui está ausente? Nem ao menos o esperais?”

“Porque mel ele não comeria, mesmo se estivesse presente.” Respondeu o mestre, e todos continuaram a comer. Até que Nedui chegou, falando:

“Como comeis sem mim! Nem ao menos guardais a minha parte?”

“O teu mestre disse que não comerias mel, mesmo se aqui estivesses.” Disse o eunuco.

Nedui se calou; pensou em como poderia compensar aquilo que o seu mestre fez com ele. Teve uma ideia: com o mestre ausente, chamou o eunuco em segredo e lhe disse o seguinte:

“Senhor, o meu mestre, de vez em quando, padece de uma loucura. Ele perde o bom-senso e fica irreconhecível, espanca e assassina todos as seu redor.”

“Se eu estivesse na hora em que isso acontecesse, eu o amarraria e o endireitaria com um chicote, para que ele não agisse sem pensar.” Afirmou o Eunuco, então Nedui lhe disse:

“Quando o vires olhando de lá para cá, apalpando o chão com as mãos, ou até se levantando do assento no qual estiver sentado e erguendo-o, então saberás que ele está insano; e se não cuidares de ti e dos teus, ele arrancará a tua cabeça com um porrete.”

“Fizeste bem em me dizer isso: cuidarei de mim e dos meus.” Respondeu o eunuco.

No dia seguinte a essa conversa, Nedui escondeu, em segredo, as tesouras do seu mestre. O

alfaiate, procurando-as sem sucesso, começou a olhar de lá para cá, apalpando o chão com as mãos e se levantando do assento no qual se sentava, erguendo-o. Percebendo isso, o eunuco chamou os seus companheiros imediatamente e ordenou que amarrassem o alfaiate e o espancassem para que ele não espancasse os outros. Ele, o alfaiate, gritava:

“O que eu fiz?! Por que me atacais?!”

Ignorando-o, eles espancaram com mais força, mas quando se cansaram de bater, e o alfaiate de ser batido, largaram o miserável à própria vida. Ofegante, depois de uma longa pausa para se recompor, perguntou ao eunuco o que foi que tinha feito, e o outro lhe respondeu:

“O teu discípulo Nedui disse que às vezes tu enlouqueces, e não paras a não ser que sejas corrigido por amarras e socos, por isso procedi de tal maneira.”

O alfaiate, então, chamou o seu discípulo Nedui:

“Amigo, o que é isso de tu dizeres que sabes que eu sou louco?” E Nedui respondeu:

“O que é isso de tu dizeres que sabes que eu não como mel?”

Ouvindo isso, o eunuco e os demais riram e acharam merecido o que ocorreu entre os dois.”

O pai, depois de ouvir a história, disse: “Foi, sim, merecido, pois se defendesse o que Moisés ensinou, amar ao próximo como a si próprio, isso não teria acontecido ao alfaiate.”

Um homem sábio disciplinava o seu filho: “Cuida, filho, para que não culpe um amigo por um crime teu, seja com seriedade ou de brincadeira, para que não aconteça a ti o mesmo que aconteceu aos dois bufões do rei.”

“Conta, pai!” Disse o filho. E o pai:

“Contarei.”

XXI. Exemplum de duobus ioculatoribus.

Venit quidam ioculator ad regem. Quem vocatum rex cum alio ioculatore fecit sedere atque comedere. Sed qui prius aderat ioculator, coepit invidere supervenienti, quem rex iam sibi praeferebat et omnes aulici. Quod ne diu duraret, pudorem illi facere, ut sic saltem aufugeret, cogitavit. Itaque vescentibus aliis ossa latenter primus ioculator coadunavit et ante socium posuit finitoque prandio in obprobrium socii coniectam struem ossium regi ostendit et mordaciter inquit: Domine, socius meus omnium istorum ossium vestituram comedit. Rex vero eum torvis oculis respexit. Accusatus autem regi ait: Domine, feci quod natura mea, id est humana, requirebat, quia carnes comedi et ossa dimisi. Et socius meus fecit quod sua natura, videlicet canina, requirebat, quia carnes comedit et ossa.

XXI: Os dois bufões

Um bufão se apresentou diante do rei. O monarca o tinha convocado para que se sentasse com o outro bufão ali presente e comesse do banquete com eles; mas o que tinha chegado primeiro começou a invejar o recém-chegado, a quem o rei e toda a sua corte preferiam. Para que a presença do outro não rendesse muito, pensou em deixá-lo com vergonha, para afugentá-lo de qualquer maneira.

Enquanto todos estavam comendo, o primeiro bufão juntou, discretamente, os ossos que restaram dos demais, e os depositou em frente ao outro bufão. Terminada a refeição, para a desgraça do colega, mostrou ao rei a pilha de ossos amontoados e disse, dissimuladamente:

“Senhor, o meu colega comeu tudo o que cobria esses ossos.”

O rei encarou o outro com um olhar selvagem, até que o acusado rebateu:

“Meu senhor, fiz o que a minha natureza humana pedia: comer as carnes e deixar os ossos. Já o meu colega aqui fez o que a sua natureza canina pedia: comeu as carnes e também os ossos.”

De largo, avaro, prodigo

Dixit philosophus: Honora minorem te et da sibi de tuo, sicut tu vis quod maior te honoret et de suo tibi tribuat.

Alius: Turpe quidem est multum diviti homini esse avarum, mediocri autem homini pulchrum est esse largum.

Discipulus ait: Diffinitionem largi et avari et prodigi mihi subscribe. Pater: Qui dat quibus dandum est et retinet quibus retinendum est, largus est. Et qui prohibet quibus prohibendum est et quibus non est prohibendum, avarus est. Et qui dat quibus est dandum et quibus non est dandum, prodigus est.

A respeito de ser generoso, avaro ou pródigo

Um filósofo disse: “Honra quem está em posição de inferioridade com relação a ti, e compartilha do que é teu, assim como queres que o teu soberano honre a ti e compartilhe contigo do que é seu.”

Outro filósofo: “É mesmo vergonhoso aquele que é muito rico ser avaro, mas é honroso o homem medíocre que é generoso.”

O discípulo disse: “Explica-me a definição de generoso, avaro e pródigo?”

O pai: “Aquele que dá algo a quem deve ser dado, e se recusa dar a quem deve ser recusado, é o generoso. Já aquele que restringe algo, tanto de quem deve ser restrito, quanto de quem não deve, é o avaro. E aquele que dá algo a quem deve ser dado e também a quem não deve, é o pródigo.”

De divitiis

Ait alius philosophus: Noli associari rei deficienti, et ne postponas te associari rei crescenti. Alius: Magis valet parva beatitudo quam plena domus auro et argento.

Alius: Utilia perquire magno sensu, non magna velocitate.

Alius: Ne respicias ditiorem te, ne in Deum pecces, sed respice pauperiorem te, et inde grates Deo redde.

Alius: Non deneges Deum pro paupertate, et pro divitiis noli superbire. Alius: Qui multa cupit, semper maiorum fame tabescit.
Alius: Si vis in hoc saeculo tantum habere quantum sufficere poterit naturae, non multa decebit te congregare. Et si cupido satisfacere volueris animo, licet congregatis quaecumque in toto mundi ambitu continentur divitiis, sitis tamen ardebit habendi.
Alius: Qui parce sua dispendit, diu durant ei possessa.
Alius: Radix pacis est aliena non cupere, et fructus eius est requiem habere.
Alius: Qui vult relinquere saeculum, videat ne aliquid retineat quod si illius partium, quoniam tantundem valeret, ac si paleis ignem extingueret.

Alius: Qui pecuniam congregat, multum laborat et vigiliis tabescit ne perdat; ad ultimum dolet, quando perdit quod obtinuerat.

Dispiculus magistro: Laudas congregare pecuniam? Magister: Ita! Acquire, sed iuste et in bono dispende nec in thesauro reconde.

Alius: Ne desideres res alterius, et ne doleas de amissis rebus, quoniam dolore nihil erit recuperabile. Unde dicitur quod...

A respeito da riqueza

Disse outro filósofo: “Não te associes a negócios em declínio, e não recuses negócios ascendentes.”

Outro filósofo: “Mais vale um pouco de felicidade do que uma casa com muito ouro e prata.”

Outro filósofo: “Persegue as coisas úteis, não com muita rapidez, mas com muita eficiência.”

Outro filósofo: “Não te impressiones com os mais ricos, para que não ofendas a Deus, mas impressiona-te com os mais pobres, para que dês graças a Deus.”

Outro filósofo: “Não negues Deus pela pobreza, e não te orgulhes pela riqueza.” Outro filósofo: “Quem muito deseja, sempre sacia a fome dos que têm mais.”

Outro filósofo: “Se desejas ter, nesta vida, tanto quanto é próprio da tua natureza, não deverás coletar muitas coisas. E se desejas satisfazer a ambição da alma, mesmo se coletares toda e qualquer riqueza espalhada por todo o mundo, a sede de possuir ainda arderá.”

Outro filósofo: “Para quem gasta com moderação, as posses duram por muito tempo.”

Outro filósofo: “A raiz da paz está em não cobiçar o que é do outro, e o seu fruto é a tranquilidade.”

Outro filósofo: “Aquele que deseja abandonar um mundo, deve se atentar para não reter consigo algo que faça parte dele; isso seria como apagar fogo com palha.”

Outro filósofo: “Aquele que acumula dinheiro, trabalha muito e se desgasta em vigílias para que não o perca; ao fim e ao cabo, o acumulador sempre sofre, quando perde tudo o que juntou.”

O discípulo perguntou ao mestre: “Concordas com guardar dinheiro?”

O mestre respondeu: “Sim! Ganha dinheiro, mas justamente, e gasta com o que é bom; e não esconder o dinheiro feito um tesouro.”

Outro filósofo: “Não cobices as coisas alheias, e não sofras pelas coisas que perdeste: a dor não recupera nada, afinal. É por isso que contam a história do camponês e o passarinho.”

XXII. Exemplum de rustico et avicula.

Quidam habuit virgultum, in quo rivulis fluentibus herba viridis erat et pro habilitate loci conveniebant ibi volucres modulamine vocum cantus diversos exercentes. Quadam die dum in suo ille fatigatus quiesceret pomario, quaedam avicula super arborem cantando delectabiliter sedit. Quam ut vidit et eius cantum audivit, deceptam laqueo sumpsit. Ad quem avis: Cur tantum laborasti me capere, vel quod proficuum in mei captione sperasti habere? Ad haec homo: Solos cantus tuos audire cupio. Cui avis: Pro nihilo, quia retenta nec prece nec pretio cantabo. At ille: Nisi cantaveris, te comedam. Et avis: Quomodo comedes? Si comederis coctam aqua, quid valebit avis tam parva? Et etiam caro erit hispida. Et si assata fuero, multo minor ero. Sed si me abire dimiseris, magnam utilitatem ex me consequeris. At ille contra: Quale proficuum? Avis: Ostendam tibi tres sapientiae manerias quas maioris facies quam trium vitulorum carnes. At ille securus promissi avem abire permisit. Cui avis ait: Est unum de promissis: ne credas omnibus dictis! Secundum: quod tuum est, semper habebis! Tertium: ne doleas de amissis! Hoc dicto avicula arborem conscendit et dulci canore dicere coepit: Benedictus Deus qui tuorum oculorum aciem clausit et sapientiam tibi abstulit, quoniam si intestinorum plicas meorum perquisisses, unius ponderis unciae iacinctum invenisses. Hoc ille audiens cepit flere et dolere atque palmis pectus percutere, quoniam fidem dictis praebuerat aviculae. Et avis ait illi: Cito oblitus es sensus quem tibi dixi! Nonne dixi tibi: non crede quicquid tibi dicetur? Et quomodo credis quod in me sit iacinctus qui sit unius unciae ponderis, cum ego tota non sim tanti ponderis? Et nonne dixi tibi: Quod tuum est, semper habebis? Et quomodo potes lapidem habere de me volante? Et nonne dixi tibi: Ne doleas de rebus amissis? Et quare pro iacincto qui in me est doles? Talibus dictis deriso rustico avis in nemoris avia devolavit.

XXII: O camponês e o passarinho

Havia um homem que residia em um pomar, coberto por uma relva verdejante, pelo qual fluía um riacho. Era um lugar propício para as aves se encontrarem, lá onde as vozes exerciam ritmados e diversos cantares.

Certo dia, um passarinho veio pousar, cansado, embora cantasse a mais doce melodia, em uma árvore do pomar, para que repousasse. O homem, quando viu e ouviu o seu canto, capturou o passarinho com uma armadilha. Então a ave disse:

"Pra quê tanto trabalho em me prender? Que benefício esperas da minha captura?"

"Só quero escutar o teu canto." Respondeu o homem.

"A troco de nada, pois preso não canto nem a prece nem a preço." Rebateu o passarinho. Mas o homem ameaçou: "Se não cantares, te comerei."
"Como me comerá? Se eu for cozido em água, de que valerá carne tão escassa? Sem falar que continuará dura. E se eu for assado em fogo, ficarei muito menor. Mas se permitires a minha saída, conseguirás de mim um grande benefício."
"Que benefício é esse?"
"Revelarei a ti três maneiras de ser sábio, às quais darás mais valor do que três carnes de vitela." O homem, então, confiando na promessa, permitiu que o passarinho voasse.
"A primeira maneira de ser sábio que eu prometi" disse a ave "é não acreditar em tudo o que te dizem! A segunda é sempre guardar o que é teu! A terceira é não sofrer pelo que perdeste!" Dito isso, o passarinho pousou em uma árvore e começou a recitar com uma doce melodia: Bendito Deus, que te priva da sapiência, camponês, e cerra teus olhos de ira; se em meu intestino tivesses olhado, encontrarias o peso de uma onça de safira.

Ouvindo isso, que havia uma pedra preciosa no intestino da ave, o homem começou a lamentar e sofrer, batendo as mãos no peito, por ter confiado no que tinha sido prometido. O passarinho lhe disse, então:

"Esqueceste rapidamente do ensinamento que eu compartilhei contigo! Eu não lhe disse para não acreditar em tudo o que te dizem? Como podes acreditar que eu tenha dentro de mim o peso de uma onça de safira, se eu de todo não sou tão pesado? Eu não lhe disse para sempre guardar o que é teu? Como podes guardar uma pedra que esteja em mim, se estou voando? E eu não lhe disse para não sofrer pelo que perdeste? Por que é que, então, sofres pela safira que guardo em mim?"

Depois de dizer isso, o passarinho, enganando o camponês, voou em direção a um bosque distante.

De libris non credendis

Philosophus castigavit filium suum dicens: Quicquid inveneris, legas, sed non credas quicquid legeris. Ad haec discipulus: Credo hoc esse: non est verum quicquid est in libris. Nam simile huic iam legi in libris et proverbiis philosophorum: Multae sunt arbores, sed non omnes faciunt fructum; multi fructus, sed non omnes comestibiles.

Castigavit Arabs filium suum dicens: Fili, ne dimittas pro futuris praesentia, ne forsan perdas utrumque, sicut evenit lupo de bobus promissis a rustico.

A respeito de não confiar nos livros

Um filósofo disciplinava o seu filho dizendo o seguinte: “Lê tudo o que encontrares, mas não acredites em tudo que leres.”

O discípulo respondeu: “Acredito nisto, que não é verdade tudo o que está nos livros. Já li algo semelhante nos livros de provérbios dos filósofos: Muitas são as árvores, mas nem todas frutificam; muitos são os frutos, mas nem todos são comestíveis.”

Um árabe disciplinava o seu filho dizendo: “Filho, não renuncies o presente em prol do futuro, para que não percas os dois; isso aconteceu com o lobo, a respeito dos bois que o fazendeiro prometeu.”

XXIII. Exemplum de aratore et lupo iudicioque vulpis

Dictum namque fuit de uno aratore quod boves illius recto tramite nollent incedere. Quibus dixit: Lupi vos comedant! Quod lupus audiens adquievit. Cum autem dies declinaretur et iam rusticus ab aratro boves solvisset, venit ad eum lupus ita dicens: Da mihi boves quos mihi promisisti! Ad haec arator: Si verbum dixi, non tamen sacramento firmavi. Et lupus contra: Habere debeo, quia concessisti. Firmaverunt tandem pactum quod inde irent ad iudicem. Quod dum facerent, vulpi obviaverunt. Quibus euntibus ait callida vulpis: Quo tenditis? Illi quod factum fuerat narraverunt vulpi. Quibus dixit: Pro nihilo alium iudicem quaeritis, quoniam rectum inde vobis faciam iudicium. Sed prius permittite me loqui consilio uni ex vobis et deinde alii; et si potero vos concordare sine iudicio, sententia celabitur; sin autem, in commune dicetur. At ipsi concesserunt. Et vulpis primum locuta seorsum cum aratore ait: Da mihi unam gallinam et uxori meae alteram, et habebis boves! Arator concessit. Et hoc facto cum lupo locuta est dicens: Audi, amice, et meritus tuis praecedentibus pro te debet mea si qua est facundia laborare. Tantum locuta sum cum rustico quod, si boves illius dimiseris omnino quietos, dabit tibi caseum ad magnitudinem clipei factum. Hoc lupus concessit. Cui vulpis inde inquit: Concede aratorem boves suos abducere, et ego ducam te ad locum ubi parantur illius casei ut quem volueris de multis, eligere possis. Sed lupus astutae vulpis deceptus verbis quietum abire permisit rusticum. Vulpis vero vagando huc et illuc, quantum potuit, lupum deviavit. Quem veniente obscura nocte ad altum deduxit puteum. Cui super puteum stanti formam lunae semiplenae in yma putei radiantis ostendit et ait: Hic est caseus quem tibi promisi! Descende si placet et comede! Ad haec lupus: Descende tu primitus, et si sola deferre non poteris, ut te iuvem faciam quae hortaris. Et hoc dicto viderunt cordam pendentem in puteum, in cuius capite erat urceola ligata et in alio capite cordae altera urceola, et pendebant tali ingenio quod una surgente altera desdendebat. Quod vulpis simulac vidit, quasi obsequens precibus lupi urceolam intravit et ad fundum venit. Lupus autem inde gavisus ait: Cur non affers mihi caseum? Vulpis ait: Nequeo prae magnitudine, sed intra aliam urceolam et veni sicut spopondisti! Lupo intrante urceola magnitudine ponderis ducta cito fundum petiit, altera surgente cum vulpe quae erat levis. Quae vulpecula tacto ore putei foras exilivit et in puteo lupum dimisit. Et ita quia pro futuro quod praesens erat dimisit, lupus boves et caseum perdidit.

XXIII: O fazendeiro, o lobo e o julgamento da raposa

Contaram a história de um fazendeiro cujos bois não queriam delinear um sulco reto.

“Que os lobos vos comam!” Praguejou o fazendeiro aos bois.

O lobo ficou satisfeito ouvindo isso. Quando, ao cair da noite, o homem desatou os bois do arado, o lobo se aproximou dizendo o seguinte:

“Dá-me os bois que prometeste!”

“Eu posso ter dito algo sobre isso, mas não prometi nada!” Respondeu o fazendeiro.

“Mas devo tê-los, pois tu os concedeste aos lobos.” Rebateu o animal.

Os dois firmaram, portanto, um acordo de irem procurar um outro julgamento, o que fizeram, até que encontraram uma raposa; astuta, ela disse aos dois:

“O que tendes vós?” E eles lhe contaram o que tinha acontecido. A raposa continuou: “Não procurem por nenhum outro juiz, pois vos concederei um julgamento preciso, mas permitis, primeiro, que eu converse em particular com cada um de vós; se for possível que concordeis sem um julgamento, a sentença será dispensada, e se não for possível, será dita abertamente.”

Eles concordaram com isso, e então a raposa falou, primeiro, com o fazendeiro, em particular.

A raposa lhe disse:

“Dá-me uma galinha, e outra para a minha esposa, e terás os teus bois!”

O homem as concedeu. A raposa, em seguida, foi falar com o lobo, dizendo:

“Ouve, amigo: pelo mérito que alcançaste comigo no passado, minha eloquência deve trabalhar a seu favor, de qualquer maneira. Estive ponderando com o fazendeiro que, se tu deixares quietos todos os bois, ele te dará um queijo do tamanho de um escudo.” E o lobo concordou. A raposa disse ainda: “Permita que ele recolha os seus bois, e eu te levo até o lugar onde são preparados os queijos, para que possas escolher, entre as opções, o que queres mais.”

E então o lobo, enganado pelas palavras astutas da raposa, permitiu que o fazendeiro partisse. A raposa, vagando de um lado para o outro, confundiu o lobo o quanto pôde, e quando caiu a noite obscura, o conduziu para um poço profundo. Parados à beira do poço, a raposa mostrou ao lobo o reflexo da lua crescente cintilando na água profunda, e disse a ele:

“Aqui está o queijo que te prometi! Se quiseres, desce até lá e come!”

“Desce tu primeiro, e se não conseguires trazê-lo sozinho, te ajudarei com o que precisares.” Respondeu o lobo.

Dito isso, encontraram uma corda que pendia da borda ao fundo do poço, em cujas pontas havia, em cada uma, um balde amarrado; estavam presos a um mecanismo que agia de forma a erguer um balde enquanto o outro descia. Quando a raposa percebeu isso, adentrou o balde, fingindo obedecer às preces do lobo, e desceu até o fundo. O lobo, e contente de fato, disse lá de cima:

“Por que não me trazes o queijo?”

“Não consigo, por causa do tamanho!” respondeu a raposa “Entra no outro balde e desça, como prometeste!”

O lobo, então, entrou no balde e foi levado rapidamente ao fundo do poço, devido ao seu próprio peso, enquanto o outro balde subiu com a raposa, que era mais leve. Ela saiu do poço com a boca fechada e deixou o lobo para trás.

E foi assim que, trocado o presente pelo futuro, o lobo perdeu tanto os bois quanto o queijo.

De consilio accipiendo et probando

Castigavit Arabs filium suum dicens: Accipe consilium ab eodem, de quo requiris experto, quod sic levius habere poteris quam si tu ipse periculose probaveris.

Alius castigavit filium suum dicens: Ne credas omni quod audies consilio, donec prius an sit utile probatum fuerit in aliquo, ne contingat tibi sicut latroni contigit, qui consilio domini domus cuiusdam credidit. Ad haec filius: Quomodo, pater, evenit ei? Pater:

A respeito de seguir conselhos propícios

O árabe disciplinava o seu filho dizendo o seguinte: “Aceita os conselhos de alguém experiente no que precisas, pois assim conseguirás lidar facilmente com a situação, como se tu próprio tivesses vivido as adversidades.”

Um outro árabe disciplinava o seu filho dizendo, por sua vez: “Não acredites em todos os conselhos que escutas, não até que outra pessoa comprove primeiro a utilidade do conselho, para que não aconteça a ti o mesmo que aconteceu com o ladrão que acreditou no conselho do dono da casa.”

O filho: “O que aconteceu com ele, pai?” E o pai:

XXIV. Exemplum de latrone et radio lunae.

Dictum fuit quod quidam latro ad domum cuiusdam divitis perrexit intentione furandi. Et ascendens tectum ad fenestram per quam fumus exibat pervenit, et si aliquis intus vigilaret auscultavit. Quod dominus domus comperit et suaviter suae uxori ait: Interroga alta voce, unde venit mihi iste tam magnus quem habeo census! Quod ut rescias, multum labora! Tunc ipsa alta voce ait: Domine, unde tam magnum habuisti censum, cum nunquam mercator fueris? At ille: Quod Deus donavit, serva et fac inde voluntatem tuam et non inquiras, unde mihi tanta pecunia venerit! At ipsa, sicut ei iniunctum fuerat, magis ac magis ut resciret instabat. Demum quasi coactus precibus suae uxoris inquit dicens: Vide ne cuiquam secreta nostra detegas: Latro fui. At ipsa: Mirum mihi videtur quomodo tam magnum censum latrocinio potuisti acquirere, quod nunquam audivimus clamorem sive aliquam calumpniam inde. At ipse ait: Quidam magister meus carmen me docuit quod dicebam quando super tectum ascendebam; et veniens ad fenestram accipiebam radium lunae manu et carmen meum septies dicebam, scilicet "saulem", et ita descendebam sine periculo et quicquid pretiosum inveniebam in domo corradens sumebam; et hoc facto iterum ad radium veniebam lunae et eodem carmine septies dicto cum omnibus in domo sumptis ascendebam et quod sustuleram ad hospitium deferebam. Tali ingenio hunc quem possideo censum habeo. At mulier ait: Bene fecisti quod mihi talia dixisti; nam quando filium habuero, ne pauper degat, hoc carmen docebo. At dominus inquit: Permitte me amodo dormire quoniam sompno aggravatus volo quiescere. Et ut magis deciperet, quasi dormiens stertere coepit. Perceptis denique talibus verbis fur nimis inde gavisus est, et dicto septies carmine et assumpto manu radio lunae laxatis manibus et pedibus per fenestram in domum magnum faciens sonum cecidit et fracto crure ac brachio congemuit. At dominus domus quasi nesciens inquit: Tu quis es qui ita cecidisti? Cui latro: Ego sum ille fur infelix qui tuis credidi fallacibus dictis. – Ad haec filius:

Tu benedicaris, quoniam dolosa edocuisti me vitare consilia.

XXIV: O ladrão e o luar

Dizem que um ladrão foi à casa de um homem rico com intenção de roubá-lo. Subindo ao telhado, viu uma chaminé pela qual saia fumaça, e parou para escutar se alguém estava acordado na casa. O dono da casa percebeu isso e cochichou para a sua esposa o seguinte:

"Pergunta-me em voz alta de onde eu consegui essa riqueza tão grande que eu tenho, e insiste muito para conseguir a resposta!"

"Ó, marido!" disse a esposa em voz alta "Onde conseguiste riqueza tão grande quanto esta que tens, se nunca foste mercador, ao menos?"

"O que Deus deu, preserva e usa como for de tua vontade, mas não me perguntes de onde veio tanto dinheiro!" Respondeu, em voz alta, o marido.

A esposa, porém, assim como fora instruída, insistia mais e mais em descobrir. Finalmente, como se convencido pelas preces insistentes da sua esposa, o marido revelou:

"Cuidado para não revelares a ninguém este nosso segredo: Eu fui um ladrão."

"Me admira ver que pudeste adquirir tamanha riqueza com bandidagem, pois nunca ouvimos xingamentos ou acusações sobre isso." disse a esposa.

"Eu tinha um mestre ladrão que me ensinou um feitiço para quando eu subia nos telhados; aproximando-se da chaminé, eu segurava um raio do luar na mão e dizia a palavra mágica sete vezes: Saulem. Com esse ritual eu descia do telhado sem perigo, e escapava roubando tudo de valor que tivesse na casa. Eu fazia o ritual de novo, mostrava a minha mão para um raio do luar, e dizia a mesma palavra mágica sete vezes. O raio me erguia com todas as coisas roubadas da casa, e fazia tudo aterrissar no meu esconderijo. Foi tal artimanha que me fez ter a riqueza que possuo."

"Fizeste bem em me contar isso!" disse a esposa "Pois quando eu tiver um filho, ensinarei a ele esse feitiço, para que não viva na pobreza."

"Agora deixa-me dormir, porque estou com muito sono e quero descansar." Respondeu o marido; e para que enganasse o ladrão, ele começou a roncar como se estivesse dormindo.

Logo depois de ter escutado essa conversa, o ladrão ficou muito animado, e disse a palavra mágica sete vezes, expondo a mão para um raio do luar, até que relaxou os pés e as mãos e caiu pela chaminé até o chão da casa, fazendo grande estrondo.

Com perna e braço quebrados, começou a gemer de dor. O homem rico, como se não soubesse

o que estava acontecendo, disse:

“Quem és tu, que despencaste assim?” E o ladrão respondeu:

“Eu sou um ladrão infeliz que acreditou em tuas falsas palavras.”

Depois da história, o filho disse ao pai: “Que sejas abençoado por ter me ensinado a evitar conselhos nocivos.”

De consilio

Philosophus ait: Cave consilium azimum, donec sit fermentatum.

Alius: Ne credas consilium monentis quod deneges alterius benefactum, quoniam qui denegat benefactum coram oculis omnia cernentis se accusat.

Alius: Si fueris in aliquo bono, ne pecces serva, quoniam saepissime maximum comminuitur bonum vel amittitur.

A respeito de aconselhar

Um filósofo disse: “Cuidado com o conselho asmo até que ele seja fermentado.”

Outro filósofo: “Não acredites em um conselho de alguém que sugere dizer ‘não’ para o benefício de outrem, pois quem rejeita um benefício acusa a si mesmo frente aos olhos de quem tudo vê.”

Outro filósofo: “Se estás em alguma situação boa, cuidado para não pecar, pois é muito comum que as coisas boas sejam destruídas ou perdidas.”

De benefacto

Interrogavit discipulus magistrum suum: Prohibuit philosophus benefactum denegare; sed non divisit benefactum creatoris vel creaturae? Ad haec magister: Dico tibi quod ille qui denegat benefactum, denegat Deum; et ille qui non obedit regi vel rectori, est inobediens Deo. Discipulus: Ostende mihi rationem quomodo hoc possit esse. Magister: Nullum benefactum procedit ex creatura ad creaturam nisi ex deo procedat; et illi qui denegant benefactum, suos denegant benefactores et ita denegant Deum.

Item: Rex qui rector verax est, virga Dei in terra est; et ille qui obedit virgae, obedit rectori; et ille qui non obedit virgae, non obedit Deo.

A respeito de benefícios

O discípulo questionou o seu mestre: “O filósofo sugeriu nunca negar um benefício, mas não diferenciou o benefício do criador e o da criatura?

O mestre respondeu: “Digo-te que aquele que nega um benefício, nega a Deus; e aquele que não obedece ao rei, ou ao governante, está sendo desobediente para com Deus.”

O discípulo: “Explica-me a razão por trás disso.”

O mestre: “Nenhum benefício avança de criatura em criatura, a não ser que ele venha de Deus; então aquele que nega um benefício, nega os seus benfeitores, e nega, portanto, Deus. E digo mais: O rei, um verdadeiro líder, é a ramificação de Deus na terra; aquele que respeita o rebento, respeita o líder, e aquele que não respeita o rebento, não respeita Deus.”

De rege bono et malo

Alius philosophus ait: Custodi te a rege qui ferus est ut leo, et cui levis est animus ut puero.

Alius: Qui malum dicit de rege, ante tempus suum morietur.

Alius: Diutius patitur Deus regnum regis in sua persona peccantis, si bonus sit gentibus et mitis, quam faceret in sua persona iusto regi, si malus esset gentibus et crudelis. – Aristotiles in epistola sua castigavit regem Alexandrum ita dicens: Melius est cum paucis pace tuos regere quam magnam militiam tenere. – Item: Tene rectam iustitiam inter homines, et diligent te; nec properes ulli reddere mutuum boni vel mali, quia diutius expectabit te amicus et diutius timebit te inimicus.

A respeito de o que é ser um bom e um mau rei

Outro filósofo disse: “Toma cuidado com o rei que é feroz feito um leão, mas de espírito leve feito um menino.”

Outro filósofo: “Aquele que maldiz o rei, será morto antes do seu tempo.”

Outro filósofo: “Deus tolera por muito tempo o reinado de um rei que peca na intimidade, mas é bondoso e gentil com o povo, do que o de um rei que é justo consigo mesmo, mas é mau e cruel com o povo.”

Aristóteles, em sua carta, ensinou ao rei Alexandre o seguinte: “É melhor reinar com poucas pessoas e em paz do que juntar um grande exército com muitas pessoas.” Disse ainda: “Sejas justo e correto entre os homens, e eles te amarão; não te apresses em retribuir um bem ou um mal, pois assim, o amigo te esperará por muito tempo, e o inimigo te temerá por muito tempo.”

XXV. Exemplum de Mariano.

Plato retulit in libro de prophetiis quod quidam rex erat in Graecia senex, gentibus crudelis. Huic crevit maximum multis e partibus bellum. Cuius ut sciret eventum, totius suae regionis et vicinae mandavit philosophos. Quibus congregatis ait: Videte quam magnum mihi et vobis ingruat bellum, quod propter meum credo evenire vobis peccatum. Sed si aliquid est in me quod sit reprehendendum, dicite et vestro iudicio corrigere festinabo. Philosophi: De criminalibus in corpore vestro nullum scimus nec quid nobis et vobis venturum sit cognoscimus. Sed hic prope viam trium dierum moratur quidam sapiens homo nomine Marianus, qui per spiritum sanctum loquitur. Ad eum ergo de philosophis vestris aliquos legate, per quos vobis quid in tota vita vestra sit venturum declarabit. His ita peractis septem philosophos ad eum misit. Qui postquam quam prius inhabitaverat intravere urbem, desertam illius invenere maximam partem. Sed illis quaerentibus hospitium Mariani dictum fuit quod ipse et multi de concivibus petiissent heremum. His auditis perrexerunt ad eum philosophi. Quos ut vidit sapiens ait: Venite venite, legati regis inobedientis! Deus enim ei in custodia diversas nationes subdidit, quarum non rectus gubernator, sed immitis exstitit. Deus tamen qui illum et illius subditos de eadem et non de diversa materia creavit, eius immoderatam diu passus nequitiam multimodis correptionibus ut converteretur admonuit. Sed tandem omnino ad malum eius pertinaci animo in illius necem immisericordes et barbaras suscitavit gentes. Et hoc dicto tacuit sapiens homo. Quod audientes philosophi mirabantur et universi qui aderant. Die autem tertia philosophis quaerentibus licitum repatriandi reverendus ille prophetico spiritu dixit: Revertimini, quoniam mortuus est dominus vester, et Deus iam novum regem ibi imposuit qui sit rectus gubernator et mitis gentibus subditis. Auditis talibus de septem qui venerant philosophis tribus cum praedicto sapiente in heremo remanentibus quatuor repatriaverunt. Qui omnia, sicut eis praedictum fuerat, vera et constituta invenerunt.

Arabs dixit filio suo: Ne moreris in civitate regis, cuius dispensa maior fuerit quam redditus.

XXV: Mariano

Platão, em um livro sobre profetas, registrou que havia, na Grécia, um velho rei que era cruel com o povo. Uma guerra contra o rei prosperou de todas as partes da sociedade.

Para saber o desenlace dos acontecimentos, o rei mandou chamar todos os filósofos da sua região e das vizinhas. Quando estavam todos reunidos, o rei disse:

"Vede que uma grande guerra ameaça a mim e a nós, pois creio que os meus erros recaem também sobre vós. Mas se há algo em mim que seja repreensível, dizei-me, e com vosso juízo me apressarei em corrigi-lo."

"Não conhecemos nada de criminoso com relação à vossa pessoa," responderam-lhe os filósofos "e nem qual seja a situação que se aproxima de todos nós. Mas a três dias daqui, mais ou menos, vive um homem sábio chamado Mariano, que fala pelo Espírito Santo. Enviai até ele, portanto, majestade, uma comitiva com alguns de vossos filósofos; eles revelarão a vós o que quer que esteja prestes a ocorrer em toda a vossa vida."

O rei, então, terminada a reunião, enviou sete filósofos até Mariano. Depois que entraram na cidade onde ele tinha vivido antes, eles a descobriram deserta em maior parte. Perguntando onde era a casa de Mariano, lhes disseram que ele e muitos de seus concidadãos tinham fugido para o deserto. Ouvindo isso, os filósofos foram à procura do sábio, e o encontraram. Quando viu os filósofos, Mariano lhes disse:

"Aproximai, aproximai, enviados do rei desobediente! É verdade que Deus confiou a ele a guarda de diversas nações, mas elas não foram governadas com prudência, e sim com crueldade. Deus ainda o criou com a mesma substância que criou os seus súditos, não de matéria diversa; Deus permitiu por muito tempo a vilania imensurável do rei, e Ele o advertiu de variadas formas, para que se convertesse. E por fim, com toda a insistência do rei pelo mal, Deus lhe enviou, para a sua desgraça, povos bárbaros impiedosos."

Com essas palavras, o sábio se calou. Os filósofos e todos ao redor, ficaram admirados ouvindo essas palavras.

Depois do terceiro dia que estavam lá, os filósofos pediram permissão para retornar à pátria, mas o respeitável espírito profético de Mariano lhes disse o seguinte:

"Regressai, pois o vosso senhor está morto, e Deus já providenciou um novo rei, que seja um governador justo e pacífico para com as nações que rege."

Tendo escutado essa informação, dos sete filósofos que vieram, três permaneceram no deserto com o sábio profeta, e quatro deles regressaram à pátria. Os que voltaram, descobriram que todas as coisas que tinham sido previstas por Mariano eram verdadeiras e foram concretizadas.

Um árabe disse ao seu filho: “Não vivas em uma cidade cujas despesas do rei sejam maiores que o retorno à sociedade.”

XXVI. Exemplum de duobus fratribus et regis dispensa.

Dictum namque fuit quod quidam rex suorum communi assensu procerum cuidam suo familiari, quem antea cognoverat in saecularibus esse prudentem, totius regni habenas commisit, qui totius provinciae redditus susciperet, placita tractaret, domum domusque ministros et dispensas ordinaret. Eius frater alterius regni dives mercator remotam incolebat civitatem. Qui percepto rumore de fratris sublimatione parato comitatu prout decuit ut fratrem viseret, iter incepit. Praemisso tandem nuntio, ne subitus aut improvisus veniret, qui de adventu suo fratri referret, civitati in qua frater aderat appropinquavit. Audito fratris adventu frater occurrit ei et hilari vultu accurate eum suscepit. Transactis vero aliquot diebus, proviso tempore et loco, regi inter cetera quae sciebat placere, etiam suum fratrem advenisse retulit. Cui rex: Si frater tuus tecum in meo regno remanere adquieverit, omnia tecum illi – etiam mearum custodiam rerum – communia esse concedo. Quodsi laborem renuerit, in hac civitate largas possessiones ei dabo et omnes consuetudines et quae mihi facere deberet condonabo. Si vero demum tactus amore natalis soli repatriare voluerit, plurima vestimentorum mutatoria et quaecumque ei necessaria fuerint, largire cum habundantia. Auditis sermonibus regis frater fratrem convenit et quanta dominus promiserat, ordine retaxavit. Cui frater: Si vis ut tecum morer, ostende mihi quanti sint redditus regis. Ipse autem omnes ostendit. Deinde interrogavit quantas dispensas rex faceret. Quod et ipse indicavit. Tunc ipse computavit cum fratre quod tantus erat redditus quanta et dispensa. Et dixit fratri: Amice, video quod tanta est regis dispensa quantus et redditus. Sed si surrexerit bellum regi vestro vel aliquid tale, unde procurabit milites suos vel unde inveniet eis nummos? Frater: Aliquo consilio adquiremus. Cui frater: Timeo ne census meus sit pars huius consilii, et ideo vale, quia nolo hic amplius morari.

Dixit philosophus: Rex est similis igni: cui si nimis admotus fueris, cremaberis; si ex toto remotus, frigebis.

XXVI: Os dois irmãos e a despesa do rei

Dizem que um rei, com o consenso de todo o povo, designou a um certo familiar seu, que era conhecido pela prudência diante dos assuntos do século, as rédeas de todo o reino. Ele administraria todas as províncias, resolveria os problemas com gentileza, e organizaria as rendas das casas, das famílias e dos indivíduos.

O irmão desse familiar era um rico mercador de outro reino que residia em uma cidade remota. Quando o mercador ouvir rumores de que o irmão seria honrado com um cargo importante, preparou uma comitiva devidamente organizada para visitá-lo e seguiu caminho. Enviou um mensageiro anunciando sua chegada, para que não aparecesse subitamente, sem avisar, e então se aproximou da cidade onde morava o irmão. Quando chegou, foi prontamente recebido pelo irmão, com alegria no semblante.

Passados alguns dias, em hora e local combinados, ele contou ao rei sobre a chegada do seu irmão, entre outras questões que sabia que o agradariam. O rei disse, então:

"Se o teu irmão deseja permanecer contigo no meu reino, permito que a custódia de todas as minhas coisas seja dividida entre ti e ele. Mas se ele recusar esse trabalho, concederei a ele grandes posses nesta cidade e todas as regalias, e recompensarei tudo o que ele deverá fazer por mim. Por fim, se ele quiser realmente regressar à terra natal, tocado pela nostalgia, concederei muitas e variadas vestimentas, em abundância, quantas lhe forem necessárias."

Ouvindo as palavras do rei, o irmão foi ao encontro do outro recém-chegado, e lhe reportou tudo o que prometera o soberano.

"Se queres que eu more contigo" disse o recém-chegado "mostra-me quanto é a renda do rei."

O irmão lhe mostrou. O outro perguntou, então, quanto seriam as despesas do rei, e o irmão também as revelou. Eles calcularam que a renda do rei era a mesma quantia que as suas despesas.

"Amigo" disse o irmão viajante "vejo que as despesas do rei são iguais à sua renda. Mas se surgir uma guerra, ou algo do tipo, contra o vosso rei, de onde ele recrutará seus soldados e conseguirá dinheiro para eles?"

"Pensaremos em algum jeito" Respondeu o outro irmão.

"Temo que meu dinheiro seja parte desse 'jeito'. Por isso, adeus: não quero mais morar aqui."

Um filósofo disse: "Um rei é como o fogo: se chegares muito perto, te queimarás; se fores para

muito longe, congelarás.”

De familiaritate regis

Arabicus interrogavit patrem: Si credidero verbis philosophi, nunquam familiaris ero regi. Cui pater: Fili, regi placere magna prudentia est. Filius: Pater, erudi me, quomodo, si oportuerit me regi servire, ut prudens et bene doctus valeam placere. Pater: Ad huiusmodi instructionem multa essent necessaria, quae modo ad memoriam non revocamus, et fortasse si perscriberentur, tibi pusillo in taedium verterentur. Sed de multis pauca et quae si observaveris erunt utilia referemus. Ad quem filius: Etsi arrectis auribus multa cupio, promissa tamen audiendi avidus vehementer efflagito. Pater: Qui vult regi esse familiaris, debet videre omni visu mentis quod, cum venerit ad regem, stare diu possit; nec unquam sedeat, donec rex praecipiat; nec loquatur nisi cum opus fuerit; nec moretur cum rege nisi ipse praeceperit morari; et fideliter consilium taceat; et semper sit intentus audire quod dicit rex, ne oporteat regem bis praeceptum repetere; quodcumque praecipiat rex, faciat; sed caveat ne regi mentiatur, et videat quod regem diligat et sit ei obediens; nec unquam associet se homini quem rex odio habebit. Et cum haec omnia et multa alia fecerit, forsitan de rege non magnum habebit proficuum. – Filius: Nihil peius contingit homini quam diu regi servire et nihil boni adquirere. Pater: Hoc multis iam evenit; et ideo praecipit philosophus ne quisquam nimis moretur in servitio regis. – Alius philosophus dixit: Qui servit regi ut ita dicam sine fortunio, hoc saeculum perdit et aliud.

A respeito de ter intimidade com o rei

Um árabe consultou o seu pai: “Se eu acreditar nas palavras dos filósofos, nunca serei íntimo do rei.”

O pai: “Filho, para agradar o rei, é necessário ter muita prudência.”

O filho: “Educa-me, pai; se eu tiver a oportunidade de servir ao rei, como posso agradá-lo de forma prudente e sábia?”

O pai: “Para te educar assim como queres, muitas coisas são necessárias, mas não consigo resgatá-las de memória. E se essas coisas fossem escritas, elas se tornariam um pouquinho tediosas para ti. Mas se prestares atenção, podemos tirar algo que será útil, de um pouco dessas multas coisas.”

O filho: “Mesmo que eu espere com os ouvidos muito atentos, ainda estou curioso, e insisto fortemente que o prometido seja contado, para que eu ouça.”

O pai: “Aquele que deseja ser íntimo de um rei, deve saber, com toda a compreensão do espírito, que, quando estiver na presença do rei, deve permanecer de pé por muito tempo, sem se sentar de forma alguma, até que o rei permita; não pode falar, a não ser quando necessário; não pode se instalar no palácio, a não ser que o próprio rei ordene que se instale; não dizer uma opinião honesta, mas sempre estar disposto a escutar o que o rei diz, para que ele não tenha que repetir uma ordem duas vezes; sempre cumprir as ordens do rei, mas com o cuidado de não mentir, garanta a estima do rei e obedeça a ele; nunca se associar com alguém por quem o rei tenha ódio. E quando fizer estas e muitas outras coisas, talvez consiga algo de útil do rei.”

O filho: “Não há nada de pior para acontecer a um homem do que servir um rei por muito tempo e não ganhar benefícios.”

O pai: “Isso já aconteceu com muitos. Por esse motivo, o filósofo aconselha a não viver muito tempo em serviço de um rei.”

Outro filósofo disse: “Aquele que fica a serviço de um rei sem benefícios, perde tanto nesta vida quanto na outra.”

De modo comedendi

Filius: O pater, quare oblitus es dicere quomodo debet homo comedere coram rege? Pater:

Non oblitus fui dicere, quia nulla differentia est inter comedere coram rege et alibi. Filius: Dic ergo quomodo ubique debeam comedere. Pater: Cum ablueris manus ut comedas, nihil tangas nisi prandium, donec comedas; nec comedas panem priusquam veniat aliud ferculum super mensam, ne dicaris impatiens; nec tantum ponas bolum in ore tuo, ut micae defluant hinc et inde, ne dicaris gluto; nec glutias bolum priusquam bene fuerit commasticatum in ore tuo, ne straguleris; nec pocula sumas donec os sit vacuum, ne dicaris vinosus; nec loquaris dum aliquid in ore tuo tenueris, ne aliquid intret de gutture in intimam arteriam et sic sit tibi causa mortis; et si videris bolum quod tibi placeat in parapside coram sodali, ne sumas, ne dicatur tibi prava rusticitas. Post prandium manus ablue, quia phisicum est et curiale; ob hoc enim multorum oculi deteriorantur, quoniam post prandia manibus non ablutis terguntur.

Filius: Si quis invitaverit me ad prandium, quomodo respondebo: concedam statim annon? Pater: Fac sicut auctoritas Iudaeorum praecipit! Dicit enim: Si quis invitaverit te, videas personam invitantis. Si enim magna persona fuerit, statim concede; sin autem, secundum quod erit vel secunda vel tertia vice. Hoc etiam refertur de Habraam:

Quadam enim die dum coram sua staret ianua, transeuntes sub humana specie vidit tres angelos. Quos ipse suam domum intrare honesto vultu rogavit, pedes lavare, ciborum refectionen sumere, lassos artus sompno recreare. Ipsi vero, quoniam magna persona erat, concesserunt eius petitioni. Cum autem ad Loth venissent et iterum atque iterum rogarentur quod tectum eius subintrarent, quia autentica non erat persona, velut coacti annuerunt.

Iuvenis senem interrogavit: Cum invitatus fuero ad prandium, quid faciam: parum vel nimis comedam? Cui senex: Nimis! Quoniam si amicus tuus fuerit qui te invitavit, multum gaudebit; si autem inimicus, dolebit. Hoc audito risit puer. Ad quem senex: Quid rides? Puer: Recordatus sum verbi quod audivi de Maimundo nigro.

Quidam enim senex quaesivit ab eo, quantum posset comedere. Cui ipse: De cuius prandio, de meo vel de alterius? At ille: De tuo. Maimundus: Quanto minus possum. Senex: De alterius quantum? Maimundus: Quanto magis possum.

Senex: Tu modo recordaris verborum cuiusdam gulosi, pigri, stulti, garruli et nugigeruli et quicquid tale de illo dicitur vel eo amplius in eo invenitur. Iuvenis: Multum placet mihi de eo audire, quia quicquid de eo est, derisorium est; et si quid de eius dictis vel factis mente retines,

eloquere, et habebo pro munere. Senex:

A respeito de como se portar à mesa

O filho perguntou ao pai: “Ó, pai! Como te esqueceste de me dizer o modo adequado de comer na presença do rei?”

O pai: “Não me esqueci de dizê-lo, pois não há diferença entre comer na presença de um rei e comer na presença de qualquer outro alguém.”

O filho: “Diz-me, então, como se portar à mesa.”

O pai: "Quando lavares as mãos para comer, não toques em nada a não ser a refeição, até que tenhas comido; não comas pão antes que os outros pratos sejam postos à mesa, para que não digam que és impaciente; não ponhas muita comida de uma só vez em tua boca, para que as migalhas não transbordem, e te chamem de guloso; não engulas a comida antes que ela seja bem mastigada, para que não te engasgues; não enchas o copo até que esteja vazio, para que não te chamem de bêbado; não fales enquanto tiver comida em tua boca, para que nada desça pelo canal errado e te sufoque até a morte. E se veres alguma comida que gostes em uma travessa em frente a alguém, não a pegues, para que não digam que és grosseiro. Depois da refeição, lave as mãos, pois isso é natural na corte: os olhos de muitas pessoas são, de fato, danificados, por serem esfregados depois do almoço sem que as mãos fossem lavadas.”

O filho: “E se alguém me convidar para comer, como devo responder? Aceito prontamente ou não?”

O pai: “Faz como ordena a tradição dos Judeus! Ela diz o seguinte: Se alguém te convida, conheça a pessoa que está te convidando. Se for pessoa de grande prestígio, aceita imediatamente, mas se não for, aceita na segunda ou terceira vez. Ouve isto que disseram de Abraão:

“Certo dia, enquanto estava à porta de casa, Abraão viu três anjos passando na sua frente, sob a forma humana. Ele pediu às honradas figuras que entrassem em sua casa, lavassem os pés, e aceitassem comer alguma coisa, para descansarem as juntas doloridas. Os anjos, por Abraão ser uma pessoa de grande prestígio, aceitaram o seu pedido. Mas quando foram à casa de Ló, depois de terem sido convidados insistentemente a entrarem na casa, aceitaram como se fossem obrigados, por não se tratar de uma pessoa com grande prestígio.”

O jovem questionou o velho: “Quando eu for convidado para uma refeição, o que devo fazer? Devo comer muito ou pouco?”

O velho: “Muito! Pois se foi um amigo quem te convidou, ele ficará muito feliz, e se for um

inimigo, ele ficará incomodado."

Ouvindo isso, o garoto riu. O velho, entretanto, lhe disse:

"Do que estás rindo?"

O jovem: "Lembrei-me da história que ouvi sobre o servo Maimundo. Um velho lhe perguntou, certa vez, a quantidade de comida que conseguia comer, e o servo perguntou: da minha comida ou da de outra pessoa? Então o velho respondeu: Da tua. E Maimundo: o mínimo possível. Então o velho continuou: e quanto comes da comida dos outros? E Maimundo: o máximo possível."

O velho: "Tu te recordas das palavras de um glutão, preguiçoso, estúpido, falastrão. Tudo o que é dito a respeito dele, sabe-se que é verdade."

O jovem: "Eu adoraria ouvir uma história, porque os casos dele são muito engraçados. Se tens em mente algum caso a respeito do servo Maimundo, conta-me! Será um favor que me fazes."

E o velho contou a seguinte história:

XXVII. Exemplum de Maimundo servo.

Dominus suus praecepit ei quadam nocte ut clauderet ianuam. Ipse vero desidia pressus surgere non potuit et ideo dixit quia clausa erat ianua. Mane autem facto dixit dominus servo: Maimunde, aperi ianuam! Cui servus: Domine, sciebam quod volebas eam hodie esse apertam, et ideo nolui eam sero claudere. Tunc primum comperit dominus quod propter pigritiam dimiserat et ait: Surge, fac opus tuum, quia dies est et sol iam altus est! Cui servus: Domine, si sol iam altus est, da mihi comedere. Cui dominus: Pessime serve, vis nocte comedere? Cui servus: Si nox est, permitte me dormire! – Alia vice dixit dominus servo noctu: Maimunde, surge et vide utrum pluat necne! Ipse vero advocavit canem, qui iacebat extra ianuam, et cum venisset canis, palpavit pedes eius. Quibus inventis siccis domino inquit: Domine, non pluit. – Alia vice dominus interrogavit servum noctu an ignis esset in domo. Ipse vero vocato murilego temptavit an calidus esset an non. Et cum invenisset eum frigidum, ait: Domine, non. – Iuvenis: Pigritiam eius audivi; modo garrulitatem eius audire cupio. Senex: Dictum fuit quod dominus suus veniebat de foro laetus pro lucro, quia multum lucratus fuerat. Et exivit servus Maimundus contra dominum suum. Quem cum videret dominus, timuit ne aliquos rumores ut mos suus erat diceret, et dixit: Cave ne dicas mihi rumores malos! Maimundus: Non dicam rumores malos, sed canis nostra parvula Bispella mortua est. Cui dominus: Quomodo mortua est? Servus: Mulus noster exterritus fuit et rupit chamum suum et dum fugeret, sub pedibus suis canem suffocavit. Dominus: Quid actum fuit de mulo? Servus: In puteum cecidit et mortuus est. Dominus: Quomodo exterritus fuit mulus? Servus: Filius tuus de solario cecidit ita quod mortuus est, et exinde exterritus fuit mulus. Dominus: Quid agit genitrix eius? Servus: Prae nimio dolore nati mortua est. Dominus: Quis custodit domum? Servus: Nullus, quoniam in cinerem vertitur et quicquid in ea erat. Dominus: Quomodo combusta fuit? Servus: Eadem nocte qua domina mortua fuit, pedissequa quae vigilabat pro domina, oblita fuit candelam in thalamo, et ita combusta est domus tota. Dominus: Pedissequa ubi est? Servus: Ipsa volebat ignem extinguere, et cecidit trabs super caput eius et mortua est. Dominus: Tu quomodo evasisti, cum tam piger sis? Servus: Cum viderem pedissequam defunctam, effugi. – Tunc dominus contristatus valde ad vicinos suos venit orans eos ut reciperetur in alicuius domo et hospitaretur. Interea obviavit cuidam amico suo. Qui cum videret eum tristem, interrogavit quare ita tristaretur. Ipse vero retulit sibi omnia, quae dixerat sibi servus. Amicus autem desolato retulit versus amico, ut consolaretur eum, dicens: Amice, noli desolari, quia multotiens contingit homini tam graves adversitatum inundationes sustinere quod desideret eas etiam inhonesta morte finire; et statim eveniunt ei tanta commoda quod prorsus dulce sit ei praeteritarum reminisci adversitatum. Sed humanarum rerum tam immensa fluctuatio variante meritorum ordine summi rectoris

distinguitur arbitrio. Haec etiam prophetae Iob corroborantur exemplo: cuius animum non pessumdedit amissio rerum.

XXVII: O servo Maimundo

Certa noite, o senhor do servo Maimundo ordenou-lhe que fechasse a porta. Impedido pela preguiça, o servo não pôde se levantar, e disse que a porta já estava fechada. Na madrugada, o senhor ordenou:

“Maimundo, abre a porta!” E o servo respondeu:

“Meu senhor, eu sabia que querias que a porta estivesse aberta hoje, por isso mesmo que não quis fechá-la tão tarde.”

Foi aí que o senhor começou a entender que ele não tinha fechado a porta por preguiça, e disse:

“Levanta-te! Faz teu trabalho, que já é outro dia e o sol já está no céu!”

“Mas, senhor, se o sol já está no céu, dá-me algo de comer.”

“Que servente péssimo! Queres comer no meio da noite?

“Mas, senhor, se ainda é noite, deixa-me dormir!

“Outro dia, o senhor chamou o servo no meu da noite: ‘Maimundo! Levanta-te e vai var se está chovendo ou não!’”

Maimundo chamou o cão, que estava do lado de fora. Quando o animal chegou, o servo apalpou as suas patas. Percebendo que estavam secas, respondeu:

“Não está chovendo, meu senhor.”

Outra vez ainda, o senhor perguntou ao servo, no meio da noite, se havia fogo na casa. Maimundo chamou o gato, caçador de ratos, para sentir se estava quente ou não. Quando o animal chegou, o servo constatou que ele estava frio, e disse:

“Não há fogo, meu senhor.”

Então o jovem disse ao velho: “Agora sei que ele é preguiçoso, mas eu queria saber o motivo de ele ser falastrão.” E o velho contou:

Dizem que o senhor chegava da praça, contente por ter lucrado bastante em seus bem-sucedidos negócios, até que o servo Maimundo apareceu em seu caminho. Quando o senhor o viu, receou que Maimundo tivesse, como de costume, más notícias, e lhe disse:

“Não venhas tu com más notícias!”

“Não venho com más notícias” disse Maimundo “mas nossa pobre cachorrinha Bispella está morta.”

“Como está morta?!”

“Nossa mula ficou assustada, arrebentou a amarra e fugiu. Pisoteou a cachorrinha até que ela sufocasse.”

“E o que aconteceu com a mula?!”

“Caiu no poço e morreu.”

“E o que foi que assustou a mula?!”

“O seu filho se jogou do telhado; inclusive, morreu. Por isso a mula se assustou.”

“E o que a mãe dele fez?!”

“Morreu de tanta tristeza.”

“E quem está tomando conta da casa?!”

“Ninguém, pois a casa pegou fogo e está em cinzas, com tudo o que havia nela.”

“Mas como pegou fogo?!”

“Na noite em que a senhora morreu, a servente que tomava conta dela esqueceu uma vela no quarto, e a casa queimou toda.”

“Onde está essa servente?!”

“Ela queria apagar o fogo, mas uma viga caiu na cabeça dela, e ela morreu.”

“E tu, como escapaste se és tão preguiçoso?!”

“Quando vi a defunta, fugi.”

Então o senhor, muito entristecido, foi até os seus vizinhos, pedindo-lhes que o aceitassem como hóspede na cada de algum deles. No caminho, encontrou um certo amigo seu, que percebendo a sua tristeza, perguntou o motivo. O outro lhe contou tudo o que tinha dito o seu servo. O amigo, então, desolado, disse algumas palavras doces para consolá-lo:

“Amigo, não te aflijas, pois isso acontece muitas vezes aos homens: têm de suportar graves e turbulentas adversidades, que eles anseiam em terminá-las, nem que seja por uma morte injusta; mas de repente, coisas boas acontecem a esses sofredores, de forma que seja até prazeroso, para eles, relembrar das adversidades do passado. Mas essa grande variação entre fluxo de vida das

pessoas, cabe aos seus méritos, à ordem e ao julgamento do melhor mestre de todos. O exemplo do profeta Jó ilustra bem isso: seu espírito não se arruinou quando perdeu o que tinha.”

De saecularium instabilitate

Numquid etiam audisti quod dicit philosophus: Quis potest in saeculo isto, cum mutabile sit, aliquid stabile habere, vel quis potest in hac vita aliquid durabile, cum sint omnia transitoria, habere?

Dixit Arabs filio suo: Fili, cum forte contigerit tibi aliquid adversi, noli nimis desolari nec nimis inde tristari, quoniam hoc est genus Deum negandi; sed Deum semper debes laudare tam de adversitate quam de prosperitate. Multa enim mala contingunt hominibus quae eveniunt eis ut maiora mala effugiant; et multa mala contingunt, quae in bono finiuntur. Et ideo laudare debes Deum in omnibus et in eo confidere, sicut dixit versificator: Cum fueris in tristitia, nihil inde sollicitus eris, sed omnia in dispositione Dei permitte et renuntia semper bonum futurum, et ita eris oblitus malorum, quia multa mala eveniunt, quae in bono finiuntur.

Philosophus ait: Huius saeculi bona sunt commixta; non enim comedes mel sine veneno.

Alius: Quaecunque in saeculo sunt, commutabilia sunt; et quae ex eis tibi bona sunt ventura, licet sis debilis, tamen habebis, et malum viribus devitare non poteris.

Alius: Quod pigro assequi desiderata donant, idem consequi cupita veloci negant.

Alius: Se venustantem [semper] saeculum dedecorat, Et peroptantem se terra deglutit et vorat.

Alius: Quasi in ictu oculi finitur gloria mundi, Et cum sit fragilis, non exeptanda videtur.

A respeito da instabilidade do mundo

"Não conheces o questionamento do filósofo? Quem pode, neste mundo que muda tanto, ter qualquer estabilidade, ou mesmo ter algo durável, neste mundo onde tudo é transitório?"

O árabe disse ao seu filho: "Filho, quando algum problema te afetar muito, não permitas o sofrimento, nem fiques muito triste, pois isso é uma maneira de negar Deus; deve louvar a Deus, tanto na adversidade quanto na prosperidade. Na verdade, muitas coisas ruins que acontecem às pessoas são para evitar maiores males; e muitos males que acontecem, terminam bem. É por isso que deves louvar a Deus de todas as formas e confiar nele, assim como dizia o poeta: Quando estiveres na tristeza, não fiques chateado, esteja, sim, à disposição de Deus, e sempre clames por um bom futuro. Te esquecerás, assim, dos problemas, pois muitos dos males que acontecem, terminam bem."

Um filósofo disse: "As coisas boas deste mundo estão misturadas; não há como beber a cura sem beber o veneno."

Outro filósofo: "Tudo o que existe neste mundo está exposto à mudança; tudo o que podes tirar de bom deste mundo, o farás, mas ainda não poderás evitar a força dos males."

Outro filósofo: "Enquanto o preguiçoso consegue o que deseja, simplesmente pelo fato de querer, os desejos de quem corre atrás do que quer são rapidamente negados."

Um outro filósofo recitou:

Sempre se destrói o que há de mais belo no mundo,

O que mais se deseja, a terra engole e devora, até o fundo. Outro filósofo recitou:

Como em um piscar de olhos, a glória do mundo acaba, E por sua natureza frágil, não deve ser desejada.

XXVIII. Exemplum de Socrate (“ Diogene) et rege.

Proverbialiter enim Socratem dicunt saeculares tumultus devitantem et agrestem vitam cupientem nemus incoluisse et tugurii loco dimidium inhabitasse dolium, cuius fundum vento opponebat et ymbri et quod erat apertum iocundo soli. Quem venatores regis inventum dum intuerentur et illuderent quoniam pediculos suffocantem, coeperunt avertere radiorum solis amenitatem. Quibus ille placido vultu ait: Quod mihi non datis, auferre mihi non praesumatis. Talibus irati eum de lare quo degebat expellere voluerunt et in devia abducere, ne praetereuntis oculos domini tam vilis persona offenderet. Quod non valentes minati sunt ei dicentes: Vade ne quid mali ex protervitatis studio tibi contingat, quia rex noster et dominus cum familiaribus suis et primatibus est hac parte transiturus. Illos autem in se latrantes philosophus intuens: Non est, inquit, vester dominus meus dominus, sed potius mei est servi servus. Quod audientes et novercali vultu eum respicientes quidam eum detruncare proposuerunt, minus vero improbi donec sententiam regis audirent, parcere ei decreverunt. Dum vero in hunc modum decertarent, rex adveniens et quae causa litigii foret perquirens, quae gesta fuerant vel dicta famulis referentibus cognovit. Volens itaque rex quae sibi relata erant turpia verane an ficta fuissent cognoscere, ad philosophum properavit inquirens quid de se philosophus dixerit. Qui sicut prius famulis, ita nunc sibi eum sui servi servum esse asseruit. Quorum sententiam verborum rex benigno affatu diligenter enodari sibi postulavit. Ad quem philosophus servata vultus dignitate leniter inquit: Voluntas quidem subiecta est et servit mihi, non ego sibi. Tu e converso subiectus es voluntati et sibi servis, non ipsa tibi. Itaque servus es eius qui mihi servit. Tunc rex defixo paululum visu sic coepit loqui: Ut patet in verbis tuis, nihil meae potentiam gloriae vereris. Cui philosophus in angustam suae mentis sedem receptus ait: Scis ipse nimium tibi ambitionem rerum mortalium dominatam fuisse et materiam gerendis rebus te optavisse, quo ne virtus tua ut ipse fateris consenesceret tacita; sed ob cupidinem gloriae sicut rei sinceritas est fecisti adipiscendae. Quae gloria quam sit exilis et totius vacua ponderis, sic considera: Tuae praeteritae gloriae potentia, utpote quae iam nulla est, metuenda non est; sed neque futura, cuius eventus dubitabilis et incertus est; de praesenti constat quod ita parva est quod momentanea quasi in ictu oculi sit annullanda: ob hoc ergo in nulla parte sui est formidanda. – Perceptis itaque philosophi verbis rex ait complicibus suis: Servus Dei est! Videte ne quid molestum ei faciatis aut inhonestum.

XXVIII: Sócrates (Diógenes) e o rei

As tradições confirmam, sim, que Sócrates, evitando os conflitos do mundo e querendo levar uma vida selvagem, foi criar raízes em uma floresta. A habitação escolhida foi a metade de um barril, cuja base era colocada contra o vento na tempestade, e exposta ante as alegrias do sol.

Os caçadores do rei passavam por ali e o viram catando piolhos, então começaram a encará-lo e ridicularizá-lo, virando o seu barril contra os agradáveis raios de sol. Com o semblante tranquilo, ele lhes disse:

"Aquilo que não me destes, não podereis tomar de mim."

Os caçadores se irritaram tanto com ele, que queriam expulsá-lo do seu lar e tirá-lo do caminho, para que pessoa tão desagradável não ofendesse os olhos do rei, que estava prestes a passar por ali. Eles não conseguiram, e então ameaçaram-no, dizendo:

"Vai-te embora antes que eu te faça provar da tua insolência! O nosso rei e senhor passará por aqui com seus familiares, são pessoas importantes!"

Encarando aqueles homens que latiam para ele, o filósofo respondeu:

"O seu senhor não é o meu senhor, e sim o servo do meu servo."

Ouvindo isso, encararam-no, e com fúria nos rostos; alguns deles propuseram mutilá-lo, mas os menos cruéis decidiram por poupá-lo até ouvirem a sentença do rei. Enquanto discutiam isso, o rei chegou e perguntou qual era a causa da briga; pelo relatório dos criados, o rei compreendeu a situação ocorrida. O rei, querendo esclarecer se aquelas desonras que lhe foram relatadas eram verdade ou mentira, se aproximou do filósofo, perguntando-lhe o que tinha falado dele. O filósofo declarou da mesma forma como dissera anteriormente aos caçadores, que o rei era, sim, servo do seu servo. O bondoso rei pediu gentilmente que ele esclarecesse as palavras ditas, e o filósofo, mantendo o semblante sereno, respondeu gentilmente:

"A vontade, sim, está sujeita a mim e a mim serve, não eu a ela. Já tu, pelo contrário, estás sujeito à vontade e a serve, não ela a ti. Tu és, portanto, o servo de quem me serve."

Então o rei, com o rosto um pouquinho em choque, começou a falar o seguinte:

"Pelo que está evidente nas tuas palavras, não te intimidas em nada o poder da minha fama." O filósofo se recolheu à sua breve intimidade e disse:

"Tu próprio sabes muito bem que foste dominado pela ambição das questões humanas, e escolheste a substância das questões com as quais governas, para que a tua honra, como tu

mesmo admites, não envelheça no esquecimento; mas por causa da ambição da tua fama, fizeste com que as questões relativas à integridade ainda estejam por ser aprendidas. Uma vez que a tua fama seja insignificante e vazia de conteúdo, considera o seguinte: A potência da tua fama passada, já que nula, não é de se temer; mas não a fama futura, cujas venturas são duvidáveis e incertas; quanto à fama presente, consta que é tão pouca que pode ser aniquilada a qualquer momento, como em um piscar de olhos: por isso, a tua fama não é de se temer sob perspectiva alguma."

Ouvindo as palavras do filósofo, o rei disse aos seus cúmplices:

"Ele é um servo de Deus! Não o machuqueis, e não façais injustiças."

De vitae termino

Item discipulus magistro: Cum saecularia ita sint exilia, cur praeparamus tanta quasi durabilia? Magister: Quoniam vitae terminus est incertus. Et philosophus ait: Operare pro futuro saeculo quasi nunc sis moriturus, et pro praesenti sicut semper victurus. Melius enim est quod post mortem tuam a te quaesita habeant inimici quam in vita tua egeas quod tibi subveniant amici.

Alius: Saeculum est quasi transitus: ob hoc itaque cum honestate tibi omnia provide, quia brevis est cursus vitae.

Alius: Saeculum est quasi pons: transi ergo, ne hospiteris.

Et alius: Saeculum est quasi pons instabilis: cuius introitus est matris uterus, et eiusdem mors erit exitus.

Dicit versificator:

Mors est porta patens terrenis pervia cunctis; Sed quaero post hanc quae sit habenda domus.

Est enim domus delitiarum deo famulantium; est et diversa poenas promerentium.

Arabs interrogavit patrem: Quomodo domum delitiarum et gloriam eius lucrari potero? Pater: Quicquid melius et pretiosius habes, repone in ea custodiendum, et invenies cum illuc veneris tibi paratum. Filius: Quomodo possum in eam domum pecuniam praemittere, cuius hostium nondum novi adire? Pater: Audi quod fecit filius consiliarii regis post obitum patris. Filius: Pater, fare, nec subterfugiam monitis obedire. Pater:

A respeito do fim da vida

O discípulo perguntou ao mestre o seguinte: “Se os bens materiais neste mundo são de fato insignificantes, por que nos equipamos com tantos deles, como se fossem duráveis?”

O mestre: “Porque o término da vida é incerto. Já dizia o filósofo: Trabalha pelo futuro do mundo como se tu fosses morrer agora, e pelo presente como se tu fosses viver para sempre. É melhor que depois da tua morte os inimigos obtenham o que juntaste, do que em vida necessitares da caridade de um amigo.”

Outro filósofo disse: “Este mundo é como uma passagem: por isso, passa por aqui com honestidade e faças tudo cuidadosamente, pois o caminho da vida é curto.”

Outro filósofo: “Este mundo é como uma ponte: Atravessa, portanto! Não te acomodes.”

Outro filósofo: “Este mundo é como uma ponte instável: a entrada é o útero materno e a saída é a morte.”

Já dizia o poeta:

A morte é porta aberta, passagem de todo ser mortal. Pergunto, entretanto, qual casa há além do portal?

Há duas: uma, onde os servos de deus aproveitam; outra, onde toda pena é infernal.

Um árabe perguntou ao seu pai: “Como posso entrar na casa onde aproveitam, e adquirir essa honra?”

O pai: “Tudo o que tens de melhor e precioso, coloca aos cuidados da casa, e quando chegares, descobrirás tudo preparado para ti.”

O filho: “Mas como posso enviar dinheiro para essa casa, se ainda não entrei pela porta?” O pai: “Ouça o que o filho do conselheiro do rei fez depois da morte do pai.”

O filho: “Pai, fala-me, não hesitarei em obedecer aos avisos.” E o pai contou a história:

XXIX. Exemplum de prudenti consiliarii regis filio.

Rex quidam sapientem habuit consiliarium et familiarem, qui tandem legibus naturae favens parvum reliquit heredem bene disciplinatum et curialem. Cui totam quae magna erat possessionem et divitiarum acervos subscripsit et morti cessit. Quo facto rex puerum ad se vocavit et de patris occasu ne plus iusto doleret admonuit, et quaecumque pater illi regenda dederat testamento, firmavit et insuper quod aetate eius exigente in patris locum susciperet eum promisit. Inde valedicto iuvenis laetus ad propria remeavit. Quem rex oblivioni tradidit, nec ipse ad regem remeare festinavit. Longo temporis intervallo in eadem regione qua puer inerat, coeperunt adeo egere quod ciborum inedia periclitarentur fame. Quod videns puer bonae indolis animo condoluit, condolens horrea deplevit et pauperibus distribuit et de penu vinum extraxit et carnes quas habebat egentibus erogavit. Et crescente penuria decrescens pecunia indigentibus non suffecit. Postea vero dato pro annona thesauro vitam fame vel siti laborantium quousque potuit sustinere non distulit, nec suffecit. Hoc idem de vestibus et de lapidibus pretiosis egit. Et sic transiit circulus anni, in quo non paucos iam mortis nexibus irretitos liberavit. Erat autem in eadem regione quidam regis praescripti notarius, qui livoris macula tactus puero invidebat et graves inimicitias contra eum latenter exercebat. Qui regem erga puerum in iram exasperabat hiis verbis: Domine, lenitas vestrae maiestatis in vestri filium consiliarii, cui pater infinitam reliquit pecuniam, ne dicam stulte, nimium mollis extitit: modo namque nec vos nec ipse pecuniam habetis, quam ipse insulsus superflue dilapidavit. Rex vero talibus in iram commotus pro puero legavit. Cui talia dixit: Insipiens fili sapientis, iners artificiosi, prodige largi, ut quid divitias sapienter congregatas et tibi ad servandum commendatas dedisti perniciei? Ad haec puer visu in terram defixo – principis etenim vultuositatem utpote torvis inflammatam luminibus verebatur: Domine, si pace vestra licet dicere, non ut quibusdam videtur stultus patre sapienti vobis sum relictus. Pater etenim meus congregavit thesaurum, congregatum unde fures rapere possent collocavit et mihi cui possetis auferre vel ignis posset comburere vel aliquis casus eripere reliquit. Ego vero eundem ibi collocavi ubi fideliter sibi servabitur et mihi. Rex autem quid inde fecisset rogavit. Puer vero quid et qualiter egerat retaxavit. Comperta denique iuvenis astutia remuneratum prius rex eum coram circumstantibus laudavit, laudato patris servitium recompensavit. Qui exinde lucrando novas et maiores prioribus divitias adquisivit. – Hoc modo quod pretiosius habuit filius consiliarii regis in domo delitiarum thesaurisavit.

Auditis sermonibus patris filius inquit: Iuvenis iste sapienter egit et magnae specimen bonitatis in se futurum indicavit. Et fecit sicut philosophus filio suo praecepit dicens: Fili, vende hoc saeculum pro futuro et utrumque lucraberis. Quod ita contigit.

Alius corrigens filium suum dixit: Fili, pro futuro saeculo operare, antequam mors segreget te ab opere corporali.

Alius: Vide ne decipiant te saeculares deliciae et irretitus fallaciis saecularibus mortis venturae obliviscaris, ne tibi contingat sicut latroni domum divitis ineunti. Cui filius: Ede, pater quid accidit? Pater:

XXIX: O prudente filho do conselheiro real

Um certo rei tinha um conselheiro sábio e amigo, que, por fim, seguindo as leis naturais, deixou um pequeno herdeiro bem disciplinado e familiarizado com a corte. Antes de partir para a morte, o conselheiro registrou em nome do filho todas as suas posses, que eram grandes, e a riqueza acumulada. Depois disso, o rei chamou o menino para perto de si. Sugeriu-lhe que não sofresse mais que o necessário pelo anoitecer do pai, e confirmou tudo o que o pai, no testamento, tinha dado para o filho administrar. O rei lhe prometeu, ainda, que supriria o lugar do seu pai, pois o menino estava em uma idade que demandava uma figura paterna. Com esse suporte, o jovem voltou contente para a região onde morava. O rei o deixou no esquecimento, e nem o próprio jovem teve pressa em retornar.

Depois de um longo intervalo de tempo, naquela mesma região onde o menino estava, as pessoas começaram a passar muita fome, e estavam ameaçadas pela falta comida. Vendo isso, o bondoso menino sentiu uma dor no espírito, e, se compadecendo, esvaziou seus celeiros para distribuir suprimentos aos pobres; tirou o vinho dos tonéis, e dividiu, entre os necessitados, as carnes que possuía, mas os sofrimentos cresciam enquanto decresciam os mantimentos, e as necessidades não podiam ser mais supridas. Depois de ter dado o seu tesouro como provisão, ele tentou, como pôde, amenizar a vida de quem estava sofrendo com fome e sede, mas não era o suficiente. Fez o mesmo com suas roupas e pedras preciosas. Passou-se, assim, um ano, no qual conseguiu salvar uma quantidade considerável de pessoas dos enleios da morte.

Havia, porém, naquela região, um tabelião do rei que invejava muito o menino, e criou com ele uma latente inimizade. O tabelião, irado, provocava o rei contra o jovem, dizendo as seguintes palavras:

“Meu senhor, a gentileza de vossa majestade para com o filho do vosso conselheiro, cujo pai lhe deixou riqueza infinita, é pouco firme, para não dizer ingênua; não tereis mais dinheiro, nem ele nem vossa majestade, pois esse menino estúpido gasta descomedidamente.”

Ao ouvir essas palavras, o rei ficou perturbado pela raiva que sentiu, e convocou a presença do menino. Quando ele chegou, o rei disse:

“És um estúpido que é filho de um sábio, um incompetente filho de um habilidoso, o filho pródigo de um generoso. Como arruinaste as riquezas juntadas sabiamente por seu pai, que foram confiadas à tua guarda?”

O menino fixou o olhar no chão, principalmente porque o amedrontou a mirada do rei, com

aqueles olhos inflamados de raiva:

“Meu senhor, se me permitis dizer pacificamente, não sou um estúpido filho daquele meu sábio pai que vos deixou, como alguns acreditam. O meu pai, na verdade, juntou o tesouro e o guardou para mim em um lugar onde ladrões poderiam roubá-lo, ou vós poderíeis confiscá-lo, ou o fogo poderia carbonizá-lo. Qualquer desventura que aconteça poderia roubá-lo de mim. Então eu coloquei o tesouro onde ele pode ser administrado honestamente, para o meu pai e para mim.”

O rei lhe perguntou o que tinha feito com o dinheiro; o menino explicou-lhe tudo, e como tinha feito. Reconhecida, finalmente, a astúcia do menino, o rei primeiramente o recompensou e o elogiou na presença de todos que estavam à sua volta. Feitos os elogios, o rei também recompensou o menino por todos os serviços prestados pelo seu pai. O jovem continuou angariando novas riquezas e acumulou um patrimônio maior do que o de antes.

E foi assim que o estimado filho do conselheiro do rei conseguiu juntar sua riqueza na casa onde os servos de Deus aproveitam.

Ouvindo esse exemplo do pai, o filho disse: “Esse jovem agiu sabiamente e mostrou que terá muita bondade dentro de si na vida adulta. Ele fez assim como aquele filósofo que aconselhava o seu filho dizendo: Filho, vende este mundo pelo futuro, e conseguirás ambos. Foi o que aconteceu na história.”

Outro filósofo, repreendendo o seu filho, disse: “Filho, trabalha pelo mundo futuro, antes que a morte te impeça de trabalhar com o corpo.”

Outro filósofo: “Cuidado para que as delícias do mundo não te enganem, e se ficares entrelaçado às falácias do mundo, não te esqueças da morte vindoura; senão, te acontecerá o mesmo que ocorreu com o ladrão que invadia a casa do rico.”

“E o que aconteceu, pai?”

XXX. Exemplum de latrone qui nimia eligere studuit.

Domum divitis fur intravit et diversis eam gazis plenam invenit. Hinc stupefactus de diversis diversa et de pretiosis pretiosiora eligere studendo curavit; et quaeque vilia relinquens in eligendo tempus consumpsit, donec dies adveniens quid facere vellet detexit. Expergefecti de improviso vigiles domus in eligendo furem reperiunt, capiunt, inde loris et fustibus caesum in yma carceris detrudunt. Ad ultimum data sicut de iam confesso sententia amaras audiens historias capitalem subiit sententiam. Qui si tam prope diem venturum praecogitasset, ne loris et fustibus caederetur, vel quod gravius extitit, ne capite privaretur praecavisset.

Alius philosophus: Huius saeculi divitiae sunt transitoriae sicut hominis sompnia dormientis: qui evigilans quaecumque habuerat in aperiendo oculos irrecuperabiliter perdidit, sicut vulgo dicitur:

XXX: O ladrão que escolheu demais

Um ladrão entrou na casa de um homem rico e a encontrou repleta de relíquias diversas. Estupefato, procurou escolher, minuciosamente, a raridade mais rara e a preciosidade mais preciosa. Ele consumiu muito tempo elegendo as coisas de valor e abandonando as menos estimadas, até que o raiar do dia denunciou o que ele estava querendo fazer. Os seguranças da casa acordaram de repente e descobriram o ladrão a escolher. Eles o capturaram, amarraram e espancaram com porretes, despachando-o para as profundezas do cárcere. Finalmente, como ele já tinha confessado, a sentença foi dada, e ouvindo provocações amargas, ele foi submetido à pena de morte. Se o ladrão tivesse previsto que o dia chegaria em tão pouco tempo, não teria sido agredido com cordas e açoites, ou o que é mais grave ainda: se ele tivesse se precavido, estaria livre e não teria sido condenado à morte.

Outro filósofo disse: “As riquezas deste século são transitórias, assim como um sonho de alguém que está dormindo: quando acorda, seja o que estivesse sonhando, está irrecuperavelmente perdido com um abrir de olhos; é como aquela história que contam por aí, a do pastor e o traficante.”

XXXI. Exemplum de opilione et mangone.

Opilio quidam in sompnis mille oves habuit. Quas mango quidam cupiens emere, ut carius venderet, sicut sompnianti visum fuerat pro unaquaque ove duos solidos dare volebat. Sed qui vendebat, cum duobus solidis denarium pro unaquaque poscebat. Illis contendentibus de pretio hoc modo sompnus evanuit. Sed venditor dum esse sompnium comperit, nondum apertis oculis clamare coepit: Pro unaquaque mihi viginti denarios tribue, et quotquot sunt, tecum abduces!

XXXI: O pastor e o traficante

Um pastor sonhava que tinha mil ovelhas. Um traficante de animais queria comprá-las dele, para revendê-las por um preço mais caro. O traficante propunha pagar ao pastor dois soldos por cabeça, mas o dono das ovelhas cobrava dois soldos e um denário por cada uma. Enquanto discutiam o preço, o sonho desapareceu. Mas quando o pastor descobriu que se tratava de um sonho, se recusou a abrir os olhos e começou a gritar: “Dá-me vinte denários em cada, e levas contigo quantas quiseres!”

De morte

Hunc vero in modum transeuntia mundi gaudia sectantes et diversis ut retineant inhiantes de improviso veniens dies, id est finis vitae, intercipit et quaeque cupita velint nolint adimit.

Item filius: Mortis nexus aliquo modo fugere poterimus? Pater: Minime, quia illius incurabilis est morsus, nec medicis artibus eius avaras fugiemus manus. Filius: Quomodo ergo ne nimis laedat sustinebimus? Pater: Fac sicut dicit versificator quidam:

Quod vitare nequis constanti sustine mente! Sic quae dura fuit mors tibi mitis erit.

A respeito da morte

“Muitos perseguem dessa maneira as alegrias transitórias e variadas deste mundo, para se prenderem à admiração. Mas de repente aparece o dia, isto é, a morte, interceptando e roubando os seus sonhos, querendo ou não.”

O filho perguntou: “Há algum modo de fugirmos das amarras da morte?”

O pai respondeu: “Não há a mínima chance, pois sua ferida é incurável, nem com as artimanhas da medicina conseguimos fugir de suas mãos gananciosas.” O filho: “Como, então, podemos garantir que ela não machuque muito?”

O pai: “Faz como dizia o poeta:

O que não podes evitar, suporta com mente forte! Assim, a ti será até doce, a amarga morte.

XXXII. Exemplum de philosopho per cimiterium transeunte.

Dictum est de quodam philosopho quod per antiquum transiens cimiterium laminam vidit marmoream cuiusdam mortui cineribus superpositam; sed in ea versus inscripti verba sepulti praetereuntibus loquentis exprimebant hoc modo:

Verba mortui cuiusdam.

Tu prope qui transis nec dicis: aveto! resiste, Auribus et cordis haec mea dicta tene:

Sum quod eris; quod es, ipse fui, derisor amarae Mortis, dum licuit pace iuvante frui.

Sed veniente nece postquam sum raptus amicis

Atque meis famulis, orba parente domus Me contexit humo deploravitque iacentem Inque meos cineres ultima dona dedit.

Inde mei vultus corrosit terra nitorem,

Quaeque fuit formae gloria magna iacet. Meque fuisse virum nequeas agnoscere, si iam Ad visum fuero forte retectus humo. Ergo Deum pro me cum pura mente precare, Ut mihi perpetua pace frui tribuat.
Et quicumque rogant pro me, comportet in unum, Ut mecum maneant in regione poli.

Relectis iterum et iterum versibus istis, saecularibus postpositis, factus est heremita philosophus.

XXXII: O filósofo que caminhava pelo cemitério

Dizem que um filósofo caminhava por um cemitério antigo e viu uma lápide de mármore sobreposta às cinzas de um morto; mas nela havia versos inscritos, com palavras do morto, para quem passasse por ali, dizendo o seguinte:

Palavras de um morto qualquer.

Tu, que passas por aqui e nem dizes “Até logo!”, espera E guarda em teus ouvidos e no coração o que digo:

Eu sou o que serás; o que tu és, eu mesmo fui: aquele que ri da amarga Morte; enquanto me foi permitido, desfrutei de agradável paz

Mas depois que a morte chegou, eu fui raptado dos amigos E dos familiares; a minha casa, órfã de pai,

Me enterrou no solo, lamentou chorando

E ofereceu as últimas homenagens às minhas cinzas. A terra corroeu a beleza do meu rosto,

E aqui jaz a glória eterna de qualquer que tenha sido a minha aparência, Sem que possas saber se eu fui sequer um homem,

Caso eu pudesse sair da terra e estar diante de ti. Então reza a Deus, por mim, com a alma pura, Para que Ele me conceda aproveitar a paz eterna. E que aqueles que rezam por mim, unam-se, Para permanecerem comigo na região dos céus.

Depois de reler estes versos de novo e de novo, o filósofo abandonou as questões mundanas e se tornou um eremita.

XXXIII. Exemplum de aurea Alexandri sepultura.

Item dictum est de Alexandro quod sepultura eius foret aurea et in pervio omnibus atrio posita. Ad quam plurimi convenerunt philosophi, de quibus unus ait:

Alexander ex auro fecit thesaurum: nunc e converso aurum de eo facit thesaurum. Alius: Heri totus non sufficiebat ei mundus: hodie quatuor solae sufficiunt ei ulnae. Alius: Heri populo imperavit: hodie populus imperat illi.

Alius: Heri multos potuit a morte liberare: hodie nec eius iacula valuit devitare. Alius: Heri ducebat exercitus: hodie ab illis ducitur sepulturae.

Alius: Heri terram premebat: hodie eadem premitur ipse. Alius: Heri gentes eum timebant: hodie vilem eum deputant.

Alius: Heri amicos habuit et inimicos: hodie habet omnes aequales.

Sed de triginta duobus philosophis circumstantibus quid quisque de potentissimo rege dixerit, memoriae longum est reducere.

XXXIII: A sepultura de ouro de Alexandre

Conta-se que a sepultura de Alexandre foi feita em ouro e depositada em um cômodo para o acesso de todos. Muitos filósofos se reuniram lá, e um deles disse:

“Alexandre fez do ouro um tesouro. Agora, pelo contrário, o ouro fez dele um tesouro.”

Outro filósofo: “Ontem, todo o mundo não era suficiente para ele. Hoje, quatro palmos de um chão vazio são suficientes para ele.”

Outro: “Ontem, ele governava sobre o povo. Hoje, o povo governa sobre ele.”

Outro: “Ontem, ele pôde livrar muitas pessoas da morte. Hoje, ele não consegue se livrar das armas da morte.”

Outro: “Ontem, ele conduzia exércitos. Hoje, eles o conduzem à sepultura.” Outro: “Ontem, ele conquistava terras. Hoje, a terra o conquista.”

Outro: “Ontem, as pessoas o temiam. Hoje, elas o menosprezam.”

Outro: “Ontem, ele tinha amigos e inimigos. Hoje, todos são iguais para ele.”

Mas relembrar as coisas que trinta e dois filósofos disseram sobre o poderosíssimo rei Alexandre, seria muito para a memória.

XXXIV. Exemplum de heremita suam corrigente animam.

Item heremita philophus hoc modo versibus suam correxit animam: Anima mea, scias et cognoscas, dum potentia est in manu tua, quid opereris, antequam de tuo movearis loco ad domum, in qua manet iustitia et ad portam loci iudicii, ubi leges in rotulo quicquid tua manus egerit in hoc saeculo. Et angeli de caelo a dexteris et a sinistris discooperient et renuntiabunt consilium tuum et quicquid a te fuerit excogitatum. Et ante Deum veniet tuum iudicium et una lance quicquid boni et alia quicquid mali egeris, sed uno et eodem declarabitur examine. Et omnes tui fratres et amici non invenient tuam redemptionem, et ob hoc te deserent et omnino dimittent. Hodie itaque redemptionem accipe, id est: bonum fac assidue! Et antequam veniat dies summonitionis, ad Deum revertere et non dicas: cras revertar et non morabor, quia sic crastinantem te impediet concupiscentia vel forsan retinebit dies extrema. Itaque dierum saeculi reminiscere et generationum annorum antiquorum, qui omnes transierunt, et inde accipe sensum. Ubi sunt reges, ubi principes, ubi divites qui thesauros congregaverunt et inde superbi fuerunt? Modo sunt sicut qui non fuerunt, modo sunt finiti sicut qui non vixerunt, modo sunt sicut flos qui de arbore cecidit, quo ulterius non redit. Non timeas, anima mea, non timeas nimis! De saeculi adversitatibus non oriatur timor tuus! Time tui diem iudicii, paveas tuorum multitudinem peccatorum! Memento tui creatoris, qui tuus iudex est et testis.

XXXIV: O eremita que corrigiu o seu espírito

Um eremita filósofo corrigiu a sua alma com as seguintes palavras:

"Alma minha, saibas e reconheças o que fazes, enquanto o poder está em tuas mãos, antes de te moveres do teu lugar até a casa onde mora a justiça; à porta desse lugar justo, lerás, em um pergaminho, tudo o que tuas mãos fizeram neste mundo. Anjos celestes te receberão pela direita e pela esquerda, anunciarão o teu julgamento e tudo o que foi estudado acerca de ti, então tu serás conduzida para diante do julgamento divino. Tudo de bom ou de mau que fizeste, será julgado em uma balança, uma única vez. Não há irmãos ou amigos que possam garantir a tua redenção, e por isso desistirão de ti e todos te abandonarão. Garanta hoje, portanto, a tua redenção, isto é: faça sempre o bem! E antes que venha o dia do juízo final, converte-se a Deus. Não digas: 'Vou me converter amanhã', pois se procrastinares, a concupiscência te impedirá, ou talvez a própria morte te impeça; talvez seja o teu último dia. E assim, lembra dos dias que viveste no mundo, e das gerações de tempos antigos, todos passados, e reflete. Onde estão os reis, os nobres, os ricos, que acumularam suas riquezas e foram soberbas? Eles estão no mesmo lugar que os pobres, de modo que são finitos, como os que não viveram; são como uma flor que cai de uma árvore e não consegue retornar. Não temas, alma minha, não temas mais! Que as adversidades do mundo não causem medo em ti! Tema o dia do teu julgamento, assusta-te com a tua quantidade de pecados! Lembra-te do teu criador, que é teu juiz e tua testemunha."

De aliis heremitarum dictis

Heremita quidam quaesivit a quodam magistro: Quid faciam in hoc saeculo, quod me praecedat in alio? Respondit magister: Fac quod est bonum in genere tuo.

Alius heremita per vicos clamabat: Ne tradatis oblivioni durabilia pro finem habituris.

Alius vociferabatur: Diligite animas vestras quantum et corpora, et proficietis. Alius: Nolite oblivisci eius qui non obliviscetur vestri, et servite gubernatori.

Outros dizeres de eremitas

Um eremita perguntou ao mestre: “O que farei neste mundo que me possa servir no outro?” O mestre respondeu: “Faz o que é bom para a tua natureza.”

Outro eremita gritava pelas ruas: “Não vos esqueçais que as coisas duráveis estão prestes a serem conquistadas pelo fim.”

Outro vociferava: “Amai as vossas almas tanto quanto os vossos corpos, e as ajudai.” Outro: “Não vos esqueçais daquele que não se esquece de vós, e servi ao vosso líder.”

De timore Dei

Alius: Timete Deum, quia timor Domini clavis est ad omne bonum et ad percipiendam gloriam conductum. De quo Salomon in Ecclesiaste ait: Finem loquendi omnes pariter audiamus: Deum time et mandata eius observa; hoc est enim omnis homo. Et cuncta quae fiunt, adducet Deus in iudicium pro omni errato, sive bonum sive malum sit.

A respeito do temor a Deus

Outro eremita dizia: “Temei a Deus, pois o temor ao Senhor é a chave de tudo o que é bom, e é o que conduz à cobiçada glória.” Salomão, em Eclesiastes, falou sobre isso. Escutemos todos juntos o fim desses dizeres: “Teme a Deus e observa o que ele manda”: isto vale para cada uma das pessoas. Quando todos tiverem feito isso, Deus levará a julgamento os erros de cada uma, seja ela boa ou má.”

Epilogus.

Ob hoc igitur immensam Dei omnipotentis clementiam supplices exoramus, quatinus bonis nostris operibus praecedentibus post districti diem iudicii a dextris filii sui collocati aeterna requie cum suis fidelibus mereamur perfrui in aula caelesti, praestante domino nostro Jhesu Christo, cui est honor et gloria cum Patre et Spiritu Sancto per infinita saeculorum saecula.

AMEN.

Epílogo

Por isso, imploramos, suplicantes, pela imensa misericórdia de Deus onipotente, para que, por nossas boas obras precedentes, depois do dia do juízo final, colocados à direita do Seu filho, mereçamos aproveitar o descanso eterno, com Seus fiéis, no reino dos céus, com a providência do nosso senhor Jesus Cristo: que com honra e glória Ele esteja junto do Pai e do Espírito Santo, agora e sempre, pelos séculos dos séculos.

AMÉM.

GESTA ROMANORUM

INCIPIUNT HISTORIE NOTABILES ATQUE MAGIS PRINCIPALES COLLECTE EX GESTIS ROMANORUM ET QUIBUSDAM ALIIS NOTABILIBUS GESTIS CUM MORALISATIONIBUS EORUNDEM.

OS FEITOS DOS ROMANOS

COMEÇAM AS MAIS NOTÁVEIS E PRIMORDIAIS HISTÓRIAS COLETADAS DOS FEITOS DOS ROMANOS E DE ALGUNS OUTROS FEITOS NOTÁVEIS, COM SUAS MORALIZAÇÕES.

CAP. 1: De dilectione

Pompejus regnavit, dives valde et potens, qui filiam unicam palcherrimam habebat, quam ita tenerrime diligebat, quod pro ejus custodia quinque milites ei assignavit, ut contra omne periculum sub pena gravi eam custodirent. Milites vero diebus ac noctibus armati eam custodiebant, et ante ostium camere lampadem ardentem ordinabant, ne aliquis de nocte ad eam accederet ipsis dormientibus vel eis ignorantibus. Et quendam caniculum bene latrantem habebant, per cujus latratum excitari possent. Puella ista tenerrime nutrita erat, que multum anhelabat, mundi spectacula videre. Cum autem semel foras perspexisset, venit quidam dux, qui, cum oculos impudicos in eam injecisset, statim captus est in amorem ejus, quia pulchra nimis erat et oculis omnium graciosa ac imperatoris filia unica, que post mortem patris jure hereditario imperium obtineret. Dux iste multa ei promisit, ut ejus consensum obtineret. Illa vero, sperans de promissione, consensit, statim caniculum parvum occidit, lampadem extinxit et de nocte surrexit et ducem est secuta. Mane vero facta est questio, ubi devenit. Erat tunc in palacio regis pugil fortis, qui semper pro justicia imperii pugnavit. Qui cum audisset, quod filia patrem contempsit, agili cursu post eam currebat. Dux vero, cum eum armatum vidisset venientem, duellum cum eo commisit. Sed pugil prevaluit et caput ejus amputavit et puellam ad palacium reduxit; tamen faciem patris multo tempore non vidit, sed continue gemitus et suspiria emittebat. Hoc audiens quidam sapiens in curia imperatoris, qui semper mediator inter imperatorem et alios erat constitutus, motus pietate, per eum est patri reconciliata ac nobilissimo viro desponsata. Quo facto varia donaria a patre recepit. Primo a patre tunicam thalarem polimitam undique intextam et sic inscriptam recepit: Dimisi tibi, ne adjicias ultra. A rege quandam coronam auream habuit sic insculptam: Ex me tua dignitas. A propugnatore habuit annulum unum cum hac scriptura: Dilexi te, disce diligere. A sapiente mediatore alium annulum recepit sic sculptum: Quid feci? quantum? quare? A filio regis etiam annulum sic scriptum: Nobilis es, nobilitatem tuam ne contempnas. A germano proprio alium annulum, in quo erat scriptum: Accede ad me, ne timeas! frater tuus sum. A sponso sigillum aureum, quo sibi hereditas sponsi confirmabatur, collata [est], cujus scriptura erat: Jam conjuncta es, amplius noli errare. Puella, postquam ista dona receperat, ea quamdiu vixit custodivit, et ab omnibus dilecta dies suos in pace finivit.

[Moralisatio.] Carissimi, imperator iste est pater celestis, qui vocavit nos per passionem filii sui de fauce diaboli. Ipse est rex regum et dominus dominantium. Deuter. XXXII: Nunquid non ipse est pater tuus, qui possedit, fecit et creavit te? Filia unica est anima rationalis, que traditur quinque militibus i. e. quinque sensibus ad custodiendum, qui sunt armati per virtutes, quas

homo in baptismo recepit. Isti sensus sunt visus, auditas etc., qui habent contra disbolum, mundum et carnem eam custodire. Lampas ardens est voluntas deo in omnibus subjecta, que debet semper ardere in bonis operibus, ut peccato non consenciat. Caniculus parvas bene latrans est consciencia, que habet contra peccata recalcitrare, sed heu proh dolor anima volens mundi spectacula videre sepe pergit foras, tociens quociens contra divinum preceptum agit, statim a duce i. e. a raptore infernali voluntarie est deducta. Et sic lampas bonorum operum extinguitur et caniculus conscientie occiditur et sic anima in nocte peccati sequitur diabolum. Hec cum audisset pugil noster sc. deus, quia non est alius qui pugnat pro nobis nisi tu, deus noster, statim contra ducem diabolum pugnavit et animam ad palacium regni celestis adduxit. Sapiens mediator erat Christus dicente apostolo prima Tim. 1: Unus deus mediator dei et hominum homo Ihesus Christas. Filius regis est Christus, unde psalmista: Filius meus es tu etc. Frater noster Christas. Gen. xxxvII: Frater noster est. Sponsus noster est Christus, juxta illud Osee : Sponsabo te mihi in fide. Et iterum: Sponsus sanguinum tu mihi es. Per ipsum igitur reconciliati sumus celesti patri et ad pacem vocati. Ipse enim est pax nostra que utraque fecit unum; ad Eph. Ab ipso predicta donaria recepimus, primo tunicam talarem sc. eutem suam dignissimam et certe polimitam, quia flagellatione cruore et livore et aliis variis livoribus intextam. Cujus textura nil aliud habet nisi: Dimisi tibi, quia redemi te; ne adjicias ultra malum agere. Vade, inquit, noli amplius peccare. Hec est tunica Joseph tincta in sanguine hedi. Gen. xxxvII: Iste Christus rex noster dedit nobis coronam gloriosissimam sc. dum pro nobis voluit coronari, et vere ibi invenimus: Ex me tua dignitas. Unde scribit de ista corona Joh. XIX: Exivit Ihesus portans coronam spineam. Christus eciam est propugnator noster, qui dedit nobis unum annulum sc. foramen dextre manus, et vere ibi possumus percipere, sic scriptum est: Dilexi te, disce diligere. Apocal. primo: Dilexit nos et lavit nos a peccatis nostris in sanguine suo. Christus mediator noster dedit nobis alium annulum sc. foramen sinistre manus, ubi videre possumus scriptum: Quid feci? quantum? quare? Quid feci? Meipsum exinanivi formam servi accipiens. Quantum? Deum feci hominem. Quare? Ut hominem perditum redimerem. De his tribus Zachar. xrv: Que sunt iste plage in medio manuum tuarum? Et respondet dicens: His plagatus sum in domo illorum, qui me dilexerunt. Christus frater noster est et filius regis eterni. Dedit nobis tercium annulum sc. foramen dextri pedis. Et quid ibi nisi: Nobilis es, nobilitatem tuam ne contempnas. Similiter Christus est germanus noster, et dedit nobis quartum annulum sc. foramen sinistri pedis, in quo scriptum est: Accede, ne timeas! Frater tuus sum. Christus est noster sponsus, qui dedit nobis sigillum quo sponsi hereditas confirmabatur collata, id est vulnus lateris sui cum lancea perforatum propter nimium amorem, quo te dilexit. Et quid ibi nisi: Jam conjuncta es mihi per misericordiam, noli amplius peccare. Studeamus ergo, carissimi, dona sic munda custodire,

quod possimus dicere illud Matthei: Domine, quinque talenta tradidisti mihi. Et sic sine dubio poterimus regnare in celesti gremio, quod nobis prestare dignetur [pater et filius].

CAP. 1: Da estima

Reinou Pompeu, muito rico e poderoso. Tinha uma única filha, lindíssima, a quem tão carinhosamente estimava que designou cinco soldados à sua custódia, para que a protegessem contra todo o perigo, sob pena severa. Soldados, armados, a protegiam de fato por dias e noites, e colocavam uma lamparina ardente diante da porta do quarto, para que ninguém se aproximasse da menina à noite, enquanto estivessem sonolentos ou distraídos. Também tinham um cãozinho bastante barulhento, por cujos latidos pudessem estar acordados. Esta menina que fora cuidada com tanto zelo muito ansiava por ver os espetáculos do mundo. Quando, certa vez, ela bisbilhotou para fora do quarto, logo apareceu um comandante que, lançando sobre ela um olhar malicioso, foi imediatamente tomado de amor pela menina, pois era muito bonita e graciosa aos olhos de toda a gente, além de ser a única filha do imperador, e que, após a morte do pai, obteria o império por direito hereditário. Este comandante prometeu-lhe muitas coisas para conseguir o consentimento da menina. Ela, por sua vez, confiando na promessa, consentiu. Imediatamente ela matou o cãozinho parvo, apagou a lamparina, levantou-se durante a noite e acompanhou o comandante. Pela manhã, porém, foi levantada uma questão sobre o seu paradeiro. Havia um forte pugilista no palácio do rei, que sempre lutava em prol da justiça do império. Quando ele soube que a filha desobedeceu ao pai, ele correu prontamente em busca dela. O comandante, por sua vez, quando viu o pugilista, armado, se aproximar, travou um duelo contra ele, mas o pugilista prevaleceu. Cortou a cabeça do comandante e trouxe a menina de volta ao palácio. No entanto, ela não pôde ver o rosto do pai por muito tempo, e emitia lamentos e suspiros continuamente. Um sábio da corte do imperador, quando soube disso, ele que sempre era requisitado para ser mediador entre o imperador e outras pessoas, foi movido pela piedade e, por meio dele, a menina se reconciliou com o pai e se casou com um nobilíssimo pretendente. Feito isso, ela recebeu vários presentes do pai. Primeiro, recebeu dele uma longa túnica colorida bordada inteiramente com os seguintes inscritos: “Eu te perdoei, para que não fuja mais.” Do rei obteve uma coroa de ouro assim gravada: “Vem de mim, a sua dignidade.” Ela obteve do defensor um anel escrito: “Eu te estimei. Aprenda a estimar.” Do sábio mediador ela recebeu um outro anel assim gravado: “O que fiz? Quanto? Por que?” Do filho do rei, ela também recebeu um anel escrito: “Você é nobre, não despreze a sua nobreza.” Do próprio irmão, recebeu outro anel, no qual estava escrito: “Vem até mim, não tenha medo! Sou seu irmão.” Do esposo, recebeu um selo de ouro, no qual a hereditariedade do esposo foi-lhe confirmada, cujo escrito gravado era: “Você já está casada, não erre mais.” A menina, depois de ter recebido estes presentes, guardou-os enquanto viveu e terminou seus dias em paz, estimada por todos.

Moralização: Caríssimos, este imperador é o Pai celestial, que nos chamou da garganta do diabo por meio da paixão de Seu filho. Ele próprio é o rei dos reis e o senhor dos senhores. Segundo Deuteronômio XXXII: "Ele próprio não é, afinal, o teu Pai, que tomou conta de ti, te fez e te criou?" A única filha é a alma racional, que foi confiada a cinco soldados, isto é, para ser custodiada pelos cinco sentidos, que estão armados pelas virtudes que o homem recebeu no batismo. Estes sentidos são a visão, a audição, *etc*., que se assenhoram da alma para protegê-la contra o diabo, o mundo e a carne. A luminária ardente é a vontade sujeita a Deus em tudo, que deve sempre arder em boas obras, para não consentir no pecado. O cãozinho parvo, bastante barulhento/que ladra bastante, é a consciência, que deve resistir aos pecados. Mas, ai! Oh dor! a alma, querendo ver os espetáculos do mundo, prossegue para fora da clausura, e sempre que age contra o mandamento divino, imediatamente pelo comandante, isto é, pelo sequestrador infernal, é conduzida voluntariamente. E assim o fogo das boas obras é extinto, o cãozinho da consciência é morto e a alma segue o diabo na noite do pecado. Quando o nosso pugilista soube disso, (ou seja, Deus, pois não há outro que lutaria por nós, a não ser Tu, nosso Deus), lutou contra o comandante diabo imediatamente, e trouxe a alma de volta ao palácio do reino celeste. Cristo era o sábio mediador, conforme o apóstolo, na primeira epístola a Timóteo II, que dizia: "Um só Deus, mediador de Deus e dos homens, o homem Jesus Cristo." O filho do rei é Cristo, daí o Salmista: "Tu és o meu filho, *etc*." Cristo, nosso irmão. Gênesis XXXVII: "É o nosso irmão." Nosso esposo é Cristo, como diz aquele Oséias: "Desposar-te-ei pela fé" e novamente: "Tu és o meu esposo de sangue." Por meio d'Ele, portanto, somos reconciliados ao Pai Celeste e chamados à paz. Ele próprio, na verdade, é a nossa paz, que fez, de dois, um único; (Efésios). Recebemos d'Ele os referidos presentes. Primeiro, uma longa túnica, ou seja, a sua própria, digníssima, e certamente colorida, pois era bordada com os flagelos, o sangue, ~~pel~~as feridas e outras diversas mazelas, em cuja inscrição lia-se nada a não ser: "Eu te perdoei, por isso eu te redimi, que não insistas novamente em fazer o mal. Vá!" Disse ele "Não peque mais." Esta é a túnica (José) tingida com o sangue do cordeiro. Em Gênesis, XXXVII: "Este rei, nosso Cristo, nos deu a gloriosíssima coroa, isto é, quando–em prol de nós ele quis ser coroado, aí O encontramos verdadeiramente. "Vem de mim, a tua dignidade." Diante disto, João, XIX, escreve a respeito dessa coroa: "Jesus saiu portando uma coroa de espinhos." Cristo também é o nosso defensor, que nos deu um anel, isto é, o furo de sua mão direita, e aí podemos perceber como está escrito: "Eu te estimei. Aprenda a estimar." Em Apocalipse, I: "Ele nos estimou e nos lavou dos nossos pecados no Seu sangue." Cristo, o nosso mediador, nos deu um outro anel, isto é, o furo de sua mão esquerda, em que podemos ver o escrito "O que fiz? Quanto fiz? Por que fiz?" O que fiz? Esvaziei a mim mesmo, assumindo a forma de um servo. Quanto fiz? Fiz

de um Deus um homem. Por quê? Para redimir o homem perdido. Sobre essas três questões, Zacarias, XIV: “O que são estas feridas no meio de tuas mãos? E respondeu dizendo: Fui ferido na casa daqueles que me estimavam.” Cristo é o nosso irmão e filho do rei eterno. Ele nos deu um terceiro anel, isto é, o furo do pé direito, onde está escrito nada senão: “Você é nobre, não despreze a sua nobreza.” Igualmente, Cristo é o nosso irmão, e nos deu um quarto anel, isto é, o furo do pé esquerdo, no qual está escrito: “Venha até mim, não tenha medo! Sou seu/teu irmão.” Cristo é o nosso esposo, que nos deu um selo, pelo qual a hereditariedade do esposo é confirmada e trazida à tona, isto é, a ferida em sua lateral, perfurado com uma lança, por causa do amor demasiado, com o qual Ele te estimou. E aí está escrito: “Você/Tu já está/-s casada comigo pela misericórdia, não peques mais.” Procuremos, portanto, caríssimos, manter nossos presentes de tal forma puros, que possamos dizer como Matheus: “Senhor, entregaste-me cinco talentos.” E assim, sem dúvida, poderemos reinar no seio do céu, que [o pai e o filho] se dignarão a nos prover.

CAP. 2: De misericordia et de cognatis subveniendis.

Titus regnavit, qui statuit pro lege sub pena mortis, quod filii parentes suos alerent. Accidit casus, quod erant duo fratres ex uno patre. Unus filium habebat et vidit avunculum suum egentem; statim secundum legem eam aluit contra voluntatem patris, et ideo pater ejus a societate sua eum expulit. Verum tamen hoc non obstante non dimisit, quin avunculum suum egentem aleret, et necessaria ei in omnibus dedit. Post hec avunculus ejus dives factus est et pater ejus cepit egere. Filius vero hoc videns patrem aluit prohibente avunculo, et ideo a societate avunculi est expulsus dicensque ei: Carissime, tibi constat, quod aliquando egenus eram et contra voluntatem patris tui michi necessaria in omnibus ministrasti, et ideo jam te in filium meum et heredem accepi. Ingratus filius hereditatem non sequitur, sed filius 10 adoptatus. Sicut tu ingratus fuisti, quia contra preceptum meum patrem tuum alaisti, ideo hereditatem meam non obtinebis. Filius respondit avunculo: Nullus debet puniri pro eo, quod facit illud, quod lex statuit et compellit; sed lex naturalis et scripture compellit filium parentibus subvenire in necessitate, maxime ac eos honorare, et ideo expelli ab hereditate de jure non debeo.

[Moralisatio.] Carissimi, duo fratres sunt filius dei et mundus, qui ambo a patre celesti processerunt, filius dei per generationem, mundus per creationem. Inter istos fuit et est discordia ab initio, intantum quod qui est amicus unius, est inimicus alterius, juxta illud Jac. iv: Quicunque voluerit esse amicus hujus seculi, inimicus constituetur dei. Sed filius unus est quilibet christianus, qui est filius Christi, quia ei adheret per fidem. Non ergo debemus alere mundum per superbiam, avariciam et sic de ceteris, si volumus filii dei esse; et si contrarium fecerimus, certe a societate Christi expellimur, quantum ad hereditatem celestem. Si Christum alere volumus per opera pietatis, mundus nos odio habebit; verumtamen melius est mundum odire, quam hereditatem celestem amittere.

CAP. 2: Da misericórdia e da assistência aos familiares

Tito governou. Ele instituiu uma lei segundo a qual os filhos sustentassem seus parentes, sob pena de morte. Aconteceu um caso em que havia dois irmãos de um mesmo pai. Um deles teve um filho, o qual viu o tio empobrecer. Imediatamente, segundo esta lei, o filho sustentou o tio contra a vontade de seu pai, e por isso, o pai o expulsou do seu convívio. O filho, entretanto, apesar disso, não deixou de sustentar o seu tio pobre, e deu a ele tudo o que fosse necessário. Depois, esse seu tio enriqueceu e o seu pai ficou necessitado. Percebendo isso, o filho sustentou o pai com a proibição do tio, e o mesmo tio o expulsou de seu convívio, dizendo-lhe:

"Caríssimo, você bem sabe que, quando eu passava fome, você me forneceu tudo o que me era necessário contra a vontade do seu pai, e, por isso, eu te aceitei como meu filho e herdeiro. Um filho ingrato não tem direito a herança, mas um filho adotivo sim. Como você foi ingrato, pois sustentou o seu pai contra a minha vontade, você não obterá a minha herança." O filho respondeu ao tio: "Ninguém deve ser punido por algo que faz segundo a lei estabelece e obriga. Mas a lei natural e as escrituras obrigam o filho a sustentar os parentes em necessidade e honrá-los ao máximo. Assim, por direito, não devo ser excluído da herança."

[Moralização]: Caríssimos, os dois irmãos são o filho de Deus e o mundo, ambos os quais procederam do pai celestial, o filho de Deus por geração e o mundo por criação. Entre eles, houve e há uma discórdia desde o início, tanto que quem é amigo de um, é inimigo do outro, assim como está em Tiago, iv: "Qualquer um que quiser ser amigo deste mundo, será feito inimigo de Deus." Mas filho especial é todo aquele cristão que é filho de Cristo por aderir a Ele pela fé. Não devemos, portanto, sustentar o mundo pela soberba, pela avareza, e por iguais sentimentos, se desejamos ser filhos de Deus. E se fizermos o contrário, certamente seremos expulsos do convívio de Cristo e o mesmo em relação à herança celeste. Se quisermos sustentar Cristo por obra da piedade, o mundo terá ódio de nós. Mas, em verdade, é melhor odiar o mundo do que perder a herança celeste.

CAP. 3: Justum judicium.

Quidam imperator regnavit, qui statuit pro lege, quod si mulier sub viro adulterata esset, sine misericordia de alto monte precipitaretur. Accidit casus, quod quedam mulier sub viro suo erat adulte- rata, statim secundum legem de alto monte fuit precipitata. Sed de monte tam suaviter descendit, quod in nullo lesa erat. Ducta est ad judicium. Judex videns, quod mortua non esset, sententiam dedit, iterum [deberet] precipitari et mori. Ait mulier: Domine, si sic feceritis, contra legem agitis. Lex vult, quod nullus debet bis puniri pro uno delicto. Ego eram precipitata quia semel adulterata, et deus me miraculose salvavit, ergo iterato non debeo precipitari. Ait judex: Satis prudenter respondisti. Vade in pace! Et salvata est mulier.

Moralizatio super historiam precedentem. Carissimi, iste imperator est deus noster, qui facit istam legem, quod si quis in anima pollutas fuerit sub Christo, qui est sponsus anime, per peccatum mortale debet precipitari de alto monte i. e. de regno celesti, sicut erat primus pater Adam. Sed deus per filii sui passionem salvavit. Homo cum peccat, deus non statim per infinitam suam misericordiam eum dampnat, sed per graciam suam salvat, ut non precipitetur in infernum.

CAP. 3: Do justo juízo

Um certo imperador governava. Ele sancionou uma lei segundo a qual, se uma mulher casada fosse adúltera, seria lançada do alto de uma montanha sem misericórdia. Aconteceu um caso em que uma certa mulher era adúltera com o seu marido e, imediatamente, segundo a lei, foi lançada do alto da montanha. Mas ela despencou da montanha tão suavemente que não ficou machucada de forma alguma. Foi levada a julgamento. O juiz, vendo que ela não estava morta, deu a sentença: deveria ser lançada da montanha novamente e morrer. A mulher disse: “Senhor, se assim fizeres, agis contra a lei. A lei assegura que ninguém deve ser punido duas vezes por um mesmo delito. Eu fui lançada uma vez como adúltera, e Deus me salvou milagrosamente, portanto não devo ser lançada novamente.” O juiz disse: “Respondeste muito prudentemente. Ide em paz!” E a mulher foi salva.

Moralização sobre a história precedente: Caríssimos, esse imperador é o nosso Deus, que fez essa lei, na qual, se a alma de alguém for poluída diante Cristo, ele que é o esposo da alma, deve ser lançada do topo da montanha, ou seja, do reino celeste, pelo pecado mortal, assim como foi com o primeiro pai, Adão. Mas Deus, pela paixão de seu filho, a salvou. Quando o homem peca, Deus não o pune imediatamente, por causa da Sua misericórdia infinita, e sim, nos salva por sua graça, para que não despenquemos ao inferno.

CAP. 4: De justitia judicantium

Cesar regnavit, qui statuit pro lege, quod si quis mulierem raperet et vi eam opprimeret, in electione mulieris esset, utrum vir mori deberet vel eam sine dote in uxorem duceret. Accidit casus, quod quidam rapuit nocte una simul duas mulieres. Una peciit mortem et alia nupcias. Raptor captus est et ductus coram judice, ut duabus mulieribus secundum legem responderet. Prima mulier instanter secundum legem mortem peciit, secunda eum in virum habere clamavit. Et dixit prima mulier: Verum est, quod lex dictat, quod peticionem meam obtineam, et alters respondit: Eodem modo lex pro me clamat. Sed quia mea peticio est inicior et magis caritativa, ideo michi videtur, quod judex pro me sententiam dabit. Ambe mulieres judici sunt conqueste, et quelibet beneficium legis postulabat. Judex cum utramque partem audisset, secunde mulieri concessit, ut eum in virum obtineret, et sic factum est.

[Moralisatio.] Carissimi, iste imperator est dominus noster Jhesus Christus, raptor quilibet peccator, qui rapit i. e. violat duas mulieres se. justiciam et misericordiam, que sunt ambe filie dei. Raptor convocatur coram judice, quando anima separatur a corpore. Prima scilicet justicia contra peccatorem allegat, eternaliter eum debere mori per legem justitie; sed altera scilicet misericordia divina allegat, quod per contricionem et confessionem salvabitur. Ideo studeamus sic deo placere.

CAP. 4 Da justiça dos julgamentos

César governava. Ele estabeleceu uma lei na qual, se alguém raptasse uma mulher e por violência a estuprasse, ele seria submetido a um julgamento da mulher, em que ele ou devesse morrer, ou conduzi-la em matrimônio sem dote. Aconteceu um caso em que uma certa pessoa raptou, em uma mesma noite, duas mulheres. Uma delas exigiu a morte do homem, e a outra, o casamento. O sequestrador foi preso e levado perante ao juiz, para que respondesse às duas mulheres judicialmente. A primeira mulher exigiu a morte, segundo a lei, a segunda implorou que tivesse o homem como marido. A primeira disse: “É lícito que, como dita a lei, eu obtenha o meu pedido.” E a outra respondeu: “A lei clama por mim da mesma forma. Mas como o meu pedido é mais inspirado e mais caridoso, parece-me que, por isso, o juiz dará a sentença a meu favor.” Ambas as mulheres foram consideradas pelo juiz, e cada uma delas reivindicava o benefício da lei. O juiz, ouvindo a parte de cada uma delas, acatou a segunda mulher,para que ela o obtivesse como marido, e assim foi feito.

Moralização: Caríssimos, este imperador é o nosso Senhor Jesus Cristo, o sequestrador é qualquer pecador, que rapta e viola duas mulheres, isto é, a justiça e a misericórdia, que são ambas filhas de Deus. O sequestrador é convocado perante o juiz, que é o momento em que a alma é separada do corpo. A primeira mulher, a justiça, pede, é claro, por justiça contra o pecador, que ele deva morrer eternamente pela lei da justiça; mas a outra mulher, a misericórdia, pede, é claro, por misericórdia divina, porque pelo arrependimento e pela confissão ele será salvo. Portanto, dediquemo-nos a agradar a Deus.

CAP. 5: De sectanda fidelitate

Rex quidam regnavit, in cujus imperio erat quidam juvenis a piratis captus, qui scripsit patri suo pro redempcione. Pater noluit eum redimere sic quod juvenis multo tempore in carcere erat maceratus. Ille, qui eum in vinculis habebat, quandam pulchram filiam ac oculis hominum gratiosam genuerat, que nutrita in domo erat quousque viginti annos in etate sua compleverat, quae sepius incarceratum visitatum ivit ac consolabatur. Sed ille in tantum de solatus erat, quod nullam consolacionem recipere poterat, sed suspiria et gemitus continue emittebat. Accidit quodam die, quod, cum puella eum visitaret, ait juvenis ei: O bona puella, utinam velles pro mea liberacione laborare! Que ait: Quomodo potero hoc attentare? pater tuus, qui te genuit, non vult te redimere, ego vero, cum sim tibi extranea, quomodo deberem hoc cogitare? Et si te liberarem, offensionem patris mei incurrerem, quia tuam redempcionem perderet pater meus. Verumtamen michi unum concede, et liberabo te. Ait ille: O bona puella, pete a me quid tibi placuerit! Si michi est possibile, ego concedam. At illa: Nichil aliud peto pro tua liberacione, nisi quod me in uxorem ducas tempore opportuno. Qui ait: Hoc tibi firmiter promitto. Statim puella patre ignorante ipsum a vinculis liberavit et cum eo ad patriam suam fugit. Cum vero ad patrem suum venisset, ait ei pater: O fili, de tuo adventu gaudeo. Sed dic michi, qualis est ista puella, quam tecum duxisti? Ait ille: Filia regis est, quam in uxorem habeo. Ait pater: Sub pena amissionis hereditatis tue nolo, ut eam in uxorem ducas. Ait ille: O pater, quid dicis? Plus ei teneor, quam tibi. Quando captus eram in manus inimici et fortiter vinculatus, tibi pro mea redempcione scripsi, et noluisti me redimere. Ipsa vero non tantum a carcere, sed a periculo mortis me liberavit; ideo eam in uxorem ducere volo. Ait pater: Fili, probo tibi, quod non possis in eam confidere, et per consequens nullo modo in uxorem ducere. Patrem proprium decepit, quando ipso ignorante te a carcere liberavit. Pro qua liberacione pater ejus multa perdidit, que pro tus redempcione habuisset. Ergo videtur, quod tu non possis in eam confidere et per consequens nullo modo in uxorem ducere. Item alia racio est. Ista licet te liberavit, hoc fuit causa libidinis, ut posset te in virum habere, et ideo quia ejus libido erat causa liberacionis tue, non michi videtur, quod uxor tus erit. Puella audiens istas raciones ait: Ad primam respondeo, quando dicis, quod ego decepi patrem meum proprium, quod non est verum. Ille decipitur, qui in aliquo bono diminuitur. Sed pater meus tam locuples est, quod alicujus auxilio non indiget. Cum hoc perpendi, juvenem istum a carcere liberavi, et si pater meus pro eo redempcionem accepisset, non multum propter hoc dicior fuisset, et ta per redempcionem depauperatus esses. Ergo in istoactu te salvavi, quod redempcionem non dedisti, et patri meo nullam injuriam feci.

Ad aliam racionem, quando dicis, quod ego ex libidine hoc feci, respondeo: hoc nullo modo potest fieri, quia libido aut est propter pulchritudinem aut propter divicias aut propter fortitudinem. Sed filius taus nullum istorum habuit, quia pulchritudo ejus per carcerem erat annichilata; nec dives fuit, quia non habuit unde se ipsum redimeret; nee fortis, quia fortitudinem perdidit per carceris maceracionem. Ergo sola pietas me movebat, quod ipsum liberavi. Pater hoc audiens non potait filium arguere ulterius. Filius ergo cum magna solennitate eam in uxorem duxit et in pace vitam finivit.

[Moralisatio.] Carissimi, filius captus a piratis erat totum genus humanum captum per peccatum primi parentis in carcere demonis sc. in ejus potestate. Pater, qui noluit eum redimere, est mundus iste, qui nullo modo volebat hominem juvare a carcere diaboli, sed pocius eam tenere. Filia, que eum in carcere visitavit, est divinitas anime conjuncta, que humano generi compaciebatur, que post pastionem suam ad infernum descendit et hominem a vinculis diaboli liberavit. Pater vero celestis nostris diviciis non indiget, quia super omnia est dives et summe bonus. Ideo Christus motus pietate ad nos de celis descendit, nos visitavit, quando carnem nostram assumpsit, et tamen nichil aliud peciit pro nostra redempcione, nisi quod sit homini desponsatus, juxta illud Osee: Desponsabo eam michi in fide. Verumtamen pater noster mundus, cui multi obediunt, contra hoc semper murmurat et allegat: Si deo adhereas, hereditatem meam i. e. mundana non habebis, quia impossibile est, deo servire et mammone, Matth. vi. Sed melius est nobis spernere mundum, quam societatem dei amittere, juxta illud Matth.: Qui reliquerit patrem et matrem, uxorem aut agros propter me, centuplum accipiet et vitam eternam possidebit. Quam nobis etc.

CAP. 5: Da busca pela fidelidade

Durante o governo de um certo rei, havia um jovem que foi raptado por piratas, e escreveu a seu pai pedindo por resgate. O pai não o quis resgatar, de forma que, com o decorrer do tempo, o jovem se debilitava no cárcere. Aquele que o mantinha preso, gerara uma bela filha, graciosa aos olhos dos homens, que fora criada em casa até os vinte anos de idade. Ela muitas vezes foi visitar o prisioneiro e o consolava, mas ele estava sob tamanha solidão, que não conseguia receber consolo algum, apenas emitia continuamente suspiros e gemidos. Certo dia, quando a menina o visitava, o jovem lhe disse: "Ó, boa menina, se ao menos você quisesse trabalhar pela minha liberdade!" Ela respondeu: "Como poderei tentar tal coisa? Se o seu pai, que te gerou, não te quer resgatar, de que forma eu, que sou uma estranha para você, deveria cogitar isso? E se eu te libertasse, acarretaria uma ofensa a meu pai, pois meu pai perderia a recompensa pelo seu resgate. No entanto, me conceda uma coisa, que te libertarei." Ele disse: "Ó, boa menina, peça-me o que for do seu agrado! Se for possível para mim, eu concederei." Ela disse: "Não peço nada além disso por sua liberdade: que me tenhas como esposa no momento oportuno." Ele disse: "Isto te prometo solenemente!" Imediatamente, a menina, escondida do próprio pai, soltou as amarras e, com o jovem, fugiu para a pátria dele. Quando o jovem encontrou o seu pai, disse-lhe o velho: "Ó, filho, como me alegra a sua vinda. Mas me diga quem é esta menina que veio com você?" Ele respondeu: "É a filha do rei, que tomei como esposa." O pai disse: "Não quero que a tome como esposa, ou você correrá o risco de perder a sua herança." Ele disse: "Ó, pai, o que você está dizendo? Devo mais a ela do que a você. Quando eu fui capturado pelas mãos do inimigo e amarrado violentamente, escrevi a você pelo meu resgate, e você não quis me resgatar. Ela, de fato, me libertou, não somente do cárcere, mas do perigo da morte; portanto, quero tê-la por esposa." O pai disse: "Filho, eu provo a você que não podes confiar nela e, por consequência, não podes tê-la por esposa de forma alguma. Ela enganou o próprio pai, quando te libertou do cárcere sem ele saber. Com essa libertação, o pai dela perdeu muito do que viria a receber pelo seu resgate. Portanto, me parece que você não pode confiar nela e, por consequência, não pode tê-la como esposa, de forma alguma. Ainda há outro motivo. Embora ela tenha te libertado, foi por um motivo libidinoso, para que pudesse tê-lo como esposo, e, por isso, a libidinagem dela foi a causa da sua libertação. Não me parece que ela será a sua esposa." Ouvindo esses motivos, a menina disse: "Respondo o primeiro motivo. Quando você diz que eu enganei o meu próprio pai, isso não é verdade. É enganado aquele que é despojado de alguns poucos bens. Mas meu pai é tão abastado que não precisa do auxílio de ninguém. Quando eu

ponderei isso, libertei este jovem do cárcere, e se meu pai tivesse recebido o resgate por ele, não muito seria dito sobre isso além do que ~~e~~ você ficaria pobre pelo resgate. Portanto, eu te salvei com esse ato, porque você não deu a recompensa e eu não fiz nenhuma injúria ao meu pai. Quanto ao segundo motivo, quando você diz que eu fiz isso por libertinagem, respondo: isto de nenhum modo pode ser feito, pois a libido é motivada pela beleza, pela riqueza, ou pela força. Mas o seu filho não tem nada disso. A beleza dele foi/fora aniquilada pelo cárcere; nem era rico, pois não teve meios de se resgatar; nem forte, pois ele perdeu a força no desgaste/sofrimento do cárcere. Portanto, só a piedade me movia, quando o libertei." Ouvindo isso, o pai não podia mais argumentar com o filho. O filho, então, se casou com ela com grande solenidade, e terminou a vida em paz.

[Moralização.] Caríssimos, o filho capturado pelos piratas era toda a raça humana, capturada pelo pecado do primeiro progenitor, no cárcere do demônio, ou seja, em seu poder. O pai que não o queria resgatar, é o mundo em que vivemos, que de forma alguma queria ajudar o homem no cárcere do diabo, e sim mantê-lo preso. A filha que o visitou no cárcere é a divindade unida à alma, que, compadecida pela raça humana, que desceu ao inferno, após sua paixão, e libertou o homem das amarras do diabo. O Pai celestial realmente não precisa das nossas riquezas, pois Ele, acima de tudo, é rico e extremamente bom. Por isso, Cristo, movido por piedade a nós, desceu do céu e nos visitou, quando assumiu a nossa carne, e não mais pediu pecou por nossa redenção, a não ser que fosse prometido em casamento ao homem, como está em Oséias:
"Desposá-la-ei pela fé." Contudo, o pai que é o nosso mundo, a quem muitos obedecem, sempre murmura contra isso e alega: "Se você se apegar a Deus, não terá a minha herança (isto é, a mundana), pois é impossível servir a Deus e à riqueza (Matheus, vi.) Mas é melhor para nós deixar o mundo do que perder a comunhão com Deus, como diz Matheus: "Aquele que deixar pai e mãe, esposa ou terra, por mim, receberá cem vezes mais e alcançará a vida eterna." Como para nós, *etc*.

CAP.6: De sequenda ratione.

Erat quidam imperator potens sed tyrannus, qui quandam puellam regis filiam pulchram valde desponsavit. Facta desponsacione ambo adinvicem juramentum fecerunt, quod, si quis eorum prius moreretur, alter pre nimio amore se ipsum occideret. Accidit semel quod imperator iste ad partes longinquas se transtulit et diu moram ibidem traxit. Volens probare uxorem, ad eam nuncium destinavit, ut ei de morte sua diceret. Audiens hoc uxor propter juramentum, quod ante fecerat viro suo, de alto monte se precipitavit, ut moreretur. Verumtamen mortua non est, sed infra breve tempus sanitati est restituta. Deinde iterato seipsam volebat precipitare, ut moreretur. Pater ejus hoc audiens ei precepit, ut precepto et juramento viri non obediret. Illa vero nolebat consentire. Ait pater: Ex quo non vis michi consentire et obedire, celeriter extra societatem meam exeas. At illa: Nolo, et hoc per talem racionem probo. Cum autem quis juramento est obligatus, tenetur adimplere. Ego juravi viro meo, quod pro ejus amore meipsam occiderem. Ideo non deliqui, si juramentum implere volo; ergo extra societatem tuam non debeo expelli. Item nullus debet puniri pro eo, quod est commendabile. Sed cum vir et uxor sint unum in carne secundum deum, commendabile est, quod uxor pro amore viri sui moriatur. Unde in India aliquando erat lex, quod uxor post mortem viri sui pre dolore et amore seipsam comburere deberet, vel viva cuin eo in sepulchrum poni. Et ideo, ut michi videtur, non deliqui, quando meipsam interficio propter amorem viri mei. Ait pater: Quando prius dixisti, quod obligata juramento fuisti etc., tale obligamentum non valet, quia pretendit ad malum finem scilicet ad mortem. Juramentum semper debet esse racionabile et ideo juramentum tuum nullum est. Ad aliam racionem, quando dixisti, quod istud est commendabile, quod uxor moriatur pro viro, non valet, quia, licet sint unum in corpore per carnalem affectionem, tamen in anima duo sunt, que abinvicem realiter differunt. Et ideo non valet, quod allegasti. Puella hec audiens non poterat ulterius arguere, sed dictis patris adhesit, nec ulterius seipsam precipitare volebat, nec amplius viro suo copulari.

[Moralisatio.] Carissimi, rex iste est diabolus. Puella est anima tam graciosa ad dei similitudinem creata, quam diabolus per peccatum ei desponsavit. Unde in peccato commisso facta convencio est, quod si ipse mortuus erat per peccatum et in longinquis partibus id est in inferno per superbiam suam positus est, sic vult, quod anima peccatrix de alto monte id est de celo se precipitet in infernum. Et sic erat ante adventum Christi. Sed per Christi passionem est sanitati restituta. Verumtamen adhuc sepius intendit se precipitare, quociens contra divinum preceptum perpetrat. Sed deus pater noster non vult, ut precipitemur per peccatum, sed vult per

contricionem et confessionem ut totaliter ad ipsum convertamur, et firmiter nos in ipso teneamus et vitam eternam possideamus.

CAP. 6: Da lógica a ser seguida

Havia certo imperador poderoso, mas tirano, que se casou com uma certa jovem muito bela, filha do rei. Realizado o casamento, ambos fizeram um juramento mútuo, no qual, se um deles morresse primeiro, o outro mataria a si próprio por tamanho amor. Uma vez aconteceu que este imperador se mudou para terras longínquas e permaneceu ali por muito tempo. Querendo testar a esposa, enviou a ela um recado que anunciava a sua morte. Ouvindo isso, a esposa, por causa do juramento que anteriormente fizera ao marido, se jogou do alto de uma montanha para que morresse. Mas, na verdade, ela não morreu e sua saúde foi recuperada em pouco tempo. E então, ela queria se lançar da montanha várias vezes para morrer. Ao ouvir isso, o pai dela ordenou-lhe que não obedecesse ao juramento do marido, mas ela não queria consentir. Disse- lhe o pai: "Já que você não quer me consentir ou obedecer, saia da minha convivência rapidamente." Ela disse: "Não quero consentir, e isto justifico pelo seguinte motivo: Quando alguém está vinculado a um juramento, é instigado a cumpri-lo. Eu jurei a meu marido que, por amor a ele, eu mataria a mim mesma. Assim, não erro se quero cumprir o juramento e, portanto, não devo ser expulsa da sua convivência. Afinal, ninguém deve ser punido por algo que é recomendável. Dessa forma, como o marido e a mulher são uma única carne segundo Deus, é recomendável que a esposa morra por amor ao seu marido. Houve uma época quando, na Índia, era lei que, a esposa, após a morte do seu marido, em razão da dor e por amor, devesse ser queimada ou enterrada viva na sepultura junto com ele. Por isso, pelo que a mim concerne, não falho quando atento contra minha vida por amor ao meu marido." O pai responde: "Quando você disse antes que estava vinculada a um juramento, etc., tal vínculo não se mostra válido, pois tende a um fim maligno, ou seja, a morte. Um juramento sempre deve ser razoável, e esse seu juramento não é nada razoável. Por outra razão, você dizer que é recomendável, que a esposa morra pelo marido, não se mostra válido, porque, mesmo que pelo afeto carnal estejam unidos em um único corpo, em espírito são dois, que são diferentes um do outro. E, portanto, não é válido o que você alegou." Ouvindo isso, a menina não podia contra-argumentar, e acatou os dizeres-do pai. Não quis mais se atirar novamente, nem mais se unir ao marido.

Moralização: Caríssimos, este rei é o diabo. A menina é a alma, tão graciosa, criada à semelhança de Deus, com quem o diabo se casou por meio do pecado. A partir disso, no pecado cometido se realizou o pacto. Já que ele, o próprio diabo, fora morto pelo pecado e posto em terras longínquas por sua soberba, isto é, no inferno, ele assim deseja que a alma pecadora seja lançada do topo da montanha, isto é, do céu até o inferno. E assim era antes da chegada de

Cristo. Mas pela paixão de Cristo é (a alma) foi restituída à saúde. Comumente, entretanto, ela tem a intenção de se lançar, quando atenta contra um preceito divino. Mas Deus, nosso Pai, não quer que sejamos lançados pelo pecado, mas quer que nos convertamos totalmente a Ele pela contrição e pela confissão, e que possamos nos manter firmemente Nele e tenhamos a vida eterna.

CAP. 7: De invidia malorum adversum bonos.

Dioclesianus regnavit, in cujus imperio erat quidam miles generosus, qui duos filios habebat, quos multum dilexit. Junior filius contra voluntatem patris meretricem in uxorem duxit. Cum pater boc audisset, contristatus est valde, et illum a societate sua expulit. Iste sic expulsus in magna miseria est positus. Tamen de meretrice uxore sua filium formosum genuit et ad magnam egestatem pervenit. Misit nuncium ad patrem suum, ut misericordiam de eo haberet. Pater vero cum audisset de ejus miseria, commota sunt omnia viscera ejus et misertus ei cum eo reconciliatus est. Ipso reconciliato patri suo filium, quem de uxore sua meretrice genuerat, recommendavit; pater vero ipsum quasi in filium proprium enutrivit. Hec andiens frater senior indignatus dixit patri suo: Tu es demens, et hoc probo tibi tali racione. Ille est demens, qui filium in heredem accipit et nutrit, qui ei injuriam magnam fecit. Sed frater meus, qui illum puerum genuit, fecit tibi magnam injuriam, quando meretricem contra tuum preceptum desponsavit. Ergo videtur, quod tu es demens, quod filium ejus nutris et ei pacem dedisti. Pater ad hoc respondit: Fili, frater tuus est michi reconciliatus per magnam contricionem, quam habuit, et propter preces aliorum. Ideo oportet me filium suum diligere plus quam te. Hac racione: tu sepius contra me fecisti, et nunquam reconciliatas es michi, quia culpam tuam humiliter recognoscere noluisti. Jam tu es ingratus fratri tuo, ex quo velles ipsum a societate mea expellere; immo pocius deberes gaudere, quod michi est reconciliatus. Et quia ingratus es, hereditatem meam non obtinebis, et illam, quam de jure habere debuisses, frater tuus occupabit. Et sic factum est.

Moralizatio. Carissimi, per patrem istum patrem celestem intelligimus, per duos filios naturam angelicam et humanam. Humana conjuncta erat meretricii. e. iniquitati, quando de pomo vetito contra divinum preceptum comedit; unde a patre celesti erat homo expulsas. Filius meretricis [est] totum genus humanum, quod per peccatum perversum perierat. Ille filius eger factus est, quia post peccatum in hac lacrimarum valle positus est, juxta illud Gen.: In sudore vultas tui. Sed per Christi passionem est deo patri conciliatus, et continue reconciliatur per opera meritoria et per preces sanctorum, qui cotidie pro genere humano preces fundunt in celo. Ps.: Desiderium pauperum exaudivit dominus. Sed alius frater sc. diabolus, qui semper est ingratus, semper nos impugnat et de nostra reconciliacione murmurat et allegat, quod propter peccatum hereditatem regni celestis non debeamus consequi. Sed sine dubio, si sancte et juste et munde in hoc seculo vixerimus, allegacio sua nichil nobis nocebit, imo partem suam id est locum, quem ipse in celis perdidit, obtinebimus.

CAP. 7: Da inveja dos maus contra os bons

Diocleciano reinava, em cujo comando havia um nobre soldado que tinha dois filhos, a quem muito amava. O filho caçula se casou com uma prostituta contra a vontade do pai. Quando o pai soube disso, ficou realmente entristecido, e o expulsou de seu convívio. Expulso dessa maneira, ele ficou exposto à grande miséria. Por sua vez, de sua esposa prostituta ele gerou um filho formoso e sobreveio uma grande necessidade. O filho caçula enviou um recado a seu pai, a fim de que tivesse misericórdia dele. O pai, ouvindo a respeito de sua miséria, remoeram-se todas as suas vísceras e, com compaixão, se reconciliou com o filho. Reconciliados, ele entregou ao pai o filho que tinha gerado com sua esposa prostituta, e, de fato, o pai o criou como se fosse seu próprio filho. Ouvindo isso, o irmão mais velho, indignado, disse ao pai:

"Você está demente, e vou te provar isso com o seguinte motivo: É demente aquele que aceita e cria, como herdeiro, um filho que tenha lhe causado grande injúria. Pois meu irmão, que gerou aquele menino, causou grande~~s~~ injúria~~s~~, quando se casou com uma prostituta contra a sua ordem. Portanto, me parece que você está demente por criar o filho dele e por tê-lo dado paz."

O pai respondeu a isso: "Filho, o seu irmão se reconciliou comigo pelo grande arrependimento que demonstrou e pelas preces de outros. Assim, cabe a mim amar o filho dele mais do que a você. Por esta razão: Você agiu contra mim muitas vezes e nunca se reconciliou comigo, porque não quis reconhecer humildemente a sua culpa. Você já é ingrato com o seu irmão, por querer expulsá-lo do meu convívio. Você deveria, isto sim, ficar feliz por ele ter se reconciliado comigo. E por ser ingrato, não receberá a minha herança, e o seu irmão tomará posse dela, que você deveria ter por direito." E assim foi feito.

Moralização: Caríssimos, interpretemos este pai como sendo o Pai celestial, e os dois filhos como sendo a natureza angélica e a natureza humana. A humana foi unida à prostituta, isto é, a iniquidade, quando comeu o pomo proibido contra a ordem divina, daí o homem foi expulso pelo Pai celestial. O filho da prostituta é toda a raça humana, que fora arruinada pelo pecado perverso. Esse filho foi feito pobre porque, depois do pecado, foi depositado neste vale das lágrimas, como em Gênesis: "Seus rostos no suor." Mas por meio da Paixão de Cristo ele se reconciliou com Deus Pai, e é continuamente reconciliado pelas obras meritórias e pelas preces dos santos, que diariamente derramam orações no céu pela raça humana. Segundo o Salmo: "O Senhor escutou o desejo dos pobres." Mas o outro irmão, isto é, o diabo, que sempre é ingrato, sempre nos ataca e conspira contra a nossa reconciliação, alega que, por causa do pecado, não devemos conquistar a herança do reino celeste. Mas sem dúvida, se vivermos santa, justa e

limpamente neste mundo, nenhuma alegação dele será nociva para nós. Obteremos, certamente, a sua parte da herança, isto é, o seu lugar perdido no céu.

CAP. 8: De vana gloria.

Leo regnavit, qui miro modo pulchras mulieres delectabatur videre. Unde fecit fieri in quodam templo tres imagines stantes, et precepit omnibus in imperio, ut eas adorarent. Prima imago habebat manum ad populum extensam, et in uno digito annulum auream, et super digito erat superscripcio talis: Ego sum generosus; ecce annulus in digito. Secunda imago barbam auream habebat, et in fronte sic scriptum: Ego sum barbatus; si quis calvus fuerit, ad me veniat et de pilis meis accipiat. Tercia imago clamydem auream habebat et tunicam de purpure, et in pectore ejus erat scriptum characteribus aureis: Ego sum, qui neminem timeo. Iste tres imagines erant interius lapides. Cum autem fuissent complete secundum imperatoris voluntatem, statuit pro lege, quod quicumque annulum vel barbam auream aut clamydem auferret, morte turpissima condempnaretur. Accidit quodam tempore, quod quidam tyrannus templum intravit, videnque primam imaginem cum digito extenso, annulum de digito extraxit. Deinde ad imaginem secundam accessit et barbam auream ab ea abetulit. Post hoe ad imaginem terciam pervenit, clamydem ab ea tulit, et de templo recessit. Populus cum imagines spoliatas vidissent, statim imperatori denunciabant. Cum imperator hoc audisset, contri status est valde, transgressorum scilicet tyrannum coram se vocavit et super tali delicto eum arguebat, quod imagines contra preceptum suum spoliavit. At ille: Domine, licitum est michi respondere? Qui ait: Michi bene placet. Quando templum intravi, prima imago manum ad me extendit, habensque in digito annulum, ac si diceret: Istum annulum accipe! tamen ad extensionem manus nolui recipere quousque in digito superscripcionem legi scil. Ego sum generosus, ecce annulus. Statim intellexi superscripcionem, quod voluntas ejus esset, ut annu- lum acciperem, et ideo accepi. Deinde ad secundam imaginem accessi et cum eam barbam auream habentem vidissem, in corde meo cogitavi et dixi: Pater istius numquam talem barbam habebat, quia sepius eum vidi, et quod sit alcior quam pater racio non dictat. Bonum est et utile, barbam ejus auream auferre. Verumtamen hoc non obstante barbam nolui extrabere quousque suprascripcionem legi: Ego sum barbatus, quia, si quis calvus fuerit, ad me veniat et de pilis meis accipiat. Sicut videtis, calvus sum, et ideo barbam auream propter duo abstali. Unum est, ut patri suo esset similis, et de barba aurea non nimis superbiret. Secundo, ut per pilos ejus capiti meo calvo subvenirem. Deinde ad terciam imaginem accessi, que clamydem auream habebat. Clamydem abstuli eo quod in hyeme aurum est frigidum, et imago est lapidea, naturaliter lapis est frigidus, ideo si haberet clamydem auream, esset addere frigiditatem frigido, quod esset grave imagini. Item si in estate clamydem haberet, esset nimis ponderosum. Adhuc ei propter ista non abstulissem,

donec superscripcionem frontis legissem: Ego sum qui neminem timeo. Cum vero tantam superbiam in eo vidissem, ut humiliaretur abstuli clamydem. Ait imperator: Carissime, quando lex erat data, ut nullus imagines spoliaret, nonne erat in lege promulgatum, quod nullus propter aliquam causam imagines spoliaret? Et ideo quia te intromisisti de eis que ad te non pertinebant, do pro judicio, ut hodie in patibulo sis suspensus. Et sic factum est.

Moralizatio. Carissimi, iste imperator est dominus noster Ihesus Christus. Tres imagines sunt tria genera hominum in isto mundo, in quibus deus delectatur, juxta illud: Delicie mea sunt esse cum filiis hominum. Si sancte et juste vivamus, deus nobiscum permanebit. Per primam imaginem, que habet manum extensam, debemus intelligere pauperes ac mundi simplices, qui si sequi debent in curiam principum ac dominorum aliquid expedire, oportet ut manum extensam habeant ad dandum judici munera. Unde munera oculos judicum **excecant.** Si vero dicatur judici vel suis ministris: Quare a paupere accepisti? statim respondet: Nonne potero cum bona consciencia recipere, quod mihi gratis offertur? Curialis erat in offerendo, et si munus suam non accepissem, michi pro rusticitate esset imputandum, et ideo, ne talia de me dicerentur, munus ejus accepi. Per secundam imaginem intelligere debemus mundi divites, qui per graciam dei ad divicias sunt exaltati. Unde psalmus: De stercore erigens pauperem; et statim ab emulis judicatur: Ecce iste miser habet barbam auream i. e. plures divicias, quam habuit pater ejus. Opprimamus eum! Sive per fas sive per nefas justum talem opprimunt et spoliant, dicentes: Nos sumus calvi i. e. diviciis privati; bonum est, ut rusticus iste dives nobis divicias suas participet. Immo sepius illum jugulant, ut bona sua auferant, ad Tim.: Cupiditas est radix omnium malorum. Per terciam imaginem cum clamyde aurea debemus intelligere homines in dignitate constitutos, sicut sunt prelati ecclesie et judices terreni, qui habent legem custodire, virtutes inserere et vitia extirpare. Unde malefactores, qui noluerunt subjici discipline contra prelatos suos et seniores, se erigunt ac conspirant dicentes: Nolumus hunc regnare super nos. Luc.: Judei videntes Christum miracula facientem et eos arguere, quod contra legem committerent, statim de morte ejus conspirabant. Tales conspiratores qui sic hominem bona fama et virtutibus spoliant mala morte hic vel alibi morientur. Studeamus ergo vitam nostram etc.

CAP. 8: Da glória vã

Reinou Leão, imperador que, maravilhado, gostava de ver mulheres bonitas. Por isso, fez com que fossem feitas em um templo três estátuas fixas, e ordenou que todos no império as adorassem. A primeira estátua havia a mão estendida ao povo, e em um dos dedos havia um anel de ouro. No dedo, estava escrito o seguinte: “Eu sou generoso, eis o anel no dedo.” A segunda estátua tinha uma barba de ouro, e na testa estava inscrito o seguinte: “Eu sou barbado. Caso você seja calvo, venha até mim e aceita meus pelos.” A terceira estátua havia um manto de ouro e uma túnica púrpura, e em seu peito estava escrito em letras douradas: “Eu sou aquele que não teme ninguém.” Estas três estátuas eram de pedra maciça. Mas quando foram construídas exatamente segundo a vontade do imperador, ele instituiu uma lei na qual, qualquer um que pegasse o anel, ou a barba de ouro, ou o manto, seria condenado a uma morte muito desonrada. Aconteceu, certa vez, que um tirano adentrou o templo, e vendo a primeira estátua com o dedo estendido, tirou o anel do dedo. Então, ele foi até a segunda estátua e retirou dela a barba de ouro. Depois disso, veio a terceira estátua e pegou o manto. Então, saiu do templo. Quando o povo percebeu que alguém tinha roubado as estátuas, imediatamente denunciaram o ocorrido ao imperador. Quando o imperador soube disso, ficou de fato muito contrariado, e chamou o malfeitor, ou seja, o tirano, para julgamento. Acusou-o sobre o delito de roubar as estátuas e agir contra a sua ordem. O tirano disse: “Senhor, me é permitido responder?” O imperador disse: “Parece-me bem.” “Quando adentrei o tempo, a primeira estátua me estendeu a mão, e havia, no dedo dela, um anel que dizia: ‘Aceita este anel!’ No entanto, eu não queria receber o anel da mão estendida até perceber a inscrição no dedo, onde li: ‘Eu sou generoso, eis o anel.’ Compreendi imediatamente, pela inscrição, que seria da sua vontade que eu aceitasse o anel, e assim o aceitei. E então, fui à segunda estátua e, percebendo a barba dourada que havia, pensei comigo mesmo e disse: O pai dele nunca teve uma barba assim, pois já o vi várias vezes, e não é racional que a estátua seja mais altiva que o pai. É bom e útil que eu lhe tire a barba dourada. Apesar disso, eu não queria tirar a barba até que li a inscrição: ‘Eu sou barbado. Caso você seja calvo, venha até mim e aceita meus pelos.’ Como vê, eu sou calvo. Mas retirei a barba por dois motivos. Um deles é que, para que fosse semelhante ao pai, não poderia mais ostentar a barba dourada. O segundo é para que minha cabeça fosse coberta pelos cabelos. Então fui até a terceira estátua, que tinha um manto dourado. Tirei o manto dela porque, no inverno, o ouro é frio, e a estátua é de pedra. Naturalmente, a pedra é fria, e se ela tivesse um manto de ouro seria acrescentado frio ao frio, o que deixaria a estátua pesada. Da mesma forma, se tivesse o

manto no verão, seria demasiado peso. Eu ainda não tinha tirado o manto da estátua, até que li o inscrito na testa: 'Eu sou aquele que não teme ninguém.' Quando percebi tamanha soberba nele, tirei-lhe o manto, para que fosse humilhado." O imperador disse:
"Caríssimo, quando a lei foi instituída, que ninguém roubasse as estátuas, não estava claro que as estátuas não poderiam ser roubadas por nenhum motivo? Portanto, porque você admitiu que os objetos não lhe pertenciam, a minha sentença é que hoje você seja mandado à forca. E assim foi feito.

Moralização. Caríssimos, este imperador é o nosso senhor Jesus Cristo. As três estátuas são os três tipos de homens neste mundo, com os quais Deus se deleita. "O meu deleite é estar com os filhos dos homens." Se vivemos casta e justamente, Deus permanecerá conosco. Devemos interpretar a primeira imagem, a que tem a mão estendida, como os pobres e as pessoas simples do mundo, os que, se devem seguir, partem na corte de um soberano ou senhor, eles devem ter a mão estendida para receber uma remuneração justa a ser dada.
Assim, a remuneração cega os olhos dos juízes. Mas se for dito ao juiz ou aos seus ministros: "Por que aceitou os pobres?" Eles responderão imediatamente: "Não posso receber de bom grado o que me é oferecido de graça? Os membros da corte estavam na oferta, e se eu não tivesse aceitado sua remuneração, isso seria tido como uma grosseria da minha parte, e portanto, para que tais coisas não fossem ditas sobre mim, aceitei a remuneração." Devemos interpretar a segunda estátua como as riquezas do mundo, que são exaltadas pela graça de Deus. Daí o Salmista: "Erguendo os pobres do esterco;" e imediatamente é julgado pelos rivais: "Eis que este miserável tem uma barba de ouro." Isto é, mais riquezas do que o pai dele teve.
"Oprimamo-lo!" Seja por bem ou por mal, oprimem e roubam esta pessoa justa dizendo: "Nós somos calvos", isto é, privados de riquezas. "É bom que este rústico divida as suas riquezas conosco." Muitas vezes o julgam para roubarem os seus bens, vide Timóteo: "A volúpia é a raíz de todo o mal". Devemos interpretar a terceira estátua, a do manto dourado, como os homens formados dignamente, assim como os prelados da igreja e os juízes terrenos o são, eles que devem proteger a lei, implantar as virtudes e extirpar os vícios. Daí, os malfeitores, aqueles que não querem subordinar a sua disciplina aos seus prelados e senhores, se erguem com conspirações dizendo: "Não queremos que ele nos reine." Lucas: "Ao verem Cristo fazendo milagres e acusando-os de agir contra a lei, os judeus conspiraram imediatamente pela sua morte." Tais conspiradores, que assim privam o homem de uma boa reputação e das virtudes, terão uma morte maligna, seja aqui ou em outro lugar. Estudemos, portanto, a nossa vida etc.

CAP. 9: De naturali malitia per mansuetudinem superanda.

Alexander regnavit prudens valde, qui filiam regis Syrie in axorem accepit, que filium pulcherrimum ei peperit. Crevit puer, et cum ad etatem legitimam pervenisset, patri suo semper insidias fecit et per omnia mortem ejus quesivit. Imperator de hoc admirabatur, venit ad imperatricem et ait: Carissima, dicas secure sine timore secretum cordis tui michi, utrum de aliquo preter me polluta fuisti? At illa: O domine, quare a me talia queris? Qui respondit: Filius tuus semper mortem meam querit et ideo miror, quia, si esset filius meus, talia non attemptaret. At illa: Novit deus, quod nunquam ab alio preter te sum polluta, et hoc parata sum per omnem viam probare. Iste est verus filius tuus; sed quare te persequitur, penitus ignoro. Rex cum hoc audisset, cum omni mansuetudine filio so locutus est dicens: O bone fili, ego sum pater tuus; per me mundum intrasti, et heres meus eris. Quare michi minaris? In deliciis nutrivi te et omnia mea tua sunt. Desine, inquit, ab ista iniquitate, et noli me occidere. Filius non acquiescens dictis ejus, de die in diem malicia ejus contra patrem crescebat, et nitebatur semper occidere eum et publice et private insidias ei imponere. Pater hoc videns in locum desertum perrexit et filium suum secum duxit portansque gladium in manu sua dicens filio suo: Accipe gladium istum et interfice me hic, quis minus scandalum est tibi in occulto me occidere, quam in publico. Filius hec audiens statim gladium a se projecit et coram patre genua flexit cum fletu magno misericordiam ab eo petens, ait: O bone pater, peccavi in te, quia male egi; iniquitatem feci. Jam non sum dignus vocari filius tuus. Peto, ut remittas michi et me diligas et ammodo ero filius tuus dilectus, et per omnia secundum taam voluntatem ministrabo tibi. Pater hec audiens cecidit super collum ejus et osculatus est eum et ait: O fili dilectissime, ammodo non pecces, esto michi fidelis filius, et ero tibi graciosus pater. Et hoc dicto induit eum vestimentis preciosis, et eum secum ad domum duxit et magnum convivium satrapis imperii fecit. Post hee per paucos dies vixit et vitam in pace finivit, filius vero regnum obtinuit et satis prudenter regebat. In fine vero vite ejus cum mori deberet, vexillum per totam imperium portari fecit et omnibus ostendit, in quo scriptum erat: Omnia transiunt preter amare deam.

[Moralisatio.] Carissimi, imperator iste est dominus noster Jhesus Christus. Filius, qui patrem persequitur, est malus Christianus, qui est filius dei legitimus per virtutem baptismi. Mater pueri est sancta ecclesia, a qua baptismum et nostram salutem accepimus, quibus peccator perversus et a deo per peccatum elongatus querit mortem Christi. Quod ipse sit pater, patet Deuter. xxxm: Nonne ipse est pater tuus etc. Tociens ergo Christianus querit mortem Christi, quociens contra ejus preceptum perpetrat. Unde duxit te in desertum hujus mundi, in quo

deserto non tantum obtulit se mori, sed mor- taus est propter peccata nostra. Unde propter ejus amorem et tue anime salutem deberes resistere peccatis et ei fideliter servire. Pater dedit ei gladium, ut eum occideret. Sic deus dat tibi gladium hoc est liberum arbitrium quo poteris portare amorem ejus et gratiam, vel simpliciter eum a to expellere. Fac ergo tu, sicut fecit ille filius! Projice a te gladium iniquitatis et malicie, sicut fecit ille de quo le- gitur in evangelio: Filius peregre profectus est in regionem longinquam. Sic peccator, cum carnales voluptates diligit, a domino peregrinabitur, et quanto peccando ipse sit dissimilior, tanto magis a domino elongatur, substantiam consumit, dum vitam et cogitaciones turpibus actibus impendit, et sicut in evangelio dicitur de filio, quod egere cepit, et adhesit uni civi regionis illius, qui misit illum in villam suam, ut pasceret porcos etc. Filius ille egere cepit, quando virtutes per peccatum amisit. Unde psalmus: Divites eguerunt et esurierunt. Adhesit uni civium scilicet diabolo, quia demones sunt cives et rectores tenebrarum hujus mundi, juxta apostolum: Non est nobis conlactacio adversus carnem et sanguinem etc. Porcus immun- dum est animal, quis in sordibus delectatur, et ideo porcis demones comparantur, quia sordibus peccatorum saturabuntur. Illos pascit peccator sordibus criminum suorum et ipse est opus illorum. Silique sunt cibus peccatorum, sic fornicacio, ebrietas et gulositas cibus demonum. De siliquis cupit peccator implere suum ventrem, quia nemo dat ei saturitatem, quia voluptas semper habet famam suam et diabolus multociens non dat homini sui desiderii facultatem, sciens eum esse mortuum per peccatum. Sed tamen dominus sepius per graciam suam vibrat ab eo gladium iniquitatis et dicit: Miserere mei, dum peccata recognoscit et dicit: Delictum meum cognitum tibi feci. Sed deus misericordia motus est, et occurrens cecidit super collum ejus et osculatus est eum dixitque ad servos: Cito afferte stolam primam et induite illum et date annulum in manum ejus et calciamenta in pedibus ejus, et adducite vitulum saginatum et occidite et manducemus, quia hic filius meus mortuus fuerat et revixit, perierat et inventus est. Sic pater celestis vidit errantem, cum ad penitenciam se movet, et injecit se super collum ejus, quando onus penitenciae sibi imponit, osculatur eum, quando verbis oris sui delectatur peccator, juxta illud: Osculetur me osculo oris sui. Stola prima induitur, quando amor Christi per penitenciam habetur. Annulus in manu signat signsculum similitudinis Christi in bonis operibus. Ille ergo annulum in manu portat, qui in nullo opere a Christo deviat. Calciamenta in pedibus sunt exempla sanctorum, qui mortai sunt, quia, sicat calciamenta in pedibus animalium defendunt pedes, ita exempla sanctorum animas. Vitalus saginatus est Christus, pro nobis immolatus in ara crucis, quis saginatus i. e. spiritus sancti repletus gracia. Et tame poteris per civitatem cordis tui ostendere

vexillum boni militis Christi, seilicet ubi erit scriptam: Omnia pretereunt preter amare deum i. e. omnia peccata mea mala per penitenciam sunt deleta, et jam dei timorem et graciam ejus mecum porto, per quam vitam eternam obtinebo, ad quam nos perducat etc.

CAP. 9: Sobre a superação da malícia natural pela mansidão.

Alexandre reinou muito prudentemente. Ele tomou a filha do rei da Síria como esposa, e ela lhe deu um filho muito bonito. O menino cresceu e, quando atingiu a maioridade, sempre fez armadilhas para o seu pai e buscou sua morte em tudo. O imperador, aturdido por isso, foi até a imperatriz e disse: "Querida, diga-me sem medo o segredo do seu coração, se você foi impura com alguém além de mim?" E ela: "Ó Senhor, por que me perguntas tais coisas?" Ele respondeu: "Teu filho sempre busca minha morte e por isso me espanto, pois, se fosse meu filho, não tentaria tais coisas." E ela: "Deus sabe que nunca fui impura com ninguém além de ti, e estou pronta para provar isso de qualquer forma. Este é realmente teu filho; mas por que ele te persegue, eu ignoro totalmente." O rei, ao ouvir isso, com toda mansidão falou com seu filho, dizendo: "Ó bom filho, eu sou teu pai; por mim você entrou no mundo, e você será meu herdeiro. Por que me ameaças? Eu te criei com prazeres e tudo que é meu é teu. Pare, disse ele, com essa iniquidade, e não me mate." O filho não se conformou com suas palavras. A cada dia, a malícia dele contra o pai crescia, e ele se esforçava sempre para matá-lo e, publicamente ou em particular, lhe impunha armadilhas. O pai, ao ver isso, foi para um lugar deserto e levou seu filho consigo, carregando a espada na mão e dizendo ao filho: “Recebe esta espada e mata-me aqui, pois é menos escandaloso para ti me matar em segredo do que em público.” O filho, ao ouvir isso, imediatamente lançou a espada para longe de si e, diante do pai, ajoelhou-se com grande choro, pedindo misericórdia a ele, e disse: “Ó, bom pai, pequei contra ti, porque agi mal; cometi iniquidade. Já não sou digno de ser chamado teu filho. Peço que me perdoes e que me ames, e de agora em diante serei teu filho amado, e em tudo, segundo a tua vontade, te servirei.” O pai, ao ouvir isso, caiu sobre o seu pescoço e o beijou, e disse: “Ó filho muito amado, de agora em diante não peques, sê para mim um fiel filho, e eu serei para ti um pai generoso.” E, dito isso, vestiu-o com roupas preciosas, e o levou consigo para casa e fez um grande banquete para os nobres do império. Depois disso, viveu por poucos dias e terminou sua vida em paz, enquanto o filho governou o reino e o dirigiu com bastante prudência. No entanto, no final de sua vida, quando estava prestes a morrer, fez carregar a bandeira por todo o império e a mostrou a todos, na qual estava escrito: Tudo passa, exceto o amor divino.

[Moralização]: Caríssimos, este imperador é nosso Senhor Jesus Cristo. O Filho, que persegue o pai, é um mau cristão, que é filho legítimo de Deus pela virtude do batismo. A mãe do menino é a Santa Igreja, da qual recebemos o batismo e a nossa salvação, pelos quais o pecador

perverso, afastado de Deus pelo pecado, busca a morte de Cristo. Que ele seja pai é evidente em Deuteronômio xxxiii: Não é ele o teu pai, *etc*. Portanto, sempre que o cristão busca a morte de Cristo, é quanto mais peca contra seu mandamento. Daí ele te levou ao deserto deste mundo, no qual não somente se ofereceu a morrer, mas morreu por causa dos nossos pecados. Por isso, por seu amor e pela salvação da tua alma, deves resistir aos pecados e servi-lo fielmente. O Pai deu-lhe a espada, para que o matasse. Assim Deus te dá a espada, ou seja, o livre-arbítrio, pelo qual você pode levar seu amor e graça, ou simplesmente expeli-lo de ti. Faça, portanto, você, como ele fez, filho! Afaste de ti a espada da iniquidade e da malícia, como fez aquele que lemos no Evangelho: O Filho partiu para um país distante. Assim, o pecador, quando ama os prazeres carnais, se afastará do Senhor, e quanto mais diferente de si mesmo no pecado, mais se afasta do Senhor. Ele consome sua substância, enquanto gasta sua vida e seus pensamentos em atos vis, como é dito no Evangelho sobre o filho que se considerou necessitado e se agarrou a um dos cidadãos daquele país, que o enviou à sua aldeia para alimentar porcos, *etc*. Aquele filho tornou-se necessitado quando perdeu as virtudes por causa do pecado. Daí o Salmo: Os ricos comeram e tiveram fome. Ele se apegou a um dos cidadãos, a saber, o diabo, porque os demônios são os cidadãos e governantes das trevas deste mundo, vide o Apóstolo: Não temos conflito contra carne e sangue, *etc*. Um porco é um animal impuro que se deleita com a sujeira e, portanto, os demônios são comparados aos porcos, porque ficarão saturados com a sujeira dos pecados. O pecador os alimenta com a sujeira de seus crimes, e ele mesmo é o trabalho deles. Assim como são o alimento dos pecadores, a fornicação, a embriaguez e a gula são o alimento dos demônios. O pecador deseja encher a barriga de vagens, porque ninguém lhe dá saciedade, porque o prazer sempre tem a sua fama, e o diabo multiplicador não dá ao homem a oportunidade do seu desejo, sabendo que está morto pelo pecado. Mas ainda assim o Senhor, pela sua graça, lança para longe a espada da iniquidade e diz: Tem misericórdia de mim, enquanto ele reconhece os meus pecados, e diz: Eu te dei a conhecer a minha ofensa. Mas Deus foi movido de compaixão, e ao encontrá-lo, caiu em seu pescoço e beijou-o, e disse aos servos: Tragam rapidamente o primeiro manto e coloquem nele, e coloquem um anel em sua mão e sapatos em seus pés, e tragam um bezerro cevado e matem-no para nós o comeremos, pois este meu filho estava morto e voltou à vida, ele estava perdido e foi encontrado. Assim, o Pai celestial viu o errante quando ele se dirigiu à penitência, e atirou-se sobre seu pescoço, quando coloca sobre si o fardo da penitência. Ele o beija, quando o pecador se deleita com as palavras de sua boca, conforme o ditado: Deixe-me beijar-me com o beijo de sua boca. A primeira

vestimenta é vestida quando o amor de Cristo é obtido através da penitência. O anel na mão é um sinal da semelhança de Cristo nas boas obras. Ele, portanto, usa um anel na mão, aquele que, em nenhuma obra, se desvia de Cristo. Os sapatos nos pés são exemplos dos santos que já morreram, porque, assim como os calçados nos pés dos animais protegem os pés, também são exemplos das almas dos santos. Cristo foi sufocado vivo, sacrificado por nós no altar da cruz. E ainda assim você poderá mostrar através da cidade do seu coração a bandeira de um bom soldado de Cristo, na qual estará escrito: Amar a Deus sobre todas as coisas; todos os meus pecados malignos foram apagados pela penitência, e agora carrego comigo o temor a Deus e sua graça, através da qual obterei a vida eterna, à qual ele nos conduzirá, *etc*.

CAP. 10: De oblivione.

Vespasianus regnavit, qui diu remansit sine prole. Tandem per consilium sapientum quandam pulchram puellam de longinquis partibus mundi in uxorem duxit et cum ea in patria extranea diu remansit et prolem ex ea genuit. Post heo ad imperium suum accedere volebat, sed nullam licenciam ab ea poterat obtinere, sed semper dicebat: Si a me recedis, meipsam occidere volo. Imperator cum hoc audisset, fecit fieri duos annulos optimos et sculpit in gemmis imagines hujus efficacie, ut una esset imago memorie et altera imago oblivionis. Cumque paribus annulis eas inseruisset, unum annulum scilicet oblivionis prebuit uxori, alterum ipse tulit, ut sicut pari amore sic paribus annulis scilicet insignirentur. Uxor cum annulum accepisset, statim cepit oblivisci amoris viri. Imperator hoc videns ad imperium cum gaudio se transtulit, nec ulterius est ad uxorem reversus. Et sic in pace vitam suam finivit.

[Moralisatio.] Carissimi, per istum imperatorem debemus intelligere animam humanam, quam oportet assumi ad propriam patriam, hoc est ad regnum celeste, ad hoc, ut salutem finalem consequatur. Ideo ait psalmus: Salvum me fac, deus etc. Uxor est nostra caro, que retinet animam in multis delectacionibus, per quas non poterit ad vitam eternam transire, ubi anime conversacio est et imperium ejus et totum desiderium. Et quare non permittit eam? Quia caro concupiscit adversus spiritum et e converso. Fac ergo tu, sicut fecit imperator. Fac duos annulos memorie et oblivionis. Isti duo annuli sunt oracio et jejunium. Utrumque in effectu suo caret termino. Signum infallibile in multis terris est, quod mulier, si portat annulum, desponsata est. Et revera, quando homo se dat oracioni et jejunio, signum est, quod anima ejus est sponsa Christi. Oracio autem est annulus memorie, quia precepit apostolus dicens: Sine intermissione orate. Utitur ergo homo oracione dominica, ut deus memoriam ejus habeat, immo angelus eam presentabit, exemplo Thobie. Jejunium potest dici annulus oblivionis, quia retrahit et refugit ipsam carnem, ne impediat usum racionis et opus meritorium, per que iter ad deum. Studeamus ergo istos annulos sic nobiscum retinere, ut vitam eternam consequi mereamur.

CAP. 10: Do esquecimento

Vespasiano governava. Ele permaneceu sem filhos por muito tempo. Finalmente, por conselho dos sábios, ele se casou com uma certa bela mulher, de uma parte longínqua do mundo, e, com ela, em uma pátria estrangeira, permaneceu por muito tempo, e dela gerou filhos. Depois disso, ele queria se dirigir ao seu império, mas nenhuma permissão pôde obter da parte dela, que sempre dizia: “Se te afastares de mim, vou querer me matar.” Ouvindo isso, o imperador providenciou dois lindos anéis, e esculpiu habilmente, em suas gemas, retratos deles, para que um fosse a imagem da memória e, o outro, a imagem do esquecimento. E depois que os pares de anéis foram providenciados, ele ofereceu um dos anéis, o do esquecimento, à sua esposa, e o outro pegou para si, para que fossem marcados em anéis iguais tão igual amor. Quando a esposa recebeu o anel, imediatamente começou a se esquecer do amor ao marido. Vendo isso, o imperador se transferiu, com alegria, para o seu império, para não retornar novamente à esposa. E assim sua vida terminou em paz.

Moralização: Caríssimos, devemos interpretar esse imperador como sendo a alma humana, que convém assumir a própria pátria, isto é, o reino celeste, para que seja alcançada a salvação final. Assim diz o salmo: “Deus faz-me salvo, *etc*.” A esposa é a nossa carne, que retém a alma em muitos prazeres, pelos quais ela não pode atravessar para a vida eterna, aonde a alma é conduzida, e, também, o seu império e todo o desejo. E por que ela não é permitida na vida eterna? Porque a carne cobiçou sensualmente contra o espírito e vice-versa. Faze tu, portanto, assim como fez o imperador. Faze dois anéis, da memória e do esquecimento. Estes dois anéis são a oração e o jejum. Ambos carecem de um termo para seu efeito. Em muitas culturas, é um símbolo infalível: a mulher que porta um anel é casada. E, realmente, quando um homem se entrega à oração e ao jejum, é um símbolo de que sua alma é a esposa de Cristo. A oração é o anel da memória, pois o apóstolo ordenou dizendo: Orai sem intervenção.” O homem, portanto, se utiliza da oração do Senhor, para que Deus tenha a memória dele, ou mesmo um anjo a apresenta, como no exemplo de Tobias. Pode-se dizer que o jejum é o anel do esquecimento, pois ele remove e repele a própria carne, para que não impeça o uso da razão e de trabalhos honrados, pelos quais há o caminho até Deus. Estudemos, portanto, esses anéis, e os guardemos conosco, para que mereçamos conseguir a vida eterna.

CAP. 11: De veneno peccati, quo quotidie nutrimur.

Alexander regnavit potens valde, qui magistrum Aristotelem in suum doctorem habebat, qui eum in omni scientia instruebat. Hoc audiens regina aquilonis filiam suam a tempore suae nativitatis veneno nutrivit, et cum pervenisset ad legitimam aetatem, erat tam pulchra et oculis hominum gratiosa, quod multi per adspectum ejus infatasti sunt. Regina eam ad Alexandrum misit, ut ejus concubina fieret. Visa puella statim captus est in amorem ejus, et dormire cam es volebat. Hoc percipiens Aristoteles dixit ei: Nolite talia attemptare. Quae si feceritis, in continenti moriemini, eo quod ipsa sit toto tempore vitae suae veneno nutrita.

Quod autem verum sit probabo statim. Hic est quidam malefactor, qui per legem debet mori. Cum ea dormiat, et tune si verum est videbitis. Et sic factum est. Malefactor osculatus est eam coram omnibus. Statim cecidit et mortuus est. Alexander hoc percipiens magistrum miro modo laudavit, qui eum a morte liberavit. Puellam matri remisit.

Moralizacio. Carissimi, iste Alexander potest dici quilibet christianus bonus fortis et potens per virtutes, quas in baptismo recepit, qui potens et fortis est, quamdiu manet in caritate et puritate vite contra diabolum mundum et carnem. Regina aquilonis est habundancia rerum, que hominem querit occidere, spiritualiter aliquando, sepius corporaliter. Puella intoxicata est luxuria et gula, que nutriuntur ex cibariis delicatis, que sunt venena anime. Aristoteles est tua consciencia sive racio, que semper murmurat et contradicit illis, que sunt anime nociva, et illum impedit, ne cum talibus immisceat se. Malefactor est vir perversus, deo inobediens, qui magis sequitar delicias carnis, quam divina precepta. Talis tota die in peccatis dormit osculando i. e. tangendo gulam et luxuriam, per quos tactus spiri- tualiter occiditur. Unde sapiens: Qui tangit picem, coinquinabitur ab ea. Studeamus ergo sobrie vivere, et sic poterimus ad eternam pervenire vitam.

CAP. 11: Do veneno do pecado que nutrimos a cada dia

Alexandre, que governou muito poderoso, tinha Aristóteles como seu professor e mestre, que o instruía em todos os assuntos. Ouvindo isso, a rainha do norte nutriu a sua filha com veneno desde o momento do seu nascimento, e como tivesse atingido a maioridade, estava tão bonita e atraente aos olhos dos homens, que muitos ficavam apaixonados ao vê-la. A rainha a enviou a Alexandre para que fosse a sua concubina. Ao ver a moça, ele foi capturado pelo amor dela, com a qual queria dormir. Percebendo isso, Aristóteles disse a ele: "Não tentes tais coisas. Porque se o fizeres, morrerás no continente, pois ela foi nutrida com veneno por todo o seu tempo de vida. Provarei que isso é verdade imediatamente. Eis aqui um malfeitor, que, pela lei, deve morrer. Que ele durma com ela, e então verás que é verdade." E assim foi feito. O malfeitor a beijou na frente de todos. Ele imediatamente caiu e morreu. Alexandre, percebendo isso, elogiou o professor de modo admirável, que o livrou da morte. Ele enviou a moça de volta à mãe.

Moralização: Caríssimos, pode-se dizer que esse Alexandre é qualquer bom cristão, forte e poderoso em virtudes, as quais recebeu no batismo; que é forte e poderoso enquanto permanece na caridade e na pureza de vida, contra o diabo, o mundo e a carne. A rainha do norte é a quantidade excessiva de coisas que querem matar o ser humano, algumas vezes espiritualmente, e sempre fisicamente. A moça está intoxicada pela luxúria e pela gula, que são nutridas com alimentos sensuais, que são venenos para a alma. Aristóteles é a sua consciência, ou razão, que sempre murmura e os contradiz, pois são nocivos à alma, e ele impede o homem a que se misture com tais venenos. O malfeitor é o homem perverso, desobediente a Deus, que segue mais os prazeres da carne do que os preceitos divinos. Ele dorme todo dia com tais pecados, beijando-os, isto é, tocando a gula e a luxúria; por esses toques é assassinada espiritualmente, ao tocá-las. Daí o sábio: "Quem toca o piche, será contaminado por ele." Portanto, procuremos viver sobriamente, e assim poderemos alcançar a vida eterna.

CAP. 12: De luxuria.

Otto regnavit, in cujus imperio erat quidam sacerdos lubricus, qui propter hoc subditos suos multociens perturbavit et per hoc scandalizati multum erant. Erat unus parochialium suorum, qui nunquam interesse voluit misse ipsius, dum celebravit. Accidit quodam die festivo, quod tempore misse ejus solus in campo deambularet et miro modo siciebat, intantum quod videbatur ei, nisi sitim extingueret, moreretur. Accidit, dum ambularet, venit ad quendam rivalum purissimi fontis, in quo viso incepit haurire et fortiter bibere. Sed cum gustasset, quanto plus bibit, tanto plus siciebat. Intra se admirabatur dicens: Fontem hujus rivali querere volo, ut de fonte bibam. Dum autem ambulasset, obviavit ei quidam senex pulcher valde et ait ei: Carissime, quo tendis? Qui ait: Ultra quam credi potest sicio. Inveni unum rivalum aque, de quo bibi, et quanto plus bibi, tanto plus siciebam. Ideo fontem hujus rivali quero, ut de fonte bibam, si sitim extinguere possim. Ait senex: Ecce hic est fons, de quo rivulus ille procedit, sed die michi, quare cum aliis christianis ad audiendam missam ecclesiam non intrasti? Qui respondit: Vere, domine, sacerdos noster execrabilem vitam ducit, sic quod ipsum non credo missas mandas celebrare et deo placitas. Ad quem senex: Si ergo tu sitis ut dicis, ecce fons, de quo tam dulcis aqua rivuli procedit, de cujus rivalo bibisti. Respexit ille vidensque canem fetidissimum, habentem os apertum, per cujus os et dentes tocius fontis scaturicio emanabat mirabiliter. Quod dum ille perspicacius agnovisset, mente confusus expavit toto corpore pertremiscens propter fetorem non audebat gustare et tamen miro modo siciebat. Quem senex intuens ait: Noli timere quia potasti de rivulo hujus fontis! nullam molestiam tibi generabit. Ille hoc audiens gustavit, sitim extinguit et ait: O domine, tam dulcem aquam homo nunquam bibit. Ait senex: Vide modo, quemadmodum hec dulcis aqua per os canis fetidi observato calore proprio et sapore nec polluitur nec mutatur. Carissime, sic est de missa per indignum sacerdotem celebrata, et ideo, quamvis tibi displiceat vita talium sacerdotum, tamen missas illorum debes andire. Hiis dictis senex evanuit ab eo, et quod viderat aliis revelavit. Et post hec devote missas audivit et in pace vitam finivit.

Moralizacio. Carissimi, iste imperator est dominus noster Ihesus Christus, in cujus imperio i.e. in mundo est sacerdos lubricus id est christianus perversus. Quia sicut sacerdos habet animas parochiano- rum custodire, sic et christiani virtutes, quas in baptismo receperunt, habent regere ac diligenter custodire, ne polluantur. Iste malus sacerdos multos corrumpit malo exemplo. Unde Gregorius: Quot mala exempla subditis committunt, tot animas perdunt. Sie malus christianus verbo et opere multos ad infernum trahit. Si talis fueris, fac sicut fecit ille

parochianns. Ambula per campos id est per regna e castra, donec venias ad unum, quem diligit anima tua, scilicet illum senem. Senex est Christus, quem invenies per opera misericordia. Sed prius oportet te bibere de rivulo, licet non extinguas sitim. Rivulus iste, de quo bibimus, est baptismus, qui tantum sitim originalis peccati extinxit, sed si iterato incideris in peccatum, amplius per eum extingui non poteris donec procedas ad istum fontem. Fons iste est dominus noster Ihesus Christus, sicut de se ipso ait: Ego sum fons aque salientis in vitam eternam. Job. quarto. Rivuli vel vene istius fontis i. e. verba sacre scripture sepias procedunt per os fetidissimi canis, hoc est sacerdotis predicatoris peccatoris.

CAP. 12: Da luxúria

Reinou Otto, em cujo governo havia um certo sacerdote brincalhão que frequentemente perturbava a todos, e com isso ficavam muito ofendidos. Havia um dos paroquianos, que nunca quis participar da missa dele, quando ele celebrava. Aconteceu que num certo dia festivo, no momento da missa, ele andava sozinho no campo e estava muito sedento, de tal maneira que lhe parecia que, a menos que extinguísse a sede, morreria. Aconteceu que, enquanto caminhava, chegou a um certo riacho de água puríssima. Ao ver o riacho, começou a beber e beber muito. Mas quanto mais bebia, mais sede sentia. Aturdia-se internamente, dizendo: Quero procurar a fonte desse riacho, para beber da fonte. Enquanto caminhava, encontrou um certo velho muito bonito, que lhe disse: "Caríssimo, aonde você vai?" Ele respondeu: "Além do que se pode crer, eu estou sedento. Encontrei um riacho de água, da qual bebi, e quanto mais bebia, mais sede tinha. Por isso, procuro a fonte desse riacho, para beber da fonte, se puder extinguir minha sede." Disse o velho: "Eis aqui a fonte, da qual aquele riacho procede, mas diga-me, por que você, junto aos outros cristãos, não entrou na igreja para ouvir a missa?" Ele respondeu: "Na verdade, senhor, nosso sacerdote leva uma vida execrável, de modo que não acredito que ele celebre missas agradáveis a Deus. Ao que o velho disse: "Se você está sedento como diz, eis a fonte, da qual a tão doce água do riacho que você bebeu procede." O paroquiano olhou e viu um cão fedorento, com a boca aberta, de cuja boca e dentes saía maravilhosamente uma fonte de água termal. Enquanto ele raciocinava isso com mais clareza, confuso em sua mente, ficou aterrorizado, tremendo por todo o corpo, devido ao fedor, e não se atrevia a provar da água. Mas estava muito sedento. O velho, olhando para ele, disse: "Não temas, pois bebeste da fonte deste riacho! Nenhum incômodo te causará." Ele, ouvindo isso, provou, extinguiu a sede e disse: "Ó senhor, nunca um homem bebeu água tão doce." O velho respondeu: Agora veja como esta água doce, pela boca do cão fedorento, mantém a sua própria temperatura e sabor, não se contamina nem se altera. Caríssimo, assim é a missa celebrada por um sacerdote indigno, e por isso, embora te desagrade a vida de tais sacerdotes, deves ouvir as missas deles." Depois disso, o velho desapareceu, e o paroquiano revelou aos outros o que tinha visto. Após isso, ele ouviu as missas devotamente e terminou a vida em paz.

Moralização: Caríssimos, este imperador é nosso Senhor Jesus Cristo, em cujo reinado está um cristão perverso. Porque assim como o sacerdote deve guardar as almas dos paroquianos, também os cristãos devem controlar e guardar cuidadosamente as virtudes que receberam no batismo, para que não se contaminem. Este mau sacerdote corrompe muitos com o seu mau

exemplo. Daí Gregório: “Quantos maus exemplos dão aos seus súditos, quantas almas perdem.” Um mau cristão leva muitos ao inferno por meio de palavras e ações. Se você for assim, faça como aquele paroquiano fez. Caminhe pelos campos, isto é, pelos reino, até chegar a quem sua alma ama, ou seja, o velho. O velho é Cristo, que encontrareis através das obras de misericórdia. Mas primeiro você deve beber do riacho, embora não possa saciar sua sede. Esta fonte da qual bebemos é o batismo, que apenas saciou a sede do pecado original, mas se você cair novamente no pecado, não poderá ser saciado por ele até que prossiga para aquela fonte. Esta fonte é nosso Senhor Jesus Cristo, como ele diz de si mesmo: “Eu sou a fonte da água que jorra para a vida eterna. Trabalho segundo as correntezas dessa fonte”, isto é, as palavras das sagradas escrituras,. Elas procedem da boca de um cão imundo, isto é, de um pregador pecador.

CAP. 13: De amore inordinato.

Quidam imperator erat, qui pulchram uxorem habebat, quam miro modo dilexit. Ipsa primo anno concepit et peperit filium, quem mater multum delexit, intantum quod singulis noctibus in uno lecto jacebat cum eo. Cum autem in etate tres annos complevisset, mortuus est rex. De cujus morte factus est dolor magnus. Regina multis diebus mortem ejus planxit. Cum autem sepulture traditus fuisset, regina per se in castro quodam vixit, habens secum filium suum, di- lexitque in tantum puerum, quod ejus presencia carere non posset. Ambo simul continue jacebant, donec puer xvIII annos in etate complevisset. Vidensque diabolus amorem tantum inter matrem et puerum ejus eos ad opus nepharium sollicitavit intantum quod filius matrem cognovit. Regina vero statim concepit. Cum autem impregnata esset, filias totum regnum pre dolore dimisit et ad partes longinquas accessit. Mater vero cum tempus pariendi adesset, filtum pulcherrimum peperit, vidensque parvulum natum, statim illum jugulavit, scindens guttur ejus per medium. Sanguis vero gatturis ipsius parvuli in palmam sinistre manus regine cecidit, et facti sunt quatuor circuli rotandi in hac forma 0000. Regina nulla arte potuit circulos evellere de manu, et propter hoc intantum verecundabatur, quod semper habuit in illa manu cirothecam, ne circuli sanguinei viderentur. Regina ista beate virgini erat satis devota, et tamen tantum verecundabatur, quod ex proprio filio conceperat et filium proprium occiderat, quod nullo modo de hoc confiteri volebat, et tamen omni quindena de ceteris peccatis erat confessa. Regina ista largas elemosynas pro amore beate virginis Marie distribuit, et ab omnibus erat dilecta, quia omnibus graciosa. Accidit una nocte, quod ejus confessor coram lecto muo flexis genubus quinquies Ave Maria dicebat, et apparuit ei beata virgo et ait: Ego sum virgo Maria. Habeo tibi aliqua secreta dicere. Confessor gavisus valde est et ait: O domina carissima, dic servo tes, que tibi placent. Que ait: Regina istius regni tibi confitetur; tamen unum peccatum commisit, quod tibi non audet pandere pre nimia verecundia. Die vero crastina veniet ad te causa confessionis. Dic ei ex parte mei, quod elemosyne sue et oraciones sunt in conspecta filii mei presentate et accepte. Precipio ei, quod de illo peccato confiteatur, quod private in camera sua commisit, quia filium unicam occidit. Rogavi pro ea et remissum est ei peccatum, si confiteri voluerit. Si vero dictis tuis noluerit acquiescere, roga eam, ut cirothecam de manu sinistra deponat, et in palma ejus peccatum commissum non confessum videbis. Et si hoc noluerit, cirothecam extrahe vi. Hiis dictis beata virgo evanuit. Mane vero regina satis humiliter confitebatur de omnibus peccatis excepto illo peccato. Cum autem omnia dixisset, que ei placuerunt, ait confessor: Domina carissima, multi multa loquuntur, quare semper in manu sinistra uteris

cirotheca. Audacter michi manum ostende, si potero videre, si lateat aliquid, quod deo non placeat. At illa: Domine, manus mea non est sana et ideo eam vobis ostendere nolo. Ille hec audiens per brachium eam accepit et contra ejus voluntatem eirothecam extraxit et ait: Domina, noli timere! Beata virgo, que te intime diligit, michi precepit hoc agere. Cum vero manum apertam vidisset, vidit quatuor circulos sanguineos ac rotundos. In primo circulo erant quatuor CCCC, in se cundo quatuor DDDD, in tercio quatuor M M M M, in quarto quatuor RRRR. In circuitu circulorum ad modum sigilli erat talis su- perscripcio rubea, continens que hic sequuntur. Casu Cecidisti Carne Cecata; Demoni Dedisti Dona Donata; Monstrat Manifeste Manus Maculata; Recedit Rubigo Regina Rogata. Domina regina, cum hoc vidisset, ad pedes confessoris cecidit et cum lacrimis humiliter confitebatur de illo peccato commisso. Accepta absolucione et penitentia completa post paucos dies obdormivit in domino. De cujus morte factus est planctus magnus in civitate.

Applicacio. Carissimi, imperator iste est Ihesus Christus, qui desponsavit filiam pulchram scilicet naturam humanam, quando carnem nostram assumpsit. Sed prius eam sibi in amasiam accepit quando pater filio et spiritui sancto loquebatur dicens: Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram. Sed hea proh dolor! Postquam dominus noster Ihesus Christus genuit in nobis pulcherrimum filium id est animam ab omni contagione mundatam per suam passionem et virtutem baptismi, anima in nobis per peccatum est occisa quantum ad vitam eternam. Sed die michi quomodo! Ecce viam vobis ostendo. Homo habet proprium filium secum, et cum eo jacet in deliciis id est in carnali concupiscencia, intantum quod te sciente et consenciente proprium filium tuum id est animam sive racionem, per quam deberes sensus tuos dirigere suppeditatur per carnales concupiscencias. Sed sanguis i. e. peccatum semper in manu tua remanet, juxta illud: Anima mea in manibus meis semper. Hoc est dictum: Si bene vel male fecerimus, ita manifeste sicut in manu coram judice supremo ostendetur.

CAP. 13: Do amor desordenado

Havia um certo imperador que tinha uma linda esposa, a quem amava de uma forma extremosa. No primeiro ano concebeu e deu à luz um filho, a quem a mãe amava muito, tanto que dormia com ele todas as noites na mesma cama. Quando ele tinha três anos, o rei morreu, acerca de cuja morte houve grande tristeza. A rainha lamentou sua morte por muitos dias, e quando ele foi entregue ao túmulo, ela viveu sozinha no castelo, tendo o filho consigo, e amava tanto o menino que não podia prescindir da sua presença. Os dois continuaram dormindo juntos até o menino completar 18 anos. O diabo, vendo amor tão grande entre mãe e filho, ele os incitou a uma obra nefasta, a ponto de o filho conhecer a mãe. A rainha, de imediato, engravidou. Quando ficou grávida, ela deixou todo o reino, sofrida, e foi para partes distantes. A mãe, quando chegou o tempo de dar à luz, deu à luz um lindo filhinho e, ao ver o pequeno recém- nascido, imediatamente o estrangulou, cortando sua garganta ao meio. O sangue do pequeno caíra na palma da mão esquerda da rainha, e formaram-se quatro círculos giratórios desta forma: OOOO. A rainha não conseguiu tirar os círculos da mão, e por isso se envergonhava tanto, que sempre tinha na mão uma luva, para que os círculos sanguíneos não fossem vistos. Essa rainha era bastante devota da bem-aventurada virgem, mas se envergonhava tanto de ter concebido seu próprio filho e o matado, que não queria confessar de maneira alguma, e ainda assim, confessava todos os outros pecados a cada quinzena. Essa rainha distribuiu generosas esmolas por amor à bem-aventurada virgem Maria, e era querida por todos, porque era gentil para com todos. Aconteceu que uma noite, seu confessor, ajoelhado à beira de sua cama, dizia cinco Ave Marias, e a bem-aventurada virgem lhe apareceu, dizendo: Eu sou a Virgem Maria. Tenho alguns segredos para te contar. O confessor ficou muito alegre e disse: Ó senhora queridíssima, diga ao seu servo o que lhe agrada. Ela disse: A rainha deste reino se confessa a ti; no entanto, cometeu um pecado que não se atreve a revelar devido à excessiva vergonha. Porém, no dia seguinte, virá até você por causa da confissão. Diga-lhe em meu nome, que suas esmolas e orações foram apresentadas e aceitas na presença do meu Filho. Ordeno-lhe que confesse aquele pecado que cometeu em particular em seu quarto, pois matou seu filho. Eu roguei por ela e seu pecado foi perdoado, se ela quiser confessar. Se, no entanto, não quiser acatar suas palavras, peça-lhe que tire a luva da mão esquerda, e verá na palma dela o pecado cometido que não foi confessado. E se ela não quiser fazer isso, tire a luva à força. Com estas palavras a Santíssima Virgem desapareceu. Pela manhã, porém, a rainha confessou humildemente todos os seus pecados, exceto aquele. Depois de ter dito tudo o que lhe agradava,

o confessor disse: Querida senhora, muitas pessoas falam muito, por que você sempre usa luva na mão esquerda? Mostra-me com ousadia a tua mão, para que eu veja se há alguma coisa escondida que não agrada a Deus. Mas ela disse: Senhor, minha mão não está sã e por isso não quero te mostrar. Ao ouvir isso, pegou-a pelo braço e, contra a vontade dela, tirou a luva e disse: Senhora, não tenha medo! A virgem abençoada, que te ama intimamente, me ordenou que fizesse isso. Quando, de fato, viu a mão aberta, viu quatro círculos sangrentos e redondos. No primeiro círculo havia quatro CCCC, no segundo quatro DDDD, no terceiro quatro MMMM, no quarto quatro RRRR. Ao redor dos círculos, como um selo, havia uma inscrição vermelha, contendo o seguinte: Caíste Cegamente na Curiosidade da Carne; Deste aos Demônios os Dons Doados; Mostra a Mácula Manifestada na Mão; A Rainha Rogada Retira está Rota. A rainha, ao ver isso, caiu aos pés do confessor e humildemente confessou, com lágrimas, aquele pecado cometido. Recebida a absolvição e, após completar a penitência, após poucos dias, adormeceu no Senhor. Da sua morte, houve um grande lamento na cidade.

Aplicação: Caríssimos, este imperador é Jesus Cristo, que desposou uma linda filha, isto é, a natureza humana, quando assumiu a nossa carne. Mas primeiro ele a acolheu no seu amor, quando o pai falou ao filho e ao espírito santo, dizendo: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Mas eis que, infelizmente, depois que nosso Senhor Jesus Cristo gerou em nós um filho belíssimo, isto é, uma alma purificada de toda contaminação por sua paixão e pelo poder do batismo, a alma em nós foi morta pelo pecado no que diz respeito à vida eterna. Mas eis que te mostro o caminho. Uma pessoa tem consigo seu próprio filho e se deita com ele nos prazeres, isto é, na concupiscência carnal, na medida em que conhecer e consentir com você, seu próprio filho, isto é, a alma ou razão, pela qual você deve dirigir seus sentidos, é suprido pela concupiscência carnal. Mas o sangue e o pecado sempre permanecem em suas mãos, ao lado dele: Minha alma está sempre em minhas mãos. Isto é o que foi dito: se fizemos bem ou mal, isso será mostrado tão claramente, como se cravado na mão, perante o juiz supremo.

CAP. 14: De honorandis parentibus.

Dorotheus regnavit et statuit pro lege, quod filii parentes suos alerent et sustentarent. Erat in imperio tunc temporis quidam miles, qui uxorem pulchram et honestam acceperat et ex ea filium genuit. Profectus est miles ad peregrinandum, et in via est captus et fortiter ligatus.

Statim scripsit uxori sue et filio pro redempcione sua. Uxor hec audiens contristata est valde. Flevit amare intantum quod ceca facta est. Ait filius matri: Volo ire ad patrem meum, ut eum redimam a vinculis. Respondit mater: Non ibis, quia tu es unicns filius meus et gaudium et dimidium anime mea, et posset tibi contingere sicut et sibi. Malles tu patrem abeuntem redimere quam matrem presentem alere? Quociens ita est, quod aliquid est equale duobus, tanc ei, qui est presens, magis est adherendum. Tu es filius meus et patris tui. Ego vero sum presens et pater tuus absens. Concludo ergo, quod nullo modo debes recedere a me et visitare patrem tuum. Filius respondit et multum bene: Licet sum filius vester, tamen pater meus est causa principalis generacionis mee; ille agens, tu paciens; pater profectus est peregre, tu domi sedes; ille vero captus et fortiter vinculatus est, tu vero libera; ille in manibus inimicorum, tu inter amicos; ille inclusus, tu soluta; tu vero es ceca, tamen ille lucem non videt, sed cathenas, vulnera et miserias, et ideo ad eum pergere volo et ipsum redimere. Et sic factum est, unde omnes filium laudabant, quia sic pro redempcione patris laboravit.

[Moralizacio.] Carissimi, imperator iste est pater celestis, qui statuit pro lege, quod filii parentes sustentent in omnibus et eis obediant. Sed quis est pater noster et mater? Certe pater noster Christus est. Deater. xxxii: Numquid non iste est pater tuus? Ipse habet ad nos affectum paternum, non maternum. Scitis, quod quando puer transgreditur, pater dure eum corrigit, verberat et flagellat, sed mater leniter dulciter et suaviter tractat. Christus autem permittit nos flagellari et perangustiari propter defectus nostros, tamquam pater noster spiritualis, sed mater nostra est mundus iste, qui dulcia nobis promittit et delectabilia. Sed pater noster peregre profectus est, unde Psalmista: Extraneus factus sum fratribus meis. Adhuc Christus ligatur flagellatur, non in se, sed in suis membris secundum apostolum ad Hebreos: Quicunque est in peccato mortali, ipse jacet in carcere diaboli, sed pater noster vult, ut laboremus pro redempcione. Unde Luce xii: Sinite, inquit dominus, sepelire mortuos suos! Ta autem vade et annuncia regnum dei et hoc est Christum redimere. Quicumque enim fructuose verbum dei predicat, lucratur fratrem suum et redimit in fratre Christum. Matth. xxI: Quod uni ex minimis meis fecistis, michi fecistis. Sed mater i. e. mundus non permittit hominem sequi Christum in paupertate, sed promittit diversa et allegat: Non possum vivere in abstinencia, si eligas viam

penitencie, ut sequaris Christum. Et sic de multis, que homini proponit. Sed non consencias ei! Vere mater ista ceca est. Ipsa dicet tibi: Veni, inquit, ego sum presens. Fruamur bonis que sunt, et utamur creatura tamquam in juventute celeriter. Sed carissime, si tu es bonus et gratus filius, responde sic matri i. e. mundo: Pater meus est causa principalis generacionis mee i. e. anima et omnia que habeo ad ejus voluntatem sunt; sed mater est causa secundaria i. e. paciens hoc est divicie et superbia hujus mundi. Consulo, ut non exspectetis senectutem in penam et cecitatem, quia in senectute mundus relinquet te, tu non mundum. Si diacius possis servire sibi, ipse to retineret. Studeamus ergo cum omni diligencia vitam nostram emendare, quod poterimus ad vitam eternam pervenire. Ad quam nos perducat deus, qui vivit et regnat benedictus in secula. Amen.

CAP. 14: De como honrar os pais

Doroteu reinava e instituiu uma lei segundo a qual os filhos devessem cuidar e sustentar seus pais. Naquele tempo, havia no império um soldado que tinha uma esposa bela e honesta, e com ela gerou um filho. O soldado foi ordenado a ir para o estrangeiro, e, no caminho, foi capturado e amarrado com força. Ele imediatamente escreveu à sua esposa e ao seu filho pedindo por seu resgate. Quando soube disso, a esposa entristeceu-se tanto que, por amor, chorou até ficar cega. O filho disse à mãe: "Quero ir até meu pai, para resgatá-lo das amarras." A mãe respondeu: "Você não irá, pois é o meu único filho, minha felicidade, a metade da minha alma, e pode ser que você seja preso assim como seu pai. Você preferiria resgatar um pai ausente a cuidar de uma mãe presente?" É comum que mais valha um pássaro na mão do que dois voando. Você é filho meu e de seu pai. Eu estou presente, e seu pai está ausente. Concluo, então, que você não deve, de forma alguma, sair de perto de mim e encontrar o seu pai." O filho respondeu, e muito bem: "É verdade que sou filho de vocês, mas o meu pai é a causa principai da minha geração; ele está agindo, você está sofrendo; o meu pai foi ordenado a ir para o estrangeiro, você permanece em casa; ele foi capturado e amarrado com força, você está livre; ele está nas mãos do inimigo, você está entre amigos; ele está preso, você está solta; você está cega, ele não vê a luz, só correntes, feridas e misérias, e por isso eu quero avançar e resgatá-lo." E assim foi feito. Todos elogiavam o filho por se envolver dessa forma pelo resgate do pai.

[Moralização] Caríssimos, este imperador é o Pai celestial. Ele instituiu a lei que os filhos sustentassem os seus pais e obedecessem a eles. Mas quem é o nosso pai e a nossa mãe? Certamente, o nosso pai é Cristo. Deuteronômio xxxii: "Não é este o teu pai?" Ele tem por nós um afeto paterno, não materno. Você sabe que quando uma criança transgrede, o pai a corrige duramente, briga e bate, mas a mãe a trata gentilmente, com doçura e suavidade. Mas Cristo permite que nos batam e nos aflijam por nossos defeitos, como é nosso pai espiritual, e este mundo é a nossa mãe, que nos promete coisas doces e agradáveis. Mas nosso pai é mandado para o estrangeiro, como no Salmista: "Tornei-me um estranho para meus irmãos." Vem Cristo amarrado e ferido, não a si mesmo, mas a seus membros, segundo o apóstolo em Hebreus: "Aquele que está em pecado mortal, está lançado ao cárcere do diabo, mas nosso Pai quer que trabalhemos pelo resgate." Como em Lucas xii: "Deixe-os enterrar seus mortos! Disse o Senhor. Mas vá e proclama o reino de Deus, para resgatar Cristo. Aquele que prolifera a palavra de Deus, vencerá o seu irmão e, nele, redimirá Cristo." Matheus xxi: "O que fizeste com um de meus menores, fizeste a mim." Mas a mãe, isto é, o mundo, não permite que o homem siga

Cristo nas mazelas, e sim promete outras coisas, alegando: Não posso viver em abstinência, se você escolher o caminho da penitência para seguir Cristo. E assim acontece com muitas coisas que ele propõe ao homem. Mas não concorde com ele! Realmente, esta mãe é cega. Ela diz a você: “Eu vim, eu estou presente. Aproveitemos as coisas boas que existem, e usufruamos da criatura rapidamente, como na juventude.” Mas, caríssimo, se você é um filho bom e grato, responda à sua mãe, isto é, ao mundo, o seguinte: “Meu pai é a causa principal da minha geração, isto é, a alma e tudo o que eu tenho está a serviço de sua vontade.” Mas a mãe é uma causa secundária, isto é, sofredora, isto é, a riqueza e a soberba deste mundo. Conselho que você não espere a velhice com sofrimento e cegueira, pois na velhice o mundo é que te abandona, não você ao mundo. Se você pode servi-lo com mais frequência, ele o prenderá. Procuremos, portanto, com toda diligência, emendar a nossa vida, para que possamos alcançar a vida eterna. A ela conduza-nos Deus, que vive e reina abençoado por séculos e séculos. Amém.

CAP. 15: De vita sancti Allexii filii Euphemiani imperatoris.

Quidam imperator erat, in cujus imperio scil. in civitate romana fuit quidam juvenis nomine Alexius, filius Eufemiani nobilissimi Romani et in aula imperatoris primus. Cui multi pueri et servi assistebant qui zonis aureis cingebantur et vestimentis sericis indue- bantur. Erat autem predictus Eufemianus valde misericors et singulis diebus in domo sua tres mense pauperibus orphanis peregrinis et viduis parabantur, quibus strenue serviebat, et hora nona ipse cum viris religiosis cibum in timore domini capiebat. Cui uxor nomine Agaelis ejusdem religionis et propositi erat. Cum autem filium non haberent, ad preces tamen suas dominus contulit eis filium. Post quem ipsi deinceps in castitate vivere firmaverunt. Traditur igitur puer liberalibus disciplinis imbuendus, et cum omnibus philosophie artibus ipse floreret, et jam ad puberem etatem veniens, puella sibi de domo imperiali eligitur et in conjugem copulatur. Venit nox, in qua cum sponsa suscepit secreta silencia. Tunc sanctus juvenis spon- sam suam cepit in dei timore instruere et ipsam ad virginitatis provocare pudorem. Deinde annulum suum aureum et caput baltei, quo cingebatur, sibi servandum tradidit dicens: Suscipe hec et serva do- nec deo placuerit, et dominus sit inter nos! Post hec de substancia sua accipiens ad mare discessit, ascendensque occulte navim Laodiciam usque advenit. Inde pergens in Edissam civitatem Syrie pro- fectus est, ubi imago domini nostri Ihesu Christi sine humano opere facta in syndone habebatur. Quo perveniens omnia, que secum de- tulerat, pauperibus distribuit, et vestimenta vilia induens cum ceteris pauperibus in atrio dei genetricis Marie sedere cepit, et de elemo- synis quantum sibi sufficere poterat sibi retinebat, cetera vero aliis pauperibus erogabat. At pater decessum filii ingemiscens per universas mundi partes pueros suos misit, qui eum inquirerent diligenter. Quorum dum aliqui ad civitatem Edissam pervenissent, ab eo cogniti minime eum cognoscentes eidem cum ceteris pauperibus elemosynas tribuerunt, quas ille accipiens deo gracias egit dicens: Gracias tibi ago, domine, quia a servis meis elemosynam recipere me fecisti. Reversi pueri nunciant, quod nusquam reperiri valeat. Mater igitur sua a die recessus sui saccum in pavimento cubilis stravit, ubi ejulans lamentabiles voces dabat dicens: Hic semper in luctu manebo, donec filium meum recuperavero. Sponsa vero ad socrum suam dixit: Donec andiam de sponso meo dulcissimo, ad instar turturis manebo tecum. Cum ergo Alexias in predicto atrio XVII annis in servicio dei permansisset, imago tandem beate virginis, que ibidem erat, cu- stodi ecclesie dixit: Fac.introire hominem dei, quia dignus est regno celorum, et spiritus dei requiescit super eum; nam oracio ejus sicut incensum in conspectu dei ascendit. Cum autem custos de quo di- ceret ignoraret, iterum dixit ei: Ille qui

sedet foris in atrio ipse est. Tunc custos festinus exiit et ipsum in ecclesiam duxit. Quod factum cum cunctis innotesceret, et ab omnibus venerari cepisset, humanam gloriam fugiens inde recessit, ibique navim ascendens, cum in Tharsim Cicilie vellet pergere, dispensante deo navis a ventis pulsa in romanum portum devenit. Quod cernens Alexius ait inter se: In domo patris mei ignotus manebo, nec alteri onerosus ero. Patrem vero a palacio redeuntem multitudine obsequencium circumdatum ob- vium habuit ac post eum clamare cepit: Serve dei, me peregrinum 15 in domo tua suscipi jubeas et de micis mense tue nutriri facias, ut tui quoque peregrini dominus dignetur misereri. Quod audiens pater ob amorem filii sui eum suscipi jussit et locum proprium in domo sua tribuit et cibum de mensa sua sibi constituit et ministrum proprium delegavit. Ipse autem in oracionibus perseverabat et corpus suum jejuniis macerabat. Famuli autem domus ipsum deridentes aquam utensilium domus super caput ejus frequenter fundebant, sed ipse ad omnia valde paciens erat. Alexius XVII annis in domo patris ignotus manebat. Videns ergo per spiritum, quod terminus vite sue appropinquaret, cartam cum atramento peciit et totum ordinem vite sue ibidem scripsit. Dominica igitur post missarum solempnia in sanctuario de celo [vox] intonuit dicens: Venite ad me omnes, qui laboratis et onerati estis etc. Quod audientes omnes in facies suas ceciderunt. Et ecce vox secundo venit dicens: Querite hominem dei, ut oret pro Roma! Querentibus illis et minime invenientibus iterum dictum est: In domo Eufemiani querite! Requisitus ille nichil se scire dicebat. Tune imperatores Arcadius et Honorius una cum summo pontifice Innocencio ad domum predicti viri venerunt et ecce vox mi- nistri Alexii ad dominum suam venit dicens: Vide, domine, ne ille peregrinus noster sit, qui magne vite et paciencie homo est. Currens igitur Eufemianus eum defunctum invenit et vultum ejus tamquam valtam angeli rutilantem vidit, voluitque cartam, quam in manu ba- bebat, accipere, sed nequivit. Exeunte ergo eo cum hoc imperatoribus et pontifici retulisset, et illi ad eam intrassent, dixerunt: Quamvis peccatores sumus, gerimus tamen regni gubernacula et curam universalem regiminis pastoralis. Da ergo nobis cartam, ut sciames que in ea scripta sunt. Et accedens pontifex cartam in manu sumpsit et statim dimisit, fecitque eam legi coram omni populo et multitudine et patre ejus. Eufemianus hoc audiens nimio timore conturbatus obstupuit et factus exanimis resolutisque viribus in terram cecidit. Cum vero ad se aliquantulum redisset, vestimenta sua scidit, cepitque canos capitis sui evellere, barbam trahere atque semetipsum discerpere, ac super filium suum corruens exclamavit: Heu me, fili mi, quare sic me contristasti et per tot annos dolores et gemitus ac suspiria incurristi? Heu me miserrimum, quia video te custodem senectutis mee in grabato jacentem et non michi

loquentem! Heu me, qualem de cetero consolacionem habere potero? Mater vero hoc audiens quasi laena rumpens rete, ita scissis vestimentis, coma dissoluta ad celom oculos levabat et cum pre nimia multitudine ad sanctum corpus adire non posset, clamavit dicens: Date michi aditum, ut videam consolacionem anime mea, que suxit ubera mea. Et cum pervenisset ad cor- pus, incumbens super illud clamabat: Heu me, fili mi carissime, lamen oculorum meorum, quare sic nobis fecisti? Quare tam crudeliter nobiscum egisti? Videbas patrem tuum et me miseram lacrimantes et non ostendebas teipsum nobis. Servi tai injuriabantur tibi et sustinebas. Et iterum atque iterum prosternebat se super corpus et nune brachia super illud extendebat, nunc autem manibus vultum angelicum contrectabat et osculans clamabat: Plorate mecum omnes, qui adestis, quia per XVII annos eum in domo mea habui et non cognovi, qui unicus meus esset. Servi enim ejus conviciabantur ei et alapis eum percuciebant. Heu me, quis dabit oculis meis fontem lacrimarum, ut plangam die ac nocte dolorem anime mee? Sponsa vero ejus induta veste adriatica cucurrit plorans et dicens: Heu me, quia hodie desolata sum et appareo vidua! Jam non habeo, in quem perspiciam, nec in quem oculos levem. Nunc raptum est speculum meum, periit spes mea. Ammodo incepit dolor, qui finem non habet. Populus autem audiens hec lacrimabiliter flebat. Tunc pontifex cam imperatoribus posuerunt corpus in honorato feretro et duxerunt in civitatem mediam, et nunciatum est populo, inventum esse hominem dei, quem civitas tota querebat et omnes obviam currebant sancto. Si quis autem infirmus illud corpus sacratissimum tangebat, protinus curabatur, ceci visum recipiebant, demoniaci liberabantur et omnes infirmi a quacumque infirmitate detenti tacto corpore curabantur. Imperatores tanta miracula videntes ceperunt per se cum pontifice lectum portare ut et ipsi sanctificarentur ab eodem corpore sancto. Tunc imperatores jusserunt copiam auri et argenti in plateis spargi, ut turbe occuparentur amore pecuniarum et sinerent corpus sanctum perduci ad ecclesiam, sed plebs amore pecuniarum deposito magis ac magis ad tactum sanctissimi corporis irruebat, et sic cum magno labore ad templum sancti Bonifacii martyris tandem ipsum perduxerunt, et illic per septem dies in laudibus dei persistentes operati sunt monu- mentum ex auro et gemmis preciosisque lapidibus, in quo sanctissimum corpus cum magna veneracione collocaverunt. De ipso quoque monumento ita suavissimus odor flagravit, ut omnibus videretur aromatibus plenum. Obiit circa annum domini tricentesimum vicesimum septimum.

CAP. 15: Sobre a vida de Santo Aleixo, filho de Eufêmio, o imperador.

Havia um certo imperador, sob cujo comando, em uma cidade romana, havia um certo jovem chamado Aleixo, filho de Eufêmio, o mais nobre dos romanos e o primeiro na corte do imperador. Ele foi auxiliado por muitos meninos e servos, cingidos com cintos de ouro e vestidos com roupas de seda. O referido Eufêmio era muito misericordioso, e todos os dias em sua casa eram preparadas três mesas para os pobres, órfãos, estrangeiros e viúvas, a quem ele servia diligentemente, e às nove horas ele próprio comia com os religiosos no temor do Senhor. Sua esposa, chamada Agael, compartilhava da mesma religião e propósito. Mas como eles não tivessem nenhum filho, o Senhor lhes trouxe um filho em resposta às suas orações. Depois disso, eles próprios continuaram a viver em castidade. Diz-se, então, que o menino foi destinado a ser ensinado nas disciplinas liberais, e enquanto florescia em todas as artes da filosofia, já chegando à idade pubescente, uma jovem da casa imperial foi escolhida para ele e foi dada em casamento. Veio a noite, na qual, com a noiva, recebeu os segredos silenciosos. Então o santo jovem começou a instruir sua noiva no temor a Deus e a chamar para o pudor da virgindade. Em seguida, ele entregou seu anel de ouro e a corrente que usava, para que fossem guardados, dizendo: Receba isto e guarde até que agrade a Deus, e que o Senhor esteja entre nós! Depois disso, levando seus bens, partiu para o mar, entrou secretamente num navio e chegou até Laodicéia. Dali seguiu para a cidade de Edessa, na Síria, onde a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, feita sem trabalho humano, foi guardada numa mortalha. Chegando lá, distribuiu aos pobres tudo o que trouxera consigo e, vestindo roupas baratas, começou a sentar- se com os outros pobres no pátio de Maria, a mãe de Deus, e da esmola guardava para si o quanto lhe bastava, mas o resto dava a outros pobres. Mas o pai, lamentando o desaparecimento do filho, enviou seus filhos a todas as partes do mundo para procurá-lo diligentemente. Embora alguns deles tivessem chegado à cidade de Edissa, aqueles que não o haviam reconhecido, deram-lhe esmolas como ao resto dos pobres. Sua mãe, portanto, desde o dia de sua partida, estendeu o saco no chão da cama, onde chorou e proferiu vozes queixosas, dizendo: Aqui ficarei sempre de luto, até recuperar meu filho. E a noiva disse à sogra: Até ouvir falar do meu querido noivo, ficarei contigo como uma tartaruga. Quando, portanto, Aleixo permaneceu na referida corte por dezessete anos a serviço de Deus, finalmente a imagem da virgem abençoada, que ali estava, disse ao guardião da igreja: Deixe o homem de Deus entrar, porque ele é digno do reino dos céus, e o espírito de Deus repousa sobre ele; pois em sua oração ele subiu como incenso na presença de Deus. Mas como o guardião não sabia de quem estava falando, disse-lhe novamente: Aquele

que está sentado fora do pátio é ele próprio. Então o guarda saiu apressado e o conduziu para dentro da igreja. Sendo este fato conhecido e venerado por todos, ele retirou-se dali, fugindo da glória humana, e ali embarcou em um navio, quando estava prestes a seguir para Tharsim na Cicília, tendo ministrado ao deus, o navio, fustigado pelos ventos, chegou ao porto romano. Ao ver isso, Aleixo disse a si mesmo: permanecerei desconhecido na casa de meu pai e não serei um fardo para ninguém. Mas ele encontrou seu pai, voltando do palácio, cercado por uma multidão de seguidores, e começou a gritar atrás dele: Servo de Deus, ordena-me que receba um estranho em tua casa, e faze-me nutrir-se da comidas, para que teu senhor também se digne a ter misericórdia do estranho. Quando o pai ouviu isso, por amor ao filho, ordenou que ele fosse recebido, deu-lhe o seu devido lugar em sua casa, colocou-lhe comida na sua mesa, e delegou o seu próprio ministro. Mas ele mesmo perseverou na oração e molhou o corpo com jejum. Os empregados da casa, zombando dele, derramavam frequentemente sobre sua cabeça a água dos utensílios domésticos, mas ele era muito paciente com tudo. Aleixo permaneceu desconhecido na casa de seu pai por 17 anos. Vendo, portanto, pelo espírito que o limite de sua vida se aproximava, ele bateu no papel com tinta e escreveu ali toda a ordem de sua vida. Então, no domingo, após a celebração da missa no santuário, [uma voz] trovejou do céu, dizendo: Vinde a mim, todos vocês que trabalham e estão sobrecarregados, *etc*. Todos os que ouviram isso caíram de cara no chão. E eis que uma voz veio pela segunda vez dizendo: Peça a um homem de Deus que ore por Roma! Aos que reclamaram e não encontraram nada, foi dito novamente: Procure na casa de Eufêmio! Quando questionado, ele disse que não sabia de nada. Então os imperadores Arcádio e Honório, juntamente com o sumo pontífice Inocêncio, chegaram à casa do referido homem, e eis que a voz do ministro Aleixo chegou ao seu mestre, dizendo: Veja, senhor, que ele não é nosso estranho, que é um homem de muita vida e paciência. Eufêmio então correu e o encontrou morto, e viu seu rosto brilhando como o rosto de um anjo, e quis pegar o papel que segurava na mão, mas não conseguiu. Quando ele saiu e relatou isso aos imperadores e ao papa, e eles entraram no assunto, disseram: Embora sejamos pecadores, ainda carregamos os elmos do reino e o cuidado universal do governo pastoral. Dê-nos, portanto, o papel, para que possamos saber o que nele está escrito. E aproximando-se o pontífice, pegou a carta na mão e imediatamente a soltou, e a fez ler diante de todo o povo e da multidão e de seu pai. Eufêmio, ouvindo isso, ficou surpreso e perturbado com grande medo, e ficou sem vida, caiu no chão com suas forças exauridas. Mas quando voltou a si um pouco, rasgou as roupas e começou a arrancar os cabelos grisalhos da cabeça, a puxar a barba e a se rasgar e, caindo sobre o filho, gritou: Ai,

meu filho, por que você me entristeceu tanto e por tantos anos causou dores, gemidos e suspiros? Infelizmente, estou com muita pena, porque vejo você, o guardião da minha velhice, deitado no tapete e sem falar comigo! Infelizmente, que conforto posso ter do resto? Mas a mãe, ao ouvir isso, como se rompesse uma rede, com as roupas rasgadas, os cabelos soltos, ergueu os olhos para o céu, e não conseguindo aproximar-se do corpo santo com tão grande multidão, gritou, dizendo: Dá-me acesso, para que eu veja o consolo da minha alma, que os meus seios sugam. E quando chegou ao corpo, inclinou-se sobre ele e gritou: Ai de mim, meu querido filho, menino dos meus olhos, por que você fez isso conosco? Por que você nos tratou tão cruelmente? Você viu seu pobre pai e eu chorando, e não se mostrou para nós. Seus servos estavam insultando você e você os apoiou. E repetidas vezes ela se prostrou sobre o corpo e estendeu os braços sobre ele, mas agora cobriu o rosto angelical com as mãos e, beijando-o, gritou: Chorem comigo, todos que estão presentes, pois há 17 anos o tive em minha casa e não sabia quem era meu filho. Pois os seus servos o repreendiam e batiam nele com bofetadas. Ai de mim, quem dará aos meus olhos uma fonte de lágrimas, para que eu chore dia e noite pela dor da minha alma? A sua noiva, vestida com um vestido adriático, correu chorando e dizendo: Ai de mim, porque hoje estou desolada e pareço viúva! Não tenho mais ninguém para quem olhar, nem para quem levantar os olhos. Agora meu espelho foi roubado, minha esperança está perdida. Começou uma dor que não tem fim. Mas as pessoas que ouviram isso choraram amargamente. Então o pontífice e os imperadores colocaram o corpo em um caixão de honra e o conduziram para o meio da cidade, e foi anunciado ao povo que havia sido encontrado um homem de Deus, de quem toda a cidade reclamava, e todos correram ao encontro do santo. E se algum enfermo tocasse naquele corpo santíssimo, era imediatamente curado, os cegos recuperavam a visão, os endemoninhados eram libertados e todos os enfermos eram curados ao tocar o corpo. Os imperadores, vendo tais milagres, encarregaram-se de carregar a cama com o pontífice, para que eles próprios fossem santificados pelo mesmo corpo santo. Então os imperadores ordenaram que uma abundância de ouro e prata fosse espalhada pelas ruas, para que a multidão se ocupasse do amor ao dinheiro e permitisse que o corpo santo fosse trazido para a igreja, mas o povo, com o amor ao dinheiro depositado, correu cada vez mais para tocar o corpo santíssimo, e assim com muito trabalho finalmente o trouxeram ao templo de São Bonifácio, o mártir, e lá por sete dias persistentes nos louvores a Deus eles fabricaram um monumento de ouro e pedras, comuns e preciosas, nos quais colocaram o corpo com grande veneração. Do próprio monumento exalava uma fragrância tão doce que parecia a todos cheio de aromas. Ele morreu por volta do ano do Senhor, trezentos e

vinte e sete.

CAP. 16: De vita exemplari.

Legitur de quodam imperatore romano construente sibi basilicam optimam et fodiens in fundamento palacii, invenit sarcophagum aureum tribus circulis circumdatum et super sarcophagum talis erat superscripcio: Expendi, donavi, servavi, habui, habeo, perdidi, punior; primo quod expendi habui, quod donavi habeo. Imperator cum hoc audisset, satrapas imperií vocavit et ait: Ite et inter vos consulite, quid ista superscripcio significet. At illi: Domine, nichil aliud est superscripcio nisi istud: Erat unus imperator ante te, qui aliis exemplum dare volebat, ut ejus vitam sequerentur. Expendi vitam meam recte judicando, alios regulando, me ipsum secundum racionem domando. Donavi militibus necessaria, pauperibus victualia et unicuique et michi ipsi secundum merita. Servavi in omnibus justiciam, indigentibus misericordiam, operantibus mercedem condignam. Habui cor largum et stabile et unicuique michi servienti divicias dare in necessitate et graciam omnibus omni tempore. Habeo manum ad donandum, manum ad protegendum et manum ad puniendum. Perdidi stulticiam, perdidi inimicorum amiciciam et perdidi carnis lasciviam. Punior jam in inferno, quia non credidi uni deo eterno. Punior heu, quia non est redempcio. Imperator cum hec audisset et quamdiu vixit magis prudenter seipsum et alios regulabat et sic in pace vitam finivit.

[Moralisacio.] Carissimi, imperator iste potest dici quilibet christianus, qui debet et tenetur construere basilicam i. e. cor suum deo paratum, ut ejus voluntatem per omnia faciat, et effodere cor saum per viam contricionis, et sic poterit sarcophagum aureum invenire i. e. animam deauratam virtutibus plenam mediante divina gracia cum tribus circulis aureis scil. fide spe et caritate circumdatam. Quid ergo erit inscriptum? Certe primo: Expendi. Sed dic michi, carissime, quid expendisti? Respondeat bonus christianus: Corpus et animam in dei servicio. Si quilibet vestrum sic vitam impendat, de magno premio in vita eterna securus erit. Secundum est, quod scribitur: Servavi. Dic michi, carissime, quid servasti? Respondeat bonus christianas: Cor contritum et humiliatum et deo in omnibus operibus preparatum pro voluntate sua ad faciendum quicquid ei placet. Tercium est, quod scribitur: Donavi. Die michi, carissime, quid donasti? Respondeat bonus christianus: Dilectionem deo ex toto corde et ex tota anima et ex tota mente et amorem proximo secundum divinum preceptum. In hiis duobus mandatis pendet lex et prophete. Quartum, quod scribitur est: Habui. Dic michi, carissime, quid habuisti? Respondeat bonus christianus: Certe miseram vitam, quia in peccato conceptus et in peccato originali natus et de vili materia plasmatus. Quintum, quod scribitur, est: Habeo. Dic michi, carissime, quid est, quod habes? Respondeat bonus christianus: Certe baptismum, et factus sum

Christi miles, ubi eram servus diaboli per virtutes, quas michi deus dedit in baptismo. Sextum, quod scribitur, est: Perdidi. Die michi, carissime, quid est, quod perdidisti? certe dei gratiam? Respondeat bonus christianus: Omnia delicta, que contra dominum commisi, per penitenciam emendavi, quia penitencia mundat nos a peccatis. Septimum, quod scribitur, est: Punior. Dic michi, carissime, quare dicis: Punior? Respondeat bonus christianus: Quia pro delictis et peccatis meis semper affligitur spiritus meus et caro penitenciam patitur. Octavum, quod scribitur, est: Quod expendi, habui. Dic michi, carissime, quid est illud? Respondeat bonus christianus: Expendi tempus meum in operibus misericordie per graciam, quam accepi a domino meo Ihesu Christo. Nonum, quod scribitur, est: Quod donavi, habeo. Dic michi, carissime, quid donasti, quod jam habes? Respondeat bonus christianus: Certe donavi toto tempore vite mee consilium et assensum et totam voluntatem meam in voluntatem prelati mei pro dei amore, et ideo jam in celo habeo id est habeo vitam eternam.

CAP. 16: Da vida exemplar

Lê-se a respeito de um imperador romano que, construindo uma bela basílica para si, cavando no fundamento do palácio, encontrou um sarcófago de ouro circundado por três círculos, sobre o qual estava inscrito o seguinte: “Ofereci, doei, servi, tive, tenho, perdi, fui punido; antes de tudo, tive o que gastei, tenho o que doei.” Ouvindo isso, o imperador convocou os governadores das províncias do império e disse: “Vão e consultem entre vocês o que significa esta inscrição.” Disseram-lhe: “Senhor, não há outra interpretação dos inscritos a não ser isto: Havia um imperador antes de você, que queria dar exemplo aos outros, para que seu estilo de vida fosse seguido. Ofereci minha vida a julgar corretamente, regulando os outros, guiando-me segundo a razão. Doei o que era necessário aos soldados, mantimentos aos pobres e a cada um e a mim próprio segundo os méritos. Servi justiça a todos, misericórdia aos indigentes, pagamento digno aos trabalhadores. Eu tive um coração grande e estável, dei riquezas aos meus serventes necessitados e graça a todos em todos os momentos. Tenho uma mão para a doação, uma mão para a proteção e uma mão para a punição. Perdi a tolice, perdi a amizade dos inimigos e perdi a volúpia da carne. Já fui punido no inferno, pois não acreditei em um Deus eterno. Ai! Fui punido por não haver redenção.” O imperador ouviu isso e regulou a vida todos os dias com prudência, de si mesmo e a dos outros, e assim terminou a vida em paz.

[Moralização] Caríssimos, podemos dizer que este imperador é qualquer cristão, que deve e precisa construir uma basílica, isto é, preparar seu coração a Deus, para que faça de tudo por Sua vontade; cava o seu coração pelo caminho do arrependimento, e assim pode encontrar o sarcófago de ouro, isto é, a alma dourada, cheia de virtudes mediante graça divina, com três círculos dourados circunscritos, isto é, a fé, a esperança e a caridade. O que está escrito, afinal? Primeiramente, é claro: Ofereci. Mas diga-me, caríssimo, o que ofereceu? Responderá o bom cristão: Ofereci o corpo e a alma a serviço de Deus. Se algum de vocês devota a vida desta maneira, seguramente estará na vida eterna com um grande prestígio. O segundo é o que está escrito: Servi. Diga-me, caríssimo, o que serviu? Responderá o bom cristão: um coração arrependido e humilhado e preparado para Deus em todas as obras, para Sua vontade, fazendo o que Lhe agrada. O terceiro é o que está escrito: Doei. Diga-me, o que doou? Responderá o bom cristão: O amor a Deus com todo o coração, toda a alma e toda a mente, e o amor ao próximo segundo o preceito divino. Destes dois mandamentos dependem a lei e o profeta. O quarto está escrito: Tive. Diga-me, caríssimo, o que teve? Responderá o bom cristão: Certamente, uma vida miserável, pois foi concebida em pecado e nascida no pecado original,

e formada com vil matéria. O quinto é o que está escrito: Tenho. Diga-me, o que tem? Responderá o bom cristão: Certamente, o batismo. Quando era servo do diabo, fui feito soldado de Cristo, pelas virtudes que Deus me deu no batismo. O sexto está escrito: Perdi.

Caríssimo, diga-me, o que perdeu? A graça de Deus, certamente? Responderá o bom cristão: Todos os delitos que cometi contra o Senhor, redimi pela penitência, pois a penitência nos purifica dos pecados. O sétimo está escrito: Fui punido. Diga-me, caríssimo, por que você diz "fui punido?" O bom cristão responderá: Porque meu espírito sempre foi afligido pelos meus delitos e pelos meus pecados, e pela penitência a carne for ferida. O que está escrito em oitavo é: Tive o que ofereci. Diga-me, caríssimo, o que isto quer dizer? O bom cristão responderá: Ofereci o meu tempo em obras de misericórdia, pela graça que aceitei do meu senhor Jesus Cristo. O que está escrito em nono é: O que doei, tenho. Diga-me, caríssimo, o que doou que você já tem? O bom cristão responderá: Doei, certamente, todo o tempo da minha vida, meu conselho, meu assentimento e toda a minha vontade à vontade do meu superior, por amor a Deus, e, desta forma, já estou no céu, ou seja, tenho a vida eterna.

CAP. 17: De perfectione vite.

Quidam imperator statuit pro lege, quod, quicumque volebat ei ministrare, ministerium ab eo obtineret, ita quod tres ictus in porta palacii daret, per quos cognosceretur, quod ministerium desideraret. Accidit casus, quod erat quidam pauper in civitate romana nomine Guido. Qui cum de lege audisset, intra se cogitabat: Pauper sum et de vili sanguine productus. Melius est michi, ministrare et divicias acquirere, quam sic semper vivere in egestate. Accessit ad palacium, tres ictus secundum legem in porta dedit, janitor statim hostium ape- ruit et eum introduxit. Ille vero flexis genibus imperatorem salutavit. Ait ei imperator: Dic michi, carissime, quid petis? Domine, servi- cium. Qui ait: De quo ministerio scires michi ministrare? At ille: Domine, de sex ministeriis sum expertus. Primum ministerium est: scio corpus magni principis die ac nocte custodire, lectum ejus parare, cibaria ei propinare, pedes ejus lavare. Secundum ministerium est: scio vigilare, quando alii dormiunt, et dormire, quando alii vigilant. Tercium ministerium est: scio bonum potum gustare et secundum gustum quemlibet potum judicare. Quartum est: scio invitare homines ad convivium ad honorem invitantis. Quintum ministerium est: scio ignem facere sine fumo, circumstantes sedentes calefacere. Sex- tam ministerium est: scio homines docere bonam viam versus terram sanctam, sic quod cum sanitate redibunt. Ait imperator: Ista sunt pulchra ministeria et multis utilia. Mecum remanebis et primo experiri volo de corpore meo. Corpus meum custodies isto anno. Ait ille: Domine, presto sum, voluntati vestre satisfacere. Guido omni nocte lectum satis honeste paravit, lintheamina lavit et sepius mutavit singulis noctibus. Ante ostium camere armatus jacuit, habensque se cum parvum caniculum bene latrantem, ut si casu aliquo dormiret, et aliquis subito veniret, per latratum canis excitatus esset. Semel omni ebdomada pedes ejus lavit, in omnibus tam prudenter et utiliter ei ministravit, quod in nullo defectus inveniri posset, unde imperator per omnia eum laudavit. Finito anno eum senescallum fecit, ut im- pleret secundum servicium suum scilicet: Scio vigilare. Guido iste sic institutas per totam estatem laborabat et vigilabat et omnia ne- cessaria pro hyeme providit. Dum vero adesset hyems et alii incipe- rent vigilare et laborare, ipse vero quiescens dormiebat sic quod im- plevit secundum ministerium suum scilicet: Scio vigilare, quando alii dormiunt. Imperator cum vidisset quod tam prudenter duo ministeria complevisset, gavisus est valde et vocavit pincernam et ait ei: Caris- sime, ponite in calice meo acetum, vinum optimum et mustum, et detis Guidoni ad bibendum, quia istud est tercium ministerium suum; scit enim gustare bonum potum. Et sic factum est. Dum autem gustasset, ait Guido: Fuit bonum, est bonum, erit bonum; hoc est dictam: mustum erit bonum, vinum est

bonum, acetum fuit bonum. Imperator cum vidisset, quod tam prudenter judicasset potum, dixit ei: Carissime, vade per regna et castra et invita omnes amicos meos ad convivium, quia jam instat festum natalis domini, quia hoc est quartum ministerium tuum. Ait ille: Domine, presto sum. Perrexit 5 igitar per castra et regna et nullum amicum imperatoris invitabat, sed omnes inimicos ejus. Ita quod in vigilia natalis domini aula im- peratoris de inimicis impleta est. Imperator cum omnes inimicos suos vidisset, commota sunt omnia [17] viscera ejus, vocavit Guidonem et ait ei: Carissime, nonne michi dixisti, quod scires homines invitare 10 ad convivium? At ille: Eciam, domine. Cui imperator: Et ego dixi tibi invitare omnes amicos meos et tu invitasti inimicos. At ille: Do- wine, licitum est michi respondere? Quocumque tempore vel quacum- que hora in anno amici tui ad te venerint, cum gaudio recipiuntur. Non sic est de istis, quia sunt inimici tui. Unde eos hue duxi ut 15 per bonum vultum et per bonum convivium de inimicis fiant amici. Et sic factum est; antequam erat convivium factum, facti sunt omnes amici ejus. Imperator gavisus est valde et ait: Carissime, benedictus dominus! inimici mei facti sunt amici. Impleas quintum ministerium taum! Fac michi et amicis meis ignem sine fumo! At ille: Domine, presto sum. Quid fecit ille Guido? In estate ligna ponebat in ardore solis, et tantum erant desiccata, quod quam cito ardere inceperunt, statim dabant ardorem flamme sine fumo, ita quod calefactus est im- perator cum omnibus amicis suis. Deinde ait imperator Guidoni: Jam restat ultimum ministerium. Si hoc prudenter adimpleveris, te ad divicias et honorem promovebo. At ille: Domine, quotquot voluerint ad terram sanctam pergere, ad litus maris me sequantur. Viri, mu- lieres ac parvali hec audientes quasi infiniti secuti sunt. Cum autem illic venisset, ait populo: Carissimi, videtis in mari ea, que ego video? At illi: Ignoramus. At ille: Ecce in mari rupes est magna. Levate eculos et videte! At illi dixerunt: Domine, nos satis aperte vidimus, sed, eur hoc dicitis, ignoramus. At ille: In illa rupe est quedam avis continno in nido suo residens, que semper habet in nido septem ova, in quibus multum delectatur. Natura avis est talis: quamdiu in nido residet, totum mare est tranquilla pace; sed si contingat, avem
extra nidum volare, totum mare perturbatur intantum, quod, si tunc aliquis mare pertransierit, sine dubio submergetur; sed quamdiu re- sidet in mido, si quis tunc transiret, sine periculo iret et rediret. Et illi: Quomodo poterimus scire, quando avis residet in nido suo et quando non? At ille: Numquam nidum dimittit, nisi propter unam causam. Est enim alia avis, que est inimica ejus, que die ac nocte laborat, ut ejus nidum fedet ac ova ejus violet. Avis vero, que est in nido, cum viderit ova fedata aut nidum deturpatum, statim extra nidum pre dolore volat et tunc mare perturbatur et ventus valde impetuosus excitatur. Et nullo modo tunc temporis ad mare intran-

dum festinare debetis. At illi: Domine, et quod remedium poterit ad hoc fieri, quod avis, que est inimica, non appropinquat nido suo et sic per consequens poterimus secure transire? At ille: Non est res sub celo, quam illa avis, que est inimica, tantum odit, sicut sangui- nem agni. Nidum exterius et interius cum dicto sanguine aspergite, et quamdia ibi gutta una illius sanguinis remaneat, avis, que est ini- mica, numquam audet nido ejus appropinquare, et sic avis in nide suo remanebit et tunc mare erit in tranquilla pace et poteritis ad terram sanctam transire et secure redire. Ista audientes sanguinem agni acceperunt et nidum interius et exterius cum dicto sanguine aspergebant et ad terram sanctam perrexerunt et sani et incolumes redierunt omnes. Imperator videns, quod omnia negocia tam pru- denter adimplevisset, eum ad miliciam et divicias magnas promovit.

CAP. 17: Sobre evitar a perfeição.

Um certo imperador estabeleceu como lei que, quem desejasse servi-lo, deveria dar três batidas no portão do palácio, pelas quais se saberia que desejava o serviço. Aconteceu que havia na cidade romana um homem pobre chamado Guido. Quando ouviu falar da lei, pensou consigo mesmo: “Sou pobre e nasci de sangue vil. É melhor para mim servir e ganhar riquezas do que viver sempre na necessidade.” Ele foi ao palácio, deu três golpes, conforme a lei, no portão, e o porteiro imediatamente abriu a porta para o estranho e o trouxe para dentro. Ele dobrou os joelhos e cumprimentou o imperador. O imperador lhe disse: “Diga-me, meu querido, o que você quer?” “Servi-lo, senhor.” Ele disse: “Que serviço você saberia ministrar para mim?” E ele disse: “Senhor, experimentei seis serviços. O primeiro serviço é: sei guardar dia e noite o corpo de um grande príncipe, preparar sua cama, dar-lhe comida e lavar seus pés. O segundo serviço é: sei vigiar quando os outros estão dormindo e dormir quando os outros estão olhando. O terceiro serviço é: sei saborear uma boa bebida e julgar qualquer bebida pelo seu sabor. A quarta é: sei como convidar pessoas para um banquete em homenagem a quem convida. O quinto serviço é: sei fazer fogo sem fumaça, para aquecer quem está ao meu redor. O sexto é um serviço assim: sei ensinar às pessoas o bom caminho rumo à terra santa, para que voltem com saúde.” O imperador disse: “Estes são serviços lindos e úteis para muitos. Você vai ficar comigo e quero experimentar primeiro no meu corpo. Você protegerá meu corpo este ano.” Ele disse: “Senhor, estou pronto para satisfazer a tua vontade.” Guido arrumava a cama decentemente todas as noites, lavava e trocava os lençóis todas as noites. Ele estava armado diante da porta do quarto, e tinha consigo um cachorrinho que latia bem, de modo que se por acaso adormecesse e alguém aparecesse de repente, ele seria acordado pelos latidos do cachorro. Uma vez por semana ele lavava os pés do governante e o servia com tanta prudência e utilidade em todas as coisas, que nenhuma falha era encontrada nele, por isso o imperador o elogiava em todas as coisas. No final do ano nomeou-o senescal, para que cumprisse o seu segundo dever, a saber: sei vigiar. Este homem trabalhou e zelou durante todo o verão assim estabelecido, e providenciou tudo o que era necessário para o inverno. Mas enquanto o inverno se aproximava e outros começavam a vigiar e a trabalhar, ele próprio dormia tranquilamente, cumprindo assim o seu ministério, a saber: Sei vigiar quando os outros dormem. Quando o imperador viu que ele havia cumprido dois serviços com tanta prudência, ficou muito feliz, chamou o mordomo e disse-lhe: Meu caro, coloque vinagre, o melhor vinho e mosto no meu copo, e dê de beber ao rapaz, porque este é o terceiro serviço dele; pois ele sabe saborear boa

bebida. E assim aconteceu. E enquanto provava, Guido disse: Foi bom, é bom, vai ser bom; Assim foi dito: o mosto será bom, o vinho é bom, o vinagre foi bom. Quando o imperador viu que havia julgado a bebida tão criteriosamente, disse-lhe: “Meu querido, percorre os reinos e o acampamento e convida todos os meus amigos para a festa, pois a festa do aniversário do Senhor está se aproximando, e este é o seu quarto serviço.” Ele disse: “Senhor, estou pronto.” Ele continuou vagando pelos acampamentos e reinos e não convidou nenhum amigo do imperador, mas todos os seus inimigos. De modo que na véspera do aniversário do Senhor a corte do imperador ficou cheia de inimigos. Quando o imperador viu todos os seus inimigos, todas as suas entranhas se moveram, ele chamou Guido e disse-lhe: “Meu caro, você não me disse que sabia convidar pessoas para a festa?” E ele disse: “Sim, senhor.” A quem o imperador disse:” E eu te disse para convidar todos os meus amigos e você convidou meus inimigos.” Mas ele: “Posso responder? Em qualquer estação ou hora do ano seus amigos vêm até você, eles são recebidos com alegria. Não é assim com estes, porque são seus inimigos. Por isso eu os levei a crer que, por um bom semblante e por uma boa festa, os inimigos se tornariam amigos.” E assim aconteceu; antes do banquete terminar, todos eles se tornaram seus amigos. O imperador ficou muito feliz e disse: “Querido, bendito senhor! meus inimigos se tornaram meus amigos. Conclua o quinto serviço! Faça para mim e meus amigos uma fogueira sem fumaça!” E ele disse: “Senhor, estou pronto.” O que ele fez? No verão ele colocava a lenha no calor do sol, e elas estavam tão secas que, assim que começaram a queimar, imediatamente deram uma chama sem fumaça, para que o imperador se aquecesse com todos os seus amigos. Então o imperador disse a Guido: “Resta agora o último serviço religioso. Se você fizer isso com sabedoria, eu o promoverei às divisões e à honra.” E ele disse: “Senhor, todos os que desejam ir para a terra santa, sigam-me até a costa do mar.” Ao ouvir isso, homens, mulheres e crianças o seguiram como se não tivessem limites. E quando chegou lá, disse ao povo:

“Amados, vocês veem o que eu vejo no mar?” Mas eles disseram: “Não sabemos.” E ele respondeu: “Eis que há grandes rochas no mar. Vejam!” E eles disseram: “Senhor, vimos com bastante clareza, mas não sabemos por que diz isso.” E ele disse: “Naquela rocha vive em seu ninho um certo pássaro, que sempre tem sete ovos no ninho, dos quais se deleita muito. A natureza do pássaro é esta: enquanto residir no ninho, todo o mar estará em paz; mas se acontecer de um pássaro voar para fora do ninho, todo o mar é perturbado de uma só vez, de modo que se alguém cruzasse o mar, sem dúvida se afogaria; mas enquanto ele residisse no meio, se alguém passasse por lá, iria e retornaria sem perigo.” E para ele disseram: “Como

saberemos quando o pássaro descansa no ninho e quando não?" E Guido disse: "Ele nunca sai do ninho, exceto por um motivo. Pois há outro pássaro que é seu inimigo, que trabalha dia e noite, para que seu ninho seja destruído e seus ovos se estraguem. Mas o pássaro que está no ninho, ao ver os ovos estragados ou o ninho desfigurado, imediatamente sai voando do ninho com dor, e então o mar se agita e o vento se agita com muita violência. E de forma alguma você deve correr para entrar no mar nesse momento." Mas disseram-lhe: "Senhor, e que remédio se pode fazer para que o pássaro, que é inimigo, não se aproxime do seu ninho, e assim, com isso, possamos passar com segurança?" E ele disse: "Não há nada debaixo do céu que aquele pássaro, que é um inimigo, odeie tanto quanto o sangue de um cordeiro. Polvilhe o ninho externamente e internamente com o referido sangue, e enquanto uma gota desse sangue permanecer ali, o pássaro, que é um inimigo, nunca ousará se aproximar de seu ninho, assim o outro pássaro permanecerá em seu ninho, e então o mar estará em paz e você poderá cruzar para a terra santa e retornar em segurança." Ao ouvir isso, pegaram o sangue do cordeiro e borrifaram o ninho por dentro e por fora com o referido sangue, foram para a terra santa, e todos voltaram sãos e salvos. O imperador, vendo que ele havia realizado todos os seus negócios com tanta prudência, promoveu-o e deu-lhe honrarias e riquezas.

CAP. 18: Quod omne peccatum, quamvis predestinatorie gravissimum, nisi desperationis baratro subjaceat, sit remissibile.

Quidam miles erat nomine Julianus, qui utrumque parentem nuciens occidit. Cum enim Julianus iste nobilis ac juvenis quadam die venationi insisteret, et quendam cervum repertum insequeretur, rubito cervus versus eum se vertit atque dixit: Tu me insequeris, qui patris et matris tue occisor eris. Quod ille audiens vehementer esti- muit, ne forte sibi contigerit quod a cervo audierat. Relictis omnibus clam decessit et ad regionem valde remote pervenit, ibique cuidam principi adherit. Ille vero tam strenue ubique tam in bello quam in palacio se habuit, quod princeps militem eum fecit et quandam ca- stellanam viduam in conjugem ei tradidit et castellum pro dote accepit. Tune parentes Juliani pro amissione filii nimium dolentes va- gabundi ubique pergebant et filium suum sollicite querebant. Tandem ad castrum, ubi Julianus preerat, venerunt. Cum Julianus, quinam essent inquisisset, et illi omnia, que filio acciderat, enarrassent, in- tellexit, quod veri parentes viri sui essent, utpote que hec a viro suo frequenter forte audierat. Ipsos igitur benigne suscepit et pro amore viri sui lectum suum eis dimisit et ipsa sibi lectum alibi preparabat. Facto autem mane castellana ad ecclesiam perrexit et ecce Julianus mane veniens in thalamum quasi excitaturus uxorem suam intravit, a invenit eos pariter dormientes, uxorem cum adultero suspicatus, vilenter extracto gladio ambos pariter interemit. Exiens autem do- mum vidit uxorem ab ecclesia redeuntem et admiratus et interrogatus, quinam essent illi, qui in lecto euo dormirent. At illa ait: Parentes vestri sunt, qui vos diutissime querierunt et eos in nostro thalamo collocavi. Quod ille audiens, pene exanimis effectus amarissime cepit flere et dicere: Heu miser, quid faciam, quia dilectissimos parentes meos occidi. Et ecce impletum est verbum cervi, quod, dum vitare volui, misserrimus adimplevi. Jam nunc vale, dulcissima soror, quia de cetero non quiescam, donec sciam, quod deus penitentiam meam acceperit. Cui illa: Abeit, dulcissime frater, ut me deseras et sine me abeas, sed que fui tecum particeps gaudii, ero particeps et do- loris. Tune ineimul recedentes juxta quoddam magnum fluvium, ubi multi periclitabantur, quoddam magnum hospitale statuerunt, ut ibi penitenciam facerent, et omnes, qui vellent flumen transire, incessanter transveherent et hoepicio universos pauperes reciperent. Post multum tempus media nocte, dum Julianus fessus quiesceret et gelu grave esset, audivit vocem et lamentabiliter clamantem ad Julianum, ut se transduceret voce lugubri invocantem. Quod ille audiens, concitus surrexit et jam pre gelu ipsum deficientem invenit et in domum suam portavit, et ignem accendens et ipsum calefacere studuit, sed cum ca- lefacere non potuisset, et, ne ibi deficeret, timeret, ipsum in lectum suum

portavit et diligenter cooperuit. Post paululum ille, qui sic infirmus et quasi leprosus apparuerat, splendidus ad celum scandit, et hec hospiti suo dixit: Juliane, dominus misit me ad te, mandans tibi, quod tuam penitenciam acceptavit et ambo post modicum in domino requiescetis, sicque ille disparuit, et Julianus cum uxore sua post modicum plenus operibus bonis et elemosinis in do- mino requievit.

Moralizacio. Carissimi, iste miles Julianus potest dici quilibet Christianus bonus et prelatus, qui debet debellare viriliter contra diabolum, mundum et carnem, et debet venationi insistere, scil. deo ani- mas acquirere et sequi cervum i. e. Christum. Unde Psalmista: Sicut cervue desiderat ad fontes aquarum etc. Si vero fideliter prelatus se- quitur Christum, audire potest et videre in sacra scriptura quod debes parentes tuos occidere i. e. propter dei amorem illos simpliciter relin- quere, juxta illud: Qui dimiserit patrem et matrem propter me, cen- tuplum accipiet et vitam eternam possidebit. Miles iste perrexit in regionem longinquam etc. Sic prelatus in regionem longinquam, hoc est longe transire debet a mundo et ab illis, qui in mundo sunt, sancte et pure vivendo, et servire principi scil. Christo, et cum eo diversa bella committere contra diabolum, mundum et carnem. Christus cum perceperit sic militem suum triumphare, dabit tibi uzorem castel- lanam scil. gratiam suam, que custodiat castrum cordis tui, ut poteris deo per omnia placere. Sed sepius contingere videmus, quod parentes carnales et mundi vanitates talem sequuntur ipsum ad malum instigando, ponuntur in cordis tui lecto te probare, sicut fecerat Iob; sed resiste fortiter, et cum gladio penitentie eas deleas, ut dicitur in figura hujus, quod Absolon persequens patrem per capillos suspensus est in querou, et Joab infixit tres lanceas in corde suo. Quercus ista est concupiscentia, capilli carnalia desideria, vulnus transiens est caro moriens, Joab diabolus, tres lanceas dum vivit, soil. cogitationes, ope- rationes et consuetudines, et in morte tres angustias, scil. iram dei, quem offendit, carenciam celi, quod amisit, penam infernalem, quam meruit. Istos parentes debes occidere gladio penitentie, et post hec ad flumina sacre scripture pergere et ibi domum salutis erigere scil. orationem, jejunium et elemosinam perpetrare, et sic per consequens deum in lecto cordis tui poteris requirescere et ad vitam eternam pervenire ad quam etc.

CAP. 18: De como todo pecado, por mais predestinadamente grave que seja, é perdoável, a menos que esteja sob a barreira do desespero.

Havia um certo soldado chamado Juliano, que mataria seus próprios pais. Quando um dia este nobre e jovem Juliano estava caçando e perseguia um certo cervo que havia encontrado, o cervo virou-se para ele, corando, e disse: "Você que está me perseguindo, será o matador de seu pai e de sua mãe." Ouvindo isso, ele cuidou veementemente, para que, por acaso, não lhe acontecesse o que ouvira do cervo. Deixando todos para trás, ele partiu secretamente e chegou a um país muito remoto, onde se juntou a um certo príncipe. Mas ele se comportou com tanta energia em todos os lugares, tanto na guerra quanto no palácio, que o príncipe fez dele um soldado e deu-lhe como esposa uma viúva castelã, e tomou o castelo como dote. Os pais de Juliano, muito tristes pela ausência do filho, continuaram a vagar por toda parte e lamentaram profundamente por ele. Finalmente, chegaram ao castelo onde Juliano comandava. Quando a esposa de Juliano perguntou quem eles eram, e eles lhe contaram tudo o que havia acontecido com seu filho, ela compreendeu que eram os verdadeiros pais de seu marido, de quem muitas vezes já ouvira falar. Então, ela os recebeu gentilmente e, por amor ao marido, deixou-os dormir em sua cama e preparou uma cama para ela em outro lugar. Pela manhã, porém, a mulher foi à igreja, e eis que Juliano, entrando no quarto pela manhã, entrou como se fosse acordar sua esposa, e encontrou as duas pessoas dormindo. Suspeitando que sua esposa estivesse em adultério, com uma espada mal desembainhada matou os dois juntos. Quando ele estava saindo de casa, viu sua esposa voltando da igreja, e, aturdido, perguntou-lhe quem eram os que dormiam em sua cama. Ela disse: São os seus pais, que procuram por você há muito tempo. Eu os coloquei no nosso quarto." Ao ouvir isso, ele começou a chorar amargamente, quase sem vida, e disse: "Ai, desgraçado! O que devo fazer? Matei meus queridos pais! E eis que se cumpriu a palavra do cervo, a qual, embora quisesse evitá-la, cumpri na maior parte das vezes. Adeus agora, doce esposa, pois não descansarei do resto até saber que Deus aceitou minha penitência." Ela disse: "Vá embora, querido marido, para que me deixe e vá sem mim, mas como fui participante da alegria com você, também serei participante da dor." Quando o casal recuou para perto de um grande rio, onde muitos costumavam passar necessidade, eles estabeleceram um hospital para que pudessem fazer penitência ali, e para que todos os que desejassem atravessar o rio, atravessassem incessantemente e para que recebessem todos os pobres no abrigo. Depois de muito tempo, no meio da noite, enquanto Juliano descansava, cansado e pesado pelo gelo, ele ouviu uma voz chorando melancolicamente para Juliano,

chamando-o com uma voz triste. Ao ouvir isso, levantou-se apressadamente e encontrou um homem já desmaiado por causa da geada, levou-o para sua estadia e, acendendo o fogo, esforçou-se para aquecê-lo; Depois de um tempo, ele, que parecia tão fraco e como se fosse um leproso, ascendeu resplandecente ao céu e disse isto ao seu anfitrião: "Juliano, o Senhor me enviou até você, dizendo que aceitou sua penitência e que vocês dois descansarão no Senhor depois de certo tempo" Então ele desapareceu, e Juliano e sua esposa passado um tempo, cheios de boas obras e esmolas, descansaram no Senhor.

Moralização: Caríssimos, pode-se dizer que este soldado Juliano é qualquer cristão bom e nobre, que deve lutar corajosamente contra o diabo, o mundo e a carne, e deve insistir na caça, viz. o deus para adquirir almas e seguir o cervo, isto é, Cristo. Daí o salmista: Como um cervo anseia por fontes de água, *etc*. Mas se o prelado segue fielmente a Cristo, ele pode ouvir e ver nas sagradas escrituras que você deve matar seus pais i. e. pelo amor de Deus, deixe-os simplesmente, de acordo com o ditado: Aquele que abandona pai e mãe por minha causa receberá cem vezes mais e herdará a vida eterna. Este soldado foi para um país distante, *etc*. Tendo sido assim trazido para um país distante, isto é, ele deve passar para longe do mundo e daqueles que estão no mundo, vivendo santo e puro, e sabendo servir o príncipe. Cristo, e com ele cometer várias guerras contra o diabo, o mundo e a carne. Quando Cristo perceber que seu soldado está assim triunfante, ele lhe dará um scil de castelão. Sua graça pode guardar a fortaleza do seu coração, para que você possa agradar a Deus em todas as coisas. Mas muitas vezes vemos acontecer que os pais carnais e as vaidades do mundo seguem tal pessoa incitando-a ao mal, são colocados no leito do teu coração para te testar, como fez Jó; mas resista bravamente e com a espada da penitência destrua-os, como é dito na figura disto, que Absalão, perseguindo seu pai, foi suspenso pelos cabelos em uma estaca, e Joabe enfiou três lanças em seu coração. Esse carvalho é a concupiscência, o cabelo são os desejos carnais, a ferida passageira é a carne que morre, Joabe o diabo, três lanças enquanto vive, terra. pensamentos, operações e costumes, e na morte três angústias, viz. a ira de Deus, a quem ofendeu, a falta do céu, que perdeu, o castigo infernal que conquistou. Você deve matar esses pais com a penitência da espada, e depois disso você deve ir aos rios das sagradas escrituras e ali construir uma casa de salvação. praticar oração, jejum e esmola, e assim, como resultado, você poderá ansiar por Deus no leito do seu coração e chegar à vida eterna à qual, *etc*.

CAP. 19: De peccato superbie.

Legitur in gestis romanorum, quod erat quidam princeps Romanorum nomine Pompejus. Hic duxerat filiam cujusdam nobilis, qui Cesar vocabatur. Hi duo convenerunt inter se, quod tocius orbis dominum suo imperio subjugarent. Accidit quod Pompejus mitteret Cesarem ad expugnandum plagas diversas, quia juvenis erat et ipsum decuit laborare, ipse autem tamquam principalis civitatem romanam a plagis illis custodiret, prefixitque sibi tempus redeundi sub spacio quinque annorum; quod si non faceret, jure suo perpetuo privaretur. Cesar autem collegit exercitum et ad illas partes perrexit. Et inveniens homines bellicosos, quos non poterat in prefixo termino superare, malens Pompejum offendere quam bellum dimittere, ex capite proprio alienavit se aliis quinque annis; quod graviter portabat Pompejus, interdixit sibi civitatem romanam ita, quod non auderet ad eum ulterius appropinquare. Cesar vero finito bello iter arripuit ver- sus Romam, venit per quandam aquam cum exercitu suo, que quidem ap aqua vocabatur Rubicio, et ibi apparuit ei quedam imago magna stans in medio aque et loquebatur ei dicens: Cesar, si venias pro pace ro- mana, liceat tibi usque huc venire, sin autem, non presumas intrare. Cui Cesar respondit: Semper militavi et paratus sum, omnes labores sustinere pro honore et commodo civitatis romane ampliando, et semper hoc volo, diis meis testibus, quos adoro. Hiis dictis imago dis- paruit. Post hec statim Cesar percusso dextrario flumen transivit, sed cum pertransito flumine stetisset ex alia parte, mox ait: Hic pace temerata, quia jura relinquo. Et ab illo die non cessavit, Pompejum persequi, et, in quantum potuit, destruere.

[Moralizacio.] Carissimi, per istum senem Pompejum intelligo deum creatorem omnium, qui semper fuit ab inicio et erit sine fine. Per Cesarem intelligo Adam, qui fuit princeps omnium hominum, cujus filiam i. e. animam deus desponsavit in fide, Osee: Deapon- sabo te michi in fide. Deus igitur volens probare Adam, posuit eum in paradisum, ut operaretur et custodiret illud. Qui statim de stata suo superbiens, volens sue uxori placere et diabolo acquiescere, uni- cum preceptum, quod dens ei dederat, violabat; propter quod deus eum expulit non solum de paradiso sed eciam de imperio. Adam tamen sperans se posse recuperare, quod perdiderat, ad hoc postes, in quantum potuit, laborabat, sed vere attingere non valebat usque ad adventum domini nostri Ihesu Christi, imaginis nostri, qui appa ruit baptizatus in aquis Jordanis. Dominus vero et salvator noster dixit omnibus nobis ad celum tendere volentibus, Johannis tercio: Nisi quis renatus fuerit ex aqua et spiritu sancto etc. Multi autem cum veniunt ad hanc aquam, promittunt coram testibus, deo servire et peccata vitare, viriliter contra diabolum pugnare. Sed hen, proh dolor, et timeo et timendum est de multis, quod cum fecerunt

vota sua, obliviscantar et precepta contempnunt. Sicut Absolon tercio regum, postquam fuerat reconciliatus patri suo David, occiderat fratrem suum. Videns, quod populus pronus erat ad constituendum eum regem, dixit patri suo: Vadam et reddam vota mea domino, que vovi domino in Ebron. Et dixit ei pater suus: Vade in pace. Perrexitque in Ebron, et populus constituit eum regem. Ab illo die usque in diem mortis non cessavit persequi patrem suum. Sed Cesar et Absolon interfecti sunt a servis suis. Eodem modo mali christiani non desistunt, deum patrem persequi per mala opera eorum; ideo tradentur ministris ge- bennarum, quos timebant et colebant. Sed attendite, postquam Ab solon occiderat fratrem suum, fuit exaltatus, et Cesar, postquam fre- gerat preceptum Pompeji. Sed Joab faciens pacem inter ipsum et patrem, reduxit eum, et videns honorem suum, impugnavit patrem, et colligens sibi gentem, constituit se regem. Sed in bello suspendit seipsum per crines. Et Joab, qui fecerat pacem inter ipsum et patrem, infixit tres lanceas in cor ejus. Iste Absolon signat peccantem mortaliter, qui occidit fratrem suum i. e. animam suam. Christus autem fecit pacem, sed multi reconciliati accipiunt bellum contra deum. Et tane venit Christus, qui pacem fecerat et figit tres lanceas in cor peccatoris. Prima est separacio a deo, secunda est maledíccio, tercia est ignis eternus.

CAP. 19: Sobre o pecado da soberba

Lemos nos feitos dos romanos que havia um certo líder romano chamado Pompeu. Ele se casou com a filha de um certo nobre, cujo nome era César. Os dois concordaram entre si que seria tido como o senhor de todo o mundo em seu governo. Aconteceu que Pompeu enviou César para vencer diversas pragas, porque ele era jovem e lhe convinha trabalhar, mas ele próprio, como chefe, deveria proteger a cidade romana dessas pragas, e fixou um prazo para seu retorno no espaço de cinco anos, o que, se não o fizesse, ficaria permanentemente privado do seu direito. Mas César reuniu um exército e foi para uma região distante. E encontrando homens guerreiros, que não poderia vencer no termo prefixado, preferindo ofender Pompeu a deixar a guerra passar, alienou-se de sua própria cabeça por mais cinco anos. Pompeu respondeu gravemente, proibiu-lhe a cidade romana, de modo que César não ousou aproximar-se mais dela. Mas César, quando a guerra acabou, partiu para Roma, e encontrou, junto de seu exército, uma massa d'água, que na verdade se chamava Rubicio, e apareceu-lhe uma grande imagem parada no meio da água. Falou-lhe, dizendo: "César, se vens pela paz dos romanos, que te seja permitido vir até aqui, mas se não, não presuma entrar." Ao que César respondeu: "Sempre fui soldado e estou pronto para suportar todos os trabalhos pela honra e vantagem da expansão do Estado romano, e sempre o farei, com as testemunhas dos meus deuses, a quem adoro." Depois destas palavras a imagem desapareceu. Depois disso, César imediatamente atravessou o rio com a mão direita golpeada, mas quando atravessou o rio e ficou do outro lado, imediatamente disse: "Aqui a paz é temerária, pois deixo a lei." E a partir daquele dia ele não cessou de perseguir Pompeu e, tanto quanto pôde, de destruí-lo. [Moralização.] Caríssimos, por este velho Pompeu, ou seja, Deus, o criador de todas as coisas, que sempre existiu desde o início e existirá sem um fim. Por César entendo Adão, que era o líder de todos os homens, cuja filha, isto é, a alma, Deus desposou com fé. Vide Oseias: desposar-te-ei comigo na fé." Deus, portanto, desejando testar Adão, colocou-o no paraíso, para trabalhar e guardá-lo. Aquele que ao mesmo tempo se orgulhava de seu estado, desejando agradar a sua esposa e apaziguar o diabo, violou o único preceito que o lhe havia sido dado; por causa do qual Deus o expulsou não apenas do paraíso, mas também do reino. Adão, porém, na esperança de recuperar o que havia perdido, trabalhou o máximo que pôde por esse objetivo, mas não conseguiu realmente alcançá-lo até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, nossa imagem no rio, que foi batizado nas águas do Jordão. Mas o Senhor e nosso salvador disse a todos nós que queremos ir para o céu, em João iii: A menos que alguém nasça de novo da água e do Espírito Santo, *etc*. Muitos,

porém, quando chegam a esta água, prometem diante de testemunhas servir a Deus e evitar os pecados, para lutar corajosamente contra o diabo. Mas então, infelizmente, temo e deveria ter medo de muitos, que depois de fazerem seus votos, esqueçam e desprezem os preceitos. Como Absalão, o terceiro rei, depois de se reconciliar com seu pai Davi, matou seu irmão. Vendo que o povo estava inclinado a torná-lo rei, ele disse a seu pai: Irei pagar ao senhor os meus votos, que fiz ao senhor em Hebron. E seu pai lhe disse: Vai em paz. E ele foi para Hebron, e o povo o constituiu rei. Daquele dia até o dia de sua morte ele não cessou de perseguir seu pai. Mas César e Absalão foram mortos pelos seus servos. Da mesma forma, os maus cristãos não cessam de perseguir a Deus Pai pelas suas más obras; portanto, serão entregues aos ministros dos Gebens, a quem temiam e adoravam. Mas preste atenção, depois que Ab Solon matou seu irmão, ele foi exaltado, e César, depois de ter quebrado a ordem de Pompeu. Mas Joabe, fazendo as pazes entre ele e seu pai, trouxe-o de volta e, vendo a sua honra, atacou seu pai, e reunindo a si o seu povo, proclamou-se rei. Mas na guerra ele se enforca pelos cabelos. E Joabe, que havia feito as pazes entre ele e seu pai, enfiou três lanças em seu coração. Este Absalão significa um pecador mortal que mata seu irmão i. e. sua alma Mas Cristo fez a paz, mas muitos reconciliados aceitam a guerra contra Deus. E então veio Cristo, que fez as pazes, e enfiou três lanças no coração do pecador. A primeira é a separação de Deus, a segunda é a maldição, a terceira é o fogo eterno.

CAP. 20: De miseria et tribulacione.

Conradus regnavit, cujus tempore erat quidam comes nomine Leopoldus, qui, iram regis metuens, cum uxore sua in silvam fugiens, in quodam tugurio latitabat. In qua silva memorata dum cesar Conradus venaretur nocte superveniente, in eodem tugurio ipsum oportuit hospitari. Cui hospita pregnans vicina existens partui decenter, ut potuit, stravit et necessaria ministravit. Eadem nocte mulier filium peperit et Cesar vocem audivit dicentem: Accipe, accipe, accipe. Expergefactus ipse a sompno totusque timidus et tremefactus ait intra se: Quid signat ista vox: Accipe, accipe, accipe? Quid debes accipere? cogitabat et statim obdormivit. Et ecce secunda vice audivit vocem dicentem ad ipsum: Redde, redde, redde. Cesar expergefactus a sompno contristatus est valde et sit inter se: Quid est hoc? primo audivi: Accipe, accipe, accipe, et nichil accepi; modo dicit: Redde etc. Quid debeo reddere, ex quo nichil accepi? Cesar iterum incepit dormire. Et ecce tercia vice audivit vocem dicentem sibi: Fuge, fuge, fuge Conrade! hic puer primogenitus gener tuus erit. Cesar vero cum talia audisset, commota sunt omnia viscera ejus. Mane vero surgens, duos armigeros suos secretarios ad se vocavit, dicens: Ite et parvu- lum illum de manibus matris violenter auferte et ipsum per medium scindentes cor ejus michi apportate. Conterriti euntes de gremio matris puerum rapuerunt, quem videntes elegantissime forme misericordia moti ipsum super quandam arboris superficiem, ne a feris devoraretur, reposuerunt, et leporem scindentes, cor ejus Cesari detulerunt. Eodem die dum quidam dux inde transiret et puerum vagientem audiret, ipsum in gremio suo private nullo sciente accepit, et, dum filium non haberet, uxori attulit et nutriri eam fecit et a se et uxore sua genitam fingens, Henricum vocavit. Cum puer jam crevisset, erat corpore pulcher nimis, ore facundus et omnibus graciosus. Quem cum tam decorum et prudentem vidit Cesar, a patre peciit, et in curia sua manere fecit. Sed cum videret puerum omnibus graciosum et ab omnibus commendari, dubitare cepit, ne post se regnaret, et ne iste sit, quem occidi mandaverat. Volens igitur esse securus, litteras manibus suis scriptas uxori dirigit in hune modum: In quantam est tibi cara vita tua, mox, ut istas litteras receperis, puerum hune necabis. Dum vero pergens in quandam ecclesiam hospitatus fuisset et super banchum quiesceret, et bursa, in qua erat littera, dependeret, sacerdos curiositate ductus, bursam aperuit et legens scelus abhorrait, et radens subtiliter, ubi dicebatur: Puerum hunc necabis, scripsit: Filiam nostram in uxorem ipsi dabis. Cumque regina istas litteras legisset et regis sigillo munitas videret et de manu imperatoris scriptas esse cognosceret, convocatis principibus nupcias celebravit, et suam filiam eidem in uxorem dedit; que nupcie Aquisgrani celebrate sunt. Dum autem Cesari Conrado narraretur,

quod solempniter nupcie filie sue essent celebrate, ille obstupuit, et cum a duobus armigeris et duce et sacerdote veritatem comperisset, ordinacioni dei resistendum non esse vidit, et ideo pro puero mittens eum esse suum generum approbavit et post in imperio regnare instituit.

CAP. 20: Da miséria e da aflição.

Reinou Conrado, em cuja época existia um conde chamado Leopoldo, que, temendo a ira do rei, fugiu com sua esposa para a floresta e se escondeu em uma cabana. Na referida floresta, enquanto o César Conrado caçava na noite seguinte, ele teve que se alojar na mesma cabana. A quem uma hóspede grávida, sendo vizinha, deu à luz decentemente, da melhor maneira que pôde, e atendeu às necessidades da vida. Naquela mesma noite a mulher deu à luz um filho, e o César ouviu uma voz dizendo: Pegue, pegue, pegue. Quando ele acordou do sono e estava com medo e tremendo, ele disse consigo mesmo: O que significa aquela voz: Pegue, pegue, pegue? O que deve ser pego? Ele pensou e imediatamente adormeceu. E eis que pela segunda vez ouviu uma voz que lhe dizia: Pegue, pegue, pegue. César acordou do sonho muito angustiado e disse consigo mesmo: O que é isso? a princípio ouvi: Pegue, pegue, pegue, e não recebi nada; ele apenas diz: Pague, *etc*. O que devo pegar, já que não recebi nada? César começou a dormir novamente. E eis que pela terceira vez ouviu uma voz que lhe dizia: Foge, foge, foge, Conrade! Este primogênito será seu genro. Mas quando César ouviu estas coisas, todas as suas entranhas se moveram. Mas levantando-se de manhã cedo, chamou dois de suas secretários com o braço estendido, dizendo: Vá e tire o pequenino à força das mãos de sua mãe e, rasgando-o ao meio, traga-o para mim. Apavorados, arrancaram o menino do seio da mãe, que, vendo-o na forma mais graciosa, moveu-se com pena sobre uma certa superfície de uma árvore, para que não fosse devorado pelas feras, colocaram-no de volta e, rasgando uma lebre, levaram o coração do bicho a César. No mesmo dia, enquanto um certo chefe passava, vagando, ouviu a criança, pegou-a no próprio colo e, sem saber o que fazer, como não tinha filhos, levou- o para sua esposa e fez com que ela fosse amamentada. Fingindo ser um filho dele e de sua esposa, chamou-o de Henry. Quando o menino já havia crescido, ele era extremamente bonito no corpo, eloquente na fala e gracioso com todos. Quando César viu que ele era tão bonito e prudente, comprou-o de seu pai e o fez ficar em sua corte. Mas quando viu que o menino era favorecido e elogiado por todos, começou a duvidar que pudesse reinar depois dele, e que o jovem era quem ordenara que fosse morto. Desejando, portanto, estar seguro, ele endereçou uma carta escrita de próprio punho à sua esposa da seguinte maneira: “Quão cara é a sua vida para você, assim que receber essa carta, você matará o seu filho.” Enquanto ia a uma certa igreja, ela havia se entretido e estava descansando em um banco, no qual estava pendurada a bolsa onde havia a carta. Um padre, movido pela curiosidade, abriu a bolsa e, ao ler o crime, ficou horrorizado, e onde estava dito: “Você matará o menino” ele escreveu: “Você vai ofertar-

lhe a sua filha como esposa.” Quando a rainha leu essas cartas, viu que elas estavam protegidas pelo selo do rei e soube que elas foram escritas pela mão do imperador, ela convocou os príncipes e celebrou o casamento de sua filha, que foi celebrado em Aachen. E enquanto foi dito ao César Conrado que o casamento de sua filha seria celebrado solenemente, ele ficou surpreso, e quando soube a verdade dos dois escudeiros e do líder e do padre, viu que não havia resistência à ordenação do deus e, portanto, aprovou que o menino fosse seu genro, e depois o nomeou para reinar no império.

CAP. 21: De dolo et conspiracione et cautela ipsis contraria.

Refert Justinus, quod cives Lacedemonie simul conspiraverunt contra regem suum et prevalentes contra eum de civitate sua eum expulerunt et a toto regno. Accidit tunc temporis, quod rex Persarum eandem moliebatur destruere civitatem, cum magno exercita civitatem obsedit. Rex antem expulsus civitatem suam quamvis ingratam non potuit non amare eam et sic misertus est eis. Cum autem explorasset et didicisset machinacionem regis Persarum contra civitatem suam Lacedemoniam, cogitavit, quomodo posset latenter et prudenter totam imaginacionem intimare civitati predicte. Acceptis igitur tabulis scripsit in eis totam imaginacionem et una cum hoc informa cionem specialem, quomodo possent resistere et civitatem contra eum defendere, et cum totum scripsisset, quod voluisset, superlinivit scripturam suam cera, et accepto nuncio fide digno direxit eas ad magnates civitatis. Sed tabulis receptis et diligenter inspectis nulla littera apparebat sed tantummodo cera plana. Questio inter omnes satrapas facta est de tabulis in communi, et cum unusquisque diceret imaginacionem suam, quid esset de tabulis faciendum, non est inventas, qui eorum potuit aperire intellectum. Accidit autem, quod soror predicti regis audita perplexitate istarum litterarum peciit a magistratu, ut posset eas videre; quibus diligenter inspectis cepit calliditate fe minea parum de cera de tabulis elevare; apparuitque statim litters occultata. Cumque plus de cera elevasset, plus de littera apparebat. Sicque tota cera de littera legi poterat, quicquid ibi erat scriptum. Satrape hoc videntes gavisi sunt valde et consilium litterarum fecerunt et civitatem fortiter defendebant et ab omni obsidione liberabant.

[Moralizacio.] Carissimi, per istum regem deum omnipotentem intelligo, qui expulsus fuit de civitate sua i. e. societate humana, quando primi parentes nostri conspiraverunt in paradiso et ejus precepta transgressi sunt, tamquam qui dicerent: Nolumus hunc regnare super nos. Hoc autem non obstante, rex dominus noster Ihesus Christus civitatem predictam scil. totum genus humanum nullo modo potuit non amare. Nam dilexit nos, cum inimici sui essemus, quis sicut dicit apostolus ad Roman. 11: Cum inimici essemus, reconciliati sumus deo per mortem filii ejus. Rex iste dominus noster Thesus Christus perpendens, quod diabolus, qui est rex super omnes filios superbie, omnes quasi infinitis machinacionibus moliretur destruere, accepit tabulas, de quibus ad litteram dicitur Exod. iii, tabulas videlicet Moysi, scripsitque in eis informacionem sufficientem contra demonem et machinacionem ejus. Sicque per nuncium fidelem scil. Moysen civitati humani generis destinavit. Sed scriptura ista fuit sic sublinita quadam cera i. e. cerimoniis quibusdam ita, quod moralia legis non potuerunt plane et aperte

legi ab unoquoque tempore legis dicte, nec bene intellecte fuerunt questiones multe inter veteres super intellectum istarum tabularum. Sed certe numquam aliquis inventus fuit, qui istarum tabularum intellectum aperire potuit, donec una pualla, soror regis, veniret, valde prudens ac de nobili genere produeta. Domicella ista erat beata virgo Maria, mater dei et hominis 10 scilicet benedicta et sanctificata, soror eciam regis Christi. Nam cum ipsa esset filia regis David secundum carnem, ipsa eciam est filia dei spiritualiter loquendo, juxta illud Luce: Huic erat soror nomine Maria. Hec itaque scilicet virgo Maria tabularum legis antique aperuit intellectum. Sed quomodo? Certe delendo ceram. Scitis enim, quod veniente lumine recedit umbra, et igne calefaciente defluit cera. Modo iste ceremonie fuerunt quasi umbra. Christus autem deus fuit ignis et Maria mater ejus illuminatrix in die purificacionis sue. Sponte et bumiliter subjecit se cerimoniis legis, licet non indigeret, ut filium suum ignem divinum in templum presentaret. Necesse ergo est et fuit umbram recedere et ceram ipsam defluere et auferri. Unde peal- mista: Sicut fluit cera a facie ignis, sic pereant peccatores a facie dei. Et in die purificacionis sue cerimonias abstulit et sic legem implevit et nos a servitute diaboli per nativitatem filii sui liberavit et vitam eternam nobis promeruit, ad quam etc.

CAP. 21: Da trapaça, da conspiração e da cautela contra elas.

Justino relata que os cidadãos da Lacedemônia conspiraram juntos contra o seu rei e, prevalecendo contra ele, expulsaram-no da sua cidade e de todo o reino. Aconteceu naquela época que o rei dos persas planejava destruir a cidade, quando a sitiou com um grande exército. O rei, tendo anteriormente sido expulso da sua cidade, por mais desagradável que fosse, não pôde deixar de amá-la e por isso teve pena dela. Mas quando explorou e soube das intrigas do rei dos persas contra a sua própria cidade, a Lacedemônia, pensou em como poderia secreta e prudentemente confiar toda a estratégia à referida cidade. Pegando as tabuinhas, escreveu nelas toda a sua estratégia e, junto com isso, um plano especial, como poderiam resistir e defender a cidade contra os persas. Mas quando as tábuas foram retiradas e examinadas cuidadosamente, não apareceu nenhuma letra, apenas cera pura. Surgiu uma questão entre todos os sátrapas sobre as tabuinhas em comum, e quando cada um expressou sua imaginação sobre o que deveria ser feito com as tabuinhas, não foi encontrado ninguém que pudesse abrir seu entendimento. Ora, aconteceu que a irmã do referido rei, tendo ouvido falar da perplexidade destas cartas, pediu ao magistrado que as pudesse ver; depois de examiná-las cuidadosamente, começou a retirar um pouco da cera das tábuas com astúcia feminina; e imediatamente apareceram as palavras escondidas. E quando ela levantou mais cera, mais letras apareceram. Assim, toda a cera poderia ser lida na carta, independentemente do que estivesse escrito ali. Quando o sátrapa viu isso, eles ficaram muito satisfeitos, e fizeram um plano com as cartas, e defenderam a cidade com grande força, e a libertaram de todo cerco.

[Moralização.] Caríssimos, por este rei, o entendo como sendo o Deus onipotente, que foi expulso de sua cidade, ou seja, da sociedade humana, quando nossos primeiros pais conspiraram no paraíso e transgrediram seus preceitos, como quem diz: Não queremos que este reine sobre nós. Não obstante isso, o rei, nosso Senhor Jesus Cristo, de modo algum poderia não amar a cidade mencionada, a saber, toda a espécie humana. Pois ele nos amou, quando éramos seus inimigos, como diz o apóstolo aos Romanos 11: Quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho. Este rei, nosso Senhor Jesus Cristo, ponderando que o diabo, que é o rei sobre todos os filhos da soberania, esforçava-se para destruir a todos com suas inúmeras maquinações, tomou as tábuas, das quais se diz literalmente em Êxodo iii, as tábuas, nomeadamente, de Moisés, e escreveu nelas uma informação suficiente contra o demônio e suas maquinações. Assim, enviou à cidade da humanidade um mensageiro fiel, ou seja, Moisés. Mas esta escritura foi sublinhada de certa cera, ou seja, com algumas

cerimônias, de tal modo que os morais da lei não puderam ser lidas claramente e abertamente em nenhum momento da lei, nem foram bem compreendidas muitas questões entre os antigos sobre a compreensão dessas tábuas. Mas, certamente, nunca foi encontrado alguém que pudesse abrir a compreensão dessas tábuas, até que uma moça, irmã do rei, viesse, muito prudente e de nobre origem. Domicella era a beata virgem Maria, mãe de Deus e dos homens, claramente bendita e santificada, irmã também do rei Cristo. Pois, embora ela fosse filha do rei Davi segundo a carne, ela também é filha de Deus espiritualmente falando, conforme aquele versículo de Lucas: "Havia uma irmã chamada Maria." Assim, a virgem Maria abriu a compreensão das tábuas da antiga lei. Mas como? Certamente, apagando a cera. Pois vocês sabem que, com a luz chegando, a sombra recua, e com o fogo aquecendo, a cera derrete. Agora, essas cerimônias eram como sombra. Cristo, porém, Deus, foi o fogo e Maria, sua mãe, a iluminadora no dia de sua purificação. De livre e humilde vontade, sujeitou-se às cerimônias da lei, embora não precisasse, para apresentar seu filho, o fogo divino, no templo. Portanto, é necessário e foi que a sombra recuasse e a cera fosse derretida e retirada. Daí o salmista disse: "Assim como a cera derrete diante do fogo, assim pereçam os pecadores diante de Deus." E no dia de sua purificação, ele aboliu as cerimônias e assim cumpriu a lei e nos libertou da servidão do diabo pela natalidade de seu filho e ganhou para nós a vida eterna, à qual, *etc*.

CAP. 22: De timore mundano.

Narrat Augustinus, quod, quando Egypcii olim volebant deificare Isidem et Serapem, isto modo processerunt: Statuerunt duas imagines et primo legem statuerunt, quod quicumque eos diceret esse homines, vel aliquid de eorum genealogia narraret, capite plecteretur. Secundo, ut lex predicta nullum lateret, in omni templo, ubi eorum imagines colebantur, et juxta eos ponebatur unum parvum idolum habens digitam suum labiis applicatum, ut per hoc faceret signum silencii ingredientibus ista templa, et sic veritas ab omnibus taceretur.

[Applicacio.] Carissimi, revera ista faciunt homines mundani tenebrosi, oppressores veritatis et subversores ecclesiastici status, quando volunt deificare et glorificare semetipsos vel alios consimiles. Ponunt statim quoddam idolum coram oculis prelatorum, faciens signum silencii, ita videlicet, ut nullus audeat eos arguere, nec de eorum factis exprimere veritatem, sed magis eorum errores dissimulare vel pocius magnificare, ut sic propter defectum contradiccionis videantur apud populum esse justi. Et certe istud idolum est timor mundanus, propter quem nullus audet dicere veritatem, nec mori propter veritatem, nec nimiam persecucionem sustinere, immo propter istud idolum illi, quorum principaliter interest, pro suo grege mori, fiunt ita timidi sicut lepores; immo, quod pejus est, ipsi fiunt aliis idolum silencii, quia, si ipsi non essent, alii defenderent veritatem. Deum igitur qui est veritas, pre oculis habeamus in omnibus operibus nostris et deus nos liberabit et ducet ad vitam eternam. Ad quam etc.

CAP. 22: Do medo mundano

Agostinho conta que, quando, certa vez, os egípcios quiseram divinizar Ísis e Serápis, procederam deste modo: Fizeram duas estátuas. Primeiro, sancionaram uma lei, na qual qualquer um que dissesse que eram seres humanos, ou contasse histórias sobre a sua genealogia, teria a cabeça cortada. Segundo, que a lei prevista não passasse despercebida por ninguém, e que em todos os templos onde as imagens eram cultuadas fosse colocado um pequeno ídolo junto a elas, tendo um dedo posto sobre os lábios, para fazerem um sinal de silêncio aos frequentadores do templo, e assim a verdade seria silenciada por todos.

Aplicação: Caríssimos, os homens tenebrosos do mundo realmente fazem essas coisas, opressores da verdade e subversores do estado eclesiástico, quando querem divinizar e glorificar a si mesmos ou aos seus semelhantes. Colocam imediatamente certo ídolo diante dos olhos dos prelados, fazendo sinal de silêncio, escancaradamente, para que ninguém ouse reprová-los, nem exprimir a verdade dos seus feitos, e sim dissimular os seus erros ou, antes, engrandecê-los, para que, assim, pareçam justos ao povo, pela ausência de contradição. Certamente esse ídolo é o medo mundano, e por causa dele ninguém ousa dizer a verdade, nem morrer pela verdade, nem tolerar perseguição excessiva. Certamente, por causa desse ídolo, aqueles cujo o interesse principal é morrer por seu povo, ficam tímidos, assim como lebres; certamente, o que é pior, eles próprios se tornam o ídolo do silêncio para os outros, pois, se assim não fosse, os outros defenderiam a verdade. Tenhamos, portanto, Deus, que é a verdade diante dos olhos, em todas as nossas ações, e Deus nos libertará e conduzirá à vida eterna. À qual, *etc*...

CAP. 23: De spirituali medicina.

Beatus Augustinus refert, quod mos antiquus erat, quod corpora imperatorum post mortem eorum comburerentur et cineres in eminenciori loco collocarentur. Contigit autem, quod quidam moriebatur, cujus cor non poterat comburi; multis autem super hoc mirantibus, 20 omnes rhetores et sapientes illius provincie citaverunt, et ab eis causam inquirentibus tandem dixerunt, quod imperator fuit intoxicatus, et propter latens venenum accendi non poterat cor ejus. Tunc illi extrahentes cor de igne, apposuerunt tiriacam, sicque venenum fugaverunt; et cum iterum cor in ignem poneretur, mox in cineres est redactum.

[Moralizacio.] Carissimi, sic spiritualiter de hominibus veneno peccati mortalis intoxicatis impossibile est, ut eorum corda igne spiritus sancti accendantur, nisi per tiriacam i. e. per confessionem et contricionem prius peccati macula deleatur.

CAP. 23: Da medicina espiritual

Santo Agostinho relata que havia uma antiga conduta segundo a qual os corpos dos imperadores, após a morte, eram cremados, e suas cinzas depositadas em local de destaque. Aconteceu, porém, a morte de um certo imperador cujo coração não pudera ser consumido pelo fogo. Como muitos tinham ficado espantados com isso, todos os oradores e sábios daquela província foram convocados, e eles foram questionados sobre causa. Responderam, enfim, que o imperador foi intoxicado, e, devido ao veneno latente, o seu coração não pudera ser incendiado. Depois disso, eles retiraram o coração do fogo e aplicaram-no um antídoto, de forma que expeliram o veneno. O coração, assim, foi depositado novamente no fogo, e logo foi reduzido a cinzas.

Moralização: Caríssimos, assim, espiritualmente, também é impossível aos homens intoxicados pelo veneno do pecado mortal que seus corações sejam incendiados pelo fogo do Espírito Santo, a não ser pelo antídoto, isto é, pela confissão e pelo arrependimento, antes que seja destituída a mancha do pecado.

CAP. 24: De suggestione diaboli per temporalia.

De quodam mago narratur, qui habuit quendam ortum pulcherrimum, in quo erant tot flores redolentes, tot fructus suaves, tot divicie et delicie, quod valde delectabile fuit ibi esse. Hunc locum numquam volebat ostendere, nisi fatuis et inimicis suis. Et cum essent introducti, viderunt tot et tanta gaudia, quod mirabantur et instanter querebant, ut in illo poterant manere. Ille vero nulli consenciebat, nisi qui hereditatem ejus ei concederet. Fatui vero credebant, quod esset paradisus, in quo semper deberent permanere, et ei hereditatem illorum concesserunt. Magus vero de nocte surgebat, et eos dormientes invenit et occidit, et sic per ortum istum quasi infinita mala perpetravit.

Carissimi, magus iste cum orto suo est mundus iste cum diviciis suis et gloria sua. Magus dicitur, quia per incantaciones suas multos seducit, sicut isti joculatores faciunt. Talis ponit scutellam et nichil ponit intus, interim fabulatur et trufat et ludificat circumstantes. Postea querit: Quid est ibi? et apparent denarii vel floreni. Distribait et dat circumstantibus, accipiunt gratanter, et cum clauserint manus, credentes se habere denarium, postea aperientes manus nichil inveniunt. Sic mundus iste multos decipit et illudit, et sic de multis, quamdiu nichil est de re sub scutella vel disco, hoc est quamdiu nichil habet, nisi ea tantum que victui sunt necessaria, modicum curat de mundo. Quod videns mundus volens eos decipere, elevat patellam et ostendit quod latet, i. e. modicam elevat personam et exaltat 20 supra vite necessaria, ut ad ecclesiam vel prebendam, et tune incipit ostendere divicias et delicias. Statim miser homo appetit et concupiscit ea, que sunt contra salutem anime sue; et dantur ei multa, et credit ille bene ditari et in optimo stata esse, sed si aperiat manus ejas, nichil in fine inveniet, teste psalmista: Nichil invenerunt omnes viri diviciarum in manibus suis. Studeamus ergo mundum istum spernere, si desideramus ad vitam eternam pervenire, ad quam etc.

CAP. 24: Da sugestão do diabo

Conta-se de um certo mago que tinha um jardim belíssimo, no qual havia tantas flores perfumadas, tantos frutos doces, tanta riqueza e encantos que, de fato, era muito agradável estar ali. Ele nunca quis ostentar esse lugar, a não ser aos tolos e aos seus inimigos. Uma vez que eram trazidos ao jardim, viam tantas e tamanhas belezas que ficavam maravilhados, e instantaneamente perguntavam ao mago se poderiam ficar. Ele não permitia, a não ser que eles concedessem uma herança. Os tolos acreditavam, realmente, que ali fosse o paraíso, no qual sempre deveriam permanecer, e concediam-lhe a herança deles. Mas o mago aparecia durante a noite, encontrava-os e os matava, e assim, perpetrou males infinitos por todo o jardim.

Caríssimos, esse mago com seu jardim é este mundo com suas riquezas e sua glória. Diz-se que ele é um mago, pois seduz a muitos com seus feitiços, como fazem os brincalhões. Como tal, ele põe um prato e não se serve nele, enquanto confabula e engana aqueles que o cercam. Depois, ele pergunta: “O que eu tenho aqui?” E mostra denários e florins. Ele distribui e dá o dinheiro aos espectadores, que aceitam com gratidão, e quando eles fecham as mãos, acreditando que há um denário, depois de abrirem as mãos não encontram nada. Assim, este mundo frustra e ilude a muitos, e dessa forma as pessoas, quando não houver nada sob o prato ou sob a mesa, isto é, quando não houver nada a não ser o quanto for necessário para viver, pouco cuidam do mundo. Ao ver isso, o mundo ao querer enganá-los, rebaixa a louça e mostra o que esconde, ou seja, uma pessoa humilde se levanta e exalta coisas para além do que é necessário à vida, como ir à igreja ou dar esmolas, e então começa a ostentar riquezas e luxos. Imediatamente, o homem miserável deseja e cobiça as coisas que são contra a saúde da sua alma, e muitas coisas lhe são dadas, e acredita estar bem, rico e em ótimo estado, mas, se abrir as mãos, não encontrará nada no final, como testemunha o salmista: “Todos os homens nada encontram de riqueza em suas mãos.” Estudemos, portanto, para separarmo-nos deste mundo, se quisermos alcançar a vida eterna. À qual, *etc*...

CAP. 25: De beneficiorum oblivione et ingratitudine.

Quedam domina nobilis paciebatur multas injurias a quodam tyranno, qui vastabat ejus terram. Illa hoc audiens cotidie lachrimas emisit et in amaritudinem est anima ejus posita. Accidit a casu, quod venit quidam peregrinus juxta eam ubi manebat, vidensque ejus angustiam pietate motus bellum pro ea arripuit eo pacto, quod si in bello moreretur, baculum ejus et peram privatim in camera sua custodiret, ut de eo memoriam haberet et sibi grata esset. Illa vero fideliter ei concessit. Peregrinus bellum attemptans tyrannum devicit et ipse in bello usque ad mortem vulneratus est. Puella cum de morte ejus audisset, fecit quod promisit, baculum et peram in cameram suam ante lectum suum pependit. Accidit, quod per regna et castra fama volabat, quod ista nobilis domina omnia regna amissa recuperasset. Hec audientes tres reges ad eam venerunt cum magno apparatu, ut eam visitarent et in uxorem peterent. Illa statim ornavit se et in occursu illorum ambulabat eosque satis honorifice re- cepit, intra se cogitabat: Si forte isti tres reges cameram intrare proponunt, erit michi opprobium, si ante lectum meum invenirent peregrini peram et baculum, et jussit ea amoveri nec ultra ibi comparere. Sic pacti sui oblita et ingrata facta est.

[Applicacio.] Carissimi, domina ista est anima humana, tyrannus est diabolus, qui eam privavit hereditate regni celestis per multa tempora, unde ipsa multum dolebat. Nec mirum, quia in inferno diu posita erat, donec peregrinus venerat, scilicet Christus, qui de celo descendit in peregrinacionem istius mundi. Pera ejus caro mundissima, in qua latuit divinitas, in qua recepit vulnera. Baculus est lignum crucis, in quo pependit pro nobis peccatoribus. Unde pro anima fecit victoriam feria sexta, ut te liberaret a pena, et ut ibi restituerentur omnia amissa. Petit ergo instanter a te, ut pro ejus amore peram et baculum custodias, hoc est ut recentem memoriam continue de ejus passione habeas infra cameram cordis tui. Tres reges sunt diabolus, mundus et caro, qui veniunt ad hominem suggerendo, delectando, consenciendo. Miser homo non premeditatus de futuris ornat se cum viciis et concupiscenciis et occurrit eis, quam cito consentit; et sic amovet a memoria Christi et per consequens oblitus est dei. Studeamus ergo ejus beneficia recolere, si volumus ad eternum bravium pervenire.

CAP. 25: Do esquecimento e da ingratidão aos benefícios

Certa senhora nobre foi alvo de muitas injúrias de um certo tirano, que devastava sua terra. Ela, ao ouvir isso cotidianamente, derramava lágrimas, e sua alma foi tomada pela amargura. Aconteceu, por acaso, que certo peregrino veio até onde ela morava e, percebendo a sua angústia, movido pela piedade, travou uma guerra em seu favor, com o pacto de, se ele morresse na guerra, ela guardaria seu cajado e sua bolsa, em particular, no quarto dela, para que ela tivesse a memória dele e lhe fosse grata. Ela consentiu fielmente. O peregrino, travando a guerra, derrotou o tirano, mas foi ferido de morte na guerra. Quando a moça soube de sua morte, fez o que prometeu e pendurou o cajado e a bolsa dele em seu quarto, diante da cama. Aconteceu que a notícia de que essa nobre senhora havia recuperado todos os reinos perdidos, voava pelos reinos e pelos castelos. Ouvindo isso, três reis vieram até ela com grande pompa para visitá-la e pedi-la como esposa. Ela imediatamente se enfeitou, eles vieram a seu encontro, e ela os recebendo com muita honra, pensando consigo mesma: “Se, por acaso, estes três reis propuserem entrar no quarto, será uma desonra para mim, se diante da minha cama descobrirem o cajado e a bolsa do peregrino.” Assim, ela ordenou que os objetos fossem retirados e não aparecessem mais ali. Assim, ela se esqueceu do seu pacto e agiu como uma ingrata.

Aplicação: Caríssimos, essa senhora é a alma humana, o tirano é o diabo, que por muito tempo a privou da herança do reino dos céus, razão porque a própria muito sofria. Não é de se admirar, pois, que ela fora mantida no inferno por muito tempo, até que veio um peregrino, ou seja, Cristo, que desceu do céu em peregrinação neste mundo. A bolsa é sua carne imaculada, onde recebeu as feridas, na qual escondeu a divindade. O cajado é a madeira da cruz, na qual pendeu-se por nós, pecadores. Pela alma, portanto, ele venceu, em uma sexta-feira, para livrar a ti da pena, e para que fosse restituído tudo o que foi perdido. Ele pede de ti, portanto, urgentemente, que, por amor a ele, guardes a bolsa e o cajado, isto é, para que tenha sempre uma memória recente de sua paixão, sob o quarto do teu coração. Os três reis são o diabo, o mundo e a carne, que vêm ao ser humano sugerindo, aprazendo e consentindo. Uma pessoa miserável, não premedita o futuro, adorna-se com vícios e luxúrias e deles se aproxima, logo que consente, e assim se afasta da memória de Cristo e, por consequência, se esquece de Deus. Estudemos, portanto, colher os Seus benefícios, se quisermos alcançar a recompensa eterna.

CAP. 26: De humilitate.

Regina quedam nobilis de servo rustico concepit filium. Filius post hoc viciose et male se habuit in conspectu principis patris sai putativi. Princeps vero a regina diligenter quesivit, an filius suus esset. Qui tandem per confessionem regine inveniens, non esse filium suum, nolens tamen propter hoc eum privare regno, regnum suam dedit sibi, sed sic ordinavit, quod vestimenta sua diversi generis et coloris faceret, medietatem de vili panno et aliam de precioso panno, ut quando vilem respiceret, a superbia et omni vicio quocumque retraberetur, quando vero nobilem pannum, ne omnino dejiceretur, nec nimis humilem se exhiberet.

[Applicacio.] Carissimi, sic spiritualiter caro nostra per modum uxoris carnalia diligens vult nos retinere, ne pergamus ad terram promissionis, quociens peccatum mortale committimus. Quid ergo est nobis faciendum? Certe debemus dare carni annulum oblivionis, ut abstrahatur a delectacionibus, que sunt secundum sensum, ut sic obliviscantur delectaciones carnales, sed annulum memorie debet anima sibi retinere, ut videlicet in memoria jugiter habeat penas infernales et novissimum vite sue, ut sic peccatum caro obliviscatur. Unde scriptum est: Memorare novissima tua, et in eternum non peccabis. Eccles. VII. Tunicam de vili panno debemus habere, quia sumus filii" rustici, boc est terre. Job. vii: Putredini dixi: Pater meus es etc. Unde si nobis queratur: Quid est homo? certe dicemus, quod homo est pauper aut debilis, stultus aut rusticus. Si pauper, indiget diviciis; si debilis, indiget potencia; si rusticus, indiget nobilitate; si staltas, sapiencia. Quod pauper sis, probo. Nichil habes de te, nisi peccatum. Si enim reddas ovi lanam, bovi calciamenta, terre segetes, nichil tecum manet nisi peccatum. Secundo tu es debilis, quia nichil boni operis potes de te. Unde homo comparatur flori, qui mane est pulcher et splendens, de sero marcescit. Item fumo. Psalmista: Sicut deficit fumus, sie deficiant peccatores a facie dei. Item vanitati. Psalmista: Homo vanitati similis factus est. Tercio tu non es sapiens, quia non cognoscis teipsum. Quomodo ergo alia cognoscere potes? Quarto tu non es de magna parentela, sed de qua dicitur Job. vII: Putredini dixi: Pater meus es tu etc. Quinto tu non es pulcher, quia cito transis et vana est pulchritudo tua etc. Ideo una pars panni est caro vilissima, alia pars nobilissima, scilicet anima, et si ista duo secundum eorum naturam voluerimus observare, ad regnum eternum poterimus pervenire.

CAP. 26: Da humildade

Certa rainha digna concebeu um filho de um servo rústico. Este filho, mais tarde, se comportou viciosa e inadequadamente para os padrões de um príncipe, herdeiro de seu suposto pai. O príncipe, então, perguntou à rainha se realmente era seu filho. Descobrindo, finalmente, pela confissão da rainha, que não era filho dela, mas sem querer, entretanto, por causa disso, se privar do reino, o príncipe se apropriou do seu reino, mas ordenou o seguinte: que sua vestimenta fosse feita com diferentes materiais e cores, metade de tecido barato e a outra metade de tecido precioso, para que, quando observasse o barato, ele se afastasse da soberba e de todos os vícios, sempre que possível, e quando observasse o tecido nobre, ele não o descartasse de forma alguma, para que não se apresentasse de maneira demasiado humilde.

Aplicação: Caríssimos, assim espiritualmente a nossa carne, qual fosse uma esposa carnal, deseja amavelmente nos deter, para que não prossigamos à terra prometida, sempre que cometemos um pecado mortal. O que cabe a nós, então, fazermos? Certamente devemos dar à carne o anel do esquecimento, para que seja retirada dos prazeres, que agem em concordância com os sentidos, para que assim sejam esquecidos os prazeres carnais. Mas a alma deve guardar consigo o anel da memória, para que, na verdade, tenha continuamente vívidas as penas infernais e um ultimato para sua vida, para que assim se esqueça do pecado carnal. Disso foi escrito: “Lembre-se dos seus últimos momentos e não pecarás na eternidade” (Eclesiastes, vii). Devemos ter uma túnica de tecido barato, pois somos filhos do rústico, isto é, da terra. (Jó, vii). “Eu disse ao corrompido: Você é meu pai, *etc*.” Daí, se nos questionar, “O que é o homem?” certamente diremos que o homem é pobre ou debilitado, estúpido ou rústico. Se ele é pobre, precisa de riquezas; se é debilitado, precisa de força; se é rústico, precisa de nobreza; se é estúpido, de sabedoria. Provo, porque você é pobre. Você não tem nada de si mesmo, a não ser o pecado. Afinal, se você devolver a lã à ovelha, os cascos aos bois, as colheitas à terra, nada permanece com você a não ser o pecado. Em segundo lugar, você é debilitado, porque ~~você~~ não pode fazer nenhum bom trabalho a partir de você mesmo. Daí o homem ser comparado à flor, que é bela e radiante pela manhã e à tardinha murcha. Da mesma forma com a fumaça, segundo o salmista: “Assim como a fumaça se desfaz, que os pecadores se desfaçam à face de Deus”. Da mesma forma, em relação à vaidade, diz o Salmista: “O homem tornou-se similar à vaidade”. Em terceiro lugar, você não é sábio, porque não conhece a si mesmo. Como, então, você pode conhecer outras coisas? Em quarto lugar, você não vem de uma importante parentela, mas sim da qual se refere Jó, vii: “Eu disse ao corrompido: Você é meu pai, *etc*.” Em

quinto lugar, você não é belo, porque você envelhece rapidamente e a sua beleza é vã, *etc*. Portanto, uma parte do tecido é a carne, paupérrima, e a outra parte é nobilíssima, ou seja, a alma, e se quisermos observar essas duas segundo a natureza delas, poderemos alcançar o reino eterno.

CAP. 27: De justa remuneracione.

Quidam imperator erat dives valde ac potens, qui unicam filiam habebat pulchram valde et oculis hominum graciosam, quam miro modo dilexit, intantum quod quinque milites pro sua custodia assignavit. Milites vero isti quasi continue armati incedebant et certam prebendam singulis diebus de thesauro regis pro custodia filie accipiebant. Rex vero quendam senescallum et canem habebat, quos multum dilexit. Canis vero tribus cathenis erat ligatus, quia valde crudelis erat, et quos poterat apprehendere occidit. Accidit semel, quod cum rex in stratu suo jacuisset, terram sanctam visitare proposuit. Mane surrexit et senescallum ad se vocari fecit et ait ei: Terram sanctam visitare volo. Sub tua custodia filiam meam unicam cum militibus dimitto et canem quem diligo. Precipio tibi sub pena capitis, quod nullum defectum filia mea habeat. Omnia necessaria militibus secundum quod decet ministres, canem vero continue in cathena habeas et ei non laute administres, sed pocius famem sustineat, ut sic ejus crudelitas atque ferocitas annichiletar. Senescallus vero omnia adimplere fideliter promisit. Rex vero terram sanctam adiit, et senescallus omnia que promisit et totam preceptum in contrarium egit. Nam canem de melioribus cibariis semper pavit, nec eum sicut debuit custodivit, puelle necessaria subtraxit et milites prebenda privavit, intantum quod dispersi et vagabundi per mundam ibant, puella sine custodia sic relicta plorans et ejulans ambulabat in aula sola. Canis cum eam solam vidisset, tres catenas fregit, com quibus ligatus fuit et puellam occidit, de cujus morte factus est planctus magnus in civitate. Rex vero cum audisset de morte filie sue, commota sunt omnia viscera ejus et senescallum ad se vocari fecit, et cur et qua de causa filiam suam sine custodia dimisit et milites sine prebenda et canem contra preceptum ejus pavit, quesivit. Ille vero obmutuit, nec aliquid pro ejus excusacione allegavit. Rex vero tortoribus precepit, ut ligatis pedibus et manibus eum in fornacem ardentem projicerent. Omnes regem laudabant, quod tale judicium dedit.

[Moralizacio.] Carissimi, iste imperator est dominus noster Ihesus Christus, filia tam pulchra est anima ad dei similitudinem creata, pro cujus custodia quinque milites, id est quinque sensus ordinavit, ut continue bonis operibus essent armati et prebendam gracie dei reci perent. Canis vero est caro misera, que die ac nocte nititur spiritum perturbare et animam occidere. Unde de necessitate requiritur, quod tribus cathenis sit caro continue ligata, scilicet per timorem dei, per ejus amorem et pudorem peccandi. Propter timorem, quia deus est justus et juste peccatorem judicat ad penam perpetuam. Hec est cathena prima, cum qua caro misera ligetur, ne deum offendat et salu- tem propriam perdat. Secunda cathena est amor dei, quia homo tenetur, ipsum

super omnia diligere, eciam plus quam seipsum. Propter ejus amorem teipsum debes refrenare a viciis et concupiscenciis cavere. Et quare debes ipsum intantum diligere? Certe quia te creavit, te plasmavit, te ad similitudinem suam fecit, te redemit et vitam eternam dabit. Tercia cathena est pudor hominis peccare in conspectu dei, quia omnia videt, eciam minimam cogitacionem, quam in corde habes. Propter ista tria homo debet seipsum cohibere et nullo modo deum per peccatum offendere. Senescallus est homo, cui tradidit animam cum quinque sensibus et carnem sicut dedit ad regendum, ut pro eis respondeat, quando dominus noster Ihesus Christus ad judicium venerit. Sed miser homo, qui non diligit deum, cathenas frangit, quia postponit dei timorem, non curat cogitare, quod justo judicio hominem eternaliter dampnat. Postponit dei amorem, non carat pensare, quanta judicia amoris ei ostendit, quod eum de nichilo plasmavit, ad ejus similitudinem fecit, eum sua imagine divina decoravit, pro eo se humiliavit, naturam nostram assumpsit, proprio san- guine eum redemit, nec pudorem peccandi coram domino deo suo habuit. Omnia in contrarium perpetrat et animam suam occidit. Ideo eum venerit dies judicii, tunc apparebit peccator et non poterit ad objecta respondere, et tunc deus tradet eum tortoribus infernalibus, sicut ipse testatur Mathei xxv: Ite maledicti in ignem eternum. Stadeamus ergo ante omnia animam a peccato custodire, si desideramus ad vitam eternam pervenire.

CAP. 27: Da justa remuneração

Havia um certo imperador, muito rico e poderoso, que tinha uma única filha, muito bonita e agradável aos olhos dos homens, a quem estimava de uma forma admirável, tanto que designou cinco soldados para a sua custódia. Os soldados marchavam quase sempre armados e recebiam diariamente uma certa quantia do tesouro do rei para a custódia da filha. O rei tinha um senescal e um cachorro, a quem amava muito. O cachorro era amarrado a três correntes, por ser, na verdade, cruel. Ele matava todos que conseguia pegar. Aconteceu uma vez que, enquanto o rei estava deitado em sua cama, propôs visitar a terra santa. Ele se levantou de manhã e fez com que o senescal fosse chamado para junto de si, e lhe disse: "Quero visitar a Terra Santa. Deixo minha única filha sob os seus cuidados com os soldados e o cachorro que tanto estimo. Ordeno a você, sob pena de morte, que minha filha não tenha nenhum dolo. Você deve fornecer aos soldados tudo o que for necessário, mas manter o cão continuamente acorrentado e não ser amável com ele, e sim deixá-lo passar fome, para que sua crueldade e ferocidade fossem dissipadas. O senescal prometeu cumprir fielmente todos os comandos. O rei foi para a Terra Santa, e tudo o que o senescal havia prometido, todas as ordens, ele fez o contrário. Ele alimentou o cachorro com as melhores comidas e não cuidava dele como deveria. Tirava os suprimentos da menina e privava os soldados de seu pagamento, de modo que, enquanto saíam para andar dispersos e vagabundos pelo mundo, a menina, solta deixada sem guarda, caminhava pela casa chorando e lamentando. O cachorro, ao vê-la sozinha, rompeu as três correntes que o prendiam e matou a menina, cuja morte causou grande comoção na cidade. Quando o rei soube da morte da sua filha, sentiu as entranhas se revirarem e ordenou que o senescal fosse chamado diante de si. Ele perguntou-lhe por que razão tinha deixado a sua filha sem custódia, os soldados sem pagamento e alimentado o cachorro contra as suas ordens. Mas o senescal ficou calado, e não alegou qualquer excusa. Então, o rei ordenou aos torturadores que amarrassem os pés e as mãos do senescal e o lançassem em uma fornalha ardente. Todos elogiaram o rei por ter dado tal sentença.

[Moralização] Caríssimos, este imperador é o nosso senhor Jesus Cristo, a filha tão bela é a alma criada à semelhança de Deus, cuja custódia conferiu a cinco soldados, isto é, os cinco sentidos, para se manterem continuamente armados de boas obras e receberem o dom da graça de Deus. O cachorro é a carne miserável, que luta dia e noite para perturbar o espírito e matar a alma. Por isso, é necessário que a carne esteja continuamente presa por três correntes, ou seja, pelo temor a Deus, pelo Seu amor e pelo pudor de pecar. Por causa da temência, pois

Deus é justo e julga com justiça o pecador para o castigo eterno. Esta é a primeira corrente, com a qual a carne miserável esteja presa, para que não ofenda a Deus e perca a sua própria salvação. A segunda corrente é o amor de Deus, porque o homem tem de amá-Lo acima de todas as coisas, até mais do que a si mesmo. Por causa do amor dele, você deve se afastar dos vícios e se acautelar das concupiscências. E por que você deve amá-Lo tanto? Certamente porque Ele o criou, o moldou, o fez à Sua semelhança, o redimiu e lhe dará a vida eterna. A terceira cadeia é o pudor do homem de pecar na presença de Deus, porque Ele vê todas as coisas, até mesmo o menor pensamento que você tem no coração. O senescal é o homem, que traiu a alma com os cinco sentidos, e desse modo colocou a carne para ser governada, para que ela responda em lugar deles quando nosso Senhor Jesus Cristo vier para o julgamento.

Mas o homem miserável, que não ama a Deus, rompe as correntes, porque despreza o temor a Deus, não se preocupa em pensar que por um julgamento justo Deus condena um homem eternamente. Ele despreza o amor a Deus, não se preocupa em pesar quantas provas de amor Ele lhe faz, porque Ele o moldou do nada, fê-lo à Sua semelhança, decorou-o com a Sua imagem divina, humilhou-Se por ele, assumiu a nossa natureza, redimiu-o com seu próprio sangue, e nem assim se envergonhou do pecado cometido diante de seu senhor Deus. Ele faz tudo ao contrário e mata a própria alma. Portanto, quando chegar o dia do julgamento, então o pecador aparecerá e não poderá responder às acusações, então Deus o entregará aos torturadores infernais, assim como é testemunhado em Mateus xxv: [28] “Ide, malditos, ao fogo eterno.” Portanto, dediquemos, acima de todas as coisas, a proteger a alma do pecado, se quisermos alcançar a vida eterna.

CAP. 28: De inexecrabili dolo vetularum.

Imperatrix quedam erat, in cujus imperio erat quidam miles, qui nobilem uxorem et castam atque decoram habebat. Contingit, quod miles ad peregrinandum perrexit, sed prius uxori dixerat: Nullum custodem ultra tibi dimitto, quia satis credo, quod non indiges. Parato comitatu abiit, uxor vero caste vivendo domi remansit. Accidit semel, quod precibus compulsa cujusdam sue vicine epulandi causa domum suam egrederetur, quo peracto ad propria remeavit. Quam quidam juvenis aspectam ardenti amore cepit amare et plurimos nuncios ad eam direxit cupiens ab illa, quantum ardebat amari. Quibus contemptis eam penitus sprevit. Ille vero se omnino contemptum vi- dens adeo dolens efficitur, quod infirmabatur. Sepe tamen illuc ibat, sed nichil ei valuit eo quod domina per omnia eum sprevit. Accidit quodam die, quod versus ecclesiam perrexit dolens ac tristis, et obviam habuit quandam vetulam in proposito sanctam reputatam. Que cum juvenem tristem vidisset, causam tante tristicie ab eo quesivit. At ille: Quid prodest michi tibi narrare? At illa: O carissime, quamdiu infirmus abscondit a medico suam infirmitatem, non poterit eurari. Ideo ostende michi causam tanti doloris! Cum dei adjutorio te curabo. Juvenis cum hoc audisset, ostendit ei, quomodo dominam dilexit. Ait vetula: Perge cito ad domum tuam, quia infra breve tempus to curabo. Hiis dictis juvenis ad domum perrexit et vetula ad propria remeavit. Vetula ista quandam caniculam habebat, quam duobus diebus jejunare coegit et die tercia panem synapi confectum canicule jejunanti dedit. Quem cum gustasset, pre amaritudine oculi ejus lacrimabantur tota die. Tunc vetula ad domum domine perrexit cum canicula, quam juvenis dilexit tantum. Statim a domina est honorifice suscepta eo quod reputabatur sancta. Dum autem adinvicem sederent, domina parvam caniculam lacrimantem respexit, admirabatur multum et quesivit causam. Ait vetula: O carissima amica, noli querere, quare lacrimatur, quia tantum dolorem habet, quod vix poterit tibi intimari. Domina vero magis ac magis instigabat, ut diceret. Cai vetula: Hec canicula erat filia mea casta nimis et decora, quam juvenis quidam vehementer adamavit, sed adeo casta erat, ut omnino sperneret ejus amorem, unde juvenis tantum dolens pre dolore mortuus est, pro qua culpa deus convertit filiam meam in caniculam, sicut tu vides. His dictis incepit vetula flere dicens: Quociens filia mea recolit, quod tam pulchra puella erat, et modo est canicula, flet et consolari nequit, immo omnes ad fletum excitat pre nimio dolore. Audiens hec domina intra se cogitabat: Heu me! simili modo me quidam juvenis diligit et pro amore meo infirmater. Et totum processum vetule narravit. Vetula bec audiens ait: O carissima domina, noli amorem juvenis spernere, ne forte et tu materis in caniculam sicut filia mea, quod esset dampnum intolerabile.

Ait domina vetule: O bona matrona, date michi sanum consilium, ut non sim canicula. Que ait: Cito pro illo juvene mitte et voluntatem suam sine ulteriori dilacione facias. At illa: Rogo sanctitatem tuam, ut pergas ad eum et tecum ducas. Scandalum enim posset esse, si alius ad eam accederet. Cui vetula: Tibi compacior et libenter tibi eum adducam. Perrexit et juvenem secum duxit, et cum domina dormivit. Et sic per vetulam domina adulterium commisit.

[Moralizacio.] Carissimi, iste miles est Christus, uxor casta et decora anima per baptismum lota, cui dedit deus liberum arbitrium et sue voluntati tradidit, quando de hoc mundo ad patrem ascendit. Mulier ista scilicet anima invitatur ad convivium, quociens inelinatur ad carnalem concupiscenciam. Quia convivium hominis carnalis est semper in deliciis vivere. Statim juvenis id est mundi vanitas eam inquantum potest allicit, ut ei adhereat. Si vero non consenserit, adest vetula scilicet diabolus, qui circuit querens quam devoret animam scilicet principaliter quantum potest sollicitat ut peccato consenciat. Et quomodo? Certe ostendit sibi caniculam flenter. Canicula est spes longe vite et nimis de dei misericordia presumere, quam multi habent intantum quod cito ad peccatum declinatur. Quia sicut canicula ista ex sinapi lacrimabatur, sic spes sepius animam affligit, ne ad veritatem attingat intantum quod homo peccato consentit. Si ergo volumus castitatem anime servare et mundi decepcionem precavere, fugiamus mundum summopere, quia omne quod est. in mundo aut est superbia vite aut concupiscencia ocalorum aut concupiscencia carnis, et ideo summum remedium est illum derelinquere, si volumus premium eternum obtinere.

CAP. 28: Do indesculpável truque das velhas

Havia uma imperatriz, em cujo império havia um certo soldado, que tinha uma esposa nobre, casta e decorosa. Aconteceu que o soldado partiu em peregrinação, mas antes disse à esposa: não vou mais te mandar guarda, porque tenho certeza de que você não precisa. Ele foi com uma companhia pronta, mas sua esposa permaneceu em casa vivendo castamente. Aconteceu uma vez que, compelida pelos pedidos de um dos seus vizinhos, ela saiu de casa com o propósito de dar uma festa, após a qual voltou para sua casa. Um certo jovem captou o olhar da moça com um amor ardente, e enviou-lhe muitos mensageiros, contando-lhe o quanto ele ansiava para ser amado. Diante dessa situação, ela o desprezou totalmente. Ele, porém, vendo- se totalmente desprezado, ficou tão triste que ficou enfraquecido. Mesmo assim ele foi até a casa dela, mas não adiantou em nada, pois a senhora o desprezava em todos os sentidos. Aconteceu que, certo dia, voltando da igreja, triste e aflito, ele encontrou uma certa velha vestindo trajes próprios de sua santa reputação. Quando ela viu o jovem triste, perguntou-lhe a causa de tanta tristeza. Ele respondeu: “De que me adianta te contar?” Ela disse: “Ó caríssimo, enquanto o enfermo esconder sua enfermidade do médico, não poderá ser curado. Portanto, mostre-me a causa de tanta dor! Com a ajuda de Deus, eu te curarei. Ao ouvir isso, o jovem mostrou-lhe o quanto amava aquela senhora. A velha disse: Vá rápido para sua casa, pois em pouco tempo cuidarei de você. Com estas palavras o jovem foi para casa e a velha voltou para sua própria. Esta velha tinha um certo cachorro, que ela obrigou a jejuar por dois dias, e no terceiro dia deu ao cachorro, em jejum, um pão feito de mostarda. Depois de prová-lo, seus olhos lacrimejaram o dia todo por causa do amargor. Então, a velha foi até a casa da moça que o jovem tanto amava, com o cachorro. Ela foi imediatamente recebida com honra pela senhora por ser considerada santa. Enquanto elas estavam sentadas lado a lado, a moça olhou para o cachorrinho chorando, ficou muito surpresa e perguntou o motivo. A velha disse: “Ó, querida amiga, não lhe pergunte o motivo das lágrimas, pois ela está com tanta dor que dificilmente consegue relatar para você.” Mas a mulher insistia cada vez mais para que ela lhe contasse. E então a velha: “Esta cachorrinha era minha filha, muito casta e decorosa, por quem um certo jovem se apaixonou fortemente, mas ela era tão casta que rejeitou completamente o seu amor, de modo que o jovem morreu tamanha a dor, culpa pela qual Deus transformou minha filha em um cachorro, como você pode ver. Ditas estas palavras, a velha começou a chorar, dizendo: Sempre que a minha filha se lembra que era uma menina tão bonita e que, agora, é apenas um cão, ela chora e não pode ser consolada; Ao ouvir isso, a senhora pensou consigo mesma: Ai

de mim! Um certo jovem me ama de maneira semelhante e, por meu amor, ele está doente. E ela relatou todo o processo à velha. Esta, ao ouvir isso, disse: Ó querida senhora, não rejeite o amor de um jovem, para que você também não se torne um cachorrinho como a minha filha, o que seria uma perda intolerável. A moça disse à velha: Ó, boa senhora, dê-me um bom conselho, para que eu não seja um cachorro. E ela disse: Mande rapidamente chamar aquele jovem e faça a sua vontade sem mais demora. Mas ela disse: peço a Vossa Santidade que vá até ele e me leve contigo. Pois poderia ser escandaloso se outra pessoa se aproximasse dele. A velha disse: simpatizo com você e terei prazer em trazê-lo até você. Ela foi e trouxe o jovem consigo, e ele dormiu com a senhora. Assim, então, a moça cometeu adultério.

[Moralização.] Caríssimos, este soldado é Cristo, a esposa casta é a alma nobre lavada pelo batismo, a quem Deus deu o livre arbítrio e se entregou à sua própria vontade, quando ascendeu deste mundo a seu Pai. É claro que a alma desta mulher é convidada para a festa, sempre que é atraída pela concupiscência carnal. Porque a festa do homem carnal é viver sempre nos prazeres. Imediatamente a vaidade do mundo a atrai, na medida do possível, a aderir a ela. Mas se ela não consente, há uma velha, a saber, o diabo, que anda por aí reclamando que vai devorar a alma, ou seja, principalmente, solicitando ao máximo que ele consinta com o pecado. E como? Mostrando-lhe mostrou o cachorro chorando. É a esperança de um cão de uma vida longa e de presumir demais a misericórdia de Deus, que muitos tão rapidamente se voltam para o pecado. Porque assim como aquele cachorrinho chorou por causa da mostarda, assim também a esperança muitas vezes aflige a alma, para que não alcance a verdade a ponto de o homem consentir em pecar. Se, então, desejamos preservar a castidade da alma e orar pelo engano do mundo, evitemos o mundo supremamente, porque tudo o que há no mundo é o orgulho da vida, ou concupiscência do segredo, ou concupiscência da carne e, portanto, o maior remédio é abandoná-lo, se quisermos obter o prêmio eterno.

CAP. 29: Notabile de judicibus malis.

Erat quidam imperator, qui statuit pro lege, quod sub pena gravi quilibet judex recte judicaret, et si contrarium faceret nullo modo misericordiam inveniret. Accidit casus, quod quidam judex muneribus corruptus falsum judicium dedit. Imperator cum hoc audisset, servis suis precepit, ut eum excoriarent. Et sic factum est. Pellem ejus in loco, ubi judex sedere deberet, posuit ad significandum, quod ille judex cogitaret, quod amplius falsum judicium non daret. Rex vero filium judicis defuncti judicem constituit dicens ei: Sedebis super pellem patris tui, ut judices populum meum. Si vero aliquis affert tibi donum ut declines a via recta, ad pellem patris tui respicias, ne tibi hoc idem contingat.

[Moralizacio.] Carissimi, iste imperator est dominus noster Ihesus Christus, qui istam legem edidit, unde Deuteronomii: Judices et magistratus constitues etc. Ipse vero recte et omni tempore nos judicat, qui pater noster celestis totum judicium ei dedit. Judex, qui male judicavit, est quilibet homo, qui habet seipsum quantum ad vite rectitudinem judicare, quid et quantum contra deum deliquit. Si vero aliquis vestrum sit muneribus id est malis humoribus corruptus debet excoriari, id est in omnibus viciis suis per penitentiam denudari, ut poterit dicere verbum illud Job: Pellem pro pelle, et quicquid homo habet, dabit pro anima sua. Pellis que ponitur pro memoria in sede, est Christi passio, quam homo debet habere retentam in sede cordis sui, ne contra deum et salutem anime sue delinquat, sicut scriptum est: Memorare novissima tua et in eternum non peccabis. Christus non tantum pellem in sede crucis pro nobis dedit, sed eciam vitam. Et ideo si veri filii sumus, eum per peccatum offendere non debemus. Et si contingit nos labi, respiciamus ad crucem, quantum pro nobis sustinuit, ut emendemus cum operibus misericordie et per consequens vitam eternam obtinebimus.

CAP. 29: De ser notável por maus julgamentos

Havia um certo imperador que sancionou uma lei, segundo a qual qualquer juiz deveria julgar honestamente, sob pena grave, e se fizesse o contrário, não teria misericórdia de modo algum. Aconteceu um caso em que um certo juiz, corrompido por seu ofício, deu uma falsa sentença. O imperador, ouvindo isso, ordenou a seus servos que arrancassem a sua pele. E assim foi feito. Ele colocou a pele no lugar onde um juiz deveria se sentar, significando que tal juiz pensaria muito antes de dar um julgamento falso. E o rei nomeou como juiz o filho do juiz morto, dizendo-lhe: "Sentar-te-ás sobre a pele do teu pai para julgar o meu povo. Mas se alguém oferecer a ti um presente que te faça desviar do bom caminho, olha novamente a pele do teu pai, para que não aconteça o mesmo a ti."

Moralização: Caríssimos, este imperador é o nosso senhor Jesus Cristo, que sancionou essa lei, como consta em Deuteronômio: "Nomearás juízes e magistrados, *etc*." Ele, porém, nos julga corretamente em todos os momentos, a quem nosso Pai celestial deu todo o juízo. O juiz que julgou mal é qualquer ser humano que possui, ele próprio, capacidade de julgar o suficiente, para a retidão da vida, e o que e o quanto contra Deus delinquiu. Mas se algum de vós for corrompido pelo ofício, ou seja, pelas más atitudes, deve ser esfolado, ou seja, desnudado de todos os seus vícios pela penitência, para que possa ir em concordância com as palavras de Jó: "Pele por pele, e qualquer coisa que o Homem possui, ele dará por sua alma." A pele que foi posta na cadeira como memória, é a paixão de Cristo, que o Homem deve ter guardada na sede do seu coração, para que não conspire contra Deus e a salvação da sua alma, assim como foi escrito: "Lembra-te das tuas últimas palavras e não pecarás para a eternidade." Cristo não deu somente a pele por nós, na sede da cruz, mas também a vida. E, portanto, se realmente somos filhos, não devemos ofendê-lo com o pecado. E se acontecer de nos fatigarmos, olhemos para a cruz, para o quanto suportou por nós, para nos redimirmos com ações de misericórdia, e, por consequência, obtermos a vida eterna.

CAP. 30: De peccato et judicio.

Rex quidam erat, qui statuit pro lege, quod victori de bello redeunti fieret triplex honor et tres molestie. Primus honor, quod victori obviabat populus cum leticia. Secundus, quod omnes captivi currum ejus ligatis manibus et pedibus retro sequebantur. Tercius honor, quod indutus tunica Jovis sedebat in curru, quem trahebant quatuor equi albi et ducebatur usque ad Capitolium. Ne cum hiis honoribus oblivisceretur sui, triplicem molestiam oportebat illum sustinere. Prima est, quod cum eo ponebatur in curru quidam servilis condicionis, ut daretur spes cuilibet quantumcumque vilis condicionis pervenire ad talem honorem si probitas mereretur. Secunda molestia erat, quod iste servus eum colaphizabat, ne nimis super- biret, et dicebat: Nosce te ipsum et noli superbire de tanto honore! Respice post te et hominem te esse memento! Tercia molestia erat, quod illa die licebat cuilibet dicere in personam triumphantis quicquid vellet, scilicet omnia obprobria victori.

Carissimi, iste imperator est pater celestis, victor de bello dominus noster Ihesus Christus, qui contra diabolum victoriam obtinuit, unde in die palmarum triplex honor ei fiebat. Primo, quod ei obviavit populus, quando omnes extra lherusalem perrexerunt cum ramis palmarum et vestimentis et pueri clamabant: Osanna filio David! Secundus honor, quod omnes captivi etc. Isti captivi erant Judei et peccatores in peccatis ligati, qui currum humanitatis ejus sequebantur, videntes signa et prodigia, que faciebat. Tercius honor, quod victor 10 indutus erat tunica Jovis. Tunica ista erat divinitas humanitati interius conjuncta, quem trahebant quatuor equi albi, id est quatuor evangeliste, qui de ejus divinitate et humanitate loquebantur. Contra istos honores triplex ei molestia fiebat, scilicet quod unus servilis condicionis ponebatur cum eo scilicet latro pessimus. Secunda molestia erat quod servi eam colaphizabant. Sic Judei Christo fecerunt dicentes: Prophetisa nobis, quis est, qui te percussit? Tercia molestia, quod omnia obprobria ei objiciebant, sic Judei in faciem ejus exspuerunt et obprobria multa ei dixerunt.

CAP. 30: Do pecado e do juízo

Havia um certo rei que sancionou uma lei na qual ao vencedor que retornasse da guerra se concedesse três honrarias e três mazelas. A primeira honraria era que o povo o recebesse com alegria. A segunda, era que todos os presos seguissem o seu carro com as mãos e os pés atados. A terceira honraria, era que Júpiter, trajado de sua túnica, se sentasse em seu carro, que quatro cavalos brancos puxavam, e era conduzido até o Capitólio. Para que, com essas honras, não se esquecesse de si mesmo, o vencedor deveria suportar três mazelas. A primeira mazela era a de que alguém de condição servil fosse posto com ele no carro, para que fosse dada esperança a qualquer um, ainda que de condição vil, alcançar tal honra, se a probidade a merecesse. A segunda mazela era que esse servo incomodasse os seus ouvidos para que não ficasse excessivamente orgulhoso, dizendo: "Conheça a ti mesmo e não te orgulhes de tanta honra! Olha para trás e lembra-te que és um ser humano!" A terceira mazela era que, naquele dia, era permitido a qualquer um dizer, pessoalmente, ao vencedor, o que quisesse, sendo, naturalmente, permitidos todos os insultos ao vencedor.

Caríssimos, esse imperador é o Pai celestial, o vencedor da guerra, o nosso Senhor Jesus Cristo, que obteve a vitória contra o diabo, por isso foi honrado triplamente no dia de ramos. A primeira honra era que o povo o recebesse quando chegasse a Jerusalém, com todos trazendo ramos de plantas e vestimentas, e as crianças clamando: "Hosana ao filho de David!" A segunda honra era que todos os prisioneiros, *etc*., (estes prisioneiros eram os judeus e pecadores presos aos pecados) seguissem o carro da humanidade dele, vendo os sinais e os prodígios que fazia. A terceira honra era que o vencedor vestisse a túnica de Júpiter. Essa túnica era a comunhão no interior da divindade com a humanidade; traziam-no quatro cavalos brancos, isto é, os quatro evangelistas, que falariam da sua divindade e da sua humanidade. Ao contrário dessas honras, ele receberia o triplo de mazelas, ou seja, que um único de condição servil fosse colocado com ele, certamente um péssimo ladrão. A segunda mazela era que os servos incomodassem seus ouvidos. Assim os judeus fizeram a Cristo dizendo: "Profetisa para nós, quem é que te feriu?" A terceira mazela era que todos lhe lançassem todos os insultos, assim como os judeus cuspiram em seu rosto e lhe disseram muitos insultos.

CAP. 31: De rigore mortis.

Legitur de morte Alexandri quod antea plurimi philosophi ad eum convenerunt, de quibus unus dixit: Alexander ex auro fecit thesaurum, et nunc e converso aurum ex eo fecit thesaurum. Alius dixit: Heri non sufficiebat Alexandro totus mundus, hodie sufficiant ei tres vel quatuor ulne panni. Alius dixit: Heri Alexander potuit a morte multos liberare, hodie ipse jacula mortis non potuit vitare. Alius dixit: Heri terram premebat, hodie ab ea premitur. Alius dixit: Heri Alexandrum omnes timebant, hodie eum vilem omnes reputant. Alius dixit: Heri Alexander multos amicos habuit, hodie nullum. Alius dixit: Heri Alexander duxit exercitum, hodie ab illis ducitur sepulture.

Carissimi, iste Alexander potest dici quilibet dives istius mundi, qui laborat totaliter in mundanis. Magis laborant mundani quando moriuntur, circa funeralia sua cum magna pompa, quam circa animam, que jacet in penis. Philosophi adducti sunt doctores ac sacre scripture expositores, qui divites hujus mundi ex auro mundano faciunt thesaurum, hoc est dictum, homo tenetur de bonis mundanis impleri id est bonis virtutibus, sicut est dare elemosynam, vestire nudum etc. et sic facit de eo quantum ad animam in celo thesaurum. Item dicunt: Non sufficit avaro mundus, quia quanto plus habet, tanto plus capit habere, et hoc est fatuitas, quia mundus deficiet sibi in morte. Sed si de omni labore suo duas vel tres ulnas [panni] obtinuerit, multum est. Item dicunt: Divites, dum vivunt, imperant, sed post mortem quilibet pauper ei imperat, et quamdiu vivit dives, multos potest a morte liberare, et tamen nullus dives quantumcumque potens in necessitate jacula mortis evadere potest. Item homo terre dominatur, sed in morte terra ei dominatur, quia totum corpus hominis per terram consumitur, et quamdiu homo vivit, timetur, sicut scriptum est: Facies hominis facies leonis, sed in morte vilis ab omnibus reputatur. Item quamdiu vivit amicos habet, sed in morte 16 omnes recedunt et ipsum solum relinquunt. Quamdiu homo vixit, potuit multos secum acquirere et ducere, sed in morte ab aliis ducetur, unde Christus dixit Petro: Alius cinget te et ducet quo tu non vis.

CAP. 31: Do rigor da morte

Acerca da morte de Alexandre, lê-se que muitos filósofos, certa vez, reuniram-se diante de sua sepultura, um dos quais disse: "Alexandre fez do ouro um tesouro. Agora, pelo contrário, o ouro fez dele um tesouro." Outro disse: "Ontem, todo o mundo não era suficiente para Alexandre. Hoje, são suficientes para ele três ou quatro palmos de terra como mortalha." Outro disse: "Ontem, ele pôde livrar muitas pessoas da morte. Hoje, ele não consegue livrar a si mesmo das armadilhas da morte." Outro disse: "Ontem, ele conquistava a terra. Hoje, é conquistado por ela." Outro disse: "Ontem, todos temiam Alexandre. Hoje, todos o menosprezam." Outro disse: "Ontem Alexandre tinha muitos amigos, hoje não há nenhum. Outro disse: "Ontem Alexandre conduziu o exército, hoje é conduzido por ele à sepultura."

Caríssimos, este Alexandre, pode-se dizer, é qualquer rico deste mundo, que se preocupa totalmente com coisas frívolas. E os frívolos se preocupam mais quando morrem, com seus funerais em grande pompa, do que com a alma, que jaz na despensa. Os filósofos sérios são os mestres e expositores da escritura sagrada, que como os ricos deste mundo fazem do ouro mundano um tesouro, o ser humano é restrito a estar repleto de bens mundanos, isto é, de boas virtudes, como dar esmola, se vestir nu, *etc*. E assim ele fez da sua alma tanto quanto um tesouro no céu. Como dizem: O mundo não é suficiente para um avarento, pois quanto mais ele possui, mais ele quer possuir, e isto é uma tolice, porque o mundo o abandonará na morte. Mas se, por todo o seu trabalho, ele obtiver dois ou três metros (de pano), é muito. Como dizem: Os ricos governam enquanto vivem, mas depois da morte qualquer pobre os governa, e, enquanto o rico vive, pode livrar muitos da morte, e ainda assim, nenhum rico, por mais poderoso que seja, pode evadir-se do destino lançado pela morte. Da mesma forma, o homem domina a terra, mas na morte a terra o domina, pois todo o corpo do homem é consumido pela terra, e enquanto o homem vive, ele é temido, assim como está escrito: "A face do homem é a face de um leão, mas na morte ele é tido como inútil por todos." Enquanto vive, ele tem amigos, mas na morte todos se distanciam e o deixam sozinho. Enquanto o homem viveu, pôde angariar e liderar muitos consigo, mas na morte ele é conduzido por outros, como Cristo disse a Pedro: "Outro te cercará e conduzirá a onde não queres."

CAP. 32: De inspiratione bona.

Refert Seneca, quod in corporibus venenosis propter maliciam veneni et nimiam frigiditatem nullus vermis nascitur, sed si percussa fuerint fulmine, post paucos dies vermes producunt.

Carissimi, per corpora venenosa intelligo hominem in peccato mortali venenatum; tales propter frigiditatem peccati vermem producere non possunt, et ideo percutit eos deus fulmine, dum talibus infundit graciam, quam si peccator recipere voluerit, cito converti potest. Et ideo sanum consilium est, ut cito per contricionem convertamur ad Christam. Et sic acquiramus vitam eternam. Ad quam etc.

CAP. 32: Da boa inspiração

Sêneca escreve que, em corpos venenosos, devido à malícia e frigidez excessiva do veneno, nenhum verme é engendrado, mas se for fulminado por um raio, os vermes se proliferam em poucos dias.

Caríssimos, compreendo os corpos tomados por veneno como sendo o ser humano envenenado pelo pecado mortal; por causa da frigidez do pecado, eles não conseguem produzir o verme, e por isso Deus os atinge com um raio, enquanto lhes infunde a Graça, de modo que, se o pecador deseje se redimir, ele rapidamente poderia ser convertido. E por isso é um bom conselho, que logo nos convertamos em Cristo pelo sofrimento. Assim, alcançaremos a vida eterna. À qual, *etc*...

CAP. 33: De jactantia.

Refert Valerius, quod homo quidam nomine Peratinus flens dixit filio suo et omnibus vicinis suis: Hen, heu michi! habeo in orto meo arborem infelicem, qua uxor mea prima se suspendit, postmodum secunda, mode tercia, et ideo dolor est michi miserabilis. Ait unus, cui nomen Arrius: Miror, te in tantis successibus lacrimas emisisse. Da michi, rogo te, tres surculos illius arboris, quia intendo inter vicinos dividere, ut quilibet arborem habeat ad uxorem suam suspendendam. Et sic factum est.

Carissimi, hec arbor est sancta crux, in qua pependit Christus. Hec arbor debet poni in orto hominis, dum anima habet jugem memoriam de passione Christi. In ista arbore tres uxores hominis suspenduntur, scilicet superbia vite, concupiscencia carnis et concupiscencia oculorum. Homo enim datus mundo tres uxores ducit: una est filia carnis, que vocatur voluptas, alia filia mundi, que vocatur cupiditas, tercia filia diaboli, que vocatur superbia. Sed cum peccator gracia dei adheret penitencie, iste uxores voluntates suas non habentes se suspendunt. Cupiditas se suspendit fune elemosyne, superbia fune humilitatis, voluptas se suspendit fune jejunii et castitatis. Iste, qui quesivit surculos, est bonus Christianus, qui toto conamine hoc debet appetere et querere, non tantum pro se, sed pro aliis vicinis. Ille, qui flevit, est miser homo, qui magis diligit carnem et ea que carnis sunt, quam ea que sunt spiritus sancti. Tamen sepius. talis ad informacionem boni viri ad rectam viam poterit duci, et sic vitam eternam obtinebit.

CAP. 33: Da jactância

Valério conta que um certo homem chamado Peratino disse ao seu filho e a todos os seus vizinhos, chorando: “Ai! Ai de mim! Tenho em meu jardim uma árvore maldita, onde a minha primeira esposa se enforcou, e em seguida aconteceu à segunda e também à terceira, e por isto sofro essa dor miserável.” Um homem chamado Árrio disse: “Admira-me derramares lágrimas diante de tamanho sucesso. Dá-me, peço-te, três mudas dessa árvore, pois intento dividi-las entre os vizinhos, para que cada um tenha uma árvore onde suas esposas se enforquem.” E assim foi feito.

Caríssimos, esta árvore é a santa Cruz na qual Cristo pendeu. Esta árvore deve ser posta no jardim dos seres humanos, para que a alma tenha fixada a memória da paixão de Cristo. Nesta árvore as três esposas do homem foram suspensas, ou seja, a soberba da vida, a luxúria da carne e a luxúria dos olhos. Na verdade, o homem dado ao mundo casa-se três vezes: uma é a filha da carne, que é chamada de volúpia, a outra é filha do mundo, que se chama tentação, a terceira é a filha do diabo, que é chamada de soberba. Mas quando o pecador adere à penitência pela Graça de Deus, as suas esposas não tendo os seus desejos, se enforcam. A luxúria se enforca na corda da misericórdia, a soberba na corda da humildade, a volúpia se enforca na corda do jejum e da castidade. Aquele que pediu pelas mudas, é o bom cristão, que com todo o esforço deve desejar e lamentar isso, não tanto por si, mas pelos outros vizinhos. Aquele que chorou, é o homem miserável, que estima mais a carne e aquilo que é carnal do que aquilo que é do Espírito Santo. No entanto, normalmente, o tal poderá ser conduzido a um caminho reto por obra dos homens bons, e assim obterá a vida eterna.

CAP. 34: De ponderacione vite.

Legitur de rege Alexandro, qui habebat Aristotelem magistrum, de cujus doctrina multum profecit et multas virtutes ab eo didicit. Inter cetera a magistro suo quesivit aliqua sibi et aliis proficua dici. Ait magister: Fili, ausculta diligenter, et si meam doctrinam tenueris, ad magnum honorem pervenies. Septem sunt, que te docebo. Primum est, stateram ne transilias. Secundum, ignem cum gladio ne foveas. Tercium, coronam ne carpias. Quartum, cor avicule ne comedas. Quintum, cum profectus fueris, non redeas. Sextum, per viam publicam ne ambules. Septimum, irundinem garrulantem in domo habitare non permittas. Rex in istis septem miro modo studebat et sic profecit quamdiu vixit.

CAP. 34: Da ponderação da vida

Lê-se que o rei Alexandre teve Aristóteles como professor, em cujos ensinamentos ele fez grande progresso e aprendeu com ele muitas virtudes. Entre outras coisas, ele pediu ao seu professor que lhe dissesse algo proveitoso para ele e para os outros. O mestre disse: “Meu filho, ouça com atenção, e se você mantiver meus ensinamentos, alcançará grande honra. São sete, que vou te ensinar. O primeiro é: não exagere. Em segundo lugar, não atiçar o fogo com a espada. Terceiro, não tome a coroa. Em quarto lugar, não coma coração de ave. Quinto, quando você partir, não retorne. Sexto, não ande na via pública. Sétimo, você não deve permitir que uma andorinha tagarela more na sua casa.” O rei refletia nesses sete ensinamentos de maneira admirada e, assim, prosperou enquanto viveu.

CAP. 35: De pacis reformatione et vindicta eam dissipantium.

Legitur in gestis Romanorum, quod talis erat consuetudo, quod cum formari deberet aliqua pax inter magnos, inter quos discordia erat, ascendebant montem magnum et altum et ducebatur agnus et occidebatur et in conspectu eorum sanguis ejus effundebatur in pacis reformacionem, in signum quod quicumque illorum pacem dissiparet, de eo magna vindicta reciperetur et sanguis ejus effunderetar.

Carissimi, magni domini fuerunt deus pater et homo. De deo dicit Psalmista: Magnitudinis ejus non est finis. De homine, qui ad imaginem dei factus est, Psalmista: Omnia subjecisti sub pedibus ejus etc. Inter istos magnos erat discordia, intantum quod quotcunque moriebantur, ad infernum descenderunt. Postes facta est pax magna inter deum et hominem, in cujus pacis reformatione ducebatur agnus id est Christus super montem calvario, ubi occidebatur et effundebatur sanguis ejus in signum, quod quicunque eorum pacem dissiparet, de eo maxima vindicta reciperetur et sanguis ejus effunderetur. Ideo si pactum cum deo fregeris, gravis vindicta sequeretur. Quantam vindictam credis te habere, si ea, que in baptismo promisisti, fregisti.

CAP. 35: Da reforma da paz e da vingança daqueles que a destroem

Lê-se nos feitos dos romanos que existia um tal costume: Quando devesse se estabelecer alguma paz entre os poderosos, entre os quais houvesse discórdia, eles subiriam em uma grande e alta montanha, e um cordeiro seria levado e seria morto, e na presença deles o seu sangue seria derramado pela reforma da paz, como um símbolo de que qualquer um deles que arruinasse a paz sofreria grande vingança, e seu sangue seria derramado.

Caríssimos, Deus Pai e homem foram grandes senhores. O salmista disse sobre Deus: "Da Sua magnitude não existe fim." E sobre o homem, que foi feito à imagem de Deus, o salmista disse:

"Puseste todas as coisas sob os pés d'Ele, *etc*." Entre esses homens poderosos houve discórdia, de forma que qualquer um que fosse morto desceria para o inferno. Depois, foi feita uma grande paz entre Deus e o Homem, na reforma de cuja paz foi trazido o cordeiro, isto é, Cristo sobre o monte Calvário, onde foi morto e o seu sangue derramado, em sinal de que qualquer um que arruinasse a paz deles seria recebido por grande vingança e seu sangue seria derramado. Portanto, se quebrares o pacto com Deus, uma grave vingança seguirá.

Quanta vingança crês que tens, se quebraste as promessas que fizeste no batismo?

CAP. 36: De cursu vite hominis.

Legitur de quodam rege, qui ante omnia naturam hominis desiderabat scire. In cujus imperio erat quidam philosophus sagax valde, de cujus consilio operati sunt multi. Rex cum de eo audisset, nun- cium ad eum direxit, ut sine ulteriore dilacione ad eum veniret. Philosophus, cum voluntatem regis intellexisset, venit ad regem. Ait ei rex: Magister, a te sapienciam et doctrinam volo audire. Dic michi in principio, quid est homo. Ait ille: Homo est miser toto tempore vite sue. Vide principium tuum, medium et finem et invenies, quod plenus es miseriis. Unde Job: Homo natus de muliere etc. Si respicis principium, invenies te pauperem et impo- tentem. Si medium, invenies mundum angustiantem et forte animam tnam condempnantem. Si finem, terram te suscipientem. Et ideo, do- mine mi rex, non habeas memoriam superbiendi. Ait rex: Magister, quero a te quatuor questiones, quas si bene solveris, te ad digni- tates et divicias promovebo. Prima questio est: Quid est homo? Secunda: Cui est similis? Tercia: Ubi est? Quarta: Cum quibus sociis est? Ait philosophus: Domine, ad primam questionem respon- debo. Quando queris: Quid est homo? dico, quod est mancipium mortis, hospes loci, viator transiens. Mancipium dicitur, quia manum mortis evadere non potest, quia mors omnes labores et dies rapit, et secundum quod meruit habebit premium vel supplicium. Item homo est hospes loci, quia oblivioni traditur. Item est viator transiens; sive dormiendo, sive vigilando, sive comedendo, sive bibendo, sive aliud faciendo semper ad mortem currit. Ideo debemus per viam nobis providere de victualibus, scilicet de bonis virtutibus. Secunda questio est: Cui est homo similis? Dico, quod similis est glaciei, quia propter calorem cito dissolvitur. Sic homo, de terra et de elementis compaginatus, per calorem infirmitatis cito dissolvitur et corrumpitur. Item similis est pomo novo, quoniam sicut pomum no- ram pendens in arbore, cum debet ad crementum debitum venire, modico verme interius exorto corroditur et subito corruens inutile efficitur. Sic homo in puericia sua crescens subito oritur infirmitas interius et anima expellitur et corpus corrumpitur. Unde ergo superbit homo? Tercia questio est: Ubi est homo? Dico, quod in bello multiplici, scilicet contra mundum, diabolum et carnem. Quarta: Cam quibus sociis est homo? Respondeo, quod cum septem sociis, qui eum continue' molestant, qui sunt fames, sitis, calor, frigus, las- sitado, infirmitas et mors. Prepara ergo animam contra diabolum, mundum et carnem, quorum bella, id est tentaciones sunt diversa. Et ideo diversimode preparanda est anima, ut resistet. Caro enim temptat nos per luxuriam et voluptatem, mundus per diviciarum vanitatem, diabolus per superbie vilitatem; si ergo caro te temptat, istam adhibe medicinam: habeas in memoria, quod caro, que te provocat ad peccatum, vertetur in cineres

die et tempore ignoto, et anima pro ejus delicto penam eternam sustinebit. Sapiencie : Ex tinctus cinis erit corpus nostrum. Et sequitur: Postea erit oblivio, et nemo habebit memoriam operum nostrorum. Et si iste cinis sit in memoria, temptacionem impediet, ne procedat ad actum. Si mundus te temptat per vanitatem, adhibe istam medicinam: considera diligenter ipsius ingratitudinem, et nunquam sibi serviendi habebis voluntatem; nam ita ingratus est mundus, quod licet per totam vitam tuam illi fideliter servias, nichil apportare tecum te permittit nisi peccatum. Est enim de mundo, sicut de perdice. Perdix habens pullos suos, sciens venatorem appropinquare nido, ut venatorem retrahat a pullis venit prope venatorem et fingit se posse non volare; quod venator credens esse verum, insequitur paulatim. Illa volat et ipse post illam vadit sperans illam capere, et sic semper facit, donec elongatus est a pullis; et sic decipitur venator, quod nec perdicem nec pullos habet. Sic est de mundo. Venator, qui nido pullorum appropinquat, est bonus Christianus, qui victum et vestitum et alis cum labore acquirit. Sed mundus hominem non libenter sustinet, tali applaudit et simulat, ac si sequi velit, et semper cum honore manere; quod videns homo sepe ab operibus bonis recedit et mundi vanitatem sequitur, et tunc mundus illum ab amore dei et bonis operibus elongat. Deinde mors illum subtrahit a seculo, et manet ille miser deceptus, quia non habet mundum, quem sequebatur, nec fructum bonorum operum, a quibus elongatur. Ecce quomodo mundus sais servitoribus reddit mercedem. Et hoc est, quod dicit Jacobus n: Totus mundus in maligno positus est. Omne, quod est in mundo, aut est superbia vite et reliqua. Tercio, si te temptaverit diabolus, adhibe istam medicinam: habeas in memoria passionem Christi, per quam superbus ceditur et non habet potestatem resistendi. Unde apostolus: Induite vos armatura dei ut possitis stare etc. Unde refert Solinus de mirabilibus mundi, quod Alexander equum quendam habuit, qui vocabatur Bucefalus, cujus erat consuetudo, quod quando erat armatus et paratus ad bellum, nullum sessorem retinebat nisi solum Alexandrum; sed si quis alius eum ascenderet, statim projecit eum a se; quando vero non erat armatus, famuli super eum sedere permittebantur. Sic homo armatus Christi passione nullam recipit in corde, nisi imperatorem deum omnipotentem, sed si aliqua temptacio diaboli cor suum ascendere velit, statim virtute passionis Christi habet potestatem dejiciendi eam. Si vero ista careat armatura dei, statim pronus erit ad omnes temptaciones recipiendas. Studeamus ergo bonis virtutibus armari, ut tandem perveniamus ad gloriam.

CAP. 36: Do curso da vida humana

Lemos sobre um rei que desejava, acima de tudo, conhecer a natureza do homem. Em seu governo, havia um certo filósofo de grande habilidade, em cujo conselho muitos trabalharam. Quando o rei ouviu falar dele, enviou-lhe um mensageiro, para que fosse ter com ele sem mais demora. O filósofo, tendo compreendido a vontade do rei, veio até ele. O rei lhe disse: “Mestre, quero ouvir de você sabedoria e ensinamentos. Diga-me desde o início o que é um homem.” Ele disse: “O homem é miserável durante todo o tempo de sua vida. Olhe para o seu começo, meio e fim e descobrirá que está cheio de misérias. Daí Jó: Homem nascido de mulher, *etc*. Se você olhar para trás, para o início, você se verá pobre e impotente. Se estiver no meio, você encontrará o mundo restringindo e talvez condenando sua própria alma. Se for o fim, a terra te receberá. E portanto, meu senhor, o rei, não tenha memória do orgulho.” O rei disse: “Mestre, faço-lhe quatro perguntas, que se responder bem, irei fornecê-lo honrarias e riquezas. A primeira pergunta é: o que é o homem? Segundo: quem ele é? Terceiro: Onde está? Quarto: Com que companheiros ele está?” O filósofo disse: “Senhor, responderei à primeira pergunta. Quando você pergunta: O que é o homem? Quero dizer que ele é o escravo da morte, o hóspede do lugar, o viajante que passa. Ele é chamado de escravo porque não pode escapar da mão da morte, porque a morte tira todos os seus trabalhos e dias, e de acordo com o que ele ganhou receberá um prêmio ou punição. Da mesma forma, o homem é o hóspede do lugar, porque está entregue ao esquecimento. Ele também é um viajante passageiro; seja dormindo, seja acordado, seja comendo, ou bebendo, ou fazendo qualquer outra coisa, ele sempre corre para a morte. Portanto, devemos prover-nos através do sustento, isto é, de boas virtudes. A segunda pergunta é: Quem é o homem? Digo que é como o gelo, porque se dissolve rapidamente por causa do calor. Assim o homem, composto pela terra e pelos elementos, é rapidamente dissolvido e corrompido pelo calor da fraqueza. Mais uma vez, é como uma maçã nova, porque, como uma maçã verde pendurada numa árvore, quando deveria atingir o seu devido crescimento, é corroída por um pequeno verme que sobe por dentro e, de repente, caindo, torna-se inútil. Assim, quando um homem está crescendo na infância, a fraqueza surge repentinamente por dentro, a alma é expulsa e o corpo é corrompido. De onde, então, um homem surgirá? A terceira pergunta é: Onde está o homem? Digo isso na guerra dos múltiplos, ou seja, contra o mundo, o diabo e a carne. Quarto: com que companheiros está o homem? Respondo isso com os sete companheiros que continuamente o incomodam, que são a fome, a sede, o calor, o frio, o cansaço, a enfermidade e a morte. Portanto, prepare sua alma contra o diabo, o mundo e a

carne, cujas guerras, isto é, tentações, são diferentes. E por isso a alma deve estar preparada de diversas maneiras, para que possa resistir. Pois a carne nos tenta pelo luxo e pelo prazer, o mundo pela vaidade das divisões, o diabo pelo orgulho e pela baixeza; Se, portanto, a carne te tenta, aplique este remédio: tenha em mente que a carne que te tenta ao pecado será transformada em cinzas num dia e hora desconhecidos, e a alma sofrerá o castigo eterno pela sua ofensa. Nosso corpo será feito de cinzas tingidas." E segue: "Depois haverá o esquecimento, e ninguém terá a memória das nossas obras. E se essa cinza estiver na memória, impedirá que a tentação prossiga ao ato. Se o mundo te tenta com a vaidade, aplique este remédio: considere cuidadosamente a sua ingratidão, e você nunca terá vontade de servi-lo; pois o mundo é tão ingrato que, embora você possa servi-lo fielmente durante toda a sua vida, ele não permite que você traga nada consigo além do pecado. Pois é do mundo, como é do perdiz. Um perdiz tendo seus filhotes, sabendo que o caçador está se aproximando do ninho, para afastar o caçador dos filhotes, aproxima-se do caçador e finge que não pode voar; que o caçador, acreditando ser verdade, vai perseguindo aos poucos. Ela voa e ele vai atrás dela, na esperança de pegá-la, e assim sempre faz, até se separar dos filhotes; e assim o caçador é enganado, porque não tem perdiz nem filhotes. Então é sobre o mundo. Um caçador que se aproxima de um ninho de filhotes é um bom cristão que ganha comida, roupas e asas com trabalho. Mas o mundo não apoia de bom grado um homem, ele aplaude e finge seguir tal homem, e permanecer sempre com honra; quando um homem vê uma cerca, ele se afasta das boas obras e segue a vaidade do mundo, e então o mundo o separa do amor de Deus e das boas obras. Então a morte o afasta da vida, e ele permanece miseravelmente enganado, porque não tem o mundo que perseguia, nem o fruto das boas obras das quais está alienado. Veja como o mundo retribui aos seus servos. E isto é o que Tiago diz: O mundo inteiro é Maligno. Tudo o que existe no mundo é orgulho da vida e do resto. Terceiro, se o diabo te tenta, aplica este remédio: lembra-te da paixão de Cristo, pela qual o orgulhoso se rende e não tem poder para resistir. Daí o Apóstolo: Vistam a armadura de Deus para que possam permanecer firmes, *etc*. Conseqüentemente, Solinus conta sobre as maravilhas do mundo, que Alexandre tinha um certo cavalo, que se chamava Bucéfalo, cujo costume era que, quando estava armado e pronto para a guerra, ele não mantivesse nenhum cavaleiro, exceto Alexandre sozinho; mas se alguém montasse nele, ele imediatamente o expulsaria de si mesmo; mas quando ele não estava armado, os servos podiam sentar-se sobre ele. Assim, um homem armado com a paixão de Cristo não recebe nada em seu coração, exceto o imperador Deus Todo-Poderoso, mas se alguma tentação do diabo quiser subir ao seu coração,

ele imediatamente pelo poder da paixão de Cristo tem o poder de derrubá-la. Se, porém, ele não tiver a armadura de Deus, estará imediatamente propenso a receber todas as tentações. Esforcemo-nos, então, para estarmos munidos de boas virtudes, para que possamos finalmente chegar à glória.”

CAP. 37: De mentis in celum erectione.

Refert Plinius, quod aquila in altum volat et nidificat, cujus pullis insidiatur serpens quidam, qui vocatur pervas. Qui videns se non posse appropinquare propter altitudinem trahit ad se ventum et venenum emittit, ut aer infectus per venenum ad pullos deductus illos occidat; sed aquila ex instincta naturali mirabilem adhibet cautelam. Portat enim lapidem, qui vocatur achates, et ponit in nido in illa parte, que est contra ventum, et iste lapis virtute sua venenum expellit, ne ad pullos accedat, et sic pulli salvantur, ne interficiantur.

Carissimi, per aquilam, que est ardui volatus et acuti visus homo intelligitur, cujus vita et desiderium a terrenis debet elevari, ut dicere possit cum apostolo Phil. I: Nostra con- versacio in celis est. In hac altitudine conversacionis debemus pullos, id est opera nostra bona ponere; tunc serpens antiquus, id est diabolus querit illum occidere per apposicionem alicujus peccati mortalis, sed forte propter vite eminenciam propositum suum non potest adimplere. Tunc vadit diabolus et temptat illos vento interficere, dum laudem humanam sibi commendat, quod si sepius veniunt, ut propter appetitum talis laudis faciat bona opera, morientur palli quodad meritum. Accipiamus ergo petram, id est Christum, et ponamus inter opera nostra et ventum vane glorie, ut sic opera nostra dirigamus ad deum, et erit nobis retribucio magna; quia, sicut vobis constare debet, tres sagittas dominus jaciet in hominibus valde acutas, prima vocacionis, secunda decepcionis, tercia diffinicionis. Sagitta vocacionis, quando dicet: Surgite, mortui, venite ad judicium! De ista vocacione habetur Joh. xii: Omnes, qui in monumentis sunt, audient vocem filii dei. Et eciam lero: Sive comedam, sive bibam, semper videtur in auribus meis sonare: Surgite, mortui etc. Sagitta decepcionis, quando in judicio dicetur peccatoribus: Esurivi, et non dedistis michi manducare. Sagitta diffinicionis erit, quando judex dicet: Ite, maledicti, in ignem eternum.

CAP. 37: Da elevação da mente aos céus

Plínio conta que a águia voa para o alto e nidifica, a cujos filhotes espreita uma certa serpente chamada Pervas. Percebendo que não consegue se aproximar do ninho, devido à altitude, a serpente traça a direção do vento e emite o seu veneno, para que o ar infectado pelo veneno seja levado até os filhotes e os mate. Mas a águia, com seu instinto natural, adota uma cautela maravilhosa. Ela carrega, então, uma pedra, chamada ágata, e a posiciona naquela parte do ninho que está contra o vento, e essa pedra, por sua virtude, repele o veneno, para que não atinja os filhotes, e assim os filhotes são salvos de serem mortos.

Caríssimos, por águia, que é uma voadora hábil e tem visão aguçada, entende-se o ser humano, cuja vida e desejo devem ser elevados do mundo terreno, para que possa dizer como o apóstolo Filipe, I: "Nossa comunicação está no céu." Neste nível de comunicação devemos pôr os filhotes, isto é, as nossas boas ações; então, a serpente antiga, isto é, o diabo, procura matá-los pela imposição de algum pecado mortal, mas, talvez, pela circunstância da vida, não consegue cumprir com seu propósito. Então o diabo vai e tenta matá-los com o vento, enquanto se encarrega do elogio humano. Se eles vierem a fazer boas ações pelo desejo de tais elogios, morrerão merecidamente. Tomemos a pedra, portanto, isto é, Cristo, e a coloquemos entre as nossas boas ações e o vento da glória vã, para que assim dirijamos as nossas ações a Deus, e virá uma grande retribuição para nós. Pois, assim como vocês devem considerar, o Senhor lançará três flechas muito afiadas nos homens. A primeira é a flecha da vocação, a segunda é a do engano e a terceira, a da decisão. A flecha da vocação é quando disser: "Levantai, oh, mortos, e vinde ao juízo!" Sobre este chamado temos João, xii: "Todos os que estão no túmulo ouvirão a voz do filho de Deus." E lerei ainda: "quer eu coma, quer eu beba, sempre parece soar nos meus ouvidos: 'Levantai, oh, mortos, *etc*.'" A flecha do engano, é a de quando será dito aos pecadores no juízo: "Passei fome não me destes o que comer." A flecha da decisão será quando o juiz disser: "Ide, malditos, para o fogo eterno."

CAP. 38: De cautela delendi peccata.

Legitur quod tempore Henrici imperatoris secundi, cum quedam civitas obsessa fuisset ab inimicis suis, antequam inimici venerant ad civitatem, quedam columba in civitate descendit, circa cujus collum invente sunt littere, quas deferebat, talis sentencie: Generacio canina venit et erit gens contenciosa, contra quos per te et per alios legem tuam defendas.

Carissimi, per illam columbam quid intelligere possumus, nisi spiritum sanctum, qui in specie columbe descendit super Christam, qui nobis confert litteras, cum nostra peccata manifestat, et nunciat nobis, quod gens contenciosa venit ad obsidionem scil. ad obsidendum nos, scilicet homines ad perdendum. Et ideo dum lucem habemus spiritus sancti, legamus litteras i. e. peccata nostra per confessionem detegamus, ut legem dei servare possimus et mortem evadere, ne cause per mortem inveniantur in confessione non mundate in districto judicio. Tu ergo dives filii signum, qui sua sapiencia novit divitias distribuere et auferre habas; tu potens et fortis signum patris, qui sua potencia potest te robustum facere et infirmitatem dejicere. Habes tu peccata, obstat signum spiritus sancti, qui sua clemencia vult peccata nostra ad memoriam revocare; nisi ante deus hec signa ostenderet, homo judicium non recte crederet, sicut ipse ait Johannis iv: Nisi signa et prodigia videritis, non creditis.

CAP. 38: Da precaução em destruir os pecados

Lê-se que, no tempo do imperador Henrique II, uma certa cidade fora sitiada por seus inimigos. Antes que os inimigos chegassem à cidade, nela desceu uma pomba, em torno de cujo pescoço foram encontradas as mensagens que carregava, com tais palavras: “A era dos cães está próxima, e será de uma raça feroz. Defendas a tua lei, por ti mesmo e pelos outros, contra ela.”

Caríssimos, o que podemos interpretar com essa pomba, a não ser o Espírito Santo, que desceu sobre Cristo em forma de pomba, que nos traz mensagens, quando revela dos nossos pecados e nos anuncia que uma raça feroz vem ao ataque? Ou seja, para nos atacar, para a destruição do ser humano. E, portanto, enquanto temos a luz do Espírito Santo, leiamos as mensagens, isto é, nos dispamos dos nossos pecados pela confissão, para que possamos conservar a lei de Deus e evitar a morte, para que causas impuras não sejam encontradas em razão da morte, em confissão e em severo juízo. Tens, então, o sinal do filho divino, tu que reconheceste a Sua sapiência, e distribuiu e espalhou as tuas riquezas. Tu és um sinal forte e poderoso do Pai, que pode, com Sua potência, fazer de ti robusto, e derrubar a fraqueza. Tens pecados, o sinal do Espírito Santo os obstrui, que com sua clemência quer mandar de volta à memória os nossos pecados; o homem não teria acreditado propriamente no juízo, a não ser que Deus tivesse indicado os sinais antes, assim como Ele próprio diz em João, IV: “A menos que tenhais visto os sinais e prodígios, não acreditais.”

CAP. 39: De reconciliatione dei et hominis.

Legitur in gestis Romanorum, quod inter duos fratres tanta erat discordia, quod unus frater omnes terras alterius destruxit. Audiens hec imperator graviter concepit contra fratrem persecutorem. Ille vero imperatoris Julii offensam percipiens venit ad fratrem suum, cui tot mala intulerat, petens misericordiam ab eo, rogans insuper eum, quatenus inter imperatorem et ipsum pacem reformaret. Circumstantes autem dixerunt, eum pacem non meruisse sed gravem penam. Quibus ille respondit frater scil. a quo pax postulabatur: Non est diligendus princeps, qui in bello est mitis ut agnus; in pace ferus ut leo. Licet ergo ut homo non promeretur frater meus pacem erga me, tamen reconciliabo eum, si potero, quia injuria, quam michi in- talit, satis vindicata est in illo, cum misericordiam imploret. Et sic inter imperatorem offensum et fratrem suum pacem reformavit.

Carissimi, isti duo fratres sunt filius dei et homo, inter quos magna est discordia, quando homo peccato mortali consentit. Et tamen tunc persequitur filium dei fratrem suum, quod quantum in eo eat iterum vult eam crucifigere. Unde ad Hebr.: Crucifigentes filium dei etc. Propter que offenditur summus imperator pater celestis. Accedamus ergo fratrem nostrum i.e. Christum et petamus ab eo misericordiam cum contricione cordis, et illud pro vindicta misericorditer reputabit, ut nobis culpam nostram remittat, et pacem inter imperatorem celestem et nos reformet. Si ergo tu times ejus justiciam, fuge ad ejus misericordiam quia major est ejus misericordia quam nostra miseria. Unde Psalmista: Misericordia ejus super omnia opera ejus, misericordias domini in eternum cantabo.

CAP. 39: Da reconciliação de Deus e do Homem

Lê-se nos feitos dos romanos que havia tanta discórdia entre certos dois irmãos, que um dos irmãos destruiu todas as terras do outro. Ouvindo isso, o imperador adotou uma medida severa contra o irmão perseguidor. Mas este, percebendo a ofensa do imperador Júlio, foi até o seu irmão, a quem causara tantos males, pedindo dele misericórdia, rogando, além disso, que restaurasse a paz entre ele e o imperador. As pessoas que ouviram a conversa, porém, disseram que ele não mereceria paz, e sim uma pena severa. Aquele irmão de quem o outro pedia paz, respondeu-lhe: "Não é digno de ser escolhido príncipe quem na guerra é gentil como um cordeiro e, na paz, feroz como um leão. É possível, pois, que o homem não merecesse, como meu irmão, a paz para comigo, mas eu o perdoarei, se puder, pois a injúria que ele infringiu a mim, já está suficientemente vingada nele, ao implorar por misericórdia." E assim a paz entre o seu irmão e o imperador ofendido foi restaurada.

Caríssimos, estes dois irmãos são os filhos de Deus e do homem, entre os quais há uma grande discórdia quando o Homem concente ao pecado mortal. E então, apesar disso, o filho de Deus, o homem, seu irmão, O persegue e, aonde for, quer crucificá-lo novamente. Por isso está em Hebreus: "Crucificando o filho de Deus, *etc*." Por isso, o sumo imperador, pai celestial, fica ofendido. Então, aproximemo-nos do nosso irmão, isto é, Cristo, e peçamos dele misericórdia, com contrição do coração. Ele misericordiosamente considerará isso como castigo, para que perdoe nossa culpa e restaure a paz entre nós e o imperador celestial. Se temes, então, a Sua justiça, foge para a Sua misericórdia, pois a Sua misericórdia é maior do que a nossa miséria. Por isso, o Salmista: "A Sua misericórdia está acima de Suas obras; cantarei eternamente as misericórdias do Senhor."

CAP. 40: De modo temptationis et peritia.

Legitur, ut dicit Macrobius, quod erat quidam miles qui habuit uxorem suam suspectam, quod plus unum alium dilexit quam ipsum, propter aliqua audita et visa. Sepius ab uxore quesivit, si verum esset. Illa simpliciter negavit, quod nullum alium preter ipsum intantum dilexit. Miles dictis ejus non acquievit, sed quendam clericum peritum adiit et cum eo convenit, ut de hac re veritatem ei ostenderet. Qui ait: Hoc non potero temptare, nisi dominam viderem et cum ea fabularem. Et ille: Rogo te cum affectu, ut hodie mecum 25 cibum gustes, et ego te cum uxore mea collocabo. Clericus accessit ad domum militis, hora prandii venit, et juxta dominam est collocatus. Finito prandio clericus incepit cum domina de diversis negociis habere colloquia. Hoc facto clericus manum domine accepit et pulsum suum tetigit, deinde sermonem de eo fecit, cum quo erat scandalizata et vehemens suspicio: statim pre gaudio pulsus incepit velociter moveri et calefieri, quamdiu sermonem de eo traxit. Clericus cum percepisset hoc incepit sermonem de viro suo habere, et pulsus statim ab omni mota et calore cessabat. Ex hoc percepit clericus, quod alium dilexit, de quo erat scandalizata, plus quam virum proprium, et sic miles per clericum ad rei veritatem evenit.

Carissimi, miles est Christus filius dei, qui pro nobis pugnavit contra diabolum et victoriam obtinuit. Uxor est anima [sibi] per baptismum conjuncta. Osee secundo: Sponsabo te michi in fide. Sed uxor ista sepissime plus alium diligit, quam virum suum i. e. deum, et hoc satis bene poterit experiri et probari in istis diebus, si quis loquatur sicut faciunt viri ecclesiastici verbum dei predicando, salutem anime pronunciando, statim a multis odiosus erit, et quicquid dixerit pro tedio et desolacione habebunt. Et quare? Quia pulsus cordis preponit amorem i. e. delectacionis carnis et mundi ante dei amorem contra sacram scripturam, que dicit: Ante omnia deum deligere debes. Sed si quis de mundi vanitatibus et de hiis que diligunt aliquid inceperit dicere, statim jucundi et leti sunt vel faciunt ut eis videatur in talibus tempus breve quamvis tota die sedeant.

CAP. 40: Das formas de tentação e a perícia

Lê-se, como diz Macróbio, que havia um certo soldado que havia uma esposa. Ele suspeitava que ela amava mais outro alguém do que a ele próprio, por causa de algumas coisas que ele ouviu e viu. Frequentemente, ele perguntava para à esposa se isso era verdade. Ela simplesmente negou, pois não amova nenhum outro tanto quanto a ele. O soldado não ficou satisfeito com a resposta dela, e foi até um clérigo perito, o qual concordou em esclarecer a verdade das coisas para ele. O clérigo disse: "Não poderei tentar isso sem antes ver a sua senhora e conversar com ela." E o soldado disse: "Rogo-te com afeto, que hoje comas comigo, e eu te apresentarei à minha esposa." O clérigo foi até a casa do soldado, chegou na hora do almoço, e foi colocado próximo à senhora. Terminado o almoço, o clérigo começou a ter conversas com a senhora sobre diversos assuntos. Feito isso, o clérigo pegou a mão da senhora e tocou o seu pulso, e então começou a falar de outro homem, com o que ela ficou escandalizada, e achou bastante suspeito. Imediatamente, o pulso começou a se mover rapidamente, com alegria, e a esquentar, na medida em que ele trazia esse assunto. Quando o clérigo percebeu isso, ele começou a conversar sobre o marido, e, imediatamente, o pulso da senhora cessava todo o movimento e o calor. Com isso, o clérigo percebeu que ela amava a outro mais do que ao marido, por isso estava escandalizada. E assim o soldado chegou à verdade das coisas por meio do clérigo.

Caríssimos, o soldado é Cristo, filho de Deus, que, por nós, lutou contra o diabo e obteve vitória. A esposa é a alma em comunhão [consigo mesma] pelo batismo. Segundo Oséias,

"Desposar-te-ei a mim em fidelidade." Mas essa esposa, especialmente, ama mais a outra pessoa do que ao seu próprio marido, isto é, Deus (e isto pode ser testado e provado nestes dias, se alguém falar como fazem os homens eclesiásticos pregando a palavra de Deus, proclamando a salvação da alma). Esse alguém será imediatamente odiado por muitos, e qualquer coisa que dissesse seria tido por tédio e desolação. E por quê? Porque o pulsar do coração antepõe o amor, ou seja, o amor pelo prazer da carne e pelo mundo, à frente ao amor de Deus e contra a Sagrada Escritura, que diz: "Deves escolher a Deus antes de todas as coisas." Mas se alguém começasse a dizer algo sobre as vaidades do mundo e sobre as coisas que amam, ficariam excitados e felizes, imediatamente, ou fariam de forma que parecesse que eles têm pouco tempo para tais disfrutes, ainda que fiquem o dia todo sentados.

CAP. 41: De victoria Christi et caritate ejus nimia.

Cosdras imperator Atheniensium contra Dorenses pugnaturus congregavit exercitum, et super eventu belli consuluit Apollinem. Cui responsum est, quod aliter non vinceret, nisi ipse gladio interiret hostili. Dorenses hoc audito dixerunt, ne quis lederet corpus regis Cosdri. Quod postquam Cosdras cognovit, mutato regis habitu arma accepit et exercitum penetravit. Quod videns unus militum cum lancea eum usque ad cor penetravit et sic per mortem suam populum suum de manibus inimicorum suorum liberavit. Tandem de morte ejus factus est planctus magnus ex utraque populi parte.

Carissimi, sic dilectus dominus noster Ihesus Christus consulto deo patre, quod genus humanum non posset redimi, nisi si ipse moreretur, venit pugnaturus in bello isto contra diabolum. Et scies quod agnosceretur, mutavit habitum suum quando naturam humanam assumpsit. Cor. primo: Si cognovissent, numquam dominum glorie crucifixissent. Imminente vero die belli unus militum stans juxta crucem cum lances eum usque ad cor penetravit, et sic per mortem suam totum genus humanum morte juste adjudicatum liberavit. De cujus morte dolor est ex utraque parte, hoc est demones multam dolebant, quod per ejus mortem genus humanum erat salvatum, ex alia parte tristes erant apostoli de nece sui domini.

CAP. 41: Da vitória de Cristo e de sua imensa caridade

Cosdras, imperador dos atenienses, reuniu um exército para guerrear contra os Dórios, e consultou Apolo sobre o resultado da guerra. Apolo respondeu que de outra forma não venceria, a menos que ele próprio fosse morto pelo gládio hostilmente. Ouvindo isso, os Dórios disseram que ninguém ferisse o corpo do rei Cosdras. Depois que isso veio ao conhecimento de Cosdras, ele mudou a vestimenta de rei, pegou as armas, e se embrenhou no exército. Vendo isso, um dos soldados perfurou todo o seu coração com a lâmina, e, assim, com a sua morte, livrou o seu povo das mãos dos seus inimigos. Por fim, fez-se uma grande lamentação pela morte dele, de ambas as partes do povo.

Caríssimos, assim como o nosso amado Senhor Jesus Cristo tendo consultado o Deus Pai, que a raça humana não poderia ser redimida a menos que ele próprio morresse, ele veio lutar nessa guerra contra o diabo. E saberás porque foi reconhecido, Ele mudou a sua vestimenta quando assumiu a natureza humana. Como em Coríntios: “Se reconhecessem, nunca teriam crucificado o Senhor da glória.”. No dia iminente da guerra dos soldados, de pé ao lado da cruz, perfurou o seu coração com uma lâmina, e assim, com a sua morte, livrou toda a raça humana, condenada justamente à morte. A sua morte é lamentada de ambas as partes, ou seja, os demônios sofriam muito, pois com a morte dele a raça humana fora salva, e da outra parte, os apóstolos ficaram tristes com a morte do seu Senhor.

CAP. 42: De defectu caritatis.

Refert enim Valerius, quod in Roma vidit in una columpna quatuor litteras, quarum quelibet ter scribebatur, tres P P P, tres SSS, tres R R R, tres F F F. Visis litteris dixit: Heu, heu! Confusionem video civitati. Isti satrape hoc audientes dixerunt: Magister, dic conceptum tuum. At ille: Talis est exposicio litterarum: pater patrie perditur, sapiencia secum sustollitur, ruunt regna Rome ferro, flamma, fame. Et sic factum est.

Carissimi, spiritualiter loquendo, pater patrie est caritas, que est dilectio dei et proximi, per quam quilibet homo deberet se ipsum regere, quia sicut scitis patrem decet filiorum necessaria providere. Hinc est, quod vera caritas nobis providebit de diviciis infinitis in vita eterna, quia sine caritate impossibile est nobis vitam eternam obtinere. Sed heu et proh dolor! jam pater patrie perditur i. e. caritas in terra; vix enim aliquis alium diligit, et sine dubio sapiencia secum sustollitur, quia pauci sunt, qui sciant, qualiter se habere debeant erga deum et proximum, et si sciant, pauci sunt, qui operantur propter defectum sapiencie. Quid ergo sequitur postea? Ecce ruunt regna Rome, ruunt regna in diversis partibus mundi, ferro, flamma, fame, quia non est caritas in terra nec sapiencia. Si dicatur sapiencia humana, tamen stulticia est apud deum. Quot nobiles et proceres infra pauca tempora in bello per gladium perierunt vel interierunt, et morte turpissima! Quot pauperes fame perierunt! et hoc totam, quia non est amor nec sapiencia in terra, sed frequens maledictio et homicidium.

CAP. 42: Da falta de caridade

Valério conta que ele viu, em Roma, quatro letras em uma coluna, cada uma escrita três vezes: três P P P, três S S S, três R R R e três F F F. Ao ver as letras, ele disse: “Ora, ora! Vejo confusão para a cidade.” Os que ouviram a frase, disseram-lhe: “Mestre, diga-nos a sua concepção.” E ele respondeu: “Tal é a disposição das letras: O Pai da Pátria está Perdido; A Sapiência se Sustém por Si; O Reinado de Roma está Ruíndo pelo Ferro, pelo Fogo e pela Fome.” E assim aconteceu.

Caríssimos, espiritualmente falando, o pai da pátria é a caridade, que é o amor de Deus e do próximo, pelo qual cada ser humano deve reger a si próprio, pois, como sabes, é próprio de um pai prover as necessidades dos filhos. É por isso que a verdadeira caridade nos proporcionará riquezas infinitas na vida eterna, pois sem a caridade nos é impossível obter a vida eterna. Mas, ai! Que infelicidade! O pai da pátria está perdido, ou seja, a caridade na terra. Afinal, dificilmente uma pessoa ama o próximo, e sem dúvida a sapiência se sustém por si mesma, pois são poucos os que sabem se comportar diante de Deus e do próximo, e, se sabem, são poucos os que agem, pela falta de sabedoria. O que, então, está por vir? Eis que os domínios de Roma estão ruindo, os reinos de diversas partes do mundo estão ruindo, pelo ferro, fogo e fome, pois não há caridade nem sabedoria na terra. Se é dito que isso é sabedoria humana, para Deus é uma tolice. Quantos nobres e governantes pereceram ou foram arruinados, em pouco tempo, na guerra, por uma espada, e por uma morte desonradíssima! Quantos pobres pereceram de fome! E isso tudo é porque não há amor nem sabedoria na terra, mas sim, frequentemente, malefícios e homicídios.

CAP. 43: Quod Christus clausit infernum sua passione et voluntaria morte.

In medio Rome in quodam loco aperta est semel terra et hyancia infra patuerunt. Super hoc dii sunt interrogati; responderunt: Non claudetar hec vorago, nisi aliquis voluntarie se immergat. Sed cum hoc nemini persuadere possent, dixit Marcus Anilius: Si per annum in Roma pro libitu meo me vivere sinitis, anno elapso gaudenter et voluntarie me immergam.

Romani hoc audientes gavisi sunt, concorditer consenserunt et nichil sibi clauserunt. Qui rebus et uxoribus libere utens anno lapso cum nobili equo salta precipiti se immersit et statim terra se clausit.

Carissimi, Roma mundum istum signat, in cujus medio est infernus in centro, qui erat apertus ante Christi nativitatem, et infiniti homines in eo ceciderunt. Unde a diis i. e. a prophetis recepimus responsum, quod numquam clauderetur, donec virgo pareret filium, qui pro genere humano contra diabolum pugnaret, et anima ejus cum divinitate ad infernum descenderet. Unde scire debetis, quod numquam de cetero apertus erit, nisi aliquis voluerit voluntarie per peccatum mortale aperire.

CAP. 43: De como Cristo trancou o inferno com sua paixão e sua morte voluntária

No meio de Roma, em certo lugar, a terra foi aberta uma vez, e um abismo foi cravado sob a terra. Os deuses foram questionados sobre isso, e eles disseram: “Este abismo não será fechado, a menos que alguém mergulhe nele voluntariamente.” Mas como não conseguiram persuadir ninguém, Marco Emílio disse: “Se me permitirem viver a gosto em Roma por um ano, tendo passado com alegria esse ano, eu voluntariamente mergulharei.” Ouvindo isso, os Romanos ficaram alegres, concordaram harmonicamente, e nada lhe negaram. Ele, aproveitando livremente os seus bens e as suas esposas, com o ano tendo passado mergulhou com um nobre cavalo, em um salto rápido, e a terra se fechou imediatamente.

Caríssimos, Roma é um símbolo deste mundo, em cujo centro está o inferno, que fora aberto antes do nascimento de Cristo, e incontáveis homens caíram nele. De onde dos deuses, isto é, dos profetas, recebemos a resposta de que o abismo não seria fechado nunca, até que a virgem desse à luz um filho que lutasse, pela raça humana, contra o diabo, e a sua alma, com a divindade, desceria ao inferno. Portanto, deveis saber que ele nunca será aberto por outro motivo, a não ser que alguém tenha querido abri-lo voluntariamente por meio do pecado mortal.

CAP. 44: De invidia.

Tiberius regnavit, qui ante sumptum imperium erat prudens ingenio, clarus eloquio, fortunatus in bello, sed post resolutus milicie artibus nulla bella gerens populum romanum graviter afflixit, filios proprios pluresque patricios et consules interfecit. Huic quidam arti- fex vitrum ductile se posse fabricare obtulit, quod Tiberius ad parietem projiciens non fractum sustulit, sed curvatum, et artifex malleam proferens et velut cuprum vitrum fabricans mox correxit. Interrogante autem Tiberio ab eo, quomodo hoc posset fieri, ille dixit, neminem hanc artem scire super terram. Quem Tiberius mox decollari jussit dicens: Si hec ars venerit in consuetudinem, pro nichilo aurum et argentum reputabitur.

Carissimi, iste Tiberius signat aliquos claustrales sive ceteros, qui antequam ad dignitatem sunt promoti vel divicias, satis humiles et pacientes sunt, sed cum promoventur, totum oppositam operantur, et ideo dicetur communiter: Honores mutant mores, et Psalmista: Homo cum in honore esset non intellexit etc. Artifex qui vas obtulit potest dici pauper, qui diviti munera offert, sed si ei non placent, projicit, nec vult recipere, sed magis contra eum accenditur et spoliat, immo ad mortem usque sepius punit.

CAP. 44: Da inveja

Tibério reinou e, antes de assumir o governo, era prudente de gênio, brilhante no discurso e próspero na guerra, mas depois de dissolvidas as empreitadas bélicas, afligiu gravemente o povo romano. Ele assassinou os próprios filhos e ainda muitos patrícios e cônsules. Para ele, um certo artesão se ofereceu para fabricar um vidro maleável, que Tibério, lançando contra a parede, não o conseguira quebrar, mas apenas amassar. Mas o artesão, martelando o vidro como se fosse cobre, logo o consertou, moldando-o. Tibério, porém, interrogou o artesão sobre como conseguia fazer isso, e ele respondeu: "Ninguém sobre a terra pode saber desta arte." Tibério ordenou, sem demora, que o artesão fosse degolado, e disse: "Se esta arte se torna um hábito, o ouro e a prata serão tidos como nada."

Caríssimos, esse Tibério representa aqueles enclausurados, ou outros, que antes de serem promovidos à dignidade ou à riqueza, são muito humildes e pacientes, mas quando são promovidos, eles agem totalmente ao contrário, e, portanto, é dito normalmente: "Honrarias mudam os costumes" E o Salmista: "O ser humano que foi honrado, não discerniu, *etc*. O artesão que ofereceu o vaso de vidro, pode-se dizer que é o pobre, que oferece um agrado ao rico. Se não agradar, o rico joga fora e não quer recuperar, e ainda o poderoso se irrita com o pobre, o humilha, e certamente o pune até a morte.

CAP. 45: Quod solum boni intrabunt regnum celorum.

Erat quidem rex nobilissimus sapiens atque dives, qui uxorem habuit predilectam, que debite dilectionis immemor tres filios juxta regem genuit, qui semper erant regi rebelles et in nullo ei similes. Deinde de regis semine quartum filium concepit et peperit ac nutrivit. Accidit autem, ut finito dierum suorum circulo rex moreretur corpusque suum regali sarcophago clauderetur. Post cujus mortem quatuor filii supradicti pro dominio regni inceperunt contendere. Tandem inter se concordabant, ut ad quendam militem veterem regis mortui quondam secretarium specialem accederent et in judicio suo simpliciter se ponerent, et sic factum est. Miles autem, cum eos pacienter audisset, dixit: Audite consilium meum et eo facto bene vobis erit. Expedit vobis ut corpus defuneti regis de sarcophago extrahatis et quilibet arcum cum sagitta paratum habeat, et quicunque profundius corpus ejus penetraverit, regnum ejus obtinebit. Placuit eis de consilio patrem de loco suo effodere et ad arborem ligare. Primus sagittam jaciens manum dextram regis vulnerabat, qua de re tamquam heres unicus et regni dominus proclamabatur. Secundus vero sagittam propius in os letanter quodammodo sagittabat, unde sibi cercius attribuebat. Tercius autem cor ipsius sagitta perforavit, qui se pre ceteris fratribus regnum putabat sine lite certissime possessurum. Quartus vero, cum accederet ad corpus, ingemuit voce lamentabili sic dicens: Heu me, pater mi, quod sic corpus tuum a filiis tuis video vulneratum! Absit a me, ut ego corpus patris mei vivum aut mortuum umquam percuciam! Hiis dictis regni principes simulque omnis populus eundem juvenem elevantes tamquam verum heredem et regni dominum in patris solium locaverunt, et alii tree omni dignitate atque diviciis sunt privati et a toto regno expulsi.

Carissimi, rex iste sapiens, nobilis ac dives est rex regum et dominus dominancium. Non incongrue videtur signare, qui sibi creaturam generis humani tamquam sponsam predilectam speciali privilegio sociavit, que tandem fornicata post deos alienos debite dileo- cionis immemor tamquam adultera tres filios genuit, scilicet paganos, Judeos et hereticos. Quorum primus manum regis vulneravit, dum doctrinam Christi, qui sedet ad dexteram patris respuit, suis famulis a deo missis per vulnera varia mortis supplicium inferendo. Secundus filius putativus regem regum veraciter sagittavit, cum dicerent Judei: Venite, percuciamus eam lingua, dumque sitim suam felle potarent pariter et aceto. Tercius filius perfidissimus cor regis summi non desinit toxicato jaculo perforare, dum heretici nituntur fideles, quibus est cor unum et anima una in domino suo perverse doctrine jaculis lacerare, unde Psalmista:

Exacuerunt linguas suas sicut serpentes etc. Et iterum: Paraverunt sagittas suas in pharetra. Quartos filius, qui dolet nec vult sagittare, est bonus Christianus, qui multum timet deum et dolet de peccatis aliorum, nec ulla racione vult deam offendere per peccatum, et si offendat, paratus est satisfacere; talis in die judicii exaltabitur in regnum eternum.

CAP 45: De como só os bons entram no reino dos céus

Havia um rei nobilíssimo, sábio e ainda rico, que tinha uma esposa predileta. Ela, esquecida dos deveres da consideração, gerou três filhos como se fossem do rei, que sempre eram rebeldes com ele e em nada a ele se assemelhavam. Posteriormente, com a semente do rei ela concebeu um quarto filho, a quem deu à luz e criou. Mas aconteceu que o rei, tendo concluído o ciclo de seus dias, morresse e seu corpo fosse encerrado no sarcófago real. Depois de sua morte, os quatro filhos supracitados começaram a brigar pelo domínio do reino. Por fim, acordaram entre si que abordariam um certo soldado veterano, outrora secretário especial do falecido rei, e simplesmente se colocariam sob o seu jugo, e assim foi feito. O soldado, por sua vez, tendo-lhes escutado pacientemente, disse: "Ouçam o meu conselho, pois tendo-o feito, será bom para vocês. Será conveniente que retirem o corpo do defunto rei do sarcófago, e que cada um tenha preparado um arco com uma flecha, e aquele que penetrar o corpo dele com mais profundidade, obterá seu reino." Agradou-lhes o conselho de desenterrar o pai do local em que estava e amarrá-lo a uma árvore. O primeiro filho, atirando uma flecha, feriu a mão direita do rei, pelo que foi proclamado como o único herdeiro e senhor do reino. O segundo filho, por sua vez, lançava alegremente a flecha de algum modo mais perto da ossada pelo que atribuía a vitória a si mesmo com mais certeza. O terceiro filho, perfurou com a flecha o coração do rei, e pensava, sem dúvida alguma, que, entre os outros irmãos, seria ele o possuidor do reino. Até que o quarto irmão, quando se aproximou do corpo, lamentou com a voz sofrida, dizendo o seguinte: "Ai de mim, meu pai, que vejo o teu corpo sendo ferido de tal forma por teus filhos! Longe de mim! Eu, de minha parte, nunca machucarei o corpo do meu pai, vivo ou morto!" Diante dessas palavras, os nobres do reino, assim como a todos os civis, exaltando aquele jovem como o verdadeiro herdeiro e, senhor do reino, sentaram-no no trono do pai. Os outros três irmãos foram privados de toda a dignidade e riqueza, e foram expulsos de todo o reino. Caríssimos, este rei sábio, nobre e rico é o rei dos reis e o senhor dos senhores. Não é um equívoco afirmar que ele se uniu a uma criatura da raça humana como sua esposa predileta, com um privilégio especial, que, por fim, seduzida por deuses estrangeiros, esquecida dos deveres da consideração, adúltera, gerou três filhos, ou seja, os pagãos, os judeus e os hereges. O primeiro deles feriu a mão do rei, da mesma forma que rejeitou a doutrina de Cristo, que está sentado à direita do Pai, infligindo aos servos enviados por Deus, o suplício da morte com várias feridas. O segundo suposto filho, de fato, flechou o rei dos reis como disseram os judeus:

"Vinde, açoitemo-lo com a língua, enquanto sanamos a sua sede com fel e vinagre." O terceiro

filho, o mais pérfido, não se cansa de perfurar o coração do sumo rei com setas envenenadas, como os hereges que oprimem os fiéis, que têm um só coração e uma só alma no seu senhor, para lacerar com as setas da sua perversa doutrina, como diz o Salmista: “Eles afiaram suas línguas como se fossem serpentes, *etc*.” E novamente: “Eles prepararam suas flechas na aljava.” O quarto filho, que sofre e não quer atirar flechas, é o bom cristão, que muito teme a Deus e sofre pelo pecado dos outros, e nem quer, por qualquer razão, ofender a Deus pelo pecado, e se ofendesse, estaria preparado para se redimir. Tal pessoa será elevada ao reino eterno no dia do juízo.

CAP. 46: De septem peccatis mortalibus.

Julius narrat, quod in mense Majo exiit, in quoddam nemus, in que steterunt septem arbores plene foliis, decore aspectu, et tot frondes collegit, quod portare nequivit. Venerunt tres viri potentes et eum contra nemus duxerunt. In exitu in foveam profundam cecidit et submersus est pre magnitudine ponderis. Item narrat philosophus in libro de animalibus, quod si volueris facere, ut corvus, postquam nidivicaverit in arbore, numquam ex ovis pullos producere posset, pones cineres vitri inter arborem et corticem, et quamdiu cineres ibi fuerint, numquam pullos producit.

Carissimi, istud nemus est mundus iste, diversis arboribus delectabilibus, i. e. peccatis mortalibus plantatus. In isto nemore scilicet mundo sunt septem arbores, que significant septem peccata mortalia, ex quibus tantum homo colligit et facit pondus, quod portare non potest nec levare, i. e. de peccato suo non pergere potest nec ad graciam dei pervenire, quam diu in peccato permanet; sed ecce tres viri veniunt, custodes scilicet nemoris, qui ipsum juvant, scilicet mundus, caro, demonia, et ista visibilis, que juvant hominem diversis peccatis et ducunt usque ad exitum nemoris, i. e. usque ad exitum a corpore; sed tunc demergitur in profundum inferni pre magnitudine suorum peccatorum. Item corvus est diabolus, nidus est habitacio in corde per inchoacionem iniquitatis. Per vitram, quod diversorum colorum reperitur, caro designatur humana, per cinerem vitri mortis memoria, quia vitrum ex cinere fit et in cinerem revertitur. Ponatur ergo mortis memoria inter arborem et corticem i. e. inter animam et corpus. Corpus est quod cortex est, regens animam, et sic diabolus numquam prolem procreabit perverse operacionis. Quod nobis concedat etc.

CAP. 46: Dos sete pecados mortais

Júlio conta que, no mês de maio, saiu para uma certa clareira, na qual estavam sete árvores repletas de folhas de bela aparência, e coletou tantas folhas que não conseguiu carregar. Vieram três homens fortes e eles o conduziram através da clareira. Na saída, caiu em um buraco profundo, e ele foi submerso pela magnitude do peso das folhas. Da mesma forma narra o filósofo no livro sobre os animais, que se quiseres fazer com que um corvo, depois de nidificar em uma árvore, nunca possa gerar filhotes de seus ovos, coloca cinzas de vidro entre a árvore e a casca, e enquanto houver cinzas, ele nunca gerará filhotes.

Caríssimos, essa clareira é este mundo, plantada com diversas árvores agradáveis, ou seja, com pecados mortais. Nesta clareira (mundo), há sete árvores, que simbolizam os sete pecados mortais, das quais o ser humano tanto coleta folhas e faz peso, que não consegue carregar nem levar, ou seja, não pode suportar o seu pecado nem alcançar a graça de Deus enquanto permanecer por muito tempo no pecado. Mas eis que chegam três homens, guardiões da clareira, que o ajudam, ou seja, o mundo, a carne e o demônio, e as coisas visíveis, que agradam o homem com diversos pecados e o conduzem à saída da clareira, isto é, à saída do corpo. Mas então ele afunda no inferno profundo pela magnitude de seus pecados. Novamente, o corvo é o diabo, o ninho é habitado no coração, pelo início da iniquidade. Como vidro, que é encontrado em diversas cores, entende-se que é a carne humana; como cinzas de vidro, é a memória da morte, pois o vidro é feito de cinzas e revertido a cinzas. A memória da morte é posta, portando, entre a árvore e a casca, ou seja, entre a alma e o corpo. O corpo é o que é a casca, regido pela alma, assim, o diabo nunca gerará proles de perverso efeito. O que concede a nós, *etc*.

CAP. 47: De tribus regibus.

Rex Danorum ad tres reges, qui stella duce ab oriente Iherosolimam venerunt et Christo nato 'munera obtulerunt, devocionem habebat eosque in suum hospicium invocabat. Profectus ergo predictus rex Coloniam cum apparatu magno, ubi sacrosancta corpora eorum cum honore debito conservantur, tres coronas aureas mirabiliter ac regaliter fabrefactas eis obtulit, insuper plus quam sex marcarum milia cum ingenti devocione ecclesiis et pauperibus distribuit, sue fidei exemplum ibidem fideli populo relinquens. Quadam autem die cum ad propria remearet et membra sopori dedisset, ecce vidit in sompnis tres reges cum coronis, quas portaverant in capitibus, preferentes cum ingenti lumine ad se propius accederet, et audivit singulos singulariter dicere talia. Primus et senior dixit: Frater mi, feliciter venisti, sed felicius ad propria remeabis. Alter dixit: Multa tribuisti, sed tecum plurima reportabis. Tercius dixit: Frater mi, fidem ostendisti, sed expletis XXIII annis jugiter in celestibus nobis- cam regnabis. Primus ergo dixit, offerens ei pixidem plenam auro: Accipe, inquit, thesaurum sapiencie, per quem tibi subjectum populum juste judicabis, quia honor regis judicium diligit. Secundus pixidem cum mirra ei obtulit dicens: Accipe mirram penitencie, per quam eciam carnis motus illecebros effrenabis, quia optime regnat, qui se ipsum bene regit. Tercius similiter obtulit ei pixidem plenam thure dicens ei: Accipe thus devocionis et devote clemencie, per quod miseros relevabis, quia sicut ros herbam irrigat ut crescat, sic dulcis clemencia regis usque ad sidera provehit et exaltat. Cumque rex de magnitudine visionis miraretur, subito vigilavit et pixides juxta se collocatas repperit, qui donum dei letus accepit, et ad propria rediens, que in sompno viderat, devotissime adimplevit. Expleto termino supradicto regna celestia meruit possidere.

Carissimi, iste rex potest dici quilibet Christianus bonus, qui tenetur tres coronas offerre tribus regibus, scilicet patri, filio et spiritui sancto. Patri teneris reddere coronam honoris et fidei, quia potens est. Non bonum est offendere potentem, quia potest primere et annichilare. Istam coronam fidei in baptismo fideliter reddere promisisti, quando diabolo et pompis ejus abrenunciasti. Secundam coronam sapiencie ac spei filio teneris reddere, quia sapiens est et pro nobis passus est; ideo spem de eo pre ceteris habere debemus et hoc multiplici de causa. Primo, quia tantum nos dilexit, quod de celo descendit, naturam nostram assumpsit et victoriam contra diabolum pro nobis obtinuit. Tercio debemus offerre coronam amoris 5 spiritui sancto, quia ipse est amor patris et filii, et per eum amorem hominis et dei poterimus obtinere. Si illa tria puro corde et caritate perfecta offerimus, sine dubio ista, que sequuntur, a patre et filio et spiritu sancto obtinebimus. A patre thesaurum virtutum, per quas poterimus animam regerecum

corpore contra diabolum, mundum et carnem et per consequens regnum celeste obtinere. A filio pixidem cum mirra. Per pixidem cor mundum intelligas a peccatis mundatum, per mirram penitenciam, quia ipse prius vitam penitencie in cruce ostendit et petentibus ab eo suam graciam dat cotidie. A spirita sancto thus devocionis hoc est suam virtutem infundit, per quam devoti sumus et caritate pleni, quia deus caritas est, et per consequens communem offensionem, quam per peccatum contra deum incurrimus, placare poterimus et sic vitam eternam obtinere. Ad quam.

CAP. 47: Dos três reis

O rei dos dinamarqueses tinha devoção aos três reis que, conduzidos por uma estrela, vieram do oriente para Jerusalém e ofertaram presentes ao Cristo recém-nascido, e ele os invocava para serem seus hóspedes. O rei em questão, seguiu, então, para Colônia com um grande aparato, onde seus corpos sacrossantos eram concervados com a devida honra. Ofereceu-lhes três coroas de ouro, fabricadas maravilhosa e majestosamente. Distribuiu, além disso, mais de seis mil marcos com enorme devoção às igrejas e aos pobres, deixando, ao mesmo tempo, um exemplo de sua fé ao povo fiel. Certo dia, enquanto voltava para casa e descansava o corpo, eis que ele viu em sonho três reis com coroas em suas cabeças, que preferiram se aproximare dele envoltos por uma luz ofuscante. Ele ouviu cada um deles dizer, individualmente, o seguinte. O primeiro deles, o mais velho, disse: "Meu irmão, você veio alegremente, mas retornará para casa com ainda mais felicidade." O outro disse: "Você contribuiu muito, mas levará consigo muito mais." O terceiro disse: "Meu irmão, você demonstrou fé, mas completos vinte e três anos, você reinará conosco eternamente nos céus." Então o primeiro deles disse, oferecendo-lhe uma caixa repleta de ouro: "Aceite o tesouro da sabedoria, com o qual julgará justamente o povo sujeito a ti, pois a honra de um rei estima a justiça." O segundo presenteou- o com uma caixa de mirra, dizendo: "Aceite a mirra da penitência, com a qual também refrearás as tentações da carne, porque governa melhor quem governa bem a si mesmo." O terceiro, igualmente, ofereceu-lhe uma caixa repleta de incenso, dizendo-lhe: "Aceite o incenso da devoção e devote-se à clemência, com a qual você aliviará os pobres, pois assim como o orvalho rega a grama para que ela cresça, assim a doce clemência do rei os conduz e exalta até as estrelas." Admirado pela magnitude da visão, o rei acordou de súbito e percebeu as caixas posicionadas perto de si. Ele aceitou de bom grado o presente de Deus e, ao chegar em casa, cumpriu devotamente o que tinha visto no sonho. Terminado o período de tempo supradito, ele pôde merecer o reino dos céus."

Caríssimos, pode-se dizer que este rei é qualquer bom cristão, que tem de oferecer três coroas aos três reis, ou seja, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Você tem de oferecer ao Pai a coroa de honra e da fé, porque Ele é poderoso. Não é bom ofender um poderoso, porque ele pode aniquilar. Você prometeu fielmente no batismo oferecer a coroa da fé, quando renunciou ao diabo e sua pompa. A segunda coroa, a da sabedoria e da esperança, você tem de oferecer ao Filho, porque Ele é sábio e sofreu por nós. Devemos, portanto, contar com ele antes de contar com outros, e isto por muitas razões. A primeira delas é porque ele nos estimou tanto que desceu

do céu, assumiu a nossa natureza e obteve para nós a vitória sobre o diabo. A terceira coroa, a do amor, devemos oferecer ao Espírito Santo, porque é o amor do Pai e do Filho, e através dele podemos obter o amor dos homens e o de Deus. Se oferecermos estas três coisas com um coração puro e uma caridade perfeita, obteremos sem dúvida as coisas que dizem respeito ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Ao Pai, o tesouro da virdude, pela qual podemos reger a alma com o corpo contra o diabo, o mundo e a carne, e, consequentemente, obter o reino dos céus. Ao Filho, a caixa com mirra. Por "caixa" entende-se o coração limpo dos pecados mundanos; por "mirra" entende-se a penitência, porque Ele foi quem primeiro demonstrou uma vida de penitência na cruz, e diariamente dá a sua Graça a quem lhe pede. Ao Espírito Santo, o incenso da devoção, isto é, a sua virtude, através da qual somos devotos e plenos de caridade, porque Deus é caridade, e, consequentemente, poderemos apaziguar a ofensa comum em que incorremos pelo pecado contra Deus, e assim obter a vida eterna. À qual...

CAP. 48: De justa sequela malorum.

Refert Dyonisius, quod cum Perillus eris artifex Falaridi regi tyranno crudeli, qui Agrigentinos depopulabatur et exquisitis tormentis implicabat, obtulisset ejus crudelitati nimis aptum quendam eneam taurum noviter per se factum in latere latenter habens ostium, per quod immitterentur homines morte puniendi, ut supposito igne cremarentur. Et cum ipsi propter mortis amaritudinem clamarent in tauro, non crederetur vox esse humana, sed feralis, ut sic rex minime ad compassionem moveretur. Rex opus laudans sed inventorem ejus exhortans ait: In te prius excipies et probabis, quod michi crudeli crudelior obtalisti, nulla enim equior racio est, quam necis artificis arte perire sua, ut dicit Ovidius.

Carissimi, iste artifex est malus senescallus sub tyranno rege, qui Agrigentinos i. e. justos simplices spoliat et eos per tormenta multis modis affligit, homo vero simplex affert munera, ut persecucionem evadat, sed nichil ei prodest. Taurus eneus offertur. Factum est statutum novum et lex iniqua ponitur, per quam simplices credunt evadere et tunc per eam sepe puniantur et bona amittunt et tales licet crementur per cordis amaritudinem et clament: Non creditur esse vox humana, quia clamorem pauperis potentes non libenter audiunt, sed dicunt: Servus aut rusticus est, omnia sua sunt mea. Sed sepius tales, qui alios affligunt in eadem vel majori dampnacione puniuntur et male dies suos finiunt, unde Psalmista: Vidi impium super altatum et elevatum sicut cedros Libani. Transivi et ecce non erat.

CAP. 48: Da justa consequência dos pecadores

Dionísio conta que Perillo, artesão especialista em bronze, ofereceu para Fálaris, um rei tirano e cruel que devastava os povos de Agrigento e que emplacava tormentas singulares, um touro de bronze, que ele mesmo acabara de fabricar, próprio para crueldades excessivas. Na lateral do touro havia uma abertura secreta, na qual poderiam ser introduzidos os homens a serem punidos com a morte, postos sob o fogo para que fossem queimados. E como os condenados, por causa do sofrimento mortal, clamassem de dentro do touro, não se cria ser voz humana, e sim animal, para que, assim, o rei fosse tocado o mínimo possível pela compaixão. O rei, aplaudindo a obra, disse ao seu inventor: "A ti caberá ser o primeiro a sofrer e testar o que trouxeste, mais cruel do que a minha crueldade. Penso não haver algo mais justo do que a morte do artesão pela sua própria arte, como disse Ovídio."

Caríssimos, esse artesão é o mau servente sob um rei tirano, que devastou os povos de Agrigento (os justos e simples) e os afligiu de muitos modos com a tormenta. O ser humano realmente simples é levado a um serviço para evitar a perseguição, mas em nada lhe é útil. O touro de bronze é oferecido. É feito um novo estatuto e é posta uma lei injusta, a qual as pessoas simples creem evitar, e, então, por ela são punidas frequentemente. Despacham as pessoas poderosas e as simples são cremadas pela amargura do coração, e dizem: "Não acho que seja uma voz humana" pois não escutam o clamor potente dos pobres, e dizem "É um servo ou um fazendeiro, tudo que é deles é meu." Mas muitas vezes aqueles que afligem os outros são punidos com danos iguais ou maiores e terminam mal os seus dias, daí o salmista: "Vi um ímpio super realçado e elevado como um cedro do Líbano. Fui até lá e eis que ele não estava."

CAP. 49: De subtili diaboli illusione.

Paulus Longobardorum historiographus refert, quod Conanus rex Ungariorum obsedit in foro Julii castrum dictum Sondat. Quem cum de corpore miro cerneret pulcherrimum, Rosimila duxissa habens quatuor filios et duas filias scripsit sibi occulte: Si me in uxorem duxeris, castrum hoc tibi dabo. Quo promittente, eam se velle ducere, castrum ei dedit, filiique omnes fugerunt. Conanus autem rex duxisse promissum tenens eam primo die in matrimonium sibi copulavit, secundo die duodecim Ungariis tradidit eam publice illudendam, tercia die toto corpore usque ad gulam transfigi fecit dicens: Talis uxor, que libidine sue carnis civitatem propriam perdidit, talem debet habere maritum.

Carissimi, iste Conanus est diabolus, qui obsedit castrum scilicet cor humanum cum viciis et concupiscenciis. Rosimila duxissa, anima scilicet, que est per diabolum seducta, respicit ultra muros i. e. appetit illicita, sicut videns mulierem ad eam concupiscendam et sic de ceteris sensibus. Unde miser homo tantum delectatur, quod castrum i. e. cor suum reddit, quando peccato consentit. Unde quatuor filii, i e quatuor virtutes cardinales ab eo fugiunt, et sic diabolus animam occupat cum duabus filiabus i. e. delectatione mala et voluntate ini- qua. Postea tradit eam duodecim Ungariis i. e. omnibus viciis illudendam. Post hec eam occidit, quando ad infernum eam ducit.

CAP. 49: Da sutil ilusão do diabo

Paulo, historiador dos povos lombardos, relata que Conan, rei dos ungários, sitiou um castelo em um território de Julio chamado Sondat. Rosimila, a duquesa de Sondat, tinha quatro filhos e duas filhas. Como o achasse belíssimo pelo maravilhoso corpo, escreveu a ele um bilhete secreto: “Se tiveres a mim como esposa, entregarei o castelo a ti.” Como prometido, ela queria se casar, entregou o castelo a ele, e todos os seus filhos fugiram. O rei Conan, cumprindo a promessa, uniu-se a ela em matrimônio no primeiro dia, mas no segundo dia a entregou a doze ungários para se divertirem com ela, sem pudor; no terceiro dia fez com que todo o seu corpo fosse cortado até a garganta, e disse: “Uma esposa como essa, que perdeu a própria cidade pela libidinagem da sua carne, deve ter um marido como este.”

Caríssimos, este Conan é o diabo, que sitiou o castelo, ou seja, o coração do ser humano, com vícios e concupiscências. A duquesa Rosimila, ou seja, a alma seduzida pelo diabo, observa para além dos muros, isto é, manifesta desejos ilícitos, feito uma mulher vislumbrando a concupiscência, assim como outros sentimentalismos, onde a pessoa miserável é muito iludida, aceita o pecado e entrega o seu castelo, isto é, o seu coração. Onde os quatro filhos, isto é, as quatro virtudes cardiais, fogem dela. Assim, o diabo ocupa a alma com duas filhas, isto é, a má satisfação e a vontade injusta. Depois disso, ele a entregou a doze ungários para se divertirem com ela, isto é, a todos os vícios. E então ele a matou e a conduziu para o inferno.

CAP. 50: De laude recte judicantium.

Refert Valerius, quod Zelongus consul edidit pro lege, quod, si quis virginem defloraret, utrumque oculum amitteret. Accidit, quod filius ejus filiam unicam cujusdam vidue defloravit. Mater hec audiens imperatori occurrens ait: O domine, legem quam fecistis, im- pleri faciatis. Ecce unicus filius vester unicam filiam meam rapuit et vi oppressit. Rex hoc audiens commota sunt omnia viscera ejus et precepit, ut duo oculi filii sui eruerentur. Dixerunt satrape domino: Tantum unicum filium habes, qui est heres tuus. Toto imperio esset dampnum, si filius tuus oculos amittat. At ille: Nonne vobis constat, quod ego legem edidi? Obprobrium esset michi frangere, quod semel firmiter statui. Sed quia filius meus est primus, qui contra legem fecit, primus erit, qui penitencie subjacebit. Sapientes dixerunt: Domine propter deum rogamus vos, ut filio vestro parcatis. Ille vero precibus devictus ait: Carissimi, ex quo ita est, audite me! Ocali mei sunt oculi filii mei et e converso. Dextrum oculum meum eruatis et sinistrum oculum filii mei! Tunc lex est impleta. Et sic factam est, unde omnes prudenciam regis et justiciam laudabant.

Carissimi, iste imperator est dominus noster Ihesus Christus, qui istam legem edidit, quod si quis defloraret virginem i. e. animam per baptismum lotam, duobus oculis carere deberet, scilicet visionem divinam et gloriam eternam amittet. Iste filius regis, qui legem fregit, est homo, qui per peccatum animam defloravit. Unde necesse est, ut penam sustineat, quia mater ecclesia ad deam clamat cotidie, at homo se emendet in hoc mortali corpore. Ysai: Clama! Ne cesses! Quasi tuba exalta vocem tuam! Imperator unum oculum amisit, scilicet dominus Ihesus Christus, ut tantum unum oculum retineret, quando vitam pro nobis exposuit, et ideo oportet nos eruere oculum sinistrum hoc est omnes concupiscencias i. e. carnis delicias per penitenciam delere et sic per consequens vitam eternam obtinebimus.

CAP. 50: De louvar um julgamento justo

Valério conta que o cônsul Zelongus sancionou uma lei segundo a qual se alguém violasse uma virgem, teria ambos os olhos arrancados. Aconteceu que o filho do cônsul violou a única filha de uma certa viúva. Quando soube disso, a mãe, apresentando-se diante do cônsul, disse: "Ó senhor, quanto à lei que sancionastes, façais o implemento. Eis que o vosso único filho raptou e violou à força minha única filha." O rei, ouvindo isso, sentiu todas as suas vísceras remoídas, e concordou que os dois olhos do seu filho fossem arrancados. Os nobres disseram ao senhor: "Tens um único filho, somente, que é o teu herdeiro. Todo o império seria prejudicado se teu filho perdesse os olhos." O cônsul respondeu: "Nenhum de vós compreende que fui eu mesmo quem sancionou a lei? Por mais que a desgraça me seja devastadora, permaneço da mesma forma, firme na minha decisão. Como o meu filho foi o primeiro a infringir a lei, será o primeiro a sofrer a pena prevista." Os sábios disseram: "Senhor, rogamos a vós, por Deus, que perdoeis o vosso filho!" O cônsul, convencido pelas preces genuínas, disse: "Caríssimos, façamos assim, então, ouvi-me! Os meus olhos são os olhos do meu filho, e os dele são os meus. O meu olho direito será arrancado e o mesmo com o olho esquerdo do meu filho. Então, a lei é acatada." Assim foi feito, e todos louvavam a prudência do rei e a justiça.

Caríssimos, esse imperador é o nosso Senhor Jesus Cristo, que sancionou essa lei, segundo a qual aquele que violasse uma virgem (a alma lavada pelo batismo), devesse perder os dois olhos, ou seja, perderá a visão divina e a glória eterna. Esse filho do rei, que infringiu a lei, é o ser humano, que violou a alma com o pecado. Por isso, é necessário que ature a pena, pois a Madre Igreja clama diariamente a Deus que o ser humano se redima em seu corpo mortal. Clama! Não pares! Exalta a tua voz como se fosse um trompete! O imperador perdeu um olho, ou seja, o Senhor Jesus Cristo, que manteve um olho quando expôs sua vida por nós, e da mesma forma é necessário que nós arranquemos o olho esquerdo, isto é, todas as concupiscências, como eliminar os prazeres da carne por meio da penitência, e assim, por consequência, obteremos a vida eterna.

CAP. 51: De injustis exactoribus.

Refert Josephus, quod Tiberius Cesar requisitus, cur provinciarum presides diu teneret in officiis, respondit per exemplum: Vidi, inquit, quandoque hominem infirmum ulceribus plenum muscis gravatum, cui cum per flagella muscas expellerem, dixit michi: Dupliciter me crucias, unde me consolari putas, abigendo muscas sanguine meo plenas et remittendo vacuas et famelicas. Quis enim dubitet aculeum musce famelice dupliciter affligere magis quam plene, nisi ille, qui cor lapideum habet et non carneum.

Sic ego presides diu in officio teneo, qui rebus ditati subditis magis parcant, novi autem et vacui deserta justicia subditos iniquis exactionibus et vexationibus magis ledunt.

CAP. 51: Dos injustos cobradores de impostos

Josefo menciona que quando Tibério César fora perguntado sobre o motivo de os governantes das províncias estarem há muito tempo no cargo, ele respondeu com o exemplo: “Certa vez eu vi um homem ferido por úlceras, atormentado por diversas moscas. Quando eu estava por afugentar as moscas com um chicote, ele me disse: ‘Torturas-me o dobro, quando pensas me consolar, espantando as moscas saciadas com o meu sangue e atraindo as vazias e famintas.’ Por isso, quem duvida que a picada de uma mosca faminta aflija duas vezes mais que a de uma mosca saciada, é quem tem pedra, e não carne, no coração. Assim, eu continuo a manter os governantes no cargo, para que, ricos de bens, poupem mais os súditos, ao passo que se fossem colocados governantes novos e vazios de justiça, causariam injustas extorsões e grandes problemas.”

CAP. 52: De fidelitate.

Refert Valerius, quod Fabius redemerat captivos Romanorum promissa pecunia, quam cum senatus dare nollet, ipse fundum unicum habens vendidit et promissum premium solvit, volens se pocius patrimonio privare, quam propria fide inopem esse.

Carissimi, Fabius iste est dominus noster Ihesus Christus, qui ob captivos, scilicet totum genus humanum a diabolo captum non pecuniam sed proprium sanguinem dedit in precium, volens se pocius patrimonio scilicet vita propria privare, quam genus humanum dimittere.

CAP. 52: Da fidelidade

Valerio menciona que Fábio Máximo resgatara os prisioneiros dos romanos por meio de uma proposta em dinheiro, e como o senado não quisesse concedê-lo, ele próprio vendeu o único terreno que possuía e quitou a quantia prometida, preferindo, por sua vez, privar-se do patrimônio a estar privado da própria lealdade.

Caríssimos, este Fabius é o nosso senhor Jesus Cristo, que, pelos prisioneiros, isto é, todo ser humano capturado pelo diabo, deu, não dinheiro, mas seu próprio sangue como pagamento, preferindo, por sua vez, privar-se do patrimônio da própria vida que abandonar o ser humano.

CAP. 53: De bonis rectoribus non mutandis.

Valerius Maximus refert, quod cum omnes Syracusani mortem Dyonisii optarent regis Sicilie, quedam femina senectutis ultime sola matutinis horis deos oravit, ut sibi rex superstes fieret in hanc vitam, enjus oracionis causam Dyonisius admirans ab ea quesivit. Que respondit: Cum essem puella, gravem tyrannum habens eo cupiens secundum recepi, quo iterum carere cupiens tercium recepi; timens ergo deteriorem tibi succedere; ideo pro vita tua omni die rogo. Dyonisius hec audiens amplius molestiam non fecit.

Moralizacio. Carissimi, in veteri testamento deus erat valde austerus et nulli parcebat, quia oculum pro oculo, dentem pro dente etc., sed modo per carnem nostram, quam asumpserat, factus est nobis pius ac propicius, et ideo continue orare debemus, ut nullum alium dominum habeamus, quam dominum nostrum Ihesum Christum, qui nobis prestare dignetur etc.

CAP. 53: De como bons líderes não devem ser trocados

Valerio Máximo conta que, como todos os cidadãos de Siracusa quisessem a morte de Dionísio, rei da Sicília, uma certa mulher muitíssimo velha orou, sozinha, aos deuses, desde a primeira hora da manhã, para que o rei sobrevivesse para além da vida dela própria. Dionísio ficou admirado com as orações da mulher e a questionou sobre isso. Ela respondeu o seguinte: "Quando eu era menina, havendo um duro tirano, orei copiosamente e ele foi trocado por um segundo, que novamente era bruto, então desejei o mesmo e ele foi trocado por um terceiro. Temendo que sejas sucedido por um pior ainda, rogo todos os dias por tua vida."

Moralização: Caríssimos, no velho testamento Deus era muito austero e perdoava ninguém, pois olho por olho, dente por dente, *etc*., mas logo que pela nossa carne, a qual tinha assumido, foi feito pio e propício, por isso devemos continuamente orar, para que nenhum outro Senhor tenhamos, que é o nosso Senhor Jesus Cristo, que se dignará a nos defender.

CAP. 54: De regno celesti.

Imperator Fredericus secundus unam portam marmoream construxit miro opere super pontem aque fluentis prope Caponam, in qua imperator sculptus fuit in majestate cum duobus aliis judicibus. In semicirculo capitis dextri judicis hic versus scriptus fuit;

Intrent securi, qui querunt vivere puri.

In semicirculo capitis sinistri judicis fuit scriptus hic versus: Invidus excludi timeat vel carcere trudi! In semicirculo capitis imperatoris scriptum fuit:

Quam miseros facias, quos variare scio! In semicirculo super portam scriptum fuit:

Cesaris imperio regni custodia fio.

Carissimi, imperator iste est dominus noster Ihesus Christus, porta marmorea est sancta ecclesia, per quam portam oportet in- trare regnum celeste, et est situata super pontem aque fluentis i. e. super mundum, qui semper currit ut aqua. In qua porta sculpta est imago domini nostri Ihesu Christi cum duobus collateralibus, i. e cum Maria matre Ihesu et Jobanne evangelista, qui designant nobis ejus misericordiam et justiciam. Tunc scriptus est versus: Intrent securi, i. e. pagani, Judei, Saraceni per baptismum, qui poterunt vivere puri ab omni peccato purgati, sicut pueri innocentes. Alius versus dicit: Invidus i. e. peccator in peccato existens excludi timeat ab ecclesia triumphante, et sic in carcere infernali retrudi sine fine. In capite imperatoris erat scriptum, quod miseri sunt, qui variant a via veritatis, et alius dicit: Cesaris imperio i. e. imperium domini nostri Ihesu Christi erit nostra custodia et domus sempiterna.

CAP. 54: Do reino celestial

O Imperador Frederico II construiu, com talento admirável, um portal em mármore sobre uma ponte de água corrente, próximo a Cápua, no qual foi esculpido o Imperador em sua majestade junto de outros dois juízes. Em um semicírculo da cabeça do juiz à direita, foi inscrito este verso:

Adentrem seguros, aqueles que buscam viver puros.

No semicírculo da cabeça do juiz à esquerda, este verso foi inscrito:

Que o invejoso tema ser banido, ou ao cárcere ser impelido!

No semicírculo da cabeça do Imperador foi inscrito:

O quanto te tornes infeliz, sei mudar-lhe a sorte! No semicírculo sobre o portal, foi inscrito:

No império de César faço a custódia do poder.

Caríssimos, este imperador é o nosso senhor Jesus Cristo, a porta de mármore é a Santa Igreja, através da qual é necessário passar para entrar no reino celestial, e está situada sobre a ponte de água corrente, ou seja, sobre o mundo, que sempre flui feito água. Nesse portal foi esculpida a imagem do nosso senhor Jesus Cristo junto de dois acompanhantes, isto é, Maria, mãe de Jesus, e João Evangelista, os quais a nós designaram a Sua misericórdia e justiça. Então, o verso foi inscrito: Adentrem seguros (pagãos, judeus, sarracenos) pelo batismo, que poderão viver puros, expurgados de todo o pecado, feito crianças inocentes. O outro verso diz: Que o invejoso (o pecador que vive no pecado) tema ser banido pela Igreja triunfante e, assim, impelido ao cárcere do inferno para sempre. Na cabeça do imperador estava inscrito: os que são infelizes, que tenham a sorte mudada pela via da verdade. E o outro verso diz: No império de César (O império do nosso senhor Jesus Cristo) estará a nossa custódia e nossa morada eterna.

CAP. 55: De revocatione peccatricis anime in exilium satisfactionis misse.

Rex quidam nobilis quendum filium formosum, sapientissimum, strenuissimum, graciosum et amorosum habebat, et quatuor filias habuit quarum nomina bec erant: Justicia, Veritas, Misericordia et Pax. Rex iste volebat filio suo unico sponsam tradere, destinavit nuncium pro virgine, que esset decora, tandem invenit filiam regis Iherusalem pulchram valde, que est tradita filio suo, qui eam miro modo dilexit. Filius iste quendam servum habebat, et ex magna confidencia unum ducatum ad custodiendum ei tradidit. Ipse vero ut proditor seduxit sponsam domini sui ac violavit ac ducatum devastavit. Filius cum de adulterio uxoris audisset, contristatus est valde et de- misit eam et dedit ei libellum repudii, et privavit eam omni honore suo. Ipsa sic privata ad magnam egestatem pervenit intantum, quod quasi desperata hinc inde ambulabat et panem suum mendicabat. Hoe audiens sponsus ejus misertus est ejus et nuncium ad eam misit, qui eam revocaret et ei diceret: Veni ad dominum tuum secure, noli timere! Illa vero renuit et dixit: Dic domino meo quod ad eum venirem libenter, sed non possum. Si querat dominus meus causam quare recuso, die ei: Quia lex est talis: Si vir uxorem habuerit et fornicata fuerit cum altero, dabit ille ei libellum repudii et non re- vertetur ad eum ultra. Ego vero jam libellum repudii recepi, quia fornicacionem commisi, ideo non redire potero ad eum. Ait nuncius: Dominus meus est ultra legem, ex quo legem constituit, et ideo, ex quo misertus est tai, secure ad eam venire poteris. At illa: Quale signum dabit ipse michi, quod secure ad eum venire potero? Si tantum istud ostenderet, secura essem, videlicet quod veniret dilectus mene ad me et osculetur me osculo oris sui, tunc sum secura, quod recipiet me in graciam suam. Dominus cum per nuncium hoc audisset, consilium super hoc habebat eam omnibus satrapis curie sue et regni. Tandem consultum est, ut mitteret virum sapientem pro ea, ut re- duceret eam, et non est inventus unus in toto regno qui se de hac re intromittere vellet. Vir ejus cum hoc audisset, ad eam nuncium destinavit, qui diceret: Quid faciam tibi? Non est inventus ali- quis, qui te vellet ad me reducere! Illa hoc audiens flevit amare, quod non est inventus, qui eam reduceret. Vir ejus cum andisset de ejas lamentacione, perrexit ad patrem suum et ait: Domine mi, si vobis placet, ego ibo ad sponsam meam, et a miseria et dolore suo liberabo eam, et ad placitum vestrum reducam. Ait pater: Vade in fortitudine tua et reduc eam. Misit ante nuncium ad eam, qui ei diceret: Jam gaude, quia ecce ego venio et reducam te. Soror senior, scilicet Justitia, eum hoc audisset, processit ante regem et ait: Domine, justas es et rectum est judicium tuum; ego sum Justicia filia tua, recte judicasti illam meretricem, ut amplius non esset sponsa fratris mei, et ei libellam repudii dedisti. Justiciam ergo teneatis, et si contra justiciam operatus

fueritis, dico vobis, non ero filia vestra Justicia. Hiis dictis venit secunda soror, scilicet Veritas, et ait: Pater mi, veraciter illam meretricem judicastis, que cubile fratris nostri per adulterium violavit. Si eam velitis reducere, facitis contra veritatem, et si sic, sine dubio non ero filia vestra Veritas. Hec andiens tercia soror, scilicet Misericordia, venit ad patrem et ait: Domine, ego sum Misericordia filia tua. Fac ergo misericordiam cum peccatrice, que deliquit, quia pro commisso multum dolet, et si ei misericordiam non feceris, non ero Misericordia filia tua. Quarta soror, scilicet Pax, cum audisset tantam discordiam inter sorores, totam terram voluit derelinquere et fugam peciit. Hoc facto Justicia et Veritas exhibuerunt gladium et regi tradiderunt dicentes: Domine, ecce gladius justicie ad occidendum illam meretricem, que nos et fratrem nostrum confundit. Misericordia hoc videns gladium a manibus earum arripuit et ait: Satis diu regnastis et vestram voluntatem ob- tinuistis. Modo tempus est, ut exaudiar a patre meo; ego sum filia sua sicut et vos. Respondit Justicia: Verum est, multo tempore reg- navimus et adhuc volumus regnare. Verumtamen ex quo inter nos est tanta discordia, vocetur frater noster, qui sagax est in omnibus, et inter nos judicet. Et sic factum est. Filius vero cum venisset et audisset altricaciones inter eas, quomodo Justicia et Veritas ex una parte vindictam pecierunt, Misericordia veniam, ait: Carissime sorores, propter vestram discordiam soror nostra a patre nostro predilecta, scilicet Pax, totum regnum dimisit. Hoc nullo mod volo pati, quia pro sponsa mea adultera paratus sum pati supplicia. Ait Justicia: Si hoc feceris, tibi contradicere non possumus. Dixit ergo ad Misericordiam: Tu laboras pro sponsa mea, ut reducatur, si vero eam reducam, et iterum fornicata fuerit, intendis iterato pro ea inter- cedere? At illa: Non, nisi penituerit. Audiens hec filius Pacem sororem suam reduxit, et fecit sorores adinvicem osculari. Facta concordia filius de regno descendit et bellum pro sponsa dedit et eam cum omni honore ad regnum patris sui reduxit. Et sic ambo vitam in pace finiverunt.

Carissimi, rex iste est pater celestis, filius tam sapiens est dominus noster Ihesus Christus, sponsa tam pulchra est anima ad dei similitudinem creata, quatuor sorores justicia, veritas, misericordis et pax.

CAP. 55: Da revogação da alma pecadora enviada ao exílio para satisfação.

Um nobre rei tinha um filho que era bonito, sábio, enérgico, gracioso e amoroso, e tinha quatro filhas cujos nomes eram: Justiça, Verdade, Misericórdia e Paz. Este rei desejava dar uma noiva ao seu único filho. Este filho tinha um certo servo e, com grande confiança, deu-lhe um dos ducados para guardar. Mas ele próprio, portou-se como traidor, seduziu a noiva de seu mestre e a violou, devastando a liderança. Quando o filho ouviu falar do adultério de sua esposa, ficou muito triste e mandou-a embora, deu-lhe uma certidão de divórcio e privou-a de toda a sua honra. Ela mesma, assim privada, chegou a um ponto de grande necessidade, andando de um lado para outro, como se estivesse desesperada, e implorando por pão. Ao ouvir isso, seu marido teve pena dela e enviou-lhe um mensageiro para chamá-la de volta e dizer-lhe: Venha em segurança para o seu mestre, não tenha medo! Mas ela recusou e disse: Diga ao meu mestre que eu iria com prazer até ele, mas não posso. Se meu senhor reclamar do motivo pelo qual recuso, direi a ele: Porque a lei é assim: Se um homem tiver uma esposa e ela cometer adultério com outro, ele lhe dará uma certidão de divórcio e ela não retornará mais para ele. Quanto a mim, já recebi a certidão de divórcio, porque cometi adultério, então não poderei voltar para ele. O mensageiro disse: Meu Senhor está além da lei, a qual ele estabeleceu, portanto, ele tem misericórdia de você, você poderá chegar a ela com segurança. Mas ela: Que sinal ele me dará para que eu possa ir até ele em segurança? Se ele apenas mostrasse isso, eu teria certeza, isto é, que meu amado viria até mim e me beijaria com o beijo de sua boca, então tenho certeza de que ele me receberia em sua graça. Quando o Senhor ouviu isso por meio do mensageiro, ele pensou em um plano com todos os sátrapas de sua corte e reino. Por fim, foi decidido enviar um homem sábio em seu nome para trazê-la de volta, mas não houve ninguém em todo o reino que estivesse disposto a se intrometer nesse assunto. Diante disso, o marido enviou à mulher uma mensagem, que lhe dizia: O que devo fazer por você? Não foi encontrado ninguém que pudesse trazer você de volta para mim! Depois disso, ele chorou de amor, pois não encontrou ninguém que a trouxesse de volta. Quando o marido terminou sua lamentação, ele foi até seu pai e disse: Meu Senhor, for lícito para você, irei até minha noiva, e a livrarei de sua miséria e dor, e a trarei de volta para seu prazer. O pai disse: Vá com suas forças e traga-a de volta. Ele enviou-lhe previamente um mensageiro, que lhe disse: “Alegra-te agora, pois eis que venho e te trarei de volta”. A irmã mais velha, nomeadamente a Justiça, tendo ouvido isto, dirigiu-se ao rei e disse: Senhor, tu és justo e o teu julgamento é correto; Eu sou a Justiça, sua filha; você julgou bem aquela meretriz, para que ela não fosse mais noiva de meu irmão, e lhe deu uma certidão de

divórcio. Portanto, apegue-se à justiça, e se você trabalhou contra a justiça, eu lhe digo, não serei sua filha. Depois destas palavras, a segunda irmã, nomeadamente Verdade, veio e disse: Meu pai, julgaste verdadeiramente aquela prostituta, que violou a cama do nosso irmão com adultério. Se você quer trazê-la de volta, você está fazendo isso contra a verdade, e se assim for, sem dúvida não serei sua filha. Neste caminho a terceira irmã, nomeadamente Misericórdia, aproximou-se do pai e disse: Senhor, sou tua filha Misericórdia. Portanto, tenha misericórdia da pecadora que transgride, porque ela sofre muito pelo que cometeu, e se você não tiver misericórdia dela, não serei sua filha. A quarta irmã, nomeadamente Paz, quando ouviu falar de tal discórdia entre as irmãs, quis deixar toda a terra e fugiu. Feito isso, a Justiça e a Verdade mostraram suas espadas e as entregaram ao rei, dizendo: Senhor, aqui está a espada da justiça para matar aquela meretriz que confunde a nós e ao nosso irmão. Misericórdia, vendo isso, tirou a espada de suas mãos e disse: Você reinou por tempo suficiente e obteve sua vontade. Chegou a hora de ser ouvida por meu pai; Eu sou filha dele como você. A Justiça respondeu: É verdade, já reinamos há muito tempo e ainda queremos reinar. Contudo, visto que há tanta discórdia entre nós, chamem o nosso irmão, que é sábio em todas as coisas e julgará entre nós. E assim aconteceu. Mas quando o filho chegou e ouviu as brigas entre eles, por um lado a Justiça e a Verdade se vingavam, por outro a Misericórdia o perdoaria, ele disse: Queridas irmãs, por causa de sua discórdia, nossa irmã amada por nosso pai, isto é, a Paz, deixou todo o reino. Não quero sofrer isso de forma alguma, porque estou pronto a sofrer punição por minha noiva adúltera. Justiça disse: Se você fizer isso, não podemos contradizê-lo. Então ele disse à Misericórdia: Você está trabalhando para minha noiva, para que ela seja trazida de volta, e se eu a trouxer de volta, e ela voltou a cometer adultério, você pretende interceder por ela novamente? E ela respondeu: Não, a menos que ela se arrependa. Ao ouvir isso, o filho trouxe sua irmã Paz de volta e fez com que as irmãs se beijassem. Feito o acordo, o filho desceu do reino e deu guerra por sua noiva, e a trouxe de volta com todas as honras ao reino de seu pai. E então ambos terminaram suas vidas em paz.

Caríssimos, este rei é o pai celestial, o filho é tão sábio nosso Senhor Jesus Cristo, a noiva é tão bela uma alma criada à semelhança de Deus, as quatro irmãs são a justiça, a verdade, a misericórdia e a paz.

CAP. 56: De memoria mortis.

Quidam princeps erat qui multum delectabatur venari. Accidit semel, quod cum ad venandum perrexisset, casu mercator quidam per eandem viam secutus est, videnque principem formosum et graciosum vestimentis preciosis indutum, ait in corde suo: O domine deus, homo iste multum tibi tenetur; ecce quam formosus est et strenuus et graciosus, et omnes, qui sunt in ejus comitatu, honeste induti. Hiis cogitatis dixit uni ex familia principis: Die michi, carissime, dominus vester qualis est? Qui ait: Est dominus multarum terrarum, et potens valde in auro et argento ac familia. Ait mereator: Multum tenetur ipse deo; formosus est et sapiens inter omnes, quos umquam vidi. Ille hoc audiens occulte omnia verba mercatoris domino suo narravit. Dominus vero circa horam vespertinam, cum domum rediret, mercatorem rogavit, ut secum pernoctaret. Ille hoc non audebat resistere et cum principe ad civitatem perrexit. Cum vero castrum ejus intrasset, tot divicias, tot pulchras cameras auro depictas vidit, quod valde admirabatur. Cum autem hora cenandi adesset, princeps mercatorem juxta suam dominam in mensa collocari fecit. Mercator autem cum dominam vidisset tam pulchram et tam graciosam, quasi extra se raptus fuit et ait in corde suo: O deus meus, princeps omnia, que desiderat cor suum, habet, uxorem pulchram, filios ac filias, familiam multam nimis. Cum autem sic cogitasset, delata sunt fercula ante dominam et ante eum, et ecce cibaria optima in capite unius defuncti collocata et ante dominam posita sunt et omnibus de familia in scutellis argenteis ministrabatur in aula. Mercator cam caput mortui ante eum vidisset, commota sunt omnia viscera ejus et ait in corde suo: Heu michi, timeo quod perdam caput meum in isto loco! Domina vero inquantum potuit eum confortavit. Cum vero nox adesset, ducitur in cameram honestam, ubi invenit lectum paratam, cortinis circumvolutum, et in angulo domus luminaria magna. Dum vero lectum intrasset, famuli ostium clauserunt et ille solus in camera remansit; respexitque angulum ubi erat lumen. Vidit duos homines mortuos per brachia pendentes. Hoc viso invasit eum timor intollerabilis, intantum quod quiescere non poterat. Mane vero surrexit et ait: Heu michi, timeo hodie juxta illos duos pendere. Princeps vero cum surrexisset, fecit mercatorem ad se vocari et ait: Carissime, quid tibi placet de me? At ille: Michi omnia bene placent, sed quod michi ministrabatur in capite defuncti, ultra quam credi potest abhorrui tantum quod comedere non poteram. Cum vero in lecto positus fuissem, duos juvenes pendentes in angulo camere vidi, et tantus timor me invasit, quod dormire non poteram, et ideo dei amore permittatis me transire. Ait princeps: Carissime, vidisti uxorem meam nimis pulchram et caput defuncti ante eam. Racio est talis: iste enim cujus erat caput fuit quidam dux nobilis, qui uxorem meam sollicitavit et cum

ea concubuit et pariter adinvicem commisceri perspexi, gladium arripui et caput ejus amputavi, unde in signum verecundie singulis diebus illud caput ante eam pono, ut ad memoriam reducat peccatum quod commisit. Filius vero defuncti illos duos juvenes cognatos meos in camera pendentes occidit, ideo omni die corpora eorum visito, ut fiam magis fervens sanguinem eorum vindicare. Cum autem adulterium uxoris recolo et mortem juvenum ad memoriam reduco, nullum gaudium habere potero. Vade ergo carisssime in pace et ammodo vitam hominis cujuscumque non judices, quousque plenius tibi de veritate constiterit. Mercator ei valefecit et ad mercandum perrexit.

Carissimi, princeps iste est quilibet homo christianus bonis virtutibus per virtutem baptismi ditatus, qui debet habere pulchram familiam, scilicet sensus interiores et exteriores sine macula peccati, qui debent homini ministrare et sepius ad venandum pergere i e opus meritorium operari. Mercator iste est bonus prelatus vel confessor discretas, qui tenetur tali associari, domum cordis sui visitare et bonas virtutes ibidem plantare, sicut fecerat Christus duobus peregrinis venientibus ad Emaus, qui domum hospicii intravit etc. Uxor tam formosa est anima ad dei similitudinem creata, que debet in mensa juxta prelatum sacre scripture collocari, ut addiscat ea que sunt salutis; sed sepius ista anima per diabolum adulteratur, quando peccatum mortale committit. Quid ergo est faciendum? Extrabe gladium lingue et ora ad deum intime! Unde psalmista: Lingua eorum gladius acutus. Per istum gladium lingue cum cordis contricione et oris confessione poteris [hunc diabolum] devincere et hoc est caput ejus amputare et ante oculos cordis tui semper ponere, quoniam graciam tibi dabit deus eum devincere, penitenciam perfecte agere, i. e. opus misericordie. Duo juvenes in camera pendentes, quod occidit adversarius tuus, sunt dilectio dei et proximi, qui erant exstincti per peccatum primi parentis, et ideo semper debes eos in camera cordis tui tenere, ut deum tota mente, tota anima diligas et semper in ejus timore permaneas, quia nescimus, si amore vel odio digni sumus, et ad memoriam reducere, quantum deus pro nobis sustinuit in cruce.

CAP. 56: Da memória da morte

Havia um certo príncipe que gostava muito de caçar. Uma vez aconteceu que saiu para caçar e um certo comerciante estava coincidentemente seguindo pela mesma direção. Vendo o príncipe formoso e gracioso vestido com roupas preciosas, disse consigo mesmo: "Ó, Senhor Deus, este homem deve muito a Você; ei-lo, como é formoso, vigoroso e gracioso, e todos os que estão em sua companhia estão decentemente vestidos." Tendo assim pensado, ele disse a alguém que convivia com o príncipe: "Diga-me, caríssimo, como é o seu senhor?" O outro respondeu:" Ele é o senhor de muitas terras e muito poderoso em ouro, prata e relações sociais." O comerciante disse: "Ele mesmo deve muito a Deus; ele é bonito e sábio entre todos que já vi." Ao ouvir isso, o conhecido do príncipe relatou secretamente todas as palavras do comerciante ao seu senhor. O senhor, por volta de uma hora da tarde, enquanto voltava para casa, pediu ao comerciante que passasse a noite em sua casa como hóspede. O comerciante não pôde resistir e seguiu com o príncipe para a cidade. Quando entrou no seu castelo, viu tantas riquezas, tantas câmaras lindas pintadas a ouro, que o deixaram maravilhado. Quando chegou a hora da ceia, o príncipe fez com que o comerciante fosse colocado à mesa ao lado de sua senhora. Mas quando o mercador viu a senhora tão bela e tão graciosa, foi arrebatado do próprio corpo, e disse consigo mesmo: "Ó meu Deus, o príncipe tem tudo o que seu coração deseja, uma linda esposa, filhos e filhas, uma convivência muito numerosa." Enquanto ele pensava assim, travessas foram postas diante dele e diante da senhora, e eis que o prato principal foi servido na cabeça de um defunto e depositada diante da senhora, fazendo a vez de uma panela na qual os presentes se serviriam em tigelas de prata. Vento uma cabeça morta diante de si, o comerciante sentiu revirarem todas as suas vísceras, e disse consigo mesmo: "Ai de mim! Tenho medo de perder a minha cabeça desta forma!" Mas a senhora o confortou o quanto pôde. Quando a noite chegou, ele foi conduzido a um quarto decente, onde encontrou uma cama preparada, com um dossel a circundá-la, e uma grande lâmpada principal no canto. Enquanto ele se deitava na cama, os criados fecharam a porta e ele permaneceu sozinho no quarto. Redirecionou o olhar para o canto onde estava a luminária. Viu dois homens mortos pendurados pelos braços. Invadiu-lhe um medo intolerável, tanto que não conseguiu dormir. Pela manhã, ele se levantou e disse: "Ai de mim! Tenho medo de passar o dia de hoje perto daqueles dois." Quando o príncipe se levantou, ordenou que o comerciante fosse chamado e disse-lhe: "Caríssimo, o que lhe agrada em mim?" O comerciante respondeu: "Tudo me agrada bem, mas o que me foi servido em uma cabeça defunta, creio que me causou tanta aversão que não consegui comer. E quando fui levado à cama, vi dois jovens

pendurados no canto do quarto, e me invadiu um medo tamanho, que não consegui dormir. Portanto, o amor de Deus me permitiu passar a noite." O príncipe disse: "Caríssimo, você viu a minha belíssima esposa diante de uma cabeça defunta. Esta é a razão: A cabeça em questão era de um nobre duque que seduziu a minha esposa e com ela se deitou. No momento em que descobri os dois se misturando, saquei a espada e arranquei a cabeça dele. Então, como um símbolo de vergonha, coloco a cabeça diante dela todos os dias, para que reviva a memória o pecado que cometeu. O filho do morto, então, assassinou aqueles dois jovens pendurados no quarto, meus parentes, por isso visito os corpos deles todos os dias, para me incitar a reivindicar o sangue deles. Mas enquanto eu me lembrar do adultério da minha esposa e recordar a morte juvenil, nenhuma alegria consigo obter. Então vá em paz, caríssimo, e não julgue de forma alguma a vida de alguém, qualquer que seja, desde que você se baseie na plena verdade." O comerciante se despediu e seguiu para o mercado.

Caríssimos, este príncipe é qualquer homem cristão enriquecido de boas virtudes pela virtude do batismo, que deve ter uma bela convivência, ou seja, valores interiores e exteriores sem a mácula do pecado, que devem comandar o homem e, muitas vezes, incitá-lo à caça, isto é, a operar em trabalhos meritórios. Este comerciante é o bom prelado, ou o confessor discreto, que está restrito a tal associação, a visitar a casa do seu coração e ali plantar boas virtudes, como fizera Cristo aos dois peregrinos transeuntes em Emaús, que entrou na casa da estalagem, *etc*. A esposa é a tão formosa alma, criada à semelhança de Deus, que o prelado deve colocar na mesa ao lado das sagradas escrituras, para que aprenda questões acerca da salvação; mas muitas vezes essa alma é adulterada pelo diabo, quando comete um pecado mortal. Então, o que deve ser feito? Retire a espada da língua e ore a Deus com intimidade! Daí o salmista: "A língua deles é uma espada afiada." Com esta espada da língua, com a contrição do coração e a confissão da boca, você poderá derrotar [esse demônio], isto é, cortar a cabeça dele e colocá-la sempre diante dos olhos do seu coração, porque Deus lhe deu a graça de derrotá-lo, de fazer perfeitamente a penitência, isto é, a obra de misericórdia. Os dois jovens pendurados no quarto, que o seu adversário assassinou, são o amor de Deus e do próximo, que foram extintos pelo pecado do primeiro pai, e por isso você sempre deve mantê-los no quarto do seu coração, para que com toda a sua mente e com toda a sua alma você que ame a Deus e sempre permaneça temente a Ele, porque desconhecemos se somos dignos de amor ou de ódio, e que tenha a memória do quanto Deus suportou por nós na cruz.

CAP. 57: De perfectione vite.

Titus in civitate romana regnavit, qui statuit pro lege, quod dies primogeniti sui ab omnibus sanctificaretur, et quicumque diem nativitatis filii sui per opus servile violaret, morte moreretur. Promulgata lege vocavit magistrum Virgilium et ait: Carissime, talem legem edidi; verumtamen sepe in occulto poterunt [peccata] committi, ad quorum noticiam pervenire non potero. Rogamus ergo te, ut secundum industriam tuam aliquam artem invenias, per quam potero experiri quales sint illi, qui contra legem delinquunt. Ait ille: Domine, fiat voluntas vestra. Statim Virgilius arte magica statuam in medio civitatis fieri fecit. Statua illa omnia peccata occulta in illo die commissa imperatori dicere solebat, et sic per accusacionem statue quasi infiniti homines erant condempnati. Erat tunc quidam faber in civitate nomine Focus, qui in illo die sicut in ceteris operatus est. Cum autem semel in stratu suo jacuisset, intime cogitavit, quomodo per accusacionem statue multi moriebantur. Mane surrexit et ad statuam perrexit et ait: O statua, statua, per tuam accusacionem multi sunt positi ad mortem. Voveo deo meo, si me accusaveris, caput tuum frangam. Hiis dictis domum perrexit. Hora prima imperator sicut solitus erat nuncios suos ad statuam destinavit, ut ab ea quererent, si aliquis contra legem commisisset. Cum autem ad statuam venissent et voluntatem imperatoris dixissent, ait statua: Carissimi, levate oculos vestros et videte, que scripta sunt in fronte mea. Illi vero cum oculos levassent, tria in fronte ejus clare viderunt, scilicet: Tempora mutantur, homines deteriorantur, qui voluerit veri- tatem dicere caput fractum habebit. Ite domino vestro nunciate, que vidistis et legistis. Nuncii perrexerunt et omnia domino suo retulerunt. Imperator cum hoc audisset, precepit militibus suis, ut se armarent et ad statuam pergerent, et si aliquis contra statuam aliquid faceret, eum ligatis manibus et pedibus ad eam ducerent. Milites ad statuam perrexerunt, dicentes: Placet imperatori, ut osten- datis illos, qui contra legem commiserunt, et quales erant illi, qui minas fecerunt. Ait statua: Focum fabrum accipite! Ille est qui in singulis diebus legem violat et michi minas facit. Illum comprehenderunt et coram imperatore duxerunt. Ait imperator: Carissime, quid est, quod audio de te? quare legem editam violas? Ait ille: Domine, legem illam servare non possum, quia omni die octo de- narios oportet me habere, et illos sine labore non potero acquirere. Ait imperator: Et quare octo denarios? Qui ait: Omni die per annum duos denarios teneor dare, quos mutuavi in juventute, duos accommodo, duos perdo, duos expendo. Ait imperator: De istis manifestius debes michi dicere: Cui ait faber: Domine mi, advertite me! Duos denarios omni die teneor patri meo, quia cum essem puer parvulus, pater meus duos denarios super me singulis diebus expendit, jam pater meus in egestate est

positus, unde racio dictat, quod ei subveniam in sua paupertate, et ideo omni die duos denarios ei trado; duos alios denarios filio meo accommodo, qui jam ad stadium pergit, ut si contingat me ad egestatem pervenire, michi illos duos denarios reddat, sicut ego jam patri meo facio; duos alios denarios omni die perdo super uxorem meam, quis semper est michi contraria, aut proprie voluntatis aut callide complectionis, et propter ista tria quie- quid ei dedero, hoc perdo; duos alios denarios super meipsum in cibis et potibus expendo. Levins bono modo transire non potero et istos denarios non possum obtinere sine continuo labore. Jam audistis racionem. Detis ergo judicium rectum! Ait imperator: Carissime, recte respondisti, vade et fideliter ammodo labora! Post hoc cito imperator defunctus est, et Focus faber propter suam prudenciam in imperatorem eligitur ab omnibus, qui imperium satis prudenter regebat. Ipso mortuo inter alios imperatores imago ejus depingitur et ultra caput suum octo denarii.

Carissimi, iste imperator est pater celestis, qui statuit pro lege, quod qui diem primogeniti sui violaret, morte morietur. Dies ista est dies dominica, sive dies festivalis ab ecclesia ordinata, unde in veteri lege ac nova dicitur: Memento, ut diem sabbati sanctifices! Sed heu proh dolor, plures illis diebus peccata majora committunt, quam ceteris diebus! Tales poterunt assimilari cuidam pisci in mari, tamdiu bene est sibi, quamdiu est in mari, sed si contingat a casu, quod saltat supra tempore plavie, et pluvia eam tangat, incipit mori, nec per multos dies statum ejus poterit recuperare, quousque fuerit de aqua maris saciatus. Eodem modo aliqui, quamdiu sunt per totam septimanam in mari hujus mundi laborantes, tamdiu bene videtur eis; sed si contingat eos diebus festivis ad ecclesiam pergere, et aliquem dulcem sermonem vel missam audire, eis videtur, quod sint in magna angustia, quousque sunt in operibus mundanis refocillati. Virgilius certe, qui statuam fecerat, est spiritus sanctus, qui predi- catorem ordinaverat, ut annunciet virtutes et vicia, penam et gloriam. Sed hea et proh dolor jam poterit dicere predicator, sicut statua dixerat: Tempora mutantur. Hoc satis manifeste videmus in primitiva ecclesia, in statu omni,, tempora erant meliora quam nunc, oraciones et preces quam modo. Terra dabat fructum suum magis habunde et omnia elementa, que sua erant, omnia sunt mutata propter peccata bominum, hoc apparebat in diluvio Noe. Secundo: Homines deteriorantur; sicut clare videmus. In antiquo tempore erant homines magis devoti, elemosinarii, caritativi, quam modo sunt. Et quare? Quia totus mundus in maligno positus est. Tercio: Qui voluerit veritatem dicere etc. Modo, si predicator peccata potentum predicet, statim minas ac murmuraciones habebit. Unde Ysaias: Loquimini verba placencia! Et ideo apostolus: Erit enim tempus cum sanam doctrinam non sustinebunt. Focus est quilibet bonus christianus, qui fideliter sicut miles Christi laborat.

Unde quilibet bonus christianus tenetur singulis diebus patri suo celesti reddere duos denarios, scilicet amorem et honorem; amorem, quia nos tantum diligit, quod pro nostro amore unicum filium suum de celis descendere permisit et morte turpissima 15 condempnari; honorem, quia omnia ab ipso procedunt et sine eo nullum bonum agere poterimus. Item duos denarios filio accomodamus. Cujusmodi filius est? Certe ille, de quo Ysaias: Parvulus enim natus est nobis etc. acil. filius dei. Et quales denarios debemus ei accomodare? Certe duos omni die, scilicet bonam voluntatem et bonum actum, quamdiu sumus in hoc mortali corpore, et quando nos egeni sumus facti in die judicii, quando nudi apparebimus, tunc ipse nobis reddet illos denarios in vita eterna, sicut scriptum est: Centuplum accipietis et vitam eternam possidebitis. Item duos denarios perdimus super uxorem. Uxor ista est caro misera, que semper contrariatur spiritai. Denarii, quos expendimus super eam, sunt mala voluptas et actus malus, que continue operantur ex obliqua voluntate. Istos duos denarios perdimus, quia graviter propter hoc hic vel alibi puniemur. Item duos denarios omni die expendimus super nosipsos, si boni christiani sumus, scilicet dilectionem dei in toto corde, et diligere proximam sicut teipsum.

Carissimi, si istos octo denarios expendere volueritis, ad gaudium eternum pervenire possitis.

CAP. 57: De como evitar a perfeição

Tito reinou na cidade romana, que estabeleceu pela lei que o dia do seu primogênito deveria ser santificado por todos, e quem quer que violasse o dia do nascimento de seu filho por meio de trabalho servil morreria. Promulgada a lei, chamou o mestre Virgílio e disse: Caríssimo, tal lei editei; no entanto, frequentemente podem ser cometidos [pecados] em segredo, cuja informação não poderei alcançar. Portanto, rogamos a você, que, de acordo com sua habilidade, encontre alguma arte, pela qual eu possa experimentar quais são aqueles que transgridem a lei. Ele respondeu: Senhor, faça-se a sua vontade. Imediatamente, Virgílio, por meio de arte mágica, fez uma estátua ser criada no meio da cidade. Aquela estátua tinha o costume de relatar todos os pecados ocultos cometidos naquele dia ao imperador, e assim, por meio da acusação da estátua, quase infinitos homens foram condenados. Havia então um certo ferreiro na cidade, chamado Foco, que naquele dia trabalhou como nos outros. Quando, no entanto, se deitou em sua cama, pensou profundamente em como, por causa da acusação da estátua, muitos estavam morrendo. De manhã, levantou-se e foi até a estátua e disse: Ó estátua, estátua, por tua acusação, muitos foram condenados à morte. Prometo ao meu Deus que, se me acusares, quebrarei a tua cabeça. Tendo dito isso, foi para casa. Na primeira hora, o imperador, como era de costume, enviou seus mensageiros até a estátua para perguntar se alguém havia cometido algo contra a lei. Quando chegaram à estátua e disseram a vontade do imperador, a estátua disse: Caríssimos, levantem os olhos e vejam o que está escrito em minha fronte. Eles, porém, quando levantaram os olhos, viram claramente três coisas em sua frente, a saber: Os tempos mudam, os homens se tornam piores, quem quiser dizer a verdade terá a cabeça quebrada. Vão ao seu senhor e anunciem o que viram e leram. Os mensageiros foram e relataram tudo ao seu senhor. Quando o imperador ouviu isso, ordenou a seus soldados que se armassem e fossem até a estátua, e se alguém fizesse algo contra a estátua, que o levassem amarrado com as mãos e os pés até ela. Os soldados foram até a estátua, dizendo: É do agrado do imperador que ele mostre aqueles que cometeram delitos contra a lei e quais eram aqueles que ameaçaram. A estátua disse: Peguem o ferreiro! Ele é quem viola a lei todos os dias e me faz ameaças. Eles o apreenderam e o levaram diante do imperador. O imperador disse: Meu caro, o que é isso que ouço de você? Por que você viola a lei que foi estabelecida? Ele respondeu: Senhor, não posso cumprir essa lei, pois todos os dias preciso ter oito denários, e sem trabalho não poderei obtê- los. O imperador disse: E por que oito denários? Ele respondeu: Todos os dias do ano sou obrigado a dar dois denários, que pedi emprestados na juventude, dois empresto, dois perco,

dois gasto. O imperador disse: Você deve me explicar isso de forma mais clara: O ferreiro disse: Meu senhor, preste atenção em mim! Dois denários todo dia sou obrigado a dar ao meu pai, pois quando eu era um menino pequeno, meu pai gastava dois denários sobre mim todos os dias; agora meu pai está em necessidade, e a razão me dita que eu o ajude em sua pobreza, e por isso todo dia lhe dou dois denários; empresto outros dois denários ao meu filho, que já está no estádio, para que, se eu por acaso cair em necessidade, ele me devolva aqueles dois denários, assim como já faço com meu pai; perco outros dois denários todo dia com minha esposa, que sempre é contrária a mim, seja por vontade própria ou por astúcia; e por causa dessas três coisas, tudo o que eu der a ela, perco; outros dois denários gasto em mim mesmo com alimentos e bebidas. Portanto, de modo algum poderei transitar e não posso obter esses denários sem trabalho contínuo. Já ouvistes a razão. Portanto, dizei um julgamento justo! Diz o imperador: Caríssimo, respondeste corretamente, vai e trabalha fielmente a partir de agora! Após isso, rapidamente o imperador faleceu, e Focus, o ferreiro, foi eleito por todos, devido à sua prudência, como imperador, que governou o império de forma bastante sábia. Com sua morte, entre outros imperadores, sua imagem foi retratada e além de sua cabeça, oito denários.

Caríssimos, este imperador é o pai celestial, que estabeleceu como lei que quem violar o dia de seu primogênito, morrerá. Este dia é o dia do Senhor, ou seja, o dia festivo ordenado pela igreja, onde na velha e na nova lei está escrito: Lembra-te de santificar o dia de sábado! Mas, ai de mim, muitos cometem pecados maiores nesses dias do que em outros! Tais podem ser comparados a um peixe no mar, tão bem está enquanto está no mar, mas se por acaso salta fora na época da cheia e a chuva o toca, começa a morrer, nem por muitos dias poderá recuperar seu estado, até que seja saciado das águas do mar. Da mesma forma, alguns, enquanto estão toda a semana no mar deste mundo trabalhando, tão bem lhes parece; mas se por acaso vão à igreja nos dias festivos e ouvem algum doce sermão ou missa, parece-lhes que estão em grande angústia, até que sejam renovados nas obras mundanas. Virgílio, com certeza, que fez a estátua, é o Espírito Santo, que ordenou o pregador, para que anuncie virtudes e vícios, pena e glória. Mas ai e, ai de mim, já poderá o pregador dizer, como a estátua dissera: Os tempos mudam. Isto é suficientemente claro na igreja primitiva, em todo estado, os tempos eram melhores do que agora, as orações e súplicas eram mais abundantes do que agora. A terra dava seus frutos de maneira mais abundante e todos os elementos, que eram seus, tudo mudou por causa dos pecados dos homens, isso ficou evidente no dilúvio de Noé. Em segundo lugar: os homens estão se deteriorando; como podemos ver claramente. No tempo antigo, os homens eram mais

devotos, benfeitores, caridosos, do que agora são. E por quê? Porque todo o mundo está no mal. Em terceiro lugar: quem quiser dizer a verdade, *etc*. Agora, se o pregador pregar os pecados dos poderosos, imediatamente terá ameaças e murmurações. Daí Isaías: Falei palavras agradáveis! E por isso o apóstolo: Haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina. É o dever de cada bom cristão, que fielmente, como um soldado de Cristo, labuta. Portanto, cada bom cristão é obrigado a devolver todos os dias a seu pai celestial dois denários, a saber, amor e honra; amor, porque nos ama tanto que por nosso amor permitiu que seu único Filho descesse do céu e fosse condenado à morte mais horrenda; honra, porque tudo procede dele e sem ele não podemos fazer bem algum. Além disso, devemos oferecer dois denários ao filho. Que tipo de filho é? Certamente aquele a quem se refere Isaías: Um menino nos nasceu e *etc*. o Filho de Deus. E quais denários devemos lhe acomodar? Certamente dois a cada dia, ou seja, boa vontade e boa ação, enquanto estamos neste corpo mortal, e quando nos tornarmos mendigos no dia do juízo, quando apareceremos nus, então ele nos devolverá aqueles denários na vida eterna, como está escrito: Centuplicado recebereis e a vida eterna possuireis. Além disso, perdemos dois denários com a esposa. Esta esposa é a carne miserável, que sempre se opõe ao espírito. Os denários que gastamos com ela são o prazer mau e a ação má, que continuamente operam a partir da vontade oblíqua. Perdemos esses dois denários porque somos punidos gravemente por isso aqui ou em outro lugar. Ademais, gastamos dois denários a cada dia conosco mesmos, se somos bons cristãos, ou seja, o amor a Deus de todo o coração, e amar o próximo como a nós mesmos. Caríssimos, se quiserdes gastar esses oito denários, podereis alcançar a alegria eterna.

CAP. 58: De confessione.

Rex quidam regnavit nomine Asmodemus, qui statuit, quod quicumque malefactor captus esset et coram judice ductus, si tres veritates posset dicere tam veras, contra quas nullus posset objicere, quantumcumque malefactor vitam suam obtineret cum tota sus hereditate. Accidit casus, quod quidam miles contra regem forefecit, fugam peciit et in quadam foresta latuit, in qua multa mala commisit, quia omnes intrantes spoliavit aut occidit. Judex cum hoc audisset, insidias in circuitu foreste ordinavit, eum deprehendit, et ligatis manibus ad judicium venire fecit. Ait ei judex: Carissime, nosti legem? Qui ait: Eciam, domine. Si debeo salvari, oportet me dicere tres veritates, aliter mortem evadere non possum. Ait ergo judex: Imple beneficium legis aut hodie cibum non gustabis donec fueris suspensus. At ille: Domine, fac fieri silencium! Quo facto ait: Domine, ecce hec est prima veritas: Vobis omnibus denuncio, quod toto tempore vite mee extiti malus homo. Judex hoc audiens ait circumstantibus: Estne verum, quod ille dicit? At illi: Si non esset malefactor, ad istum punctum non venisset. Ait ergo judex: Die michi secundam veritatem. Qui ait: Secunda veritus est ista: Michi multum displicet, quod in ista forma huc veni. Ait judex: Certe credimus tibi. Die ergo terciam veritatem, et teipsum a morte salvasti. Ait ille: Hec est tercia veritas: Si semel potero evadere, ad istum locum numquam in ista forma venirem. Ait judex; Amen dico tibi, satis prudenter te liberasti, vade in pace. Et sic per tres veritates salvatus est ille miles.

Carissimi, iste imperator est dominus noster Ihesus Christus, qui istam legem edidit, scilicet quod quicumque malefactor i. e. peccator per graciam dei captus fueris et coram discreto judice ductus i. e. confessore, dicas tres veritates tam veras, quod demones contra te non poterunt objicere et hereditatem regni celestis obtinebis. Prima veritas est: Ego sum malus homo, i. e. in tali peccato et sic de singulis, ecce confessio. Secunda veritas est: Displicet michi etc. i. e. multum michi displicet, quod tantum deum meum offendi, ecce contricio. Tercia veritas est: Si semel possem evadere per viam satisfactionis, numquam ad peccatum redirem voluntarie, et sic per comsequens vitam eternam obtinebis.

CAP. 58: Da confissão

Governava um rei chamado Asmodemus. Ele decretou que qualquer malfeitor que fosse capturado e levado a julgamento, se pudesse dizer três verdades tão verdadeiras que não pudesse haver qualquer objeção contra elas, esse malfeitor recuperaria sua vida com todos os seus bens. Aconteceu um caso no qual um soldado conspirou contra o rei, planejou uma fuga e se escondeu em uma floresta, onde cometeu muitas atrocidades, porque roubava ou matava todos os transeuntes. O juiz, ouvindo isso, ordenou uma emboscada no perímetro da floresta, capturou-o e fez com que fosse levado, de mãos amarradas, ao julgamento. O juiz disse a ele:
"Caríssimo, você conhece a lei?" Ele respondeu: "Certamente, senhor. Para que eu seja salvo, é necessário que eu diga três verdades, do contrário não posso escapar da morte." Disse, então o juiz: "Cumpra o benefício da lei ou hoje você não provará comida até ser enforcado." Ele respondeu: "Senhor, peça silêncio!" Feito isso, disse: "Senhor, esta é a primeira verdade: Declaro a todos vocês que durante todo o tempo da minha vida eu vivi como um homem mau." O juiz, ouvindo isso, perguntou aos que estavam a sua volta: "É verdade, o que ele diz?" Aqueles, por sua vez: "Se não fosse um malfeitor, não chegaria a este ponto." Disse, então, o juiz: "Diga-me a segunda verdade." Ele respondeu: "A segunda verdade é esta: A mim muito desagrada ter sido trazido para cá desta maneira." O juiz disse: "Certamente acreditamos em você. Diga, então, a terceira verdade e salve a si mesmo da morte." Ele respondeu: "Esta é a terceira verdade: Se eu pudesse escapar uma única vez, eu nunca viria a este lugar desta maneira." O juiz disse: "Amém, digo a você. Você se salvou com muita prudência. Vá em paz." E assim, pelas três verdades, aquele soldado foi salvo.

Caríssimos, este imperador é o nosso Senhor Jesus Cristo, que decretou esta lei, ou seja, que qualquer malfeitor, isto é, qualquer pecador, que fosse capturado pela Graça de Deus e levado à presença de um juiz discreto, isto é, a um confessor, se disser três verdades tão verdadeiras que os demônios não possam ter qualquer objeção contra ele, tal pecador obterá a herança do reino dos céus. A primeira verdade é: "Eu sou um homem mau," isto é, "eis que confesso que estou em tal pecado, e assim sobre cada um deles." A segunda verdade é: " desagrada-me, *etc*.," isto é, "muito me desagrada que eu tenha ofendido tanto a meu Deus", eis o arrependimento. A terceira verdade é: "Se eu pudesse, uma única vez, escapar pelo caminho da satisfação, nunca voltaria voluntariamente ao pecado, e assim obteria, por consequência, a vida eterna."

CAP. 59: De superbia nimia, et quomodo superbi ad humilitatem maximam sepe perveniunt; satis notabile.

Jovinianus imperator regnavit potens valde, qui cum semel in stratu suo jacuisset, exaltatum est cor ejus ultra quam credi potest, et in corde suo dixit: Estne aliquis alius deus quam ego? Hiis cogi- tatis sompnum cepit. Mane vero surrexit et vocavit milites suos et ait: Carissimi, bonum est cibum sumere, quia hodie ad venandum pergere volo. Illi vero parati erant ejus voluntatem adimplere. Cibo sumpto ad venandum perrexerunt. Dum vero imperator equitasset, calor intollerabilis eum invasit, in tantum quod videbatur ei, quod moreretur nisi in aqua frigida balneari posset. Respexit a longe et aquam latam vidit, dixit suis militibus: Hie remaneatis, quousque fuero liberatus. Dextrarium cum calcaribus percussit, ad aquam festinanter equitabat, de equo descendit, omnia vestimenta deposuit, aquam intravit et tamdiu ibi remansit, quousque totaliter refrigeratus esset. Dum ibidem exspectasset, venit quidam homo ei per omnia similis in vultu et gestu, et induit se vestimentis ejus, dextrarium ejus ascendit, et ad milites equitavit, ab omnibus sicut persona imperatoris est receptus. Finito ludo ad palacium cam militibus perrexit. Post hec cito Jovinianus de aqua exivit, vestes nec equum invenit. Admirabatur et tristatus est valde, quia nudus erat et ne- minem vidit, cogitavit inter se: Quid faciam? Ego miserabiliter sum ministratus. Tandem ad se reversus dicebat: Hic prope manet unus miles, quem ad miliciam promovi: ad eam pergam, vestes et equum acquiram et sic ad palatium meum ascendam, et videbo, quomodo et per quem sum confusus. Jovinianus totaliter nudus ad castrum militis perrexit, ad januam pulsavit, janitor autem causam pulsacionis quesivit. Ait Jovinianus: Januam aperite, et qualis ego sum videte! Ille vero januam aperuit et cum eam vidisset, obstupuit et ait: Qualis es tu? At ille: Jovinianus sum imperator, vade ad do- minum tuum, et die ei, ut michi vestes accommodet, quia vestes et equum perdidi. Qui ait: Mentiris, pessime ribalde! Jam ante ad- rentum tuum dominus imperator Jovinianus ad palacium suum cum militibus suis transivit, et dominus meus secum perrexit et rediit, et jam in mensa sedet; sed quia imperatorem te nominasti, domino meo nunciabo. Janitor intravit et domino suo verba ejus retulit. Ille hoe audiens precepit ut introduceretur, et sic factum est. Miles cum vidisset, noticiam ejus non habebat, sed imperator peroptime eum cognovit. Ait ei miles: Dic michi, qualis es, et quod est nomen tuum? Qui respondit: Ego sum imperator Jovinianus, et ego te ad miliciam promovi tali tempore. Ait ille: O ribalde pessime, qua audacia andes teipsum imperatorem nominare! Jam dominus meus imperator ante te ad palacium equitavit, et ego per viam ei associatus eram et jam sum reversus: et quia teipsum imperatorem nominasti, impune non transibis. Fecit eum egregie

verberari et postea expelli. Ille vero sie flagellatus et expulsus flevit amare et ait: O deus meus, quid hoe esse poterit, quod miles, quem ad miliciam promovi, noticiam mei non habet, et cum hoc graviter me flagellavit. Cogitavit autem apud se: Prope est quidam dux consiliarius meus, ad eum pergam et ne- cessitatem ei ostendam, per quem potero indui et ad palacium meum reverti. Cum vero ad januam ducis venisset, pulsavit. Janitor audiens pulsacionem januam aperuit, et cum hominem nudum vidisset, admi- rabatur et ajebat: Carissime, qualis es tu, et quare sic totaliter nodus venisti? Et ille: Ego sum imperator, a casu equum et vesti- menta perdidi, et ideo ad ducem veni, ut michi in hac necessitate succurrat. Ideo te rogo, ut negocium meum coram domino tuo facias. Janitor cum verba ejus audisset admirabatur, aulam intravit et domino suo omnia retulit. Ait dux: Introducatur. Cum introductus fuisset nullus noticiam ejus habebat, et dux ad illum: Qualis es tu? Et ille: Imperator sum ego, et te ad divicias et honores promovi, quando te ducem feci et consiliarium meum te constitui. Ait dux: Insane miser! perrrexi parum ante cum domino meo imperatore ver- sus palacium, et reversus sum, et quia talem honorem tibi appropriasti, impune non transibis. Confecit eum in carcerem includi et pane et aqua sustentari. Deinde ex carcere extraxit et egregie ver- berari et a tota terra post hoc ejici [fecit]. Ille sic ejectus ultra quam credi poterit gemuit et suspiria emittebat et intra se dixit: Heu michi, quid faciam, quia factus sum obprobrium omnium et abjectio plebis? Melius est michi ad palacium meum pergere et mei de palacio meo noticiam habebunt; saltem si non, uxor mea noticiam meam habebit per certa signa. Solus ad palacium accessit, ad ja- nuam pulsavit, audita pulsacione janitor januam aperuit; quem cum vidisset dixit: Die michi, qualis es tu? Et ille: Miror de te, quia non novisti me, quia per tot tempora mecum fuisti. Qui ait: Mentiris; cam domino imperatore diu steti. Et ille: Ego sum ille, et si dictis non credis, rogo te dei amore, ut ad imperatricem accedas et per ista signa illa michi vestes imperiales per te mittet, quia a casu per- didi omnia; ista signa, que per te ei mitto, nullus nisi nos duo novit sub celo. Ait janitor: Non dubito, quin insanus sis, quia jam do- minus meus imperator in mensa sedet et juxta eum imperatrix; verum- tamen ex quo dicis te imperatorem esse, imperatrici intimabo, et certus sum quod graviter punieris. Janitor ad imperatricem perrexit et omnia audita ei intimavit. Illa non modicum contristata ad do- minum suum conversa est et ait: O domine mi, audite mirabilia! signa privata inter nos sepius acta unus ribaldus in porta michi per janitorem recitat, et dicit se imperatorem et dominum meum esse. Ipse cum hoc audisset, precepit janitori at introduceretur in con- spectu omnium. Qui eum taliter nudus introductus fuisset, canis qui- dam, qui antea multum eum dilexerat, ad guttur suum saltabat, ut eum occideret, sed per familiam impeditus

est, sic quod nullum ab eo recepit malum. Item quendam falconem habebat in pertica, qui cum eum vidisset ligaturam fregit et extra aulam advolavit. Ait imperator omnibus in aula sedentibus: Carissimi, audite verba mea, que de isto ribaldo dicam! Die michi, qualis es tu et ob quam causam venisti? At ille: O domine, ista est mirabilis questio, imperator sum et dominus istius loci. Ait imperator omnibus sedentibus in mensa et circumstantibus: Dicite michi per juramentum vestrum, quod michi fecistis, quis nostrum imperator est et dominus? Aiunt illi: O domine, leviter respondemus per juramentum quod vobis fecimus, istum ribaldum numquam vidimus, sed vos estis dominus noster et imperator, quem a juventate novimus, et ideo rogamus una voce, ut puniatur, ut omnes exemplum ab eo capiant, et de tali pre- sumpcione se non attemptent. Imperator ille conversus ad impera- tricem ait: Dic domina michi per fidem qua teneris, nosti tu istum hominem, qui se dicit imperatorem et dominum tuum esse? At illa: O bone domine, cur talia a me queris? Nonne plus quam xxvi annis in societate tua steti et prolem per te genui? Sed unum est, quod miror, quomodo iste ribaldus pervenit ad nostra secreta inter nos perpetrata. Imperator ille dixit illi, qui introductus fuerat: Carissime! quare ausus fuisti teipsum imperatorem nominare? Damus pro judicio, ut ad caudam equi hodie sis tractus et si iterum sis ausus hoc dicere, te condempnabo morte turpissima. Vocavit satellites suos et ait: Ite est istum ad caudam equi trahite, sed nolite eum oc- cidere. Et sic factum est. Post hec vero ultra quam credi potest commota sunt omnia interiora ejus et quasi de se ipso desperatus dicebat: Pereat dies in qua natus sum! amici mei a me recesserunt, axor mea et filii mei non noverunt me. Dum hoc dixisset, cogitabat: Hic prope manet confessor meus, pergam ad ipsum: forte ipse noti- ciam meam habebit, quia sepius confessionem meam audivit. Perrexit ad heremitam, ad fenestram cellule sue pulsavit. At ille: Quis ibi est? Et ille: Ego sum imperator Jovinianus, fenestram aperias, ut loquar tecum. Ille vero cum vocem ejus audisset, fenestram aperuit, cum eum vidisset, cum impetu fenestram clausit et ait: Discede a me, maledicte, tu non es imperator, sed diabolus in forma hominis. Ille hoc audiens ad terram pre dolore cecidit, crines capitis ac barbe dilaceravit et dixit: Heu michi, quid faciam ego! Hiis dictis recordatus fuit quod in stratu suo exaltatum fuit cor ejus dicens: Estne deus alter preter me? Statim ad fenestram heremite pulsabat et dixit: Amore illius, qui pependit in cruce, confessionem meam audite fenestra clausa. At ille: Michi bene placet. Qui de tota vita sua cum lacrimis est confessus et precipue quomodo contra deum se erexit, dicens, quod non credidit alium deum esse quam seipsum. Facta confessione et absolucione heremita fenestram ejus aperuit et noticiam ejus habebat et ait: Benedictus altissimus, jam novi vos. Paucas vestes hic habeo, induas te et ad palacium perge, et ut spero

noticiam tuam habebunt. Imperator induit se, ad palacium suum perrexit, ad januam pulsabat, janitor hostium aperuit et eum satis honorifice recepit. At ille: Numquid noticiam meam habes? Qui ait: Eciam, domine peroptime, sed admiror quod per totum diem hic steti et vos exire non vidi. Ille vero aulam intravit, omnes eum videntes capita inclinabant. Alius imperator erat cum domina in camera. Quidam miles exiens de camera eum intime aspexit et post hec in cameram est reversus ait: Domine mi, est quidam in aula, cui omnes capita inclinant et honorem faciunt, qui vobis in omnibus assimilatur, intantum quod quis vestrum est imperator penitus ignoro. Imperator ille hoc audiens ait imperatrici: Exeas et videas, si ejus noticiam habeas. Ille vero foras perrexit, et cum eum vidisset, admirabatur, statim cameram intravit et ait: O domine, vobis unum denuncio, quod quis vestrum est dominus meus penitus ignoro. At ille: Ex quo sic est, foris pergam et veritatem excutiam. Cum autem aulam intrasset, eum per manum cepit et juxta eum stare fecit, vocavit omnes nobiles in aula existentes cum imperatrice et ait: Per juramentum, quod michi fecistis, dicite, quis nostrum est imperator? Imperatrix primo respondit: Domine mi, michi incumbit primo re- spondere; testis est michi deus in celis, quis vestrum est dominus meus, penitus ignoro. Et sie omnes dixerunt. At ille: Carissimi, audite me iste homo est imperator vester et dominus. Nam aliquo tempore contra deum se erexit, propter quod peccatum deus eam flagellavit et hominis noticia ab eo recessit, quousque satisfactionem deo fecit, ego sum angelus ejus custos anime sue qui imperium custodivi quamdiu fuit in penitencia. Jam ejus penitencia est com- pleta et pro peccatis satisfecit, ammodo ei sitis obedientes, ad deam vos recommendo; statim ab oculis eorum disparuit. Imperator vero deo gracias reddidit et toto tempore vite sue in bona pace vixit et spiritum deo reddidit.

Carissimi, iste imperator potest dici quilibet homo totaliter mundo datus, qui propter divicias et honores in superbia cordis erigitur, sieat alter Nabugodonosor, qui divinis preceptis non obedivit. Vocat milites i. e. sensus, pergit ad venandum mundi vanitates, interim calor intollerabilis i. e temptacio diabolica eum arripit, quod quiescere non potest, quousque in aquis mundanis sit totaliter refrigeratus, ista refrigeracio est detrimentum anime et sic milites i. e. sensus sine custodia hominem demittunt, quocienscunque in aqua mundana balneari intendit. Sed de equo primo descendit, i. e. a fide errat, quia in baptismo firmiter deo promisit adherere et pompis diaboli abre- nunciare, sed quam cito totaliter se in aquis mundanis involvit, fidem frangit et hoc est de equo descendere. Deinde deposuit vestes i.e. virtutes, quas in baptismo recepit, et sic nudus miser in mundi vanitatibus jacet. Quid est faciendum? Certe ut alius scilicet prelatus, qui fidem et virtutes habet eum custodire, i. e. vestimenta recipere, quia prelato datur

potestas solvendi peccatorem, quociens puro corde ad deum se convertit. Jovinianus cum de aqua exivit etc. Sic miser homo, cum de aqua mundana per dei graciam intendit exire, nullam virtutem inveniet, quia omnes per peccatum perdidit, ergo habet materiam dolendi. Quomodo debent ergo virtutes recuperari? Certe ad domum militis primo debet pergere. Miles iste est racio, que habet te flagellare, quia racio dictat, quod quantum contra deum perpetrasti, in corde tuo hoc emendes, et ideo non poteris teipsum dicere imperatorem i. e. christianum quia opera christiani per peccatum perdidisti; racio ergo te expellit ab omni vicio. Quid ergo est faciendam? Pergas ad castrum ducis scilicet ad conscienciam tuam pro- priam, que contra te graviter murmurat, donec reconciliatus deo fueris, immo in carcerem te ponit, hoc est in perplexitatem magnam, quomodo et per quam viam deo placere potes et vulnera ab eo recipere i. e. cordis compunctionem, per quam sanguis i. e. peccatum exeat. Deinde ad palacium cordis tui pulsare, i. e. intime cogitare, quomodo et qua de causa contra deum deliquisti. Janitor i. e. voluntas, que est libera, ostium cordis tui habet aperire et te ducere ad primum statum, quem in baptismo recepisti. Canis, qui saltat, ut te occidat etc. est caro tua propria, per quam homo sepius occiditur, nisi deus impediret. Et falco in partica extra fenestram volat etc. i. e. potencia divina non tecum manebit quamdiu in mala vita jaces, nec uxor i. e. anima noticiam habebit tue salutis. Quid ergo est faciendum? Certe ut sis tractus ad caudam equi. Trahi per cau- dam equi nichil aliud est quam a principio vite usque ad presens, quid et quantum fecisti tantum dolere et satisfactionem perpetrare. Deinde postquam ista feceris perge ad heremitam i. e. discretum con- fessorem in foresta sancte ecclesie, et de omnibus quibus contra deem deliqnisti pure confitearis clausa fenestra i. e. private, non ad laudam hominum sed ad tuum solamen, et statim deus et omnes angeli noticiam tui habebunt. Deinde facta confessione vestimentis i. e. bonis virtutibus poteris indui et ad palacium cordis tui secrete accedere et omnes sensus tui cum uxore i. e. anima noticiam habebunt, quia verus imperator i. e. bonus christianus factus es, et per consequens vitam eternam obtinebis. Ad quam perducat.

CAP. 59: Do orgulho excessivo, e de como os orgulhosos alcançam a maior barreira da humildade, bastante notável.

O imperador Joviniano reinou extremamente poderoso, que, uma vez que estivesse deitado em seu leito, seu coração se exaltou além do que se pode acreditar, e disse consigo mesmo: Há algum outro deus além de mim? Com esses pensamentos, adormeceu. Porém, de manhã, levantou-se e chamou seus soldados e disse: Queridos, é bom comer, porque hoje desejo ir à caça. Eles estavam prontos para cumprir sua vontade. Após se alimentar, partiram para a caça. Enquanto o imperador cavalgava, um calor intolerável o invadiu, a tal ponto que parecia a ele que morreria a menos que pudesse banhar-se em água fria. Olhou de longe e viu uma ampla água, disse a seus soldados: Aqui permaneçam até que eu esteja livre. Bateu com os estribos, apressou-se em direção à água, desceu do cavalo, tirou todas as suas roupas, entrou na água e permaneceu lá até que estivesse completamente refrescado. Enquanto esperava lá, veio um homem a ele, semelhante em rosto e gesto, que vestiu suas roupas, subiu em seu cavalo e encontrou os soldados, sendo recebido por todos como se fosse a pessoa do imperador. Após o fim da brincadeira, dirigiu-se ao palácio com os soldados. Após isso, rapidamente Joviniano saiu da água, não encontrou roupas nem cavalo. Estava espantado e muito triste, pois estava nu e não viu ninguém. Pensou consigo mesmo: O que farei? Estou miseravelmente desassistido. Finalmente, voltando-se para si disse: Aqui perto está um soldado, a quem promovi para o serviço militar: irei até ele, adquirirei roupas e um cavalo, e assim subirei ao meu palácio, e verei como e por quem estou sendo enganado. Joviniano, completamente nu, encaminhou-se para o castelo do soldado, bateu à porta, e o porteiro perguntou a razão da batida. Joviniano disse: Abre a porta, e vê como estou! O porteiro, de fato, abriu a porta e, ao vê-lo, ficou atônito e disse: Que tipo de pessoa você é? E ele: Sou Joviniano, o imperador; vai até o teu senhor e diga a ele que me forneça roupas, pois perdi minhas roupas e meu cavalo. O porteiro respondeu: Estás mentindo, miserável canalha! Há pouco, o senhor imperador Joviniano já passou com seus soldados para o seu palácio, e meu senhor foi com ele e voltou, e já está à mesa; mas como te nomeaste imperador, eu o informarei. O porteiro entrou e relatou as palavras ao seu senhor. Ao ouvir isso, ele ordenou que Joviniano fosse introduzido, e assim foi feito. O soldado, ao vê-lo, não o reconheceu, mas o imperador o conheceu muito bem. O soldado disse a ele: Diga-me, que tipo de pessoa você é, e qual é o seu nome? Ele respondeu: Eu sou o imperador Joviniano, e eu te promovi para o serviço militar em tal momento. Ele disse: Oh, infame, que audácia você tem para se chamar imperador! Meu senhor, o imperador, já montava a caminho do palácio

antes de você, e eu estava com ele na estrada e já voltei: e porque você se nomeou imperador, você não passará impune. Ele ordenou que ele fosse severamente espancado e depois expulso. Na verdade, ele, assim flagelado e expulso, chorou amargamente e disse: Oh, meu Deus, como pode ser isso, que o soldado, a quem promovi para o serviço militar, não tem conhecimento de mim, e com isso me castigou severamente. Ele pensou consigo: Há um duque conselheiro meu por perto, irei a ele e mostrarei minha necessidade, através do qual poderei me vestir e voltar ao meu palácio. Quando ele chegou à porta do duque, bateu. O porteiro, ouvindo a batida, abriu a porta, e ao ver o homem nu, espantou-se e disse: Meu caro, quem é você, e por que veio tão completamente despido? E ele: Eu sou o imperador, perdi meu cavalo e vestimentas por acaso, e por isso vim ao duque, para que ele me ajude nesta necessidade. Portanto, peço que você apresente minha questão diante do seu senhor. O porteiro, ao ouvir suas palavras, ficou admirado, entrou na sala e contou tudo ao seu senhor. O duque disse: Que seja introduzido. Quando foi introduzido, ninguém o conhecia, e o duque perguntou a ele: Quem és tu? E ele respondeu: Eu sou o imperador, e te promovi a riquezas e honras, quando te fiz duque e te constituí meu conselheiro. O duque disse: Louco miserável! Eu fui há pouco tempo com meu senhor o imperador em direção ao palácio e voltei, e como você apropriou-se de tal honra, não passarás impune. Ordenou que ele fosse preso e sustentado com pão e água. Depois o tirou da prisão, foi severamente espancado e expulso de toda a propriedade. Ele, assim expulso, além do que se pode acreditar, gemia e emitia suspiros e disse a si mesmo: Ai de mim, o que farei, pois me tornei o opróbrio de todos e o objeto de desprezo do povo? Melhor é para mim prosseguir para meu palácio e eles terão conhecimento de mim em meu palácio; pelo menos se não, minha esposa terá conhecimento sobre mim através de certos sinais. Ele foi sozinho ao palácio, bateu à porta, e ao ouvir a batida o porteiro abriu a porta; quando o viu, disse: Diga-me, quem é você? E ele: Espanta-me você, pois não me conhece, já que esteve comigo todo esse tempo. Ele disse: Você mente; eu estive muito tempo com o senhor imperador. E ele: Eu sou ele, e se não acredita nas minhas palavras, rogo-te pelo amor de Deus, que você vá até a imperatriz e por esses sinais ela me enviará vestes imperiais através de você, pois por acaso eu perdi tudo; esses sinais, que por você quero que ela saiba, nenhum, exceto nós dois, conhece sobre a terra. O porteiro disse: Não duvido que você esteja louco, pois já meu senhor imperador está sentado à mesa e ao lado dele está a imperatriz; no entanto, como você diz que é o imperador, informarei à imperatriz e estou certo de que você será punido severamente. O porteiro foi até a imperatriz e informou tudo que ouviu a ela. Ela, não sem certo desgosto,

voltou-se para seu senhor e disse: Ó meu senhor, ouça coisas espantosas! Um sinal privado entre nós, frequentemente realizados, um patife na porta me recita pelo porteiro, e diz que é o imperador e meu senhor. Quando ele ouviu isso, ordenou ao porteiro que o introduzissem na presença de todos. E ele foi introduzido nu, de tal maneira que um certo cão, que antes o amava muito, pulava em seu pescoço, como se quisesse matá-lo, mas foi impedido pela família, de modo que não recebeu mal algum dele. Havia um falcão num poleiro, que ao vê-lo quebrou a amarra e voou para fora do pátio. O imperador disse a todos os que estavam sentados no pátio: Caríssimos, ouçam minhas palavras, que direi sobre este rebelde! Diga-me, quem é você e por que razão veio? E ele respondeu: Oh senhor, esta é uma pergunta admirável, sou imperador e senhor deste lugar. O imperador disse a todos os que estavam à mesa e ao redor: Diga-me, sob seu juramento, que me fizeram, quem de nós é imperador e senhor? Eles disseram: Oh senhor, respondemos levemente pelo juramento que lhe fizemos, nunca vimos este rebelde, mas você é nosso senhor e imperador, a quem conhecemos desde a juventude, e por isso pedimos em uma só voz, que seja punido, para que todos tomem exemplo dele e não tentem tal presunção. O imperador, voltando-se para a imperatriz, disse: Diga-me, senhora, pela fé que você mantém, você conhece este homem que se diz ser imperador e seu senhor? E ela respondeu: Oh bom senhor, por que me pergunta tais coisas? Não estive em sua companhia por mais de 26 anos e gerei filhos por meio de você? Mas há uma coisa que me espanta, como esse rebelde conseguiu chegar aos nossos segredos perpetrados entre nós. O imperador disse ao que tinha sido introduzido: Caríssimo! Por que você ousou se nomear imperador? Damos a sentença para que hoje você seja arrastado pela cauda do cavalo e se você ousar dizer isso novamente, eu o condenarei a uma morte horrível. Ele chamou seus servos e disse: Levem-no para ser arrastado pela cauda do cavalo, mas não o matem. E assim aconteceu. Após isso, de fato, tudo o que poderia ser crido se agitou dentro dele e, quase desesperado consigo mesmo, dizia: Que o dia em que nasci pereça! Meus amigos se afastaram de mim, minha esposa e meus filhos não me reconheceram. Enquanto dizia isso, pensava: Meu confessor está perto, irei até ele: talvez ele me reconheça, pois ele ouviu minha confissão com frequência. Ele se dirigiu ao eremita, bateu à janela de sua cela. E ele perguntou: Quem está aí? E ele respondeu: Eu sou o imperador Joviniano, abra a janela para que eu converse com você. Porém, ao ouvir sua voz, ele abriu a janela, ao vê-lo, fechou a janela com ímpeto e disse: Afaste- se de mim, maldito, você não é imperador, mas um diabo na forma de homem. Ouvindo isso, ele caiu ao chão de dor, despenteou os cabelos da cabeça e da barba e disse: Ai de mim, o que farei! Tendo dito isso,

lembrou-se de que em seu leito seu coração havia se exaltado dizendo: Existe um deus além de mim? Imediatamente bateu à janela do eremita e disse: Pelo amor daquele que pendurou na cruz, ouça minha confissão pela janela fechada. No entanto, ele: A mim agrada muito. Quem de toda a sua vida, com lágrimas, confessou e especialmente como se levantou contra Deus, dizendo que não acreditou haver outro Deus além de si mesmo. Feita a confissão e absolvição, o eremita abriu sua janela e tinha conhecimento dele e disse: Bendito Altíssimo, já vos conheço. Poucas roupas tenho aqui, vestes-te e vai ao palácio, e espero que conheçam você. O imperador vestiu-se, dirigiu-se ao seu palácio, bateu à porta, o porteiro abriu e o recebeu de forma bastante honrosa. E ele: Você tem conhecimento de mim? O porteiro disse: Sim, senhor de excelência, mas me admiro que passei o dia todo aqui e não o vi sair. Ele, de fato, entrou no recinto, todos o vendo inclinavam a cabeça. Havia outro imperador com a senhora no quarto. Um cavaleiro saindo do quarto olhou-o de perto e depois disso voltou ao quarto e disse: Senhor, há alguém no recinto a quem todos inclinam a cabeça e prestam honra, que se assemelha a você em tudo, tanto que não sei quem de vocês é o imperador. O imperador, ouvindo isso, disse à imperatriz: Saia e veja se você o conhece. Ele realmente saiu, e ao vê-lo, admirou-se, imediatamente entrou no quarto e disse: Ó senhor, anuncio-lhe uma coisa, que não sei quem de vocês é meu senhor. E ele: Se assim é, vou para fora e vou investigar a verdade. Contudo, ao entrar no recinto, pegou-o pela mão e fez com que ficasse ao seu lado, chamou todos os nobres presentes no salão com a imperatriz e disse: Por juramento que me fizestes, dizei, quem de nós é o imperador? A imperatriz respondeu primeiro: Meu senhor, cabe a mim responder primeiro; Deus nos céus é meu testemunha, quem de vós é meu senhor, ignoro totalmente. E assim todos disseram. Então ele: Caríssimos, ouvi-me, este homem é vosso imperador e senhor. Pois por algum tempo se ergueu contra Deus, por causa do qual pecado Deus a flagelou e o conhecimento dos homens se afastou dele, até que fez satisfação a Deus, eu sou o anjo guardião de sua alma que protegi o império enquanto esteve em penitência. Já a sua penitência está completa e ele pagou pelos pecados, de agora em diante, sede-lhe obedientes, a Deus vos recomendo; imediatamente desapareceu dos olhos deles. O imperador, por sua vez, deu graças a Deus e viveu durante todo o tempo de sua vida em boa paz e entregou o espírito a Deus.

Caríssimos, este imperador pode ser chamado de qualquer homem totalmente entregue ao mundo, que por causa das riquezas e honrarias se ergue em soberbia de coração, como outro Nabucodonosor, que não obedeceu aos preceitos divinos. Ele chama os soldados, isto é, os sentidos, avança para caçar as vaidades do mundo; enquanto isso, um calor intolerável, que é a

tentação diabólica, o agarra, de modo que não pode descansar até que esteja completamente resfriado nas águas mundanas. Este resfriamento é um detrimento para a alma e assim os soldados, isto é, os sentidos, sem guarda, fazem o homem cair, sempre que pretende se banhar nas águas mundanas. Mas desce primeiro do cavalo, isto é, erra na fé, pois no batismo prometeu firmemente a Deus permanecer e renunciar às pompas do diabo, mas assim que se envolve totalmente nas águas mundanas, quebra a fé, e isso é descer do cavalo. Em seguida, ele tira as vestes, isto é, as virtudes que recebeu no batismo, e assim, nu, miserável, jaz nas vaidades do mundo. O que deve ser feito? Certamente que outro, ou seja, um prelado, que tem a fé e as virtudes, deve guardá-lo, isto é, receber as vestimentas, pois é concedida ao prelado a autoridade de absolver o pecador, sempre que ele se converte a Deus com puro coração. Joviniano quando saiu da água, *etc*. Assim, o infeliz homem, quando pela graça de Deus pretende sair da água mundana, não encontrará nenhuma virtude, porque perdeu todas por causa do pecado, portanto, tem motivo para lamentar. Como devem, então, as virtudes ser recuperadas? Certamente, deve primeiramente ir à casa do soldado. Este soldado é a razão, que tem o dever de te flagelar, porque a razão dita que quanto mais contra Deus você perpetrou, mais deve corrigir isso em seu coração, e, portanto, não poderá se chamar imperador, isto é, cristão, porque as obras do cristão você perdeu por causa do pecado; a razão, portanto, te expulsa de todo vício. O que, então, deve ser feito? Vá até o castelo do duque, ou seja, até a sua consciência, que contra você murmura gravemente, até que você tenha se reconciliado com Deus, de fato, ela o coloca na prisão, isto é, em uma grande perplexidade, como e por qual caminho você pode agradar a Deus e receber as feridas d'Ele, ou seja, a compunção do coração, pela qual o sangue, ou seja, o pecado, saia. Em seguida, bata à porta do palácio do seu coração, ou seja, pense intimamente, como e por qual causa você pecou contra Deus. O porteiro, ou seja, a vontade, que é livre, tem a porta do seu coração para abrir e te conduzir ao primeiro estado, que você recebeu no batismo. O cão que salta para te matar, *etc*., é a sua carne própria, por meio da qual o homem frequentemente é ferido, a menos que Deus impeça. E a águia voa na parte externa da janela, *etc*., ou seja, o poder divino não permanecerá com você enquanto você permanecer em vida má, nem a esposa, ou seja, a alma, terá conhecimento da sua salvação. O que, então, deve ser feito? Certamente, que você seja puxado pela cauda do cavalo. Ser puxado pela cauda do cavalo não é nada além de, desde o princípio da vida até o presente, o que e quanto você fez, apenas lamentar e perpetuar a satisfação. Então, depois que você fizer isso, siga para o eremita, ou seja, um confessor discreto na floresta da santa igreja, e de tudo que você pecou contra Deus confesse-se

puramente, pela janela fechada, ou seja, privadamente, não para a aprovação dos homens, mas para o seu consolo, e imediatamente Deus e todos os anjos terão conhecimento de você. Em seguida, feita a confissão e vestindo-se com as virtudes, podrás entrar secretamente no palácio do teu coração e todos os teus sentidos, com a esposa, ou seja, a alma, terão conhecimento, porque te tornaste um verdadeiro imperador, ou seja, um bom cristão, e, consequentemente, obterás a vida eterna. Que assim te conduza.

CAP. 60: De avaritia et ejus subtili conamine.

Quidam rex erat, qui filiam unicam pulchram et graciosam nomine Rosimundam habebat. Puella ista cum ad etatem denam pervenisset, erat tam abilis in currendo, quod cicius ad terminum pervenerat, antequam aliquis eam tangere posset. Rex per totum regnum proclamari fecerat, quod quicumque cum filia sua volebat currere et ad finem termini ante eam perveniret, ipsam in uxorem haberet et totum regnum post ejus decessum; si vero aliquis hoc attemptaret, et de cursu deficeret, caput amitteret. Facta proclamacione quasi infiniti se obtulerunt cum ea currere, et quotquot cum ea currebant, omnes deficiebant et capita amiserunt. Erat tunc quidam in civitate pauper nomine Abibas, qui intra se cogitabat: Pauper ego sum et de vili sanguine productus. Si per aliquam viam possem istam puellam devincere, non solum ego promotus essem, sed et omnes de meo sanguine. Providebat sibi detri bus cautelis, scilicet de serto rosarum, quia illa puelle appetunt, secundo de zona serica quam puelle libenter optant, tercio de loculo serico et infra loculum pila quedam erat deaurata, super pilam descriptio talis: Qui mecum ludit numquam de ludo saciabitur. Hec tria ipse in sinu suo posuit, ad palacium perrexit, et pulsavit. Adest janitor et causam pulsacionis petebat. Qui ait: Paratus sum cum puella currere. Illa cam hoc audisset quandam fenestram aperuit, et cum eum vidisset in corde suo despexit et ait: Ecce quam reprobus est cum quo currere debeo! Tamen non poterat contradicere, ad currendum se preparavit. Ambo adinvicem currebant, cito puella ad magnam partem ante eum cucurrit. Abibas cum hoc vidisset, sertum rosarum ante eam projecit; viso serto puella inclinavit se et sertum levavit, et in capite posuit. Tantum in serto delectabatur et exspectabat, quod Abibas ante eam cucurrit. Puella cum hoc vidisset, ait in corde suo: Numquam filia patris mei cum tali ribaldo debet copulari! statim sertum projecit in quandam foveam profundam et post eum cucurrit et apprehendit. Quem cum apprehendisset, alapam dedit ei dicens: Siste gradum, miser! non [decet] ut filius patris tui in uxorem me ducat, statim ante eum cucurrit. Abibas cum hoc vidisset, ante eam zonam de serico projecit. Quam cum vidisset, inclinavit se et eam levavit, se succinxit et tantum de ea delectabatur, quod ibidem moram traxit, et iterum Abibas longe ante eam cucurrit. Puella cum hoc vidisset, flevit amare et zonam accepit et in tres partes fregit et post eum encurrit et apprehendit; quem cum apprehendisset, manum levavit et ei alapam dedit dicens: O miser, me in uxorem non habebis. Statim ante eum longe cucurrit. Abibas cum hoc vidisset, exspec- tabat, quousque ipsa prope finem esset. Hoc facto loculum de serico ante eam projecit; viso loculo, inclinavit se et loculum levavit, aperuit pilam deauratam, intus invenit superscripcionem, legit: Qui mecum

ladit numquam ludo saciabitur, incepit tantum et tamdiu ludere cum pila, quod Abibas cicius ad finem pervenit et eam in uxorem obtinuit.

Carissimi, iste imperator est dominus noster Ihesus Christus, filia pulchra est anima ad dei similitudinem creata, que velociter in bonis operibus currit, quamdiu in puritate vite manet, intantum quod eam peccatum mortale vincere non potest. Clamor factus est etc. Clamor iste nichil aliud est, quam quod homo se defendat et protegat contra diabolum, mundum et carnem, et si bellum contra ista tria aggreditur, et victoriam obtinuerit, tunc peccata mortalia succumbunt, et hoc est capita amittere. Abibas est diabolus, qui cum videret hominem superasse per opera misericordie, providet sibi de tribus cautelis, scilicet de serto. Sertum istud est superbia, quia sicut sertum non ponitur nisi super caput, ut ab hominibus videatur; sic superbus semper videri vult, et ideo dicit Augustinus: Cum superbum videris, filium diaboli esse non dubites. Cum igitur homo utitur serto superbie, statim currit diabolus ante eum. Quid ergo est faciendum? Certe ut sertum superbie projiciatur in foveam humilitatis, et sic dabis diabolo alapam et eum dimittes. Post hec puella se inclinavit et zonam levavit etc. Zopa ista est luxuria, quam diabolus projicit ante hominem, cum tamen contra tales dicat Gregorius: Succingite lumbos vestros in castitate. Si ergo succingis te zona luxurie, statim diabolus ante te currit et de bona vita tua te impedit. Quid ergo est faciendum? Certe at zona luxurie in tres partes frangatur, scilicet in oracionem, jejunium et elemosinam et sic per consequens diabolum vinces. Post hec diabolus loculum ante hominem projicit; scitis quod loculus habet duas cordas ad aperiendum. Cor vero est loculus, quod debet esse clausum inferius inquantum ad terrena, et superius apertam quantum ad celestia ad graciam sustinendam. Due corde, que claudunt, sunt timor dei et pena eterna, per que duo cor hominis clauditur ne intret peccatum. Pila in loculo sepius invenitur in cordibus nostris, scilicet avaricia, cupiditas; quia sicut pila movetur ad omnem differenciam disposicionis, sic et avarus movetur in terra, movetur in mari, non cessat pes ejus currere, nec cor cogitare quomodo et per quam viam bona mundana poterit acquirere. Superscriptio est: Qui mecum ludit i. e. qui cum cupiditate incipit vitam ducere, ut vix ant nunquam poterit sustinere, sicut dicit Seneca: Cum omnia peccata senescunt, sola cupiditas juvenescit. Ideo timendum est de aliquibus qui tantum cum pila ludunt cupiditatis, quod diabolus ipsos occupabit, quia, sicut dicit apostolus, radix omnium malorum est cupiditas. Studeamus ergo vitam nostram sic in piis operibus dirigere, ut vitam eternam etc.

CAP. 60: Da avareza e sua sutil tentação

Havia um rei que tinha uma única filha, linda e graciosa, chamada Rosamunda. Aquela menina, quando chegou aos dez anos de idade, era tão hábil na corrida, que era a mais rápida a chegar na meta, antes que qualquer um pudesse alcançá-la. O rei fez com que fosse anunciado por todo o reino que qualquer um que quisesse correr com a sua filha e terminasse antes dela, a teria como esposa e todo o reino como herança. Mas se alguém tentasse e falhasse, teria a cabeça arrancada. Feito o anúncio, foram quase infinitas as pessoas que se prestaram a correr com ela, e todos os que correram, perderam e tiveram a cabeça arrancada. Mas havia na cidade um homem pobre de nome Abibas, que pensava consigo: "Eu sou pobre e produto de sangue inferior. Se, de alguma forma, eu pudesse vencer essa menina, eu não somente ascenderia socialmente, mas também elevaria todos os do meu sangue." Ele providenciaria três precauções: uma coroa de rosas, pois àquela menina apeteciam; em segundo lugar, um cinto de seda que ela muito quisesse; terceiro, um embrulho de seda que cobrisse uma bola dourada, e, na bola, a seguinte inscrição: "Quem brinca comigo nunca se cansa de brincar". Ele guardou as três coisas no bolso, foi ao palácio e bateu à porta. Um zelador atende e pergunta o motivo das batidas. Abibas diz: "Estou preparado para correr com a menina". Ouvindo isso, a menina apareceu em uma janela; quando viu o homem, sentiu desprezo em seu coração e disse: "Olha que miserável o homem com quem devo correr!" Ela, porém, não podia recusar, e se preparou para a corrida. Os dois corriam lado a lado, até que a menina rapidamente correu uma grande distância na frente dele. Vendo isso, Abibas lançou a coroa de rosas diante dela. Quando a menina percebeu a coroa, ela se inclinou, pegou-a e colocou na cabeça. Ela tinha sido tão distraída pela coroa, que ela percebia que Abibas correu na frente dela. Quando viu isso, disse em seu coração: "Uma filha do meu pai nunca deveria se juntar a um miserável como tal!" Imediatamente jogou a coroa em um poço fundo qualquer, e depois ela correu e alcançou Abibas. Quando ela o alcançou, deu-lhe um tapa dizendo: "Diminua o passo, seu miserável! Não é próprio que o filho de um pai como o seu me tenha como esposa." e correu na frente dele. Vendo isso, Abibas lançou o cinto de seda diante dela. Quando ela viu o cinto, inclinou- se, pegou-o para si e vestiu-se com ele. Ela ficou tão distraída, que se prolongou ali, e, novamente, Abibas correu à frente dela. Quando a menina percebeu isso, chorou amargamente, pegou o cinto e o rasgou em três partes, depois disso voltou a correr e alcançou o oponente. Quando o alcançou, levantou a mão e deu-lhe um tapa, dizendo: "Ó, miserável! Nunca me terá como esposa." e correu na frente dele. Abibas, vendo isso, esperava que ela se aproximasse até o fim da corrida. Assim feito, ele lançou

o embrulho de seda diante dela. Quando a menina viu o embrulho, inclinou-se e levou- o consigo. Ela revelou a bola dourada, encontrou o inscrito e leu: “Quem brinca comigo nunca se cansa de brincar”. Ela começou a brincar tanto e por tanto tempo com a bola, que Abibas rapidamente chegou ao fim da corrida e obteve a menina como esposa.

Caríssimos, este imperador é o nosso Senhor Jesus Cristo, a bela filha é a alma criada à semelhança de Deus, que prontamente vive para as boas ações, enquanto permanece com a vida casta, ciente de que o pecado mortal não pode vencê-la. Ouve-se um grito, *etc*. Este grito não é outro senão o de um homem que se defenda e se proteja contra o diabo, contra o mundo e a carne; e se ele travar uma guerra contra estes três e obtiver a vitória, então os pecados mortais sucumbirão (isto é, perder a cabeça). Abibas é o diabo, que ao ver o homem se sobressair por obra da misericórdia, muniu-se de três cautelas, ou seja, de uma coroa. Esta coroa é a soberba, pois não se coloca uma coroa em outro lugar a não ser na cabeça, para que seja vista pelas pessoas; assim o soberbo sempre quer ser visto, como diz Agostinho: “Quando ver a soberba, não duvide ser um filho do diabo.” Quando um homem, portanto, é coroado pela soberba, imediatamente o diabo passa adiante dele. Então, o que deve ser feito? É certo que a coroa da soberba é lançada no poço da humildade, e assim você dá um tapa no diabo e o deixa para trás. Depois disso a menina se abaixou e pegou o cinto, *etc*. Este cinto é a luxúria, que o diabo lançou na frente do homem, e quanto a isto Gregório diz: “Vistam as suas cinturas com castidade.” Se você se veste com o cinto da luxúria, o diabo imediatamente corre a sua frente e impede o bem na sua vida. Então, o que deve ser feito? Certamente, o cinto da luxúria é rasgado em três pedaços, ou seja, em oração, em jejum e em misericórdia. Assim, consequentemente, você vence o diabo. Despois disso, o diabo lança um embrulho diante do homem. Você sabe que o embrulho tem duas cordas para abri-lo. O embrulho, na verdade é o coração, que deve ser fechado escondido enquanto estiver na terra e exposto aberto quando for elevado à graça celeste. As duas cordas que o fecham são o temor a Deus e a pena eterna, que são as cordas que mantém o homem restrito para que não entre no pecado. A bola do embrulho, muitas vezes, é encontrada em nossos corações, ou seja, a avareza, a volúpia; pois assim como uma bola pode ser movida em todas as diferentes direções, da mesma forma o avarento se move pela terra, pelo mar, seus pés não se cansam de correr, nem seu coração se cansa de procurar um modo e um caminho pelos quais possa adquirir bens mundanos. Está escrito acima que “quem brinca comigo...”, isto é, quem começa a conduzir a vida com volúpia, é alguém que nunca pode

suportar a vida, como disse Sêneca: “Enquanto todos os pecados envelhecem, somente a volúpia rejuvenesce.” Por isso é temível alguém que tanto brinca com a bola da volúpia, de quem o diabo se apoderará, pois, como diz o apóstolo: “A raíz de todos os males é a volúpia.” Estudemos, portanto, a nossa vida de forma seguir o caminho das ações dignas, para que a vida eterna, *etc*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSI, Petrus. *Die Disciplina clericalis, das älteste Novellenbuch des Mittelalters*. Editado por Alfons Hilka e Werner Söderhjelm. Heidelberg: C. Winter, 1911. Disponível em: https://archive.org/details/diedisciplinacle00petruoft/page/8/mode/2up. Acesso em: 5 jun. 2025.

ALTER, Robert. A arte da narrativa bíblica. Tradução:Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ARREGUI, M. O.: La Disciplina Clericalis de Pedro Alfonso. In: ArtyHum Revista de Artes y Humanidades, ISSN 2341-4898, no 24, Vigo, 2016, pp. 42-54.

BALL, Kimberly. The Devil9s Pact: Diabolic Writing and Oral Tradition. Western Folklore, vol. 73, no. 4, 2014, pp. 3853409. JSTOR, http://lll.jstor.org/stable/24551134. Último acesso: 23 Outubro de 2023.

BAZAGLIA, Paulo (ed.). Bíblia de Jerusalém. Paulus, 2002, pp. 2206.

BEAULIEU, M. A. P. e BERLIOZ, Jacques. Jacques Le Goff e as Narrativas Exemplares Medievais: As Balizas de um Percurso. Brathair, Nov/2016, p. 44-73. Disponível em: http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair. (Último acesso 23/02/2025).

BERTHELOT, Anne; CORNILLIAT, François. Littérature: textes et Documents. Collection dirigée par Henri Mitterand. Paris: Éditions Nathan, 1988.

BOLLO-PANADERO, María Dolores. Las Colecciones de Exempla como Precursoras de los Diálogos Humanistas del Siglo XVI. Romance Notes, vol. 47, no. 2, 2007, pp. 133339. JSTOR, http://lll.jstor.org/stable/438030)1. Último acesso: 23 de Outubro de 2023.

BURNETT, C.; KENNEDY, E.: The works of Petrus Alfonsi: Questions of authenticity. Medium Aevum, no 66, 1977, pp. 42-80.

CONSTABLE, G.; RUBIN, M. From church history to religious culture: the study of medieval religious life and spirituality. In: European Religious Cultures. NED New edition ed. [s.l.] University of London Press, 2020. p. 3316.

CORREIO, F. N. S. e CORREIO C. C. F. S. A Idade Média sob a lima: A presença da poética clássica nas anedotas morais do Gesta Romanorum. Revista UNIABEU, V.11, Número 29,

setembro-dezembro de 2018.CRANE, T. F. Mediaeval Story-Books. Modern Philology, v. 9, n. 2, p. 2253237, out. 1911.

FELDMAN, S. A.: Pedro Afonso. In: Revista de História da UFES, Vitória, n. 46, 2021, p. 137-155.

GALVIN, John P. Jesus Christ, In: Systematic Theology: Roman Catholic Perspectives, John P. Galvin e Francis Schüssler Fiorenza (ed). 1517 Media, 2011, pp. 2553314. JSTOR, https://doi.org/10.2307/j.ctt22nm83q.11. Último acesso: 23 Outubro de 2023.

GOULART, Audemaro Taranto. Ilíada, um poema de fundação. In: Os gregos. Ed. Haroldo Marques. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

KAHRL, S. J. Allegory in Practice: A Study of Narrative Styles in Medieval Exempla. Modern Philology, v. 63, n. 2, p. 1053110, 1965.

LACARRA, M. J. El cuento medieval: cruce de culturas. In: Revista de poética medieval n° 29, Zaragoza, 2015, pp. 11-18.

LACARRA, M. J. Pedro Alfonso, puente entre oriente y occidente, Aragón en el mundo. In: Caja de Ahorros de la Inmaculada, Zaragoza, 1988, pp.73-82.

LACARRA, M. J. Referencias a Pedro Alfonso de Huesca en la Literatura Castellana de la Edad Media. In: Revista Espanola de FilosofIa Medieval, 10 (2003), pp. 45-52.

LAWLESS, Elaine J. Narrative in the Pulpit: Persistent Use of Exempla in Vernacular Religious Contexts. The Journal of the Midlest Modern Language Association, vol. 21, no. 1, 1988, pp. 48364. JSTOR, https://doi.org/10.2307/1315128. Último acesso: 23 Outubro de 2023.

LE GOFF, Jaques. Heróis e maravilhas da Idade Média. Tradução de Stefania Matousek. Petrópolis: Vozes, 2011.

LINS, Ivan. Aspectos do Padre Antônio Vieira. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1962.

LISBOA, Eduardo Leite. Notas sobre o clerc medieval. Temporalidades 3 Revista de História, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 688-697, maio/ago. 2019.

MARCHALONIS, S. Medieval Symbols and the “Gesta Romanorum”. The Chaucer Review, v. 8, n. 4, p. 3113319, 1974.

MARENBON, J. (ed.). Poetry and Philosophy in middle ages. Koninklijke Brill NV, Leiden, Netherlands, 2001.

MEDEIROS, E. L. Lançando Luz em Meio às Trevas: uma leitura historiográfica do cristianismo medieval. Teologia e Espiritualidade, vol. 4, no 08. Curitiba, Dez/2017, p. 119-139.

MORAIS, Luan Lucas A. O Fabliau. História Medieval: Fontes & Análises, 2022, 1403 47.

MUZZEY, D. S. Medieval Morals. International Journal of Ethics, v. 17, n. 1, p. 29347, 1906.

OESTERLEY, Hermann, ed. *Gesta Romanorum*. Berlin: Weidmann, 1872. Disponível em: https://archive.org/details/gestaromanorum00oestgoog/page/366/mode/2up. Acesso em: 5 jun. 2025.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Estudos da História da Cultura Clássica. I volume: Cultura Grega. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

POZO, R. M.: "De Leccatore": Problemas de Traducción en la Disciplina Clericalis. City University of New York, In: RLM, 2011, pp. 209-214.

RODRÍGUEZ, V. DE LA T.; ESCRIBANO, J. L. Gesta romanorum: exempla europeos del siglo xiv. [s.l.] Ediciones AaAL, 2004. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id"rOSKk8DqZXkC&printsec"copyright&redir_esc"y#v "onepage&q&f"false. Último acesso 23/02/2025.

SILVERSTEIN, Theodore. Allegory and Literary Form. PMLA, vol. 82, no. 1, 19)7, pp. 283 32. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/461043. Último acesso: 25/02/2025.

THERIACA. In: Gaffiot, Félix (1934) Dictionnaire illustré latin-français, Hachette. Disponível em http://micmap.org/dicfro/search/gaffiot/theriaca. Último acesso: 22/02/2025.

TOLAN, J.: Petrus Alfonsí and his Medieval Readers. University Press of Florida, Gainesville, 1993. Disponível em: https://www.academia.edu/1820836/Petrus_Alfonsi_and_his_Medieval_Readers. Último acesso: 17/11/2024.

TOOHEY, Peter. Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry. London/New York: Routledge, 1996.

TUBACH, Frederic C. Exempla in the Decline. Traditio, vol. 18, 19)2, pp. 407317. JSTOR, http://lll.jstor.org/stable/20780399. Último acesso: 23 Outubro de 2023.

WACKS, David. Conflicted Identity and Colonial Adaptation in Petrus Alfonsi9s Dialogus Contra Judaeos and Disciplina Clericalis. Marginal Voices: Studies in Converso Literature of Medieval and Golden Age Spain. Ed. Gregory B. Kaplan & Amy Aronson-Friedman. Leiden: Brill, 2012. 69390. “http://www.brill.nl/marginal-voices>

WILLIAMS, Steven J., The Secret of Secrets: The Scholarly Career of a Pseudo- Aristotelian Text in the Latin Middle Ages. Ann Arbor, University of MichiganPress, 2003; cloth; pp. xiv, 481; (páginas 62-64).

WRIGHT-BUSHMAN, Katy, e ZDANSKY Hannah. Religion in/and/all Over Medieval Literature. Religion & Literature, vol. 4), no. 2/3, 2014, pp. 53374. JSTOR, http://lll.jstor.org/stable/24752901. Último acesso: 22 de Outubro de 2024.